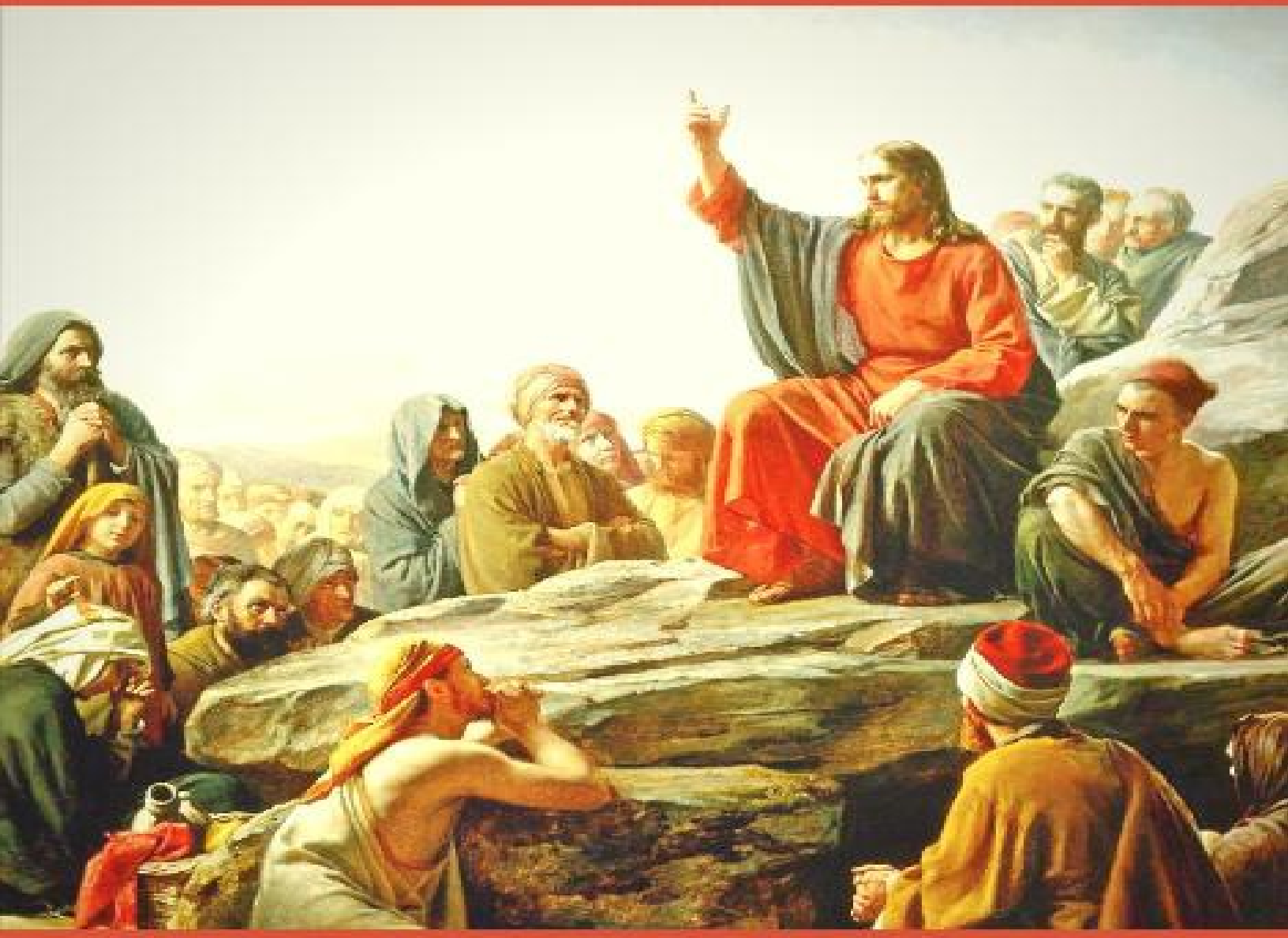
NOTAS TEOLÓGICAS

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA



NOVO TESTAMENTO

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

* **1.1 Livro da Genealogia**. A mesma frase é usada em Gn 2.4 e 5.1, na Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento, em uso comum, a partir de 150 a.C. Aqui a frase pode referir-se não só à genealogia que se segue, mas ao relato do nascimento de Jesus ou ao Evangelho como um todo também.

Cristo. Este título vem da palavra grega *Christos,* que significa "ungido". "Messias" é a palavra hebraica para "ungido" (ver nota sobre 1Sm 2.10). No Antigo Testamento a unção com óleo podia ser realizada para o ofício de profeta, sacerdote e rei (Êx 29.7; 1Sm 16.13; 1Rs 19.16). O Antigo Testamento promete a vinda do justo Servo do Senhor (Is 42.1-9), que será um profeta como Moisés (Dt 18.18,19), um sacerdote como Melquisedeque (Sl 110.4) e um rei como Davi, o ungido do Senhor (Is 55.3-5; Jr 30.9; Ez 34.24; Os 3.5; Zc 12.8). Mateus revela que Jesus é o Cristo, o prometido Rei e Libertador.

* **1.2** As particularidades desta genealogia diferem da que encontramos em Lucas 3.23-38.

* **1.3-6** Mulheres não são comumente nomeadas nas genealogias do Oriente

Próximo, mas elas são inerentes aos propósitos de Deus em enviar Cristo. As cinco mulheres nomeadas na genealogia de Jesus nos lembram que Deus, com freqüência, realiza o inesperado e escolhe o improvável. Tamar (v.3) lembra-nos o fracasso de Judá (Gn 38.6-30); Raabe (v.5), era uma prostituta (Js 2); Rute era uma moabita (Rt 1.4) e, por isso, sujeita a uma maldição especial (Dt 23.3-5); Bateseba, mulher de Urias (v.6), foi a derrocada de Davi (2Sm 11). Maria cumpre Isaías 7.14 (v.23), a mais importante promessa de Gn 3.15 (Gl 4.4).

* **1.17 as gerações... catorze**. Mateus organiza a genealogia em três grupos de

catorze, para mostrar que Deus tem um propósito na História. A primitiva história conduzindo a Davi, a monarquia conduzindo ao Exílio, a história de Israel pós-exílio, todas conduzem a e apontam para Cristo. Jeconias é incluído no segundo e terceiro grupos de catorze; esta enumeração está em harmonia com a abreviação que Mateus faz da genealogia (v.5 cf. Js 2; v.8 cf. 2Cr 21.4 a 26.13).

* **1.19 José... resolveu deixá-la secretamente**. O contrato de casamento ligava quase tanto quanto o próprio casamento, e a infidelidade durante o noivado tornava o divórcio quase obrigatório.

* **1.21 Jesus.** É o equivalente grego de "Joshua", que significa "Yahweh é salvação" ou "Yahweh salva". Com freqüência, em nomes só a primeira sílaba do nome de Deus é usada (Exemplos: Elijah, Isaiah, Joshua).

* **1.23 virgem.** Ver nota sobre Isaías 7.14. A concepção de Jesus por uma virgem é miraculosa, anunciando que Deus logo redimirá o seu povo e está presente com ele. Esta citação é a primeira de várias referências que Mateus usa para mostrar que Jesus cumpre o Antigo Testamento (2.6, 15, 18, 23 e notas). Em todo o Evangelho há doze de tais fórmulas de cumprimento e mais de cinqüenta citações do Antigo Testamento. Ver "O Nascimento Virginal de Jesus", em Lucas 1.27.

* **2.1 em dias do rei Herodes.** Sabe-se que Herodes, o Grande, morreu em 4 a.C.. Portanto, Jesus realmente nasceu no ano 5 ou 6 a.C. de acordo com a maneira de datar do calendário Gregoriano.

uns magos. Os Magos não eram reis, porém, sacerdotes ou conselheiros de corte, tais como José e Daniel. Eram provavelmente da Mesopotâmia, região da antiga Babilônia, ainda que outros lugares a leste da Palestina tenham sido sugeridos. Há numerosos registros de antigos astrólogos interpretando fenômenos astronômicos como

anúncio do nascimento de reis.

* **2.2 estrela**. Isto pode ter sido uma conjunção planetária, uma supernova ou algo

simplesmente sobrenatural. Qualquer que tenha sido o caso, alude à estrela de Jacó (Nm 24.17), que foi profetizada por outro gentio, Balaão.

* **2.6** A segunda linha da citação em Mateus parece dizer o oposto da segunda linha de Mq 5.2 ("pequena demais"), mas o sentido é que, ainda que Belém pareça insignificante é, na verdade, importante. Os peritos religiosos concluíram dos profetas que o Messias devia nascer em Belém, mas nenhum deles preocupou-se em fazer a curta viagem com os magos, para ver o Cristo.

* **2.11 casa.** Jesus não estava mais no estábulo (Lc 2.7). Esta visita ocorreu algum

tempo depois do nascimento (v.1), talvez um ano ou mais (cf. v.16). Ainda que dificilmente os magos tivessem consciência do pleno valor simbólico de seus presentes, Mateus os registra para mostrar o cumprimento de passagens do Antigo Testamento, onde os gentios trazem suas riquezas ao rei de Israel (Sl 72.10; Is 60.6).

* **2.15 para que se cumprisse.** Oséias 11.1 refere-se à chamada de Deus, de seu

filho Israel, para fora do Egito, por ocasião do êxodo. Mateus quer dizer que a história da redenção de Israel por Deus aponta para Jesus, o verdadeiro Filho de Deus.

* **2.18** Mateus cita Jr 31.15, uma profecia a respeito do retorno de Israel do Exílio.

Raquel, a mãe, representa todo o Israel em suas lágrimas, e a partida de Cristo para o Egito é como a partida dos filhos de Raquel, José e

Benjamin para o Egito (Gn 37.28; 43.15).

* **2.23 Ele será chamado Nazareno**. O Antigo Testamento não tem um versículo

que corresponda exatamente a este, porém, note-se que Mateus introduz esta referência aos profetas em termos mais gerais do que suas outras citações. Nazaré era o domicílio de Cristo, porém, o ponto de vista de Mateus é, provavelmente, que Jesus seria desprezado como o eram os habitantes de Nazaré (Jo 1.46; 7.42,52). Is 11.1 refere-se ao Messias como um "ramo" (Hebraico, *netzer)* da raiz de Jessé; Mateus pode ter tido esse versículo em mente.

* **3.2 Arrependei-vos.** É a primeira exigência tanto de João Batista como de Jesus (4.17). O arrependimento não consiste apenas em mostrar tristeza pelo pecado, porém, em uma decisiva mudança, uma volta do pecado para uma vida de obediência. "Arrepender-se" traduz a idéia do Antigo Testamento de "retorno" de Israel à fidelidade do pacto. Não significa auto-punição, depressão ou remorso. Judas encheu-se de tristeza e de angústia (27.3), mas não se arrependeu. Ver "Arrependimento", em Atos 26.30.

está próximo. O começo da obra de Deus é a base para a exigência do arrependimento.

o reino dos céus. A mensagem de João Batista apresenta o tema do ensino de Jesus.

Marcos e Lucas o denominam "Reino de Deus" (4.17; cf. Mc 1.15). O reino de Deus é o

que os profetas do Antigo Testamento aguardavam: a exibição por parte de Deus da sua

Soberania na redenção do seu povo. João e Jesus proclamaram que o tempo de espera tinha acabado e que o Rei em pessoa tinha chegado. Com a morte e a ressurreição de Cristo e a difusão das boas novas para todas as nações, as promessas de Deus no Antigo Testamento foram amplamente cumpridas em nosso favor, embora ainda aguardemos sua completa finalização quando Cristo retornar em juízo (cap. 13 e notas).

* **3.3 Porque este é o referido**. João Batista proclama a vinda do Senhor citando Isaías 40.3. O ministério de João apontava para o futuro, como os profetas do Antigo Testamento, para Um maior que deveria vir (11.7-11; At 19.4,5).

* **3.6 batizados.** O batismo cristão não é idêntico ao Batismo de João porque, ainda que retenha o simbolismo do arrependimento e da purificação (At 22.16; Ef 5.26), o batismo cristão é realizado em nome do Deus triuno (28.19) e simboliza nossa união com Cristo na sua morte e ressurreição (Rm 6.3-6; 1Co 12.13; Gl 3.27; Cl 2.12). Ver nota sobre Mt 1.4.

* **3.7 ira vindoura.** O Antigo Testamento prometeu a vinda do Senhor em justo

julgamento (Sl 96.13; Zc 2.1,2; Ml 3.2). João não permitirá aos líderes suporem que a taça da ira de Deus é só para os inimigos de Israel, e que sua própria nação escapará. João, posteriormente, ficou perplexo por Jesus não trazer o juízo (11.2,3 e notas).

* **3.8 frutos dignos de arrependimento**. Atos que indicassem justiça interior, não

meramente conformidade exterior. Pelo fato de os fariseus se considerarem justos, as palavras de João devem ter cortado fundo.

* **3.9 Temos por pai a Abraão.** Ainda que ser judeu inclua os privilégios externos

do pacto (Rm 9.4,5), os verdadeiros filhos de Deus o são só em virtude do ato de Deus. Só Deus pode aplicar a água que transforma corações de pedra (Ez 36.25,26). Nem um judeu por nascimento, nem um cristão por nascimento podem esperar ser poupados independentemente do fruto que evidencia arrependimento e fé.

* **3.10 é cortada**. Exatamente como o reino é iminente, assim o é também o

julgamento; a vinda de um envolve a vinda do outro. João, contudo, ainda não sabia que a tarefa de Jesus não era trazer julgamento, mas sofrê-lo (11.2 e nota).

* **3.11 Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.** Purificar com fogo descreve o batismo sobrenatural de Deus, contrastado com o símbolo da purificação com água. O fogo do Espírito renova o povo de Deus, e consome os ímpios como palha (Is 4.4; Zc 13.9; Ml 3.2,3; 4.1). O testemunho de João a respeito de Jesus, como o Senhor que tinha vindo (v.3) é ampliado. Como Senhor, Jesus batiza com o Espírito e executa o Juízo Final. Ver "Batismo", em Rm 6.3.

* **3.13-15** João estava relutante em batizar Jesus por reconhecer que ele não

necessitava de arrependimento. Para que se cumprisse "toda a justiça", Jesus tinha de identificar-se com o seu povo, como o que levava os seus pecados (2Co 5.21). Essencialmente, o batismo de João apontava para Jesus, porque só a morte de Jesus sobre a cruz — que Jesus chamou de "batismo" (Lc 12.50) — poderia tirar os pecados. A identificação de Jesus com seu povo incluía seu batismo e morte, sua unção com o Espírito e sua vitória sobre a tentação. Ver "O Batismo de Jesus", em Mc 1.9.

* **3.15 justiça.** O reino de Deus (seu soberano governo na salvação e julgamento)

é definido por sua justiça. Jesus ensina a perfeita justiça que Deus exige (5.20,48). Ele assegura também a justiça de Deus para os pecadores. Seu batismo aponta para a sua morte como um "resgate por muitos" (20.28), e mostra a perfeita obediência na qual ele cumpre toda justiça (Jr 23.5,6). A remissão de pecados e o dom da justiça são recebidos através da fé em Jesus (8.10; 23.23, cf. 21.32). Aqueles a quem falta a justiça de Deus, mas têm fome e sede dessa justiça, serão fartos (5.6; 6.33). Jesus chama os sobrecarregados com o peso da justiça própria, a buscarem nele seu descanso (11.28— 12.8).

* **3.16,17** O testemunho dos céus confirma a identificação de Jesus como o Servo do Senhor (Is 42.1, cf. Êx 4.22) e o relaciona com o reinado messiânico (Sl 2.7).

* **3.16 como pomba**. O aparecimento do Espírito em forma de pomba lembra-nos a atividade criativa do Espírito em Gn 1.2 e pode apontar para o começo da nova criação através do ministério de Jesus (1.1 nota).

* **4.1 tentado.** Ainda que Deus mesmo não tente ninguém (Tg 1.13), as tentações que sofremos estão incluídas no soberano plano de Deus para nosso bem. Se

vencermos, seremos fortalecidos; se sucumbirmos, reconheceremos mais claramente a necessidade que temos de mais santificação e graça.

A tentação de Jesus (vs. 1 a 11) forma um paralelo com a provação de Israel no deserto. Os quarenta dias correspondem aos quarenta anos de caminhada do povo (cf. Nm 14.34). Este evento recorda Dt 8.1-5, usado por Jesus em resposta a uma das tentações.
A experiência de Israel no deserto foi o tipo ou a sombra da tentação de Jesus no "deserto", após o batismo.

As tentações apelam para motivações comuns: impulsos físicos,

orgulho e desejos de possessões (1Jo 2.16). Cada uma delas é apontada especialmente ao Messias. Satanás apela para Jesus em termos do seu direito divino: "Se és Filho de Deus" (vs. 3, 6, cf.

27.40). A terceira tentação oferece para Jesus um caminho para a realeza que evita a cruz. Jesus foi tentado em tudo aquilo em que nós também somos tentados (Hb 4.15), mas não pecou. Ele nos representa diante de Deus como o "misericordioso e fiel sumo sacerdote" (Hb 2.17), porque conhece, por meio de sua natureza humana, o que é resistir às tentações. (Ver "A *Impecabilidade de Jesus*", em Hb 4.15).

*** 4.3 Filho de Deus.** Ver nota em 16.16.

*** 4.4 mas de toda palavra.** Em Dt 8.3, isto se refere à Palavra de Deus de

orientação no deserto e sua provisão de maná. Jesus não abandonará sua confiança em Deus, sabendo que ele proverá. Jesus respondeu a cada tentação de Satanás reportando-se às Escrituras. A "espada do Espírito" é a Palavra de Deus (Ef 6.17), e Jesus confiou nas Escrituras, para obter a vitória em sua luta espiritual. Ver *"A Palavra de Deus: A Escritura como Revelação*", em Êx 32.16.

*** 4.5 pináculo do templo.** Parte do muro do templo estava sobre a extremidade

do Vale de Cedrom, onde havia uma enorme queda, desde aquele nível até o fundo, no vale.

*** 4.6** Satanás cita as Escrituras, mas usa o Sl 91.11-12, de um modo exatamente

oposto ao do sentido original. O Sl 91 é uma exortação para se confiar em Deus; Satanás tenta substituir a confiança por um teste, lançando dúvida sobre a fidelidade de Deus. Não

há lugar para a presunção em uma grande fé. Fé e presunção são incompatíveis. Ver *"Satanás",* em Jó 1.6.

* **4.10** Jesus rejeita a idolatria como o total zelo do verdadeiro culto. Ele ordena a Satanás que se retire, porque venceu "o valente" (Mt 12.29).

* **4.15 Galiléia dos gentios**. Mateus realça o enfoque de Jesus sobre a nação de Israel, durante o seu ministério terreno (10.5, 6). Contudo sua observação de que o ministério de Jesus cumpre Is 9.2, mostra que o mandato de ir aos gentios, em Mt 28.19, não é uma reflexão posterior; o propósito último sempre incluiu as nações.

* **4.17 Daí por diante.** Esta frase, que ocorre também em 16.21 ("desde esse tempo"), marca o momento decisivo do período de preparação para o período do ministério público de Jesus.

Arrependei-vos. Ver *"Arrependimento",* em At 26.20.

* **4.23 ensinando... pregando... curando**. Ensinar envolvia a comunicação da natureza e propósito do reino de Deus, como é visto no Sermão do Monte (caps. 5-7) e as parábolas do reino (cap. 13). Pregar era anunciar as boas novas de que o reino de Deus estava próximo, e que seus soberanos propósitos na história estavam sendo finalmente realizados. Curar, bem como ensinar e pregar, era sinal de que o reino já tinha vindo (11.5).

* **4.24 Síria.** No uso Romano, *Síria* aplicava-se virtualmente a toda Palestina, com

exceção da Galiléia (cf. Lc 2.2). Um galileu, provavelmente, teria entendido que "Síria" se referia ao território exatamente ao norte da Galiléia, do Mediterrâneo a Damasco.

lunáticos. (Epiléticos) O único outro lugar em que esta palavra aparece, no Novo Testamento, é em Mt 17.15, onde ela é aplicada a um menino endemoninhado, que exibe sintomas de ataque epiléptico.

* **5.1—7.29** O Sermão do Monte é o primeiro dos cinco grandes blocos do ensino

de Jesus em Mateus (Introdução: Características e Temas). É a afirmação clássica da

ética do reino de Deus. A igreja primitiva favoreceu uma interpretação literal, porém

7

aplicava integralmente o Sermão apenas à classes especiais de cristãos, especialmente monásticos. Outros, tais como os anabatistas, têm tentado aplicá-lo literalmente a todos os cristãos. Ainda outros o têm considerado como legalista, como um código temporário ou provisório, ou como uma forma realçada da lei de Moisés, com o objetivo de induzir ao arrependimento (Lutero). Finalmente, alguns têm argüido que as exigências do Sermão não devem ser entendidas literalmente, mas que Jesus estava mais preocupado com a disposição interior do que com a conduta exterior, ou que a severidade do Sermão intentava compelir quaisquer ouvintes a uma decisão ou a favor ou contra as exigências de Deus sobre suas vidas.

Devemos reconhecer que o Sermão é dirigido aos seus discípulos e, através deles, a toda a igreja hoje. O Sermão destina-se tanto a motivos interiores quanto à conduta exterior (5.21, 22, 27, 28). Estas legítimas exigências são tão estritas (5.48) que ninguém consegue obedecê-las completamente e, portanto, somos guiados à graça e à misericórdia de Deus. Em alguns casos, Jesus obviamente, emprega exagero intencional para ilustrar as exigências absolutas da lei de Deus (5.29, 30).

* **5.1 subiu ao monte.** O conteúdo deste sermão é semelhante ao sermão da

planície, registrado em Lucas 6.

como se assentasse. Era costume os mestres assentarem-se para ensinar (Lc 4.20).

* **5.3 Bem-aventurados**. Isto significa mais do que um estado emocional

representado pela palavra "feliz". Inclui bem-estar espiritual, tendo a aprovação de Deus e, assim, um destino mais feliz (Sl 1).

humildes de espírito. Os que têm maior necessidade espiritual estão mais aptos para perceber essa necessidade e depender só de Deus e não da sua própria bondade. Paulo observa o mesmo princípio em Rm 9.30-31. O paralelo em Lc 6.20 omite "de espírito". Isto tem levado muitos a suporem que Jesus, primariamente, se referiu aos materialmente pobres. Pobreza material e reconhecimento da necessidade espiritual freqüentemente andam juntas (Sl 9.18, nota), mas as duas espécies de pobreza não são idênticas.

* **5.4 os que choram.** O contexto indica que estão chorando por causa do pecado

e do mal, especialmente os deles mesmos, e por causa do fracasso da humanidade em dar a glória devida a Deus.

* **5.5 mansos**. Esta bem-aventurança assemelha-se à do Sl 37.11 e, talvez, esteja

baseada nela. A mansidão aqui referida é de natureza espiritual, uma atitude de humildade e submissão a Deus. Nosso modelo de mansidão é Jesus (a mesma palavra grega é empregada a Cristo em 11.29) que se submete à vontade de seu Pai.

herdarão a terra. O último cumprimento da promessa a Abraão, que Paulo chama "herdeiro do mundo" (Rm 4.13, cf. Hb 11.16).

* **5.6 fome... de justiça**. Os que procuram a justiça de Deus, recebem aquilo que

desejam, e não os que confiam em sua própria justiça.

* **5.8 verão a Deus.** Pelo fato de Deus ser um espírito, sua essência divina é

invisível (Cl 1.15; 1Tm 1.17; 6.16). Não obstante, os crentes "verão" a Deus através dos olhos da fé, e Jesus assegurou aos seus discípulos que, vendo-o, vêem o Pai (Jo 14.9). No estado glorificado, os filhos de Deus o verão "como ele é" (1Jo 3.2).

* **5.9 pacificadores.** Paz espiritual e não a cessação da violência física entre as

nações, é o que se tem em vista aqui. Mesmo que o termo seja usualmente entendido no sentido daqueles que ajudam outros a encontrar a paz com Deus, esta paz pode também ser entendida como aqueles que alcançam sua própria paz com Deus e são chamados seus filhos. O princípio é estendido nos vs. 44 e 45 — os filhos de Deus buscam a paz mesmo com seus próprios inimigos.

* **5.13 sal.** O valor primário do sal não era o de um condimento, mas estava em sua

capacidade de preservar. Os discípulos devem ser obstáculos à expansão da corrupção no mundo. Os depósitos de sal, ao longo do Mar Morto, contêm não só o cloreto de sódio, mas uma variedade de outros minerais também. Este sal pode tornar-se sem utilidade, quando a chuva lava sua salinidade, tornando-o insípido no correr dos anos. Ver " *Cristãos no Mundo*", em Cl 2.20.

* **5.14** Ver Is 60.1-3.

* **5.16** Ver *"A Missão da Igreja no Mundo*", em Jo 20.21.

* **5.17 a lei ou os profetas**. Um modo de referir-se a todo o Antigo Testamento.

não vim para revogar. As correções expostas nos vs. 21 a 48 devem ser lidos à luz desta observação de abertura. Ao cumprir a lei, Jesus não altera, substitui ou anula os mandamentos anteriores; antes ele estabelece seu verdadeiro intuito e propósito em seu ensino, e os cumpre em sua vida obediente. A lei bem como os profetas apontam para Cristo. Ver "A *Lei de Deus*", em Êx 20.1.

*** 5.18 til.** Uma diminuta extensão sobre certas letras do alfabeto hebraico.

até que tudo se cumpra. A plena manifestação do reino de Deus (caps. 24-25), pela qual os crentes devem orar (6.10).

*** 5.20 se a vossa justiça não exceder**. Jesus não critica os fariseus por sua

estrita observância da lei, mas pela ênfase que dão à conformidade externa com ela, sem uma atitude interior adequada (cap. 23). Por focalizarem os aspectos externos, evitavam o real intento da lei e, assim, obscurecem suas reais exigências. Os textos de Qumran referem-se aos fariseus como "os que andam atrás de coisas suaves", porque eles ajustavam e comprometiam a lei às realidades da vida. Tal acomodação eliminava a consciência da necessidade da graça e da dependência de Deus. Nos versos seguintes, Jesus restaura a verdadeira natureza da lei de Deus, e diz que ela obriga total e radical santidade. Jesus exige uma mais profunda obediência, e não descaso ao mandamento de Deus.

*** 5.21 Ouvistes o que foi dito**. Não o ensino da lei de Deus propriamente, com

suas promessas, mas o ensino da lei ministrado por escribas e fariseus (Ver nota no v. 43).

*** 5.22 Tolo.** Aparentemente, a lei judaica tinha sanções contra o insulto específico

Raca, mas Jesus mostra que qualquer abuso verbal sujeita o indivíduo à condenação eterna.

inferno. Isto é, *Gehenna, o "Vale de Hinon",* um depósito de toda espécie de imundícia, fora de Jerusalém, onde o fogo queimava constantemente. Era famoso por ser local de sacrifícios humanos pelo fogo, durante os reinados de Acaz e Manassés (2Cr 28.3; 33.6). Jeremias chamou-o o "Vale da Matança", um símbolo do terrível juízo de Deus (Jr 7.32). Ver "*Inferno*", em Mc 9.43.

*** 5.25 Entra em acordo sem demora**. Enquanto os vs. 23 e 24 tratam da

reconciliação de um irmão ofendido, os vs. 25 e 26 parecem indicar o conflito de uma sociedade maior — neste caso, conflito legal. Os cristãos devem trabalhar pela reconciliação em todas as áreas da vida.

*** 5.29 arranca-o**. A severidade da exigência ilustra a natureza da ética radical de

Jesus e nossa intensa necessidade. Jesus não está advogando auto-mutilação, pois nem as mãos nem os olhos provocam a luxúria, mas o coração e a mente. Os cristãos não devem apenas evitar o ato de adultério ("mão"), mas também aquelas coisas que conduzem a atitudes libidinosas ("olho").

*** 5.32** Ver 19.3-10 e notas: *"Casamento e Divórcio*", em Ml 2.16.

*** 5.34 de modo algum jureis**. Alguns têm entendido que a proibição de Jesus a

respeito do juramento, é universal, mas Jesus mesmo se submeteu a juramento (26.63) e Paulo invocou a Deus como sua testemunha (Rm 1.9). O próprio Deus se expressou através de um juramento para nos encorajar (Hb 6.17). Jesus está se referindo a um legalismo estreito e

enganador, que exige um juramento específico para obrigar o cumprimento daquilo que foi falado. A implicação de uma tal abordagem com relação à honestidade, é que só necessitamos ser verdadeiros sob juramento. Ele proibiu também a idolatria implícita de jurar por qualquer coisa que não fosse Deus. Ver "*Linguagem Honesta, Juramentos e Votos*", em Ne 5.12.

* **5.38 Olho por olho.** A intenção original de Êx 21.24; Lv 24.20; e Dt 19.21 é que a

punição devia ser justa e adequada ao crime. Estas limitações proibiam severamente a vingança maior (tal como a de Lameque, que se gabou em Gn 4.23), e que houvesse diferentes penalidades para diferentes classes sociais. Jesus se contrapôs àqueles que viam neste princípio base para vingança pessoal.

* **5.39 não resistais.** Uma bofetada na face direita com as costas da mão, significa tanto um insulto quanto uma injúria. A observação de Jesus pode lembrar as palavras do Servo do Senhor, em Is 50.6.

* **5.41 Se alguém te obrigar.** A possibilidade de um soldado romano coagir uma pessoa a servir como guia ou transportador de carga era real. Mesmo se compelido por força a fazer alguma coisa por alguém, a pessoa pode demonstrar liberdade para fazer voluntariamente mais do que foi exigido, ao invés de fazer o serviço com má vontade.

* **5.43 odiarás o teu inimigo.** Isto não está no Antigo Testamento, mas era uma falsa conclusão derivada do ensino dos escribas, inferido da estreita compreensão daquilo que significava "próximo", que para eles era simplesmente um outro judeu. Jesus mostra que a verdadeira intenção de Lv 19.18 é incluir até os inimigos (Lc 10.29-37).

* **5.45** Ver "*Providência*", em Pv 16.33.

* **5.48 sede vós perfeitos.** O padrão que Deus exige de

seu povo é seu próprio

caráter perfeito. A perfeição de Deus inclui o amor da graça benevolente (v. 45). Mesmo que essa perfeição não seja atingida nesta vida, ela é o objetivo daqueles que se tornaram filhos do Pai (Fp 3.12-14).

* **6.1 justiça.** Jesus afirma o valor positivo que há na justiça prática, porém, somente quando praticado em submissão a Deus e por amor a ele, ao invés de buscar a glória pessoal humana.

* **6.2 hipócritas.** No Novo Testamento o hipócrita é aquele que alega ter um relacionamento com Deus e amar a justiça, mas está buscando seu próprio interesse, enganando-se a si mesmo. Os hipócritas denunciados no capítulo 23 não tinham consciência de sua própria hipocrisia.

* **6.5 orardes.** Ver "Oração", em Lc 11.2.

* **6.7 não useis de vãs repetições.** Essa proibição não contradiz o princípio de

continuarmos pedindo a Deus aquilo que cremos ser da sua vontade (Lc 18), mas corrige a idéia de que Deus se impressiona com a quantidade das palavras.

* **6.9** Esta oração é um modelo de brevidade, pedindo primeiro que Deus seja

glorificado e, depois, pelas necessidades da vida humana.

Pai nosso. Ver "Adoção", em Gl 4.5.

santificado seja o teu nome. Não só que as criaturas de Deus mantenham santo seu nome, mas que Deus pode ele mesmo santificá-lo, por ser o santo Juiz e Salvador.

* **6.11 pão nosso de cada dia.** A palavra grega traduzida por "de cada dia" é

conhecida só nesta oração. Tem sido entendida como significando o pão "diário", "necessário", "futuro" ou de "amanhã". Há três interpretações básicas para ela. O ponto de vista sacramental é que esse pão se refere ao pão recebido na Santa Ceia. Outro ponto de vista é que ele simboliza a vida no reino que virá, tornando a expressão equivalente à expressão "venha o teu reino", no v. 10. Um terceiro ponto de vista é que é uma súplica pela provisão de Deus das nossas necessidades físicas. Este último ponto de vista é, talvez, o melhor e este tema é desenvolvido nos vs. 19-34 (Pv 30.8).

* **6.12 dívidas.** A referência aqui é à dívidas espirituais. Os cristãos perdoam outros

em resposta ao perdão de Deus (18.32-33); porém, se não perdoarmos outros, não podemos clamar pelo perdão de Deus para nós mesmos.

* **6.13 não nos deixes cair em tentação.** Os perdoados oram esta petição porque

confiam em Deus e não confiam em si mesmos. O Pai pode submeter-nos à prova (4.1; Dt 8.2), mas não permitirá que sejamos tentados além da nossa capacidade (1Co 10.13).

* **6.17 unge a cabeça.** Isto simbolizava o regozijo (Sl 23.5; 45.7; 104.15; Is 61.3),

mas era também parte da rotina diária, exceto quando havia jejum (Dn 10.3). O não ungir-se poderia ser uma tentativa de alguém se mostrar mais piedoso do que outros.

* **6.19 ferrugem.** Refere-se não só à corrosão comum, mas também ao mofo ou

bolor que faz apodrecer a madeira, e coisas semelhantes. Todas as coisas materiais estão sujeitas à decadência ou à perda.

* **6.23 a luz que em ti há.** Os "bons olhos" olham para Deus como seu "senhor" (v.

24) e enchem a pessoa com a luz da vontade de Deus. Porém, os "olhos maus" procuram os "tesouros sobre a terra" (v. 19) e admitem só as "trevas" da cobiça e do interesse próprio. A vida toda da pessoa será determinada pela espécie de "luz" que seus "olhos" admitem.

* **6.26 não semeiam, não colhem.** A questão não é que os passarinhos sejam ociosos — um pássaro adulto não fica no seu ninho com o bico aberto — mas que os passarinhos não se preocupam com o que o futuro reserva. A preocupação ansiosa mostra falta de confiança no conhecimento e cuidado de Deus (vs. 32,33). Ver "Providência", em Pv 16.33.

* **6.27 um côvado ao curso da sua vida.** A palavra grega pode ser também

traduzida como "um côvado à sua estatura". Desde que adicionar 44cm à estatura de alguém seria dificilmente uma realização desprezível (cf. Lc 12.25-26), pode ser melhor se entendermos a palavra côvado como uma figura de linguagem para significar um curto período de tempo; daí, seria "pode acrescentar um momento de tempo ao curso de sua vida".

* **6.33 buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça**. Devemos fazer do governo soberano de Deus, e do correto relacionamento com ele, a mais alta prioridade da nossa vida (ver 3.15, nota sobre "Justiça"). A preocupação é inconsistente com esta prioridade; revela dúvida a respeito da soberania e bondade de Deus, e nos desvia dos verdadeiros objetivos da vida. Deus satisfará todas as necessidades daqueles que arriscam tudo por ele.

* **7.1 Não julgueis.** Jesus proíbe certa espécie de julgamento, mas

aprova um outro de diferente espécie. Condenar outros por suas faltas é falhar no exercício do perdão (6.14-15); só uma crítica suave e humilde que primeiro reconhece a grandeza das suas próprias faltas, pode ajudar alguém. Há também uma necessidade de discernir a espécie de julgamento que não condena mas distingue o não crente do crente (v.6). O método para discernir é dado no v. 16.

* **7.6 o que é santo.** Uma referência às evidências do reino, tais como a cura e o

exorcismo, que pode explicar porque Jesus não fez milagre para os descrentes. Porém, a

expressão "o que é santo" também incluiria a pregação do reino; os crentes não devem continuar a pregar a pessoas que rejeitaram o Evangelho com desprezo e escárnio (10.14; 15.14). O Livro de Atos ilustra o princípio na prática (At 13.44-51; 18.5-6; 28.1738).

* **7.11 que sois maus.** A pecaminosidade geral da humanidade é admitida aqui, uma vez que mesmo aqueles que chamam a Deus de "Pai", são tidos como maus.

boas coisas. Estas dádivas do Pai são as coisas que Jesus tinha descrito como necessárias para os discípulos: retidão, sinceridade, pureza, humildade e sabedoria. Os que conhecem sua própria necessidade pedirão a Deus por elas. O paralelo de Lc 11.13 focaliza a maior dádiva de todas — o Espírito Santo.

* **7.12 fazei-o vós também a eles**. Freqüentemente chamado a "Regra Áurea", este princípio foi afirmado por vários pensadores antigos como: "Não faças a outrem aquilo que não queres que te façam". Jesus tornou esta obrigação positiva. Aqui ela aparece depois das considerações a respeito da bondade de Deus e sua voluntariedade em dar.

* **7.14 apertado, o caminho.** Apresentar a vida cristã como "um mar de rosas" e minimizar que ela é repleta de problemas, não segue a orientação do nosso Senhor (At 14.22). Pode ser que os *falsos profetas* do v. 15 sejam especialmente aqueles que negam que o caminho é estreito e difícil.

* **7.15 disfarçados em ovelhas... lobos roubadores.** A mensagem do falso profeta pode ser atraente e mesmo parecer ortodoxa. O único modo de saber com segurança é deixar o tempo mostrar seus frutos (vs. 16-20). Alguns dos frutos dos falsos profetas são mencionados no Novo Testamento: controvérsias (1Tm 1.3), divisões (1Tm 6.3-4), destruição da fé (2Tm 2.18) e autodestruição pela heresia (2Pe 2.1).

* **7.21 Senhor, Senhor.** A repetição do nome era um tratamento de intimidade (Gn 22.11; 1Sm 3.10; 2Sm 18.33; Lc 22.31). Não é alegar ou sentir intimidade com Jesus o que importa, nem é simplesmente fazer boas obras, mesmo miraculosas; só importa fazer a vontade do Pai. Genuína intimidade com o Pai significa conhecer a Deus e ser conhecido por Deus (1Co 8.2, 3).

* **7.25 e caiu a chuva.** Tempestades na Palestina não são freqüentes, mas podem

ser violentas. Ainda que as casas do tolo e do sábio possam, por longo tempo, parecer igualmente seguras, quando a tormenta vem, a destruição da casa do tolo é total (Is 28.14-18). Assim é com a vida daqueles que ignoram as palavras de Jesus.

* **7.29 e não como os escribas**. Os escribas, como os rabinos depois deles,

ensinavam referindo àquilo que mestres anteriores haviam dito. Sua autoridade era a tradição. Jesus ensinava diretamente das Escrituras, com sua própria autoridade. Ver nota teológica "O Ensino de Jesus", índice.

* **8.1—9.38** A ordem dos milagres e eventos, nestes capítulos, difere da ordem encontrada em Marcos e Lucas. Provavelmente, a disposição de Mateus obedece temas, preferencialmente à cronologia.

* **8.2 leproso.** Várias doenças de pele são referidas pela palavra grega

empregada aqui e provavelmente não a hanseníase (a moderna "lepra"). Tocar num leproso tornava a pessoa cerimonialmente imunda (cf. Lv 15.7); porém, neste caso o leproso é curado e torna-se limpo, ao invés de Jesus tornar-se cerimonialmente imundo.

* **8.4 não o digas a ninguém.** Recomendar ao leproso (curado) que não dissesse

a ninguém, era evitar que os procuradores de milagres prejudicassem a principal missão de Jesus (Mc 1.45). Ao mostrar-se ao sacerdote o leproso (agora curado) cumpriria os requisitos da Lei e estaria em condições de ser reintroduzido na sociedade judaica (Lv 14.1-32).

* **8.5 centurião.** Oficial militar romano encarregado de comandar

aproximadamente cem homens. Este centurião admirava a autoridade de Jesus, que superava qualquer coisa em Israel. Ele tinha consciência das dificuldades impostas pela sua própria indignidade, e fé que Jesus podia sobrepujá-las. Mateus, que freqüentemente prefere um estilo condensado, não menciona os intermediários, que aparecem no relato paralelo em Lucas (7.1-10).

* **8.10-12** A fé mostrada pelo centurião gentio oferece ocasião para a predição

de que Israel será endurecido e o Evangelho será estendido aos gentios.

* **8.11 tomarão lugares... com Abraão, Isaque e Jacó.** Uma referência ao tema do banquete messiânico de Is 25.6-9. Os gentios agora aparecem no lugar dos filhos naturais. Este tema reaparece na parábola dos lavradores maus (21.33-44, especialmente v. 43), e na parábola das Bodas (22.1-14). A predição de Jesus é um primeiro exemplo do princípio desenvolvido por Paulo, em Rm 9.30-32: Israel tenta alcançar a justiça por meio de obras, e não consegue; mas os gentios, que sabem que só merecem a condenação, buscam a misericórdia de Deus e alcançam-na.

* **8.12 trevas... choro.** Essas figuras de linguagem representam a dor e o

desespero daqueles que são excluídos do reino.

* **8.17 nossas enfermidades**. Is 53.4 usa *enfermidades* (ver referência lateral lá)

para representar os pecados pelos quais elas são a maldição (Is 53.5). Jesus veio para levar a maldição, bem como, a culpa do pecado. Em seu ministério, ele demonstrou seu poder sobre os sofrimentos físicos. Contudo, ele não prometeu remover a doença do mundo ou da igreja, antes de sua Segunda Vinda (8.20-23; 1Co 15.26; Ap 21.4).

* **8.18-22** Estes dois eventos mostram radical compromisso que Jesus exige dos Seus discípulos. Aqueles que se identificam com Jesus, serão "peregrinos e forasteiros” no mundo (1Pe 2.11). Honrar os pais providenciando um sepultamento adequado, era uma obrigação estrita na sociedade judaica; porém, Jesus exige mais fidelidade para com ele.

* **8.20 Filho do homem.** Este título só ocorre três vezes no Novo Testamento, fora

dos Evangelhos (At 7.56; Ap 1.13; 14.14). Todas as muitas ocorrências, nos Evangelhos,

envolvem afirmações feitas por Jesus a respeito de si mesmo, e podem ser classificadas

em três categorias: "Filho do homem" significa "um ser humano", especialmente nas

declarações daquilo que é típico da humanidade, em geral. Este uso é semelhante à

chamada de Ezequiel por Deus, "Filho do homem" (Ez 2.1, nota), ou à referência de Paulo

à raça humana, como "os filhos dos homens" (Ef 3.5). Com este título Jesus também se

refere a si mesmo, quando prediz os sofrimentos, morte e ressurreição, que ele cumpriria

em prol da humanidade (17.22, 23, nota). Finalmente, poder referir-se ao apocalíptico

título "Filho do homem", que aparece no julgamento do fim dos tempos (24.30; 26.64,

nota). Este uso provém de Dn 7.13,14, onde "um semelhante ao Filho do homem"

aparece diante do Ancião de Dias, e recebe domínio e culto mundiais. Jesus pode ter usado a expressão "Filho do homem" para evitar o uso de "Messias", por causa das concepções populares de que o Messias seria um líder político-militar.

* **8.27 os ventos e o mar lhe obedecem.** Só Deus pode abrandar o mar e aparecer como o Senhor da tempestade (Sl 29.3-4; 65.5-7; 89.9; 107.23-30).

* **8.28 à terra dos gadarenos.** A região é identificada em Marcos e Lucas como o "terra dos gadarenos" (cf. referência lateral). Ver nota em Mc 5.1.

dois endemoninhados. Provavelmente, um destes dois endemoninhados era excessivamente violento e, assim, Marcos e Lucas mencionam apenas um. Mateus está interessado na dupla prova do testemunho.

* **8.29 Filho de Deus.** Ver nota em 16.16.

antes do tempo. Os demônios, aparentemente, fazem uma reclamação legítima, ainda não é o "tempo", o Dia do Juízo. Porém, Jesus está presente, quebrando o poder das trevas (12.28).

* **8.31 demônios.** A palavra grega traduzida por "demônios" é um termo amplo para "deuses" (At 17.18) e seres sobrenaturais. "Espíritos imundos" (10.1) provocavam dano nos homens, algumas vezes pela possessão. Eles são da parte de Satanás, o príncipe dos demônios (9.34; 12.24-28). Jesus expulsa os servos de Satanás, como sinal da chegada do reino de Deus (12.28).

* **8.32** Jesus permitiu que os demônios entrassem nos porcos, talvez porque o Dia do Juízo ainda não tinha chegado. Eventos subseqüentes demonstraram os perversos valores da comunidade, que preferia seus porcos ao livramento de dois seres humanos. Lucas 8.31 registra o apelo dos demônios para não serem enviados ao abismo.

* **9.2 estão perdoados os teus pecados**. O perdão é uma prerrogativa daquele que foi ofendido e para Jesus, perdoar pecados era uma vindicação de sua autoridade divina (Is 43.25).

* **9.5 qual é mais fácil.** Em última análise, o perdoar pecados é mais difícil do que realizar milagre, como sabiam os escribas, uma vez que reconheceram que só Deus pode perdoar pecados. Porém, o perdão de pecados não pode ser visto pelos observadores. Assim,

Jesus realiza o feito menor para provar o feito maior.

* **9.11** Exatamente como Jesus não foi contaminado pelo contato com o leproso, do mesmo modo não foi contaminado pelo contato com os pecadores. Ele é o Médico que cura tanto doenças espirituais quanto doenças físicas. Aqueles que pensavam que estavam bem, ficavam perplexos com a atividade de Jesus e o achavam ofensivo.

* **9.14 discípulos de João.** Embora Lucas observe que os fariseus perguntaram a

respeito do jejum, Marcos inclui tanto os discípulos de João quanto os fariseus, entre aqueles que levantaram a questão.

* **9.15 hão de jejuar.** Jesus explicou que, pelo fato de estar presente como o Messias, seus discípulos não tinham necessidade de jejuar. Jesus reconhece um tempo futuro, quando o noivo não estará mais com eles. Isto ressalta o fato de que, desde o início do seu ministério, Jesus antecipou um tempo entre sua primeira vinda, na redenção, e sua segunda vinda, no julgamento.

* **9.17 vinho novo em odres velhos**. O vinho novo continua a fermentar e faz aumentar a pressão que acaba fazendo o odre velho romper-se. Os velhos padrões do jejum são inadequados para a plenitude do reino que acabou de chegar.

* **9.18-25** Como de hábito, Mateus apresenta uma forma mais condensada dessa história, do que Marcos e Lucas. Ambas as histórias — a da filha de um chefe e a da mulher com hemorragia — ilustram a relação entre a obra de Jesus e o papel da fé no reino. Este mesmo ponto aparece nas narrativas seguintes do homem cego e do endemoninhado mudo. Estas obras (ressuscitar mortos, curar os doentes, etc.) são feitas em resposta à fé, não porque a fé seja a causa delas, mas porque, sem fé no próprio Rei, não são sinais do reino, mas apenas enigmáticos eventos, com nenhum sentido especial.

* **9.22 tua fé te salvou.** Sua fé a salvou porque as bênçãos do reino vêm sobre aqueles que buscam em Jesus a solução dos seus problemas, e não por causa de qualquer poder da fé em si mesmo.

* **9.23 tocadores de flauta e o povo em alvoroço.** Pranteadores profissionais e outros que auxiliavam os enlutados a expressar seu pesar.

* **9.24 não está morta... mas dorme.** Jesus estava profetizando que ele a ressuscitaria da morte (Jo 11.11-14).

* **9.27-31** A cura de dois cegos relacionada aqui, é semelhante à narrativa que

encontramos em 20.29-34, bem como a cura do cego Bartimeu, narrada em Mc 10.46-52 (cf. Lc 18.35-43). Tanto Bartimeu como os cegos de Mateus 9 e 20 expressam sua fé ao chamarem Jesus de o "Filho de Davi", um título messiânico. As similaridades tem sugerido a alguns que ambas as narrativas de Mateus estão baseadas na cura de Bartimeu, mas há suficientes diferenças, pelos menos entre as duas narrativas de Mateus, para indicar que são incidentes separados.

* **9.35-38** Este parágrafo resume a atividade de Jesus nos capítulos 5 a 9

(ensino, pregação e cura) e apresenta o discurso missionário, no capítulo 10. O pano de fundo é Ez 34.5-6. Jesus é o Pastor que está preocupado com suas ovelhas (Jo 10) e é identificado com o "Senhor Deus", de Ez 34.11-16.

* **9.37** Freqüentemente uma metáfora para a atividade de Deus no final dos tempos. Que a seara é grande indica que a "seara" não se refere ao tempo da colheita, mas à ceifa (como em Lc 10.2). A ênfase aqui recai sobre a proclamação do Evangelho, o anúncio escatológico que precede o juízo e insiste na urgência das pessoas arrependerem-se e ter fé. Os "trabalhadores" não são os anjos enviados para reunir

(os homens) para o julgamento (13.49), mas são os discípulos que imitam Jesus na proclamação da vinda do reino (10.7). Jesus ainda não ordena a seus discípulos que entrem na seara como trabalhadores, mas que eles orem a Deus para que envie obreiros. Ninguém pode realizar a obra da seara, sem ser chamado para isso e equipado por Deus para essa tarefa.

* **10.2 apóstolos.** A palavra grega *apostolos* significa um representante ou emissário autorizado, cuja palavra tem a autoridade daquele que o envia (Ver 2Co 8.23, onde a palavra é traduzida por "mensageiros" e 2Co 1.1, nota). Aqui os doze recebem autoridade para fazer exatamente aquilo que Jesus estava fazendo (vs. 7, 8).

* **10.3 Tadeu.** Provavelmente, ele é o "Judas, filho de Tiago" mencionado em Lc 6.16 e At 1.13 (ver Mc 3.18, nota).

* **10.4 Simão, o Zelote.** (Zelote, grego *"cananeios").* Outros manuscritos lêem "Simão, o cananeu" (como em 15.22). Os "zelotes"eram membros de um movimento revolucionário ("Simão, chamado Zelote", Lc 6.15). De acordo com Josefus, os Zelotes constituíam um partido político cujo entusiasmo religioso os levou a advogar uma rebelião armada contra Roma. Simão pode ter estado associado antigamente a este movimento e deve ter continuado a ser chamado o "Cananeu" ou o "Zelote", para distinguilo de Simão Pedro.

* **10.5—11.1** Esta seção contém várias linhas do ensino referente à missão cristã que são encontradas em diferentes lugares, nos outros Evangelhos. Isto não significa que Mateus tenha inventado a ocasião. Mateus apresenta o ensino de Jesus em cinco discursos maiores e ele pode ter incluído material relevante em outras ocasiões. Particularmente 10.17-22, que prefigura uma missão mundial, "sereis levados à presença de governadores e de reis" (v. 18), parece ir além do v. 5, que restringe a missão a Israel. Não obstante, a missão futura dos discípulos a todo o mundo (28.18-20) é ligada a esta primeira experiência de pregação a Israel, e o

agrupamento deste material por Mateus é apropriado.

* **10.5 Não tomeis rumo aos gentios**. Ainda que Jesus já tivesse respondido à fé (8.10), o enfoque da primeira missão dos discípulos, como a de Jesus antes de sua paixão e ressurreição (15.24), era aos herdeiros naturais do reino. Jesus não proíbe pregar aos gentios encontrados durante a missão a Israel, mas não envia os discípulos nessa ocasião, às áreas dos gentios.

* **10.7-8 pregai... Curai... ressuscitai.** Os mesmos sinais do reino que Jesus tinha realizado, nos capítulos 8 e 9, serão realizados por seus discípulos.

* **10.8 de graça dai.** O reino foi dado aos discípulos gratuitamente; oferecer a mensagem como a mercadoria de um vendedor ambulante insultaria a Deus e obscureceria a natureza do Evangelho, como um dom gratuito. Não obstante, eles seriam

sustentados; não necessitavam dinheiro extra para a viagem nem de provisões (vs. 9-10). Este é um modelo para a vida cristã em geral.

* **10.14,15 sacudi o pó dos vossos pés.** Isto é, o pó das vestes de uma pessoa

levantado pelos pés. Os judeus, algumas vezes, sacudiam o pó de suas roupas, quando retornavam de terras gentilícas, como um sinal de desprezo. Jesus usa esta atitude como um sinal de julgamento. Uma cidade que não recebia os discípulos, não recebia Jesus e se tornava espiritualmente *"pagã"* e tão sujeita ao julgamento como Sodoma e Gomorra (At 13.51).

* **10.17-20** Estes versículos antecipam uma missão posterior e mais extensiva do que a da ocasião imediata do v. 5 (10.5—11.1 e nota). Perseguições ocorreriam tanto da parte de autoridades judaicas (v.17) como da parte de autoridades gentílicas (v. 18). Mas os discípulos não deveriam responder a isto como fazem os pagãos, que contratam oradores profissionais para defendê-los. O Espírito Santo

providenciará a sua defesa (At 4.8).

* **10.22 de todos.** Por toda espécie de gente. A alusão é a Mq 7.6, que Jesus cita

depois (v. 35).

* **10.23 até que venha o Filho do homem.** Há várias interpretações para a vinda do

Filho do homem, referida neste versículo:

a) A "vinda" é a Segunda Vinda de Cristo para julgar a terra. Esta visão se ajusta melhor às outras ocorrências da frase (24.30; 25.31; 26.64; mas ver 16.28). A principal dificuldade é que a nota de urgência, no v. 23, parece incompatível com a demora até o juízo final;

b) A "vinda" é a ressurreição e ascensão de Jesus ou o envio do Espírito Santo, no Pentecostes. Contudo, não há evidências de que os discípulos foram perseguidos com a intensidade referida nos vs. 17-22, antes da ressurreição de Jesus ou do Pentecostes;

c) A frase "até que venha o Filho do homem" é um modo de dizer "antes de nos reunirmos". Porém, outra vez, a perseguição descrita nos vs. 17-22, não ocorreu durante esse tempo, e o propósito para a vida do Filho do homem, em outros lugares (trazer o julgamento), torna este sentido improvável;

d) A "vinda" se refere à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., como um ato de juízo contra a nação de Israel. Este modo de entender conserva a nota de urgência e é mais adequado à experiência da igreja, antes do ano 70 d.C.. As outras referências à vinda do Filho do homem considera a expressão como a grande e terrível manifestação do juízo de Deus. Ainda que estas manifestações não possam limitar-se à destruição de Jerusalém, aquele evento foi terrível em intensidade, caindo sobre

aquilo que tinha sido o símbolo central visível da presença de Deus: o templo.

* **10.25 Belzebu.** O grego *beelzeboul* é uma transliteração de um nome hebraico ou

aramaico que designa o príncipe dos demônios (12.24-27). O nome, provavelmente, significa "senhor dos céus" e aparece no Antigo Testamento na forma intencionalmente distorcida de Baal-Zebub ("senhor das moscas"), como nome para o deus de Ecron (2Rs 1.2).

* **10.26-31** Esta exigência para temer a Deus e não aos homens é, talvez, o desenvolvimento de Is 8.12-13. Está apoiada em três argumentos: primeiro, os atos dos ímpios serão mostrados por aquilo que eles são; segundo, ainda que os homens possam matar o corpo, Deus pode punir a alma e o corpo; terceiro, Deus ordena todas as coisas, até mesmo a queda de um pardal e o número dos cabelos da cabeça. A bíblia ensina consistemente que o temor e a reverência são respostas apropriadas a Deus.

* **10.28 inferno.** Ver nota em 5.22.

* **10.35 entre o homem e seu pai**. Mq 7.6 trata da rebeldia e lutas características de

Israel, durante o tempo de Acaz. Exatamente como a história de Israel prefigura a história de Jesus (2.15, nota), sua perturbação e contenda prefiguram a contenda que resulta da vinda do Messias, até mesmo a divisão de famílias. Ainda que a vinda de Cristo traga paz ao coração (11.29), abraçar o Evangelho também torna a vida mais difícil em alguns aspectos, porque Jesus exige fidelidade que tenha prioridade sobre os laços naturais da vida familiar (vs. 37-39).

* **10.38 toma a sua cruz.** Isto significa obedecer e identificar-se com Jesus, mesmo

até à morte, e não simplesmente suportar alguma obrigação

específica imposta pelo Senhor.

* **10.41 profeta... justo.** Este versículo dá ênfase ao princípio de que receber os emissários de outrem é equivalente a receber a pessoa que os envia (v.40).

* **10.42 pequeninos.** Conquanto não exclua as crianças, esta frase refere-se aos discípulos de Jesus, que devem ser como crianças pequenas (18.1-6, 10, 14). A observação de Jesus a respeito da recompensa destaca a importância de aceitar e ajudar mesmo aqueles crentes que parecem insignificantes (25.40, 45).

* **11.2 das obras de Cristo.** Uma vez que Mateus raramente usa o termo "Cristo"

como nome para Jesus, esta frase provavelmente significa "quando João, na prisão, ouviu a respeito das obras messiânicas". João Batista tinha predito que Aquele que viria traria juízo, golpeando a raiz das árvores da iniquidade (3.10, 12). Porém, Jesus permitiu que seu próprio precursor fosse aprisionado pelo ímpio Herodes.

* **11.4-6** Jesus faz dos discípulos de João testemunhas dos seus milagres, milagres que cumprem diretamente Is 35.5-6.

* **11.9 mais que profeta.** João Batista foi o precursor imediato daquele que todos os profetas apontaram, e por isso ele apontou Cristo mais claramente do que todos os outros. Como tal, o próprio João foi objeto de profecia: aquele predito em Ml 3.1; o cumprimento da profecia do Elias, de Ml 4.5-6 (v. 14); e o arauto do Servo do Senhor (3.3; Is 40.3).

* **11.11 maior do que ele.** Os menores, no reino, são maiores do que João Batista porque, vindos depois da Cruz e da Ressurreição — e tendo recebido a plenitude do Espírito — eles participam daquilo que os profetas viram à distância (1Pe 1.10-12).

* **11.12 tomado por esforço.** O reino está avançando

poderosamente embora homens violentos como Herodes, que havia aprisionado João Batista, tentarem sobrepujá-lo pela força. Não são porém, os fortes e poderosos que alcançam o reino, mas, os fracos e humildes (vs. 28-30), que conhecem suas próprias fraquezas e estão dispostos a depender de Deus (cf. Lc 16.16, nota).

*** 11.14 ele mesmo é Elias.** Jesus identifica João Batista com o Elias profetizado por

Malaquias, que viria como precursor do Messias (Ml 4.5). Esta identificação exige os olhos da fé ("se o quereis reconhecer"). Deve ter havido uma má compreensão, de que Elias seria reencarnado, porém, o próprio João negou que era Elias (Jo 1.21). O anúncio de Gabriel disse que João viria no "espírito e poder de Elias" (Lc 1.17).

*** 11.19 Filho do homem.** Ver nota em 8.20.

a sabedoria é justificada por suas obras. Jesus emprega o provérbio para fazer referência a si mesmo. As "obras" são seus próprios feitos messiânicos (vs. 2-5). As coisas feitas por Cristo como a sabedoria de Deus (1Co 1.30) justificam-no, ou demonstram que ele está certo (Tg 3.17-18).

*** 11.25 ocultaste... revelaste.** Deus é soberano na escolha daqueles a quem ele

revelará a sua verdade. Ninguém pode conhecer a Deus por meio de sabedoria ou erudição mundanas (1Co 1.26-31).

*** 11.27 tudo me foi entregue.** Jesus, aqui, faz uma extraordinária reivindicação. Ele

reivindica que a soberana disposição de Deus, de todas as coisas, foi entregue a ele. Como em Dn 7, o Filho do Homem recebeu todo poder e domínio. Ele afirma que só o Pai conhece o Filho e que só o Filho conhece o Pai. O conhecimento de Jesus é igual ao do Pai e sua filiação é ímpar. Ele afirma que a sua soberania se estende à

própria decisão de determinar quem conhecerá o Pai. Esta idéia é paralela ao v. 25, mas aqui é Jesus quem revela o Pai.

* **11.28 Vinde a mim.** Jesus tem autoridade para convidar os homens a irem a ele.

Não estende este convite aos fortes, porém, aos cansados e oprimidos. Jesus usa a linguagem da tradição da sabedoria, chamando a si os oprimidos, como a Sabedoria de Deus encarnada (v. 19, nota).

* **11.29-30** Embora a Lei tivesse sido dada por Deus como uma ajuda a seu

povo, as tradições orais dos Escribas e Fariseus iam bem além das exigências de Deus, e

se tornaram uma carga pesada (12.2, nota; 15.2). Quando a Lei foi entendida como meio

de salvação, tornou-se um "jugo de escravidão" (Gl 5.1). Por contraste, o jugo de Jesus,

conquanto exigente, é "suave" porque vem daquele que é "manso e humilde de coração"

25

e pode assegurar verdadeiro descanso para a alma. Ver "A *Humilde Obediência de Cristo",* em Jo 5.19.

* **12.2 o que não é lícito.** O Antigo Testamento não proíbe apanhar grãos no Sábado, para comer. Os discípulos não eram agricultores empregados na obra da colheita. A objeção dos Fariseus estava baseada numa tradição oral, que não levava em conta o verdadeiro propósito da Lei. Ver "A *Liberdade Cristã",* em Gl 5.1.

Sábado. O Sábado é um símbolo da soberania de Deus sobre todo o universo criado (Êx 20.8). Recorda a redenção que Deus propicia a seu povo (Dt 5.12) e é uma representação da esperança de descanso eterno, na consumação (Hb 4.9). Jesus como Senhor do Sábado cumpre todos os aspectos do significado do Sábado (Cl 2.16-17).

* **12.3-6** Em sua resposta às acusações dos fariseus, Jesus usa dois argumentos, de menor importância e de maior importância, ambos focalizando sua própria pessoa e autoridade. A transgressão de Davi, da lei cerimonial, em uma hora de necessidade, tinha sido permitida e agora alguém com muito maior autoridade estava presente. Do mesmo modo, as exigências do culto, no templo, desculpa os sacerdotes de certas obrigações da Lei, e agora "aqui está quem é maior do que o templo " (v. 6).

* **12.6 quem é maior que o templo.** Como as genuínas necessidades do povo são mais importantes para Deus, do que os símbolos cerimoniais, assim aquele em quem Deus habita é maior do que o lugar simbólico de habitação. Jesus, Emanuel ("Deus conosco") é o verdadeiro templo para quem o símbolo apontava (Jo 1.14; 2.21). Os discípulos, estando na presença de Jesus, tinham um serviço muito maior do que o dos sacerdotes que serviam no templo de Jerusalém.

* **12.7 Misericórdia quero**. Novamente citando Os 6.6 (cf. 9.13), Jesus condena o mau uso da Lei pelos fariseus. O Sábado foi dado por Deus como auxílio para a humanidade, porém, os fariseus perverteram este propósito, colocando o Sábado contra os que estavam em necessidade, e fazendo dele um peso (Mc 2.27).

* **12.8 é senhor do sábado.** O Filho do homem recebeu o domínio sobre a criação

(8.20, nota) e sobre a redenção (20.28). Por isso Ele tem domínio sobre o Sábado, o sinal

da soberania de Deus sobre a criação e a redenção (v. 2, nota). As

reivindicações que

26

Jesus faz aqui, sem dúvida, chocaram os fariseus, confirmando a vontade deles de tirar-lhe a vida (v. 14).

* **12.9-14** Outro exemplo do Senhorio de Cristo sobre o Sábado. Novamente, no Antigo Testamento, não há proibição para curar no Sábado e é sempre lícito fazer o bem. Jesus não ensina que o Sábado é abolido com a vinda do reino, pois ele não veio para destruir a Lei, mas para cumpri-la (5.17, nota). O problema não estava na observância do sábado por parte dos fariseus mas na interpretação errada deste mandamento por parte deles, tornando um peso aquilo que deveria ser um prazer.

- * 12.16-21 advertindo-lhes, porém, que o não expusessem à publicidade. Is
- O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS
- * 10.23 Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas. A
- * 16.20 confirmando a palavra por meio de sinais. Ver nota no v. 17.
    - estava fazendo. Notar também a referência adiciona
- * 24.20 principais sacerdotes e as nossas autoridades. Os discípulos colocaram
- * 7.35 Para onde irá este que não o possamos achar. Os judeus estavam
- * 15.16 Não fostes vós que me escolhestes a mim... eu vos escolhi a vós. Jesus
- aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais.
- * 16.13 onde nos pareceu haver um lugar de oração. De acordo com a
- para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus. Ver a
- * 10.9,10 confessares... creres... se crê... se confessa. No paralelismo do v.
- 1 Coríntios
- * 11.19 até mesmo importa que haja partidos entre vós. Paulo

- * 2.13 não tive... tranqüilidade no meu espírito. Paulo tinha esperado
- * 13.5 Examinai-vos a vós mesmos... provai-vos. Ver 1Co 11.28; Gl
- * 3.10 principados... nos lugares celestiais. Paulo já mencionou "o
- * 4.21 cada um dos santos. Lembra 1.1.
- se elas permanecerem em fé, e amor, e santificação, com bom senso.
- * 2.10 ornarem... a doutrina de Deus. Ver nota no v. 5.
- * 7.11 Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio
- * 3.8 a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar. É mais
- * 2.21 melhor... nunca tivessem conhecido o caminho da justiça.
- que deve acontecer depois destas coisas. Ver nota em 1.19.
- * 22.12 segundo as suas obras. Ver 20.12.

*** 12.16-21 advertindo-lhes, porém, que o não expusessem à publicidade. Is**

42.1-4 é citado como uma explicação do porque Jesus pediu às pessoas que não dissessem quem ele era. Ele veio proclamar e estabelecer a justiça, mas não por uma exibição do poder, nem por liderar um movimento político-militar. Uma vez que o papel do Messias era tão mal entendido entre o povo, Jesus tinha de refrear o entusiasmo mal orientado que estava prestes a explodir.

*** 12.24 Belzebu.** Ver nota em 10.25.

*** 12.29 do valente... sem primeiro amarrá-lo**. Por sua vitória sobre Satanás no

deserto (4.10, nota) e por exorcizar demônios, Jesus demonstrou que tinha amarrado o "valente" e que Satanás estava sem poder para impedir a vinda do reino. Amarrar Satanás era um símbolo da era messiânica na literatura apocalíptica Judaica (ver também Ap 20.2).

*** 12.31-32** Falar contra o Espírito chamando a obra do Espírito a obra de

Satanás, envolve uma rejeição explícita, intencional e decisiva do único Poder, que pode trazer arrependimento. A noção do "pecado imperdoável" tem provocado ansiedade desnecessária. Qualquer que foi convencido de pecado pelo Espírito (Jo 16.8) e agora crê na verdade, não pode ter cometido esse pecado. Ver *"Pecado Imperdoável*", em Mc 3.29.

*** 12.36-37** Jesus está mostrando que as palavras, mesmo aquelas proferidas

sem cuidado, têm importância eterna. Na Bíblia, os pecados verbais tais como a mentira, o mexerico ou os insultos são condenados tão severamente como o adultério e o assassinato (5.22, 37; 2Co 12.20;

1Tm 1.10; Tg 3.6; Ap 21.8).

* **12.38 sinal.** É incrível que eles tenham pedido um sinal, à luz do que eles já tenham visto. Jesus não faz milagres por exigência.

* **12.39 sinal... profeta Jonas.** Jonas estava praticamente morto, mas restaurado à vida, exemplifica a ressurreição do Filho do Homem (v. 40). Este é o maior sinal de todos para indicar que o reino chegou.

* **12.40 três e dias e três noites.** Maneira enfática de dizer "três dias".

* **12.43-45** A menos que o Espírito Santo resida no coração, os espíritos ímpios

podem entrar nele (Rm 8.9). Se as pessoas não se entregarem ao Rei cujo poder já experimentaram, seu estado final será pior do que se o reino nunca tivesse vindo (Hb 6.46).

* **13.1-53** Esta coleção de parábolas sobre a natureza do reino dos céus é o

terceiro grande discurso em Mateus (Introdução: Características e Temas).

* **13.3 parábolas.** Embora o termo "parábola" possa ter uma ampla gama de

significados, as "parábolas" de Jesus são um ensino distintivo feito por meio de breves comparações ou narrativas. Em geral elas têm um ponto ou idéia central. A maior parte das parábolas de Jesus é clara, mas contém também uma profundidade de sentido, que somente quem tem um correto relacionamento com Jesus pode compreender. É só aos discípulos que Jesus dá a interpretação da parábola do Semeador (vs. 18-23) e da parábola do Joio (vs. 36-43). Ao ímpio falta a compreensão deste mais profundo significado, porque ele não

mantém com Deus um relacionamento apropriado e este fato obscurece seus pensamentos e seus corações (Rm 1.21).

* **13.10 por parábolas.** Ver "O *Ensino de Jesus*", em Mt 7.28.

* **13.11-17.** É difícil deixar escapar aqui o tema da eleição. N a capacidade de

entender a mensagem de Deus, e ainda mais, corresponder a ela, é dom de Deus. Os ouvidos que ouvem são abençoados por Deus.

* **13.11 a vós outros... mas àqueles.** Os "mistérios" do reino são coisas que foram

indicadas, de um modo velado, no Antigo Testamento, mas agora são tornadas claras aos discípulos, com a vinda do Rei. Ver *"Iluminação e Convicção*", em 1Co 2.10.

* **13.12** Para aqueles que têm relacionamento com Jesus, as parábolas fazem

aumentar a compreensão e encorajam aquele relacionamento; porém, àqueles a quem falta isto, as parábolas aumentam a sua confusão e ignorância. Assim, a função das parábolas é tanto iluminar quanto ocultar.

* **13.13 porque, vendo.** Marcos 4.12 (cf. Lc 8.10) exprime esta afirmação de um

modo mais forte, dizendo "para que" ao invés de "porque". Para Marcos, o propósito de Jesus, ao contar parábolas, era impedir o entendimento e provocar descrença (Mc 4.11, nota); em Mateus, as parábolas de Jesus são apresentadas em resposta à descrença e à incapacidade do povo de entender. Ainda que alguns argumentem que Mateus abranda a nota de soberania divina vista em Marcos, a

expressão "para que não aconteça" no v. 15 indica que a escolha soberana de Deus está por trás do endurecimento de seus corações e precede (Mateus) ou sucede (Marcos) o encontro com o ensino de Jesus. Enquanto nesta passagem Mateus realça a responsabilidade moral daqueles que rejeitam a Cristo, sua inclusão da referência a Is 6.9-10 ilustra a compatibilidade da soberania de Deus com a responsabilidade humana. As parábolas servem como um instrumento de juízo, por endurecer o impenitente.

* **13.19 do reino.** Ver "O *Reino de Deus*", em Lc 17.20.

* **13.22 fascinação das riquezas**. A riqueza é bênção de Deus, mas é uma bênção

perigosa se escraviza o coração.

* **13.23 é o que ouve a palavra e a compreende.** Só o ouvir e entender a palavra

(estando implícita a obediência) resulta em fruto. Há os que temporariamente recebem a palavra, mas que se desviam para fugir do desconforto terreno ou perde o seu compromisso ao buscar a riqueza terrena (v. 22). Do mesmo modo há diferentes níveis na produção de fruto. Há, em última análise, só duas espécies de terreno: aquele que genuinamente recebe a palavra para produzir fruto e aquele que não a recebe.

* **13.24-30** Outra vez o próprio Jesus providencia a interpretação (vs. 36-43). O campo é o mundo todo, não apenas Israel ou a igreja, e Deus retém o juízo imediato por causa dos eleitos que estão no mundo. Os justos têm tido de viver no meio dos ímpios, desde o começo.

* **13.31 semelhante a um grão de mostarda.** A planta de mostarda pode crescer a

uma altura de 3 m. As coisas de Deus podem parecer pequenas no

mundo, contudo têm grandes resultados. Certamente, o reino de Deus, naquele ponto da história, parecia ser nada em comparação com Roma; contudo, ele provaria ser muito maior.

* **13.32** A figura de uma árvore com pássaros se aninhando em seus ramos, lembra

Ez 17.23, onde os pássaros representam as nações gentílicas refugiando-se no Messias, e participando das bênçãos da Aliança.

* **13.33** **semelhante ao fermento.** Ainda que o fermento ou o levedo

freqüentemente simbolize o mal (16.11), aqui o ponto é que o reino permeia o mundo. As atenções de Jesus estendiam-se para além de Israel, para todo o mundo.

* **13.34-35** As parábolas tanto revelam como ocultam. Jesus cita o Sl 78.2, onde

as "parábolas" ou os "enigmas" são um recital da História da Redenção de Deus, do seu povo, atingindo seu clímax na escolha de Davi para pastorear Israel. Os próprios eventos redentivos não eram "ocultos", porém, seu significado não era óbvio. O Salmista revelou o seu significado.

* **13.37** **Filho do homem.** Ver nota em 8.20.

* **13.41** **ajuntarão.** O Juízo Final não será só uma separação entre justos e injustos,

mas também uma separação da impiedade dentre os judeus. Notemos que o Filho do homem enviará seus anjos — Jesus estabelece aqui, claramente, a sua autoridade divina.

* **13.42** **fornalha acesa.** Ver "Inferno", em Mc 9.43.

* **13.43 resplandecerão como o sol.** Uma alusão a Dn 12.3, promessa de

ressurreição futura.

* **13.44,45** Jesus, por meio de parábolas, tornou conhecidas as coisas ocultas do

reino (v. 35), mas essas coisas permanecem encobertas à maioria das pessoas, que não percebem o seu valor. Porém, como o homem que encontra um tesouro ou o comerciante que negocia com pérolas, aqueles que percebem o valor do reino, sacrificarão qualquer coisa para obtê-lo (Fp 3.8).

* **13.52 todo escriba.** Ver referência lateral. Estes mestres eram freqüentemente

repreendidos por Jesus (23.13-32), não por causa de suas posições como mestres, mas por causa da hipocrisia deles.

versado no reino. A frase grega pode ser traduzida também como "têm-se tornado um discípulo do reino". Uma vez que esta expressão segue imediatamente à pergunta de Jesus a seus discípulos se eles entendem, a implicação é a de que os discípulos se tornarão mestres e, como um pai de família hospitaleiro, partilharão com outros os "tesouros" que receberam: tanto a compreensão da antiga história redentiva, que aponta para Cristo, quanto os novos atos redentivos que marcam a presença do reino.

* **13.55 filho do carpinteiro.** A palavra grega traduzida por "carpinteiro" é também

um termo geral para significar qualquer artífice ou trabalhador. José pode ter trabalhado com madeira ou pedra.

* **13.58** A recusa de Jesus em operar muitos milagres em Nazaré não foi

porque ele necessitasse da fé do povo para dar-lhe poder, mas porque os milagres são de pouco valor para aqueles que não têm fé (cf. 1Co 13.2).

* **14.3 Herodes... mulher de Filipe, seu irmão.** Ver notas sobre Mc 6.14,17). A

genealogia de Herodes é confusa, com múltiplos casamentos, casamentos de parentes próximos e uso de nomes semelhantes.

* **14.6 a filha de Herodias.** Filha de um casamento anterior ao do seu casamento

com Herodes Filipe. Segundo Jesefo, historiador judeu, o nome da filha era Salomé e ela, posteriormente, se casou com outro filho de Herodes, o Grande: Felipe, tetrarca de Ituréia e de Traconites (Lc 3.1).

* **14.13 ouvindo isto**. De acordo com o v. 2, já tinha transcorrido um tempo

suficiente após a morte de João Batista, para as notícias dos milagres de Jesus chegarem até Herodes. Jesus ouviu a respeito das renovadas perguntas de Herodes.

* **14.15-21** Do mesmo modo como Deus providenciou maná no deserto para

Israel, assim Jesus providenciou pão para o povo, numa região remota. Jesus desafiou os discípulos a providenciarem alimento para a multidão, então os tornou ministros de sua provisão (vs. 16, 19).

* **14.25 quarta vigília.** Entre 3 e 6 horas da manhã.

* **14.30** Cf. Sl 69.1-3.

* **14.33 Filho de Deus**. Este título reconhece a messianidade de

Jesus e a

manifestação do seu poder divino (16.16, nota).

* **15.2 tradição dos anciãos.** Esta tradição (ou lei) oral era tida pelos fariseus como tendo autoridade igual à da lei escrita. Ela foi codificada como a *Mishnah,* no segundo século. Um de seus tratados especifica detalhes do lavar as mãos, tais como a quantidade de água a ser usada e quantas enxaguadas são necessárias, e assim por diante.

* **15.3-6** Jesus faz clara distinção entre as tradições humanas e os

mandamentos divinos das Escrituras. Gostar de apelar para a tradição não deve suplantar ou obscurecer a própria Bíblia, nem os costumes devem ser elevados ao nível de lei divina. Ver *"Legalismo",* em Mt 23.4.

* **15.11 o que sai da boca.** Aquilo que uma pessoa diz é reflexo ou produto daquilo

que ela é interiormente (12.36-37, nota).

*
15.24 senão às ovelhas perdidas... de Israel. Antes ressurreição, o "muro da

separação" (Ef 2.14) ainda permanecia. Jesus veio como o Messias e herdeiro do trono de Davi. Jesus responde graciosamente só depois de ficar claro que a mulher não tinha a presunção de merecer a bênção prometida a Israel; pelo contrário, ela esperava o benefício das sobras daquelas bênçãos.

* **15.26 lançá-lo aos cachorrinhos.** O contexto indica que estão em vista os

animais de estimação, e não os de rua. A expressão não é equivalente ao insulto comum "cão gentio".

* **15.29-39** Marcos indica que estes eventos tiveram lugar em Decápolis (Mc 7.31), uma área predominantemente gentílica. Segue-se à história da mulher cananéia.

* **16.1 sinal vindo do céu.** Jesus referiu aos fariseus um sinal literal do céu. Sua

analogia mostra que o problema não é a falta de evidência, porém, uma má vontade em aceitar seu significado. Jesus já havia realizado muitos sinais.

* **16.4 senão o de Jonas.** Ver nota em 12.39.

* **16.11 a respeito de pães.** Jesus, freqüentemente falava em parábolas, porém,

aqui foi mal compreendido por seus discípulos, que pensavam que ele estava falando literalmente (v. 7). Eles deviam ter concluído do milagre da multiplicação de pães, que Jesus podia providenciar alimento, se essa fosse a necessidade e, desse modo,
podiam concluir que ele estava falando metaforicamente a respeito do "fermento" (a doutrina, v.12) dos fariseus e saduceus (Mc 8.15, nota).

* **16.12** O ensino falso é como o fermento na massa e pode permear rapidamente a

Igreja e corromper sua santidade.

* **16.13 Cesaréia de Filipe.** Uma pequena cidade ao sopé do monte Hermon, cerca

de quarenta quilômetros ao norte da Galiléia.

* **16.15 quem dizeis que eu sou.** Pelo uso do pronome no plural

("vós"), Pedro

responde em lugar dos Doze.

* **16.16 Cristo**. Pedro declara que Jesus é o Messias e o Rei profetizado no Antigo

Testamento (1.1, nota).

* **o Filho do Deus vivo**. O significado do título "Filho de Deus" é diferente do título

na literatura pagã. No Antigo Testamento, o rei ungido era chamado um "filho" de Deus

(2Sm 7.14; Sl 2.7). Israel, como um todo, também é chamado "filho" de Deus (Êx 4.22) e Jesus cumpre este *status* de Israel (2.15, nota). Aplicado a Jesus, o título reflete o relacionamento único de Jesus com o Pai (11.27; 21.38). Ele é reconhecido pelo Pai como "Meu Filho amado" (3.17; 17.5). A compreensão de Pedro lhe foi dada de cima, indo além daquilo que ele podia discernir por si mesmo.

* **16.17 carne... que to revelaram.** O reconhecimento daquilo que Jesus é, tem que

vir de Deus.

* **16.18 Pedro... pedra.** O nome *"Pedro"* faz um trocadilho, no grego, com a palavra

"rocha" (petra). Há quatro principais interpretações para este jogo de palavras: a) a pedra é a confissão de Pedro ("tu és o Cristo", v. 16), sobre a qual a igreja é edificada; b) Jesus mesmo é a pedra, como Pedro, depois, testifica (1Pe 2.5-8); c) Pedro, como representante dos apóstolos, é o fundamento da igreja (Ef 2.20); d) Por sua

confissão, Pedro representa o tipo de pessoa sobre a qual a Igreja será edificada.

A primeira e segunda possibilidades são freqüentemente defendidas, por indicar que o nome de Pedro é *petros* e a *pedra* é *petra.* Porém, esta diferença lingüística não é significativa neste contexto. A segunda possibilidade é improvável porque Jesus descreve-se a si mesmo, nesta passagem, não como a fundação mas o construtor da igreja.

Não fosse pelo abuso desta passagem pela Igreja Católico-Romana, é pouco provável que qualquer dúvida fosse levantada de que a referência é a Pedro. Mas a pedra fundamental é Pedro como representante dos apóstolos (v. 15, nota), e cuja confissão a respeito de Cristo lhe foi revelada pelo Pai. Como Pedro mesmo declara posteriormente (1 Pe 2.4-8), todos os crentes se tornaram "pedras vivas" por causa da associação deles com Cristo e com os apóstolos, como o fundamento da igreja (Ef 2.20-21; Ap 21.14). Quando Pedro diz que Jesus não deve enfrentar a cruz, ele não é chamado a *pedra* fundamental, mas *pedra de tropeço* (v. 23, referência lateral).

portas do inferno. No Antigo Testamento e outras literaturas, as "portas do sheol" ou “as portas da morte” são equivalentes à morte. Jesus está afirmando que a própria morte não sobrepujará seu povo.

*** 16.19 chaves do reino.** Esta metáfora especifica como os apóstolos são o

fundamento da igreja; foi-lhes dado o poder de ligar e desligar, ou as "chaves" que fecham e abrem portas. Os apóstolos abrem o reino àqueles que compartilham da confissão de Pedro e excluem aqueles que não recebem o seu testemunho a respeito de Cristo (10.1415). Através deles Jesus revela sua própria palavra de autoridade do reino. O fundamento apostólico da igreja repousa sobre a Palavra escrita de Deus, as Escrituras, que são agora as chaves da autoridade de Cristo na igreja (Ef 2.20; 3.5), através do poder

do Espírito (18.18). Ver *"Disciplina Eclesiástica e Excomunhão*", em Mt 18.15.

*** 16.20 a ninguém dissessem.** Ver 8.4. As concepções populares a respeito do

Messias estavam longe de reconhecer o seu ministério sofredor. Permitir que seus discípulos proclamassem abertamente a sua messianidade, podia instigar a explosão de um movimento político, que dificultaria sua verdadeira missão (Jo 6.15).

*** 16.21 Desde esse tempo**. Esta frase marca uma nova fase no ministério de Jesus

(4.17, nota). Mateus se volta da pregação pública de Jesus, na Galiléia, para a sua cuidadosa instrução dos discípulos a respeito de sua morte e ressurreição, seu papel como Messias e o deles como discípulos.

*** 16.24** Ver nota em 10.38. Aqui, Jesus acrescenta o mandamento da negação de si

mesmo. A chamada ao discipulado exige o abandono completo do desejo natural de buscar conforto, fama ou poder.

*** 16.28 de maneira nenhuma passarão pela morte.** Ainda que esta afirmação

tenha sido interpretada como se referindo à Transfiguração (17.1-2), a linguagem implica um período mais longo do que o de uma semana. Outra possibilidade seria a referência à destruição de Jerusalém (10.23, nota), mas o contexto aqui não está especificamente relacionado com o juízo de Israel. A "vinda" do Filho do homem, aqui, mais provavelmente, se relaciona com todo o processo pelo qual Jesus recebe o domínio, especialmente sua ressurreição, ascensão e envio do Espírito. Todas estas coisas aconteceram durante o tempo no qual os discípulos viveram. A

transfiguração poderia ser também o evento inicial neste processo testemunhado pelos discípulos.

*** 17.1 Seis dias depois.** Uma referência tão exata de tempo é rara nos

Evangelhos; deve ter sido incluída para tornar clara a conexão entre a confissão, em

Cesaréia de Filipe, e a Transfiguração. Agora que os discípulos começaram a reconhecer quem é Jesus, ele está pronto para ir ao clímax, em Jerusalém. A Transfiguração é parte da preparação de Jesus para aquela crise. Ver "A *Transfiguração de Jesus",* em Mc 9.2.

*** 17.3 Moisés e Elias.** Uma vez que a Lei e os Profetas testificaram de Jesus,

Moisés, o legislador, e Elias, um dos maiores profetas de Israel, tiveram aqui o privilégio de aparecer com Jesus. De acordo com Lucas 9.31, eles falavam da morte iminente de Jesus.

*** 17.5 Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. As palavras vindas**

do céu mostram quão tola foi a sugestão de Pedro (v. 4), e eles começaram a ter consciência de quem é Jesus. "Meu Filho amado", designação que aparece também no batismo de Jesus, e é expressão reservada pelo Pai para seu "Filho unigênito" (Jo 3.16).

a ele ouvi. As palavras de Deus faladas através de Moisés e dos profetas apontavam para Jesus. Agora, a palavra final é falada pelo Filho de Deus (Hb 1.1-4).

*** 17.9 A ninguém conteis.** Ver nota em 16.20.

* **17.11 Elias virá.** Ver nota em 11.14. Os escribas estavam certos, mas falharam em reconhecer tanto a Elias quanto ao Messias, quando vieram.

* **17.17** Jesus, como Moisés, desceu do monte da glória, para encontrar a

incredulidade (Êx 32.15-21).

* **17.20 pequenez de vossa fé.** A deficiência da fé dos discípulos (ver referência

lateral) não está no fato de eles revelarem falta de confiança, ou que não esperassem sucesso — eles ficaram aparentemente surpresos por falharem — mas porque sua expectação não estava devidamente baseada num relacionamento com Deus. Uma leve porção de fé verdadeira, enraizada numa submissão a Deus, é eficaz. Marcos 9.29 torna este ponto ainda mais claro, quando fala da oração como a chave.

* **17.22,23** Esta afirmação é a segunda predição de sofrimento e ressurreição,

em Mateus (16.21-24). Jesus suportará o sofrimento que ele descreve como o do Servo

do Senhor (Is 53). Parece que ninguém, antes de Jesus, jamais identificou o Messias, o Filho do homem e o Servo Sofredor do Antigo Testamento, como três aspectos de um Redentor e Rei. Os discípulos ficam tão deprimidos por sua dificuldade de aceitar o sofrimento do Messias que, aparentemente, nem mesmo ouvem a promessa de ressurreição. Pelo menos, inicialmente, não creram nela (Lc 24.25, 37, 38).

* **17.24-27** O imposto para o templo foi prescrito em Êx 30.13. A

passagem não

diz respeito ao pagamento de impostos à autoridade civil (22.21). O ponto de Jesus é que o Cristo e seus discípulos desfrutam de um relacionamento com Deus, que os libera das obrigações impostas sobre os "estrangeiros". Contudo, Jesus está disposto a conformar-se à prévias exigências, com o fim de evitar ofensas. Paulo recomendou (Rm 14.13-21) e praticou (At 16.3; 21.26) semelhante observância contínua de algumas exigências rituais do Antigo Testamento.

* **18.1-35** Este capítulo é o quarto dos cinco grandes discursos, em Mateus

(Introdução: Características e Temas).

* **18.3** **como crianças**. Jesus faz esta comparação não porque se imagina que as

crianças sejam inocentes, mas porque elas são dependentes de outros e, voluntariamente, aceitam deles aquilo que não podem obter por si mesmas.

* **18.5** **E quem receber.** Uma vez que os seguidores de Jesus devem tornar-se

"como crianças", os "pequeninos" representam quaisquer discípulos. A resposta aos discípulos de Jesus é uma resposta ao próprio Jesus, e levar um discípulo a pecar é delito grave (v. 6).

* **18.7** A depravação humana universal resultará em escândalos inevitáveis ("porque

é inevitável que venham"), porém, a responsabilidade individual ("ai do homem pelo qual vem o escândalo") não é diminuída pela ocorrência corriqueira do pecado.

* **18.8-9** Ver notas em 5.1—7.29 e 5.29.

* **18.10 seus anjos.** As Escrituras ensinam que anjos guardam e ministram ao povo

de Deus (Sl 91.11; Hb 1.14), e que a estes seres espirituais podem ser atribuídas áreas

específicas de responsabilidade (Dn 12.1). Ainda que este versículo seja interpretado

como significando que cada crente tem um anjo de guarda pessoal (At 12.15 e nota), esta crença popular vai além da evidência bíblica. Não obstante, o cuidado de Deus, para com seu povo, através dos anjos, deve ser um encorajamento aos cristãos.

* **18.12-14** A preocupação por uma só não é às expensas das noventa e nove, mas indica o compromisso de Deus com cada discípulo, e sua especial preocupação por um que se extravia ou está em perigo. Deus elege, busca e preserva não somente sua igreja como um todo, mas cada indivíduo dentro da igreja. Ezequiel 34.11-16 provavelmente está por trás desta parábola.

* **18.15 Se teu irmão pecar**. Estes três estágios para tratar com o cristão em pecado constituem o coração de toda disciplina eclesiástica. O objetivo é levar ao arrependimento, enquanto procura reduzir a consciência pública do referido pecado ao mínimo. Em hipótese alguma deve este assunto ser propagado ao mundo em geral. Ver nota teológica "Disciplina Eclesiástica e Excomunhão", índice.

* **18.17 igreja.** O uso da palavra "igreja" por Jesus pode parecer prematuro, porém, só se a "igreja" estiver divorciada de suas bases no Antigo Testamento. Na tradução grega do Antigo Testamento (A Septuaginta) a "*assembléia"* do povo de Deus é chamada *ekklesia,* ou "igreja". O uso de Jesus de Dt 19.15, no v. 16, implica em que a igreja é equivalente ao Israel do Antigo Testamento.

considera-o como gentio e publicano. Tais indivíduos devem ser cortados da comunhão e suspensos das plenas relações sociais com outros cristãos. Paulo aplica esta disciplina em 1Co 5 e 1Tm 1.20.

* **18.18** Ver nota em 16.19.

* **18.19-20** Estes versículos devem ser tomados no seu contexto mais amplo,

como tratando ainda da disciplina na igreja. O verso 19 é uma posterior aplicação do v. 18, e o v. 20 afirma que Jesus está presente para validar a atividade judicial da igreja.

* **18.23-35** Ver 5.7 e 7.2. Os que conhecem a misericórdia de Deus devem agir

segundo o princípio da misericórdia. Se não mostrarem misericórdia, mas insistir na

justiça, não receberão misericórdia, mas justiça. Um coração que não perdoa é um

coração não perdoado, e está sujeito ao tormento até que pague toda a dívida (v. 34; 6.12, nota). Um coração verdadeiramente perdoado é resultado do renascimento espiritual (Jo 3.3).

* **18.24 talentos**. Um talento era a mais alta unidade monetária da moeda corrente,

e era equivalente a seis mil denários ou dracmas (v. 28, nota). Uma tal soma de dinheiro era praticamente incontável e ilustra a enorme dívida do pecado em que todos temos incorrido, diante de Deus.

* **18.28 cem denários.** O denário romano era o salário de um dia para o trabalhador

(20.2) e era equivalente à dracma grega (At 19.19). A soma devida pelo segundo servo ao primeiro, nada é quando comparada à dívida do primeiro servo para com o rei, e era menos do que uma parte numa centena de milhares.

* **19.3 É lícito**. A pergunta dos fariseus pode refletir a opinião de Hillel, um rabino

que permitia o divórcio pelas mais fúteis razões, baseado em Dt 24.1-4. Ele foi contrariado por um outro mestre, Shammai, que considerava somente a indecência gritante como base própria para o divórcio. A resposta de Jesus transcende a este debate a respeito de Deuteronômio e retorna à ordem da criação de Deus. Jesus considera o divórcio como uma fundamental negação da ordem criada por Deus e da natureza do casamento.

* **19.7-8** Ouvindo o ponto de vista de Jesus a respeito do casamento, os

fariseus pensaram que podiam colocá-lo contra Moisés. Porém, Jesus mostra que Moisés, em Dt 24.1-4, não estava dando justificativa para o divórcio, mas oferecendo providências no caso de divórcio. Dt 24.1-4 consiste de uma longa afirmação condicional introdutória ("se acontecer"), terminando com a proibição para um homem casar novamente com uma mulher de quem ele já havia se divorciado anteriormente. A dureza de coração com respeito ao casamento e ao divórcio é especificamente refreada por este dispositivo legal.

* **19.9 não sendo por causa de relações sexuais ilícitas. A palavra grega para**

"relações sexuais ilícitas" é bastante ampla e inclui, além do adultério, vários pecados de

natureza sexual. Nesta cláusula (presente também em 5.32, mas omitida em Mc 10.11),

Jesus reconhece que a infidelidade conjugal, potencialmente, destrói os laços conjugais

entre os cônjuges e, portanto, torna-se base para o divórcio legal. Contudo, o divórcio não

é obrigatório, e a reconciliação (ver 18.23-35, nota) é preferível. Ver " *Casamento e Divórcio",* em Ml 2.16.

*** 19.10 não convém casar.** A reação dos discípulos parece cínica. Jesus aceita a

resposta deles e diz que pode ser melhor não casar, mas somente por causa do reino e não porque Deus vê o casamento como se fosse uma união impraticável (cf. 1Co 7.7-9).

*** 19.14 Deixai os pequeninos... vir a mim.** Os discípulos consideravam as crianças

como um embaraço na obra de Jesus, mas Jesus as acolhe como súditos do reino e as abençoa. Uma vez que a entrada do reino é pela graça de Deus e não por conquista humana, os pequenos dependentes desfrutam de direito especial às bênçãos da Aliança (18.1-9). Ver "Batismo Infantil", em Gn 17.11.

*****

19.16 alcançar a vida eterna. Esta expressão é equi a "entrar... no reino de

Deus" (v. 24) e "ser salvo" (v. 25).

*****

19.21 vende os teus bens. A instrução de Jesus à jovem para vender tudo o

que possuía, foi porque ele tinha demonstrado que lhe faltava a atitude de desligar-se de todas as coisas (16.24) por causa da imerecida graça de Deus (Fp 3.7-9).

* **19.23-26** A riqueza era considerada evidência da aprovação de Deus e o rico parecia ser o mais provável candidato ao reino. Jesus inverteu esta idéia e o resultado não passou despercebido aos discípulos: "quem pode ser salvo?" (v. 25).

* **19.28 para julgar.** Governar, e não sentenciar à punição.

* **19.29 receberá muitas vezes mais.** As bênçãos da salvação excedem em muito a

qualquer coisa que alguém deve abandonar para obtê-las (1Co 2.9).

* **19.30 primeiros serão últimos.** Posições de honra ou prestígio nesta vida, de

modo algum asseguram a aprovação do céu; na verdade, com freqüência, o inverso é o que acontece. Do mesmo modo, como a parábola seguinte ilustra (20.1-16) a extensão do labor terreno pode não corresponder à recompensa celestial que se recebe.

* **20.1-15** Esta parábola só é difícil de entender para aqueles que falham em

reconhecer sua absoluta dependência da graça diante de qualquer coisa boa que vem da mão de Deus. Não há espaço para o cristão ter ciúme das boas dádivas de Deus dadas a outros.

* **20.2 um denário.** Ver nota em 18.28.

* **20.16** Ver nota em 19.30.

* **20.17-19** Esta é a terceira predição que Jesus faz de sua paixão e ressurreição

(16.21, nota; 17.22-23, nota).

* **20.23 cálice.** No Antigo Testamento, o "cálice" normalmente significa o

derramamento da ira de Deus (Sl 75.8; Is 51.17, 22; Jr 25.15-16). Que os discípulos beberiam este cálice significa que eles passariam por sofrimentos, porém, note-se, que Jesus o chama "meu cálice". Pelo fato de Jesus ter bebido o cálice da ira de Deus, como seu, os crentes não bebem a ira que merecem. Em e através do sofrimento de Cristo, eles já foram julgados. Agora são justificados em Cristo e herdeiros de sua glória (Rm 8.17). Contudo, o privilégio dos crentes é serem identificados com Cristo, no seu sofrimento (1 Pe 2.21).

* **20.28 resgate.** Este termo se refere ao preço pago para livrar alguém da

escravidão ou da prisão. O preço para a libertação do pecado e da condenação é a vida de Jesus, oferecida em favor de nós (1Pe 1.18-19). Uma vez que os eleitos são resgatados da ira de Deus, o resgate foi oferecido a Deus mesmo. Jesus bebe o cálice da ira de Deus (v. 23), não por seus próprios pecados, mas como um meio de resgatar a muitos.

por muitos. A preposição grega traduzida por "por" pode também ser traduzida "em lugar de". Expressa a natureza substitutiva do sofrimento de Jesus. O fato de Jesus, aqui, dizer "muitos" (cf. Is 53.11-12), ao invés de "todos" indica um enfoque específico ou definido de sua atividade redentora. Não obstante, são "muitos" e não "poucos". Ver notas em Jo 17.9; 1Tm 2.6.

* **20.29 Saindo eles.** Lucas diz que eles estavam entrando em Jericó, ao invés de

estarem saindo. Uma possibilidade é que Mateus e Marcos se refiram às ruínas de Jericó do Antigo Testamento, cerca de uma milha distante da nova cidade de Jericó, construída por Herodes (Lc 18.35,

nota).

* **20.30 dois cegos.** Outra vez Mateus menciona dois homens, onde Marcos e

Lucas referem só um (8.28, nota).

* **21.1-**
11 Dos Evangelhos Sinóticos, só Mateus menciona a m

provavelmente para dar ênfase ao fato de que o jumento era um animal jovem e ainda não desmamado e, portanto, nunca montado (cf. Mc 11.2) e por causa da citação de Zc 9.9, que profetiza que o rei virá "montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta". Jesus faz o cumprimento da profecia tornar-se inequívoco.

A Entrada Triunfal é claramente um ato simbólico. Zc 9.9 era reconhecido pelos judeus como messiânico, e o clamor "Hosana ao Filho de Davi" (v. 9) bem como o estender dos mantos pelo caminho (cf. 2Rs 9.13) indicam que a multidão reconhece a reivindicação de Jesus ser o Messias. Notemos a proclamação de Salomão, por Davi, como seu herdeiro, quando o fez entrar na cidade montado na sua mula (1 Rs 1.33, 38, 44).

* **21.7 e sobre elas Jesus montou.** Jesus montou sobre o jumento (Mc 11.2).

Neste caso, "elas" se refere às vestes.

* **21.9 Hosana.** Uma expressão hebraica que significa "salve, agora".

* **21.12,13** João 1.13-17 fala da purificação do templo como tendo ocorrido no

começo do ministério de Jesus e não durante o final da última semana. Muitos estudiosos, tanto liberais como conservadores,

sugerem que ou João ou os Sinóticos mudaram a ocasião em função de motivos teológicos ou outras razões. Outros concluem que Jesus expulsou os cambistas do templo em duas ocasiões diferentes (Mc 11.15, nota).

* **21.13 covil de salteadores.** A frase é de Jr 7.11. Através do profeta o Senhor

denuncia a idéia de que o templo físico garantia suas bênçãos, a despeito da iniquidade de Judá. Esta mesma noção supersticiosa prevalecia no tempo de Jesus.

* **21.16** A citação que Jesus faz do Sl 8.2, para justificar o louvor das crianças, é espantosa porque o Sl 8 diz que Deus ordenou o culto para si mesmo, dos lábios das crianças. Aí, Jesus, indiretamente, reivindica a prerrogativa de divindade.

* **21.18-20** Mateus condensa um incidente que teve lugar em dois dias separados

(cf. Mc 11.12-14, 20-26). A ligação destes incidentes com a purificação do templo sugere o iminente castigo de Deus sobre Israel, pela destruição da cidade e do templo (Jr 24.1-8).

* **21.21-22** Isto é semelhante a 17.20, porém, aqui a ênfase recai em não duvidar.

Ficar livre de dúvidas surge da consciência de que algumas coisas são, verdadeiramente, da vontade de Deus. A verdadeira fé recebe aquilo que pede; a confiança em Deus não é a arrogância presunçosa, mas é submissão à vontade de Deus.

* **21.33-46** Esta parábola está baseada em Is 5.1-2 e, possivelmente, também no

Sl 80.8-18. O significado é claro: o proprietário da terra é Deus, a vinha é o reino de Deus (v. 43), os servos são os profetas, o filho é

Jesus, os lavradores são os judeus que se opõem a Jesus, a morte do filho é a crucificação, e a remoção dos lavradores é a transferência do reino para um novo povo de Deus, que inclui os gentios.

* **21.42** Em resposta ao desafio à sua autoridade (v. 23), Jesus cita o Sl

118.22-23, como evidência de que sua autoridade é dada por Deus, ao invés de derivada de instituições humanas.

* **21.44** Este dito combina as profecias de Is 8.14 e Dn 2.34, 44. Jesus se

proclama o destruidor dos reinos da terra e o fundador do reino de Deus sobre a terra e, ao mesmo tempo, declara que os líderes judeus são, como foi profetizado, os opositores deste reino. A citação que Jesus faz do Sl 118, e a alusão a Is 8.14 e Dn 2, oferecem a base para a "pedra", ser uma referência a Cristo, que aparece freqüentemente no Novo Testamento (At 4.11; Rm 9.33; 1Pe 2.6-8).

* **22.1-14** Embora haja similaridade entre esta parábola e Lc 14.16-24, há

poucos paralelos verbais e algumas grandes diferenças. Elas devem ser consideradas

como parábolas diferentes, ditas em diferentes ocasiões. A primeira parte da parábola (vs.

1-10) continua o tema começado no capítulo anterior, que os herdeiros do reino o

rejeitaram e o reino foi oferecido a outros. Os servos de Deus têm a tarefa de oferecer o

evangelho a todas as pessoas (v. 9). A segunda parte (vs. 11-14) afirma que receber um convite para o reino de Deus, não garante a inclusão nele, pois o convidado deve estar apropriadamente vestido (cf. Zc 3.3-5; Ap 3.18; 19.8). Ainda que cada um que ouve o evangelho tenha sido convidado, e ainda que muitos possam alegar que estão no reino, somente os que estão vestidos com a justiça de Cristo são realmente apresentáveis a Deus. Só os que são escolhidos estarão presentes na ceia das bodas do Cordeiro, e esta eleição não depende de qualquer *status* anterior (8.11-12).

* **22.13 para fora, nas trevas.** É uma descrição da punição eterna. Não haverá posição intermediária entre céu e inferno.

* **22.14 chamados... escolhidos.** Ver "Vocação Eficaz e Conversão", em 2Ts 2.14.

* **22.17 tributo**. A odiada captação de impostos simbolizava submissão a Roma. Se

Jesus simplesmente,advogasse o pagamento dos impostos, ele alienaria o povo; se ele encorajasse o não pagamento, os herodianos o acusariam de traição. A resposta de Jesus coloca a questão num nível mais profundo do compromisso último a Deus. A moeda que traz a imagem de César, pertence a ele; os seres humanos, criados à imagem de Deus, pertencem a Deus.

* **22.21 a César.** Ver "Os *Cristãos e o Governo Civil",* em Rm 13.1.

* **22.31-32 não tendes lido.** Jesus cita do Pentateuco (Êx 3.6), uma porção das Escrituras particularmente valiosa aos saduceus. Que Deus "é" (e não "era") o Deus dos patriarcas, proclama a ressurreição, porque Deus "não é Deus de mortos e sim de vivos". O Deus eterno chama seus santos a um eterno relacionamento com ele mesmo. Tudo isto implica que os patriarcas continuam a viver na presença de Deus e serão ressuscitados no futuro.

* **22.37 Amarás.** Ver "Amor", em 1Co 13.13.

* **22.40 toda a lei e os profetas.** Um modo de referir-se a todo o Antigo Testamento. O amor cumpre a lei, porque resume os mandamentos de Deus e motiva a obediência a eles (Rm 13.8-10; 1Co 13). Não dissolve as normas de conduta estabelecidas por Deus, mas as ilumina e aprofunda (5.17; Rm 8.4). Ver *"A Lei de Deus",* em Êx 20.1.

* **22.42 Que pensais.** Os fariseus tinham testado a Jesus e Jesus agora os testa,

focalizando a questão crucial — a identidade do Messias (Cristo) — e sua citação do Sl 110 mostra que o ponto de vista comum a respeito do Messias era também limitado.

Cristo. Ver nota em 1.1.

* **23.1-39** Alguns consideram este capítulo como outro discurso (neste caso seriam seis discursos e não cinco, Introdução: Características e Temas), ou o consideram como parte do discurso escatológico, nos capítulos 24 e 25. Entretanto, o discurso não é concluído pela frase que encerra os outros discursos ("quando Jesus acabou de proferir estas palavras ou expressões análogas — Mt 7.28; 11.1; 19.1; 26.1). Continua a atividade profética de Jesus de pronunciar os oráculos dos "ais" aos líderes infiéis de Israel (vs. 1336, nota). Está relacionado com o discurso seguinte, no qual estipula a razão para a destruição de Jerusalém, anunciada na linguagem da profecia do Antigo Testamento.

* **23.2 Na cadeira de Moisés, se assentaram.** Ainda que Jesus, em outros lugares, condene os escribas e fariseus por acrescentarem tradições humanas à lei e por distorcerem o espírito da lei (vs. 13—32; 15.1-9), aqui ele reconhece o legítimo ofício de ensinar, que eles exerciam (Dt 17.8-13).

* **23.4** Ver nota teológica "Legalismo", índice.

* **23.5 filactérios**. Ver nota em Êx 13.9.

* **23.8-10** Ao proibir o uso dos títulos "Mestre” (v. 8), "Pai” (v. 9) e "guias” (lit.

v.10), Jesus não proíbe a organização ou o uso de todos esses títulos na igreja (cf. At 20.17; 1Co 9.1; 1Tm 3.1,2, 8, 12; Tt 1.5-7). A advertência de Cristo é contra a tentação de conceder, aos líderes humanos, a autoridade e prerrogativa que pertencem só a Deus — uma tentação aqui exemplificada pelo uso de pretensas formas de tratamento.

* **23.13-36** Lucas 11.37-54 registra uma primeira proclamação de seis ais. Esta

série de sete ais eram um pronunciamento profético do processo legal de Deus contra seu povo, anunciando um iminente cumprimento das maldições da Aliança (cf. Is 5.8-23; Hc

2.6-20). Tais advertências expressam a preocupação de Deus por seu povo e seu desejo de que eles se arrependam (vs. 37-39).

* **23.13 hipócritas.** Ver nota em 6.2.

fechais o reino. Os mestres da lei e os fariseus fizeram isto, afastando o povo de Cristo e de sua justiça. Os discípulos devem fazer o oposto, proclamando livremente o evangelho.

* **23.15 inferno.** Ver nota em 5.22. Os que eram legalistas fizeram prosélitos iguais a

eles mesmos, predispondo-os contra o recebimento da justiça que vem pela fé.

* **23.16 Quem jurar.** Ver 5.33-37. Este modo de fazer votos é semelhante às

crianças, que fazem promessas com seus dedos cruzados escondidos atrás das costas. Deus deseja a verdade em todas as

nossas palavras (5.37).

* **23.24 mosquito... camelo.** O mosquito era o menor dos animais impuros e o

camelo era o maior. No aramaico as duas palavras soam de modo semelhante.

* **23.35 Abel... Zacarias**. Abel foi a primeira pessoa a ser morta por causa da justiça

(Gn 4.8). A identidade de Zacarias com este caso é problemática, e todas as soluções sugeridas têm suas dificuldades. Zacarias, o profeta, era "filho de Baraquias", mas não há evidência de que ele tenha sido martirizado. Houve um Zacarias que era filho de Baruque, e que foi morto pelos zelotes, como foi mencionado por Josefo ("Guerras dos Judeus", 4.334-44). Ele foi morto na área do templo, porém, provavelmente não entre o santuário e o altar. Zacarias, filho de Joiada, é o último mártir mencionado no Antigo Testamento, na ordem canônica hebraica (2Cr 24.20-22). Ele foi morto no pátio do templo por ordem de Joás. Se não fosse pelas palavras "filho de Baraquias", o Zacarias do texto seria mais provavelmente o Zacarias de 2Cr 24, uma vez que Abel e Zacarias são o primeiro e o último mártires do cânon hebraico. É remotamente possível que a expressão "filho de Baraquias" tenha sido uma inserção feita por um copista da época da igreja primitiva. (Lucas 11.51 não registra essa expressão).

a quem matastes. Por perseguirem a Cristo, os fariseus foram identificados com seus ancestrais assassinos.

* **23.36** A punição "sobre a presente geração" sofreu foi a destruição de Jerusalém e

do templo, no ano 70 d.C.. Ver nota em 24.34.

* **23.39 já não me vereis, até.** Alguns interpretam este

versículo como uma

promessa de conversão dos judeus, no fim dos tempos (Rm 11.25-32 e nota), ainda que o contexto pareça apontar mais para o julgamento do Israel nacional e para a extensão das promessas ao Israel espiritual, composto de gentios e de judeus (v. 38; cf. 21.43).

* **24.1—25.46** Estes dois capítulos são os últimos dos cinco grandes discursos de Jesus, em Mateus. Este discurso é chamado às vezes "discurso do monte das Oliveiras", por causa do lugar em que foi proferido. A maior parte deste discurso é registrada também por Marcos 13. A linguagem é simbólica e trata de vários eventos, e não apenas de um único incidente.

Há três abordagens interpretativas básicas deste discurso: primeira, todo o capítulo 24 ou a maior parte dele (pelo menos até o v. 35) trata exclusivamente da destruição de Jerusalém, e da vinda do Filho do homem (24.30) é a exaltação de Jesus no céu. Segunda, é que todo o sermão trata da Segunda Vinda de Cristo, no julgamento final. Terceira, é que o sermão combina a destruição de Jerusalém e o julgamento do mundo, de tal modo, que é difícil separar as referências aos eventos a respeito da queda de Jerusalém dos da Segunda Vinda.

* **24.2 pedra sobre pedra.** Esta profecia se cumpriu durante a conquista romana

de Jerusalém, no ano 70 d.C. (Mc 13.2, nota).

24.4-14 Guerras, terremotos, perseguições e falsos profetas são os sinais da Vinda de Jesus, mas estes sinais indicam somente a certeza do julgamento e não a data em que ocorrerá (vs. 6-8). Tais sinais caracterizam todo o período entre sua ressurreição e sua vinda para julgar. Saber quando Jesus retornaria levaria Seus discípulos ao ócio e à frouxidão, em sua vigilância. O "quando" (v. 3) é respondido por Jesus com uma orientação vinculada a uma tarefa: será depois que o Evangelho for pregado a todas as nações (v. 14).

24.8 dores. Lit., "dores de parto".

*** 24.14 por todo o mundo.** Ver "A *Missão da Igreja no Mundo'',* em Jo 20.21.

*** 24.15-21** Ainda que alguns intérpretes tomem esta passagem como se

referindo exclusivamente à Segunda Vinda, há nela referências inconfundíveis à destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., como é claro no relato paralelo de Lc 21.20-24. A destruição de Jerusalém era o prenúncio do Juízo Final e, assim, era o sinal da ira vindoura. Ele permanece como a declaração incomparável do fim da era antiga e, por isso, é um sinal específico e singularmente importante.

*** 24.15 o abominável da desolação.** A frase é de Daniel 9.27; 11.31, onde se refere

à profanação do templo por Antíoco Epifânio, em 168 a.C.. Antíoco erigiu um altar pagão no templo. Segundo Josefo, ele também sacrificou porcos ali. Pouco antes do ano 70 d.C., os Zelotes estiveram no recinto do templo, durante a guerra com Roma, e sua presença ali pode ter sido considerada uma profanação. No ano 70 d.C., os romanos entraram no templo com seus estandartes militares, suas insígnias cerimoniais que eram elementos de sua religião. Carregaram os vasos sagrados inclusive o candelabro e incendiaram o templo. Esculturas das tropas romanas carregando os vasos são vistas no Arco de Tito, em Roma.

quem lê entenda. Este, possivelmente, não é um comentário do Evangelista, mas de Jesus. De qualquer modo não quer dizer "quem lê este Evangelho", mas "quem lê Daniel".

*** 24.16 fujam para os montes.** Segundo Eusébio, historiador da Igreja Primitiva, os

cristãos fugiram de Jerusalém durante a guerra judaica, em obediência à profecia.

* **24.22 aqueles dias.** Ainda que este versículo seja tomado usualmente em

conexão com os vs. 15-21, é possível também entendê-lo como se referindo ao amplo “princípio das dores” (vs. 4-14).

* **24.24 se possível.** Embora os falsos profetas tentem enganar os eleitos, não há

real possibilidade de que sejam bem sucedidos nesse propósito. Deus protegerá os eleitos bem seguros em seu amor (Rm 8.31-39; cf. Jo 10.28-29). Ver *“Perseverança dos Santos”,* em Rm 8.30.

* **24.27 como o relâmpago.** A vinda de Cristo será evidente, sem ambigüidade e visível a todos.

* **24.28 Onde estiver o cadáver.** O sinal da vinda de Jesus será tão claro como onde a carniça está: os abutres voam juntos sobre ela.

* **24.29-31** Alguns têm entendido estes versículos como significando a derrota das forças de Satanás, a vindicação do Filho do homem e a disseminação do Evangelho por todo o mundo, como tendo ocorrido simbolicamente na destruição de Jerusalém. Porém, a linguagem do v. 31 é paralela à passagens como 13.41; 16.27; e 25.31, bem como à passagens tais como 1Co 15.52 e 1Ts 4.14-17. A passagem, aqui, deve referir-se naturalmente à Segunda Vinda.

* **24.30 sinal.** Cristo mesmo ou os primeiros momentos de sua aparição.

lamentarão. A lamentação das nações é uma alusão a Zc 12.10-12, e a vinda sobre as nuvens refere-se à posse do domínio por Cristo, profetizada em Dn 7.13-14.

* **24.34 esta geração.** A frase, naturalmente, se refere ao povo que vivia nos dias de Jesus. Alguns sugerem que significa "esta raça" ou a algo melhor, "esta espécie de gente", isto é, pessoas más e adúlteras, 12.39.

tudo isto. Isto é, "todas estas coisas" referidas no v. 33, que são distintas da consumação em si. Elas são "o princípio das dores" (v. 8) e sinais que apontam para a vinda final de Cristo, incluindo o cerco e a queda de Jerusalém. Todos os elementos desta profecia, exceto a Segunda Vinda, ocorreram de alguma forma antes que os discípulos morressem (Lc 21.32, nota).

* **24.36 ninguém sabe.** Isto permanece verdadeiro e as tentativas para predizer o tempo do fim são, efetivamente, bloqueadas por esta verdade. Ver *"A Humanidade de Jesus",* em 2Jo 7.

* **24.42 vigiai.** Um estado ativo, e não espera passiva, de acordo com os vs. 45-51.

em que dia vem. Ver "A *Segunda Vinda de Jesus",* em 1Ts 4.16.

* **25.1-13** A demora da volta de Cristo distingue o sábio do tolo. Estar pronto

significa estar preparado para uma longa espera; o zelo de pouca duração é inadequado.

* **25.15 talentos.** Ver nota em 18.24,28. A palavra "talento", em português,

significando um dom natural ou habilidade, é derivada desta parábola.

* **25.24 sabendo que és homem severo.** Este terceiro servo não estava querendo

fazer a obra de investimento de seu talento, em benefício de outrem.

* **25.31 Filho do homem.** Ver nota em 8.20.

* **25.32 ovelhas**. A figura do povo de Cristo como ovelhas é encontrada em Ez 34 e

faz parte do ensino de Jesus (10.16; 18.12). A separação se refere a indivíduos e não à nações.

* **25.40 a um destes meus pequeninos irmãos.** São os discípulos de Cristo (10.42;

12.48,49; 18.14) e não o pobre e necessitado em geral. O julgamento das nações depende de como elas respondem aos cristãos e ao Evangelho (10.40-42), não apenas porque é através do testemunho dos cristãos que os gentios podem ouvir e crer (Rm 10.14), mas também porque Cristo se identifica com o seu povo. O sofrimento deles é o sofrimento de Cristo e a compaixão mostrada aos discípulos é compaixão mostrada a Cristo.

* **25.41** Ver nota teológica "O Juízo Final", índice.

* **25.46 castigo eterno.** Ver *"Inferno",* em Mc 9.43.

* **26.5 Não durante a festa.** Ainda que os oficiais esperassem adiar o assassinato de Jesus até depois da Páscoa (Mc 14.1, nota), o propósito de Deus (v. 2) era que esse assassinato tivesse lugar durante ou pouco antes da festa (v. 17, nota).

* **26.6-13** Marcos 14.3-9 concorda com a narrativa de Mateus no que concerne

à data (dois dias antes da Páscoa, v. 2) e o modo de ungir (sobre a cabeça de Jesus).

João 12.1-8 difere cronologicamente (seis dias antes da Páscoa), mas ainda que certos

detalhes sejam diferentes (Maria unge os pés de Jesus) não há conflito (Jo 12.3, nota). Estas três narrativas provavelmente relatam o mesmo incidente. Lucas 7.36-38, contudo, tem somente similaridade superficial com esta história.

*** 26.8 indignaram-se os discípulos.** João registra a objeção hipócrita de Judas (Jo

12.4-6) e Mateus indica que os outros concordaram com ele.

*** 26.11 os pobres.** Cuidar dos pobres é mandamento de Deus, mas o mandamento

não tem prioridade maior do que Jesus, o único enviado pelo Autor do mandamento. Do mesmo modo, Deus manda honrar o pai e a mãe, mas não acima da honra devida a Jesus (10.37; 15.4-6; 19.29).

*** 26.17 primeiro dia dos pães asmos.** O dia da preparação para a Páscoa,

presumivelmente 14 de Nisã (o primeiro mês do calendário judeu). Jesus celebrou a Páscoa ao anoitecer de 15 de Nisan e foi crucificado na tarde do dia seguinte. O Evangelho de João parece apresentar Jesus como tendo sido crucificado no dia anterior à Páscoa (Jo 18.28; 19.14, 31), tornando a Ceia do Senhor diferente da refeição Pascal.

Calvino entendia o dia da preparação como o dia anterior à Páscoa e argumenta que os judeus, de acordo com algumas tradições, combinaram a Páscoa com o Sábado semanal (Jo 19.14, nota). Nesse caso, Mt 27.62 se referiria ao dia da preparação observado pela liderança judaica. Há alguma dificuldade, contudo, em ver como os discípulos de Jesus teriam tido o seu cordeiro sacrificado um dia antes da programação oficial, e Marcos 14.12 indica claramente que Jesus se preparou para a Páscoa no dia em que os cordeiros eram sacrificados habitualmente. Qualquer que seja a solução, Mateus

identifica claramente a refeição que Jesus comeu com seus discípulos na véspera da sua crucificação, com a refeição da Páscoa.

* **26.18 O meu tempo.** Jesus enfatiza outra vez que todos os terríveis eventos que

logo teriam lugar, estavam totalmente sob o controle de Deus.

* **26.24 Filho do homem.** Ver 8.20, nota.

como está escrito a seu respeito. A morte expiatória de Jesus não resultou de um mero

artifício das autoridades mal orientadas. O evento e suas circunstâncias, inclusive a

traição por um amigo (Sl 41.9; 55.12-14), tinham sido determinados por Deus desde antes de o mundo ser formado. Não obstante, os que levaram a efeito a morte de Jesus permanecem responsáveis por suas ações ("ai daquele", cf. At 2.23).

* **26.26-29** Na antiga Aliança a refeição da Páscoa era uma celebração memorial

do livramento de Israel da escravidão no Egito. Ao transformar sua última refeição pascal, instituindo a Ceia do Senhor, Jesus mostra o consistente enfoque na redenção, através de toda a revelação de Deus. A Ceia do Senhor demonstra a continuidade essencial que há entre a antiga e nova aliança, revelando que o verdadeiro significado da Páscoa está no livramento efetuado pela morte de Jesus.

* **26.26 isto é o meu corpo.** No Catolicismo Romano estas palavras são citadas

como base da doutrina da transubstanciação, que ensina que os atributos físicos externos do pão e do vinho, permanecem imutáveis, enquanto a essência invisível é transformada no corpo e sangue de Cristo. Calvino e outros Reformadores reconheceram que os elementos (pão e vinho) representam o corpo e o sangue de Cristo. Jesus disse estas palavras estando fisicamente presente com os seus discípulos, de modo que uma identificação literal dos elementos com a substância física de Jesus, não podia ter ocorrido aos discípulos. O pão e o vinho são mais do que símbolos convencionais porque, através do Espírito Santo, eles comunicam, de maneira *visível,* aquilo que é *lido* e *ouvido* no evangelho (1Co 10.16). Ver *"A Ceia do Senhor',* em 1Co 11.23.

* **26.28 meu sangue... da nova aliança.** A aliança mosaica foi inaugurada com um

sacrifício (Êx 24.28) e a nova Aliança, profetizada por Jeremias (Jr 31.31-34, cf. Lc 22.1720; 1Co 11.23-25), é inaugurada pelo sacrifício de Cristo, para a qual a Ceia do Senhor aponta. Ver "Os *Sacramentos",* em 28.19.

* **26.31 Ferirei o pastor.** No contexto de Zacarias 13.7, o Senhor fere o pastor, o

"companheiro" do Senhor, e os "pequeninos" de Deus são espalhados. Subseqüentemente, eles são renovados e se tornam verdadeiramente povo de Deus. A deserção dos discípulos de Cristo é representativa da apostasia da nação bem como dos remanescentes que Deus salvará.

* **26.39 cálice.** Ver 20.23, nota. Jesus está horrorizado diante da perspectiva de

suportar a ira de seu Pai. Jesus tinha de enfrentar a morte sabendo que seu Pai não estaria com ele, mas contra ele, em ira e juízo.

* **26.52 Embainha tua espada**. Jesus não trouxe o seu reino

mediante a força,

como fazem os reis terrenos.

* **26.54,56 para que se cumprissem.** Jesus sabe que as profecias de salvação,

nas Escrituras, devem ser cumpridas através de sua morte (Lc 22.37). Alguns estudiosos sugerem que Zc 13.7 está ainda em vista (v. 31), porém, o mais provável é que Jesus esteja se referindo mais amplamente à sua morte e ressurreição (Ver Lucas, 24.44-46).

* **26.59-61** Aparentemente, o Sinédrio teve dificuldade em encontrar falsas

testemunhas. Finalmente, usaram uma acusação que era uma distorção daquilo que Jesus havia dito (Jo 2.19). As numerosas irregularidades que ocorreram neste julgamento têm sido apontadas. Isto não é evidência de falta de veracidade histórica, mas das ações extremas que os líderes judeus praticaram, para livrar-se de Jesus.

* **26.63 Eu te conjuro.** Jesus não respondeu e Caifás vai direto ao assunto: Jesus

reivindica ser o Messias enviado por Deus?

* **26.64 Tu o disseste.** A resposta de Jesus é relutantemente afirmativa,

provavelmente porque a compreensão do sumo-sacerdote, a respeito do papel do Messias, era muito diferente do papel que Jesus realmente desempenhava. Jesus responde do mesmo modo a uma pergunta semelhante de Pilatos, em 27.11.

desde agora, vereis. Jesus, provavelmente, está falando do processo de exaltação à mão direita do Pai que, em certo sentido,

começa com a sua humilhação e morte. Os líderes judeus logo veriam, através do relato dos soldados sobre a ressurreição (28.11-15) e do testemunho ocular de Estêvão sobre a majestade do Cristo exaltado (At 7.56), que aquele a quem eles haviam matado, era de fato, o Cristo que dizia ser.

* **26.69-75** As três negações de Pedro são registradas em todos os quatro

Evangelhos (Mc 14.66-72; Lc 22.54-62; Jo 18.15-18, 25-27), ainda que as narrativas

sejam diferentes em certos detalhes. O juramento de Pedro (vs. 72-74) significa que ele

apelou para que Deus testemunhasse algo que não era verdade (ver 5.33-37; Êx 20.7). Todos os Evangelhos registram o incidente, mostrando quão profundamente ele impressionou a mente da igreja primitiva. É um testemunho tanto da fraqueza humana quanto da grandeza da misericórdia de Deus.

* **27.3** **tocado de remorso**. O remorso de Judas não é a mesma coisa que

arrependimento (3.2, nota).

* **27.4** Eles não podem alegar indiferença à questão de "sangue inocente" pelo qual

pagaram o preço (26.15). Esta tentativa de transferir a responsabilidade não é mais eficaz do que a de Pilatos no v. 24.

* **27.5** **foi enforcar-se.** Ver Atos 1.18, nota.

* **27.9** **Foi dito por... Jeremias.** A maioria das palavras da citação

é de Zc 11.12

13, mas o conteúdo está estreitamente relacionado com Jeremias 19.1-13, que é uma profecia de julgamento pelo derramamento de sangue inocente (Jr 19.4). Jeremias fala duas vezes do oleiro (Jr 19.1,11) e o "Campo de Sangue" em Mateus, relembra sua designação de Tofete como "o vale da Matança" (Jr 19.6), que se torna também um cemitério (Jr 19.11). Mateus encontra, nas ações de Judas e dos sacerdotes, o cumprimento das profecias de juízo feitas por Zacarias e Jeremias.

* **27.14** O silêncio de Jesus cumpre Is 53.7.

* **27.25** **Caia sobre nós o seu sangue.** Quando Pilatos parecia relutante em agir, a

multidão não teve medo de dizer que o próprio povo assumiria a responsabilidade. A culpa deles, de Pilatos e de Judas, não é determinada por eles, mas por Deus (cf. At 4.27). De acordo com Ezequiel, os descendentes não participam da culpa dos pais, a menos que continuem cometendo os mesmos pecados dos seus ancestrais (Ez 18.20, cf. At 2.23-39).

* **27.26** **açoitado.** O açoite romano era aplicado com um chicote com muitos fios,

nas extremidades dos quais pedaços de ossos eram presos. Os prisioneiros freqüentemente morriam com este castigo.

* **27.28 manto.** Lit., o "manto" de um soldado romano. Mateus diz que o manto era "escarlate", ainda que Marcos e João dizem que era de "púrpura". O detalhe de Mateus dá ênfase à humilhação e pode sugerir a concepção popular do Messias, como um libertador militar e político.

* **27.32-37** A crucificação causava uma morte lenta e agonizante. Provavelmente, os pregos eram fincados nos punhos, ao invés de nas

palmas das mãos. O peso do corpo suspenso tornava a respiração difícil e dolorosa. Os esforços involuntários das pernas para aliviar a pressão, aumentava enormemente o sofrimento dos pés. Esta terrível experiência continuava até que a vítima, totalmente exaurida, não podia mais respirar; isto podesse durar vários dias.

* **27.34 fel.** Qualquer de várias ervas amargas. Marcos menciona mirra. Estudiosos, freqüentemente, notam que mirra misturada com vinho alivia a dor. Porém, o oferecimento desta bebida não foi um gesto de compaixão, mas de zombaria, como no Sl 69.21. A sede de Jesus teria sido muito grande, mas o fel tornou o vinho algo imbebível.

* **27.35 repartiram entre si as suas vestes.** Esta ação cumpriu o Sl 22.18, como se torna explícito em Jo 19.23-24. Os eventos que envolveram a crucificação de Jesus incluem numerosos cumprimentos do Sl 22.

* **27.37 O REI DOS JUDEUS.** A tabuleta no alto da cruz especificava o crime. Pilatos estava insultando os líderes judeus, mas a ironia dessa verdade estava clara à toda Igreja Primitiva.

* **27.38** O termo traduzido por "ladrões" é uma palavra que Josefo usa para rebeldes. Ladrões não eram comumente crucificados. Talvez estes dois eram do bando de Barrabás (Mc 15.7).

* **27.40** Outra vez, note-se a ironia. Jesus ia voltar depois de três dias e ia "reconstruir" o templo de seu corpo. Precisamente porque ele era o Filho de Deus, não iria descer da cruz.

* **27.45 Desde a hora sexta até à hora nona.** Do meio dia até às três horas da

tarde.

* **27.46 por que me desamparaste.** O grito desolado de Jesus é o cumprimento do

Sl 22.1, mostrando a profundidade do sofrimento que ele experimentava ao sentir-se separado de seu pai. Posteriormente, os apóstolos perceberam que Jesus estava suportando o horror da ira do juízo de Deus sobre o pecado. Este foi, de todos, o mais agonizante dos sofrimentos daquele cujo relacionamento com o Pai era perfeito em amor. O clamor é em Aramaico, exceto a palavra Hebraica "Eli". Marcos emprega a expressão aramaica “Elói”.

* **27.48-49** O cumprimento do Sl 69.21 (v. 34, nota).

* **27.51 o véu... se rasgou.** O véu do templo era uma cortina que separava o Santo dos Santos do resto do Santuário. Simbolizava a impossibilidade de o homem se aproximar de Deus (Hb 9.8). A morte de Jesus foi o seu sacrifício no altar celestial (Hb 9.12, 24, 25), que abriu o caminho até Deus (Hb 10.19-20), removendo o véu. O céu tinha sido aberto através do sacerdócio real de Cristo (1Pe 2.9).

de alto a baixo. Implicando ação divina.

* **27.52 ressuscitaram.** A ressurreição de “muitos... santos”, ainda que mencionada aqui, para mostrar a conexão com o rompimento do véu, ocorreu depois da ressurreição de Jesus. Esta ressurreição era o cumprimento simbólico parcial de Dn 12.2. Não há como saber quem eram estas pessoas, ou se elas morreram novamente, ou foram arrebatadas diretamente para o céu.

* **27.54 Verdadeiramente este era Filho de Deus.** Embora eles possam não ter entendido plenamente a frase que usaram (16.16; Mc 15.39, e notas) os soldados fizeram uma confissão apropriada, enquanto os herdeiros naturais da Aliança estavam ridicularizando o seu Messias.

* **27.57 homem rico.** A doação de um túmulo por José completa o cumprimento, por

27.62-66

parte de Jesus, de Is 53.9. Ver nota em Lc 23.50-51.

Mateus inclui isto como pano de fundo para 28.11-15.

* **27.62 No dia seguinte.** O Sábado. Ver nota em Jo 19.14.

* **28.6 ressuscitou.** Ver *"A Ressurreição de Jesus",* em Lc 24.2.

* **28.10 meus irmãos.** Todos os discípulos de Jesus (12.49-50; 25.40).

* **28.11-15** Este incidente mostra que evidência clara pode não ter efeito sobre os

que estão comprometidos com a incredulidade. Que a história inventada, de que os discípulos teriam roubado o corpo de Jesus, estivesse ainda circulando nos dias de Justino, o Mártir (c. 160), mostra algo do desespero que sentiam os líderes judeus, para explicar o túmulo vazio.

* **28.18** Jesus, agora, tem "toda autoridade". O Filho do Homem compareceu diante do Ancião de Dias e recebeu o domínio prometido (Dn 7.13-14). O último estágio da história começou, mas ele não estará completo até Cristo voltar à terra, em glória (26.64). Ver "O *Reino Celestial de Jesus",* em At 7.55.

* **28.19 Ide, portanto.** A grande Comissão foi dada pela autoridade de Cristo. Posto que o domínio de Cristo é universal, o evangelho deve ir ao mundo inteiro. Esse mandamento é a razão primária para o evangelismo e as missões.

nações. A mesma palavra grega freqüentemente é traduzida por "gentios". A grande promessa de que em Abraão seriam benditas todas as famílias da terra (Gn 12.3), está pronta para ser cumprida.

batizando-os. Ver nota em 3.6. Aqueles que se tornaram discípulos são batizados em (lit. *"dentro")* nome do Deus Triuno. Há um só nome

(e não *nomes)* e um só batismo; Pai, Filho e Espírito Santo são um único Deus. Os discípulos são batizados *em* este nome, porque pertencem a Deus, tendo sido introduzidos na nova Aliança, que expressa a vontade do Deus Triúno. Ver nota teológica sobre “Os Sacramentos”, índice.

* **28.20 ensinando-os a guardar.** Os discípulos não são ensinados simplesmente em que devem crer, mas também em como devem obedecer. Jesus ensinou a santidade prática.

*** estou convosco todos os dias.** Jesus, no seu nascimento (1.23), foi chamado "Emanuel” (Deus conosco). E agora ele promete estar com os seus discípulos até o fim das eras. Está com eles especificamente na responsabilidade de ensinar sua vontade ao mundo. Ver *“A Missão da Igreja no Mundo”,* em Jo 20.21.

O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

*** 1.1 Princípio.** Diferente de Mateus e Lucas, Marcos não contém uma narrativa

do nascimento de Jesus. O "princípio" (cf. Gn 1.1; Jo 1.1) é identificado com o ministério de João Batista (cf. At 1.22) e com as profecias do Antigo Testamento, anunciando a vinda de João Batista.

evangelho. Um termo de comunicado e correspondência política ou pessoal, que significa "boas novas". Os gregos usavam esta palavra para referir eventos tais como o nascimento de um imperador ou uma grande vitória militar.

de Jesus Cristo. Esta frase pode ser entendida ou como "a respeito de Jesus Cristo", ou como "da parte de Jesus Cristo". O Evangelho é "a respeito" de Jesus Cristo, mas é também "da parte" dele (Rm 1.9; 1Co 9.12; 2Co 10.14). O Evangelho de Marcos reivindica autoridade divina e se oferece como a palavra de Cristo através de seus apóstolos, à Igreja (cf. Ap 1.1).

Filho de Deus. Marcos apresenta a Jesus, no começo do seu Evangelho, como o divino e eterno Filho. Ver notas em 13.32; 14.36; 15.39, cf. Rm 1.3.

*** 1.2 está escrito.** Colocando aqui esta citação do Antigo Testamento, Marcos

procura mostrar o progresso orgânico da revelação sob o controle do divino Senhor da História. Se o Antigo Testamento é o início e a fonte do Evangelho, o Evangelho revelado através de Jesus Cristo é a interpretação final e inspirada do Antigo Testamento.

na profecia. Ver referência lateral. A citação é uma cadeia de textos (Êx 23.20; Ml 3.1; Is 40.3), referentes a mensageiros que Deus tem enviado como meio de preparação.

* **1.4 João.** As citações do Antigo Testamento colocam João Batista na pré-

planejada história do trato de Deus com seu povo segundo a Aliança.

no deserto. A pregação de João, no deserto, lembra a Israel, simbolicamente, as suas origens na Aliança celebrada no Êxodo (cf. Jr 2.2). O deserto é o lugar tradicional de encontro entre Deus e seu povo.

1 1

batismo de arrependimento. A comunidade de Qunran, com a qual João pode ter tido contato em sua juventude, praticava rituais de purificações e batismos. Também os convertidos ao judaísmo eram batizados. A inovação de João foi exigir um único batismo de israelitas que já estavam na comunidade da Aliança. Para ele, o exigir um tal gesto de arrependimento radical é um sinal da chegada da Nova Aliança. Ver nota em Mt 3.6.

para remissão de pecados. João, na verdade, não concede perdão de pecados. O perdão definitivo de pecados pertence ao pacto (Jr 31.34) que o Messias inaugurará.

* **1.5 toda... todos.** Isto é uma hipérbole (recurso literário que exagera), indicando que o povo da Aliança foi a João numa grande multidão, sem dúvida como famílias inteiras (4.1; 6.44 e notas).

* **1.6 pêlos de camelo.** As vestimentas e o alimento de João o identificam como um tipo clássico de profeta do Antigo Testamento (2Rs 1.8; Zc 13.4).

* **1.7 E pregava.** A identidade daquele a quem João anuncia e diante de quem ele se sente indigno de ajoelhar-se, é evidente nas profecias do Antigo Testamento já citadas. É o "Senhor" que, "de repente, virá a seu templo... o Anjo da Aliança", tendo sido precedido pelo "meu mensageiro" (Ml 3.1).

* **1.8 Espírito Santo.** A nova Aliança traz renovação ao povo de Deus (Jr 31.33, 34; Ez 37.14) através do Filho e do Espírito, que o Filho possui em medida plena (Is 42.1; 61.1).

* **1.9 Naqueles dias.** De acordo com Jo 2.20, um dos primeiros atos de Jesus,

que se seguiu ao seu batismo, teve lugar quando a reconstrução do templo estava no seu quadragésimo sexto ano. Posto que Herodes começou a reconstrução, no ano 19 a.C., Jesus foi batizado por volta de 27 d.C.

por João foi batizado. Jesus sabe que isto é parte do plano divino, para "cumprir toda justiça" (Mt 3.15), pelo qual, em sua humanidade, ele se identifica plenamente com a

condição humana e começa o processo de levar os pecados da humanidade. Ver nota teológica "O Batismo de Jesus", índice.

* **1.10 logo.** Esta importante palavra (às vezes traduzida "imediatamente") é característica de Marcos (doze vezes no restante do Novo Testamento e quarenta e duas vezes em Marcos). A palavra sugere, talvez, não rapidez, mas a certeza e a inevitabilidade do soberano plano de Deus, recordando os endireitados (a mesma raiz grega) caminhos divinamente preparados para a vinda de Jesus e seu ministério.

Espírito descendo. A descida do Espírito é um sinal da Messianidade de Jesus (v. 8, nota). No batismo de Jesus, como mais tarde no batismo cristão (Mt 28.19) todas as três pessoas da Trindade estão envolvidas. A iniciativa do Pai, a obra vicária do Filho e glória e o poder capacitador do Espírito estão todos presentes.

* **1.11 Tu és o meu Filho amado.** O mistério da pessoa de Jesus encontra expressão na divina declaração. Ele, a Segunda Pessoa da Trindade, é, ao mesmo tempo, o representante do crente, o verdadeiro e fiel "filho” de Israel (Êx 4.23), em quem o Pai se compraz

e a quem o Pai reconhece como Filho, tanto no sentido pessoal como no sentido oficial (Sl 2.7; Is 42.1). Ver nota no v. 1.

* **1.12 o Espírito o impeliu.** O verbo grego traduzido por "impelir" é forte e dá a idéia de necessidade divina e escriturística. O Espírito está impelindo Jesus para o *"deserto",* exatamente como Israel — chamado "filho" (Êx 4.23) e batizado em Moisés no mar (1Co 10.2, cf. Êx 14.13-31) — foi conduzido pelo Espírito nas colunas de nuvem e fogo (Êx 14.19-20), ao longo do caminho da provação, no deserto.

* **1.13 quarenta dias.** Possivelmente uma referência simbólica aos quarenta anos da experiência de Israel, no deserto (Dt 1.3, cf. v. 12, nota).

feras. Este detalhe dá ênfase ao fato de que o deserto é um lugar de maldição, onde o diabo manda (Mt 12.43, cf. Ef 2.2). Jesus entra neste domínio e amarra o valente (ver nota em 3.23-27). Esta é uma espécie de reconstituição da prova a que Adão foi submetido. Ainda que Adão tenha sido provado num jardim e não tenha sido ameaçado por feras, ele sucumbiu à tentação de Satanás. No deserto, Jesus, o segundo Adão,

começa a derrotar Satanás e inicia sua obra de redenção, sendo aprovado no teste de obediência filial.

mas os anjos o serviam. Anjos acompanharam Israel no deserto (Êx 14.19; 23.20; 32.34; 33.2). A experiência de Jesus no deserto é um tipo da que o cristão tem no mundo, que é experenciada por causa do domínio de Satanás (Ef 6.12). Ver nota em 10.30.

* **1.14 Depois de João... para a Galiléia.** Alega-se freqüentemente que a cronologia dos três Evangelhos Sinóticos é irreconciliável com a de João, por três principais razões:

a) a purificação do templo é colocada em diferentes períodos do ministério de Jesus (11.15, nota);

b) nos Evangelhos Sinóticos Jesus vai a Jerusalém só uma vez, na última semana do seu ministério, enquanto no de João ele esteve lá cinco vezes;

c) em João, Jesus tem o seu primeiro ministério na Judéia ao mesmo tempo que João Batista (Jo 3.22-24), enquanto nos Sinóticos Jesus começa o seu ministério na Galiléia. Contudo, ao dizer que um ministério na Galiléia começa só depois que João Batista é preso, Marcos não está negando que houve um ministério anterior na Judéia; esse ministério simplesmente não faz parte de sua narrativa.

* **1.15 O tempo está cumprido.** Os tempos passados, especialmente os atos de salvação de Deus em favor de seu povo Israel, atingiram seu clímax no atual tempo de salvação, através de Jesus.

o reino de Deus está próximo. O reino de Deus é aquele estado final de acontecimentos onde o supremo reinado de Deus é plenamente reconhecido sobre o universo transformado, e nos corações do seu povo redimido e glorificado. Este reino "está próximo" no sentido de que a vinda de Jesus põe em movimento tudo aquilo que contribui para a sua realização. Deus exige arrependimento e crença como respostas a estas novas. Ver nota no v. 4.

* **1.16 mar da Galiléia.** É um lago interior de aproximadamente 21 km de comprimento por treze de largura. É conhecido no Novo Testamento como Lago de Genesaré (Lc 5.1) ou Mar de Tiberíades (Jo 6.1).

* **1.17 Vinde após mim... pescadores de homens. Marcos, imediatamente,**

mostra Jesus chamando discípulos para segui-lo e chamarem outros para ele. Este primeiro ministério referido, na igreja nascente, tem como seu objetivo principal buscar os perdidos. Esta ênfase sobre a

evangelização foi bem percebida por Paulo, que disse: "Ai de mim se não pregar o Evangelho” (1Co 9.16).

* **1.19 Tiago... João.** Note-se que Jesus não recruta seus apóstolos e "pescadores

de homens” dentre os da "intelligentsia” religiosa, mas dentre as pessoas simples, de atividades comuns.

* **1.20 empregados**. Este pormenor sugere um pequeno e próspero negócio.

* **1.22 como quem tem autoridade.** O ensino de Jesus é diferente do ensino dos

escribas, porque está ligado à sua pessoa (2.10) e à sua interpretação das Escrituras (12.35-40). Seu conteúdo é novo, anunciando a vinda do reino (v. 15) e a derrota de Satanás (v. 27).

* **1.24 Que temos nós contigo.** Esta expressão distancia a pessoa que fala

daquela a quem se dirige. Ocorre em outro lugar no Novo Testamento (Jo 2.4).

Nazareno. Nazaré ficava ao ocidente do Mar da Galiléia e era a cidade natal de Jesus.

Santo de Deus. Jesus é descrito deste modo só neste incidente (Lc 4.34). Os demônios tremem na presença da santidade divina.

* **1.25 Cala-te**. Esta forte expressão dá ênfase ao poder de Jesus para estabelecer

o seu reino em face da presença do mal.

* **1.29 Tiago e João.** Ver v. 19.

* **1.30 A sogra de Simão.** Pedro era casado (ver também 1 Co 9.5), mostrando que

o casamento é normal entre os líderes cristãos. Ao mesmo tempo, o celibato permanece como uma possibilidade legítima (Mt 19.12; 1Co 7.7-8, 32).

* **1.32 ao cair do sol.** Jesus já tinha curado no dia de Sábado (v. 25). Nesta

ocasião, o povo esperava ainda o pôr do sol, quando o Sábado terminava, para levar seus doentes a Jesus.

*
1.34 muitos demônios. A quantidade de possessão de

judaica da Galiléia (v. 32, nota) é surpreendente, ainda que a influência pagã ou gentílica, na Galiléia, não deva ser esquecida.

não lhes permitindo que falassem. Este é o primeiro exemplo daquilo que tem sido chamado o "segredo Messiânico" (v. 43; 3.12; 4.10,11; 5.19; 8.30; 9.9). A revelação de Jesus como o Messias tinha de começar discretamente e avançar por estágios, de modo que o plano de Deus, para a morte de seu servo, não fosse comprometido por qualquer excesso de entusiasmo popular.

* **1.35 lugar deserto.** Lit., "lugar desabitado", onde Jesus trava sua luta espiritual

(v. 12, cf. v. 3) e que é também, como o antigo Israel, um tipo da presente caminhada cristã (1Co 10.1-11; Hb 13.12-13).

* **1.38 para isso é que eu vim.** Jesus afirma seu programa de pregação

evangelística com firme clareza. Em Lucas (19.10) ele diz: "porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido". E assim ele se move,

percorrenco a Galiléia várias vezes (v. 39; 6.6; Lc 8.1).

*
1.40 um leproso. Sob a lei mosaica, certas doenças

cerimonialmente impura, excluindo-a do convívio da sociedade (Lv 13.46).

* **1.43 veemente advertência.** Ver nota no v. 34. O verbo grego expressa profunda

emoção, como no caso de Jesus diante do túmulo de Lázaro (Jo 11.33, 38).

*
1.44 servir de testemunho. Jesus respeita a lei mosa

sacerdote de outra linhagem (Hb 7.11—8.13), mas não está preso e nem limitado por ela. Ainda que tocar um leproso fosse uma violação às leis da pureza ritual (Lv 5.3), Jesus o tocou quando o curou.

* **1.45 entrou a propalar muitas coisas.** Este não é o tempo para a proclamação desenfreada (v. 34, nota), ainda que devesse chegar o tempo, na história da redenção (depois da ressurreição), quando a pregação aberta seria adequada (Mt 10.27; Lc 12.2-3).

* **2.1 casa.** Jesus era de Nazaré, cerca de 32 km de distância, e a casa de Simão Pedro (1.29) podia estar servindo como morada em Cafarnaum, uma cidade mais centralmente localizada e com direto acesso ao Mar da Galiléia.

* **2.4 descobriram o eirado.** As casas tinham o teto plano feito de ramos e barro seco, sustentado por vigas de madeira.

* **2.5 os teus pecados estão perdoados.** A resposta de Jesus é extraordinária por duas razões: a primeira, é que o homem tinha vindo em busca de cura física, mas Jesus lhe fala a respeito da doença

mais profunda do pecado, da qual geralmente a doença física é conseqüência; e a respeito da cura radical do perdão, da qual esta cura física específica era um sinal. Segunda, Jesus reivindica para si o poder de perdoar pecados que, em toda a Bíblia, é atribuído só a Deus (Êx 34.7; Is 1.18). Os mestres da lei, imediatamente, acusaram a Jesus de “blasfêmias”(v. 7; 3.29, nota), no que estariam certos se Jesus fosse um mero homem.

* **2.9 Qual é mais fácil.** Jesus pede aos escribas que reconsiderem o seu julgamento à luz do seu poder de curar (cf. 5.36; 10.25, 38), poder que, em última análise, é poder divino (Sl 41.1; Jr 3.22; Os 14.4).

* **2.10 Filho do homem.** Jesus empregou esta frase regularmente para designar-se a si mesmo, associando-se, no seu ministério, com o “Filho do Homem” celestial, de Dn 7.13-14 (v. 28; 8.31; 9.31; 10.33, 45; 13.26).

* **2.14 Levi, filho de Alfeu.** Na narrativa paralela de Mt 9.9-13 esta pessoa é chamada *Mateus.* Uma vez que Mateus aparece na lista de apóstolos de Marcos (3.18) — e não há menção de Levi — parece-nos que Levi tinha por sobrenome *Mateus* e era por esse nome que foi mais conhecido na igreja primitiva.

coletoria. As cabinas de coletor ficavam nas estradas, pontes e canais para cobrar tributos e à beira dos lagos para impostos sobre o pescado. Ver nota em Lc 3.12.

Ele se levantou. A exigência radical do chamado de Jesus e a incondicional obediência daquele que ouve, são mostradas de maneira relevante ao leitor.

* **2.15 estavam juntamente com ele**. O contato com os pecadores faria de Jesus também um pecador, uma vez que os regulamentos rabínicos proibiam especificamente uma tal comunhão à mesa. Por outro lado, os "pecadores” veriam nisto um gesto de amizade e aceitação (14.20, nota).

pecadores. Um termo de desdém usado pelos fariseus para todos os judeus que não seguiam suas tradições de pureza legal.

* **2.16 fariseus.** Descendentes teológicos dos Hasidim — um movimento de devoção, cultura, e lealdade à lei de Moisés do segundo século a.C., contra a influência grega pagã. Nos tempos de Jesus, a estrita observância da lei — especialmente a pureza ritual — era regulada por um conjunto de ensinos éticos conhecidos como "a tradição dos anciãos" (7.3), desenvolvidos pelos rabinos como uma aplicação da lei à situações específicas. A dificuldade de conhecimento desta tradição e todas suas muitas interpretações sutis, criaram uma lacuna social e religiosa entre uma elite hipócrita — "os justos" — e a população geral, os "*pecadores".*

* **2.17 respondeu-lhes... não vim chamar**. Notemos a enfática declaração de prioridade da sua missão (cf. 1.38). Nas palavras de Jesus há tanto verdade quanto ironia severa. Os publicanos (coletores de impostos), as prostitutas e outros semelhantes são espiritualmente "doentes", mas Jesus não pretende que os fariseus pensem em si mesmos como "sãos" (cf. Lc 18.9-14). Jesus põe abaixo as categorias artificiais de toda religião legalista, baseada ha justiça própria. Como o Antigo Testamento (Sl 14.1-3), Jesus ensina que todos são pecadores (7.1-8) e que a justiça é o primeiro e mais importante dom de Deus para os pecadores arrependidos (Sl 51.1-18; Lc 19.9; Rm 3.22).

* **2.18 jejuando.** A lei Mosaica exigia só um jejum por ano, no Dia da Expiação (Lv 16.29-31, cf. At 27.9, que o chama de "Dia do Jejum"). Não obstante, como um sinal de

contrição e penitência, e associado à oração, o jejum era uma parte da piedade, no Antigo Testamento, desde o tempo dos juízes (Jz 20.26; 1Rs 21.27) e, muitas vezes, tornava-se um ritual vazio (Is 58.3). Os fariseus e seus seguidores, aparentemente, jejuavam duas vezes por semana (Lc 18.12). Uma vez que a mensagem de

João Batista centrava-se no arrependimento (Mt 3.11), o jejum era apropriado para os discípulos dele. Jesus, porém, cuja própria mensagem incluía o arrependimento, não insistiu sobre o jejum.

*** 2.19 Respondeu-lhes Jesus.** A razão oferecida por Jesus destaca-o de tudo

aquilo que era antes, porque o "noivo" agora chegou e o "novo" (vs. 21-22) está presente. Ao comparar-se com o "noivo", Jesus afirma a presença do reino como um tempo de celebração, como as bodas. Jesus come e bebe com publicanos e pecadores, trazendo alegria e salvação a eles (Lc 19.6,9).

*** 2.20 jejuarão.** Para Jesus a presente celebração é provisória (v. 19), pois ele tem

que sofrer e morrer, e "lhes será tirado o noivo" (ver At 13.2; 14.13).

*** 2.21-22** As figuras da veste nova e dos odres velhos dão ênfase novamente à

nova situação criada pela vinda do reino e de seu Rei, e procuram mostrar, através desses símbolos da ação insensata, a impropriedade do jejum nesta nova situação.

*** 2.23 dia de sábado.** O problema com o raciocínio legalista de certos fariseus é

ilustrado neste incidente. Os discípulos não estavam furtando nem trabalhando no campo (Dt 23.25). Seus acusadores consideraram mesmo o "colher espigas" (para alimentar-se) como ceifa, o que era proibido pela lei no dia de Sábado (Êx 34.21).

*****

2.25 ele lhes respondeu: Nunca lestes. A pergunta crítica

irônica ao conhecimento que os fariseus tinham das Escrituras (Jo 3.10; 5.39, 47). Jesus não se justifica deixando as Escrituras de lado, mas revela conhecer sua profundidade e sua adequada aplicação às necessidades humanas.

Davi. Executando uma missão divina (1Sm 21.5) como ungido do Senhor, Davi comeu o pão consagrado, normalmente reservado aos sacerdotes. Cristo, como Filho de Davi, permite a seus discípulos satisfazerem suas necessidades físicas, de modo a poderem continuar sua missão de redenção, uma obra que é sempre lícita realizar.

* **2.26 Abiatar.** De acordo com 1Sm 21.1-6, foi Aimeleque, pai de Abiatar, que deu a Davi pão consagrado. Contudo, Abiatar, certamente estava vivo e, talvez, presente quando ocorreu o incidente referido. Portanto, "no tempo do sumo sacerdote Abiatar" é frase rigorosamente certa. Provavelmente Jesus se referiu a Abiatar porque ele era bem conhecido como um dos principais defensores de Davi.

* **2.28 senhor... do sábado**. Outra vez (cf. v. 10) Jesus declara sua autoridade

como Filho do homem que traz bênçãos, esta vez como Mediador da lei do Antigo Testamento referente ao Sábado. Esta reivindicação é feita contra tradições que tinham tornado em peso o quarto mandamento que é estimulador da vida (Êx 20.8-11). Desde que o Sábado foi instituído na criação e não apenas sob Moisés, o senhor do Sábado é também Senhor da criação.

* **3.1 ressequida uma das mãos.** Esta não era uma doença de vida ou morte,

cuja cura era permitida no dia de Sábado, segundo as regras dos fariseus (v. 4, nota). A ação de Jesus pareceria uma provocação deliberada tanto quanto um ato de misericórdia.

* **3.2 estavam observando a Jesus**. Os fariseus (v. 6)

fizeram da ação de Jesus

uma prova, como evidentemente Jesus queria que eles fizessem.

*** 3.4 É lícito.** Jesus antecipa a crítica deles, reiterando o ensino a respeito do

Sábado, ensino que ele começou em 2.25-28. Os fariseus sustentavam que só a ajuda essencial ao doente era lícita no Sábado. Jesus mostra que a interpretação deles era contra o espírito do mandamento, que existia para promover o "bem"(2.27). O bem que Jesus faz, trazendo a redenção, é exigido e não proibido, pela lei divina.

*** 3.6 herodianos.** Um grupo político, não religioso, que apoiava a dinastia de

Herodes. Apoiavam a aliança com Roma e dependiam dela. Ao colaborarem com os herodianos, os fariseus tinham se afastado para bem longe do ideal do Antigo Testamento para o povo de Deus (cf. Dt 17.15). Para mais informações sobre essa conspiração ver Mc 8.15; 12.13.

*** 3.8 grande multidão.** A frase é repetida duas vezes (vs. 8, 9). O ministério

público de Jesus, a despeito da oposição da elite governante, (v. 6), está se tornando um movimento de massa. Jesus é tão pressionado pela multidão que precisa refugiar-se num pequeno barco (v. 9). O povo, de toda parte, vem à Galiléia para ouvir a Jesus.

*** 3.11 quando o viam.** Ainda que as multidões sejam constituídas de judeus (cf.

7.26-29), Jesus está se defrontando constantemente com pessoas possuídas por espíritos malignos. Na presença de Jesus, a verdadeira natureza do combate torna-se evidente (Ef 6.12). Os

demônios são desmascarados e revelam a verdadeira identidade de Jesus, o Filho de Deus (1.1; 15.39, notas).

*** 3.12 advertia severamente. Ver 1.34, 43.**

*** 3.13 os que ele mesmo quis.** Marcos dá ênfase ao fato de que a escolha dos

apóstolos tem origem no determinado propósito de Jesus.

*** 3.14 designou doze.** Num tal contexto, a significação do número "doze"

dificilmente pode passar despercebida. Jesus estava estabelecendo a constituição do novo Israel (Mt 19.28). Ver "Os *Apóstolos",* em At 1.26.

para estarem com ele. Um sinal que aponta para a singularidade dos "doze" é o tempo que eles passam com o Jesus terreno, um tempo de preparação.

pregar. Outra vez (1.14, 17) é a prioridade da missão de pregar juntamente com o exorcismo. O tempo de preparação tem um ênfase marcantemente prática.

*** 3.18 Tadeu.** Marcos e Mateus (10.2-4) listam nomes idênticos para os doze. A

lista paralela de Lc 6.12-16 (cf. At 1.13) tinha "Judas" ao invés de *"Tadeu".* Uma possível explicação desta diferença é que Tadeu pode ter tido um segundo nome, Judas.

zelote. Ver nota em Mt 10.4.

*** 3.19 Iscariotes.** Alguns crêem que Judas era um revolucionário político, porque

“Iscariotes” pode ter sido uma derivação do Latim *sicarius,* “assassinos”. Mais

provalvelmente, no entanto, a palavra deve ter uma origem semítica — *ish,* que significa "homem (de)” e *Queriote,* uma cidade, em Israel, perto de Hebrom (Js 15.25).

* **3.21 parentes de Jesus.** Alguns intérpretes identificam estes como a família de Jesus; outros propõem companheiros ou amigos. Contudo, o grupo está possivelmente identificado no v. 31, como "seus irmãos e sua mãe”.

Está fora de si. A frase expressa uma atitude de descrença para com Jesus da parte daqueles que, humanamente, estavam mais próximos dele.

* **3.22 Belzebu.** O termo grego *beelzeboul,* o deus de Ecrom (2Rs 1.2; Mt 10.25, nota). Os fariseus usam esta palavra como um nome para Satanás, e acusam Jesus de expulsar demônios pelo poder de Satanás.

* **3.23-27 parábolas.** Ver nota em 4.2. Esta parábola ilustra a declaração de

Jesus de que o reino já chegou (Mt 12.28), porque um mais forte do que "o valente” está presente e é capaz de amarrar Satanás e livrar o povo de seus domínios.

* **3.29 blasfemar contra o Espírito Santo.** Para várias formas de blasfêmias, ver 2.7; Êx 22.28; Lv 24.10-16; Ez 35.12,13; Jo 10.33-36; At 6.11. A blasfêmia imperdoável especificada aqui é o ato de associar, deliberadamente, o poder e a obra de Jesus — que está cheio do Espírito Santo — com a obra de Satanás. Isto é identificar o bem espiritual supremo com o mal espiritual supremo endurecendo o coração de maneira a tornar o arrependimento — e, portanto, o perdão — impossíveis. Ver nota teológica "O Pecado Imperdoável”, índice.

* **3.31 mãe... irmãos.** Ver v. 21 e nota. Os estudiosos católicos romanos, para quem a virgindade eterna de Maria é um dogma, sustentam que "irmãos" pode referir-se a relacionamentos mais amplos de família, apontando para Gn 13.8; 14.16; Lv 10.4; 1Cr 23.22. Contudo, em Marcos o termo parece ser sempre usado para significar irmãos de sangue dos mesmos pais. Mt 1.25 indica que Maria e José começaram a ter relações conjugais normais, depois do nascimento de Jesus, acrescentando um sentido adicional à designação de Lucas (2.7), onde Jesus é chamado o "primogênito" de Maria.

* **3.35 qualquer que fizer a vontade de Deus.** A chegada do reino de Deus muda

os relacionamentos humanos. Os que se opõem ao seu progresso — quer sejam mães ou irmãos — devem ser deixados; os que estão no reino se tornam nossos amigos mais íntimos, mais próximos e mais queridos que quaisquer outros.

* **4.2 parábolas.** Ver Mt 13.3, nota.

* **4.3-8 semeador a semear.** Na Palestina do primeiro século, o semear precedia o arar. Nos caminhos feitos pelos aldeães e nas áreas espinhosas, as sementes eram enterradas pelo arado. Lugares rochosos, cobertos por uma fina camada de terra, só se tornavam visíveis depois de arados.

* **4.9 Quem tem ouvidos.** Ver também v. 23; Mt 11.15; 13.9, 43; Lc 8.8; 14.35; Ap

2.7, cf. Sl 115.6. Esta frase é uma chamada para ficar atento.

* **4.10 Quando Jesus ficou só.** Jesus estava só com os seus discípulos, em

particular com os Doze (3.14, nota), dando-lhes instruções especiais. Este aspecto do ministério terreno de Jesus está em todos os

Evangelhos.

*** 4.11 mistério... parábolas.** Ver referência lateral. O "mistério" se refere à

revelação divina especial (Rm 16.25; Ef 1.9; 3.3, 9), a noção do Antigo Testamento, de que o profeta, pelo Espírito, está presente no conselho deliberativo de Deus. Aquilo que ele ouve torna-se sua mensagem autoritativa, divinamente inspirada para o povo (Ex 24.15-18; Dt 33.2; 1Rs 22.19; Is 6.1-13; Jr 23.18; Am 3.7). Tal revelação se cumpre plenamente no evangelho, que Paulo, mais tarde, chamará o "mistério de Cristo" (Ef 3.4; Cl 4.3) ou "o mistério do evangelho" (Ef 6.19). Aqui, o mistério do reino é que o reino vem com Jesus, porque ele é o Rei. Esse "mistério" revelado aos discípulos é contrastado com "parábolas" contadas "aos de fora". Para "os de fora", a parábola é um enigma (contrastar Jo 16.29), obscurecendo o seu entendimento, como as Escrituras tinham profetizado (v. 12, citando Is 6.9-10). Para "os de fora" Jesus permanece um enigma provocativo, como será através de todo seu ministério.

*** 4.13 todas as parábolas.** Esta explicação a respeito da função das parábolas

aplica-se a todas as parábolas. Ver nota em Mt 13.13.

*** 4.14-20** O "mistério" da parábola não é o seu ensino moral a respeito da

dureza dos corações humanos. O "mistério" está no paradoxo que a vinda do reino de Deus deve ser comparada com uma frágil semente. O Filho do homem, que exerce toda autoridade na terra (2.11, 27), aparece como Jesus de Nazaré. A vinda do reino não é igualmente visível a cada um, embora seja um reino de poder. Os que estão fora, têm corações não receptivos. Para aqueles que têm ouvidos para ouvir, a parábola revela o "mistério" da redenção encoberto na pessoa e obra do próprio Cristo (1.34, nota).

* **4.19 fascinação da riqueza. Cf. Ef 4.22.**

* **4.22 nada está oculto... senão para ser revelado**. Durante o ministério terreno

de Cristo coisas estão encobertas; mas virá o dia, da ressurreição em diante, quando tudo será revelado (Mt 10.26, 27; Lc 12.2-3).

* **4.24 Com a medida com que tiverdes medido**. A futura disseminação do

mistério do reino será recompensada na medida direta da fidelidade da pessoa à esta

obra.

* **4.25 ao que tem se lhe dará.** Este princípio é ilustrado nas parábolas dos

talentos (Mt 25.14-30) e das minas (Lc 19.11-27).

* **4.30-32.** A parábola do grão de mostarda é outra vez relacionada com a presente

manifestação do reino, na pessoa de Jesus.

* **4.32 aves do céu.** Em Dn 4.21, a mesma metáfora se refere ao domínio mundial

de Nabucodonosor.

* **4.33-34** Ver vs. 10-12.

* **4.35 a outra margem.** De acordo com 3.7, Jesus está na Galiléia. A "outra

margem" do lago é a região dos gadarenos, em Decápolis (5.1, nota).

* **4.37 grande temporal.** O Mar da Galiléia fica a cerca de 213 metros abaixo do

nível do mar, tem cerca de vinte e um quilômetros de comprimento por cerca de treze quilômetros de largura. Na sua extremidade meridional (sul) há um vale profundo cercado por rochas escarpadas. O vento, afunilando-se através de colinas que o cercam e através deste vale, pode açoitar o lago, provocando repentinas e violentas tempestades.

* **4.38 dormindo.** Jesus tinha estado ensinando o dia todo e, sem dúvida, estava

exausto. Marcos assim como João (Jo 4.6; 11.35, 38), dá ênfase à plena humanidade de Jesus.

* **4.39 Acalma-te, emudece.** Lit., "seja amordaçada". Jesus tem autoridade sobre a

terra para perdoar pecados (2.10), é Senhor do Sábado (2.28), tem autoridade no seu ensino (1.22), sobre os demônios (1.27) e agora demonstra sua autoridade sobre a natureza. O ato de acalmar a tempestade parece-se com o seu poder de exorcizar; há a expressão demoníaca de violência (1.26; 5.4, 13); a ordem para a natureza *aquietar-se* (1.25, nota) e a calma resultante (5.15). Jesus amarra "o valente" (3.23-27) e corrige com seu poder a criação física.

* **5.1 à terra dos gerasenos.** Gerasa, ficava a uns quarenta e oito quilômetros a

sudeste do lago. Gadara estava cerca de dez quilômetros ao sul do lago (Mt 8.28, nota), e ocorre em outros manuscritos gregos. Há também uma aldeia chamada Kersa, à margem oriental, com a mesma espécie de despenhadeiros e sepulcros descritos na história. Jesus entra em Decápolis, uma associação de dez cidades-estado gregas, antecipando a futura missão da igreja aos gentios. O caráter gentílico da população se torna claro, uma vez que os judeus

não criavam porcos, porque a lei mosaica os considerava animais imundos.

* **5.2 veio dos sepulcros.** Este homem endemoninhado estava afastado do seu

contato humano normal, separado de sua aldeia e de sua família (v. 19).

* **5.3 nem... alguém podia prendê-lo.** Violência e força física incomum, que o

levam a uma lenta auto-destruição (v. 5; 9.22), parece freqüentemente caracterizar o endemoninhado (v. 13; 1.26; 9.18, 20, 22,26), porém, ante a força espiritual de Jesus, os demônios se acovardam e fogem.

* **5.7 Que tenho eu contigo. Ver 1.24.**

* **5.9 Qual é o teu nome.** Entendia-se que chamar pelo nome era ganhar poder

sobre eles. Os demônios já tinham identificado a Jesus (v. 7, cf. 1.24-34), mas, por meio desta pergunta, Jesus revela o seu poder superior.

Legião. Jesus força o demônio a se desmascarar. Ele não é apenas um, mas muitos. Uma legião romana compunha-se de seis mil homens.

* **5.10 E rogou-lhe.** O demônio acovarda-se diante de Jesus, mesmo invocando o nome de Deus como uma forma de proteção (v. 7), e reconhece que Jesus tem poder absoluto sobre ele.

* **5.13 Jesus o permitiu.** Jesus permite que os demônios entrassem nos porcos que, então, se precipitam despenhadeiro abaixo. Este exorcismo é uma demonstração dramática do poder de Jesus sobre o mal (vs. 14, 16) e da presença do reino em

seu ministério (Lc 11.20). Ver “*Demônios”,* em Dt 32.17.

* **5.15 assentado.** Em comparação com o seu violento comportamento anterior, e com a recente destruição dos porcos, o homem “sentado e vestido e em seu são juízo” expressa com eloqüência a paz e a restauração vivificante, que provêem do poder de Jesus (4.39; 9.26, 27).

* **5.19 Vai para a tua casa.** Este homem se torna o primeiro missionário gentio. Jesus, usualmente, exige silêncio (1.34, nota), porém, neste caso ele permite a preparação para futura missão da Igreja a começar. Jesus, posteriormente, ordenará silêncio com relação a outra cura realizada em Decápolis, mas não obtém resultado (7.3137).

* **5.22 principais da sinagoga.** Ainda que fosse um leigo, as responsabilidades de

um chefe eram social e religiosamente importantes, incluindo não só a conservação do edifício, mas, também, a condução própria do serviço e a escolha das leituras da Torah.

* **5.25 uma hemorragia.** A condição da mulher era não só fisicamente debilitante,

mas também a desqualificava não só para o casamento (Lv 20.18), mas também para a vida religiosa em geral (Lv 15.25-33).

* **5.29 logo.** Ver 1.10, nota.

* **5.30 Quem me tocou nas vestes.** Um toque de fé é sentido por Jesus, mesmo

no meio de uma multidão numerosa, onde muitos o tenham tocado. A frase "que dele saíra poder” ocorre somente aqui.

* **5.32 olhava ao redor.** Para uma mulher que tinha sido uma

rejeitada social por

muitos anos, a cura só se completa quando Jesus a identifica publicamente, elogiando sua fé, declarando a todos que ela está curada (v.34) e purificada.

* **5.37 Pedro... Tiago e João.** Jesus construiu ao redor dele uma hierarquia de

intimidade. Há numerosos discípulos (4.10), dos quais doze são designados apóstolos (3.13-19) e dentre os doze, alguns (Pedro, Tiago e João e, às vezes, André) desfrutam da mais plena intimidade de Jesus, mais notavelmente na Transfiguração (9.2-13) e no Getsêmane (14.32-33).

* **5.38 pranteavam.** Nas culturas do Oriente Médio, prantear era uma expressão

habitual de luto e às vezes apelava-se para pranteadores profissionais.

* **5.40 mandando sair a todos.** Jesus não está interessado num grande

espetáculo de cura. Ao invés disso ele está preocupado com o sofrimento da menina, com a fé dos pais dela e com o objetivo último de sua missão (v. 43).

* **5.41 Talitá cumi.** O aramaico era a língua popular falada na Palestina. Marcos dá

a tradução para outros termos aramaicos (3.17; 7.11, 34; 10.46; 14.36), de modo a tornar sua narrativa mais clara para os que não tinham familiaridade com essa língua.

* **5.43 ordenou-lhes expressamente.** Ver notas no v. 19 e 1.34.

* **6.1 foi para a sua terra.** Nazaré, cerca de trinta e dois quilômetros a sudoeste de Cafarnaum e do Mar da Galiléia.

seus discípulos. Os Doze (v. 7).

* **6.2 sábado.** Ainda que fosse o senhor do Sábado (2.28), Jesus observa semanalmente o culto sabático (1.21; 3.1; Lc 4.16-30).

se maravilhavam. Ver 1.22; 7.37; 10.26; 11.18.

* **6.3 carpinteiro.** Poderia também significar "pedreiro". O trabalho de Jesus, antes de seu ministério, pode explicar o emprego de metáforas sobre construções, especialmente ao descrever seu próprio ministério essencial (14.58, 15.29; Mt 7.24; 16.18; 21.33; Lc 12.18; 17.28). A observação concernente ao trabalho manual, provavelmente, não é depreciativa como tal, pois esperava-se que todos os Rabis tivessem uma ocupação. Paulo fora educado como um Rabi e fazia tendas ou toldos (At 18.3; 22.3; 26.5; Fp 3.5, 6). A acusação é que Jesus (que ensina "sabedoria", no v. 2), é um operário comum, sem credenciais religiosas ou acadêmicas.

filho de Maria. Ver 3.31.

* **6.4 na sua casa.** Jesus não só é rejeitado pelo povo da cidade e pelo mais amplo círculo de parentes ali, como também por sua própria família (3.31).

* **6.7 os doze.** Tendo já sido designados para estarem com Jesus (3.14, nota), e tendo já recebido instruções especiais concernentes ao mistério da pessoa e do papel de Cristo (4.10-11, notas), aos Doze agora é permitido compartilhar do ministério e da autoridade de Jesus.

enviá-los. O verbo "enviar" tem a mesma raiz do substantivo "apóstolo" e ressalta os laços com Jesus, como representantes pessoais dele (3.14, nota).

dois a dois. O princípio bíblico de que o testemunho deveria ser firmado por, pelo menos, duas testemunhas (Nm 35.30; Dt 17.6; 19.15; Mt 18.16; Jo 8.17; 2Co 13.1; 1Tm 5.19; Hb

10.28), foi também aplicado na atividade missionária da igreja primitiva, nos ministérios de Pedro e João (At 3.1; 4.1), de Paulo e Barnabé (At 13.2) e de Paulo e Silas (At 15.40).

* **6.8 nem pão.** Mt 10.10 dá a razão "porque digno é o trabalhador do seu alimento".

* **6.11 sacudi o pó dos pés.** Os judeus rigorosos sacudiam o pó de seus pés depois de atravessarem territórios pagãos. A recusa do evangelho convida à mesma reação.

* **6.14 aos ouvidos do rei Herodes.** Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, era *tetrarca* (governador de um estado dependente) da Galiléia e Peréia.

* **6.15 um dos profetas.** Especulação a respeito da identidade de Jesus conduzirá às narrativas da multiplicação de pães e peixes (vs. 30-44; 8.1-9) e da caminhada sobre a água (vs. 47-52), que apontam para a divindade pessoal de Jesus. Porém, primeiro Marcos relata as circunstâncias da morte de João Batista, com quem Herodes e outros tinham identificado Jesus.

* **6.17 mulher de seu irmão Filipe.** Herodias era filha de Aristóbulo, um dos filhos de Herodes, o Grande. Outros filhos de Herodes, o Grande, incluíam Herodes Antipas e Herodes Filipe (filhos de diferentes esposas). Depois de casar-se com seu meio-tio Herodes Filipe, Herodias o deixou para manter uma relação adúltera com o irmão dele, Herodes Antipas. Tal era o comportamento moral licencioso da dinastia de Herodes, contra o qual João Batista pregava (cf. Lv 18.16,20).

* **6.31 à parte.** Estar sozinhos com Jesus — que então os instruía no mistério do reino (4.10-11) — era parte da preparação deles para o

futuro ministério (4.34; 9.2, 28; 13.3, cf. Jo 13.1; 16.29).

* **6.34 e compadeceu-se deles.** Jesus faz aquilo que Deus prometeu fazer em Ez 34.11,14: "Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei... Apascenta-las-ei de bons pastos". Jesus age como o Pastor do povo de Deus, do mesmo modo que

Moisés (Nm 27.15-17; Sl 77.20), como Davi (Sl 78.70-72) e como Deus mesmo (Sl 23.1; 74.1; 78.52,53; 80.1; Ez 34.15).

ovelhas que não têm pastor. O antigo Israel, abandonado pelos líderes infiéis, era também descrito deste modo (Jr 50.6; Ez 34.1-10).

* **6.40 em grupos de cem em cem, e de cinqüenta em cinqüenta.** Este detalhe relembra como Moisés organizava o antigo Israel no deserto (Êx 18.21).

* **6.42 Todos comeram e se fartaram.** Esta história da multiplicação de pães e peixes recorda a provisão miraculosa do maná no deserto, sob Moisés (Êx 16.1-36, especialmente v. 16). Jesus é o novo Moisés, trazendo o novo concerto.

* **6.43 e ainda recolheram.** Outra referência à provisão do maná, quando nada era para ser deixado até à manhã do dia seguinte (Êx 16.19).

doze cestos cheios. O número lembra as doze tribos do antigo Israel e sugere o importante papel que os Doze desempenhariam na constituição do Novo Israel (3.14, nota).

* **6.44 cinco mil homens.** Marcos não usa a palavra grega que significa "seres

humanos", mas um termo que distingue os homens das mulheres, talvez com a idéia de "chefe de família" (Mt 14.21 acrescenta "além de mulheres e crianças"). A multidão pode ter sido de quinze a vinte mil pessoas.

* **6.48 quarta vigília.** Uma vez que os romanos dividiam a noite em quatro

períodos, a quarta vigília seria das três da madrugada até à aurora.

* **6.49 um fantasma.** A palavra grega traduzida aqui por "fantasma" é usada no

Novo Testamento só aqui e em Mt 14.26. Tem a conotação de imaginação supersticiosa.

* **6.50 Sou eu.** A frase grega (lit., "eu sou") é igual ao termo da Septuaginta

(tradução grega do Antigo Testamento), que traduz o nome divino "Eu sou" revelado a Moisés (Ex 3.14; Dt 32.39; Is 41.4; 43.10, 13, 25; 45.18; 52.6; Os 13.4; Jl 2.27). Esta

narrativa tem todas as marcas comuns das teofanias bíblicas (vários modos da visível auto-revelação divina), incluindo o pavor humano, a identificação divina e as palavras de confiança.

* **6.53 Genesaré**. Uma aldeia à margem ocidental do Mar da Galiléia (Lc 5.1).

* **6.56 sua veste**. Ver nota em 5.30.

* **7.1 fariseus.** Ver nota em 2.16.

escribas. Eram mestres da lei, a maioria deles era constituída de fariseus.

* **7.2 impuras.** Os discípulos não tinham se lavado conforme mandava a

"Tradição dos Anciãos" (vs. 3,4) e, por isso, foram considerados cerimonialmente impuros. Jesus crítica estas expansões tradicionais da lei cerimonial elaboradas pelos escribas e fariseus, porque eles

estenderam suas tradições a ponto de permitir a própria transgressão da lei moral (vs. 9-13). A cruz de Jesus levará, finalmente, ao fim da lei cerimonial.

* **7.3 tradição dos anciãos.** Os fariseus acreditavam que, além das palavras

escritas da lei, Moisés recebeu instruções para a sua interpretação e aplicação. Esta lei oral era transmitida pela palavra falada de mestre para mestre. Ao argumentar com eles, Jesus apela consistentemente para as Escrituras, procurando sempre voltar ao seu verdadeiro sentido (vs. 6-8).

lavar. Por suas tradições os fariseus estenderam as injunções bíblicas da purificação sacerdotal, no momento do sacrifício no templo (Êx 30.19; 40.12), ao comer do pão por todos os judeus.

* **7.5 Por que não andam os teus discípulos.** Os fariseus e os escribas não

estão genuinamente interessados na prática da refeição dos discípulos de Jesus, mas na razão por que Jesus, como Mestre deles, não exige que eles observem "a tradição dos anciãos", de modo geral.

* **7.6 Isaías.** O objetivo de Jesus é trazer o povo de volta à conformidade com as Escrituras.

* **7.8 Negligenciando o mandamento de Deus.** O verbo "negligenciar" pode significar também "cancelar" ou, "abandonar". Jesus não é um antinomiano. Como o salmista, ele se consumia por desejar incessantemente a lei de Deus (Sl 119.20), que ele cumpre, protege (Mt 5.17-20) e defende. Ele não é nem mesmo contra a tradição, mas é contra aquilo que nela anula as Escrituras.

* **7.11 Corbã.** Uma palavra hebraica e aramaica (que Marcos traduz para os leitores gentios), e que significa alguma coisa dedicada a um

propósito religioso. Por um simples voto, para reservar suas posses como dádiva para Deus, uma pessoa poderia fugir à responsabilidade de sustentar seus pais.

* **7.20 O que sai do homem.** Jesus está fazendo uma generalização a respeito do modo constante e natural pelo qual se expressa a natureza humana decaída, e sua lista de vícios (vs. 21-22) visa trazer ao homem auto-conhecimento da sua própria imundície interior (cf. Rm 1.24-32; 2.17-24).

contamina. Jesus vai à essência do problema — a imundície do coração, da qual a impureza cerimonial é realmente um símbolo.

* **7.24 Tiro.** Jesus se dirige ao norte, a uma região marcadamente gentílica (cf. Mt 11.21-22), à vizinhança de Tiro, uma antiga cidade portuária da Fenícia (no Líbano moderno).

* **7.26 grega.** Ela era de origem siro-fenícia, mas falava grego.

* **7.27 primeiro.** Mesmo em território gentílico, Jesus mantém a prioridade temporal de Israel ("os filhos") no plano divino da salvação, como Paulo fará posteriormente (Rm 1.16; 2.10; cf. At 1.8; 13.46-47).

cachorrinhos. O termo, certamente, é pejorativo (Mt 7.6; Fp 3.2; Ap 22.15) ainda que a palavra grega inclua a nuance de "filhotes de cães" de estimação. Deve ser visto como

exemplo da vívida figura do convívio à mesa dada por Jesus, para explicar o plano da salvação, especialmente para dizer que "a salvação vem dos judeus" (Jo 4.22). A mulher entende isto deste modo, como indica a sua resposta.

* **7.31 Decápolis.** Ver nota em 5.1. Jesus permanece em território gentílico, indo

primeiro ao norte, para Sidom e, depois, ao sudeste para Decápolis.

*** 7.33 pôs-**
lhe os dedos nos ouvidos. Estas atitudes físicas acon o

milagre da cura, mas não são a causa dela.

*** 7.34 Efatá.** Uma palavra aramaica que Marcos traduz para os leitores de língua

grega.

*** 7.35 e falava desembaraçadamente.** Para uma pessoa surda, o expressar-se

claramente em linguagem falada só pode ser aprendido, normalmente, depois de um período de tempo.

*** 7.36 que a ninguém o dissessem.** Com relação à ordem de sigilo dada por

Jesus, ver notas em 1.34 e 5.19.

*** 8.1-10** Uma segunda multiplicação miraculosa de pães. Jesus depois indica

o profundo significado teológico desses dois milagres (8.18-21).

*** 8.2 Tenho compaixão.** Posto que esta multiplicação aconteceu provavelmente

em Decápolis (7.31), é evidente que Jesus estende sua compaixão das ovelhas perdidas da casa de Israel (6.34) aos gentios, quando cura a filha da mulher siro-fenícia (7.24-30) e quando realiza seu ministério em território gentio (7.31-37). Por suas ações Jesus anuncia a futura missão mundial da igreja.

*** 8.4 neste deserto.** Ver nota em 1.4. A pergunta dos discípulos, diante do que

Jesus já tinha feito anteriormente — em circunstâncias semelhantes — justifica a repreensão dada por Jesus nos vs. 17-18.

* **8.10 Dalmanuta.** Presumivelmente à margem ocidental do Mar da Galiléia, embora sua localização exata não seja conhecida.

* **8.11 fariseus**. Ver nota em 2.16.

sinal do céu. Jesus não realiza sinais a pedido, especialmente àqueles que estão

"tentando-o" (cf. 1.13; Mt 4.1-11). Os fariseus queriam um sinal para confirmar que Jesus era um Messias político, como eles estavam esperando (v. 15, nota).

* **8.14 senão um só.** Este detalhe da narrativa liga esta passagem aos dois milagres das multiplicações de pães.

* **8.15 fermento dos fariseus... de Herodes.** Jesus emprega o assunto cotidiano

do pão, como uma metáfora (Lc 12.1, nota). Aquilo que parece um pedido inocente e legítimo de um sinal (quanto ao desejo de Herodes por milagres ver Lc 23.8), é, na

verdade, uma rejeição do seu ministério e de todos os seus sinais anteriores. Jesus está

advertindo seus discípulos contra concepções superficiais de seu papel, e os está preparando para o seu ensino com relação ao verdadeiro sentido de sua vinda e de sua cruz (vs. 27, 31). Tal ensino permaneceu incompreensível para muitos judeus (1Co 1.22, 23).

* **8.17 o não terdes pão.** Os pensamentos dos discípulos são ainda dominados por preocupações de ordem material, preocupações que os deixam cegos para a verdadeira vocação de seu Mestre e abertos

para serem tentados pelo "fermento" dos fariseus.

* **8.21 Não compreendeis ainda.** Aqui, o papel de Jesus no ensino e no treinamento dos Doze está implícito na narrativa (3.14, nota). Sua pergunta a eles é uma censura por deixarem de perceber que o Senhor — que providenciou alimento miraculosamente para cinco mil e para quatro mil homens e suas famílias — é capaz de cuidar das necessidades físicas de doze pessoas. Na verdade, eles deviam saber que Jesus é digno de sua fé total, em tudo aquilo que lhes revelará nos dias futuros.

* **8.22 Betsaida.** Uma cidade pesqueira à margem norte do Mar da Galiléia e terra natal de Filipe, André e Pedro.

* **8.23 saliva aos olhos.** Ver nota em 7.33.

* **8.24 como árvores... andando.** A restauração da visão, neste caso, é gradual.

* **8.26 Não entres na aldeia.** Jesus tinha levado o cego para fora da cidade (v. 23),

assim é plausível que a mensagem deste milagre fosse dirigida a Seus discípulos. Eles

devem entender que Jesus está curando gradualmente sua cegueira espiritual. Enquanto no v. 21, eles ainda não tinham entendido quem é Jesus, eles também, como o homem cego (v. 25), estão quase para ver "claramente" o mistério de sua pessoa (vs. 27-30).

* **8.27 Cesaréia de Filipe.** Uma cidade ao sopé do monte Hermon e próxima da nascente do rio Jordão. Herodes, o Grande, construiu ali um templo de mármore a Cesar Augusto e seu filho Filipe mudou o nome da cidade de Paneas para Cesaréia. Para distingui-la de outra Cesaréia — o bem conhecido porto mediterrâneo — ela foi conhecida como Cesaréia de Filipe.

* **8.29 Mas vós, quem dizeis que eu sou.** Outra vez é enfatizada a preeminência dos Doze, na revelação da pessoa de Jesus (v. 21; 3.14). Jesus desconsidera aquilo que o povo diz (v. 27), mas retém como verdade divinamente revelada a confissão dos Doze (Mt 16.16, 17 e notas).

Tu és o Cristo. Lit. "o Ungido" (1Sm 2.10; Mt 1.1 e notas). Esta é a primeira vez, na narrativa de Marcos, que o nome "Cristo" aparece (aparece também no título do seu Evangelho, 1.1). A confissão de Pedro (como aquele que fala pelos Doze) junto com a Transfiguração que se segue (9.2-13) são o ponto alto na revelação da pessoa de Jesus e uma reviravolta no seu ministério terreno. De agora em diante, o seu ensino se concentrará sobre sua morte iminente, e ele logo começará sua viagem para Jerusalém.

* **8.30 a ninguém dissessem.** Ver notas em 1.34; 5.19, cf. 9.9. Estranhamente, neste ponto alto da revelação vem a ordem para conservá-la em sigilo. Mas, olhando para trás, a razão fica clara. Jesus não permite que noções políticas de sua obra Messiânica comprometam sua verdadeira vocação de Messias Sofredor, cuja obra essencialmente moral e espiritual da redenção será total.

* **8.31—10.52**. Esta seção conta minuciosamente a convergência do ministério terreno de Jesus em direção ao seu clímax (8.29, nota). Contém três predições da morte e ressurreição de Jesus (8.31; 9.31; 10.33-34); relata o começo de sua viagem a Jerusalém e dá ensino substancial sobre a verdadeira messianidade e discipulado.

* **8.31 necessário.** Por trás desta palavra está todo o peso das profecias bíblicas e

da necessidade divinamente ordenada (9.31; Lc 22.37; 24.7, 26, 44). As predições de Jesus concernentes à sua morte e ressurreição procedem de seu modo de entender as Escrituras do Antigo Testamento.

Filho do homem. Ver nota em 2.10.

sofresse muitas coisas. A predição do Messias Sofredor vem particularmente de Is 52.13—53.12. Ver também Zc 9.9; 12.10; 13.7; e todo o Antigo Testamento sobre o tema geral do justo sofredor.

anciãos. Membros leigos do Sinédrio, a corte que governava os negócios judeus. A corte era composta dos anciãos, principais sacerdotes e mestres da lei (os escribas).

principais sacerdotes. Jesus prediz que as ricas famílias do sumo sacerdócio, que eram aliadas dos saduceus, se envolverão na sua morte.

depois de três dias. Ver Os 6.2. Esta é também expressão convencional de um curto período.

ressuscitasse. Ver Is 52.13; 53.10; cf. Sl 110.1; Dn 13.14.

*** 8.32 expunha claramente.** Em contraste com o seu ensino público através das

parábolas (4.10-11), os Doze recebem privativamente plena instrução (cf. Jo 16.25, 29). O claro ensino particular de Jesus se tornará a base da pregação pública de seus discípulos, depois da Páscoa (At 2.29; 4.13, 29, 31; 28.31).

Pedro... começou a reprová-lo. Quando o próprio Pedro, líder entre os Doze, falha em aceitar que o Messias precisa sofrer, pode-se apreciar a sabedoria do segredo de Jesus com relação ao seu ofício messiânico. Note-se a observação de Paulo que, para muitos, "a palavra da cruz é loucura" (1Co 1.18, cf. Gl 3.13).

*** 8.33 Arreda, Satanás.** Satanás agora está operando até mesmo entre os

próprios discípulos de Jesus, não somente em Judas, mas também

em Pedro, cuja intervenção teria anulado o plano da redenção e realizado o objetivo de Satanás.

* **8.34 tome a sua cruz.** Prisioneiros condenados eram geralmente obrigados a

carregar o madeiro de sua cruz até o lugar de execução (cf. 15.21).

* **8.37 em troca de sua alma.** A mesma palavra grega é traduzida aqui por "alma" e, no v. 35, por "vida". Nenhum valor monetário ou material pode ser pago por isto (Sl 49.7-9, ao qual Jesus talvez se refira).

* **8.38 na glória de seu Pai.** Ainda que no presente tempo de humilhação o "Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8.20), um dia ele será revelado com esplendor divino como o Filho de Deus (12.6-11; 14.62, cf. Dn 7.13).

* **9.1 com poder o reino de Deus.** Ver referência lateral. A vinda do reino "com

poder" parecia estar associada com a ressurreição de Jesus, desde que será testemunhada por alguns "dos que aqui se encontram" e é também descrita como uma "vinda com poder" (Rm 1.4). A transfiguração, que se segue a esta expressão, é um cumprimento intermediário e imediato das palavras de Jesus, uma vez que antecipa a manifestação do poder da ressurreição e da glória divina. Ver nota em Mt 16.28.

* **9.2 Seis dias depois.** Em Êx 24.16, "seis dias" é também o período de

preparação para receber a revelação e testemunhar uma visão da glória divina (uma teofania; 6.50, nota).

Pedro, Tiago e João. Estes três podem representar os Doze, exatamente como Pedro sozinho pode (8.29; Mt 16.18; At 2.14).

a um alto monte. Ambos Moisés (no Sinai, Êx 24) e Elias (em Horebe, 1Rs 19), foi dada a visão da presença teofânica de Deus no alto da montanha.

transfigurado. Lit., "mudou de forma". Este verbo grego é usado por Paulo para descrever a presente obra do Espírito na vida interior do crente (Rm 12.2; 2Co 3.18). Aquela obra será completada quando este mesmo Espírito der "vida a vossos corpos mortais", como quando ele ressuscitou Jesus dentre os mortos (Rm 8.11), e como aqui, na momentânea glorificação de Jesus. Ver nota teológica "A Transfiguração de Jesus", índice.

*** 9.4 Elias com Moisés.** A transfiguração liga a antiga Aliança à nova, ligando

diretamente Moisés e Elias, representantes da Lei e dos Profetas, com Jesus e seus apóstolos, mensageiros da completa redenção.

*** 9.5 façamos três tendas.** Pedro, talvez, deseje capturar e prolongar a glória, de

modo a evitar o sofrimento do qual Jesus já tinha falado (8.31 -33).

*** 9.7 Este é o meu Filho amado.** A declaração celestial é um ponto alto da divina

revelação concernente à identidade de Jesus. Exatamente como Deus tinha se revelado na teofania do Sinai, como "o SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade" (Êx 34.6), assim, agora, ele se revela como quem fala através do seu amado Filho (Jo 1.17; 3.16; Hb 1.2).

a ele ouvi. Esta frase representa uma repreensão a Pedro bem como uma declaração concernente à autoridade do Filho, como revelador e profeta da nova aliança. Estas palavras ecoam Dt 18.15, e identificam Jesus, como o grande profeta semelhante a Moisés.

* **9.9 ordenou-lhes... que não divulgassem.** Ver nota em 1.34 e 8.30.

até ao dia em que o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos. O testemunho público e aberto à glória de Jesus é para ser reservado para depois da plena realização da redenção.

* **9.10 que seria o ressuscitar dentre os mortos.** A confusão dos discípulos surge

da expectação judaica, de uma ressurreição geral, nos últimos dias, mas não de uma ressurreição individual, no meio da história.

* **9.12 Elias, vindo primeiro.** Ainda que João Batista não seja Elias pessoalmente

ressuscitado dentre os mortos (6.14-16, cf. Jo 1.21), Jesus ensina que Elias foi, em verdade, o tipo no Antigo Testamento que prefigurava o ministério de João Batista (cf. Lc 1.17).

* **9.13 e fizeram com ele.** Exatamente como Elias sofreu nas mãos de Acabe e Jezabel (1Rs 19.1-10), assim João Batista sofreria nas mãos de Herodes e Herodias (6.18, nota). Se João, que restaurou todas as coisas por chamar o povo ao arrependimento e à piedade foi posto à morte, deveria ser surpresa (v.12) se o Filho do homem sofresse a mesma sorte?

* **9.17 possesso de um espírito mudo.** A possessão demoníaca é claramente distinta de uma doença comum (7.31-37), ainda que em ambos os casos a pessoa não possa falar. Compare 1.24, 25; 5.2-15.

* **9.19 Ó geração incrédula.** A impaciência de Jesus com a falta de fé dos discípulos e a frustração com a cena geral de descrença e incapacidade, quando ele retorna do monte da Transfiguração, é uma reminiscência da descida de Moisés do Monte Sinai, ao encontrar descrença e infidelidade no arraial dos israelitas (Êx 32).

* **9.25 a multidão concorria.** A situação é ainda volátil. O cego entusiasmo da multidão coloca Jesus num dilema: quer ministrar compassivamente ao sofrimento do povo, sem comprometer o plano global da redenção.

eu te ordeno. O poder espiritual de Jesus leva o demônio a gritar (v. 26). Ver "Demônios", em Dt 32.17.

* **9.28 em particular.** Ver nota em 8.32.

* **9.31 ensinava os seus discípulos.** Freqüentemente, Jesus dá prioridade ao

treino dos Doze. Jesus repete, visando dar ênfase e por causa da lição ainda não

aprendida, aquilo que ele tinha ensinado anteriormente em 8.31.

* **9.33 em casa.** Ver nota em 2.1.

* **9.34 qual era o maior.** Dada a importância de honra naquela sociedade, uma tal

preocupação desempenhava um significativo papel na mente do povo (cf. 10.35-45). Jesus está introduzindo uma revolução neste modo de pensar, sem destruir a noção de hierarquia funcional. Ver nota em 5.37.

* **9.35 chamou os doze.** Outra vez, os Doze são chamados à parte (3.14), e a posição de liderança deles é explicitamente reconhecida.

Se alguém quer ser o primeiro. Jesus não está atacando a posição de liderança, mas está mostrando o modo de essa liderança ser exercida (isto é, como "último e servo de todos"). Este princípio é exemplificado pelo próprio Jesus, que "não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (10.45). A maneira abnegada de Jesus cumprir o seu papel Messiânico, que é o

primeiro e mais importante no reino, oferece o padrão para seus discípulos em todos aqueles papéis secundários, que eles podem desempenhar no reino de Deus.

*
9.36 uma criança. Lit. "infante". A dignidade concedida Deus a todo ser

humano é exemplificada pela criança. Este mais fraco dos seres humanos deve ser servido do mesmo modo, como são servidos os maiores (9.35, nota).

* **9.38 o qual não nos segue**. Esta frase não nega que o homem fosse um

seguidor de Jesus; ele estava expulsando demônios em nome de Jesus. Provavelmente, a frase signifique que esse homem não reconhecia a autoridade dos Doze. Sem tirar a prerrogativa dos Doze, porém, e percebendo o orgulho e exclusivismo deles (9.35, nota; 10.35-45), Jesus se recusa a condenar aquele de quem os discípulos estão falando. Ao invés disso, ele ensina que o apoio e a comunhão de todos os que defendem sua causa devem ser gratamente reconhecidos.

* **9.41 que vos der... em meu nome.** Todos os atos de misericórdia, de cuidado e de cura feitos em nome de Jesus (isto é, com o entendimento, ação e propósito de servi-lo) são eternamente reconhecidos como evidência de verdadeiro discipulado.

* **9.42 quem fizer tropeçar.** "Pequeninos" pode referir-se às crianças (v. 36) ou aos crentes considerados insignificantes (v. 39). Comprometer a fé daqueles de pequena importância para o mundo, por exemplo, através do uso egoísta e inconsiderado de poder (v. 35, nota), exige a mais severa punição (v. 43).

* **9.43 corta-a.** Esta admoestação deve ser entendida como uma espécie de exagero empregado na linguagem para atingir a um

objetivo (cf. vs. 45-47). Jesus está falando das difíceis renúncias de hábitos pecaminosos. Ver nota teológica "Inferno", índice

* **9.44-46.** Ver referência lateral. Os versículos 44 e 46 não aparecem em alguns dos mais antigos manuscritos, mas a frase é encontrada também no v. 48.

* **9.49 salgado com fogo.** O sal é associado com o sacrifício em Lv 2.13; Ez 43.24. O dito pode significar que, por contraste com o fogo da destruição — de que acabara de falar — os crentes perseverarão através do fogo e serão purificados por ele.

* **9.50 Tende sal em vós mesmos.** A figura do sal descreve o verdadeiro discipulado. O sal tem a função de preservar. Jesus está falando aos seus discípulos para usar a humildade e o serviço para preservar a paz da igreja, ao invés de dividi-la pelo desejo de ser grande (v. 34).

* **10.1 território da Judéia.** A província romana da Judéia incluía a maior parte da Palestina Central, e tinha Jerusalém como seu centro. Nesta viagem para a Judéia começa o processo que levará Jesus à sua morte (Lc 9.51).

* **10.2 é lícito... repudiar sua mulher.** A pergunta é vaga porque Dt 24.1 -4 já indica que a resposta depende das circunstâncias. Talvez, os fariseus quisessem levar Jesus a um debate a respeito de Herodes Antipas e sua mulher ilegítima (6.17, nota).

* **10.6 desde o princípio.** Como de costume, Jesus não argumenta com base na

"tradição" (7.3-12, notas), mas busca a intenção das Escrituras e suas reais exigências (ver Mt 5.20-22; 27, 28, 31, 32). Tratando do casamento, Jesus mostra que, no tempo da nova aliança — e a despeito da presença contínua do pecado — as condições de vida anteriores à queda serão novamente realizadas de um modo apropriado (Ver Ef 5.22-33).

* **10.8 uma só carne.** A ordem da criação deve ser mantida. O casamento

monogâmico deve ser aceito e estimado.

*
10.11 Quem repudiar. Este é um mandamento básico da inviolabilidade

do casamento. Contudo, Jesus especifica uma só base válida para o divórcio — a infidelidade conjugal (Mt 5.32; 19.9). Paulo parece acrescentar outra razão (1Co 7.12-16).

* **10.13 crianças.** Lit. "infantes" (9.36, nota). Eram pequenas o suficiente para serem

trazidas por seus pais e serem tomadas nos braços por Jesus.

* **10.14 não os embaraceis.** Jesus está expressando a noção típica de

solidariedade da aliança do Antigo Testamento. Estas crianças pertencem ao reino, inicialmente por causa da fé que seus pais possuem, ainda que devam exercer sua fé pessoalmente, tão logo tenham condições. As crianças servem de modelo aos verdadeiros crentes, que sabem que nada têm para trazer e tudo para receber (v. 15).

* **10.16 as abençoava.** Receber a bênção de Deus significa ser chamado pelo nome

de Deus (Gn 48.16; Nm 6.22-27) e ser incluído nas bênçãos da aliança (Gn 22.16-18; Dt 7.13).

* **10.17 um homem.** Este homem tinha grandes riquezas (v. 22); era um homem de

posição (Lc 18.18) e era jovem (Mt 19.22). Ele tinha tudo, mas faltava-lhe a coisa mais importante — a vida eterna.

que farei para herdar. Os dois verbos "fazer" e "herdar", colocados juntos, como a lista de realizações morais e o modo de o jovem entender o que é bom (v. 18, nota) revela o ponto de vista religioso baseado nas obras de justiça.

*** 10.18 Por que me chamas bom.** A resposta de Jesus não significa que ele não se

considerasse bom. Seu desejo é mostrar ao homem que "ninguém é bom senão um, que é Deus", de modo que o homem possa perceber que todas as suas obras não podem fazê-lo bom, e que ele não é capaz de merecer a vida eterna.

*** 10.21 uma coisa te falta.** O amor desse jovem pelas riquezas (v. 22) e a recusa

dele em distribui-las e seguir a Jesus, mostram que ele quebrou o maior mandamento de todos: "Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força" (Dt 6.5, cf. Mt 22.37). Faltando-lhe a total justiça que Deus exige, ele permanece condenado.

*** 10.23 Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas. A**

dificuldade não é porque as riquezas sejam um mal em si mesmas e desqualifiquem aqueles que as possuem, mas é porque os ricos são tentados a depender de suas riquezas e podem ser incapazes de admitir que necessitam de Deus.

*** 10.25 camelo... fundo de uma agulha.** Um excelente exemplo da linguagem

proverbial e vívida de Jesus, aqui expressando a idéia de impossibilidade (v. 27). A sugestão de que havia um pequeno portão chamado de "fundo da agulha", através do qual os camelos podiam passar sem carga, não tem apoio e trivializa a figura usada por Jesus.

*** 10.26 Então, quem pode ser salvo.** Os discípulos entenderam o significado do

que Jesus disse. Ninguém pode ser salvo por boas obras.

*** 10.27 Para os homens é impossível.** A salvação vem do Senhor através da

soberana iniciativa divina (Sl 3.8; 68.19-20), e não por esforço humano.

*** 10.28 nós tudo deixamos.** Enquanto a salvação não pode ser merecida, ela

impõe esta radical condição.

*** 10.30 o cêntuplo.** A frase "já no presente", com sua contrapartida "e, no mundo

porvir", reflete o ensino dos rabinos a respeito de duas ordens de

realidade: a presente era má e a futura era do Messias. A ressurreição de Jesus alterou significativamente esse

conceito. No período entre a ressurreição de Jesus e a de todos os crentes, as duas eras existem lado a lado. A velha era está passando e a nova era está presente, mas não em sua plenitude. Daí pode haver tanto o “cêntuplo” de bênçãos quanto as perseguições.

*** 10.33 o Filho do homem será entregue. Ver nota em 8.31.**

gentios. O novo elemento nesta terceira predição da Paixão é a menção dos gentios (isto é, os romanos). Os açoites e as zombarias que ele predisse são detalhes de sua morte profetizada nas Escrituras (Sl 22), e eram práticas romanas normais.

*** 10.35 Tiago e João.** Ver 1.19 e 3.17. Em Mt 20.20, é a mãe deles que faz o

pedido; assim, aparentemente, toda a família estava envolvida.

*** 10.37 nos assentemos... à tua direita.** O ensino de Jesus sobre grandeza (9.34

35 e notas), ainda tinha de mudar essas atitudes deles.

*** 10.38 beber o cálice.** Um símbolo do Antigo Testamento para expressar

sofrimento e ira (Sl 75.8; Is 51.17-22; Jr 25.15; Ez 23.31 -34).

batismo. Aqui a palavra é uma metáfora para a experiência de ameaça de morte e julgamento, com a esperança de livramento definitivo (Rm 6.3-7; 1Co 10.2; Cl 2.11-13).

*** 10.40 não me compete concedê-lo.** Jesus reconhece áreas onde só o Pai tem

autoridade (13.32). A concessão de tais lugares é decidida de acordo com o princípio que Jesus estabeleceu concernente a serviço (9.35).

* **10.41 indignaram-se.** Talvez os outros se indignaram não pelo fato de João e

Tiago terem falhado em pôr em prática o ensino de Jesus (9.35, nota), mas porque queriam os mesmos lugares de proeminência. Jesus deseja eliminar — nos Doze e, por extensão, em todos os seus discípulos — uma tal noção de poder e autoridade.

*** 10.45 o próprio Filho do homem não veio para ser servido. O que, finalmente,**

quebrou os corações de pedra dos discípulos de Jesus é o exemplo que ele mesmo dá.

Jesus, o Filho do homem, que herdará "domínio, e glória e o reino" (Dn 7.14), veio como um servo, cumprindo a profecia de Is 52.13—53.12.

resgate. O preço pago para livrar da sentença o culpado (Êx 21.30), ou os devedores de sua dívida (Êx 30.12, cf. Is 53.10).

muitos. Ver Is 53.12. Nos escritos do Qunran (Rolos do Mar Morto) este é um termo para todos os membros da comunidade.

*

10.46 Jericó. Cerca de vinte e quatro quilômetros a Jerusalém e

aproximadamente duzentos e quarenta metros abaixo do nível do mar. Ver nota em Lc 18.35.

filho de Timeu. A tradução da palavra "Bartimeu" mostra que Marcos está escrevendo para leitores que não tinham familiaridade com as línguas semíticas (5.31, nota).

* **10.47 Filho de Davi**. Um título messiânico popular (11.10; 12.35) tirado do Antigo

Testamento (Is 11.1-3; Jr 23.5,6; Ez 34.23-24).

* **10.49 Chamai-o.** Uma das características do ministério público de Jesus é o tempo

que ele dedica aos indivíduos que sofrem, no meio das multidões (5.30-34).

* **10.51 Mestre**. Em aramaico "Rabboni" (ver referência lateral; uma forma

aumentada de "Rabi", título comum para designar um mestre) ressalta o reconhecimento e a submissão à autoridade de Jesus.

*
11.1 Quando se aproximaram de Jerusalém. A viage atinge seu

destino e começa a chamada Semana da Paixão. A decisão de Jesus de subir a Jerusalém é claramente determinada pelo seu entendimento do Antigo Testamento e suas profecias referentes à sua própria morte (8.31, nota).

Betfagé. Palavra hebraica que significa "casa de figos verdes", é uma pequena aldeia a leste de Jerusalém.

Betânia. No hebraico significa "casa de tristeza", fica a cerca de três ou cinco quilômetros a leste de Jerusalém.

monte das Oliveiras. A leste de Jerusalém, cerca de sessenta metros acima da colina do templo, e de onde se tem uma visão espetacular de Jerusalém e, especialmente, do templo. Nos tempos de Jesus, esse monte era coberto de oliveiras. Porém, os romanos — durante o cerco de Jerusalém, no ano 70 d.C. — destruíram essas

árvores.

* **11.2 achareis.** Esse texto dá testemunho do conhecimento sobrenatural de Jesus (cf. Jo 1.48-50).

jumentinho. Uma cria de jumenta (Mt 21.2; Jo 12.15). O Antigo Testamento profetizou as ações de Jesus (Zc 9.9) que, neste caso, o identificam claramente com o Messias. Zacarias profetizou a vinda de um rei justo e humilde, trazendo salvação.

* **11.8 suas vestes no caminho.** Um reconhecimento da dignidade real de Jesus. **ramos.** Ver Sl 118.27. Este Salmo celebra a procissão do Messias Real.

* **11.9 Hosana.** Um transliteração grega das palavras aramaicas "Oh! Salva-nos... SENHOR" (Sl 118.25). A multidão está gritando frases deste salmo.

* **11.11 saiu para Betânia.** Em Mt 21.12-22, Jesus realiza a purificação do templo logo na sua chegada (a Jerusalém) e amaldiçoa a figueira no dia seguinte. Conforme Marcos, Jesus retorna a Betânia à noite e, na manhã do dia seguinte, amaldiçoa a figueira e, então, purifica o templo. Provavelmente, Mateus trata do assunto tematicamente (nenhuma referência ao tempo, para a purificação do templo é especificada em Mt 21.12), enquanto Marcos, que coloca histórias dentro de histórias (5.21-43; 6.7-30), trata do assunto cronologicamente.

* **11.13 não era tempo de figos.** Ver nota em Mt 21.18-20.

* **11.14 Nunca jamais coma alguém fruto de ti.** Jesus amaldiçoa esta árvore por causa de sua aparência enganosa, não tendo fruto, exatamente do mesmo modo como

ele julgará o templo (vs. 15-17) e predirá sua destruição (13.2). Isto indicaria que a reconstrução do templo, em Jerusalém, não seria mais um alvo da História da Redenção. Jeremias usou os figos como um

símbolo do juízo sobre Jerusalém (Jr 24).

* **11.15 templo.** Isto é, o átrio dos gentios, o átrio mais afastado no complexo das

estruturas que cercam o templo propriamente dito. Era a única área em que se permitia a presença dos gentios (cf. v. 17).

passou a expulsar. Jo 2.12-22 descreve a purificação do templo como tendo ocorrido no começo do ministério de Jesus, enquanto os três Sinóticos registram uma tendo ocorrido no fim. É provável que Jesus tenha purificado o templo duas vezes. A narrativa de João é cuidadosamente datada (Jo 2.20; Mr 1.9, nota) e as narrativas não são de modo algum idênticas. Em João, Jesus vem com os seus discípulos e suas ações trazem à memória deles o Sl 69.9. Na narrativa dos Sinóticos, Jesus vem em glória messiânica triunfal e justifica suas ações citando Is 56.7 e Jr 7.11. Jesus, sem dúvida, está ciente de que Jeremias amaldiçoou o templo duas vezes (Jr 7.1-14 e 26.2-6).

cambistas. Este serviço era necessário porque os impostos e as ofertas do templo tinham de ser pagas em moeda corrente, mas essa prática tinha se tornado tão corrupta, que Jesus a descreveu como "covil de salteadores" (v. 17; Lc 19.45-46, nota). Jesus está também julgando as famílias sumo sacerdotais dos saduceus, que não se harmonizavam com o caráter do Pai, de quem era a casa (cf. 12.18-27).

* **11.16 Não permitia que alguém conduzisse.** Não somente o átrio tinha se

tornado um mercado, mas estava também sendo usado como atalho pelos mercadores de toda espécie. Marcos vê, no gesto de Jesus, a defesa dos direitos dos gentios e, talvez, uma indicação da futura missão aos gentios.

* **11.18 principais sacerdotes e escribas.** Jesus agiu sob os

olhares daqueles que

sabia que iriam matá-lo (8.31).

se maravilhava de sua doutrina. Ver nota em 1.22.

* **11.20 secara desde a raiz.** Esta frase indica a completa destruição da figueira (v. 14, nota).

* **11.25 alguma coisa contra alguém. Ver Mt 5.23-24.**

* **11.26** Este versículo não existe em alguns dos mais antigos manuscritos (Ver

referência lateral). Um dito semelhante é encontrado em Mt 6.14-15).

* **11.27 principais sacerdotes.** Ver nota em 11.18.

* **11.28 Com que autoridade.** As "autoridades" de Jerusalém procuram expor Jesus

como um arrogante, sem nenhum *status* oficial para agir dentro do templo.

* **11.30 era do céu.** A resposta de Jesus silencia os teólogos profissionais

detentores do poder, cortando pela raiz a pretensão de uma tal autoridade "oficial" absoluta. A autoridade profética, por definição, não pode ter uma fonte humana (Gl 1.1112). Ela é atestada por Deus e exige submissão. Com a resposta de Jesus constata-se uma última pergunta implícita: "Reconheceis e vos submeteis à minha autoridade?"

* **12.1 lhes.** Este pronome, aparentemente, se refere aos principais sacerdotes e escribas, uma vez que concorda com a terceira pessoa do plural ("eles"), no v. 12 (os que buscavam um meio de prendê-lo).

Esta parábola era também uma provocação (11.18, nota).

parábola. Ver notas em 4.2, 11. Ainda que seja incorreto procurar um sentido simbólico e especial para cada detalhe da parábola, o ponto essencial é claro.

vinha. A parábola é baseada no "cântico da vinha" (Is 5.1-5), que descreve Israel e sua infidelidade.

* **12.2 servo.** Freqüentemente, um termo para designar os profetas (Êx 14.31; 2Cr 1.3; Is 20.3; Am 3.7), a quem Jesus vê como os enviados de Deus para chamar Israel à fidelidade e que, com freqüência, eram mortos (Mt 23.37).

lavradores. Para aqueles que tinham autoridade "oficial" sobre o povo de Deus, em particular aqueles para quem a parábola foi contada.

* **12.6 filho amado.** Nos três Evangelhos Sinóticos, o tema de Jesus, como o Filho amado de Deus, é raro (Mc 1.11; 9.7, cf. Mt 16.16), mas está inequivocamente presente.

* **12.9 e passará a vinha a outros.** Mt 21.43 lê: "Será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos", sugerindo tanto a comunidade dos discípulos que estavam em torno de Jesus (Lc 22.29-30) quanto a missão aos gentios (Mt 8.11-12; Rm 9.22-26).

* **12.10 A pedra que os construtores rejeitaram.** Jesus cita o Sl 118.22-23. Este salmo celebra a vitória que Deus dá a seu Messias, estabelecendo-o em seu trono. Tal é a fé que Jesus tem em seu Pai e nas Escrituras que, em face da morte que ele acaba de predizer para si mesmo ("E, agarrando-o, mataram-no" v.8), ele pode regozijar-se na vitória prometida.

* **12.13 fariseus e dos herodianos.** A aliança entre os fariseus e os herodianos ressurge (3.6). Esta aliança era possível porque ambos os partidos aceitavam a ocupação romana, aqueles como punição

divina, estes por vantagens políticas.

* **12.14 tributo a César.** Como acréscimo a numerosos direitos alfandegários, impostos, pedágios e outros encargos (2.14, nota), cada província romana era obrigada a pagar o tributo imperial. A mesma soma ou importância era arrecadada (ou extorquida) de todos, ricos e pobres igualmente. Esta tributação era muito impopular entre o povo.

* **12.15 Por que me experimentais.** A pergunta de seus opositores, aparentemente, era uma tentativa para estigmatizar Jesus como um revolucionário político.

denário. Numerosas moedas estavam em circulação na Palestina. Jesus pede um denário romano, que valia o salário de um dia de trabalho e que, de um lado, trazia impressa a efígie de César e, de outro, uma cena que glorificava o seu reino.

* **12.17 Dai a César.** Jesus aproveita a ocasião para afirmar que o poder político de Roma é legítimo, como ele declara em seu julgamento que esse poder vem de Deus (Jo

19.11). A Igreja Primitiva seguiu este ensino de Jesus (Rm 13.1-7; Cl 1.16; 1Tm 2.1-6; Tt 3.1,2; 1Pe 2.13-17).

* **12.18 saduceus.** As famílias sumo sacerdotais dos tempos de Jesus eram membros deste grupo. Os saduceus negavam a ressurreição, a existência de anjos e rejeitavam a tradição oral dos fariseus. O nome deles, provavelmente, se deriva de Zadoque, sumo sacerdote de Davi (2Sm 8.17; 1Cr 15.11; 29.22) e escolhido oficial sobre a linha sacerdotal aarônica (1Cr 27.17), a quem foi dado o direito exclusivo para ser sumo sacerdote (Ez 40.46; 43.19).

* **12.19 Moisés nos deixou escrito**. A história que eles contam a Jesus (vs. 19-23) está baseada na lei do levirato ("parente resgatador") de Dt 25.5-10, lei que estipula que a linha familiar seja perpetuada pelo parente mais próximo, no caso de morte prematura

(Rt 2.20, nota).

* **12.24 poder de Deus.** Provavelmente, Jesus se refere às obras contínuas de Deus e suas poderosas manifestações futuras (incluindo a ressurreição), através de seu Messias (Lc 22.69; Rm 1.16; 1Co 1.18-24).

* **12.25 nem casarão.** A ressurreição final é a transformação do universo físico (Rm 8.21; 1Co 15.52-53), e o mandato da criação do casamento e procriação (Gn 1.27, 28; 2.24) não mais será apropriado.

* **12.26 no trecho referente à sarça.** Ver Êx 3.1-6. O Deus que aparece com poder miraculoso na teofania da sarça ardente, "não é Deus de mortos, e sim de vivos"; é o Deus daqueles que estão unidos a ele pela eterna aliança da graça. O ensino a respeito da ressurreição — Jesus dá a entender — não está limitado a certos textos-provas do Antigo Testamento (p.ex., Jó 19.25-27; Sl 16.9-11; 17.15; 73.24-26; Is 26.19; 53.11; Ez 37.1-14; Dn 12.2; Os 6.2 e 13.14), mas está baseado na pessoa do Deus vivo e doador da vida.

* **12.27 Laborais em grande erro.** Esta frase forte lembra a acusação condenatória de Jesus contra aqueles cujo pai não é Deus, mas o diabo (Jo 8.42-47).

* **12.29 Ouve, ó Israel.** Outra vez o debate se trava em torno das Escrituras. Jesus

cita Dt 6.4, conhecido como o "Shema" (do hebreu que significa "ouvir") que é a confissão central da fé monoteísta de Israel.

* **12.31 O segundo.** Jesus liga Lv 19.18 a Dt 6.4-5, um texto que Tiago chama a "lei régia" (Tg 2.8).

* **12.33 holocaustos.** O escriba aprova a resposta de Jesus e acrescenta, ele mesmo, uma prova escriturística (1Sm 15.22; Os 6.6).

* **12.34 Não estás longe do reino.** Compare o jovem rico de 10.21 (“uma coisa te falta”) e Nicodemos (Jo 3.1-21). Em cada caso há a necessidade de um novo nascimento para a vida eterna (que é entrar no reino de Deus), o que só é possível pela morte e ressurreição do Filho do homem (Jo 3.3, 14, 15).

* **12.35 templo.** Ver nota em 11.15. Além do átrio dos gentios, havia também o átrio das mulheres e o átrio de Israel, que era reservado só para os homens judeus.

* **12.36 O próprio Davi.** A interpretação de Jesus prende-se à autoria davídica deste salmo.

falou, pelo Espírito Santo. Jesus atribui ao salmo de Davi plena inspiração divina, como farão os seus discípulos posteriormente (At 1.16; 4.25).

* **12.37 O mesmo Davi chama-lhe Senhor.** Jesus mostra que, conquanto o Messias descenda de Davi, sua dignidade real e poder sobrepujam os de Davi, porque Davi se dirige a este Rei, chamando-o de “meu Senhor”(Sl 110.1). Este Rei está singularmente associado com o SENHOR (Sl 110.2). Uma tal interpretação clara e fiel das Escrituras é ouvida “alegremente” (cf. Lc. 24.32).

* **12.38 Guardai-vos dos escribas.** A superficialidade da doutrina e da exegese dos escribas, a respeito do Messias, leva Jesus a criticar o superficial estilo de vida deles, em geral. Advertência semelhante é encontrada em 8.15.

* **12.40 devoram as casas das viúvas.** Era considerado impróprio, para qualquer

um, receber salário para interpretar as Escrituras. Conseqüentemente, eles aproveitavam e, às vezes, tiravam vantagem da hospitalidade das pessoas, entre as quais as viúvas, eram, especialmente, vulneráveis.

longas orações. Ver Mt 6.5-6, onde há uma condenação semelhante da espiritualidade exibicionista e hipócrita.

* **12.41 gazofilácio.** Os cofres para as ofertas, no templo, eram colocados no átrio

das mulheres no templo, que dava acesso a todos.

* **12.42 duas pequenas moedas.** Esta moeda, de um *lepton,* era a de menor valor

em circulação.

quadrante. Moeda romana que valia uma sexagésima quarta parte de um denário (o denário equivalia ao pagamento do salário de um dia de trabalho). Marcos traduz para o grego, para os leitores gentios (5.41, nota).

* **13.1-37.** Este capítulo é conhecido como o "Pequeno Apocalipse" ou o "Discurso do

monte das Oliveiras". Faz predições em três áreas: a próxima destruição do templo (vs. 14); futuras perseguições (vs. 5-25) e a Vinda do Filho do homem (vs. 26-37).

* **13.1 Que pedras, que construções.** Herodes, o Grande, começou a reconstruir

o templo no ano 19 a.C., usando mármore e ouro como materiais de decoração. O átrio exterior media cerca de quatrocentos e cinqüenta e sete metros de comprimento por duzentos e setenta e quatro metros de largura e era cercada por muros de pedras brancas maciças, algumas das quais mediam aproximadamente cinco metros de comprimento por um metro de altura. Em cima destes muros havia magníficos claustros cobertos ou caminhos com forros de madeira ricamente entalhados.

*** 13.2 Não ficará pedra sobre pedra.** Jerusalém foi saqueada e o templo foi

queimado e destruído no ano 70 d.C., por Tito, general romano (depois feito imperador). O Arco de Tito, comemorando a sua vitória, ainda existe em Roma.

*** 13.3 Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular. Marcos nos**

informa que este ensino é parte da instrução especial dada aos Doze (4.10, 11; 8.29).

*** 13.4 quando sucederão estas coisas.** A pergunta dos discípulos tem em vista a

predita destruição do templo. A resposta de Jesus parece incluir tanto este evento específico como o tempo que conduz à Vinda do Filho do homem (v. 26, cf. Mt 24.3). Os eventos em torno da destruição do templo parecem antecipar e tipificar aqueles momentos associados à Segunda Vinda.

*** 13.6 Muitos virão.** No ano 130 d.C. Bar Korba — líder de uma rebelião judaica

contra os romanos — reivindicava ser o Messias e era aceito como tal por seus seguidores, e a lista (de supostos messias) tem crescido desde então.

Sou eu. Esta expressão é também o nome de Deus (Êx 3.14) e é o título escolhido por Jesus (Jo 8.28, 58).

*** 13.7 o fim.** De acordo com o texto paralelo (Mt 24.3), "o fim" é a "consumação do

século".

*** 13.8 dores.** Ver referência lateral. Os judeus esperavam um período de

sofrimento antes da vinda do Messias e o descreviam deste modo, como Paulo faz em Rm 8.22.

*** 13.9 sinagogas.** Os tribunais da sinagoga tinham o direito de ordenar açoites,

limitados a quarenta golpes (Dt 25.1-3). Os apóstolos sofreram prisões e açoites (At 4.21; 5.18, 40; 2Co 6.9; 11, 23, 24).

*** 13.10 pregado a todas as nações.** O tempo entre a ressurreição de Cristo e sua

Segunda Vinda não é simplesmente um tempo de sofrimento e perseguição, mas um tempo de graça e evangelização por toda terra, em cumprimento da profecia de Is 49.6.

*** 13.11 com o que haveis de dizer.** Esta é uma promessa de assistência especial

em tempo de necessidade, mais do que uma referência ao ministério do Espírito entre os Doze, ao estabelecer a sua proclamação de Jesus (Jo 14.25, 26; 15.26, 27; 16.12-15).

*** 13.13 perseverar até o fim.** Ver nota no v. 7. Esta afirmação pode também

significar o fim da vida de cada pessoa. Uma tal perseverança é, freqüentemente, associada ao sofrimento (Rm 8.18-25; 12.12; Hb 10.32; 12.2; 1Pe 2.20).

será salvo. Esta perseverança não é para merecer a salvação, mas é a prova de que a verdadeira salvação, em certo sentido, já aconteceu (Rm 8.24).

*** 13.14 o abominável da desolação.** Dn 11.31 prediz a vinda do rei do Norte, que

profanará o templo. Esta predição foi primeiro cumprida em 168 a.C., quando Antíoco Epifânio edificou um altar pagão e sacrificou um porco no Santo dos Santos. Em 70 d.C., o texto do Antigo Testamento foi definitivamente cumprido, quando Tito, general romano (depois imperador) saqueou o templo.

quem lê entenda. Esta frase pode ser uma observação de Marcos (indicando que ele sabia que a destruição do templo já havia ocorrido) ou pode expressar o desejo de Jesus de que seus ouvintes, como leitores do Antigo Testamento, percebessem que ele estava citando Dn 9.25-27 e 11.31 (cf. 2.25; 12.10, 26).

fujam para os montes. Quando os romanos, em sua marcha para Jerusalém, no ano 69 d.C. saquearam Qunrã, os membros desta comunidade esconderam seus manuscritos em cavernas, no alto das montanhas, acima do Mar Morto. Eusébio, historiador da igreja, no século quarto, afirma que os cristãos deixaram Jerusalém, naquele tempo, e fundaram a Igreja em Pella, a leste do Jordão, cerca de sessenta e quatro a oitenta quilômetros ao norte de Jerusalém.

*****
13.19 tribulação como nunca houve. O historiador ror Tácito e o historiador

judeu Josefo descrevem a destruição do templo como uma catástrofe de dimensões sobrenaturais, com exércitos aparecendo no céu e uma voz sobrenatural. Segundo Josefo, o sofrimento foi sem paralelo.

*** 13.20 por causa dos eleitos**. O povo de Deus (vs. 22, 27).

abreviou. Esta expressão pode referir-se ao período limitado que durou a destruição do templo, ou a um período semelhante antes da Segunda Vinda, ou a ambos os períodos (v. 4, nota).

* **13.21 Eis aqui o Cristo.** Ver nota no v. 6.

* **13.22 sinais e prodígios.** Jesus associa estes sinais a manifestações

messiânicas, mesmo reconhecendo que tais manifestações são fraudulentas.

* **13.24 naqueles dias.** Uma vez que que este é um termo técnico do Antigo

Testamento para designar os "últimos dias" (Jr 3.16; Jl 3.1; Zc 8.23), Jesus pode estar começando a falar do fim (cf. v. 7). Segundo alguns intérpretes, no v. 26 a referência é à Segunda Vinda.

o sol escurecerá. Ainda que esta frase, freqüentemente, se refira ao tempo do julgamento cósmico e final de Deus (Is 13.10; 34.4; Jl 2.10, 31), aqui pode significar outro evento tão grave que, depois dele, o mundo não será mais o mesmo. Pedro interpreta Joel 2.31 em Atos 2.16-21 como uma profecia do derramamento do Espírito, no Pentecostes.

* **13.26 vir nas nuvens.** As nuvens, às vezes, significam a presença divina (Êx 19.9;

24.15-18). Se a primeira Vinda do Filho do homem foi caracterizada por sofrimento e humilhação (8.31, nota), sua futura Vinda, no fim, será uma declaração aberta de sua glória divina. Essa Vinda recorda as manifestações visíveis de Deus (teofanias) no Antigo Testamento (Êx 19.16; 34.5; Ez 1.4; 10.3-4), com a diferença que esta manifestação será universal. Porém, os vs. 24-27 podem apontar, não para o aparecimento de Cristo no julgamento universal, mas para o reconhecimento humano que Jesus está reinando no reino de Deus (Dn 7.13), um reconhecimento desencadeado pela queda de Jerusalém (o juízo final de Deus sobre a cidade). Nesse caso, o v. 27 se referiria à disseminação do Evangelho no mundo, que se seguirá àquele evento. Os "anjos" seriam os mensageiros do Evangelho

(angelos é a palavra grega para *"mensageiro",* quer sejam humanos ou angelicais). Sob este ponto de vista, a primeira referência de Jesus ao fim (sua Segunda Vinda) não ocorre senão no v. 32 ("daquele dia").

* **13.27 dos quatro ventos.** Uma forma poética de afirmar a universalidade do novo

povo de Deus.

* **13.28 figueira.** Não parece haver qualquer sentido simbólico específico nesta

"figueira" (sentido tal como o ressurgimento da nação de Israel), uma vez que a passagem paralela de Lucas (21.29) acrescenta "e todas as árvores". Jesus está simplesmente dizendo que exatamente como há sinais daquilo que ocorre no campo natural, assim será no campo espiritual.

*

13.30 esta geração. Para o evento da destruição do frase se refere à

geração da época do próprio Jesus.

* **13.31 Passará o céu e a terra.** Jesus torna suas palavras iguais às palavras das

Escrituras, com valor eterno (cf. Mt 5.18). Ver *"O Ensino de Jesus",* em Mt 7.28.

* **13.32 nem o Filho.** Jesus tinha consciência de seu relacionamento único com o

Pai, como Filho eterno, contudo, havia uma limitação no seu conhecimento, durante sua encarnação. Aquilo que o Pai não lhe revelou quanto ao futuro, ele não sabia. Nesse sentido, o homem

Jesus (o Filho considerado em sua natureza humana) não era onisciente.

* **13.35 se à tarde.** Ver 6.48, nota.

* **14.1 Dali a dois dias.** Isto é, no "segundo (ou ‘próximo’) dia”; compare 8.31. Marcos parece colocar a trama dos principais sacerdotes e escritas na quarta feira da semana da Paixão.

a Páscoa. A Páscoa era uma das mais importantes das festas judaicas, pois celebrava a libertação do povo da escravidão do Egito, quando o anjo da morte "passou por cima” das casas do povo de Israel (Êx 12.1-30). No tempo de Jesus a Páscoa era celebrada no décimo quinto dia do primeiro mês do calendário judeu (*Nisan,* que corresponde ao fim de março ou começo de abril). Era observada no último dia antes da primeira lua cheia, depois do equinócio da primavera. Desde aquele dia, quando os cordeiros pascais eram sacrificados e comidos, todo fermento (que simbolizava o pecado) era removido da casa e

só pão sem fermento (asmo) devia ser comido, durante sete dias. Esta observância era conhecida como "A Festa dos Pães Asmos” (14.12; Êx 12.15-20), e estava estreitamente associada com a Páscoa.

principais sacerdotes. Ver nota em 8.31.

escribas. Ver nota em 7.1.

* **14.2 Não durante a festa.** Sendo uma das festas de peregrinação dos judeus, a

Páscoa levava grande número de pessoas a Jerusalém. Josefo calculou que a população de cinqüenta mil pessoas aumentava para três milhões de pessoas. Ainda que esses números sejam considerados enormemente exagerados (duzentos e cinqüenta mil é o número mais provável) havia razão para as autoridades temerem.

* **14.3 Betânia.** Ver nota em 11.1.

reclinado. As pessoas se reclinavam ao invés de sentar-se à mesa (Lc 22.14, nota).

Simão, o leproso. Sem dúvida, ele não era mais leproso, pois pode ter sido curado por Jesus. Ele era claramente um importante membro do círculo mais amplo dos discípulos de Jesus, uma vez que Jesus escolheu visitar sua casa nesta ocasião.

uma mulher. De acordo com João 12.3, esta mulher era Maria, irmã de Lázaro e Marta. João também indica que essa refeição ocorreu "seis dias antes da Páscoa" (Jo 12.1), antes de Jesus ter entrado em Jerusalém. Marcos pode ter colocado aqui a narrativa, para associar esta pré-unção com vistas à sepultura (v. 8, nota) com a trama para matar Jesus (v. 1) e foi subseqüentemente seguido por Mateus (Mt 26.3-13).

vaso de alabastro. Alabastro é um tipo de gesso em sua forma pura ou translúcida, encontrado em depósitos de calcário, em cavernas e em saídas de correntes de água. Era usado freqüentemente para se fazer vasos de ungüento e era considerado um item de luxo.

nardo puro. Um raro perfume feito da raiz de uma planta que cresce no Himalaia. Seu valor de "trezentos denários"(v. 5) era equivalente aproximadamente ao salário de um ano de trabalho.

quebrando o alabastro. Para evitar perdas, uma quantidade adequada, para ser aplicada de uma só vez, era fechada em frascos, que eram quebrados pelo gargalo na hora de usar. De acordo com João 12.3 o frasco continha aproximadamente trezentos e quarenta gramas de perfume.

* **14.6 boa ação.** Jesus aprova o que outros vêem como desperdício porque, por este gesto, ela mostra o inestimável valor de Jesus, da sua morte (v. 8), e a profunda comunhão que seu sacrifício na cruz estabelecerá. Este gesto recorda a preciosa unção feita sobre

Arão, o sumo sacerdote, que o salmista compara com a bênção inestimável da comunhão entre irmãos (Sl 133).

* **14.8 ungir-me para a sepultura.** Jesus se refere à unção de cadáveres, com especiarias e perfumes, amplamente praticada na Palestina naqueles dias.

* **14.10 Judas Iscariotes.** Judas ia receber trinta moedas de prata (nem mesmo a metade do valor do perfume) para trair Jesus (v. 11).

um dos doze. Ver nota em 3.14.

* **14.12 pães asmos.** Esta festa simbolizava a remoção do pecado na vida dos crentes israelitas (Êx 12.14-20). A refeição da Páscoa caía no primeiro dia desta festa (v. 1, nota; Êx 12.14-15), o décimo-quarto dia depois do começo do ano judaico (Êx 12.6).

sacrifício do cordeiro pascal. Jesus morreu na Páscoa, a festa que celebra o modo como o sangue de um cordeiro protegeu os israelitas do juízo de Deus no Egito. A morte de Jesus mostra a profunda continuidade no plano divino da redenção (cf. 1Co 5.7). Na ordem destas festas é afirmada a prioridade do ato salvífico de Deus (Páscoa e redenção) contra todas as nossas obras de justiça (festa dos "Pães Asmos" e o abandono dos pecados pelos crentes).

* **14.13 homem trazendo um cântaro de água.** Eram as mulheres que,

usualmente, carregavam os cântaros de água. Para o conhecimento de Jesus a respeito do futuro e de eventos distantes, ver 11.1-2 e Jo 1.48. Jesus podia exercer e exerceu, na terra, seus poderes divinos de conhecimento (13.32, nota).

* **14.17 com os doze.** Os Evangelhos registram que os que estavam presentes,

nesta época do ministério de Jesus, eram os doze, que ele

tinha escolhido no começo (cf.

3.14). De acordo com Lucas 22.30, neste tempo Jesus anunciou o futuro ministério deles, como juizes do novo povo de Deus. Eles foram testemunhas da inauguração do novo concerto.

* **14.20 um dos doze.** A predição de Jesus a respeito da traição procede de seu íntimo conhecimento de Judas e, também, do seu entendimento das Escrituras (v. 21; Sl 41.9).

mete comigo a mão no prato. Pão ou carne eram mergulhados numa tigela central cheia de molho. O detalhe dá ênfase à profunda traição pessoal, uma vez que a comunhão à mesa era uma prova de genuína amizade (cf. 2.16).

* **14.21 como está escrito.** Ver 8.31, nota.

* **14.22 enquanto comiam.** A refeição sacramental da nova aliança está

intrinsecamente relacionada com a antiga e desenvolve-se a partir dela. Notar o paralelismo com Êx 24.9-11). Jesus toma dois elementos da refeição pascal — o pão sem fermento e o vinho — para expressar sua nova obra de redenção. Ver *"A Ceia do Senhor',* em 1Co 11.23.

* **14.24 meu sangue.** Na Páscoa original, o sangue do cordeiro protegeu da morte

os israelitas (Êx 12.23-30). A frase "sangue da aliança" vem de Êx 24.8 e recorda que as alianças bíblicas são seladas com sangue (Gn 15.9-21; 17.9-14; Êx 24.4-8).

derramado em favor de muitos. Jesus está aludindo a Is 53.12, onde o Servo do Senhor "derramou a sua alma na morte" e "levou sobre si os pecados de muitos".

*** 14.25 jamais beberei.** Jesus está predizendo aqui a iminência de sua morte.

o hei de beber, novo. Jesus está expressando aqui a sua fé em Deus, que não o abandonará na sua morte.

*** 14.26 Tendo cantado um hino.** Esta menção ao cântico é uma referência à

liturgia da Páscoa. Jesus e seus discípulos cantaram os Salmos 115 a 118, que era o encerramento tradicional da refeição da Páscoa.

*** 14.28 para a Galiléia.** O anjo, no túmulo, lembra esta promessa e alude à negação

por parte de Pedro (16.7).

*** 14.30 antes que duas vezes cante o galo.** Para outros exemplos de

conhecimento que Jesus tinha de eventos futuros, ver nota no v. 13. A referência aparentemente específica poderia ser também um modo poético de dizer "antes da aurora".

*** 14.33 Pedro, Tiago e João.** Ver nota em 5.37.

tomado de pavor. Esta expressão é única em Marcos e expressa profundo sofrimento emocional (9.15; 16.5-6).

*** 14.36 Aba.** Uma palavra coloquial aramaica para "pai", que expressa o estreito

relacionamento de Jesus com Deus, o Pai. Marcos registra a palavra semítica (5.41; 7.34; 11.9; 14.45; 15.22,34).

cálice. Ver nota em 10.38.

*****

14.37 uma hora. A despeito das intenções nobres (14
de

uma hora de verdadeiro discipulado.

*

14.38 Vigiai. Esta exortação recorda a advertência de 13.32-37, de vigiar e não

cair no sono antes da vinda do Filho do homem. "Tentação" é uma armadilha de Satanás

para levar o povo de Deus (neste caso, os Doze) à queda e, se possível, levar ao fracasso o plano de redenção.

* **14.43 uma turba.** Provavelmente uma força enviada pelo Sinédrio, uma vez que

são mencionados três categorias de membros dessa entidade (v. 53; 8.31, nota).

* **14.44 beijar.** Um sinal de respeito que os discípulos mostravam para com os

mestres. Depois de comer do mesmo prato (v. 20, nota), Judas agora finge submissão e respeito.

* **14.48 como a um salteador.** O termo grego pode significar ou "salteador" ou

"insurrecionista", porém, em vista da acusação feita contra Jesus, em seu julgamento (Lc 23.2), a tradução "insurrecionista" fica melhor.

* **14.49 para que se cumpram as Escrituras.** Ver nota em 8.31. Em vista do v. 50,

a passagem que Jesus tem em mente pode ser Zc 13.7 (ver v. 27).

* **14.51 um jovem... lençol.** O termo grego traduzido por "lençol" pode também

significar "pano de linho". Alguns intérpretes tem sugerido que neste detalhe enigmático, como na possível menção do pano de linho (um sinal de riqueza), haveria uma referência velada ao próprio Marcos, uma vez que ele era de uma próspera família em Jerusalém (At 12.12).

* **14.53—15.15** Esta seção da narrativa refere-se aos julgamentos de Jesus ante os

judeus e os romanos. Estes julgamentos foram cheios de erros e irregularidades, pois os princípios de justiça estavam subordinados a propósitos humanos e políticos. O julgamento diante dos judeus teve três fases: uma audiência diante de Anás (registrada só por João 18.12-14, 19-23); um julgamento diante do Sinédrio, presidido por Caifás, na sua casa (14.53-65) e a sessão de madrugada, levada a efeito pelo Sinédrio (15.1). O julgamento romano, foi constituído de três fases igualmente: diante de Pilatos (15.2-5); diante de Herodes Antipas (registrado só em Lc 23.6-12) e diante de Pilatos outra vez (15.6-15).

* **14.54 pátio do sumo sacerdote.** Normalmente, o Sinédrio se reunia na área do mercado próxima ao templo. Este julgamento teve lugar na residência do sumo sacerdote. Foi irregular quanto ao tempo (à noite) quanto ao lugar, e na sua pressa incomum.

* **14.57 testificavam falsamente.** Dt 19.15-21 exige que a culpa, para ser

estabelecida, seja confirmada pela corroboração de duas ou três testemunhas. O falso testemunho receberia a mesma punição que pesava sobre o acusado. Estes regulamentos não foram observados no caso de Jesus.

* **14.58 Eu destruirei este santuário edificado por mãos.** Os três

Evangelhos Sinóticos não registram este dito de Jesus. Contudo, ele é encontrado na narrativa de João da purificação do templo (Jo 2.19). Isto nos leva a supor a probabilidade de que a purificação do templo, por Jesus, ocorreu duas vezes, e o lapso de três anos ajudaria a explicar a versão deturpada das testemunhas.

* **14.61 Cristo.** Do grego, significando "o Ungido". "Messias" é a palavra hebraica com o mesmo sentido (1Sm 2.10, nota)

Filho do Deus Bendito. "Bendito" geralmente era usado como um substituto direto para a palavra "Deus", usado pelos judeus para evitar o risco de tomar o nome de Deus em vão. O título todo significa "Filho de Deus" e, no contexto, indica a realeza da messianidade mais do que a divindade absoluta.

* **14.62 Eu Sou.** Ver nota em 6.50; 13.6.

Filho do homem. Ver nota em 2.10. Jesus modifica o título "Messias", nos termos da figura divina de Dn 7.

nuvens. Ver nota em 13.26.

* **14.63 rasgou as suas vestes.** Um gesto simbólico que expressa grande tristeza ou horror (Gn 37.29; 2Rs 18.37; 19.1; Ed 9.3; Jr 36.24; Jl 2.13).

Que mais necessidade temos de testemunhas. O sumo sacerdote faz todo o Sinédrio testemunhar em favor da acusação de blasfêmia por parte de Jesus.

* **14.64 blasfêmia.** Jesus é condenado não por insurreição, mas porque reivindicou

para si a divindade, a essência de sua mensagem. A punição prescrita para a blasfêmia (insulto à honra do nome de Deus) era a morte por apedrejamento (Lv 24.16), porém, nesta época só um tribunal romano podia ordenar a pena capital. Jesus morreria

em conseqüência de uma punição infligida pelos romanos (Jo 18.31, 32, e notas).

* **14.65 cuspir nele.** Concordando com a acusação do sumo sacerdote, todos os

membros do Sinédrio "o condenaram" (v. 64) e alguns manifestaram sua concordância com violência física e pessoal. Cuspir no rosto indicava exclusão do grupo (Nm 12.14-15), como se fosse por impureza ritual. Neste ponto o Sinédrio rompeu decisivamente com o Messias.

* **14.67 o Nazareno.** Ver nota em 1.24.

* **14.70 galileu.** Os judeus da Judéia desprezavam os judeus da Galiléia, pois eram

considerados cultural e religiosamente inferiores. Os modos e o sotaque de Pedro denunciaram-no, especialmente no pátio de um aristocrata saduceu.

* **15.1 Logo pela manhã.** Provavelmente ao amanhecer. O propósito da nova

reunião era, ao que parece, levantar contra Jesus alguma acusação de natureza civil (cf. Lc 23.2).

Pilatos. O Credo Apostólico menciona Pilatos como o representante de Roma que se defrontou com Jesus, neste julgamento. Pilatos foi o governador romano da Judéia de 26 a 36 d.C. Como magistrado, só ele tinha o direito legal de pronunciar sentenças capitais (14.64, nota).

* **15.2 rei dos judeus.** Este título é ambíguo. No sentido político, os Herodes eram

reis, Jesus não. Não obstante, Jesus era rei dos judeus, oferecido a eles como cumprimento de suas esperanças messiânicas.

* **15.4 Nada respondes.** Aparentemente, Pilatos queria levar Jesus a perceber

que, diante da lei, o silêncio significava consentimento.

*

15.7 Barrabás. Provavelmente, um insurreicionista, que p a derrocada

militar de Roma. Mt 27.16 (em alguns manuscritos) dá seu primeiro nome como sendo "Jesus", que era um nome comum naquela época. A escolha que Pilatos propõe à multidão (v. 9) é involuntariamente irônica: Jesus Barrabás — que queria salvar

politicamente a Israel — ou Jesus de Nazaré, o verdadeiro Salvador do mundo.

* **15.13 Crucifica-o.** De origem persa e adotada pelos romanos, esta forma

vergonhosa e cruel de punição capital era aplicada especialmente contra escravos rebeldes e contra insurreicionistas. Cravos de metal eram cravados nos pulsos ou nas mãos (Jo 20.25) e nos calcanhares da vítima, provocando sofrimento atroz. A morte, geralmente, ocorria no decorrer de dias, e resultava dos ferimentos, da fome, da desidratação e do abandono ao relento. Quebrar as pernas do condenado (Jo 19.33) provocava morte rápida por asfixia, uma vez que as pernas não podiam mais sustentar o corpo ajudando a pessoa a respirar. Como Paulo observa, a crucificação de Jesus mostrou-o publicamente sob a maldição de Deus (Gl 3.13, cf. Dt 21.23).

* **15.15 açoitar.** Segundo o costume romano, o açoite precedia a crucificação.

* **15.16 pretório.** Originalmente, a palavra designava a sede do comando militar ou

quartéis, em geral. Nos Evangelhos, refere-se a uma residência oficial (cf. At 23.35).

todo o destacamento. Lit., "corte" ou a décima parte de uma legião romana, que seriam então seiscentos homens.

*** 15.17 Vestiram-no de púrpura.** A púrpura era cara e difícil de produzir e, por esta

razão, era indício de alta classe (Et 1.6; Pv 31.22; Lc 16.19; Ap 17.4), especialmente da realeza (2Cr 2.7, 14; 3.14; Ct 3.10).

coroa de espinhos. Jesus suportou a maldição divina (v. 13, nota) na terra, que produziu espinhos depois do pecado de Adão (Gn 3.17, 18). Os soldados usaram essa coroa para ridicularizar a idéia de que Jesus era um rei.

*** 15.18 Salve**. Esta saudação e homenagem prestadas (v. 19) são zombarias do

respeito devido à realeza.

*** 15.21 Cireneu.** Cirene era uma importante cidade na região da Líbia atual. Havia

uma grande colonização judaica em Cirene, que remontava a centenas de anos atrás (At 6.9).

Alexandre e de Rufo. Os filhos de Simão podiam ter sido membros de uma comunidade cristã, provavelmente em Roma, à qual Marcos escreveu (Rm 16.13).

a carregar-lhe a cruz. Usualmente o condenado devia carregar a cruz, que pesava de treze a vinte quilos. Simão, ao tomar a cruz de Jesus, tornou-se um quadro visível do verdadeiro discipulado que Jesus exige (8.34).

* **15.22** **Lugar da Caveira.** Um nome sinistro, provavelmente refere-se à forma da

colina onde as execuções eram levadas a cabo.

* **15.23** **vinho com mirra.** Uma primitiva forma de analgésico. Mirra era uma

especiaria cara usada como cosmético. Foi oferecida a Jesus por ocasião de seu nascimento, como dádiva para um rei (Mt 2.11) e usada em seu sepultamento por Nicodemos (Jo 19.39-40).

* **15.24** **repartiram... as vestes dele.** Estas eram os espólios reservados ao

esquadrão da execução. Este detalhe, aparentemente sem importância, cumpre o Sl 22.18, um salmo que descreve a agonia de uma morte violenta e imerecida (Sl 22.16).

* **15.25** **hora terceira.** Nove horas da manhã.

* **15.26** **sua acusação.** Chamada *"titulus"* em Latim, era uma placa levada diante do

prisioneiro a caminho da execução, e afixada na cruz sobre sua cabeça.

* **15.27** **dois ladrões.** Ainda que a palavra grega signifique freqüentemente "ladrão",

pode também significar *insurrecionista* (14.48, nota) ou mais geralmente "criminoso". Uma

vez que o roubo não era punido com crucificação (v. 13, nota), um dos dois últimos significados é preferível aqui.

* **15.28** Este versículo está faltando nos mais antigos manuscritos gregos, ainda que

conste da vasta maioria dos manuscritos existentes. É possível que os primeiros copistas tenham inserido a citação de Is 53.12, valendo-se da passagem paralela de Lc 22.37.

* **15.29** Ver nota em 14.58.

* **15.30** **descendo.** Estas palavras são tanto um insulto como uma tentação

diabólica, semelhante àquela que foi proposta a Jesus no começo do seu ministério (Mt 4.2-6). O diabo está procurando ainda subverter a obra da redenção, exatamente no momento de sua consumação, quando Jesus está enfrentando sua maior fraqueza física (14.38).

* **15.33** **hora sexta.** Meio dia.

trevas. Isto recorda as trevas no Egito, que se estenderam por três dias, antes da morte dos primogênitos (Êx 10.22). Ver também a profecia de Amós (8.9-10), onde o Senhor promete "entenebrecerei a terra em dia claro", em um tempo "como luto por filho único".

hora nona. Cerca de três horas da tarde.

* **15.34** **Eloí... sabactâni.** Esse é o primeiro versículo de Sl 22 em Aramaico. Mesmo

nas garras da morte, a vida de Jesus é determinada por aquilo que está escrito nas Escrituras.

* **15.35** **Elias.** Alguns entenderam mal a palavra "Eloi", tomando-a por "Elias" talvez

porque, em alguns círculos, acreditava-se que Elias voltaria (6.15; 8.28).

* **15.36** **vinagre.** Diferente do vinho e mirra oferecidos (v. 23), aqui não há o desejo

humanitário de abrandar o sofrimento, mas antes a intenção cruel de prolongá-lo, mantendo Jesus vivo, para verem se "Elias" viria ao ser chamado por ele.

*** 15.37 dando um grande brado.** Já havia seis horas que Jesus estava pendurado

sobre a cruz (vs. 25, 34). A crucificação podia estender-se por dois ou três dias (v. 13, nota).

*** 15.38 o véu do santuário rasgou-se em duas partes. A morte de Jesus é o**

sacrifício final e definitivo pelo pecado (Hb 7.27). A velha dispensação da aliança da graça é levada a um final decisivo. O sumo sacerdote não mais teria necessidade de entrar no Santo dos Santos, atrás do véu, para expiar os pecados do povo (Êx 26.31-33, cf. Hb 9.110). Jesus é o novo e eterno Sumo Sacerdote (Hb 8.1) e, também, a perfeita vítima sacrificial (Hb 9.14), que obtém "redenção eterna" para o seu povo (Hb 9.12).

*** 15.39 centurião.** Oficial romano responsável por cem homens. Este centurião,

aparentemente, era o responsável pelo destacamento encarregado de executar a sentença contra Jesus. Ele estava bem posicionado para observar a morte de Jesus.

Filho de Deus. O grego poderia ser traduzido "um filho de Deus". Um romano não veria, neste termo, o Messias do Antigo Testamento, nem o eterno Filho da Trindade, mas a idéia helenística de um humano sendo favorecido pelos deuses. Não obstante, a confissão permanece como o propósito e o clímax do Evangelho de Marcos, completado com o conteúdo da mensagem cristã (cf. 1.1).

*** 15.40 Maria Madalena.** Isto é, Maria de Magdala, cidade à

margem sudoeste do

Mar da Galiléia (cf. 16.9; Lc 8.2).

Maria, mãe de Tiago, o menor e de José. Conhecida somente através deste incidente (Cf. Mt 27.56).

Salomé. Mãe de Tiago e de João (Mt 27.56, cf. 20.20, 21).

*** 15.41 muitas outras.** Todos os homens tinham fugido, exceto o discípulo amado

(Jo 19.26, 35).

*** 15.42 dia da preparação.** O dia anterior ao Sábado (sexta feira, Jo 19.14, nota). O

alimento era preparado antes de o sol se por, quando o Sábado começava. José tinha de

comprar o linho, tomar as providências para o sepultamento de Jesus e aprontar o túmulo (vs. 43-46) nas três horas que restavam entre a morte de Jesus e o pôr do sol.

*** 15.43 José de Arimatéia.** Talvez, de Ramá, na Judéia, a aproximadamente trinta e

dois quilômetros a noroeste de Jerusalém, e cidade do profeta Samuel (1Sm 1.1). Ver nota em Lc 23.50-51.

Sinédrio. Ver 8.31, nota.

reino de Deus. Ver nota em 1.15. José, sem dúvida, era um fariseu piedoso mas também, um secreto seguidor de Jesus.

dirigiu-se resolutamente. Este, aparentemente, é o primeiro ato de fé demonstrado por José, porém, é revelado num momento em que todos os próprios discípulos de Jesus tinham fugido. José coloca-se

em conflito com a decisão do Sinédrio, pondo em risco todo o seu futuro.

* **15.44 Pilatos admirou-se.** A surpresa de Pilatos outra vez confirma o caráter

incomum da morte de Jesus (v. 37, nota).

*

15.46 túmulo... aberto numa rocha. De acordo com o túmulo pertencia

a José e à sua família. Um tal lugar de sepultamento familiar consistiria de um vestíbulo primorosamente pintado, de onde uma passagem conduziria a bancos ou prateleiras individuais cavados na rocha, e onde os corpos eram deitados. O túmulo devia ser selado com uma pesada pedra rolada ao longo de um sulco feito na rocha à sua entrada.

*

16.1 Passado o sábado. Ao pôr do sol, (6:00 horas no fim do sábado,

um horário apropriado para comprar especiarias, mas não para visitar túmulos.

embalsamá-lo. Ungir com aromas era um modo de demonstrar afeição (14.8, nota) como hoje, no Ocidente, se envia flores.

* **16.3 Quem nos removerá a pedra.** Elas tinham visto a "pedra... muito grande" (v.

4) que fechava o túmulo (15.46, nota).

* **16.5 Entrando no túmulo.** Elas entraram no vestíbulo da câmara mortuária, no

fim da qual estava o nicho (banco ou prateleira) onde tinham deixado o corpo de Jesus (15.46, nota).

um jovem. Mt 28.2 diz que as mulheres encontraram um anjo no túmulo.

*** 16.6 o Nazareno.** Ver nota em 1.24.

ele ressuscitou. Se o Evangelho de Marcos alcança o seu clímax na confissão de que Jesus é o Filho de Deus (15.39, nota), um segundo clímax é atingido com a declaração de sua ressurreição, a qual confirma que sua pregação sobre a vinda do reino em poder é verdadeira. Ver notas em 1.15 e 9.1; *"A Ressurreição de Jesus",* em Lc 24.2.

*** 16.7 e a Pedro.** Esta expressão faz toda a diferença no enorme papel que Pedro

desempenharia na história subseqüente da redenção. Por ela, Marcos indica, quando leva seu Evangelho ao fim (16.9-20, nota), que a obra de Jesus, na preparação dos doze, não se perdeu.

ele vai adiante de vós. Ver nota em 14.28.

*** 16.8 medo.** Se os vs. 9-20 não são originais (ver abaixo), então o Evangelho de

Marcos termina com esta frase. Esta seria uma conclusão surpreendente para um documento que se propõe ser um "evangelho", uma "proclamação de boas novas". Uma consideração oposta é que a palavra traduzida por "medo" significa também "temor reverente", e este mesmo estado mental é produzido nos discípulos quando viram a transfiguração de Jesus (9.6), um tipo da futura ressurreição. Mas o silêncio inicial das mulheres foi, realmente, desobediência (v. 7).

*** 16.9-20** Os estudiosos diferem entre si quando consideram se

estes

versículos eram originalmente parte deste Evangelho. Alguns importantes manuscritos gregos mais antigos não trazem estes versículos; outros manuscritos têm os versículos 920 (conhecidos como o “Longo Final”) e, ainda outros, têm um “Breve Final” (aproximadamente o comprimento de um versículo). Uns poucos manuscritos trazem

ambos, tanto um *Final Breve* quanto um *Longo Final.* Devido a estas diferenças alguns estudiosos crêem que os vs. 9-20 foram acrescentados posteriormente e que não foram escritos por Marcos. Por outro lado, esses versículos são citados por escritores do final do segundo século e são encontrados numa esmagadora maioria de manuscritos gregos do Evangelho de Marcos. Para outros estudiosos estes fatos estabelecem a autenticidade da passagem.

*** 16.9 Maria Madalena.** Ver nota em 15.40.

*** 16.12 dois deles.** Compare Lucas 24.13-35.

* **16.15 Ide por todo o mundo.** Compare Mt 28.19.

*** 16.16 batizado.** Ver *“Batismo Infantil”,* em Gn 17.11.

*** 16.17 sinais.** Todas as coisas preditas aqui (exceto beber veneno mortal) são

registradas no Novo Testamento, especialmente em Atos. Ver também Rm 15.19 e Hb 2.3-4. Histórias a respeito dos apóstolos sobreviventes, que foram forçados a beber veneno, são encontradas na literatura cristã primitiva, fora da Bíblia.

*** 16.19 à destra de Deus.** Uma posição que simboliza a autoridade que Jesus

compartilha com Deus, o Pai (14.62; Fp 2.9, cf. Sl 110.1).

*** 16.20 confirmando a palavra por meio de sinais. Ver nota no v. 17.**

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

*** 1.1-4** O parágrafo de abertura está escrito em grego que recorda o estilo clássico,

uma espécie de abertura esperada numa obra literária destinada a ampla circulação. Lucas se dirige a Teófilo e explica por que escreveu.

*** 1.1 muitos.** Muitos escritos da igreja primitiva se perderam.

se realizaram. O propósito de Deus tinha se manifestado nas coisas a respeito das quais ele escreveu.

*** 1.2 testemunhas oculares.** Havia evidências fidedignas para aquilo que foi

escrito, ainda que Lucas se distinga daqueles que foram testemunhas oculares.

*** 1.3 depois de acurada investigação.** Ou, "tendo tido pleno entendimento". Sua

investigação foi meticulosa.

desde sua origem. Ele foi às raízes, ao começo do movimento cristão, aos eventos que cercaram o nascimento do próprio Jesus.

excelentíssimo. Modo de saudar uma pessoa de posição elevada (At 23.26; 24.3).

*** 1.4 plena certeza.** A fé cristã está bem fundamentada.

instruído. A palavra grega é a matriz da palavra "catecismo" em português.

* **1.5 Herodes.** Herodes, o Grande, que reinou de 37 a 4 a.C.

turno. Havia apenas um templo e sacerdotes o serviam em grupos rotativos. O turno de Abias era o oitavo dos vinte e quatro turnos (1Cr 24.10); cada um ministrava por uma semana, duas vezes por ano.

* **1.6 irrepreensivelmente.** A expressão não significa que eles nunca tivessem

pecado, mas que eram pessoas piedosas e íntegras. Devia ser para eles uma séria

decepção o não terem filhos, pois os filhos eram considerados recompensa de Deus pelo serviço fiel (Sl 127.3-5).

* **1.7 sendo eles avançados em dias.** Os sacerdotes não tinham uma idade para

se aposentar.

* **1.9** Um grande número de sacerdotes servindo no único templo, significava que

as oportunidades para o sacerdote tomar parte no ritual, eram poucas. Ele não podia oferecer incenso mais do que uma vez, em toda sua vida (pois alguns deles nunca tiveram esse privilégio). Este foi o ponto alto na carreira de Zacarias. Ele devia entrar no lugar Santo com outros sacerdotes, mas estes se retiraram, deixando-o só para fazer a oferta.

* **1.11 à direita.** Provavelmente, o lado sul; o anjo deve ter estado entre o altar de

incenso e o candelabro de ouro.

* **1.13 tua oração.** Esta pode ter sido uma oração, pedindo um filho; porém,

provavelmente, num momento tal como esse, pode ter sido uma oração em favor da redenção de Israel. De qualquer modo, a resposta à sua oração seria vista no nascimento de um filho.

João. O nome significa "o Senhor é gracioso".

*
1.15 vinho. O fato de ele não ingerir bebidas alcoól a pensar que

ele seria nazireu, porém, Lucas não diz isto e não há referência aos cabelos que não deveriam ser cortados. Mais provavelmente, João tinha uma posição única, nem sacerdote nem nazireu. Ele é a única pessoa, no Novo Testamento, de quem se diz ter sido cheio do Espírito Santo, desde o nascimento.

*
1.17 no espírito e poder de Elias. Ver Malaquias 3 4.5.

para converter os corações dos pais aos filhos. Ele restaurará a unidade das famílias rompidas, desagregadas pelo efeito do pecado (Êx 34.7).

habilitar. O clímax é que João prepararia o caminho para o Senhor. Esta é a razão pela qual ele é especialmente lembrado.

* **1.19 Gabriel.** Gabriel e Miguel são os dois únicos anjos citados pelo nome na

Bíblia. O fato de Gabriel estar na presença de Deus mostra a sua grandeza — um ser assim merece crédito. O verbo grego traduzido por "trazer boas novas" é o termo comum empregado para "pregar o evangelho". Zacarias recebeu um sinal: Ele ficaria mudo até o menino

nascer.

* **1.21 santuário.** O Lugar Santo. O povo estava no pátio do templo, esperando por

Zacarias, que devia sair para pronunciar a bênção. Oferecer incenso era um ato que não demorava muito, por isso o seu atraso causou estranheza. Quando Zacarias não pôde falar, mas fez gestos (v.22), o povo concluiu que ele tinha tido uma visão.

* **1.24** Como o anjo tinha prometido, Isabel ficou grávida. A esterilidade era

considerada uma punição divina, porém, Isabel não mais sofreria desse vexame (cf. Gn 30.23).

* **1.27 desposada.** Este compromisso era mais sério do que o moderno noivado,

pois era virtualmente uma forma de casamento. O casal não vivia junto, mas para quebrar esse relacionamento seria preciso o divórcio. Ver nota teológica "O Nascimento Virginal de Jesus", índice.

* **1.28,29** Maria era humilde e ficou perplexa, porque o

era "muito favorecida" (tradução correta da palavra às vezes traduzida por "cheia de graça"). A expressão indica que Maria recebeu graça e não que ela era fonte de graça para outros.

* **1.31 Jesus.** O nome significa "Yahweh é Salvação".

* **1.32 grande.** Há aqui um sentido mais pleno do que quando o termo foi aplicado

a João (v.15). Jesus será "Filho do Altíssimo".

o trono de... seu pai. Lucas aponta para o Messias, como o

descendente de Davi (2Sm 7.12-16; Sl 89.29).

* **1.33** O reino que não tem fim é o reino de Deus.

* **1.34** Maria percebeu que o anjo não estava falando a respeito de um filho que ela

teria em conseqüência de seu casamento com José. Ela entendeu que o anjo queria significar algo miraculoso — uma gravidez sem pai humano. A concepção virginal é uma idéia distintivamente cristã. Paralelos gregos, às vezes citados, relatam estórias de deuses que tiveram relação sexual com mulheres.

* **1.36 tua parenta.** Isabel e, portanto, Maria também, era descendente de Arão

(v.5). A referência a "Davi, seu pai" (v.32) mostra que Maria era também de descendência davídica. Um de seus pais era, evidentemente, descendente de Arão e o outro de Davi.

* **1.39 foi apressadamente.** Maria deve ter saído imediatamente. Isabel estava

grávida já havia seis meses (v.36); Maria ficou com Isabel três meses e, ao que parece,

voltou para casa antes do nascimento de João (vs.56,57).

* **1.41 ficou possuída do Espírito Santo.** O Espírito S

prestar homenagem à fé que Maria possuía (v.45).

* **1.46-55** Este cântico de louvor, chamando *Magnificat* (a sua primeira palavra

em Latim) é revolucionário em sua preocupação com os pobres e desprezados deste mundo, e em sua rejeição do rico e orgulhoso.

* **1.48 sua serva.** A palavra significa "uma escrava” e expressa humildade. Maria

dá ênfase à graça de Deus para com o pobre e exalta a santidade e o poder de Deus.

* **1.51-53** Os atos de Deus a que ela se refere não são necessariamente do

passado. Maria rejeita idéias aceitas de privilégio para os ricos, quando fala daquilo que Deus fará pelo pobre (Sl 9.18, nota).

* **1.54 Amparou.** O auxílio de Deus, através do Messias, provavelmente está na mente dela.

* **1.55 Abraão.** Referência à aliança entre Deus e Israel.

* **1.59 oitavo dia.** A circuncisão judaica ocorrida no oitavo dia (Gn 17.12); porém esta é a primeira evidência do costume de dar nome à criança naquele dia.

* **1.63 tabuinha.** Era uma placa coberta com cera, onde se podia escrever com um instrumento pontiagudo.

* **1.65 temor.** A emoção de admiração e reverência apropriada à presença de Deus.

* **1.68 Bendito.** Um modo comum de iniciar uma ação de graças (Sl 72.18; 124.6). **redimiu.** O povo de Deus não é resgatado sem custo.

* **1.69 poderosa.** Lit. "chifre”. Era um símbolo de força.

Davi, seu servo. Esta frase mostra que Zacarias está falando a respeito de Jesus, não de João Batista.

* **1.72 santa aliança.** Há várias alianças no Antigo Testamento, mas a aliança com Abraão sempre foi vista como especialmente

significativa (Gn 17).

* **1.76 Tu, menino.** Zacarias volta sua atenção para João, e diz que ele será o precursor do Senhor.

* **1.78 sol nascente.** Refere-se ao Messias (Ml 4.2). O grego significa simplesmente "levantar", e alguns pensam num rebento de Jessé (Is 11.1). Porém, a palavra é usada comumente para significar o "levantar do sol" e, assim, a referência à aurora é mais adequada.

* **1.80 nos desertos.** João cresceu no deserto e pode ter tido contato com

comunidades religiosas ascéticas, como a de Cunrã, por exemplo, cujos escritos — os Rolos do Mar Morto — foram descobertos em 1946.

* **2.1-3** Lucas data o nascimento de Jesus pelo método comum de referência aos

governantes políticos (3.1). Não há nenhum outro registro de um recenseamento geral sob Augusto, mas ele reorganizou a administração do império e estabeleceu recenseamentos com vistas à cobrança de impostos. Quirino era governador da Síria, quando um recenseamento foi realizado no ano 6 a.C. e pode ter estado ali antes disso (10-7 a.C.). Parece ter sido um costume realizar recenseamentos com intervalos de quatorze anos. Lucas pode estar se referindo a um recenseamento anterior ao bem conhecido e impopular recenseamento levantado por Quirino, no ano 6 a.C.

* **2.3 alistar-se.** As pessoas iam até seus lugares de origem para alistar-se. Era

mais fácil alistar famílias.

* **2.5 Maria, sua esposa.** Ver nota em 1.27.

* **2.7** O nascimento da criança é descrito com simplicidade. Havia tiras de pano

que envolviam a criança. O fato de a criança ter sido colocada numa manjedoura pode indicar que ela nasceu num estábulo. Há uma tradição de que Jesus nasceu numa caverna que tinha sido usada como estábulo. As manjedouras ficavam, com freqüência, ao ar livre, de modo que é possível que Jesus tenha nascido a céu aberto. Outra possibilidade é que o lugar onde Jesus nasceu era o lar de uma família pobre, onde os animais ficavam sob o mesmo teto.

não havia lugar para eles na hospedaria. Isto pode significar que o estalajadeiro não queria tê-los ali.

* **2.8** **pastores que viviam nos campos.** Os animais para serem usados para o

sacrifício, no templo, eram guardados a céu aberto, mesmo no inverno. A presença de pastores ao ar livre não prova que Jesus tenha nascido num período quente do ano. Os pastores eram uma classe desprezada porque seu trabalho os impedia de observar a lei cerimonial e, como eles se movimentavam por todo o país, era comum serem

considerados como ladrões. Não eram considerados dignos de confiança e não eram aceitos como testemunhas nos tribunais.

* **2.9 anjo.** O anjo é um mensageiro: No Novo Testamento, um "anjo" é comumente um mensageiro sobrenatural de Deus.

* **2.10** O anjo começou por tranqüilizar os homens apavorados (cf. 1.13,30), e foi adiante usando termos enfáticos para descrever a grande alegria e as boas novas que lhes estava anunciando.

para todo o povo. A frase grega se refere normalmente a todo o povo de Israel.

* **2.11** Jesus é chamado "Salvador" só duas vezes nos quatro Evangelhos (cf. Jo

4.42). "Cristo" significa "Messias", enquanto "Senhor" é regularmente usado na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento), porque o próprio nome de Deus é convencionalmente traduzido "SENHOR", com letras maiúsculas. Os mais destacados termos são aplicados ao novo Menino.

* **2.12 sinal.** O sinal os capacitaria a encontrar o Menino e provaria a verdade daquilo que o anjo estava dizendo.

* **2.13 da milícia celestial.** "Milícia" é um termo militar e é significativo que um exército anuncie a paz (v.14). A "paz" é a paz com Deus, uma paz que Cristo traria.

* **2.14 entre os homens.** Alguns manuscritos antigos trazem "entre os homens de seu prazer", dando ênfase à iniciativa divina.

* **2.20** Lucas freqüentemente menciona louvor a Deus (5.25,26; 7.16; 13.13).

* **2.21-24** Jesus foi circuncidado no oitavo dia, como prescrevia a lei (Gn 17.12 cf. Gl 4.4,5). A necessidade de purificação surge pelo fato de a mãe ser cerimonialmente impura, por sete dias, depois do nascimento de um menino. Por outros trinta e três dias ela devia guardar-se de tocar coisas santas (estes períodos eram dobrados, quando nascia uma filha, Lv 12.1-5). A mãe, então, devia ofertar um cordeiro mais uma pomba ou

uma rola. Se fosse pobre, sua oferta seria duas pombas ou rolas (Lv 12.6-8). Maria ofereceu a oferta do pobre. O primeiro filho varão de uma mulher devia ser apresentado ao Senhor (Êx 13.2).

* **2.25 consolação de Israel.** Este título, para o Messias, refere-se ao conforto que

ele traria.

* **2.28-32 louvou a Deus.** O louvor de Simeão é, freqüentemente, chamado

“Nunc Demittis", devido às palavras em latim com que ele começa.

* **2.30 a tua salvação.** Esta frase significa que a criança traria a salvação de Deus

à humanidade.

* **2.31 todos os povos.** A frase é plural e se refere aos gentios bem como a Israel

(v.10, nota).

* **2.34 para a ruína como para levantamento.** Se a expressão “ruína e

levantamento” se aplica a um grupo, então isso significa que os desse grupo devem humilhar-se em arrependimento, antes de poderem ser levantados à salvação. Se descreve dois grupos, então indica que os que rejeitam a Jesus cairão eternamente; mas aqueles que o recebem serão levantados para estarem com Deus.

* **2.35 espada.** A figura da espada significa que tudo isto não será sem custo para

Maria, quando ela vir seu Filho rejeitado e crucificado.

* **2.36 Ana.** Profetas eram raros em Israel naqueles dias, mas a idosa Ana era uma

profetisa.

* **2.41** A Páscoa era uma das três Festas que tinham de ser observadas em

Jerusalém (Êx 23.14-17; 34.23).

* **2.42 doze anos.** Jesus pode ter subido com seus pais todos os anos, mas o

costume judeu especifica que o menino devia ser levado à festa um ano ou dois antes de

completar treze anos, quando ele seria feito "filho do mandamento" e se tornava um membro adulto da comunidade religiosa dos Judeus.

* **2.43-45** Lucas não diz porque Jesus ficou para trás ou como José e Maria o

deixaram para trás; porém, numa grande caravana seria fácil supor que um menino estivesse com seus amigos. Se o costume mais recente era seguido, as mulheres e as crianças iam na frente e os homens seguiam atrás. Cada pai podia pensar que um menino de 12 anos estava em companhia de outro.

* **2.46-48** O pátio do templo era comumente usado para o ensino, Jesus tanto

ouvia como fazia perguntas, mostrando determinação em aprender. Na educação judaica dava-se ênfase à discussão de problemas e isso talvez esteja atrás da referência à " *sua inteligência"* e *"às suas respostas"* (v.47). José e Maria, porém, não entenderam (v.50); há censura nas palavras de Maria.

* **2.49 estar na casa de meu Pai.** Já aos doze anos, Jesus tinha consciência de um relacionamento especial com o Pai Celestial. Os judeus não falavam deste modo, mas diziam "nosso Pai" ou acrescentavam "nos céus", ou expressões equivalentes.

* **2.51 era-lhes submisso.** A despeito de compreender o seu relacionamento com o Pai Celestial, Jesus era um filho submisso e obediente na terra (referência lateral) a José e Maria, enquanto

crescia. Maria não entendeu tudo, mas não se esqueceu.

* **2.52 crescia.** Lucas observa o desenvolvimento integral da pessoa de Jesus: desenvolvimento intelectual, social e espiritual.

* **3.1** A longa referência cronológica de Lucas começa com o ministério de João Batista, provavelmente cerca de 27-29 d.C.

Pôncio Pilatos. No seu testamento, Herodes, o Grande, deixou a Judéia para seu filho Arquelau, e outros territórios para seus filhos Filipe e Antipas. Porém, Arquelau governou tão mau, que os Romanos o removeram no ano 6 d.C. e indicaram seu próprio governador. Pôncio Pilatos foi o quinto governador da Judéia, servindo ali de 26-36 d.C.

tetrarca. Um tetrarca era um rei sem importância. “Herodes” aqui é Herodes Antipas. A região de Filipe ficava a nordeste do Mar da Galiléia. Nada mais é conhecido de Lisânias, mas Abilene ficava ao norte das outras regiões.

* **3.2** Os judeus tinham só um sumo sacerdote por vez. Anás tinha sido deposto pelos Romanos que, para o seu lugar, escolheram Caifás, seu genro. Os romanos cuidavam para que Caifás exercesse as funções oficiais, porém, muitos judeus ainda consideravam Anás o verdadeiro sumo sacerdote.

veio a palavra de Deus. A mensagem de João Batista não era dele mesmo, mas era a palavra dinâmica do próprio Deus.

* **3.3 batismo de arrependimento.** Os judeus batizavam os gentios, se eles desejassem fazer parte do povo de Deus. A veemência da prática de João era uma forma de chamar os judeus a se submeterem ao rito que consideravam conveniente só para os gentios. João buscava uma mudança no coração dos judeus. Ver nota em Mt 3.6; Mc 1.4.

* **3.4-6** Todos os quatro Evangelhos aplicam Isaías 40.3 a João e

concordam que João se viu como o único arauto. Porém, só Lucas acrescenta Isaías 40.4,5, dando ênfase ao conceito da salvação de Deus.

* **3.7,8** Uma forte advertência é dirigida àqueles que reivindicavam a Abraão como pai. O fato de ser judeu não livraria ninguém do juízo vindouro.

* **3.9 está posto o machado à raiz.** Esta frase aponta para um juízo certo e repentino.

fogo. Um símbolo de juízo.

* **3.11** A túnica era uma roupa de baixo; normalmente só uma era usada. João sugere que o homem que possui duas para seu uso deve dar a de reserva a alguém que não tem nenhuma, o mesmo fazendo com os alimentos.

* **3.12 publicanos.** Os impostos romanos eram cobrados por agentes que

pagavam pelo direito de cobrar impostos numa cidade. Eles pagavam aos Romanos aquilo que foi tratado e coletavam mais para o seu próprio salário. Eram fortemente tentados a se enriquecerem, coletando muito mais do que seria razoável. Os coletores judeus eram desprezados como colaboradores da força romana de ocupação. Eram excluídos da vida religiosa das sinagogas e do templo.

* **3.14** Como os coletores de impostos, os soldados eram tentados a usar sua

posição para enriquecer-se. João aprecia a honestidade de todos. Todos os quatro Evangelhos tem um relato do ministério de João Batista, quando ele chamava o povo ao arrependimento como preparação para a vinda de Jesus. Só Lucas nos diz aquilo que João disse aos questionadores que queriam entender o que a mensagem

de João significava para eles.

* **3.15** Especulações messiânicas estavam no ar, porém, João disse claramente

que ele não era o Messias, pois um maior do que ele viria.

* **3.16** **não sou digno de desatar-lhe as correias.** Nas escolas rabínicas o aluno

não pagava a seu professor. Exigia-se que ele prestasse serviços, mas não o de desatar as sandálias, que era considerado um trabalho muito servil. João coloca-se numa posição humilde.

fogo. O batismo com fogo aponta para o juízo (v.9, nota). A pá "para limpar sua eira" é outro símbolo para o juízo (v.17). Trabalhadores usavam a pá para atirar grãos colhidos ao vento, deixando os grãos caírem diretamente no solo, e a palha voava para longe. E quando arrumavam a eira, a palha era queimada.

* **3.19,20** Herodes Antipas divorciou-se de sua esposa e casou-se com sua

sobrinha Herodias, que era também sua cunhada (Mc 6.17, nota). João denunciou este feito escandaloso e Herodes mandou prendê-lo na fortaleza de Maquero, a leste do Mar Morto.

* **3.21** Jesus identificou-se com os pecadores por submeter-se ao batismo deles.

Ver "O *Batismo de Jesus",* em Marcos 1.9.

* **3.22** Todos os quatro Evangelhos nos dizem que o Espírito Santo desceu sobre Jesus nesta ocasião. Pombas eram importantes no sistema sacrificial do Antigo Testamento. Dentro da cultura judaica, os pombos eram considerados carinhosos e dóceis. Nas Escrituras, o pombo é usado freqüentemente em figuras e comparações,

nem sempre com o mesmo significado. Ver também Gn 1.2; 8.8-12.

* **3.23-38** A genealogia de Lucas difere da que está em Mateus (1.12-17),

começando com Adão, ao invés de partir de Abraão. Alguns dos nomes diferem e a ordem também é diferente. Alguns sugerem que Mateus segue a linha de José e Lucas a de Maria; porém, Lucas, especificamente, começa com José. Pode ser que Mateus não esteja citando ancestrais diretos, mas àqueles que teriam estado legalmente na linhagem para o trono de Davi. Ambos os Evangelhos dão ênfase ao fato de que Jesus era descendente de Davi.

* **4.1** Jesus estava "cheio do Espírito Santo... e foi guiado pelo mesmo Espírito", mostrando que a tentação estava nos planos de Deus. Logo no início, Jesus defrontou-se com a questão de que espécie de Messias ele era.

* **4.3-13** O diabo procura desviar Jesus de sua missão divinamente

estabelecida. Em sua vitória sobre Satanás, Jesus amarra o valente e começa a saquear as suas posses (11.21,22). A narrativa de Lucas realça o paralelo entre a tentação de Jesus e as provações de Israel no deserto. Jesus foi tentado por quarenta dias no deserto e Israel peregrinou por quarenta anos no deserto (Nm 14.34). Israel falhou no teste da obediência, enquanto Jesus foi plenamente obediente ao Pai.

* **4.5-8** Esta tentação vem em terceiro lugar em Mateus. A razão para esta diferença de ordem não é conhecida. A tentação é para Jesus estabelecer um poderoso império mundial, mas ao custo de cultuar Satanás. Outra vez Jesus repele a tentação, citando as Escrituras (Dt 6.13).

* **4.9 o pináculo.** Este pode ter sido o topo do muro do templo, de onde se podia

ver o Vale de Cedron ou, talvez, pode ter sido o ponto mais alto do próprio templo. Jesus foi tentado a demonstrar publicamente o seu poder miraculoso, mas responde citando

outra vez as Escrituras (v.12). A passagem citada (Dt 6.16) novamente recorda a experiência de Israel no deserto.

* **4.14** Jesus realizou um intensivo ministério antes de retornar a Nazaré.

* **4.16-20** Esta narrativa é o mais antigo registro conhecido a respeito da ordem

do culto no serviço de uma sinagoga. O culto incluía uma leitura da lei e uma dos profetas. Jesus ou o dirigente da sinagoga pode ter escolhido Isaías 61.1,2 e 58.6. Era costume levantar-se para a leitura, numa demonstração de respeito para com a Palavra de Deus e, em seguida, sentar-se para o sermão. A leitura escolhida mostra uma forte preocupação para com o pobre (1.51-53, nota; Sl 9.18, nota).

* **4.21-27** Ao apresentar a rejeição em Nazaré, no começo do ministério de Jesus, Lucas acentua certas características principais daquele ministério: a) a reação de admiração diante do seu ensino acoplada à persistente descrença e rejeição (vs.22,28); b) seu ministério como o cumprimento das Escrituras (v.21); c) sua preocupação com o pobre e oprimido (vs.18,19) e d) seu objetivo final de incluir os gentios entre o povo de Deus (vs.26,27).

* **4.32 se maravilhavam.** Em contraste com os fariseus e mestres da lei, que apelavam para a tradição e mestres anteriores, Jesus provocou um sentimento de admiração no povo, porque não citava autoridades.

* **4.33** Há poucos exemplos de possessão demoníaca no Antigo Testamento ou no Novo Testamento, fora dos Evangelhos. Nas Escrituras, tal possessão é, primariamente, parte da oposição do mal à vinda do Filho de Deus.

* **4.33-35** Este demônio foi expulso no Sábado. Lucas fala de quatro outras curas que Jesus realizou no Sábado (v.38; 6.6; 13.14; 14.1) e há duas outras em João (5.8,9; 9.14).

* **4.34** O demônio reconheceu Jesus como "o Santo de Deus" — uma expressão que denota o especial relacionamento de Jesus com Deus e seu revestimento de poder

pelo Espírito Santo (Jo 6.69). Lucas torna claro que parte da missão de Jesus era destruir os poderes do mal.

* **4.38,39** Mateus e Marcos, ambos, registram este milagre, porém, só Lucas menciona a febre alta, o que pode indicar o seu interesse médico. O fato de Jesus "repreender" a febre pode significar que ele viu Satanás por trás disso, de algum modo.

* **4.41 Tu és o Filho de Deus.** Outra vez são os demônios que discernem que Jesus é o Filho de Deus. O povo podia ver nele não mais do que um homem, mas as forças do mal o reconheceram.

* **4.43 É necessário.** Esta expressão aponta para a compulsão divina na missão

de Jesus. O reino era central.

reino de Deus. Esta é a primeira menção de Lucas a respeito do reino de Deus, o mais freqüente tema da pregação de Jesus.

* **5.1 lago de Genesaré.** O mar da Galiléia; ver Marcos 1.16, nota.

* **5.2 lavavam as redes.** Depois de cada viagem de pesca, as redes eram

examinadas, emendadas e lavadas para a próxima viagem. Os barcos (naquele momento) não estavam em uso e, assim, Jesus pôde sentar-se no barco de Simão Pedro e afastar-se da multidão.

* **5.3 e, assentando-se.** A postura normal para ensinar (4.16-20, nota).

* **5.5 toda a noite.** A noite era o tempo preferido para a pesca.

* **5.6 grande quantidade.** Esta pesca bem sucedida foi o resultado da obediência

e não da habilidade ou técnica.

* **5.8 pecador.** Repentinamente, ciente de que estava na presença de alguém que

exercia o poder de Deus, Pedro tomou consciência de sua pecaminosidade (cf. Gn 18.27; Jó 42.6; Is 6.5).

* **5.12** Algumas doenças de pele eram chamadas de lepra. Elas tornavam as pessoas cerimonialmente imundas e podiam desfigurar ou matar. A quarentena era a única defesa contra a disseminação da doença.

* **5.14** O sacerdote era uma espécie de inspetor de saúde, que podia atestar que o leproso estava limpo ou curado. O sacerdote também oferecia sacrifícios apropriados pelo fim da imundície ritual (Lv 14).

* **5.17 fariseus.** Josefo refere que havia cerca de seis mil fariseus. Eles se consideravam como "separados" para Deus e procuravam servi-lo bem. Muitos deles eram piedosos, porém, sua ênfase sobre atos externos e tabus rituais tornavam outros endurecidos e formais. Estes se opunham a Jesus vigorosamente.

mestres da lei. Escribas cujo trabalho consistia na interpretação da lei de Deus. Muitos deles eram fariseus.

* **5.19 subindo ao eirado.** As casas, com freqüência, tinham teto plano e escadas externas que lhe davam acesso.

* **5.20 Vendo-lhes a fé.** Isto incluía os amigos bem como o paralítico. Jesus começa por perdoá-lo e não pela cura.

* **5.21 Quem é este.** Ver nota em Mc 2.5.

* **5.24 para que saibais.** Jesus liga o poder de perdoar ao poder de curar (Mc 2.9, nota).

Filho do homem. A auto-designação favorita de Jesus, usada muitas vezes nos Evangelhos mas somente pelo próprio Jesus. Refere-se à sua origem e vocação celestiais (Dn 7.13,14). Ver nota em Mt 8.20.

* **5.27 publicano.** Ver nota em 3.12.

* **5.28 deixando tudo.** Levi nunca mais voltaria a cobrar impostos; sua ação foi

definitiva.

* **5.30** Os fariseus estariam fora e consideraram a comunhão com pecadores, à

mesa, especialmente impura.

* **5.33** O único jejum prescrito na lei era o do Dia da Expiação (Lv 23.27), mas as

pessoas religiosas jejuavam em outros dias (Zc 7.3,5). Jesus não ordenou jejuns, embora ele mesmo jejuasse (4.2) e permitisse o jejum entre seus seguidores (Mt 6.16-18).

* **5.36-38** Fazer remendo de pano tirado de veste nova em vestido velho

estraga os dois — o novo por ter o remendo tirado dele e o velho porque o remendo não combina. Vinho novo em odres velhos fermenta e rompe os odres; assim, ambos vinho e odres se perdem.

* **6.1 Sábado.** A principal fonte de controvérsia entre Jesus e os fariseus prendia-

se ao uso correto do Sábado. Eles o cercavam de regulamentos opressivos com o objetivo de evitar que o Sábado fosse quebrado. Jesus não defendia tanto a idéia de que os regulamentos deviam ser relaxados, mas insiste que eles entendiam mal o significado do Sábado — que era um dia em que as boas obras deviam ser feitas.

colhiam... espigas. Isto era permitido na lei (Dt 23.25); que isso fosse feito no Sábado, era considerado ilícito pelos fariseus.

* **6.4 pães da proposição.** Preparados de um modo especial para uso no serviço

do templo, estes pães deviam ser comidos só pelos sacerdotes (Lv 24.5-9). Num tempo de necessidade, Davi os levou a seus companheiros (1Sm 21.3-6).

* **6.5 senhor do sábado.** O sábado foi instituído por Deus (Gn 2.3; Êx 20.8-11),

mas Jesus é Senhor sobre ele. Jesus reivindica autoridade divina para interpretar a lei.

* **6.9 É lícito.** Jesus propõe uma escolha entre fazer o bem e fazer o mal no dia

de Sábado, e não entre fazer o bem e fazer nada. Ele considera a falta de fazer o bem como um mal em si mesmo.

* **6.12 e passou a noite orando.** Prolongada oração precedeu a importante

escolha dos Doze.

* **6.13 apóstolos.** A palavra significa um "mensageiro", alguém

enviado (ver 2Co

1.1, nota). Não é freqüentemente usada nos Evangelhos ("os Doze" é mais comum), porém, seu uso é freqüente em Atos e nas Epístolas. Até agora Lucas tem falado de "Simão", porém, a partir de agora, usualmente o chama "Pedro".

* **6.17** **parou numa planura.** Esta frase nos explica por que o sermão é chamado

"Sermão da Planície". Lucas descreve um ministério de ensino e cura, que teve amplo apelo.

* **6.20-49** Há muitas similaridades com o Sermão do Monte (Mt 5-7) e alguns

vêem isto como uma narrativa variante do mesmo sermão. Mas este sermão é muito mais breve, e Lucas tem paralelos em outros lugares com outras partes de Mateus 5-7. É muito mais plausível que Jesus tenha usado muito do mesmo material em numerosas ocasiões, prática comum entre os pregadores.

* **6.20** **Bem-aventurados.** Este termo implica mais do que "afortunado" ou "feliz"; é

um termo religioso e significa os que desfrutam do favor de Deus.

os pobres. Lucas está especialmente preocupado com as bênçãos que o evangelho traz ao pobre (ver notas em 1.46-55; 51-53; Sl 9.18, nota). A pobreza pode ser uma maldição (Pv 30.8,9), e os discípulos sabem que eles devem depender de Deus em todas as coisas. Eles não têm recursos de si mesmos e são "pobres", mas Deus os abençoa com "o reino".

* **6.21** A fome lhes dá consciência de sua necessidade e eles esperam de Deus a

sua satisfação.

* **6.22,23** Uma bênção para o perseguido é muito inesperada. E não é para o

sofrimento em geral que a bênção é prometida, mas só para o sofrimento que é por "causa do Filho do homem".

* **6.24-26** Os "ais" correspondem às bênçãos dos versículos anteriores. Aqueles

que não têm consciência de sua pobreza espiritual, mas confiam nos seus próprios recursos, colherão desastre no fim. O termo "ai" freqüentemente representa um oráculo profético de ruína (p. ex. Ez 34.2).

* **6.30** Um discípulo deve livrar-se do amor às posses.

* **6.31** Jesus é o primeiro a dar a "Regra de Ouro" desta forma positiva. Ver nota

em Mt 7.12.

* **6.32-34** Os padrões do mundo não servem para guiar os seguidores de Jesus.

* **6.35 filhos do Altíssimo.** O povo de Deus deve ser semelhante a Deus, tão

misericordioso como ele é.

* **6.37 Não julgueis e não sereis julgados.** Jesus, em outra parte, ensina que seus discípulos, às vezes, precisam julgar o que outros fazem (Mt 18.15-17) e que a natureza do coração de uma pessoa pode ser reconhecida através das ações que dele procedem (vs.43-45; Mt 7.15,16). Aquilo contra o que ele adverte aqui é a hipocrisia dos que condenam outros por aquilo de que eles mesmos são

culpados (vs.41,42) e o fracasso em demonstrar misericórdia (v.36).

e sereis perdoados. Tal perdão não é uma recompensa, porém, a menos que nós perdoemos os outros, não temos genuíno arrependimento e fé e, assim, nos excluímos do perdão.

* **6.46-49** Chamar Jesus de "Senhor" é dizer que ele deve ser obedecido.

* **7.2 servo.** A palavra grega significa "escravo". Este centurião era humanitário no que se referia a seus escravos.

de um centurião. Nominalmente estava no comando de cem homens, ainda que o número real pudesse variar. Os centuriões, no Novo Testamento, eram todos homens de bom caráter (7.4; 23.47; At 10.2; 27.43).

* **7.3 anciãos dos judeus.** Que líderes entre os judeus tenham ido pleitear por ele mostra o respeito com que o centurião era tido.

* **7.5 é amigo do nosso povo.** Este comportamento era incomum num

conquistador.

nos edificou a sinagoga. O centurião estava interessado no culto judaico. Ele pode mesmo ter sido um "temente a Deus", um gentio que se tenha ligado à sinagoga e cultuado a Deus, porém, sem ser circuncidado e sem se tornar um judeu prosélito.

* **7.6-8** Em Mt 8.6, o centurião vem em pessoa. Mateus parece significar que aquilo

que um homem faz através de um agente, faz por si mesmo. Para Lucas, os mensageiros eram importantes por mostrarem a humildade do centurião (vs.6,7).

* **7.8 sujeito à autoridade.** O centurião estava familiarizado com a autoridade exercida à distância.

* **7.9 admirou-se.** Só duas vezes se diz que Jesus "se admirou" ou "se

maravilhou": aqui, diante da fé demonstrada por um estrangeiro (cf. Mt 8.10) e em Mc 6.6, diante da descrença em Nazaré.

* **7.13 Vendo-a.** A mãe devia estar andando diante do caixão; assim Jesus teria encontrado-a primeiro. Ninguém lhe pediu para ajudar, porém, movido de misericórdia, ele tomou a iniciativa.

* **7.15** O primeiro dos três milagres de Jesus em ressuscitar mortos (8.40-56; Jo 11.1-44). Tais milagres foram poderosos sinais messiânicos (v.22). Entretanto, estas "ressurreições" diferem da ressurreição de Cristo porque estes três foram reunidos aos seus corpos mortais, somente para morrerem uma vez mais. Sendo o primeiro a ser

revestido de um imperecível corpo espiritual (1Co 15.42-44), Jesus é, na verdade, "o primogênito de entre os mortos" (Cl 1.18 cf. 1Co 15.20).

* **7.16 Grande profeta.** Inadequado, porém, era o mais alto título que eles conheciam. Reconheceram a presença do poder de Deus entre eles.

* **7.18,19** João tinha nascido como testemunha de Jesus (3.16,17), de modo que perguntas como estas eram inesperadas. Alguns pensam que sua fé tinha fracassado devido às duras condições no cárcere de Herodes; outros pensam que sua paciência tinha chegado ao fim e ele estava sugerindo que Jesus devia introduzir ativamente o reino. Mais provavelmente ele esperava que Jesus trouxesse julgamento, um tema que João tinha enfatizado no seu próprio ministério. Ele não podia entender por que Jesus não punia os pecadores, mas realizava constantemente obras de misericórdia. Viria

outro para cumprir as ameaças de julgamento?

* **7.21-23** Ver Is 35.5,6; 61.1.

* **7.24-28** Jesus destaca João como o maior dos homens, seguindo os moldes

dos profetas de Israel, que não andava segundo oportunismos e luxos. Contudo, como um profeta ele pertencia a uma era que estava acabando, enquanto o reino de Deus estava sendo introduzido. Neste sentido, ele era menor do que os que estavam no reino.

* **7.32 semelhantes a meninos.** Jesus compara aquela geração com crianças brincando, que às vezes rejeitam qualquer brincadeira que alguém pode sugerir.

* **7.37,38** Num jantar como este, a casa estava aberta e as pessoas podiam vir

e observar. Uma mulher pecadora (talvez uma prostituta) não teria sido bem-vinda; ela precisou de coragem para vir. Os convidados no jantar reclinavam-se em divãs. Inclinando-se do lado esquerdo, eles tomavam o alimento com a mão direita.

* **7.37 alabastro.** Uma pedra translúcida usada para fazer recipientes de perfumes caros.

* **7.38 chorando.** As lágrimas da mulher e a unção que ela fez nos pés de Jesus demonstraram arrependimento e humildade.

* **7.39 Se este... bem saberia.** O fariseu não teria contato com gente pecadora e estava certo de que nenhum profeta consentiria com tal contato. Como Jesus não despediu a mulher, Simão pensou que ele ou não sabia que ela era uma pecadora ou não se preocupava com isto. Em qualquer dos casos, do ponto de vista de Simão, Jesus não podia ser um profeta.

* **7.44-46** Simão tinha omitido a cortesia normalmente manifestada para com os

convidados. Porém, a mulher se incumbiu desta cortesia.

* **7.47 porque.** A mulher foi perdoada por causa da fé (v.50). Seu amor mostrou que ela compreendeu o que o perdão de Deus significava para ela.

* **7.48-50** Outra vez Jesus, com autoridade, declara perdoados os pecados,

uma declaração que provoca comentários (cf. 5.20,21). Porém, a preocupação de Jesus é com a mulher.

* **8.2** Os rabinos recusavam-se a ensinar mulheres, assim, ao aceitá-las em seu grupo de seguidores, Jesus agiu de maneira incomum.

Madalena. Da cidade de Magdala.

* **8.3 com os seus bens.** Isto nos permite ter uma idéia do modo como Jesus e seus seguidores eram sustentados no decorrer de todo seu ministério.

* **8.4 parábola.** A partir de agora, as parábolas aparecem mais proeminentemente. Multidões vinham a Jesus, mas ele buscava mais do que contato casual. As parábolas exigiam que as pessoas pensassem mais cuidadosamente a respeito daquilo que ele lhes ensinava.

* **8.5** A semente era semeada primeiro, depois misturada à terra já arada. As

trilhas através dos campos não deviam ser aradas e a semente que caía ali era perdida, pois ela não podia penetrar no solo.

* **8.6 sobre a pedra.** Isto é, sobre a pedra coberta com uma camada de terra

muito rasa para ter umidade suficiente.

* **8.7 espinhos.** Isto é, ervas daninhas resistentes e de rápido crescimento.

* **8.8 a cento por um.** Mateus e Marcos falam também em trinta e sessenta por

um, mas Lucas dá ênfase à abundância bem além daquilo que qualquer colheita pode normalmente produzir.

* **8.10 mistérios.** O reino de Deus envolve verdades que estão além da

compreensão e sabedoria humanas, porém, que Deus agora tornou conhecidas.

aos demais. Estas são as pessoas às quais a profecia de Isaías se refere — elas não respondem ao ensino de Jesus. Ouvem a história, mas não entendem o significado.

para que. Para Jesus, o ensinar por parábolas tem um duplo propósito: revelar os mistérios do reino àqueles que têm *"ouvidos para ouvir"* (v.8) e esconder a verdade do reino daqueles que não têm. Ver nota em Mt 13.13; Mc 4.11.

* **8.13 crêem apenas por algum tempo.** Um teste para uma fé viva e verdadeira é

a perseverança. Aqueles que, finalmente, se afastam do caminho da verdade, revelam que nunca realmente participaram da família de Deus (1Jo 2.19).

* **8.16-18** Todo propósito de uma lâmpada acesa é iluminar. O

ensino que Jesus

ministra é para ser divulgado e, no fim, no Dia do Juízo, nada poderá ficar escondido. Por isso, é importante ouvir o ensino de uma forma correta. Todos os que fazem isto, verificam que seu conteúdo de verdade continua crescendo. Negligenciar o que temos é perder.

* **8.19 irmãos.** Os que crêem que Maria permaneceu virgem toda a sua vida,

consideram estes como primos de Jesus, ou como filhos de José de um casamento anterior. Porém, há pouca evidência para este modo de pensar.

* **8.21** As palavras de Jesus não constituem um repúdio à sua família terrena; ele

mostrou cuidado para com Maria mesmo quando estava pendurado na cruz (Jo 19.26,27). Seu ensino é que o serviço de Deus e sua obra como Messias são mais importantes do que qualquer parentesco natural.

*
8.22,23 O mar da Galiléia fica a duzentos e treze do nível do

mar e é cercado por montanhas. Por isso, o ar frio pode descer canalizado e pode provocar repentinas tormentas. O sono de Jesus seguiu-se a um dia de trabalho pesado.

* **8.26 gerasenos.** Não é claro que nome deve ser lido aqui (ver referência lateral:

Mt 8.28; Mc 5.1, nota). Tanto Gadara como Gerasa eram cidades situadas a alguns quilômetros do lago.

* **8.27** A possessão demoníaca tomava muitas formas. Este

homem estava

perturbado.

* **8.28** Como o endemoninhado de 4.34, este sabia quem era Jesus (contraste os

discípulos no v.25).

* **8.30** **Legião.** Deve ter havido um grande número de demônios no homem (uma

legião romana tinha cerca de seis mil soldados).

* **8.31** **abismo.** Lugar de confinamento dos espíritos malignos (Ap 20.1-3).

*
8.32,33 Jesus permitiu, mas não ordenou aos demônios entrassem nos

porcos.

* **8.37** O medo levou estas pessoas a rejeitarem a mais maravilhosa oportunidade

de suas vidas. Podem ter ficado com medo do poder que viram na cura ou desgostosos pela perda do rebanho de suínos.

* **8.38,39** Depois que Jesus se retirou, era importante que o homem trabalhasse

para Deus naquela região. Note que aquilo que "Deus Fez" é identificado com aquilo que Jesus tinha feito.

* **8.41 chefe da sinagoga.** Era o homem que organizava o serviço litúrgico, escolhendo os que deviam ler as Escrituras ou conduzir a oração.

* **8.43** **uma hemorragia.** A condição da mulher a tornava cerimonialmente imunda

(Lv 15.25), excluindo-a de muitos relacionamentos sociais.

* **8.44** **na orla da veste.** Talvez na borla preceituada em Números 15.37-40.

* **8.45** A cura da mulher precisava ser conhecida publicamente, de modo que ela

pudesse retornar à sua vida social normal. Jesus tem o cuidado de providenciar isto.

* **8.48** **Filha.** É a única mulher a quem Jesus chama de "Filha", uma afirmação de

ternura.

* **8.52** Lucas não explica quem eram *"todos".* Eles incluíam, certamente, parentes e

amigos, provavelmente pessoas da vizinhança e pranteadores profissionais (incluindo tocadores de flauta, Mt 9.23). Prantear era normalmente demonstrativo, e deve ter havido muitos lamentando. Jesus proibiu a todos de chorar e disse que a menina estava "dormindo". Isto não significa que ela não tivesse morrido, mas, que Jesus estava pronto para despertá-la da morte.

* **8.54** **levanta-te.** Lucas descreve o milagre de maneira simples. (Mc 5.41 retém as

palavras aramaicas que Jesus usou, porém, Lucas as traduz).

* **8.56** O efeito do milagre foi assombro. Desta vez Jesus proibiu a publicidade. Ele,

com freqüência, não queria que as notícias de seus milagres se

espalhassem (Mc 1.34, nota).

* **9.1,2** Os Doze, evidentemente, não estavam juntos todo o tempo (alguns tinham lares e famílias). Porém, para esta importante missão, Jesus reuniu-os todos. Ele os equipou com poder sobre os demônios (ver "Demônios", em Dt 32.22) e sobre as doenças e os comissionou a continuarem sua obra de pregação e cura.

* **9.3** Eles deviam levar o mínimo que precisavam usar e confiar na provisão de Deus.

nem bordão. Nenhuma explicação completa tem sido dada à razão por que Marcos 6.8 permite levar bordão; talvez ambas sejam um modo de dizer: "Vão como estão; não precisam fazer preparação especial".

alforje. Uma espécie de bolsa em que o viajante leva seus pertences e provisões de viagem.

* **9.4** Eles deviam contar com a hospitalidade, mas ficar numa só casa limitava o tempo gasto em qualquer lugar.

* **9.5 sacudi o pó dos vossos pés.** Os Judeus rigorosos sacudiam o pó de seus pés depois de retornarem de terras gentílicas. Esta ação dos discípulos diria, simbolicamente, que os que rejeitassem os pregadores não pertenciam ao povo de Deus.

* **9.7 Herodes.** Herodes Antipas, que governou a Galiléia.

João ressuscitou dentre os mortos. Isto se tornou a opinião de Herodes (Mc 6.16), mas, nessa ocasião ele simplesmente acreditava que João estava morto; o próprio Herodes tinha ordenado a sua decapitação.

* **9.8 Elias.** Ver a profecia de Ml 4.5.

* **9.10-17** É o único milagre, além da Ressurreição, encontrado em

todos os quatro Evangelhos.

* **9.10 levando-os consigo... à parte.** Retiraram-se para um lugar privado, evidentemente para relatarem a Jesus e descansarem depois de um turno de pregação.

Betsaida. Isto deve significar a vizinhança de Betsaida, porque foram até "um lugar deserto" (v.12).

* **9.11 Acolhendo-as.** Esta foi uma atitude afável, quando Jesus estava procurando um período de descanso.

* **9.20 quem dizeis que eu sou.** Esta pergunta distingue os discípulos das multidões. A palavra "vós" é enfática.

Cristo. Esta palavra significa "ungido" (1Sm 2.10; Mt 1.1, e notas). Cristo é o único que Deus escolheu acima de todos os outros, o único que trará salvação. A resposta de Pedro é mais do que uma avaliação profunda; não é uma descoberta humana, mas uma revelação divina (Mt 16.17).

* **9.21 advertindo-os.** Os discípulos certamente seriam mal compreendidos se contassem a quem quer que fosse; o povo poderia pensar que eles estavam proclamando um libertador político. Jesus passou a explicar que o Messias devia sofrer, ser rejeitado, morrer e ressuscitar ao terceiro dia (v.22).

* **9.23-25** Tomar a cruz significa renunciar às ambições egoístas; é a morte de todo um estilo de vida.

* **9.27 vejam o reino de Deus.** Sugestões quanto ao sentido desta frase incluem a Transfiguração, a ressurreição de Jesus, a ascensão, o Pentecostes, a disseminação do Evangelho, a destruição de Jerusalém e o Segundo Advento. Ver nota sobre Mateus 16.28.

* **9.28 ao monte.** O lugar da Transfiguração não é conhecido. O monte Tabor é o

lugar tradicional, mas fica longe de Cesaréia de Filipe e um posto militar estava localizado ali naquele tempo. O monte Hermon é a sugestão mais provável. Ver *"A Transfiguração de Jesus",* em Marcos 9.2.

*** 9.30 dois varões.** Moisés era o doador da lei e Elias era o representante dos

profetas.

*** 9.31 sua partida.** Lit., seu "êxodo" (2Pe 1.15 tem a mesma palavra grega). Só

Lucas registra o assunto dessa conversação. O fato de a morte de Jesus ter sido discutida durante esta revelação de glória, mostra o lugar central que ela ocupa para a sua missão. Era por sua morte que a glória viria aos pecadores.

*** 9.32 premidos de sono.** A Transfiguração pode ter ocorrido à noite, uma vez que

o v.37 menciona "no dia seguinte", pois Jesus, às vezes, orava toda a noite (6.12).

*** 9.33 três tendas.** Pedro sugere a construção de estruturas de alguma espécie,

talvez capazes de permitir o prolongamento daquela experiência.

*** 9.34 uma nuvem.** Como no Antigo Testamento, a nuvem está associada à

presença de Deus.

*** 9.35 Este é o meu Filho.** Esta designação dá ênfase ao relacionamento divino e

a ordem "a ele ouvi" referenda a sua autoridade. Ambas destacam

Jesus como diferente e superior a Moisés e Elias.

* **9.37-40** O contraste entre a glória no topo da montanha e a inabilidade dos

discípulos para derrotar as forças do mal, na planície, é notável. Eles já tinham expulso demônios anteriormente (vs.1-6; cf. Mc 9.29).

* **9.41 Ó geração incrédula e perversa.** Estas palavras, ao que parece, são

dirigidas às multidões que tinham vindo sem fé, evidentemente esperando que Jesus não tivesse poder para fazer qualquer coisa. Em contraste, o pai do menino tinha fé, ainda que fosse imperfeita (Mc 9.24).

* **9.44** A palavra "vossos" é enfática. Por contraste com a descrença geral, os

discípulos devem ser diferentes. Jesus, então, prediz sua traição e morte em termos gerais, mas eles não compreendem.

* **9.45 foi-lhes encoberto.** Isto pode significar que eles foram propositadamente impedidos de entender ou, simplesmente, que antes da ressurreição parecesse contraditória aos discípulos que a salvação pudesse vir por meio da morte de Jesus.

* **9.46 qual deles seria o maior.** Lucas contrasta o desejo dos discípulos, em ter o melhor lugar, com a preocupação de Jesus em favor dos outros.

* **9.47 uma criança.** As crianças eram tipicamente consideradas sem importância. Estar preocupado com elas e aceitar o lugar menos importante é ser verdadeiramente grande.

* **9.49,50** Para João não era suficiente realizar milagres em nome de Jesus, era

necessário "seguir conosco". Jesus está dizendo que não há neutralidade na luta contra o mal. Os que não são contra nós, são por nós, um teste que devemos aplicar a outros. Em 11.23, encontramos um teste que devemos aplicar a nós mesmos.

* **9.51** Deste ponto a 19.44, Lucas oferece-nos uma narrativa da viagem de Jesus a Jerusalém. Não há um paralelo desta unidade, como um todo, em nenhum dos outros Evangelhos, ainda que haja paralelos a algumas seções individuais. Lucas apresenta um solene progresso para a cidade capital onde Jesus deveria morrer pelos pecadores, de acordo com a vontade de Deus. Pelo caminho Jesus dá ensinos a seus discípulos que seriam importantes para eles, quando fossem deixados a prosseguir como líderes cristãos, sem a sua presença física.

* **9.52-53** Jesus e seus discípulos seriam suficientes para esgotar os recursos

de uma pequena aldeia, se eles a visitassem inesperadamente. Jesus procurou avisar os moradores, mas deparou-se com a tradicional hostilidade dos Samaritanos contra os judeus.

* **9.54** Os discípulos eram zelosos em sua tarefa, mas não entendiam a misericórdia de Deus.

* **9.59 sepultar meu pai.** O pai ainda podia estar vivo. Estas palavras, então, indicariam que o discípulo potencial queria continuar a cuidar de seu pai até à morte deste. No entanto, se o pai estava morto, as palavras de Jesus seriam ainda mais chocantes, uma vez que a piedade filial exigia que um filho devia providenciar o sepultamento de seu pai. De qualquer modo, Jesus está dizendo que as exigências do reino suplantam todas as lealdades terrenas.

* **10.1 outros setenta.** Esta missão é encontrada somente em Lucas, mas as instruções são semelhantes a algumas daquelas dadas aos Doze anteriormente (9.1-6; Mt 10.5-15; Mc 6.7-13). Os manuscritos gregos dividem-se entre 70 e 72 como o número

de discípulos enviados (ver referência lateral). Não há modo de termos certeza do número exato. Ambos representam o número de nações do mundo, em Gênesis 10 (o texto hebraico tem setenta nomes, o texto grego tem setenta e dois).

dois em dois. Jesus tinha enviado os Doze em pares (Mc 6.7). Isto dava mútuo apoio e, também, dois reforçavam o testemunho (cf. Dt 17.6).

* **10.3 cordeiros para o meio de lobos**. Ver "Cristãos no Mundo" em Cl 2.20.

* **10.4 sandálias.** Isto, provavelmente não era uma ordem para andarem

descalços, mas uma proibição de levarem um par extra de sandálias.

a ninguém saudeis. O costume de fazer saudações era elaborado e evitá-lo seria altamente incomum.

* **10.6 ela voltará sobre vós.** A paz de Deus vem somente sobre aqueles que respondem.

* **10.11 Até o pó de vossa cidade.** Ver nota em 9.5.

* **10.12** A iniqüidade de Sodoma era proverbial, mas rejeitar os pregadores do reino

de Deus é pior do que os feitos de Sodoma.

naquele dia. Dia do Juízo.

* **10.13 Corazim... Betsaida.** Tendo ouvido e rejeitado a Jesus, estas cidades eram

mais culpadas do que Tiro e Sidom, que eram infames por causa da sua iniqüidade.

* **10.15** **Cafarnaum.** Esta foi uma cidade onde Jesus realizou muitas de suas obras.

* **10.16** Rejeitar a mensagem de Jesus é rejeitar o próprio Deus.

* **10.18** Em seu contexto, o dito parece significar que o ministério dos pregadores

tinha infligido uma derrota sobre Satanás.

* **10.19** **autoridade.** Quando são enviados por Deus estão a salvo de cobras e

escorpiões (cf. At 28.3-5). Os mensageiros de Deus são protegidos, quando fazem aquilo que Deus manda fazer.

* **10.21** **as revelastes aos pequeninos.** Ver *"Iluminação e Convicção",* em 1Co

2.12.

* **10.22** O relacionamento de Jesus com o Pai é único. O conhecimento deste

relacionamento não vem ao mundo por meios naturais.

* **10.23,24** O maior dos profetas e reis, nos dias primitivos, não tinham visto o Messias, como estes discípulos viram (Cf. 7.24-28, nota).

* **10.25** **intérprete da lei.** Um especialista na lei de Deus (ver referência lateral) e,

portanto, um homem religioso. Contudo, ele não estava, verdadeiramente, procurando uma informação, mas algo que lhe possibilitasse acusar a Jesus.

* **10.27** Este intérprete da lei mostra entendimento; Jesus resumiu

a lei em muito do

mesmo modo (Mt 22.37-40).

* **10.28 faze isto.** A vontade de Deus é o caminho da vida.

* **10.29-37** A parábola responde à questão: "Quem é o meu próximo?", e não à

questão concernente ao que alguém deve fazer para ser salvo. Os judeus tinham várias idéias a respeito de "próximo", mas elas se limitavam a Israel.

* **10.33,34** Os ouvintes esperariam que um sacerdote e um levita fossem

seguidos por um leigo israelita, numa história anti-clerical. O samaritano é totalmente inesperado, como é inesperada a sua compaixão. O óleo e o vinho eram remédios comuns naquele tempo e expressaram a bondade do Samaritano.

* **10.35 dois denários.** Ver Mt 18.28, nota. As moedas pagariam a pensão de um homem por vários dias.

* **10.38 num povoado.** Betânia, a cerca de três quilômetros de Jerusalém (Jo 11.1).

* **10.40,41** A preparação de Marta pode ter sido desnecessariamente esmerada.

Maria sabia que ouvir Jesus era uma oportunidade extraordinária demais, para dar preferência a outros tipos de preocupações.

* **11.1 Senhor, ensina-nos a orar.** Esperava-se que os mestres religiosos ensinassem seus discípulos a orar.

* **11.2-4** Esta forma da "Oração do Senhor" difere levemente da de Mt 6.9-13.

Em Mateus a oração é dada num sermão; aqui é dada como resposta a um pedido.

* **11.2 Pai.** Isto corresponde a *Abba* em Aramaico, que é a palavra comum para dirigir-se a um pai de família.

nome. O nome representa a pessoa. A petição é para que as pessoas reverenciem a Deus.

venha o teu reino. Jesus ensinou freqüentemente a respeito do reino de Deus, e a oração pede que esse reino seja estabelecido. Ver nota teológica "Oração", índice.

* **11.4 perdoa-nos... pois também nós perdoamos.** Os pecadores necessitam do perdão de pecados cada dia. Se não perdoarmos aos outros, nós mesmos não estamos em condições de recebermos perdão.

* **11.7** Em uma casa de um só quarto a família inteira dormiria numa plataforma elevada, e para uma pessoa levantar-se, perturbaria todas as outras.

* **11.8** A amizade não era suficiente para fazer com que alguém se levantasse, mas a persistência era.

* **11.13 se vós... sois maus.** Pressupõe-se a pecaminosidade universal.

* **11.14,15** Os inimigos de Jesus não negavam que ele expulsasse demônios,

mas atribuíam seu poder a Belzebu, nome de um deus pagão (2Rs 1.2; Mt 10.25, nota).

* **11.17,18** União é força; Satanás não está expulsando seus próprios obreiros.

* **11.20 dedo de Deus.** Como em Êx 8.19, esta figura descreve a obra do próprio Deus; Mt 12.28 diz: "o Espírito de Deus". Ambas as afirmações trazem a verdade de que Jesus não expulsa os demônios por Belzebu. O poder de Deus operava nele. Isto aponta para uma outra verdade: Com a vinda de Jesus, veio também o reino de Deus. Os milagres que ele realiza são evidências para aqueles que têm olhos para ver que Deus está em operação.

* **11.21,22** Satanás é como um valente que controla completamente a sua casa

ou, seja, os que estão sob o seu poder. Mas Jesus é mais forte do que Satanás e o sobrepuja. Esta parábola ensina que o reino de Deus não é simplesmente uma matéria de ensino útil; esse reino vem com poder para derrotar Satanás.

* **11.23** Não pode haver neutralidade. A mensagem do reino traz a possibilidade de vencer o mal, e qualquer um que rejeita esta mensagem, aceita os caminhos do mal. Não há meio-termo.

* **11.24 casa, donde saí.** O demônio fala do lugar que ele deixou como se ainda fosse dono dele.

* **11.25 varrida e ornamentada.** O homem apenas limpou sua vida e não fez mais nada. Sua vida está vazia e, portanto, aberta a qualquer influência má.

* **11.28 antes.** Jesus não nega que Maria fosse abençoada; ele está dizendo que ouvir e obedecer a palavra de Deus é mais importante.

* **11.29 sinal.** Aqui Jesus responde a exigência de um sinal "do céu" (v.16). Tal pedido só poderia ter sido motivado pela descrença, especialmente à vista de muitas demonstrações do poder messiânico já manifestado por Jesus (7.20-23). Para Lucas, a própria presença de Jesus é um *"sinal"* da atividade redentiva de Deus (2.34; 11.30).

* **11.30** Exatamente como Jonas ficou três dias no ventre de um

grande peixe, como sinal ao povo de Nínive, assim a ressurreição de Jesus, depois de três dias no túmulo, seria um sinal aos judeus de seus dias.

* **11.31 A rainha do Sul.** Isto é, a rainha de Sabá (no Sul da Arábia) que fez uma longa e difícil viagem para ouvir Salomão (1Rs 10).

* **11.32 Ninivitas.** Os que se arrependeram quando Jonas pregou (Jn 3.6-10). Em ambos os casos, o argumento vai do menor para o maior. O povo que respondeu a Salomão e Jonas, com muito mais razão deveria responder ao Filho de Deus.

* **11.34 lâmpada do teu corpo.** Quando o olho está funcionando corretamente, o corpo recebe o benefício da luz (“será luminoso”, cf. Sl 18.28). O povo que procurava um sinal não precisava de mais luz, mas de melhor receptividade para a luz que já tinha. O que Deus estava fazendo através de Jesus era plenamente suficiente.

* **11.38 não se lavara... antes de comer.** O ato de lavar as mãos não era por

motivos higiênicos, mas por motivos cerimoniais. As mãos tinham contato com todo tipo de coisas, algumas das quais podiam ter sido ritualmente profanadoras. Os Judeus

escrupulosos purificavam-se, lavando suas mãos antes de comer, de forma que as mãos impuras não contaminassem seus alimentos.

* **11.39,40** Os fariseus eram escrupulosos a respeito de regras para purificação

cerimonial externa. Contudo, as pessoas podiam observar todas essas regras e ainda continuar internamente imundas.

* **11.41 dai esmola**. Lit., "dar coisas interiores como esmolas” (ver referência

lateral). Jesus está dizendo que é preciso ter uma atitude íntima correta, quando alguém dá ao pobre, pois quando a atitude interior está correta, tudo é limpo.

* **11.42 ai de vós.** Ver nota em 6.24-26.

dízimo. Dizimar era para ser uma oferta alegre e de gratidão, que expressava amor por Deus, mas os fariseus, por dizimarem a hortelã e coisas semelhantes, tinham

transformado o dízimo num dever incômodo.

* **11.43 saudações.** Saudações elaboradas que indicavam que os que as recebiam

eram pessoas importantes.

* **11.44 sepulturas invisíveis.** Tocar uma sepultura tornava a pessoa

cerimonialmente imunda (Nm 19.16), de modo que as sepulturas eram caiadas para prevenir as pessoas. Uma sepultura que não fosse marcada era uma fonte oculta de impureza ritual.

* **11.45 intérpretes da lei.** Ver nota em 10.25.

* **11.46 sobrecarregais... com fardos.** Os especialistas na lei acrescentavam à ela

muitos regulamentos que visavam garantir que a própria lei não fosse quebrada e, por esses regulamentos, impunham uma carga pesada.

* **11.47 túmulos dos profetas.** Consideravam-se como aqueles que honravam os

grandes homens de Deus, construindo túmulos que não podiam esconder sua cumplicidade com aqueles que os tinham matado (v.48).

* **11.49 Enviar-lhes-ei... perseguirão.** A fonte da citação não tem sido descoberta. O próprio Jesus pode estar dizendo que esta é a maneira de a sabedoria de Deus operar.

* **11.50,51** A própria geração de Jesus era culpada porque, rejeitando Jesus, rejeitava os profetas que tinham falado dele. Assim, estas pessoas participavam da culpa pela morte de homens justos. Abel foi a primeira pessoa assassinada (Gn 4.8), enquanto o assassinato de Zacarias é registrado em 2Cr 24.21-22 (ver Mt 23.35, nota).

* **11.52 tomastes a chave da ciência.** Através da sua interpretação tradicional da lei, os "intérpretes" tinham tornado impossível, às pessoas comuns, entenderem o verdadeiro sentido da lei; os fariseus e os próprios intérpretes também usavam suas tradições para fugir às exigências da lei (cf. Mc 7.5-13).

* **12.1 miríades.** A palavra rigorosamente significa "dez mil", mas é geralmente empregada para significar um grande número. O ensino de Jesus era primariamente dirigido a seus discípulos, ainda que multidões pudessem ouvir e aproveitar.

fermento. O povo estava familiarizado com o fato de que um pouco de fermento, vagarosamente, permeia e transforma uma grande quantidade de massa. Jesus, em outro lugar, usa a figura do fermento para ilustrar a operação oculta do reino de Deus (13.21), mas aqui ele descreve a influência negativa dos fariseus (Mc 8.15, nota).

* **12.2,3** No Dia do Juízo tudo será trazido à luz; toda hipocrisia será desmascarada.

* **12.3 no interior da casa.** As paredes de tijolos de barro podiam ser cavadas, a fim de que os depósitos onde os valores eram guardados ficassem bem longe das paredes externas, nos cômodos internos (e, portanto, ficavam escondidos).

* **12.5 tem poder para lançar no inferno.** Só Deus tem este poder. A palavra traduzida "inferno" aqui é *Gehenna,* o lugar de punição final (e não *Hades,* que designa o lugar de todos os mortos). *Gehenna* deriva-se de uma palavra Hebraica que significa *Vale de Hinom,* localizado fora de Jerusalém (Mt 5.22, nota).

* **12.6 vendem cinco pardais por dois asses.** Os "asses" são o *assarion,* igual a

um dezesseis avo de um denário (que era o pagamento típico do serviço de um dia). Cinco pardais vendidos pelo pagamento aproximado de uma hora de trabalho, mas Deus se lembra de todos eles.

* **12.10** Blasfêmia contra o Espírito Santo é atribuir a Satanás a obra que o Espírito Santo realiza através de Cristo, em face da esmagadora evidência moral ao contrário. Uma tal rejeição deliberada da verdade é uma rejeição decisiva do Único (o Espírito Santo) que pode levar uma pessoa ao arrependimento e à fé; um tal pecado torna impossível o perdão. Ver "O *Pecado Imperdoável",* em Marcos 3.29.

* **12.13** A regra para a herança foi dada em Dt 21.17, e casos em disputa eram

freqüentemente resolvidos pelos rabinos. Este homem queria claramente uma decisão só a seu favor; ele não estava procurando um julgamento justo.

* **12.22-34** Jesus nos proporcionou quatro fortes argumentos contra a ansiedade.

Primeiro, preocupar-se com os bens do mundo é tolice, porque a própria vida é mais importante (v.23). Segundo, Deus cuidará, ele mesmo, do mesmo modo pelo qual ele cuida dos passarinhos no ar (v.24). Terceiro, a ansiedade não leva a coisa alguma (vs.25,26). Finalmente, como herdeiros das inexauríveis riquezas do reino de

Deus, os crentes não devem preocupar-se com detalhes terrenos (vs.32,33). Jesus chama seus seguidores a ordenar suas prioridades corretamente, centrando seus corações no reino (v.34).

* **12.25 um côvado ao curso da sua vida.** Ou "tornar sua vida mais longa".

* **12.27 lírios.** Não se sabe ao certo qual é exatamente a flor referida aqui.

Salomão. Salomão era proverbial por sua riqueza e esplendor.

* **12.31 Buscai... o seu reino.** Os discípulos já estavam no reino e deviam, portanto,

concentrar suas energias nos interesses do reino.

* **12.33 Vendei os vossos bens e dai esmola.** Central, neste versículo, é o

contraste entre bens terrenos — que são perecíveis e fonte de ansiedade — e os tesouros do reino de Deus, que são a fonte durável da paz. Alguns dos seguidores de Jesus tinham, pelo menos, riquezas moderadas (10.38; Jo 19.27), e ele não está exigindo que todos os seus discípulos sejam pobres. Mas eles devem ser generosos e não colocar seus corações nas posses terrenas (v.34).

* **12.35 Cingido.** Isto é, pronto para o serviço. Longas túnicas atrapalhavam os

movimentos livres e eram mantidas acima dos joelhos com um cinto, quando necessário.

* **12.37 há de cingir-se**. Esta é uma inversão de papéis, o senhor tomando o lugar

do servo (cf. 22.27).

* **12.38 segunda vigília... na terceira.** Os Judeus dividiam a noite em três vigílias

(Jz 7.19) e os romanos, em quatro. Aqui, Jesus usa a divisão dos judeus. Estes servos vigiam por seu mestre durante toda a noite.

* **12.42 mordomo fiel e prudente.** O mordomo era um escravo colocado à frente de todos os negócios do seu senhor. Assim, o senhor estava livre de todo encargo administrativo e o mordomo tinha considerável autoridade.

* **12.44 lhe confiará todos os seus bens.** A recompensa do serviço fiel é a

oportunidade de realizar os mais altos serviços.

* **12.45,46** A punição por falhas em fazer uso correto das oportunidades para o serviço, era severa.

* **12.47,48** As pessoas são punidas por falharem em fazer o correto, bem como por fazer o errado. A ignorância pode ser culpável, quando há oportunidades de saber aquilo que é exigido. Deus torna claros os deveres do seu povo (Rm 1.20; 2.14,15).

* **12.49 fogo.** O fogo do juízo.

* **12.50 batismo.** A morte de Jesus é também um "batismo", outra figura que aponta também para a morte ("batizar" uma cidade significava sujeitá-la a uma quase total destruição). Liturgicamente, o batismo veio a simbolizar a morte de um velho estilo de vida e inaugurar um novo estilo. Jesus aceitou sua própria morte como o plano divino para trazer a salvação aos pecadores.

se realize. Na cruz, Jesus falou da consumação de sua obra (Jo 19.30).

* **12.54-56** O povo podia discernir que um vento ocidental (do

Mediterrâneo) significava chuva e um vento sul (do deserto) significava calor. Mas não era capaz de discernir o que Deus estava fazendo no meio deles.

* **12.57-59** Em assuntos legais, qualquer um com um mau caso faz bem em obter um acordo extrajudicial, antes que o caso vá a julgamento. Os pecadores devem reconciliar-se com Deus agora, pois eles perecerão se esperarem até o Dia do Juízo.

* **13.1 Pilatos.** Matar uma pessoa no ato de culto é um grave delito. Este incidente, não registrado em outro lugar, sem dúvida contribuiu para a reputação de crueldade atribuída a Pilatos.

* **13.2** A calamidade era comumente considerada como resultado do pecado (Jo 9.1,2), porém Jesus nega que estes galileus fossem especialmente pecadores.

* **13.3 todos igualmente perecereis.** Todos são pecadores, por isso Jesus chama seus ouvintes ao arrependimento — pois de outro modo eles perecerão. Os galileus não tiveram tempo para arrepender-se por ocasião de sua morte, e os ouvintes impenitentes de Jesus podiam também enfrentar a morte sem tempo de preparar-se. Ver *"Arrependimento",* em Atos 26.20.

* **13.4** Este incidente nos é desconhecido fora desta passagem.

* **13.6-9** A vinha era solo fértil para uma figueira e "três anos" indica uma árvore já bem formada. Era improvável que ela sempre produzisse frutos, mas foi-lhe dada mais uma chance. O fato de Deus não punir os pecadores imediatamente não

significa que ele aprove seus pecados. Pelo contrário, sua paciência mostra que ele é misericordioso e os pecadores devem arrepender-se enquanto é tempo.

* **13.10 no sábado.** O correto uso do Sábado era uma contínua disputa entre Jesus e seus inimigos.

* **13.11-13** A mulher não pediu para ser curada. Jesus tomou a iniciativa.

* **13.14 chefe da sinagoga.** Ver nota em 8.41.

* **13.15 Hipócritas.** Os judeus cuidavam de seus animais e iam atrás deles no Sábado, como nos outros dias, mas este chefe da sinagoga se opôs ao ato de compaixão de Jesus em favor desta mulher.

* **13.21 três medidas.** Uma grande quantidade. Lucas diz "três satas" (ver referência lateral), a quantidade usada por Sara (Gn 18.6).

* **13.22** Ver nota em 9.51. Lucas apresenta Jesus indo sem pressa para Jerusalém, onde o clímax seria atingido. A caminho, ele continuava servindo ao povo.

* **13.23 poucos.** Os judeus geralmente concordavam que todo Israel (exceto uns poucos especialmente pecadores) estava incluído no número dos salvos.

* **13.24 Esforçai-vos.** Isto não significa que a salvação seja alcançada por meio de obras; é uma maneira enfática de dizer que o indivíduo deve ser determinado a respeito da salvação.

porta estreita. Jesus não diz o que é a porta estreita, mas está falando claramente do caminho para a salvação.

* **13.25 fechado a porta.** Há um limite para oferecer a salvação; ela deve ser aceita enquanto a oferta está de pé.

Não sei donde sois. Ver Mt 7.23; 25.12.

* **13.26,27** Ter tido comunhão social com Jesus e ter ouvido o seu ensino não é

suficiente.

* **13.28 choro e ranger de dentes.** Haverá choro de pesar e ranger de dentes de

cólera, quando virem os grandes, com os quais eles sempre se classificavam, em plena felicidade, enquanto eles mesmos são lançados fora.

* **13.29 Oriente... Sul.** Os salvos serão pessoas de toda parte do mundo.

tomarão lugares à mesa. Esta imagem do banquete messiânico descreve a grande alegria que haverá no reino (14.15; Ap 19.9). Haverá uma completa inversão de muitas idéias fortemente sustentadas pela humanidade (v.30).

* **13.31 vai-te daqui.** Jesus pode ter estado na Peréia, onde Herodes governava. Os

fariseus preferiam vê-lo na Judéia onde tinham mais influência.

* **13.32 essa raposa.** Os judeus usavam a metáfora "raposa" para significar

inutilidade e astúcia. Jesus não se abala com as ameaças de Herodes e diz que continuará seu ministério. Há um limite para o seu tempo, como mostra a referência ao terceiro dia.

* **13.33 Importa.** Havia uma necessidade divina compulsiva para aquilo que Jesus

estava fazendo. Notar também a referência adicional à certeza de que Jerusalém era o lugar onde ele devia morrer (cf. 9.31).

* **13.34,35** Este lamento sobre a cidade foi provavelmente feito quando Jesus

chegou a Jerusalém (Mt 23.37,38), e foi incluído aqui por Lucas por causa de sua relevância em relação àquilo que Jesus acabara de dizer.

* **13.34 Quantas vezes.** Jesus deve ter estado em Jerusalém mais vezes do que os

Evangelhos Sinóticos registram explicitamente. O Evangelho de João registra várias visitas.

* **13.35 vossa casa.** Isto pode significar o templo ou a cidade como um todo. **deserta.** O resultado inevitável da infidelidade.

até que venhais a dizer. Ver nota em Mt 23.39.

* **14.1 eis que o estavam observando.** Evidentemente para detectar qualquer violação da observância do Sábado.

* **14.2 hidrópico.** Uma doença que causa o acúmulo de uma espécie de fluído nas cavidades do corpo (mencionado só aqui, no Novo Testamento).

* **14.3 É ou não é lícito.** A lei de Moisés não proibia curar no Sábado, mas a "tradição dos anciãos" (Mc 2.16, nota) proibia o tratamento médico, a menos que houvesse risco de vida.

* **14.5 se o filho ou o boi.** Ver referência lateral. Os judeus tirariam uma criança ou animal do poço, num sábado, ainda que isto tecnicamente fosse um trabalho. Seus atos, numa emergência, mostravam que atos de misericórdia eram lícitos no Sábado, e

Jesus tinha realizado um ato de misericórdia.

* **14.10** Jesus não está dando conselho secular, mas advogando humildade genuína, como mostra o v.11 (cf. 18.4; Mt 23.12).

* **14.15 Bem-aventurado aquele.** Uma expressão piedosa e convencional, talvez visando mudança de assunto.

* **14.16,17.** Certamente, os convidados aceitaram o convite; de nenhum se diz que recusou. Um segundo convite, quando tudo estava pronto, era costume (cf. Et 5.8; 6.14).

* **14.18-20.** As desculpas eram transparentemente desonestas, pois ninguém compra um campo ou bois sem um exame prévio e se alguém o fez, não haveria pressa — o campo e os bois estariam ali no dia seguinte. O homem que se casou podia citar Dt 24.5, mas isto livrava um homem do serviço militar e não de contatos sociais.

* **14.21-24** Esta parábola é uma profecia da extensão do evangelho àqueles que

os fariseus consideravam indignos. Os "pobres, os aleijados, os cegos e os coxos” (v.21) representam os Judeus desprezados, que não eram capazes de observar as leis tradicionais da pureza ritual (às vezes chamados "o povo da terra”), enquanto os de fora da cidade, ao longo dos "caminhos e atalhos” (v.23), representavam os gentios. A parábola conclui com uma advertência às elites de Israel, que rejeitam o Messias, pois elas não terão uma segunda chance.

* **14.26 aborrece.** Isto significa amar menos (cf. Gn 29.31,33; Dt 21.15-17, onde

"desprezada”, "preterida” e "aborrecida”, são traduções de uma palavra que significa "odiada”). O discipulado significa amar tanto ao Mestre, que todos os outros amores são como ódio por comparação.

* **14.27 tomar a sua cruz.** Ver nota em 9.23-25.

* **14.28** Calcular o custo é importante antes de empreender qualquer projeto sério. A

"torre" poderia ser uma torre de observação ou uma construção agrícola. É preciso "sentar-se" e avaliar o processo com cuidado e sem pressa.

* **14.34** **sal.** O sal era um agente condimentar e conservativo. O sal, naquele tempo,

estava longe de ser puro e era possível que o cloreto de sódio se perdesse por lixiviação (principalmente pela ação da água das chuvas), deixando um resíduo totalmente inútil.

* **15.1** **publicanos.** Ver nota em 3.12.

pecadores. Pessoas imorais ou que exerciam atividades que os escribas consideravam incompatíveis com a guarda da lei de Deus. Uma regra rabínica sustentava que "uma pessoa não pode associar-se com homens ímpios", e os rabinos nem mesmo ensinariam uma tal pessoa. Notar que o cap. 14 termina com a expressão "quem tem ouvidos para ouvir, ouça" e o cap. 15 começa com estes "pecadores" reunindo-se para ouvir a Jesus.

* **15.3** Os rabinos ensinavam que Deus receberia bem o pecador penitente, porém

estas parábolas ensinam que Deus busca o pecador.

* **15.8 dracmas.** O termo "dracma" ocorre somente aqui, no Novo Testamento. Esta moeda era o equivalente grego do denário romano, que valia o pagamento de um dia de trabalho. As dez moedas poderiam ter sido a economia de toda a vida da mulher, ou podiam estar ligadas como adereço de cabeça (ver referência lateral).

acende a candeia. As casas não tinham janelas ou, talvez, as tivessem pequenas, por isso a candeia era necessária mesmo

durante o dia.

* **15.11-32** A parábola do filho pródigo poderia ser chamada a "parábola do pai

que espera". Enquanto o arrependimento do filho é importante para a parábola, a disposição do pai em perdoar e suas inesperadas atitudes (v.20 nota, 22,23) são uma admirável ilustração do amor paternal de Deus para com os obstinados seres humanos.

* **15.11,12** Ao filho mais velho estavam destinados dois terços dos bens do pai

(Dt 21.17). Às vezes, o pai daria o capital (o que significa que ele não podia dispor dele para si mesmo, ainda que o filho pudesse vendê-lo) e ficar com a renda (se o filho vendesse o capital, o comprador não podia tomar posse antes da morte do pai). Porém, dar o capital para um dos filhos, como ocorreu nesta parábola, não era prática comum.

* **15.15** Porcos eram imundos (Lv 11.7): nenhum judeu aceitaria este trabalho

voluntariamente.

* **15.20** O pai, aparentemente, esperava ansiosamente o retorno do seu filho. Era

indigno para um homem mais velho levantar suas vestes e correr.

* **15.22,23** As atitudes do pai revelam completo perdão e restauração do

relacionamento. A "melhor roupa" é marca de distinção e o anel significa autoridade (Gn 41.42; Et 3.10; 8.2). Porque os escravos não usavam calçados, as sandálias apontam para a condição de um homem livre. O novilho cevado era reservado para ocasiões especiais.

* **15.25** A atitude do filho mais velho ilustra o espírito legalista dos fariseus, que

ficavam incomodados na presença de "*pecadores"* (vs.1-3).

* **15.28** Como aconteceu com o filho mais novo (v.20), o pai toma a iniciativa para

restaurar o relacionamento. A parábola, como um todo, aponta o soberano amor de Deus que, ativamente, procura indignos pecadores, aqueles que não o buscam (19.10).

* **15.29** **que te sirvo.** Esta afirmação indica que o irmão mais velho via seu

relacionamento com o pai como uma recompensa de comportamento meritório. Do mesmo modo como o amor do pai responde ao demérito do filho mais moço, a salvação não é uma recompensa pelas boas obras, mas inteiramente o dom gracioso de Deus (Ef 2.8,9).

* **15.31** **tudo o que é meu é teu.** A divisão da propriedade permanece inalterada. A

atitude do filho mais velho (v.29, nota) levou-o a perder a visão do relacionamento que ele tem com o pai.

* **16.1** **administrador.** O homem que dirigia a propriedade, deixando o proprietário

livre, sem envolver-se com cada detalhe. Pelo fato de não ser atentamente supervisionado, era fácil para ele ser desonesto ou ocioso.

* **16.6** O administrador pode simplesmente ter sido desonesto, mas os Judeus

estavam proibidos de cobrar juros e um modo de contornar a

proibição era exagerar no preço. O devedor poderia ter levado quatrocentos galões de óleo e sua conta seria de oitocentos galões (ver referência lateral); os galões extras seriam o equivalente aos juros do negócio. Reduzindo significativamente os juros cobrados do devedor, o administrador teria obrigado o devedor a ajudá-lo pessoalmente (v.4), pelo menos uma vez e isto, sem diminuir o lucro do seu senhor.

* **16.8** Com as contas originais destruídas, o proprietário estava em posição

desconfortável. Seria difícil para ele estabelecer a sua reivindicação para o pagamento pleno, que incluísse os juros. Seu elogio à esperteza do seu administrador foi o reconhecimento da maior habilidade de seu subalterno. Jesus usa a parábola para ilustrar que os filhos do mundo, freqüentemente, usam aquilo que têm para favorecer seus próprios fins terrenos, e o fazem mais sabiamente do que fazem os filhos da luz para favorecer os objetivos inteiramente diferentes do reino de Deus.

* **16.9** Os discípulos de Jesus devem usar as suas riquezas não com propósitos

egoístas, mas com o objetivo de "fazer amigos” (esmolas aos pobres, provavelmente, são referidas aqui).

vos recebam. O texto não explica explicitamente quem está recebendo. As possibilidades incluem o pobre que foi ajudado nesta vida ou incluem, talvez, o próprio Deus. Em qualquer caso, a salvação por meio das obras não está sendo ensinada aqui (15.29, nota). A ajuda que é dada com amor aos outros, nesta vida, é um sinal de genuíno discipulado e da salvação já alcançada, mais do que um fundamento meritório da salvação.

* **16.11** **verdadeira riqueza.** Tesouros celestiais.

* **16.12** Se "o que é vosso” é a "verdadeira riqueza” mencionada

no v.11, então

Jesus está dizendo que a fidelidade, como um administrador nesta vida, determina a recompensa no reino de Deus (Mt 25.34).

* **16.13 servir.** Servo é o escravo da casa.

* **16.16 A Lei e os profetas.** Uma referência a todo o Antigo Testamento.

vigoraram até João. Lucas aqui indica que o ministério de João Batista assinalou o grande ponto crucial na História da Redenção (Mt 11.11, nota).

e todo homem se esforça por entrar nele. É uma difícil afirmação para traduzir e interpretar. Alguns sugerem que Jesus está exortando seus seguidores e referindo-se à dedicação necessária para entrar no reino (13.24). Outros sugerem que "esforçar-se" tem sentido negativo, que retrata poderes hostis em luta contra o reino (Mt 11.12, nota).

* **16.17 til.** É um pequeno sinal sobre algumas letras hebraicas; era a menor parte

de uma letra. Toda a lei vem de Deus e é tão certa como seu Autor.

* **16.18** Os judeus, naquele tempo, podiam divorciar-se de suas esposas, facilmente,

e pelas razões mais sem importância. Jesus tinha o mais alto conceito do casamento. A provisão de leis para o divórcio (Dt 24.1-4) existia por causa da dureza do coração (Mc 10.5). Ele vê os divórcios triviais como causando adultério (Mt 5.31,32; 19.9) Ver *"Casamento e Divórcio",* em Ml 2.16.

* **16.19 certo homem rico.** Este homem é, às vezes, chamado "Dives", uma palavra

latina que significa “rico”.

de púrpura e de linho finíssimo. Roupas caras de rico. A púrpura seria usada para vestimentas externas e o linho para roupa de baixo.

* **16.20** **Lázaro.** O único personagem que recebe nome nas parábolas de Jesus.

* **16.22** Jesus nada diz a respeito da condição religiosa de qualquer dos dois, mas

deixa implícito que Lázaro era justo perante Deus, ao passo que o rico, não.

seio de Abraão. A imagem de “seio” significa ser hóspede de honra num banquete (ver Jo 13.23).

* **16.23** **inferno**. (No grego “Hades”). Hades é o nome grego comum para designar o

lugar dos mortos. No Novo Testamento não é usado com referência aos justos. Aqui é claramente lugar de tormento. Ver *“Inferno”,* em Marcos 9.39.

* **16.24** Mesmo no inferno o rico é arrogante, pensando que pode mandar chamar

Lázaro para cumprir sua ordem.

* **16.25** O tratamento “filho” é terno, mas não pode alterar os fatos. Um grande

abismo os separa e há toda uma nova ordem numa completa inversão de valores terrenos.

recebeste os teus bens. O rico tinha recebido aquilo que considerava boas coisas. Ele poderia ter escolhido as coisas de Deus, mas preferiu prazeres materiais.

* **16.27,28** Pela primeira vez o rico pensa em alguma outra coisa, ainda que permaneça só no âmbito da na sua própria família. E ele ainda presume que Lázaro possa ser enviado para atender a seu pedido.

* **16.29 Moisés e os profetas.** Uma referência ao Antigo Testamento como um todo. O rico presumiu que o aparecimento de Lázaro a seus familiares seria eficaz. Jesus, no entanto, está dizendo que os seus familiares têm o testemunho da Palavra de Deus; rejeitando-o, eles não aceitarão outro.

* **17.1 escândalos.** A palavra grega originalmente designava o alimento colocado na haste de uma armadilha; veio a significar, depois, qualquer coisa que faz tropeçar e cair numa armadilha.

* **17.2 pequeninos.** Crianças ou crentes humildes (cf. 10.21) que estão sem auxílio, a não ser que Deus os ajude.

* **17.5,6** Aparentemente, os apóstolos pensavam que grande fé seria

necessária para perdoarem assim. Jesus aponta para aquilo que mesmo uma pequena fé pode realizar. Mais importante do que a quantidade de fé, é o objeto da fé — o grande e poderoso Deus.

* **17.12 leprosos.** A lei exigia que os leprosos ficassem longe das pessoas sadias (Lv 13.46); estes leprosos chegaram tão perto quanto possível e gritaram com estardalhaço.

* **17.14** Ver nota em 5.14.

indo eles. A ordem de Jesus, quando nada lhes tinha acontecido ainda, foi um teste de fé. Eles foram curados quando estavam indo em obediência à palavra de Jesus.

* **17.15,16** A gratidão trouxe diretamente de volta um dos

dez leprosos curados,

que louvava a Deus pelo que lhe tinha acontecido. O fato de ser ele um samaritano torna tudo mais interessante, pois não se esperaria que ele mostrasse gratidão a um judeu que

o curou.

* **17.20-37** A resposta de Jesus às questões relativas à vinda do reino de Deus

aponta para o caráter dinâmico desse reino. Nesta passagem, Jesus apresenta o reino tanto como realidade presente (v.21) quanto como realidade a ser plenamente revelada (vs.22-37). Jesus freqüentemente apresentou o reino como uma realidade oculta e em crescimento (Mt 13.31-33), realidade tanto presente quanto futura. No ministério terreno de Jesus o reino já está presente (11.20), porém, a plena realização do reino está ainda para ser manifestada (cf. 19.11). Os cristãos devem orar pela plena realização do reino de Deus (11.2). Ver nota teológica "O Reino de Deus", índice.

* **17.21 o reino de Deus está dentro de vós.** Isto é, o reino está presente como

uma realidade interior, uma coisa escondida no coração das pessoas (cf. Rm 14.17). Traduzir a expressão por "no meio de vós" (referência lateral) apontaria para a presença do reino na pessoa de Jesus.

* **17.22 um dos dias do Filho do homem.** Uma referência provável à plena

manifestação do reino, na Segunda Vinda de Cristo (vs.26, 30). Os cristãos anseiam pela vinda de Cristo e pela paz e justiça que a Segunda Vinda trará.

* **17.23-25** Ainda que alguns procurem falso messias (21.8,9), a vinda final de

Cristo será tão pública, que todos saberão.

* **17.25 importa... padeça muitas coisas.** A palavra "importa" é muito significativa;

indica o propósito soberano de Deus (At 4.27,28).

* **17.26-29** As pessoas, nos dias de Noé e de Ló levavam uma vida normal neste

mundo (Jesus não fala de seus pecados) e negligenciaram sua oportunidade. Noé e Ló eram pecadores, mas atenderam à advertência de Deus e foram salvos. Eles não eram totalmente dominados pelas coisas desta vida.

* **17.32** A esposa de Ló esteve bem perto do livramento, porém, ao olhar para atrás,

perdeu-se (Gn 19.26).

* **17.33** Jesus repete o ensino de 9.24, de que a vida egoísta e de auto-afirmação significa morte espiritual.

* **17.34,35** Uma estreita proximidade com algumas pessoas salvas não ajudará no dia da Vinda de Cristo.

* **17.37 Onde estiver o corpo.** Jesus, aparentemente, usa um provérbio popular

para ensinar que, do mesmo modo como os cadáveres atraem os abutres, assim os mortos espiritualmente convidam o juízo.

* **18.1-8** Os versículos precedentes (17.22-37) e a referência à Segunda

Vinda, no v.8, indicam que a persistência da oração pela vinda de Cristo e seu triunfo final sobre o mal — mesmo quando essa vinda é aparentemente demorada — está particularmente em foco (1Co

16.22; Ap 22.20). Sobre o princípio geral concernente à importância da oração, em todos os assuntos, ver 11.5-8 e notas.

* **18.3** A viúva era uma pessoa desamparada, sem nada a seu favor, a não ser o direito. Ela queria justiça e não vingança.

* **18.5 me importuna.** Uma expressão pitoresca, lit. "me dá um tapa olho". O juiz está com receio de que a mulher arruinará a sua reputação, por fazê-lo parecer incapaz de ajudar seus clientes, compelindo-os a implorar à sua porta.

* **18.7** Se mesmo um juiz "injusto" (v.6) fará aquilo que é direito, quanto mais

Deus?

embora pareça demorado. Deus não protelará como o juiz nesta parábola; qualquer demora tem uma razão.

* **18.8 depressa.** Isto é, no tempo de Deus (2Pe 3.8) e não segundo o nosso tempo.

achará, porventura, fé. Isto não significa que não haverá crentes, mas que a fé não será característica de todos.

* **18.10** Oração particular pode ser feita no templo em qualquer hora do dia, e

não somente nos cultos formais.

* **18.11 posto em pé.** Uma postura comum na oração.

* **18.12 jejuo duas vezes por semana.** O único jejum prescrito na lei de Moisés era o do Dia da Expiação (Lv 16.29-31; 23.27), ainda que o jejum voluntário pudesse acompanhar a oração (Sl 35.13), a penitência (1Rs 21.27) e a tristeza (2Sm 1.12). No tempo de Cristo, a tradição oral judaica tinha aumentado o número de jejuns para

os piedosos. Jejuar pode ser um útil exercício religioso (5.33-35; At 13.2,3), mas Jesus condenou claramente a prática quando vista como um meio de merecer o favor de Deus (vs.11,12), ou quando se tornava uma exibição ostensiva (Mt 6.16-18; cf. Is 58.1-6).

* **18.13 levantar os olhos ao céu.** Olhar para cima era costume quando se fazia

oração, mas este homem estava muito consciente de sua indignidade para fazer isto. Ele simplesmente pediu por misericórdia, reconhecendo o seu pecado.

*
18.14 justificado. O fariseu confiou nos seus próprios

descoberto que nenhuma justiça humana é suficiente diante de um Deus que exige perfeição (Mt 5.48). O publicano confiou na graça de Deus e a encontrou.

* **18.18 homem de posição.** Uma expressão geral para significar alguém da classe

superior.

Bom Mestre. Esta não era uma forma comum de tratamento no judaísmo; era mera bajulação. O homem presumiu que seus feitos lhe assegurariam a vida eterna.

* **18.19 Por que me chamas bom.** Jesus desafia a bajulação deste homem,

lembrando-o de que a verdadeira bondade é um atributo só de Deus. Que a sua bajulação não era sincera, na verdade, é mostrada na sua falta de fazer aquilo que o "Bom Mestre" ensinou-o a fazer (v.23).

* **18.22 vende tudo.** Este desafio revelou que aquele homem não tinha realmente

entendido os mandamentos. Quando ele se defrontou com a escolha, tornou-se claro que seus bens vinham antes de Deus.

* **18.23-25** Ver nota em Mc 10.25. O rico é tentado a confiar nas coisas terrenas,

como são tentados aqueles cuja riqueza é a realização intelectual ou artística, ou em

outros campos. Grandes realizadores freqüentemente têm dificuldade em confiar inteiramente na misericórdia de Deus.

* **18.26,27** Se o rico, com todas as suas vantagens não pode facilmente ser

salvo, quem poderá? A resposta é que a salvação, para o rico ou pobre, é sempre um dom de Deus.

* **18.28-30** A resposta de Jesus a Pedro significa que as dádivas de Deus ultrapassam qualquer coisa que nós podemos deixar por causa dele. Isso não significa que podemos utilizar de sacrifícios como um meio de alcançar uma recompensa melhor.

* **18.31-34** Em suas predições a respeito da Paixão (cf. 5.35; 9.22,43-45; 12.50;

13.32,33; 17.25), esta é a primeira vez que Jesus fala em ser entregue aos gentios.

* **18.35 ao aproximar-se ele de Jericó.** Lucas dá a entender que Jesus estava

entrando em Jericó, enquanto Mateus e Marcos dizem que o incidente ocorreu quando eles saíam de Jericó (Mt 20.29; Mc 10.46). Parece ter havido duas “Jericós” que distavam aproximadamente um quilômetro e meio uma da outra: as ruínas da cidade do Velho Testamento, conquistada por Josué (Js 6), e a cidade

construída por Herodes o Grande. O encontro pode ter acontecido quando Jesus estava deixando a cidade antiga e entrando na nova.

um cego. Mateus menciona dois cegos (cf. Mt 8.28 e nota), enquanto Lucas e Marcos mencionam apenas um (chamado Bartimeu, Mc 10.46); ele pode ter sido o porta-voz dos dois.

18.38 Filho de Davi. Um título messiânico.

*** 18.42 a tua fé**. Fé era o meio pelo qual a dádiva era recebida.

te salvou. Melhor do que a outra tradução possível: "te fez bem". A "salvação" se adequa melhor em vista do seu seguir a Jesus e do seu louvor a Deus.

*** 19.2 maioral dos publicanos.** O termo é encontrado apenas aqui, mas

claramente significa o chefe dos agentes locais de impostos. Jericó estava próxima a uma das rotas mais importantes de comércio e também de um famoso bosque de bálsamo.

*** 19.4 sicômoro.** Uma árvore freqüentemente plantada ao longo das ruas. Era fácil

de subir.

*** 19.8 restituo.** O verbo está no tempo presente para dar expressão e ênfase.

quatro vezes mais. A lei exigia o montante e mais um quinto (Lv 6.5; Nm 5.7); Zaqueu estava indo além do que a lei exigia.

*** 19.9 salvação.** Jesus tinha dito precisamente que é difícil um rico ser salvo

(18.24,25); a salvação de Zaqueu mostra que isso não é impossível (18.27). Ver "*Salvação*", em At 4.12.

é filho de Abraão. Esta frase pode apontar para Zaqueu como uma das ovelhas perdidas de Israel, que Jesus considera uma missão especial (cf. 13.16; Mt 10.6; 15.24).

* **19.10 o Filho do homem.** Modo favorito de Jesus referir-se a si mesmo (5.24,

nota).

* **19.11** A viagem de Jesus a Jerusalém estava se aproximando do seu fim, e

alguns pensavam que ele estabeleceria um magnífico reino terreno ali.

* **19.12** A parábola dos talentos (Mt 25.14-29) parece-se com esta, mas

naquela as quantidades são maiores e variam de tamanho, testando os servos em sua competência para tarefas maiores. Aqui, as quantidades são menores e as mesmas para

todos (v.13). A parábola ensina que cada um tem uma tarefa básica — servir a Deus fielmente.

terra distante. Os filhos de Herodes foram exemplos de nobres que foram a Roma, na esperança de serem feitos reis.

* **19.13 dez minas.** Cada servo recebeu uma mina, o equivalente de cem dracmas (15.8, nota), ou o pagamento de vários meses de trabalho.

* **19.14** Quando Arquelau, filho de Herodes, foi a Roma procurando por seu

reino, seus súditos judeus enviaram uma delegação para pedir que ele não fosse feito rei sobre eles.

* **19.16-19** Dois servos trabalharam bem e foram recompensados com

posteriores oportunidades de serviço, proporcionais ao seu sucesso. Notar a modéstia deles ("tua mina rendeu"), e a muito maior responsabilidade foi distribuída a eles.

* **19.20,21** O temor impediu que o terceiro homem fizesse qualquer coisa, ainda

que soubesse que o seu senhor esperava muito dele. Nada é dito a respeito dos outros sete servos. A parábola focaliza duas classes de servos: aqueles que trabalham e aqueles que não trabalham.

* **19.22-26** A punição por não usar o que recebeu foi perder o que tinha recebido,

um princípio de ampla aplicação. Os que usam suas oportunidades espirituais encontram mais, enquanto os que nada fazem com elas, perdem a habilidade que tinham recebido.

* **19.28** Ver nota em 9.51.

* **19.29 Betânia.** Uma vila a cerca de três quilômetros de Jerusalém. Betfagé devia ter sido perto; era considerada como limite externo de Jerusalém.

* **19.30 jumentinho.** O termo grego pode referir-se a um cavalo ou a um burro; os outros Evangelhos tornam claro que era um jumentinho. Nunca tinha sido usado e, portanto, apropriado para um propósito sagrado (Nm 19.2; 1Sm 6.7).

* **19.35,36 pondo as suas vestes sobre ele.** As vestes, evidentemente, serviam

de sela; as roupas pelo caminho formavam um tapete triunfal.

* **19.37** Esta entrada em Jerusalém cumpriu a profecia (Zc 9.9) e foi uma

proclamação pública da messianidade, porém, messianidade de uma espécie distintiva, uma vez que o jumentinho era o animal de um homem de paz. Um rei conquistador estaria montado num cavalo. O povo parece ter reconhecido a realeza, mas não viu a ênfase sobre a paz.

* **19.38** Uma citação do Salmo 118.26, porém, com uma referência explícita

ao Rei. Apenas Lucas tem as palavras "paz" e "glória". Ele não inclui "Hosana", que os leitores gentílicos podiam não entender.

* **19.39 repreende os teus discípulos.** Os fariseus não queriam nada que perturbasse a paz e provocasse reação da parte dos romanos.

* **19.41,42** Só Lucas registra o lamento de Jesus quando chegou perto da

cidade. Jesus sabia que a emoção das multidões não correspondia à genuína percepção espiritual e que as ações levadas a efeito trariam inevitavelmente a guerra e não a paz.

* **19.43 te cercarão de trincheiras.** Descrição de um cerco típico de uma cidade. As trincheiras eram construídas como uma proteção para os invasores e eram uma base de onde partiam os ataques.

* **19.44** A cidade será completamente destruída. O povo precisa viver as conseqüências da sua rejeição do Messias de Deus.

* **19.45,46** Todos os quatro Evangelhos falam de Jesus expulsando os

vendilhões do recinto do templo, mas os três primeiros colocam esse

fato no fim do ministério de Jesus e João o coloca no começo. Há, provavelmente, duas purificações do templo (Mc 11.15, nota). Os mercadores no pátio do templo eram cambistas e vendedores de animais para o sacrifício. Só moedas de Tiro eram aceitas no templo, e o dinheiro tinha de ser trocado antes que uma oferta pudesse ser feita. Era conveniente tê-los junto ao

templo, mas a presença deles no pátio do templo tornava o verdadeiro culto difícil. Os comerciantes estariam no pátio dos Gentios, o único lugar onde os gentios podiam ir para orar.

* **19.47,48** O templo era um lugar normal para o ensino. A oposição a Jesus agora inclui um novo grupo — "os maiorais do povo". Os leigos proeminentes tinham agora se ajuntado aos sacerdotes e escribas.

* **20.1 e a evangelizar.** Jesus estava trazendo as boas novas de Deus e, ao mesmo tempo, seus inimigos estavam conspirando contra ele.

principais sacerdotes... escribas... anciãos. Parece ser uma delegação do Sinédrio.

* **20.2 estas coisas.** Coisas tais como expulsar os vendilhões do templo.

* **20.3,4** Jesus não estava evitando a pergunta deles, pois João tinha

testemunhado que Jesus era o Messias. Se eles respondessem à pergunta de Jesus, teriam a resposta à deles.

* **20.5,6** Notar que eles não estavam preocupados com a verdade, mas com

as conseqüências de suas possíveis respostas.

* **20.7,8** Jesus não falará a respeito de autoridade a homens que se recusam a

responder a uma importante questão religiosa, resposta que eles já conheciam.

* **20.9-12** Os lavradores são uma vívida figura da nação que, persistentemente,

rejeitar os mensageiros de Deus que lhe foram enviados, para chamá-las ao arrependimento.

* **20.13** Normalmente, um proprietário, diante da recusa do pagamento do

aluguel, e dos maus tratos dados aos seus mensageiros, teria adotado medidas drásticas. Mas assim como este proprietário continua dando aos lavradores arrendatários a oportunidade de se arrependerem, assim Deus continua estendendo a mão aos pecadores.

* **20.14 Este é o herdeiro.** Os lavradores já tinham recusado reconhecer um

proprietário pelo pagamento do aluguel, e parece que calculavam que, tirando o herdeiro do caminho, poderiam estabelecer seu próprio direito à vinha. Jesus está ressaltando que a nação se comportara de forma ultrajante diante de Deus.

*
20.17 Jesus cita Sl 118.22, que prevê uma inversão aceitos.

principal pedra, angular. Lit. "a cabeça da esquina". Pode ser uma pedra grande, lançada na esquina, que determina a posição de duas paredes. Ou pode ser a pedra de cima da esquina, que serve de amarração para a construção.

* **20.19** Os mestres religiosos eram hostis a Jesus, mas não podiam encontrar

um meio legal de causar-lhe dano.

* **20.20 do governador.** Os "emissários" claramente esper

alguma coisa que levaria os romanos a prendê-lo.

* **20.21** A abordagem lisonjeira, sem dúvida, era um meio de levar Jesus a abrir a

guarda.

* **20.22 é lícito.** Isto significa "está de acordo com a lei de Deus?" (isto era exigido

pela lei romana). Do ponto de vista dos interrogadores, a resposta tinha de pôr Jesus em desacordo ou com os romanos ou com os judeus, que se ressentiam da cobrança de impostos.

* **20.24 denário.** Jesus pediu uma moeda de prata que era própria para pagar o

imposto, moeda aproximadamente equivalente ao pagamento de um dia de trabalho (15.8, nota). Ela trazia uma imagem do imperador com seus títulos de honra. Só havia uma resposta para a pergunta de Jesus, e ela abriu o caminho para uma inesperada resposta. Jesus não pôde ser acusado de deslealdade nem aos judeus nem aos romanos. Ele tornou claro que há deveres próprios para com Deus, mas também deveres para com o estado.

* **20.27 saduceus.** Lucas menciona os saduceus somente aqui. Nenhum dos

escritos deles sobrevive, por isso só os conhecemos através de seus oponentes. Eles eram conservadores e aristocratas e contavam os sumos-sacerdotes entre os de sua classe. Rejeitavam a tradição oral dos fariseus e não encontravam base para a doutrina da ressurreição no Antigo Testamento.

* **20.28-33** Quando um judeu casado morria sem filho, exigia-se que seu irmão

se casasse com a viúva, e o primeiro filho se tornava herdeiro do falecido (Dt 25.5-10). Os saduceus pensavam claramente que esta história deles tornaria ridícula a doutrina da ressurreição.

* **20.34-36** Os saduceus achavam que se houvesse uma vida após a morte, seria

algo semelhante a uma repetição desta vida. Jesus nega isto. O casamento é uma parte essencial desta vida, mas não da vida futura; portanto, a pergunta dos saduceus era inválida.

* **20.36 são iguais aos anjos.** Na ressurreição haverá uma mudança de natureza, e

os crentes terão seus corpos ressurretos como o do Cristo ressurreto (1Co 15.35-58, nota). O ponto de Jesus aqui não é que os seres humanos serão exatamente como os anjos, porém, que o modo de existência dos anjos — em particular sua imortalidade — proporciona uma pista para a existência dos crentes na pós-ressurreição, pois também eles serão imortais (1Co 15.42,52-55). O casamento e a procriação não serão mais necessários nem apropriados a corpos imortais. Ver *"Ressurreição e Glorificação",* em 1Co 15.21.

*

20.37 no trecho referente à sarça. Antes da divisão capítulos e versículos, as

passagens nas Escrituras eram mencionadas por seu conteúdo.

Jesus busca — numa bem conhecida parte das Escrituras (Mc 12.26, nota) — uma interessante prova de que o homem vive depois desta vida.

* **20.41 Como podem dizer.** Gerações anteriores foram consideradas maiores e

mais sábias do que a geração atual e isto abriu o caminho para Jesus fazer uma pergunta própria. Por definição popular, Davi era mais importante do que qualquer de seus descendentes. Como poderia Davi chamar o Messias de seu “Senhor” (Sl 110.1)? Jesus

está ensinando que o Messias não é simplesmente o Filho de Davi; ele é o Filho de Deus e, assim, Senhor de Davi. A Messianidade de Jesus pode ser entendida, em parte, a partir deste título "Filho de Davi”, porém há outros aspectos também. Ele não pode ser olhado simplesmente como outro "Davi”, uma mera repetição.

* **20.45-47** Ver nota em Mc 12.40.

* **21.1 gazofilácio.** No pátio das mulheres havia treze caixas — em forma de

trombeta — para arrecadar ofertas, e com dizeres que mostravam em que essas ofertas seriam aplicadas.

* **21.2 pobre.** Uma palavra incomum no original (somente aqui, no Novo

Testamento), que significa "muito pobre”. Ela deu todo o seu sustento (v.4) que era duas moedas de cobre do mais baixo valor (ver referência lateral).

* **21.5 belas pedras.** Ver nota em Mc 13.2.

* **21.6** Isto se cumpriu durante a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C.

* **21.8 Sou eu.** Falsos mestres alegarão ser o Cristo.

* **21.9 o fim.** O fim de todas as coisas. Algumas seções deste discurso se referem

à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. e outras seções se referem à vinda de Jesus no fim dos tempos (Mc 13.4, nota).

* **21.12 sinagogas.** As sinagogas eram centros de disciplina bem como lugares de

culto.

* **21.13** Os problemas para a igreja, significam também oportunidades para

testemunhar.

* **21.16-19** Esta passagem é uma forte afirmação do absoluto

Para alguns de seus seguidores haverá morte de mártir; para outros haverá livramento. De qualquer modo, Deus está realizando os seus propósitos.

* **21.20 Jerusalém.** Esta seção se refere à destruição da cidade e não ao fim dos tempos (v.9, nota).

* **21.21 fujam para os montes.** As pessoas normalmente fugiriam para a cidade murada, para abrigar-se de exército invasor, porém Jerusalém está condenada. As pessoas devem fugir dela e não entrar nela.

* **21.22 vingança.** Não é um sofrimento sem sentido, mas uma punição divina.

* **21.23 Ai.** O cerco de Jerusalém, no ano 70 d.C., de fato trouxe sofrimento extremo.

* **21.24 os tempos dos gentios.** Isto pode significar o tempo quando os gentios terão seu triunfo sobre Israel, ou o tempo quando o evangelho será pregado aos gentios, ou ambas as coisas.

se completem. O propósito divino será levado ao fim (cf. Rm 11.1-32).

* **21.25,26** A atenção se dirige para a Segunda Vinda de Cristo (v.9, nota). Será precedida de sinais que confundirão a muitos.

* **21.27 vindo.** O retorno de Jesus será uma vinda em esplendor para reinar.

* **21.28 redenção.** Esta palavra significa livramento mediante o pagamento de um preço. Jesus pagou o preço no Calvário e agora ele olha para o cumprimento final daquilo que o livramento significa.

* **21.30** O aparecimento de folhas nas árvores anuncia que o verão se aproxima. Assim, do mesmo modo, os sinais nos dizem que o reino está próximo.

* **21.32 geração.** A palavra grega usualmente significa todo o povo vivo num dado

tempo; mas pode também significar todas as pessoas de uma certa espécie de povo (p.ex., os ímpios ou justos). O termo pode também significar "raça"; se este é o sentido aqui, significa que os judeus continuarão até o fim.

* **21.36 Vigiai... orando.** Vigiar e orar são deveres cristãos até o fim dos tempos. **estar em pé na presença do Filho do homem.** Significa salvação no último dia.

* **21.37,38** Os últimos dias de Jesus foram gastos ensinando em Jerusalém, enquanto à noite ele ficava no monte das Oliveiras, que ficava perto.

* **22.1 a Festa... Páscoa.** Rigorosamente falando, a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos eram festas diferentes, mas que se sucediam imediatamente (Nm 28.26,27), mas nos tempos do Novo Testamento, os nomes (dessas festas) eram usados intercambiavelmente. A Festa comemorava o grande livramento de Israel do Egito (Êx 12.17; Mc 14.1, nota).

* **22.2 principais sacerdotes.** Os principais sacerdotes tinham o poder político entre os judeus e eles — e não os fariseus — lideraram a oposição final a Jesus.

* **22.3-6** Satanás tomou o controle de Judas (Jo 13.2), e foi Judas quem

procurou os principais sacerdotes e não eles que procuraram Judas. Os "capitães" da guarda do templo eram, na sua maioria, levitas.

* **22.7 Páscoa.** De acordo com Êx 12.5, o animal podia ser um cordeiro ou um cabrito. Ele devia ser sacrificado ao pôr do sol (Êx 12.6).

* **22.8-12** Jesus estava pronto para morrer, mas no tempo de sua própria

escolha. Esta pode ser a razão segundo a qual Jesus tomou as providências para a festa. Nenhum dos discípulos sabia onde eles comeriam a Páscoa.

* **22.10 com um cântaro.** Um homem carregando um cântaro estaria em evidência, pois os cântaros eram carregados pelas mulheres e os homens transportavam água em odres de pele.

* **22.14 pôs-se... à mesa.** Ou "reclinou-se", a postura normal numa refeição assim. Os que comiam reclinavam-se sobre o cotovelo esquerdo, com seu rosto perto da mesa e seus pés longe dela, e comiam com a mão direita.

* **22.15,16** Jesus teve um intenso desejo de ter comunhão com os seus discípulos na Páscoa.

* **22.17 E, tomando um cálice.** Na refeição da Páscoa, cada pessoa bebia quatro cálices de vinho tinto. O vinho era usualmente diluído em três partes de água e uma de vinho.

* **22.18 até que venha o reino de Deus.** Este é um importante aspecto da Ceia do

Senhor, como um sacramento, pois ela aponta para a Segunda Vinda de Cristo (1Co 11.26).

* **22.19 Isto é o meu corpo.** Tem havido muita discussão a respeito destas palavras

(Mt 26.26, nota). O verbo “é”, neste caso, não significa "isto é idêntico ao” (meu corpo), mas algo como “representa” ou “significa” ou, talvez, “comunica”. Num culto de comunhão, da Igreja Reformada, instrui-se o participante a “alimentar-se no coração”, quando o pão é recebido (Ver a *“Ceia do Senhor’,* em 1Co 11.23).

fazei isto. A única coisa que Jesus ordenou que seus discípulo fizessem, como lembrança dele, referia-se à sua morte, subentendendo-se a centralidade da cruz para a fé cristã.

* **22.20 da nova aliança.** Por sua morte, Jesus oferece o sacrifício que ratifica a

nova aliança de Jeremias 31.31.

*

20.22,23 Jesus, imediatamente, fala da traição que sofr por um daqueles

que estavam à mesa. O fato de Judas estar participando da comunhão da mesa, com Jesus, tornou o seu crime o pior de todos.

Jesus cumpriria a profecia e iria como estava decretado, porém, isto não diminui a culpa daquele que o traiu.

* **22.24-27** Só Lucas registra esta disputa que mostrava quão longe, até mesmo

os Doze, estavam de compreender aquilo que Jesus viera fazer.

* **22.25 benfeitores.** Vários reis na antigüidade, receberam o título de "benfeitores",

freqüentemente sem justificação. Os discípulos precisavam servir como Jesus serviu.

* **22.28-30** Que os discípulos deveriam servir, ao invés de procurar grandeza,

não significa que eles deixarão de ser notados. Jesus deixa claro que sabe como eles têm estado firmes com ele e que haverá um lugar para eles no reino. A eles é prometido uma maravilhoso futuro, que inclui julgar as doze tribos de Israel (v.30).

* **22.31 Simão, Simão.** A repetição do nome dá solenidade e ênfase. É uma forma de tratamento íntimo e pessoal.

vos reclamou. O pronome "vos", que está no plural, indica que Satanás tinha pedido permissão para perturbar todos os discípulos. Notar que Satanás não tem poder para agir fora da área que Deus permite.

* **22.32 por ti.** Aqui o pronome está no singular e indica que Jesus particulariza a pessoa de Pedro. Quando Pedro passar pela prova, ele deverá fortalecer os outros.

* **22.35,36** O futuro não será tão fácil para os discípulos como o passado.

* **22.36 espada.** Isto, provavelmente, não tinha intenção literal (cf. vs.49-51; Mt 26.51,52), mas é um modo de dizer que eles se defrontarão com um futuro perigoso. O próprio Jesus se defronta com o cumprimento de Isaías 53.12, e seus seguidores, certamente, experimentarão resistência e perseguição.

* **22.38 Basta.** Os discípulos tomaram as palavras a respeito da espada literalmente, e a resposta de Jesus significa "Basta desse tipo de conversa".

* **22.40 ao lugar.** Getsêmane (Mc 14.32), um bosque de oliveiras (Jo 18.1).

* **22.41** A narrativa de Lucas não menciona Pedro, Tiago e João (que dormiam enquanto Jesus orava). A ênfase de Lucas é sobre a oração de Jesus e não sobre a fraqueza dos discípulos. As pessoas geralmente oravam de pé (18.11,13), porém, nesta ocasião solene Jesus se ajoelhou.

* **22.42 este cálice.** Um símbolo de sofrimento e da ira divina (Is 51.17; Ez 23.33).

não... a minha vontade. Como alguém que tomou sobre si a completa natureza humana, era natural que Jesus quisesse recuar ao horror da cruz, horror aumentado por seu conhecimento de que, ao morrer, ele seria desamparado por Deus e experimentaria o peso da ira divina sobre o pecado. Não obstante, Jesus está determinado a fazer a vontade de seu Pai.

* **22.43,44** Só Lucas nos fala do anjo que fortalecia a Jesus e do suor como "gotas de sangue".

* **22.47 beijar.** O beijo era uma saudação comum (1Ts 5.26) e usá-lo nesta circunstância era uma forma horrível de traição.

* **22.53 é a vossa hora.** Uma prisão furtiva à noite é própria deste empenho das forças espirituais das trevas (cf. Ef 6.12; Cl 1.13).

* **22.54 na casa do sumo sacerdote.** Jesus foi levado primeiro à casa do sumo sacerdote, que tinha ordenado a sua prisão. Todos os quatro Evangelhos dão mais espaço ao processo de julgamento do que à crucificação. Eles estão respondendo às questões a respeito do por que os judeus condenaram a Jesus e por que os romanos o executaram, e ressaltando a identidade de Jesus como o Filho de Deus e Rei dos Judeus.

* **22.55-62** Todos os quatro Evangelhos dizem que o primeiro questionamento veio de uma jovem criada, mas o segundo, da mesma menina (Mc 14.69), de uma criada diferente (Mt 26.71), ou de um homem (Lc 22.58). Servos estavam ao redor do fogo, no páteo; um questionamento por qualquer deles seria retomado por outros e deve ter havido diferentes vozes desafiando a Pedro. A tripla negação cumpre a predição do v.34.

* **22.63-65** Jesus, evidentemente, foi deixado com os guardas, que se divertiram

zombando dele.

* **22.66-71** Nenhum dos Evangelhos nos oferece uma completa narrativa do

processo de julgamento contra Jesus. É claro que houve dois principais estágios: Os judeus o julgaram diante do Sinédrio e obtiveram o veredito de que ele era blasfemo e merecia morrer. Contudo, só os romanos tinham o direito e executá-lo e eles não executariam um homem por blasfêmia. Deveria haver um outro julgamento diante dos romanos, por violação da lei romana.

* **22.66 Logo que amanheceu.** O julgamento realizado pelos judeus tinha de ser

durante o dia. A descrição de Lucas dos que estavam presentes indica o Sinédrio.

* **22.67-69** Lucas não fala de uma acusação formal ou de um julgamento

segundo o procedimento adequado. O Sinédrio simplesmente exigia que Jesus se incriminasse, segundo o entendimento que eles tinham do Messias. Isto Jesus se recusa a fazer, uma vez que eles não acreditariam nele. Mas ele diz que uma mudança vai ocorrer ("Desde agora", v.69) e que ele estará no lugar de mais alta honra no céu.

* **22.71** Jesus aceitou a acusação do Sinédrio de que ele reivindicou ser o Filho de

Deus, e tanto quanto dizia respeito ao Sinédrio, ele era culpado de blasfêmia (cf. Mt 26.65). Para persuadir os romanos era preciso uma acusação diferente, mas para o Sinédrio o assunto estava encerrado. Jesus era culpado a seus olhos e só restava assegurar a sua execução.

* **23.1 toda a assembléia.** Não seria necessária a presença de todos os membros

do Sinédrio, mas sua frente unida, diante de Pilatos, o impressionaria pela seriedade deles.

* **23.2 pervertendo a nossa nação.** Uma acusação curiosamente imprecisa.

vedando pagar tributo a César. Jesus tinha feito exatamente o oposto (20.25).

afirmando ser ele o Cristo, o Rei. Jesus especificamente recusou-se a usar o título (22.67,68). Todas as acusações eram falsas.

* **23.3** Em certo sentido, Jesus era Rei dos Judeus, mas no sentido em que Pilatos

entendeu o título, ele não o era. Sua resposta significa alguma coisa

como "assim o dizes” (cf. Jo 18.33-38). Desta resposta Pilatos conclui que Jesus não era revolucionário (v.4).

* **23.5-**
7 No Império Romano o julgamento usualmente era feit na província

onde o delito foi cometido, mas podia ser transferido para a província de onde o acusado tinha vindo. Pilatos aproveitou-se disto para enviar Jesus a Herodes. Só Lucas menciona isto.

*
23.9 nada lhe respondia. Herodes foi a única pessoa se

a falar.

* **23.11** Herodes zombou de Jesus, não levando a sério a acusação.

* **23.16 após castigá-lo, soltá-lo-ei.** Sob a lei romana, uma pessoa podia ser

castigada e advertida a ser mais cuidadosa no futuro. Pilatos, evidentemente, esperava que isto aplacaria os judeus e lhe permitisse soltar a Jesus, que ele sabia ser inocente.

* **23.17** O costume de soltar um prisioneiro na Páscoa não é referido fora dos

Evangelhos, mas este tipo de procedimento era amplamente praticado naqueles tempos, e nada há de improvável a respeito disto.

* **23.18 Barrabás.** As multidões clamaram por Barrabás, um homem, de outro modo,

desconhecido. Seu nome significa "filho do pai”, e Lucas registra que

seus crimes eram rebelião e assassinato.

* **23.26 um cirineu, chamado Simão.** Era costume o condenado carregar a parte

horizontal da cruz para o lugar da crucificação. Jesus começou a carregar a sua cruz (Jo 19.17), mas ele estaria enfraquecido por causa dos pesados açoites que usualmente precediam a crucificação (Mc 15.15). Os soldados recrutaram um circunstante chamado

Simão de Cirene, que ficava ao Norte da África. Seus filhos aparentemente eram conhecidos na Igreja (Mc 15.21, nota).

* **23.27-31** Só Lucas registra este incidente. Deve ter havido muito mais pessoas

que apoiavam Jesus em Jerusalém, somente um número, comparativamente pequeno, poderia reunir-se próximo ao tribunal, onde a oposição a Jesus foi concentrada.

* **23.28 Filhas de Jerusalém.** Estas eram pessoas da localidade e não peregrinos da Galiléia. Jesus está preocupado com elas, não consigo mesmo, e volta a sua atenção para as terríveis perturbações que viriam sobre a terra (21.20-24).

* **23.31** Evidentemente, um dito proverbial, possivelmente significando que se

Jesus (que era inocente) foi crucificado, que poderia esperar aos judeus (que eram culpados)?

* **23.33 Calvário.** Da palavra latina "Calvaria", um crânio. Todos os quatro Evangelhos dizem que Jesus foi crucificado entre dois criminosos: Em sua morte ele "foi contado com os transgressores" (Is 53.12).

* **23.34 lhes.** Tanto judeus como romanos.

as vestes dele. A roupa de um crucificado era dada àqueles que o levavam à crucificação. Deste modo cumpriu-se o Sl 22.18.

* **23.35** As autoridades, e não o povo, estavam zombando. Eles falavam do

"Cristo" e do "Escolhido", ainda que Jesus não pareça ter usado nenhum dos dois títulos.

* **23.42 no teu reino.** Este pedido indica alguma medida de confiança. O homem estava confiante de que Jesus não seria aniquilado na morte, mas estava indo para o reino celestial.

* **23.43 paraíso.** Uma palavra persa para "Jardim", que veio a significar o lugar dos justos mortos (2Co 12.4; Ap 2.7).

* **23.44 quase a hora sexta.** Cerca de meio dia.

trevas. Não um eclipse, porque a Páscoa ocorre no tempo da lua cheia. Esta era uma espécie de trevas sobrenatural.

* **23.45 o véu.** Uma cortina que separava o Santo dos Santos do resto do templo. A morte de Jesus abriu o caminho para a presença de Deus.

* **23.46** Mateus e Marcos acentuam quão terrível foi a morte de Jesus. Lucas não nega isto, mas registra as palavras de Jesus, mostrando que sua morte está de acordo com a vontade do Pai.

expirou. Este não é um meio comum de referir-se à morte. Nenhum dos Evangelhos emprega terminologia padrão para a morte de Jesus.

* **23.47 este homem era justo.** O modo como morreu mostrou que ele era "justo". Mateus e Marcos registram "Filho de Deus"; neste contexto as duas expressões têm muito do mesmo sentido (Mc 15.39, nota).

* **23.48 batendo nos peitos.** Um sinal de profunda angústia. A multidão tinha vindo para se divertir, porém, a morte de Jesus os perturbou. Lucas não nos diz que efeito a morte de Jesus provocou nos discípulos que a testemunharam.

* **23.50,51** José de Arimatéia é mencionado em todos os quatro Evangelhos como quem assumiu o papel de líder no sepultamento de Jesus. A localização de Arimatéia é incerta (Mc 15.43, nota). José era membro do Sinédrio e deve ter estado ausente, quando o voto para a execução de Jesus foi feito com o acordo de "todos" (Mc 14.64). Que ele "esperava o reino de Deus" (v.51) significa que ele era um seguidor de Jesus.

* **23.53 linho.** O lençol de linho era uma mortalha, diferente das faixas (lençóis, lit.

"bandagens") em Jo 19.40. O lençol cobria o cadáver enfaixado (Lc 24.12).

túmulo aberto em rocha. Um túmulo na rocha freqüentemente comportava vários corpos (Mc 15.46, nota), mas este estava vazio.

* **23.54 preparação.** Sexta-feira, o dia em que as pessoas se preparavam para o Sábado (Jo 19.14, nota).

* **23.55,56** Não havia tempo, na sexta-feira, para fazer tudo aquilo que os

seguidores de Jesus gostariam de fazer para o seu sepultamento. As mulheres tomaram nota do lugar onde o corpo foi deixado, evidentemente para saber onde deviam ir quando o Sábado tivesse terminado, para completar o sepultamento. José e Nicodemos colocaram considerável quantidade de mirra e aloés com o corpo de Jesus, quando eles o deixaram na tumba (Jo 19.38,39), mas as mulheres queriam fazer a sua própria contribuição.

* **24.1-53** Cada Evangelho trata da ressurreição à sua própria

maneira, ainda

que nenhum descreva como ela aconteceu. Algumas coisas são claras em todos os quatro: o túmulo vazio, a lentidão dos discípulos em acreditar que a ressurreição tinha acontecido, e a proeminência das mulheres nos primeiros aparecimentos de Jesus. Porém, cada Evangelho também tem alguma coisa que não aparece nos outros. Lucas inclui a narrativa do caminho de Emaús e dos eventos correlatos.

* **24.1 no primeiro dia da semana.** Este começou no pôr do sol de Sábado. As mulheres tiveram as horas de escuridão para completar suas preparações antes de saírem para o túmulo ao raiar do dia.

* **24.2** Ver nota teológica "A Ressurreição de Jesus", índice.

* **24.2,3** O túmulo de pedra estaria fechado por uma pedra rolada na sua entrada (Mc 15.46, nota). Mateus observa que a pedra que fechava o túmulo foi selada (Mt 27.66).

* **24.9 todos os mais.** Esta expressão indefinida mostra que havia um grande grupo de seguidores de Jesus em Jerusalém, nesta ocasião. Muitos seriam galileus que estavam em Jerusalém, por ocasião da Páscoa.

* **24.10** Maria Madalena foi a primeira a ver o Senhor ressurreto (Mc 16.9; Jo

20.10-18). Ela é mencionada nos quatro Evangelhos em conexão com a crucificação e a ressurreição mas por outro lado nós só ouvimos falar dela em 8.2.

* **24.11 e não acreditaram nelas.** Em geral, o testemunho de mulheres não era

altamente considerado pelos judeus do primeiro século.

* **24.13** **Emaús.** O lugar exato não é conhecido.

* **24.16** **seus olhos... estavam... impedidos**. Parece significar que Deus os impediu

de reconhecer a Jesus nesta ocasião.

* **24.18** Cleopas não é mencionado em outro lugar.

*** 24.20 principais sacerdotes e as nossas autoridades. Os discípulos colocaram**

a principal responsabilidade, pela morte de Jesus, sobre seu próprio povo, e não sobre os romanos.

*** 24.21 redimir.** A palavra significa libertar mediante o pagamento de um preço. Os

dois pensavam claramente em termos da libertação política de sua nação.

*****
24.26 padecesse e entrasse na sua glória. Ver vs.4 47. Pedro dá um esboço

semelhante da mensagem do Antigo Testamento em 1Pe 1.10,11.

*** 24.27** Ver 24.44, nota.

*** 24.30 tomando ele o pão... lhes deu.** Esta era uma atitude que o hospedeiro

deveria assumir à mesa, na refeição (cf. 22.19).

*****
24.31 abriram. Isto, aparentemente, aconteceu mediante v.16).

*** 24.34** Eles não tinham acreditado nas mulheres (v.11), mas o aparecimento

a Simão Pedro foi convincente.

*** 24.36** O repentino aparecimento de Jesus entre eles, ainda que as portas

estivessem fechadas (Jo 20.19), indica que o Senhor ressurreto não estava limitado como estão os seres humanos comuns.

* **24.39** **minhas mãos e os meus pés.** Isto é, ver as marcas dos cravos.

* **24.42** **peixe assado.** O Cristo ressurreto comeu e bebeu, provando que ele não

era apenas uma visão.

* **24.44** **importava se cumprisse tudo.** Notar a palavra "importava". O cumprimento

das Escrituras não é um acidente, porque elas revelam os propósitos de Deus.

na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. A tríplice divisão da Bíblia Hebraica. Jesus está dizendo que todas as partes das Escrituras dão testemunho a respeito dele.

* **24.45** **lhes abriu o entendimento.** Jesus mostrou-lhes o caminho para entender a

Bíblia. A morte e a ressurreição de Cristo foram preditas nas Escrituras (v.26, nota). Em acréscimo, a chamada do povo ao arrependimento e a remissão dos pecados foram preditas (v.47). Estas coisas estão baseadas na obra expiatória de Cristo. Ver *"A Missão da Igreja no mundo",* em João 20.23.

* **24.48** **testemunhas.** Os pregadores não devem produzir alguns conceitos novos,

elaborados por si mesmos, mas trazer o testemunho daquilo que Deus tem feito.

* **24.49** O Jesus ressurreto enviará aquilo que o Pai prometeu, o

dom do Espírito

Santo (Jl 2.28-32; At 2.1-4).

*** 24.50** Lucas não dá nenhuma indicação de tempo aqui, mas posteriormente ele

afirma que a Ascensão teve lugar quarenta dias depois da ressurreição (At 1.3).

Betânia. Uma aldeia sobre o Monte das Oliveiras, a cerca de três quilômetros a leste de Jerusalém (Jo 11.18).

*** 24.51 ia se retirando deles.** A narrativa que Lucas faz da Ascensão é uma breve

mas adequada conclusão do seu Evangelho, que é um registro "de todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até ao dia em que... foi elevado às alturas" (At 1.1,2). Lucas nos oferece uma narrativa mais detalhada da Ascensão, no começo do seu segundo livro (At 1.9-11). A Ascensão marca o fim da obra que Jesus veio realizar na terra, e o começo da obra que ele continua a realizar na igreja e através dela. Ver nota teológica "A Ascensão de Jesus", índice.

*** 24.52 adorando-o.** Qualquer que tenha sido a idéia deles a respeito de Jesus, nos

dias passados, agora eles reconheceram a sua divindade e o adoraram. A separação não trouxe tristeza, mas "grande alegria".

*****

24.53 O Evangelho termina como começa, em Jerusalé

Deus.

EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

*** 1.1-**
18 Este "Prólogo" ao Evangelho é um prefácio à narra

v. 19.

*** 1.1 o Verbo.** O termo "verbo" (grego *logos)* designa Deus, o Filho, referindo-se à

sua Divindade; "Jesus" e "Cristo" referem-se à sua encarnação e obra salvífica. Durante os primeiros três séculos as doutrinas a respeito da Pessoa de Cristo incidiram intensamente sobre sua posição como o Logos. Na filosofia grega, o Logos era a "razão" ou a "lógica", como força abstrata que trazia ordem e harmonia ao universo. Porém, nos escritos de João, tais qualidades do Logos estão unidas na Pessoa de Cristo. Na filosofia neo-platônica e na heresia gnóstica (segundo e terceiro séculos d.C.), o Logos era visto como um dos muitos poderes intermediários entre Deus e o mundo. Tais noções estão bem longe da simplicidade do Evangelho de João.

Neste v. 1 João afirma expressamente que o Verbo é Deus. "No princípio" (uma clara referência às palavras de abertura da Bíblia), o Logos já existia, e esta é uma maneira de afirmar a eternidade que só Deus possui. João afirma claramente que "o Verbo era Deus". Alguns têm observado que a palavra traduzida "Deus", aqui, não é precedida do artigo definido e, com base nisto, dizem que a expressão significa "um deus", mais do que propriamente "Deus". É um erro entender assim. O artigo é omitido por causa da ordem da palavra na sentença grega (o predicado "Deus" foi colocado antes para ser enfatizado). O Novo Testamento nunca sustenta a idéia de "um deus", expressão que implica politeísmo e conflitaria com o consistente monoteísmo da Bíblia. No Novo Testamento, a palavra grega para "Deus" ocorre freqüentemente sem o artigo definido, dependendo da exigência da gramática grega.

A expressão "o Verbo estava com Deus", indica uma distinção de Pessoas, dentro da unidade da Trindade. Pai, Filho e Espírito Santo

não são formas sucessivas de aparecimento de uma Pessoa, mas são Pessoas eternas presentes desde "o princípio" (v. 2). A preposição "com" sugere uma relação de estreita intimidade pessoal. Ver "Um e Três: A Trindade", em Is 44.6.

*** 1.3 Todas as coisas foram feitas por intermédio dele. Este versículo também**

dá ênfase à deidade do Verbo, uma vez que a criação é obra só de Deus. Ver também v. 10; Cl 1.16-17; "Deus o Criador", no Sl 148.5.

*** 1.4 A vida estava nele.** Outra afirmação de deidade: o Filho, bem como o Pai,

"tem vida em si mesmo" (5.26).

*** 1.5 e as trevas não prevaleceram contra ela.** Ver referência lateral. É

característica do estilo deste Evangelho dar ênfase a conceitos contrastantes (Ver Introdução). O enredo deste Evangelho pode ser visto em termos de uma luta entre as forças da fé e as da descrença.

*** 1.7-9 todos... todo homem.** A relevância universal do Evangelho é afirmada (v. 7)

tanto quanto a iluminadora atividade da graça comum de Deus (v.9). A atividade salvadora de Deus não se restringe a nenhum povo em particular.

*** 1.9 a verdadeira luz.** Neste Evangelho "verdade" e "verdadeiro(a)" são termos

empregados frequentemente para significar aquilo que é eterno ou celestial em oposição ao meramente temporal ou terreno. Ver notas sobre 4.24; 6.32. "A Culpa da Humanidade e o Conhecimento de Deus" em Rm 1.19.

* **1.11 e os seus não o receberam.** O ministério público de Jesus foi rejeitado pelo

"seu próprio povo". Ver referência lateral.

* **1.12** Ver referência lateral. Os seres humanos decaídos não são filhos de Deus

por natureza; este é um privilégio só daqueles que têm fé, uma fé gerada neles pela soberana ação de Deus (v. 13). Ver "Adoção", em Gl 4.5.

* **1.13 os quais não nasceram.** As primeiras versões latinas entenderam isto como

descrevendo o nascimento virginal de Cristo. Contudo, o verbo "nasceram", no plural, mostra que este versículo se refere ao novo nascimento dos crentes cristãos (cf. 3.3,5,7,8). Este novo nascimento tem lugar pela ação do Espírito que dá vida àqueles que estavam mortos em delitos e pecados (Ef 2.1). O novo nascimento, frequentemente chamado de "regeneração", é explicado mais plenamente em 3.1-21. Paulo usa a

metáfora da ressurreição de mortos no pecado mais do que a figura de um novo nascimento (Rm 6.4-6; Ef 2.5,6; Cl 2.13; 3.1 cf. Jo 5.24). A obra de salvação que Deus realiza é totalmente soberana e graciosa, mas a realidade da resposta humana em crer e receber nunca é revogada. Ver "Eleição e Reprovação", em Rm 9.18.

* **1.14 E o Verbo se fez carne.** Nesta afirmação o Prólogo atinge o seu clímax.

Para alguns contemporâneos de João, o espírito e o divino eram totalmente opostos à matéria e à carne. Outros pensavam que os deuses visitavam a terra disfarçados de seres humanos (At 14.11). Mas aqui um abismo é transposto: o Verbo Eterno de Deus não só parece um ser humano, mas realmente tornou-se carne. Tomou

sobre si a plena e genuína natureza humana. Ver nota teológica "Jesus Cristo, Deus e Homem", índice .

e habitou entre nós. "Habitou" significa "armou sua tenda". Isto não só indica a natureza temporária da existência terrena de Jesus, mas o faz de um modo que recorda o antigo tabernáculo de Israel, onde Deus podia ser encontrado (Êx 40.34,35).

cheio de graça e de verdade. Estas palavras correspondem aos termos do Antigo Testamento, que descrevem a Aliança da graça de Deus, freqüentemente traduzidas, como "graça e verdade" (Gn 24.27; Sl 25.10; Pv 16.6; cf. Êx 34.6; Sl 26.3). O Verbo feito carne manifesta plenamente a realização graciosa da Aliança e o caráter de Deus, como guardador da Aliança.

vimos a sua glória. "Sua glória" é vista mesmo quando era a glória de Deus no deserto (Êx 16.1-10; 33.18-23), no tabernáculo (Êx 40.34,35) e, depois, no templo (1Rs 8.1-11). Pode haver também uma referência à Transfiguração, uma vez que João foi testemunha dela (Mt 17.1-5). O termo "glória" aplica-se de modo supremo a Deus, que é o Criador e Governador do universo, diante de quem todo joelho se curvará. O Filho tem a glória divina por direito (17.5). Os Reformadores declararam sua fé com o lema *Soli Deo Gloria* ("glória só a Deus").

como do unigênito. Essa expressão traduz uma única palavra grega e refere-se explicitamente à geração eterna do Filho na Trindade. É também possível traduzir a palavra por "Filho único", sem a idéia de geração, mas referindo-se à singularidade do Filho.

*** 1.15** O ministério de João Batista precedeu o ministério público de Jesus (Mt 3),

ainda que o Verbo, sendo eterno, existisse antes de João (cf. 8.58).

*** 1.16 graça.** Esta palavra, freqüente nas epístolas de Paulo, aparece nos escritos

de João só nesta passagem, e como saudação costumeira em Ap 1.4; 22.21. Ela acentua que a salvação é um dom. A Reforma expressou isto com o lema *Sola Gratia* ("Só pela Graça").

* **1.17 Moisés... Jesus Cristo.** Há aqui tanto um contraste como uma comparação.

A graça e a verdade verdadeiramente existiram nos dias de Moisés, mas foram plenamente reveladas com a vinda de Cristo.

* **1.18 Ninguém jamais viu a Deus.** É fundamental que Deus seja invisível e sem

forma (1Tm 6.16). Contudo, Cristo revela Deus. Em si ele une o invisível e o visível e isto de um modo sem paralelo nem analogia.

* **1.19 testemunho de João.** O testemunho de João Batista àqueles que o

questionaram revela que seu papel era o de preparar o mundo para Cristo.

* **1.21 És tu Elias.** Em Mt 11.14, Jesus, claramente, se refere a Ml 4.5 e diz à

multidão que João "é Elias, que estava para vir". João Batista vem "no espírito e poder de Elias" (Lc 1.17), mas o Batista aqui afirma que ele próprio não é o mesmo Elias.

o profeta. Havia diferentes expectativas entre os judeus do primeiro século a respeito do "Profeta... semelhante a mim", que Moisés anunciou em Dt 18.15. Aqui sacerdotes e levitas querem saber se João se considera ser aquele Profeta.

* **1.23** Ao citar Is 40.3, João aplica a Cristo aquilo que é dito de Yahweh naquela

passagem. A mesma verdade aparece mais claramente ainda em Mc 1.1-3.

*** 1.29 Eis o Cordeiro de Deus.** Compare o v. 36. Se "o Cordeiro" é o cordeiro da

Páscoa ou se é o cordeiro Servo de Is 53.7, não pode ser facilmente determinado. Há

alguma evidência de que as duas figuras foram combinadas bem cedo no pensamento cristão.

que tira o pecado do mundo. O "mundo" significa a humanidade em sua hostilidade contra Deus, como ocorre em outra parte deste Evangelho. Ainda que todas as pessoas indiscriminadamente não serão salvas, o sacrifício é a única expiação para o pecado humano, e sua eficácia não é limitada por tempo ou lugar (3.16, nota).

*** 1.31 não o conhecia.** Ainda que João Batista possa ter tido contato pessoal

anterior com Jesus (cf. Lc 1.39-45), ele não sabia quem era Jesus (o Cordeiro e Filho de Deus), até que o Espírito o identificou (v. 32). Ver "O Batismo de Jesus", em Mc 1.9.

*** 1.33 que batiza com o Espírito Santo.** O Antigo Testamento previu o tempo de

redenção como o tempo quando o Espírito seria derramado sobre o povo de Deus. Paulo se refere a Jesus como o segundo Adão, que veio "como espírito vivificante" (1Co 15.45, nota). É depois de seu retorno ao céu que Jesus envia este Ajudador Celestial, para habitar com o seu povo sobre a terra (14.26; 16.7). O Batismo no Espírito Santo ocorre com o novo nascimento, que faz de pecadores desamparados filhos e filhas de Deus (vs. 12, 13; 1Co 12.13). Esse batismo também lhes dá poder para o serviço cristão (Lc 24.49; At 1.8).

* **1.34 ele é o Filho de Deus.** Este é o modo de João referir-se à voz celestial que

acompanhou o Espírito enviado do céu, como é registrado em Mt 3.17, "Este é o meu Filho amado em quem me comprazo". Embora a expressão "Filho de Deus" fosse usada diferentemente por judeus (2Sm 7.14; Sl 2.7) e gentios (Mc 15.39, nota), o testemunho de João Batista, que é o último dos profetas da antiga ordem (Mt 11.11-14) é claro. Jesus é o Filho de Deus, o "unigênito do Pai" (v. 14).

* **1.35-51** Jesus chama seus primeiros discípulos. Desde que os apóstolos

tiveram autoridade ímpar de Cristo para dar o testemunho sobre o qual a Igreja se estabeleceria (Ef 2.20), era necessário que eles fossem particularmente identificados, como tendo sido escolhidos pelo próprio Cristo (cf. 15.16).

* **1.37 seguiram Jesus.** Tradicionalmente, os alunos de um rabino judeu andavam atrás dele. Os discípulos de Jesus o seguiram fisicamente, mas não se trata só disso. "Seguiram a Jesus" adquire níveis mais profundos de significado ao longo deste Evangelho (13.36-38 cf. 21.15-22).

* **1.45 de quem Moisés... se referiram os profetas.** Felipe reconhece que todo o Antigo Testamento, tanto a Lei como os Profetas, previu uma grande obra redentiva de Deus, que seria realizada por um Ungido especial. A antecipação de Cristo e sua obra, no Antigo Testamento, foi afirmada pelo próprio Cristo (Lc 24.25-27, 44-47) e foi central na pregação dos apóstolos (At 2.29-32; 3.18,21,24; 7.52,53; 8.30-35; 26.22,23; 28.23)

filho de José. Isto não implica numa negação do nascimento virginal do qual Filipe, em todo caso, pode não ter tido ciência; é simplesmente uma referência que identifica Jesus por sua cidade e família (Mt 1.24).

* **1.46 De Nazaré pode sair alguma coisa boa.** Natanael, aparentemente expressa um ceticismo contemporâneo, negando que um profeta poderia surgir da Galiléia (7.52). Nazaré era uma aldeia insignificante não mencionada no Antigo Testamento ou em qualquer outra literatura judaica da época.

* **1.47 Eis um verdadeiro israelita.** A frase, provavelmente, visa a chamar a atenção sobre Israel como povo de Deus, a quem o Messias foi prometido. Esta frase também alude aos vs. 50,51, onde é prometida a Natanael uma experiência semelhante àquela da primeira pessoa chamada Israel (Gn 28.12; 32.28), cujo caráter enganoso foi transformado por Deus.

* **1.49 Mestre, tu és o Filho de Deus.** A confissão de Natanael parece uma reação exagerada ao conhecimento sobrenatural de Jesus. Porém, Filipe já tinha indicado a Natanael que Jesus era aquele previsto pela Lei e os Profetas (v. 45). Natanael foi a Jesus buscando razões para crer ou descrer, e achou o conhecimento de Jesus convincente.

Rei de Israel. Este é o título para Messias usado nas expressões de louvor, na Entrada Triunfal de Jerusalém (12.13), semelhante à anunciação dos magos (Mt 2.2) e à inscrição sobre a cruz (19.19).

* **1.50 maiores coisas do que estas.** Os milagres terrenos de Jesus são sinais de

seu poder e da sua obra redentora. Eles devem ser apreciados não meramente por si mesmos, mas pelas realidades redentivas que prometem. Maiores do que essas obras é a salvação que Cristo traz (v. 51).

* **1.51 vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo. Este**

versículo alude à visão de Jacó de uma escada cujo topo atingia o

céu e os anjos subiam e desciam por ela (Gn 28.12). Jesus se apresenta como a realidade para a qual a escada apontava. Jacó viu num sonho a reunião do céu e da terra e Cristo transformou-o em realidade.

Filho do homem. Jesus aplica este nome freqüentemente a si mesmo. Ele dá ênfase à sua natureza humana, que o capacita a morrer por seu povo. Se refere também à figura messiânica celestial conhecida em Daniel (7.13; ver Mt 8.20, nota).

*** 2.1-11** O primeiro sinal de Jesus: transformou a água em vinho em Caná.

Este milagre significa a transformação da velha ordem (simbolizada pelos jarros de pedra para água, usados no cerimonial de purificação v. 6) na nova ordem (o vinho que simboliza a vida eterna no reino de Deus) através de Jesus Cristo (cf. 2Co 5.17). Ver Is 25.6-9, para a imagem de fundo da salvação como um banquete.

*** 2.3 vinho.** Este é o termo normal empregado no Novo Testamento para a bebida

fermentada. Paulo o usa quando diz: "não vos embriagueis com vinho" (Ef 5.18).

*** 2.4 Mulher.** Este é um modo respeitoso de dirigir-se a uma mulher, naquela

cultura, e é como Jesus normalmente se dirige às mulheres (4.21; 8.10).

que tenho eu contigo. Jesus atende ao pedido de Maria, não por ser ela sua mãe, mas o faz como parte de sua obra Messiânica. Isto indica que o papel especial de Maria, como

mãe de Jesus, não lhe dá autoridade para intervir na carreira de Cristo — este é um forte argumento contra fazer-se oração a Maria.

a minha hora. Usualmente, a "hora" de Jesus refere-se ao tempo do seu sofrimento e morte (12.27). Aqui Jesus está afirmando que ele, e não Maria, deve determinar a agenda de seu ministério terreno.

*** 2.11 manifestou a sua glória.** O tema da glória de Cristo já tinha sido introduzido

(1.14, nota). No Antigo Testamento Deus manifestou sua glória em vários eventos miraculosos, e o comentário de João indica que ele quer que seus leitores reconheçam a deidade de Jesus.

e os seus discípulos creram nele. Ver também v. 23 e 20.31, onde se revela o propósito de João ao escrever este livro.

*** 2.12-23** Jesus é a expressão final e plena daquilo que era apenas uma

sombra no Antigo Testamento (Hb 10.1). Aqui João indica que Deus está presente em Cristo. O templo de Jerusalém podia ser destruído, mas não o templo que Jesus reconstruiria em três dias: seu próprio corpo que ressurgiria dentre os mortos. O registro feito por João da purificação do templo imediatamente depois do milagre em Caná (vs. 1.11, nota) oferece uma importante chave para todo o ministério de Jesus. Nestes eventos é assinalada a substituição da antiga ordem (água para a purificação cerimonial, o templo de Herodes) pela nova ordem (vinho da salvação, Is 25.6-9, o Cordeiro ressurreto como o novo templo, Ap 21.22).

Mateus, Marcos e Lucas registram a purificação do templo como tendo ocorrido na semana da crucificação de Jesus. A despeito de algumas semelhanças, essas purificações serão melhor vistas como incidentes diferentes (Mc 11.15, nota). Deve-se observar que a afirmação de Jesus a respeito da destruição do templo, registrada por João (v. 19), provavelmente foi a base para a acusação por parte das falsas testemunhas contra Cristo (Mt 26.61; Mc 14.58), e ainda para o comentário zombeteiro de alguns expectadores na cena da crucificação (Mt 27.40; Mc 15.29). Os três primeiros

Evangelhos confirmam o caráter histórico da narrativa de João. Um eco do mesmo pensamento é encontrado na acusação contra Estêvão (At 6.14).

* **2.12 seus irmãos**. Ver Mt 12.46.

* **2.15 azorrague de cordas.** Jesus cumpre a profecia de Ml 3.1-4. Ele entra

repentinamente no templo e purifica os filhos de Levi, como uma demonstração do seu zelo por Deus e de guardar as santas ordenanças de Deus.

* **2.20 quarenta e seis anos.** A frase, em si mesma, não indica se o templo estava

acabado ou se ainda estava em construção após estes anos de construção. O historiador judeu do primeiro século, Josefo (Antigüidades, 15.380), diz que a construção começou no décimo oitavo ano de Herodes, o Grande (cerca de 19 a.C.) e não acabou até o reinado de Herodes Agripa (em 63 d.C.), o que indica que ela estava em andamento no tempo de Jesus.

e tu, em três dias, o levantarás. Os judeus (e os discípulos, v. 22) entenderam mal a ambígua afirmação de Jesus. Uma tal má compreensão inicial é comum no Evangelho de João (p.ex., 3.4; 6.52). Os que recebem Jesus (1.12) são levados à plena compreensão, mas aqueles que o rejeitam permanecem no nível da completa má compreensão (1.5).

* **2.22 lembraram-se os seus discípulos.** Durante a instrução final dada a seus

discípulos, antes de sua prisão, Jesus prometeu que aquilo que lhes havia ensinado seria trazido à lembrança deles pelo Espírito Santo (14.25,26). A capacidade para prever eventos, de outro modo não conhecíveis, é evidência da autoridade divina. Isto aplica-se às

profecias do Antigo Testamento e às predições feitas por Jesus, especialmente a respeito de sua ressurreição.

* **2.23** **creram no seu nome**. Nos tempos bíblicos o "nome" sumariava o caráter, a

atividade e o lugar de uma pessoa no propósito de Deus. A fé daqueles que são mencionados aqui permaneceu superficial, porque eles chegaram a ela somente por causa dos sinais que viram (ver Introdução: Dificuldades de Interpretação). Por essa razão "Jesus não se confiava a eles" (v. 24).

* **2.24-25** Embora Jesus não exercesse a divina onisciência, nos dias da sua

carne (11.34; Mc 13.32), ele, freqüentemente, revelava conhecimento sobrenatural,

importante para a sua obra redentora, que indicava o divino endosso de suas reivindicações e missão (1.48; Mt 9.4; 17.27; Mc 11.2-4; 14.13-16).

* **3.1-21** Este é o primeiro dos muitos discursos para instrução registrados por

João. De modo típico, ao ser questionado Jesus responde de maneira a conduzir o debate para uma área mais profunda, freqüentemente por meio de equívocos que são esclarecidos para os que se tornam verdadeiros discípulos. A nova compreensão revela Jesus mais plenamente.

* **3.2 de noite.** Isso pode denunciar o temor de ser visto, ou poderia ser um sinal de deferência a Jesus, um mestre que não devia ser incomodado durante o dia. Entendido simbolicamente, Nicodemos era uma pessoa que vivia nas trevas deste mundo, e que agora encontra a luz (8.12 cf. 9.4; 11.10;13.30).

Mestre... da parte de Deus. Nicodemos entende que Deus credencia os seus mensageiros, concedendo-lhes poder para realizar milagres, mas este modo de entender está longe de alcançar a verdadeira identidade de Jesus.

* **3.3 não nascer de novo.** Ver referência lateral. A tradução "mas nascer de cima" concorda bem com o debate das coisas "da terra" e "do céu", no v. 12, e com a discussão do subir e descer, no v. 13. Este é o sentido do advérbio grego em outros lugares neste Evangelho (Lc 9.11,23). Nicodemos, aparentemente, entendeu que ele significava nascer "uma segunda vez". É possível que ambos os sentidos sejam pretendidos — um novo nascimento, que é um nascimento de cima. Ver nota teológica "Regeneração: O Novo Nascimento", índice.

* **3.5 nascer da água e do Espírito.** Alguns entendem que a "água" é a liberação do flúido que acompanha o nascimento físico, mas considerações linguísticas apontam para o entendimento de que "água" e "Espírito" se referem a um único nascimento espiritual. Muitos intérpretes entendem "água " aqui, como água do batismo, mas uma tal referência — antes que o batismo cristão fosse instituído — teria sido sem sentido para Nicodemos. Outros acham que é uma referência ao batismo de João, mas Jesus, em parte alguma, faz do batismo de João uma exigência para a salvação. Provavelmente, a afirmação se refere a passagens do Antigo Testamento nas quais "água" e "espírito" estão

ligadas para expressar o derramamento do Espírito de Deus no fim dos tempos (Is 32.15; 44.3; Ez 36.25-27). A presença de uma imagem tão rica do Antigo Testamento, serve de fundo à reprovação que Jesus faz a Nicodemos (v. 10): como "mestre em Israel", ele deveria ter entendido.

* **3.6-8** Esta passagem dá ênfase à prioridade e à soberania de Deus na obra da

redenção, e isto não exclui a realidade da resposta humana através do arrependimento e da fé.

*** 3.11 te digo... não aceitais o nosso testemunho.** O "te" é singular (e se refere a

Nicodemos); o "vós" é plural (e se refere a Nicodemos e àqueles que ele representa).

*** 3.13 o Filho do homem.** Ver nota em Mt 8.20.

que está no céu. Poderia ser dito que Cristo, em sua natureza divina, continuava a habitar no céu, mesmo durante a sua vida na terra. O ponto é que ele tem autoridade para falar das coisas celestiais. Posteriormente, no Evangelho, a origem "celestial" de Jesus se torna a principal matéria de disputa (6.41-42).

*** 3.14 Moisés.** Nm 21.4-9 registra a história dos Israelitas rebeldes que

murmuravam e queixavam-se. Deus enviou serpentes abrasadoras para o meio deles, para puni-los. Então Deus disse a Moisés para colocar uma serpente de bronze numa haste com a promessa de que os que olhassem para ela, viveriam.

importa... seja levantado. Aqui está um termo chave neste Evangelho (8.28; 12.32,34), que traz um duplo sentido: o da crucificação e o da exaltação. A morte de Cristo na cruz, sua ressurreição e sua glorificação, juntas revelam a glória de Deus. A palavra "importa" leva-nos a atentar para o soberano propósito de Deus. A crucificação foi a chave do eterno plano de Deus para salvar o seu povo (At 4.27,28).

*** 3.16 Porque Deus amou ao mundo de tal maneira.** Alguns insistem na idéia de

que Deus enviou Jesus com o propósito de conceder salvação a

todos, sem exceção, mas somente como uma possibilidade. Contudo, Jesus deixa bem claro que a salvação daqueles que "o Pai lhe dá" — e somente destes — não é uma mera possibilidade, mas

certeza absoluta. E "o que vêm a mim" (6.37-40; 10.14-18; 17.19) "de modo nenhum o lançarei fora". A verdade expressa pela palavra "mundo" é que a obra salvífica de Cristo não é limitada a tempo e lugar, porém aplica-se aos eleitos de todas as partes do mundo. Os que não recebem o remédio que Deus providenciou em Cristo, perecerão. Permanece como verdadeiro que aquele que crê não morrerá (não será separado de Deus), mas viverá na presença de Deus para sempre. Ver "Deus é Amor: Bondade e Fidelidade", no Sl 136.1.

* **3.17 não para que julgasse o mundo.** Jesus, em outra parte, diz que o

julgamento acompanha a sua vinda ao mundo (9.39). Seu ponto não é que ele não julgará, mas que o tempo do juízo ainda não é chegado. O mundo esteve sempre sob ameaça de juízo, antes que ele viesse, mas, com a sua vinda, a salvação tornou-se uma realidade oferecida a um mundo hostil (Mt 23.37; Rm 5.8).

* **3.18** A descrença não é a única base para a condenação, mas constitui o climax

da rebelião que resiste mesmo a graciosa oferta divina da salvação em Cristo. Jesus veio a um mundo que já está condenado por causa de sua rejeição da auto-revelação de Deus (Rm 1.18-32).

* **3.19 os homens amaram mais as trevas do que a luz.** Jesus dá a razão para a

sua rejeição por parte do mundo: Ele é a luz que revela se a pessoa é justa ou não.

* **3.21 Quem pratica a verdade aproxima-se da luz.** Jesus fala

em "praticar" a

verdade e isto significa que a verdade é matéria tanto de pensamento quanto de prática. Viver pela verdade contrasta-se com fazer o que é mau (v. 20).

* **3.22-36** Há três seções aqui: Nos vs. 22-24 somos informados de que Jesus e

seus discípulos foram para a Judéia, onde João Batista estava; nos vs. 25-30, o Batista afirma uma vez mais que todo o seu papel era o de preparar o caminho para Cristo; os vs. 31-36 parecem ser a continuação das palavras do Batista, ou possívelmente, um comentário do autor do Evangelho.

* **3.24 João ainda não tinha sido encarcerado**. Ver Mt 14.3-12; Mc 6.17-29.

* **3.26 batizando.** Ver "Batismo", em Rm 6.3.

* **3.27 O homem não pode receber.** Deus é o Autor de tudo aquilo que recebemos (1Co 4.7)

* **3.31 Quem vem das alturas.** Jesus se distingue de todos os seres humanos, que são da terra (v. 13, nota).

* **3.32 ninguém aceita o seu testemunho.** João repete a idéia de 1.10-11, idéia de que nem a sua própria nação nem o mundo em geral estavam prontos para receber a Cristo. A barreira é o pecado e a cegueira que só Deus pode penetrar (v. 3; 1.5).

* **3.33 Quem... aceita o testemunho.** O mundo recusou a luz, porém, João, imediatamente, menciona aqueles que estão vindo para a luz, especialmente ele próprio como o primeiro expoente da verdade. A pregação de João é a culminância do Antigo Testamento e o começo do Novo Testamento (1.15; Mt 11.11).

* **3.34 Deus não dá o Espírito por medida.** Estas palavras podiam certamente ser aplicados ao Espírito que dotou de poder o ministério terreno de Jesus (Lc 3.22; 4.1). Mas é também possível que esses versículos se refiram à plenitude do Espírito, que Jesus dá àqueles que o servem, e alguns estudiosos antigos e modernos têm entendido o texto deste modo. Posteriormente, Jesus é o agente que envia o Espírito (15.26).

* **3.35 O Pai ama ao Filho. Ver 5.20.**

* **4.1-42** O pano de fundo deste incidente é o profundo desprezo que os judeus e os samaritanos sentiam uns pelos outros (v. 9). Não é surpresa que os samaritanos respondessem com inimizade aos judeus. Quando viajavam entre a Galiléia e a Judéia, muitos judeus atravessavam o Jordão, de preferência a passarem por Samaria. Jesus não seguiu esta prática (Lc. 9.52).

* **4.6 Cansado.** Jesus sentiu fadiga e mesmo exaustão, por causa de sua natureza humana (Mt 8.24). Ver "A Humanidade de Jesus", em 2Jo 7.

hora sexta. Meio-dia.

* **4.9 os judeus não se dão com os samaritanos. Esta frase poderia ser**

traduzida também como "os judeus não usam nada em comum com os Samaritanos", referindo-se à legislação que proíbe aos judeus comer ou beber com os samaritanos, que eram mais relaxados na sua maneira de entender o ritual da purificação. A surpresa não foi tanto pelo fato de Jesus estar falando com a samaritana, mas pelo fato de ele beber (água) de um recipiente samaritano.

* **4.10 o dom de Deus.** Esta expressão dá ênfase ao fato de que a salvação não é

merecida, mas dada (Ef 2.8). O próprio Jesus é o dom de Deus (3.16; Gl 2.20; Ef 5.25).

água viva. No Antigo Testamento, água viva ou corrente era empregada figurativamente como referência à atividade divina (Jr 2.13; Zc 14.8. Ver também v. 14 e 7.37-39).

* **4.11** Como os judeus e Nicodemos antes dela, a mulher samaritana não

compreendeu os termos chaves que Jesus usa (v. 15; 2.19-21; 3.3-10).

* **4.13** **tornará a ter sede.** Jesus contrasta a satisfação transitória com a satisfação

eterna, ensinando que todos os prazeres terrenos, mesmo quando legítimos, se desvanecem.

* **4.14** Aqui "eu lhe der" expressa a origem divina da bênção, "uma fonte a jorrar",

refere à sua grande abundância; "para a vida eterna" significa duração sem fim.

* **4.18** **cinco maridos já tiveste.** O conhecimento da vida anterior da mulher

samaritana é idêntico ao conhecimento que Jesus revelou a respeito de Natanael (1.48).

* **4.20** **Nossos pais adoravam neste monte.** Algum tempo depois de o reino do

Norte cair sob a Assíria (721 a.C.), uma ruptura surgiu entre os judeus, em Jerusalém, e os israelitas que viviam em Samaria. Estes samaritanos, posteriormente, construíram um templo no Monte

Gerizim, que foi destruído cerca de 130 a.C.. Eles continuam a cultuar no Monte Gerizim, mesmo nos tempos modernos.

* **4.23 vem a hora e já chegou.** Ver 6.25. Logo virá o tempo em que as divisões entre Judeus e Samaritanos serão removidas (v.21) e o culto do templo será substituído. O tempo "já chegou" porque Jesus está presente e começou a obra que conduz à presença do Espírito Santo na igreja (7.39; 20.22).

* **4.24 importa que... o adorem em espírito e em verdade.** O "verdadeiro" culto é contrastado com o culto regulado pelas disposições temporárias da lei, especialmente a separação entre judeus e gentios e as exigências do culto no templo de Jerusalém. Os aspectos cerimonial e sacrificial da lei não eram falsos; eram temporários e provisórios. O culto "em espírito" é o culto no Espírito Santo. Ele continua a obra começada por Jesus (14.16-18; At 2.33). Marcas proeminentes da era do Espírito são a remoção da barreira entre judeus e gentios, e a capacidade de os cristãos adorarem sem necessidade de templo de qualquer espécie.

* **4.26 Eu sou.** Esta é uma ocasião antes do seu julgamento, quando Jesus é citado apresentando-se como o Messias. Talvez insinuações políticas associadas a este título desaconselhassem Jesus a empregá-lo com mais freqüência (cf. 6.14,15).

* **4.27 se admiraram.** A atitude dos discípulos reflete tanto o desprezo dos judeus pelos samaritanos como o chauvinismo machista que considerava o ensinar a uma mulher como perda de tempo.

* **4.30 Saíram.** O testemunho da mulher foi mais eficiente do que a visita dos doze apóstolos.

* **4.37 Um é o semeador, e outro é o ceifeiro.** Jesus torna claro que seus discípulos têm uma responsabilidade diferente da sua. Eles colherão o que Jesus semeou. A frase pode antecipar deliberadamente o que ocorre em 12.23-24.

* **4.42 o Salvador do mundo.** Eles reconheceram que Jesus era mais do que um profeta (vs. 19,29,39); ele é o Salvador (1Jo 4.14).

* **4.44 um profeta não tem honras na sua própria terra**. "Sua própria terra" é provavelmente a Galiléia mais do que a Judéia (cf. v. 3). A Galiléia é considerada como

sendo o lugar de origem de Jesus, neste Evangelho (1.46; 2.1; 7.42,52). Ainda que os galileus o tenham recebido (v. 45) o texto indica que Jesus foi desprezado por eles, porque tinham necessidade de ver "sinais e prodígios", para crer (v. 48; ver Introdução: Dificuldades de Interpretação).

* **4.46 oficial do rei.** Um oficial a serviço de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia

(cf. Mt 14.1-12; Lc 23.7).

* **4.50 teu filho vive**. Esta foi uma expressão de poder para curar e não

meramente uma profecia de que ele se recuperaria.

* **4.52 à hora sétima.** Uma hora da tarde.

* **4.54 segundo sinal.** Embora Jesus tenha realizado muitos outros sinais (2.23),

este é o segundo que teve lugar em Caná da Galiléia (cf. 2.11). A repetição, por três vezes, da expressão "teu filho vive" (vs. 50, 51, 53) mostra o propósito do sinal, que é revelar que Jesus tem poder para dar a vida. Correspondendo a esta repetição é a progressão da fé do oficial (vs. 48,50,53). Este enfoque sobre a vida através do poder da palavra de Jesus prepara o leitor para o discurso seguinte sobre a vida através do Filho (5.19-30).

* **5.1 festa dos judeus.** Provavelmente uma das festas de peregrinação que eram

observadas em Jerusalém: dos Tabernáculos, Páscoa ou Pentecostes.

* **5.5 um homem enfermo.** A doença exata não é especificada, mas o evento

indica que a doença impedia-o de mover-se e andar.

* **5.8 toma o teu leito.** A tradição judaica tinha interpretado a proibição do

trabalho no sábado, como proibição de carregar peso. Jeremias protestou contra o carregar e descarregar no Sábado (Jr. 17.21,22).

* **5.9 o homem se viu curado.** Não se afirma que a fé em Jesus foi exigida do

homem, como ocorreu em muitos milagres de Jesus (Mt 9.22; 13.58; Mc 6.5,6). O enfoque aqui é sobre o poder de Jesus.

* **5.14 coisa pior**. A "coisa pior" é deixada indefinida. A razão da admoestação não

é, necessariamente, que o homem tivesse ficado doente por causa de algum pecado específico. Alguns pecados podem levar Deus a juízos físicos e temporais (1Co 11.28-32), mas a doença não está necessariamente relacionada com algum pecado específico (9.3).

* **5.17-47** Jesus debate com os judeus o seu relacionamento com o Sábado e

com Deus. Jesus não argumenta com seus oponentes a respeito de se eles entendem a legislação do Sábado corretamente. Seu interesse é saber se eles entendem quem Jesus é. Jesus reivindica

ser Deus, indicando algumas de suas prerrogativas divinas (vs. 17-30) e mostra a base de sua reivindicação (vs. 31-47).

* **5.17 Meu Pai... e eu trabalho também.** Jesus não discute com os judeus se eles

estão certos em criticar o paralítico. Ele nega que os judeus possam criticar a ele mesmo, porque está apenas fazendo aquilo que o Pai faz. Os judeus entenderam o que Jesus disse e por isso o acusaram de fazer-se igual a Deus (v. 18).

* **5.18 fazendo-se igual a Deus.** Jesus se apresentava como aquele que tem

sobre o Sábado a mesma autoridade que tem o Autor do Sábado (Lc 6.5), que foi dado não só no Sinai, mas na própria ordem da criação.

* **5.19 o Filho nada pode fazer.** Isto não expressa incapacidade pessoal, mas dá

ênfase à completa unidade de propósito e ação na Trindade. Ver nota teológica "A Humilde Obediência de Cristo", índice.

* **5.20 e maiores obras do que estas.** Há uma obra maior do que a de curar um

doente. Esta obra, segundo o v.21, é ressuscitar um morto.

*
5.21 o Pai ressuscita... os mortos. Uma clara afirma que está

expresso menos claramente no Antigo Testamento. Jesus concorda com os fariseus contra os saduceus, que negam a ressurreição (Mt 22.23). Fazer os mortos ressuscitarem só é possível a Deus, contudo Jesus reivindica esse poder para si mesmo (v. 25).

* **5.23 honra.** Aqui "honra" é o santo temor a Deus despertado pelo conhecimento do juízo vindouro (v. 22). O Filho, não menos do que o Pai, é Um a quem todos deverão prestar contas.

* **5.24 vida eterna.** A salvação não é apenas um objeto de esperança para o futuro, mas uma presente realidade para o crente; pois aquele que crê "passou da morte para a vida" (cf. 6.47).

* **5.26 vida em si mesmo.** Ver "A Auto-Existência de Deus", no Sl 90.2.

* **5.29 ressurreição**. Ver "Ressurreição e Glorificação", em 1Co 15.21.

* **5.31-47** Jesus apresenta quatro tipos de testemunho que afirmam as suas reivindicações: O testemunho de João Batista; das próprias obras de Jesus; de Deus Pai; e o das Escrituras, especialmente Moisés.

* **5.31 o meu testemunho não é verdadeiro.** O testemunho de Jesus não seria falso, mesmo que ele falasse isoladamente. Pela expressão "não é verdadeiro" Jesus quer significar que esse testemunho não seria permitido no tribunal de acordo com a lei Mosaica (Dt 17.6; 19.15; ver referência lateral).

* **5.36 essas que eu faço.** Este é o princípio reconhecido por Nicodemos (3.2). O poder dado por Deus para operar milagres é um sinal da aprovação divina (10.25,38), ainda que nem toda obra maravilhosa seja um milagre, neste sentido (Êx 7.11,12; Mt 7.22,23; 24.24; Ap 13.13).

* **5.37,38 sua voz... sua palavra.** Estes termos provavelmente se referem às Escrituras, que são a "voz" e a "palavra" de Deus, mas que os descrentes não receberam.

* **5.39 as Escrituras... testificam de mim.** Jesus concorda que o Antigo Testamento conduz à vida eterna (cf 2Tm 3.15), revelando que

esta vida está nele, o Autor da vida eterna. A busca daqueles que se recusam a encontrar Cristo nas Escrituras é fútil, porque lhes falta a iluminação do Espírito Santo (2Co 3.6).

* **5.45 quem vos acusa.** Moisés acusará aqueles que não crêem em Cristo,

porque Moisés escreveu a respeito dele. Jesus não se refere a nenhum texto de Moisés (tais como Dt 18.15), mas àquilo que Moisés "escreveu" (v. 46), de maneira geral. Isto é semelhante ao que Jesus disse, depois da ressurreição, aos discípulos a caminho de Emaús (Lc 24.27,44-46), bem como à pregação dos apóstolos (At 3.18; 17.2,3; 18.28; 26.22,23; 28.23).

* **6.1-71** Este capítulo é o ponto crucial dos capítulos 2-12. Revela a identidade

de Jesus como Aquele enviado do Pai (vs. 38,44,46, 50, 51, 57); de maneira figurada distingue entre a fé e a descrença através da ilustração do comer e do beber a carne e o sangue de Jesus (vs. 53-58); narra a crescente rejeição, motivada pela descrença com que Jesus se defrontou (vs. 41-42; 60-66). Os sinais, neste capítulo, recordam os correspondentes eventos salvíficos na história de Israel. Indicam que Jesus cumpre a tipologia da Páscoa, do Êxodo e da provisão de alimento no deserto.

* **6.1-4** Jesus deixa Jerusalém e vai para a margem oposta do mar da Galiléia, já

perto da Páscoa. Esta festa foi estabelecida em Êx 12.43-51 para comemorar o modo como Deus "passou por cima" dos israelitas e matou os egípcios. As passagens do Antigo Testamento lidas durante a Páscoa, nos tempos de Jesus, provavelmente incluíam Gn 18; Êx 11-16 e Nm 6-14. Há fortes semelhanças entre estes textos e os comentários de Jesus, neste discurso.

* **6.1 Tiberíades.** É um outro nome do mar da Galiléia, dado em

homenagem à cidade de Tibérias, construída por Herodes entre os anos 20-30 d.C..

* **6.2 os sinais que ele fazia.** João registra só uma cura na Galiléia, a do filho do oficial do rei (4.46-54). Jesus deve ter feito outros sinais miraculosos ali (cf. 21.25)

* **6.3 subiu Jesus ao monte.** Este detalhe pode ter tido a intenção de sugerir uma comparação entre Jesus e Moisés, que subiu ao Monte Sinai (v. 14, nota).

* **6.5-**
15 A alimentação dos cinco mil. Jesus alimenta a mul como Moisés

fez no deserto (Nm 11),

* **6.5 para lhes dar a comer.** Reminiscência de Nm 11.13, onde Moisés faz uma pergunta semelhante.

* **6.7 duzentos denários.** Um denário correspondia ao pagamento de um dia de trabalho (Mt 20.2).

* **6.10 cinco mil.** O número não incluía mulheres e crianças (Mt 14.21 cf. 2Rs 4.4244).

* **6.14 o profeta.** Isto é, profeta semelhante a Moisés (Dt 18.15).

* **6.15 para o proclamarem rei.** O reinado do Messias devia ser espiritual e não político. Conquanto aceitasse o título de "Rei de Israel" (1.49), Jesus recusou a oferta de Satanás (Mt 4.8,9; Lc 4.5,6) e os esforços mal orientados do povo.

* **6.16-21** Este milagre é registrado em Mt 14.22-33 e em Mc 6.47-51. Não deve ser confundido com a tempestade acalmada, em Mt 8.23-27; Mc 4.36-41 e Lc 8.22-25.

* **6.21 logo.** Alguns entendem este episódio como sendo um milagre adicional; outros entendem que depois de Jesus entrar no barco, nenhuma outra dificuldade foi encontrada.

* **6.26 não porque vistes sinais.** Ainda que tivessem visto o milagre da multiplicação de pães e peixes, não o reconheceram como um sinal que identificasse Jesus como o Messias. Foi meramente como uma oportunidade de refeição para eles.

* **6.27** Jesus aponta para o significado espiritual do milagre, que é estabelecer o selo de Deus como aprovação de seu ministério e identificá-lo como o Filho do homem, o Messias prometido.

* **6.31** Eles esperavam que a vinda do Messias fosse marcada por um milagre tão grande ou maior do que a dádiva do maná no deserto.

* **6.32 o verdadeiro pão do céu.** A palavra "verdadeiro" tem um sentido especial.

Jesus se refere ao que é eterno em contraste com o que é meramente representativo. O pão que Deus providenciou através de Moisés (Êx 16, Nm 11) era apenas material e temporal, e não espiritual e eterno. Ver nota em 4.24.

* **6.33 o que desce do céu.** Este é Jesus Cristo cuja encarnação é descrita como

"descida do céu" (vs. 38, 41,42, 50, 51, 58; 3.13, 31; Ef 4.9-10).

e dá vida ao mundo. Cristo provê vida eterna para aqueles que estão mortos em delitos e pecados (Ef 2.1). Estes são escolhidos não somente dentre os judeus mas dentre os de todo o mundo. Jesus não ensina aqui a salvação universal, mas a relevância e o apelo universais de sua obra salvadora (3.16, nota).

* **6.34 dá-nos sempre deste pão.** Eles entenderam mal as afirmações de Jesus,

tomando-as em sentido puramente físico, como Nicodemos (3.4) e como a mulher samaritana (4.15) tinham feito.

* **6.35 Eu sou o pão da vida.** Esta é a primeira das sete expressões "Eu sou",

ditas neste Evangelho (8.12; 9.5; 10.7, 9, 11,14; 11.25; 14.6; 15.1,5). A expressão recorda Êx 3.14 e é uma implícita reivindicação de divindade (8.58,59 e notas).

* **6.37 Todo aquele que o Pai me dá.** Deus conduz à fé todos aqueles que

escolheu redimir. A redenção do eleito é certa. O Filho promete aceitar qualquer um que crê verdadeiramente.

* **6.38 não para fazer a minha própria vontade.** A vontade do Filho e a vontade

do Pai concordam plenamente; não há competição ou desacordo. A submissão de Jesus ao Pai mostra esta harmonia.

* **6.39 que nenhum eu perca... eu o ressuscitarei. A vontade do Pai não é**

apenas o oferecimento de uma oferta, realizada pelo próprio Jesus, em benefício dos pecadores perdidos. Ele, finalmente, ressuscitará a todos os que o Pai lhe deu e não deixará perder-se nem um só deles. Deus graciosamente os faz perseverar como

verdadeiros crentes, assegurando sua salvação final. Ver "Perseverança dos Santos", em Rm 8.30.

* **6.41 Murmuravam, pois, dele os judeus.** Esta atitude é semelhante à dos

israelitas no deserto, que murmuravam contra Moisés e Arão (Êx

16.7; 17.3; Nm 11.1).

que desceu do céu. A origem de Jesus estabelece sua identidade como Messias e Filho de Deus (vs. 29, 33, 38; 1.1,2, 14, 18, 45, 46; 3.2, 13, 17, 31; 5.36-38). Os que são confrontados com esta revelação devem responder, ou crendo ou rejeitando. Não há meio-termo.

* **6.44 se o Pai, que me enviou, não o trouxer.** Jesus ensina que ninguém pode

responder positivamente à sua advertência ou ao seu convite sem a atuação do Pai em guiar o indivíduo a Jesus. O coração é naturalmente duro e não aceitará o convite de Deus, a menos que uma obra especial da graça de Deus aconteça (v.65). Ver "Vocação Eficaz e Conversão", em 2Ts 2.14).

* **6.45 E serão todos ensinados por Deus.** Em seu contexto original, Is 54.13 é

uma promessa de redenção final. Jesus, na próxima frase, indica que os que participam desta redenção são os que vêm a ele, identificando-se, portanto, com aquele em quem a redenção final se realiza.

tem ouvido... vem a mim. Todo aquele que deseja pode vir e vem porque "aprenderam do Pai", que os traz (v. 44).

* **6.51-58** Os ouvintes de Jesus continuam a entender mal suas afirmações,

tomando-as em sentido puramente físico (cf. v. 34). Entendido literalmente, aquilo que Jesus disse seria altamente objetável uma vez que envolveria canibalismo e uso de sangue, o que era severamente proibido pela Lei (Gn 9.4; Lv 7.26,27; 17.10-14; Dt 12.23,24). Jesus emprega a linguagem do comer e do beber para ilustrar a intimidade da união entre Cristo e o crente. Esta união

espiritual pela qual Cristo infunde nova vida ao crente é retratada posteriormente, no Evangelho, como a união entre a vinha e seus ramos (15.1-8). Esta união é, às vezes, chamada "união mística" e é um tema bastante repetido nas cartas de Paulo (Gl 2.20; Ef 1.3-14).

Ainda que alguns vejam aqui uma referência à Ceia do Senhor, uma menção a este Sacramento, neste ponto, teria sido incompreensível aos ouvintes de Jesus. Esta passagem é melhor entendida como apontando para a realidade espiritual que a Ceia do Senhor também significa — a união com Cristo e todos os benefícios da salvação recebidos através dele.

* **6.51 pão vivo.** Ver nota no v. 32.

do mundo. Ver nota em 4.42.

* **6.53 se não comerdes... e não beberdes.** Fora da união pessoal com o

Salvador, não há salvação. Ver "A Ceia do Senhor", em 1Co 11.23.

* **6.60 Muitos de seus discípulos.** Estes discípulos se ofenderam com as palavras

de Jesus, recusaram-se a ouvir a sua explicação e não quiseram aceitar a mensagem da salvação pela graça.

* **6.61, 64, 70** Três exemplos de conhecimento sobrenatural (cf. 2.24,25).

* **6.62 virdes o Filho do homem subir.** Do mesmo modo que "levantar" (3.14,

nota), "subir" aqui, provavelmente se refere aos eventos que se iniciam com o "ser levantado" na cruz, culminando na sua exaltação à mão direita do Pai. Se muitos de seus discípulos murmuravam diante

de suas palavras nos vs. 53-58, como reagiriam ao escândalo da crucificação? Ver "A Ascenção de Jesus", em Lc 24.51.

para o lugar onde primeiro estava. Uma referência à preexistência da Palavra viva (1.13).

*** 6.63 O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita. Esta expressão**

torna claro que entender as palavras de Jesus em sentido meramente físico é absolutamente errado. Notar a estreita cooperação entre o Pai (vs. 37-40. 44-46, 57, 65), o Filho e o Espírito Santo (v. 63) mostrada nesta passagem.

*** 6.65 ninguém poderá vir a mim, se.** É impossível a qualquer pessoa ir a Cristo, sem a chamada eficaz de Deus. A incapacidade moral do pecador para escolher Cristo precisa ser sobrepujada pelo poder gracioso e soberano do Espírito (3.5-21).

*** 6.66-71** Um ponto crucial neste Evangelho. Muitos de seus discípulos, juntos com a multidão, rejeitaram a Cristo em sua descrença, enquanto os seus discípulos, que permaneceram fiéis (como na confissão de Pedro, por exemplo) aprofundaram sua fé nele.

*** 6.67 quereis... retirar-vos.** A pergunta de Jesus enseja a firme resposta de

Pedro, que fala pelos Doze. Uma situação paralela é encontrada em Mt 16.13-20; Mc 8.27-29; Lc 9.18-20.

*** 7.2 Festa... dos Tabernáculos.** Era a festa mais longa do ano judaico (durava

sete dias) e seguia-se ao Ano Novo Judaico e ao Dia da Expiação *(Yon Kippur,* Lv 23; Dt 16). Era uma celebração da graciosa provisão de Deus para os israelitas no deserto, e ao término da colheita do

ano. Havia um cerimonial de água corrente (comemorando a provisão de água no deserto, Nm 20.2-13) e o ritual de acender lâmpadas. A primeira destas cerimônias oferece base para a proclamação de Jesus nos vs. 37, 38 e a segunda deu fundamento à sua afirmação em 8.12.

*

7.3, 5, 10 seus irmãos. Cf. 2.12; Mt 12.46. Alguns dos irmãos posteriormente

creram em Jesus (At 1.14).

* **7.6 O meu tempo.** Ver vs. 8, 30; 2.4; 8.20; 12.23; 13.1; 17.1; Mt 26.18; Mc

14.41. Tais passagens mostram a preocupação de Jesus em conformar-se ao plano de Deus.

* **7.7 o mundo.** A humanidade em sua oposição a Deus e a seu propósito.

más. Os que praticam o mal se ressentem de serem desmascarados pelo bem (3.19,20).

* **7.8 eu, por enquanto, não subo.** Jesus, na verdade, depois vai à Festa. Seus

irmãos pediram-lhe que se apresentasse abertamente às multidões. Jesus, no entanto, assevera que ainda não está pronto para manifestar-se publicamente.

* **7.13 por ter medo dos judeus.** Esta não é uma referência a todos aqueles que

eram descendentes naturais de Abraão. Mais do que isso, o termo se refere aos líderes e oficiais que eram hostis a Jesus.

* **7.15 sem ter estudado.** Jesus não era conhecido por ter sido ensinado por algum rabino, contudo seu conhecimento e sabedoria pasmavam aqueles que o ouviam (cf. 3.2; Mt 7.28; Lc 2.47).

* **7.16 e sim daquele que me enviou.** Jesus indica a fonte do seu ensino. Sua

mensagem não se origina com ele mesmo, mas vem de seu Pai.

* **7.17 conhecerá.** A verdadeira percepção da natureza do ensino divino de Cristo é

assegurada àqueles que diligentemente anseiam fazer a vontade de Deus (Sl 25.14).

* **7.18 por si mesmo.** Um contraste é estabelecido entre os mensageiros por si

mesmos e Jesus, cujo princípio orientador é ser leal à sua missão (12.49). Ver 1.14,17; 14.6; 18.37; 2Co 11.10; Ap 3.7, 14; 19.11 — passagens onde Cristo e sua mensagem são identificados com a verdade. Isto também é dito a respeito de Deus Pai (7.28; 8.26; 17.3; Sl 31.5; Is 65.16; Rm 3.4; 1Ts 1.9; 1Jo 5.20; Ap 6.10; 15.3; 16.7), e do Santo Espírito (14.17; 15.26; 16.13; 1Jo 4.6; 5.6). O mesmo se aplica às Escrituras e à pregação apostólica (17.17; Sl 119.30, 43, 138, 142, 151, 160; Ef 1.13; Cl 1.5; 2Tm 2.15; Tg 1.18). Este é um forte contraste com Satanás, que é "mentiroso" (8.44).

* **7.19 Moisés a lei.** A bênção de ter recebido a lei como a revelação da vontade de

Deus (cf Sl 103.7; Rm 3.2; 9.4) torna-se uma ruína através da desobediência (Rm 7.7-12).

* **7.20 tens demônio.** Compare 8.48-52; 10.19-20; Mt 12.24.

*** 7.21 Um só feito realizei.** Jesus se refere a um feito que ele realizou em sua

região, a cura de um paralítico (5.1-15).

*** 7.22 circuncisão.** A circuncisão foi preceituada na lei de Moisés (Lv 12.3), mas

foi previamente instituída por Deus nos dias de Abraão (Gn 17.10-14). A regulamentação de que ela tinha de ser realizada no oitavo dia era comumente considerada como tendo precedência à lei do descanso, no Sábado.

*** 7.23 curado, num Sábado, ao todo.** Jesus chama a atenção para a

inconsistência de seus acusadores. Havia um número de atividades permitidas no Sábado, inclusive a circuncisão. Ele compara estas atividades com a obra de cura.

*** 7.27 todavia, sabemos donde este é.** O povo sabia que Jesus era da Galiléia (vs. 41,52) e isto parecia conflitar com o ponto de vista prevalecente de que o Messias viria de Belém (v. 42; Mt 2.5,6) ou que sua origem seria desconhecida. Jesus, em resposta, aponta para a sua origem divina mais do que uma localidade terrena. Ao falharem em reconhecer sua missão divina, o povo mostrou sua ignorância do plano de Deus, a despeito dos milagres, que eram prova da aprovação divina (v.31).

*** 7.30 Então, procuravam prendê-lo.** Os complôs contra a vida de Cristo não podiam ser bem sucedidos, enquanto o tempo de Deus não chegasse.

*** 7.34 Haveis de procurar-me e não me achareis.** Isto não está em contradição

com Mt 7.7. Ali Jesus está falando a respeito de uma sede de

conhecer a Deus (cf. v. 37), que só o Espírito Santo cria em alguém; mas aqui ele está se referindo a um esforço de encontrá-lo geograficamente, um esforço que seria fútil uma vez que ele estaria no céu. Notar o contraste entre descrentes (v.34) e crentes (14.3).

*

7.35 Para onde irá este que não o possamos ach
Os judeus estavam

perplexos quanto à origem de Cristo, e, por isso, não podiam entender a sua destinação, que era o céu. Eles o entendiam em sentido meramente geográfico e não lhes agradava o pensamento de que ele exerceria o seu ministério entre os gregos, pagãos que eles desprezavam.

* **7.37, 38** No climax da Festa, Jesus repetiu dramaticamente a mensagem que

pregara à mulher samaritana (4.10-14), tornando claro que ir a ele significava crer nele.

* **7.38 como diz a Escritura.** O que se segue não é uma exata citação do Antigo Testamento, mas há várias passagens do Antigo Testamento que vinculam a água com o dom do Espírito nos últimos tempos (p.ex., Is 44.3; Ez 36.25-27) e as bênçãos da presente era (messiânica), p.ex., Is 12.3; 58.11. Jesus cumpre o significado da Festa dos Tabernáculos (v. 2, nota).

rios. Isto implica grande abundância, que beneficia não somente os crentes, mas também aqueles que estão ao redor deles.

* **7.39 o Espírito até aquele momento não fora dado.** Jesus está se referindo à bênção do Pentecostes. Naturalmente, o Espírito Santo estava presente no período do Antigo Testamento, mas no Pentecostes ele entrou mais intimamente no relacionamento com os crentes (14.17; 1Co 6.19). Este é o dom do Messias ao seu povo: ele batiza com o Espírito (Mt 3.11; Mc 1.8: Lc 3.16), mas esta bênção, em sua plena medida e glória, deve esperar a ascensão de Cristo, que derramará o Espírito do céu sobre o seu povo (16.7 cf. Ef 4.8).

* **7.40 o profeta.** Uma referência a Dt 18.15. É interessante observar o testemunho dos que estavam fora do grupo dos discípulos, que não eram cegados pelo preconceito. Eles entenderam que Jesus podia ser o "profeta" prometido por Moisés. Sabiam que seus milagres eram dignos do Messias que esperavam (v. 31). Alguns o chamaram de "o Cristo" (v. 41) e testificaram que nenhum homem jamais falou como ele (v. 46).

* **7.41-43** A disputa sobre a identidade de Jesus continua a questionar a sua

origem (cf. vs. 25-36 e notas). O questionamento do povo continua preso dentro dos limites deste mundo (3.1-15; 4.1-26).

* **7.45-52** O forte preconceito dos principais sacerdotes e fariseus se torna claro

ao condenarem os guardas do templo (vs. 47,48), a multidão (v. 49), e mesmo Nicodemos, que era um deles (v. 52).

* **7.52** A Galiléia era desprezada pelo Sinédrio como uma região de raças mistas, onde a lei não era zelosamente observada.

* **7.53—8.11** Estes versículos não constam de alguns manuscritos gregos e, em outros, aparecem em lugares diferentes, tal como depois de 7.36 ou mesmo em Lucas.

* **8.5 na lei.** A punição que a lei preceitua para o adultério é a morte (Lv 20.10; Dt 22.22). O apedrejamento não era especificado exceto num caso (Dt 22.24).

* **8.6 tentando-o.** Se Jesus lhes dissesse que levassem adiante o apedrejamento, violaria a lei romana pela qual os Romanos se reservavam para si mesmos a execução da pena de morte em terras ocupadas (18.31). Se Jesus lhes dissesse que liberassem a mulher, daria a impressão de tolerar o adultério, e violaria a lei de Moisés.

escrevia. Esta é a única passagem onde se diz que Jesus escreveu. Nada é dito a respeito do que ele escreveu.

* **8.7** O desafio de Jesus mostrou que os acusadores da mulher estavam desqualificados como juízes. O propósito deles não era fazer valer a lei de Moisés, mas armar uma cilada para Jesus, e usaram esta mulher como um joguete para conseguir seu ímpio desígnio.

* **8.11 condeno.** Este é um termo legal que se refere à sentença de um tribunal. Jesus indica que nenhum procedimento legal foi observado, e, portanto, não há base para a pena capital proposta. Jesus admoestou a mulher para que não pecasse mais.

* **8.12 Eu sou a luz do mundo.** Nos tempos de Jesus os candeeiros eram usados como parte da celebração da Festa dos Tabernáculos. Durante esta Festa, a rocha da qual jorrou água no deserto e a coluna de fogo que propiciava luz e servia de guia eram lembradas (Êx 13.21). A rocha apontava para Jesus (1Co 10.4) e ele também é a luz que a coluna de fogo prefigurava, como um tipo. Desde que Deus é luz (1Jo 1.5), as palavras de Jesus redundam em reivindicação de divindade. Outra vez o "Eu sou" relembra Êx 3.14 (6.35, nota).

* **8.13 o teu testemunho não é verdadeiro.** Ver referência lateral. Esse debate, que continua no v. 19, dá ênfase à questão do testemunho válido. Os fariseus dizem que

o testemunho de Jesus não era legalmente aceitável, porque lhe falta corroboração (Dt 17.6; 19.15).

* **8.14 sei donde vim.** Uma vez que Jesus sabe de onde veio (do céu), ele sabe

que o seu testemunho é válido e verdadeiro. A origem de Jesus é outra vez o ponto de conflito (7.41-43, 52 e notas).

* **8.16 porque não sou eu só.** Desde que o Pai é sua

testemunha, o testemunho

de Cristo é legalmente aceitável. Em qualquer caso, aquele que tem o testemunho de Deus, não precisa de mais nada.

* **8.19** Os fariseus entenderam mal a reivindicação de Jesus, pois a entenderam

como uma referência a seu pai físico ou natural, e podiam estar ansiosos para desafiá-lo como um filho alegadamente ilegítimo. Ao falar de seu Pai, contudo, Jesus não está falando a respeito de José, mas a respeito de Deus. O conhecimento do Pai vem através do Filho (1.18; 14.9; 1Jo 5.20). A cegueira dos fariseus quanto a Jesus, mostra que o conhecimento técnico que eles tinham da lei não lhes deu o conhecimento de Deus.

* **8.21** **Vou retirar-me.** Jesus fala de sua morte, ressurreição e ascenção.

perecereis no vosso pecado. Jesus afirma claramente dois destinos da humanidade. Nem todos serão salvos; alguns não podem ir onde Jesus está indo. O único caminho da salvação é crer (v. 24; 3.16,18).

* **8.24,28** **EU SOU.** Aqui Jesus aplica a si mesmo a linguagem do Antigo

Testamento que trata de Yahweh (Êx 3.14; Is 43.10), uma identificação que se torna clara no v. 58.

* **8.28** **levantardes.** Ver nota em 3.14.

* **8.30** **muitos creram nele.** Daquilo que disseram posteriormente (vs. 33,37,39)

infere-se que sua profissão de fé era superficial. Os verdadeiros crentes são aqueles que permanecem em sua palavra (v. 31). A perseverança distingue aqueles que verdadeiramente são nascidos

de Deus (15.2,6; 1Jo 2.19).

* **8.32 e conhecereis a verdade.** Sustentar o ensino de Cristo que é a verdade (14.6) conduz à verdade que torna uma pessoa livre da escravidão ao pecado. A salvação não é obtida por meio de conhecimento intelectual, como imaginavam os gnósticos, mas por meio de um relacionamento vital com Jesus Cristo e do compromisso com a verdade que ele revelou (18.37).

* **8.33 e jamais fomos escravos.** Os judeus tinham sido escravos no Egito e, posteriormente, foram governados pelos filisteus, pelos assírios e outros. Uma vez que dificilmente podiam negar isto, eles, provavelmente, estariam dizendo que tinham sido uma nação governada por Deus desde o Êxodo, não importando o que lhes tivesse acontecido. É possível também que eles estivessem falando a respeito do tempo dos romanos, quando gozavam de certas liberdades, inclusive do reconhecimento oficial de sua religião.

* **8.34 todo o que comete pecado é escravo do pecado.** Jesus descreve a gravidade do pecado e a situação difícil da humanidade sob o pecado. Seus ouvintes não entenderam a liberdade que ele lhes ofereceu como não entendiam a escravidão sob a qual viviam. Ver "Liberdade e Escravidão da Vontade", em Jr 17.9.

* **8.36 Se... o Filho vos libertar.** A regeneração (o novo nascimento) é a obra do Espírito Santo (3.3-8), realizada à base da morte e ressurreição de Cristo em nosso favor (3.14-16).

verdadeiramente sereis livres. Jesus não está falando de liberdade política, nem meramente de uma liberdade que nos torna livres de uma escravidão física. A verdadeira liberdade consiste em servir a Deus e cumprir os propósitos dos que foram especialmente criados à imagem de Deus. O pecado priva-nos desta realização porque perturba nossas mentes, degrada nossos sentimentos e escraviza nossa vontade. É isto que os Reformadores chamaram de "depravação total" e seu único remédio é a graça de Deus através do

novo nascimento espiritual (3.3). Ver "Liberdade Cristã", em Gl 5.1.

* **8.37 descendência de Abraão**. Deus está interessado mais em descendência espiritual do que em linhagem física. Não importa quão bons tenham sido os

antepassados de uma pessoa, se ela está trilhando o caminho da desobediência (Ez 18). Do mesmo modo não importa quão maus tenham sido os antepassados de uma pessoa, se ela é renovada pelo Espírito de Deus e anda no caminho da fé.

* **8.40 assim não procedeu Abraão.** Abraão foi obediente à orientação de Deus,

mesmo quando isto foi doloroso para ele. Os ouvintes de Jesus reivindicaram ser descendentes de Abraão, mas Jesus lhes mostra que eles não são semelhantes ao seu antepassado na matéria essencial de obediência. O verdadeiro filho não se define em termos biológicos, mas em termos de obediência.

* **8.41 não somos bastardos.** Esta pode ter sido uma sugestão sarcástica de que

Jesus seria filho ilegítimo.

pai... Deus. Os judeus raramente se dirigiam a Deus como "Pai". A paternidade de Deus é uma característica dominante do ensino de Cristo. Deus é Pai dos que são salvos e recebidos na sua casa por adoção. Deus é o Pai do Filho num sentido incomparável (1.14, nota; 3.16; 20.17).

* **8.42 certamente, me havíeis de amar.** A unidade entre o Pai e o Filho é tão

profunda que ninguém pode pertencer ao Pai e rejeitar o Filho. Outra vez a origem de Jesus é uma questão de contenda (7.41-43, nota).

* **8.44 Vós sois do diabo, que é o vosso pai.** A relação entre a verdade e a justiça

tem sido proeminente neste Evangelho. O povo ama as trevas (o erro) mais do que a luz (a verdade), porque suas obras são más (3.10). Um espantoso contraste aparece aqui; existem somente duas opções: Deus ou Satanás. Pela graça de Deus, Abraão andou nos caminhos da fé (vs. 39-41) e da obediência. Os que rejeitaram a Jesus estavam fazendo o oposto.

e quereis. Os pecadores desejam fazer aquilo que é mau. Somente um ato sobrenatural da graça pode redirecionar a vontade de uma pessoa e levá-la a desejar o bem.

Ele foi homicida... nele não há verdade. Entre todos os pecados que poderiam ser mencionados como características de Satanás, o assassinato e a mentira são

destacados: a mentira porque é diretamente oposta à verdade, que é a ênfase central desta seção (vs. 32-47); o assassinato, porque eles desejam matar a Jesus (v. 40). Satanás contrasta-se vivamente com Jesus, que é a "verdade e a vida" (14.6) e o doador da vida (10.10,28).

* **8.46 Quem dentre vós me convence de pecado.** Ninguém pode convencer Jesus de pecado ou provar qualquer acusação contra ele. Jesus está livre de todo pecado (2Co 5.21), "santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores" (Hb 7.26), fazendo sempre aquilo que agrada ao Pai (v.29).

* **8.47 não me dais ouvidos**. O pecado paraliza nossos sentidos espirituais. Só um ato da graça capacita o pecador a ouvir a voz de Deus (cf. v.43; 10.3,4,16,27).

* **8.48 és samaritano.** Um termo insultuoso, provavelmente implicando que Jesus era nascido fora do relacionamento do casamento (v. 41, nota).

e tens demônio. Quando encurralados pela verdade, os inimigos de Jesus se voltam para a blasfêmia (Mt 12.24,31).

* **8.49 Eu não tenho demônio.** A conduta de Jesus em honrar ao Pai e não buscar a própria glória é oposta àquilo que uma pessoa endemoninhada faria. Jesus não tem medo de entregar o assunto ao juízo de Deus (cf. 17.4).

* **8.51 se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte.** A morte, como separação eterna da comunhão com Deus, é a punição judicial do pecado (Rm 6.23). Uma vez que Jesus morreu como substituto de seu povo, os que pertencem a ele estão livres da penalidade do pecado, porque Cristo pagou a penalidade por eles.

eternamente. Ao estender a promessa para além desta vida, Jesus reivindica uma prerrogativa divina. Os judeus entenderam a afirmação como uma promessa de que a morte física seria evitada (v.52). Afirmações anteriores tornam claro o que Jesus quis dizer (5.24-29).

* **8.53 És maior do que Abraão, o nosso pai.** Abraão e os profetas, grandes como foram na História da Redenção, não puderam vencer a morte. Só Cristo triunfou sobre a sepultura.

* **8.54 minha glória.** Nos dias de seu ministério terreno, Jesus não buscou glória

ou honra, ainda que a glória pertencesse a ele como Filho de Deus. A glória de Cristo era visível àqueles que tinham olhos para ver (1.14). Essa glória apareceu na sua ressurreição e ascensão (1Tm 3.16) e será vista plenamente na sua Segunda Vinda.

* **8.56 Abraão... viu-o e regozijou-se.** Abraão viu o dia de Cristo quando abraçou,

pela fé, as promessas que Deus lhe fez, promessas que exigiam a vinda de Cristo para serem cumpridas. Uma vez que o contexto da discussão tinha sido Satanás, como um assassino, e Jesus como

aquele cuja morte livra da morte, pode haver referência especial à provisão do carneiro por Deus, como substituto de Isaque quando Abraão se preparava para sacrificá-lo. Esta afirmação mostra claramente que mesmo nos tempos do Antigo Testamento, os crentes eram salvos por meio da fé em Cristo, que lhes foi prefigurado por Deus, para revelar seu plano redentivo (cf. At 4.12).

* **8.57 não tens cinqüenta anos.** Jesus estava mais perto dos trinta (Lc 3.23).

* **8.58 antes que Abraão existisse, EU SOU.** Esta é uma clara referência à pré-

existência eterna de Jesus. Uma vez que este atributo pertence só a Deus, este texto é uma poderosa afirmação da divindade de Jesus. O tempo presente do verbo sugere o presente eterno da eternidade de Deus. "EU SOU" também relembra o nome de Deus em Êx 3.14 (vs. 24,28, nota). Ver "Jesus Cristo, Deus e Homem", em 1.14.

* **8.59 pegaram em pedras.** Os judeus não aceitaram a reivindicação de Cristo

como Deus, mas a consideraram como blasfêmia o que, segundo a lei, exigia apedrejamento (Lv 24.16; cf. Jo 10.31; Mt 26.65).

* **9.2 quem pecou.** Muitos judeus, como os amigos de Jó, acreditavam que cada

má sorte temporal era punição de Deus por algum pecado específico. Com uma doença congênita, a explicação poderia ser que o pecado tivesse sido cometido no útero, ou pelos pais cujo ato pecaminoso vitimasse seu filho. Jesus descarta estas idéias como

explicações impróprias (v.3), mas isto não nega que certas provações sejam ordenadas por Deus, para punir ou corrigir certos pecados específicos (p.ex., na vida de Davi, depois de seu adultério e assassinato, 2Sm 12—21). Nem ainda existe aqui uma negação,

por parte de Cristo, da doutrina bíblica do pecado original (Rm 5.12-21), que ensina que todo sofrimento é conseqüência de nosso pecado coletivo e da rebelião de Adão. Mas não é sábio nem caridoso julgar que os sofrimentos de outros sejam especificamente punitivos (Mt 7.1). A questão colocada diante de Jesus apresenta um falso dilema. Só duas possibilidades foram dadas como razões para as aflições do homem: seus próprios pecados ou o pecado de seus pais. Jesus oferece uma terceira opção (v.3).

*** 9.3 para que se manifestem nele as obras de Deus. Alguns dos nossos**

sofrimentos, como os de Jó, são para a glória de Deus, pois ou resultam em nosso próprio aperfeiçoamento ou em cura espetacular, como no caso presente. O propósito de Deus nem sempre nos é presentemente conhecido, mas temos a certeza de que seu propósito é bom (Rm 8.28).

*** 9.6 cuspiu na terra.** Em Mc 8.23-25, Jesus também usou saliva para curar. A

saliva não era um agente medicinal, mas ofereceu oportunidade para o homem mostrar sua fé, obedecendo a ordem de Jesus (v.7).

*** 9.9 se parece com ele.** O milagre foi tão espantoso que os espectadores não

podiam acreditar que era o mesmo homem.

*** 9.12 Não sei**. À medida que a história se desenvolve, o homem curado se move

na direção do caminho da fé; aqui ele não sabe onde Jesus está; depois, ele afirma que Jesus é um profeta (v.17); pouco depois, ele levanta dúvidas a respeito da acusação de que Jesus é um pecador (v.25); finalmente, depois que ele encontra Jesus

novamente, reconhece que Jesus é o Filho de Deus e o adora (vs.35-38). Estes passos da fé ilustram aquilo que o autor do Evangelho deseja para os seus leitores (20.31).

* **9.16 sábado.** Ao invés de agradecerem esta obra sobrenatural da graça de Deus,

os fariseus começam a discutir a respeito da observância do Sábado. Sua preocupação girava especificamente em torno de sua interpretação tradicional daquilo que o quarto mandamento exigia. Nenhuma das ações envolvidas (cuspir, aplicar lodo, ir tão longe

como a Siloé, lavar o rosto, curar um homem cego) eram proibidas pela lei. Ao invés de questionarem sua própria compreensão da lei, eles rejeitaram Jesus e seu ministério.

* **9.18-23** Uma pergunta aos pais do homem cego confirma a realidade de sua

cegueira e da cura.

* **9.24-34** Uma segunda investigação com o homem curado não traz nenhum

fato novo à luz, mas a posição dos investigadores é endurecida. Os fariseus chamam a Jesus de "pecador" (v.24) cuja origem é desconhecida (v.29) e excomungam o homem cujas respostas só os irritam (vs.27,30). Suas respostas são contundentes: o homem nascido cego tinha sido curado e "Deus não atende a pecadores" (v.31).

* **9.35-38** Neste segundo encontro com Jesus, a fé daquele homem curado

avança de uma confiança geral na missão divina de Jesus para uma alegre aceitação dele como o Messias, digno de adoração.

* **3.39-41** Neste epílogo, Jesus traz à luz o impacto de sua vinda: os que

falsamente imaginam terem especial intuição nas coisas de Deus, tornam-se cegos oponentes dos caminhos de Deus; e os que parecem menos informados são capazes de ver, quando o Espírito de Deus abre seus olhos e os conduz à fé.

* **9.39 Eu vim a este mundo para juízo**. A Primeira Vinda de Cristo não trouxe o Juízo Final (3.17; 12.47), mas ele fez o povo defrontar-se com a obrigação de decidir-se a favor ou contra ele (Mt 12.30; Lc 11.23). Até a Segunda Vinda de Cristo, esta é ainda a época da redenção durante a qual o cego pode ver e os mortos em delitos e pecados podem receber a nova vida (Ef 2.4).

* **9.41 Nós vemos.** Aos oponentes faltava a humildade elementar de reconhecerem que eram pecadores.

* **10.1-42** Este capítulo é dividido em três seções: o discurso sobre o bom

pastor (vs. 1-21), o debate com os judeus na Festa da Dedicação (vs. 22-38) e a seção

que encerra o capítulo (vs. 39-42). O capítulo é unido pelo ensino sobre o caráter seguro da atividade salvífica de Cristo.

* **10.1** Para Deus como Pastor de seu povo, ver Gn 48.15; 49.24; Sl 23.1; 28.9; 78.52; 80.1; Is 40.11; Jr 31.10; Ez 34.11-16. Uma profecia em Zc 13.7 concernente ao "Pastor de Israel" foi aplicada por Jesus a si mesmo (Mt 26.31). Jesus aqui apresenta o seu ministério como a obra de um pastor. Em outras partes do Novo Testamento, Jesus é referido como "o grande Pastor" (Hb 13.20) e "Supremo Pastor" (1Pe 5.4). Em Ap 7.17 se diz que "o Cordeiro... os apascentará".

aprisco. Um lugar cercado com uma única entrada. Ladrões ou predadores podiam escalar a cerca para roubar ou, mesmo, para

matar as ovelhas (vs. 8-10).

* **10.2 entra pela porta.** O pastor não precisa escalar a cerca, mas é admitido pelo

guarda. A linguagem aqui implica que vários rebanhos são guardados num único aprisco, e que cada pastor encarregado atende ao seu próprio rebanho.

* **10.3 as ovelhas ouvem.** O pastor conhece a sua ovelha "pelo nome" e a ovelha

reconhece a voz do seu pastor e vem a ele. Esta é uma imagem viva de como Deus tem marcado algumas pessoas para serem suas no meio da humanidade caída.

* **10.4 lhe reconhecem a voz.** A graça que elege é também graça eficaz: Jesus,

que conhece as ovelhas, revela-se a elas de tal modo que elas lhe responderão. Ele não as força a segui-lo, mas através da obra da regeneração ele desperta a vontade delas.

* **10.5 de modo nenhum seguirão o estranho.** Esta promessa confortadora não

exclui a necessidade de advertir os crentes contra mestres enganosos (Mc 13.22,23; 2Tm 3.5; 4.2-5; 1Jo 2.26).

* **10.6 eles não compreenderam.** Em alguns casos os próprios discípulos não

compreenderam o que Jesus lhes estava ensinando (Mt 13.10-17,36; 15.15).

* **10.7 eu sou a porta.** Jesus muda a metáfora de "pastor" para "porta". Como a "porta das ovelhas", Jesus é o único através de quem

a vida eterna é recebida (cf. 14.6; Mt 7.13,14). A frase "eu sou", aqui, continua a série dessas sete expressões, neste Evangelho (6.35, nota).

* **10.8 ladrões e salteadores**. Isto não se refere aos profetas do Antigo Testamento

enviados por Deus (Mt 21.34-36; 23,29-36), mas a qualquer que, falsamente, se apresentava como o Messias.

* **10.9 Se alguém entrar por mim, será salvo.** Isto garante que a salvação é dada

àqueles que confiam em Cristo (At. 16.31; Rm 10.9,10). Em 14.6 torna-se plenamente claro que só estes são salvos. Cristo é necessário e suficiente para a salvação (3.36).

entrará, e sairá. As ovelhas entram no aprisco para terem segurança e saem para a pastagem sob os cuidados de seu pastor.

* **10.10 para que tenham vida... em abundância.** A vida que Jesus dá é única

porque é eterna, e ele dá esta vida em crescente abundância aos seus redimidos.

* **10.11 bom pastor.** Jesus agora retorna à ilustração com a qual começou o

capítulo (vs.2-5).

dá a vida. Jesus, como o Pastor, faz mais do que arriscar a sua vida (cf. 1Sm 17.34-36), ele dá a sua vida, suportando a morte no lugar dos pecadores. Isto fica subentendido no nome "o Cordeiro de Deus" declarado por João Batista (1.29) e em outras afirmações do próprio Jesus (2.19; 3.14; 6.51).

pelas ovelhas. Este sacrifício é "pelas ovelhas". É para aqueles que o Pai lhe deu (17.2,6,24), os eleitos. São eles que, através da morte de Jesus Cristo em seu lugar, serão justificados e desfrutarão da comunhão com Deus.

*** 10.12 O mercenário.** Jesus torna mais nítida a figura, contrastando seu serviço

sacrificial com o covarde abandono das ovelhas por aqueles que são motivados por interesse próprio. Ladrões roubam as ovelhas; o mercenário abandona as ovelhas; Cristo dá a sua vida pelas ovelhas.

*** 10.14 conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim. Isto é colocado**

em paralelo com a intimidade que há entre o Pai e o Filho (v. 15, cf. 17.21-23). É claro que

"conhecer", aqui, como freqüentemente nas Escrituras, significa mais do que entender mentalmente; inclui uma compreensão pessoal e um compromisso da vontade. Dizer que Deus "conhece" uma pessoa, neste sentido, refere-se ao seu gracioso compromisso de redimir essa pessoa.

*** 10.15** Ver nota teológica "Redenção Definida", índice.

*** 10.16 outras ovelhas.** O evangelho não é confinado só a Israel, mas estende-se

ao resto do mundo.

*** 10.17 o Pai me ama.** O auto-sacrifício do Filho é um ato de amor obediente ao Pai,

que revela o amor entre as três Pessoas da Trindade.

*** 10.17,18 para a reassumir.** A ressurreição de Cristo é

descrita como o ato de

cada uma das três Pessoas da Trindade: o Filho, o Pai (At 2.32; 3.15; 4.10; Gl 1.1), e o Espírito Santo (Rm 8.10-11).

*** 10.18 Ninguém a tira de mim... eu espontaneamente a dou. Esta é uma**

reivindicação de divindade, como seus próprios inimigos entenderam (v.33), porque só Deus é o autor e doador da vida. O versículo também sublinha que Cristo não foi uma vítima, mas ofereceu-se voluntariamente pelos pecadores. Ver "A Humilde Obediência de Cristo", em 5.19.

*** 10.19 dissensão.** Ver 7.43; 9.16.

*** 10.20.** Ver 7.20.

*** 10.22 Festa da Dedicação.** Esta Festa, agora chamada Hanukkah, é celebrada

em dezembro. Comemora a restauração do Templo nos tempos de Judas Macabeus e a revolta judaica contra Antíoco Epifânio (164 a.C.).

*** 10.23 Pórtico de Salomão.** É um pórtico com teto, suportado por colunas no lado

leste do pátio dos gentios no templo de Herodes (At 3.11; 5.12).

*** 10.24 Se tu és o Cristo.** Esta era a questão chave que surgiu no ministério de

Jesus. Os discípulos tinham chegado àquela conclusão (6.69; Mt 16.16; Mc 8.29; Lc 9.20). A questão será novamente levantada no julgamento de Jesus e o sumo sacerdote considerará a resposta de Jesus como blasfêmia (Mt 26.63-65; Mc 14.61-64; Lc 22.6771).

* **10.25 Já vo-lo disse.** Jesus tinha afirmado isto à mulher Samaritana (4.26) e ao

cego de nascença (9.37) e tinha aceitado a confissão dos discípulos (v.42, nota; 1.49). Na sua discussão com as autoridades judaicas, ele tinha dado a entender a mesma coisa (8.28,58). Aqui, outra vez, ele afirma sua identidade Messiânica de forma absoluta.

As obras. Jesus tinha se referido às suas obras como evidência da fidedignidade de sua reivindicação (5.36) e ele tinha acentuado este ponto, posteriormente, diante dos discípulos (14.11; 15.24). O cego de nascença tinha raciocinado do mesmo modo (9.32,33).

* **10.26 vós não credes.** Eles fecharam seus olhos à clara evidência.

porque não sois das minhas ovelhas. Só os que são de Cristo, aqueles que o Pai lhe deu, é que vêm à fé. Os outros são tão cegos por causa de seu preconceito pecaminoso, que se recusam a crer. Só os regenerados, que nasceram de novo (3.3), crêem.

* **10.27 minhas ovelhas.** Elas ouvem Jesus (vs.3-5) e o seguem (v.4). Estes crentes

mostram-se renovados na nova orientação e compromisso de suas vidas.

* **10.28** O Senhor dá às Suas ovelhas a vida eterna de comunhão com Deus (17.2

3). Ele as protege dos perigos de acordo com a infalibilidade da graça divina; e não permite que ninguém as arrebate de suas mãos. Os santos perseveram porque Deus os preserva. As ovelhas não podem se arrebatar das mãos de Deus, porque o divino Pastor guardará suas verdadeiras ovelhas, impedindo que elas se percam eternamente (cf. 17.12). As solenes advertências das Escrituras contra a apostasia não visam provocar dúvidas a respeito da

perseverança de Deus em relação àqueles que ele salvou (cf. 1Jo 2.19). Ver "Perseverança dos Santos", em Rm 8.30.

* **10.29 e da mão do Pai.** A mão do Pastor é também a mão do Pai e o supremo poder de Deus é a garantia final da segurança das ovelhas.

* **10.30 um.** Não são Pessoas idênticas, mas uma em essência (a palavra grega traduzida "um" é neutra). O Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem igualmente a plenitude da natureza divina. Esta unidade essencial subjaz à sua unidade no propósito redentivo. Este versículo indica mais do que unidade de propósito.

* **10.31-33** Os judeus entenderam a reivindicação de divindade feita por Jesus, e

estavam se preparando para apedrejá-lo por blasfêmia (8.59).

* **10.34-38** No Antigo Testamento, os juízes humanos (ver referência lateral no Sl

82.6) podiam ser chamados "deuses" porque eram considerados como agindo no lugar de Deus, ao fazerem justiça. A palavra hebraica *'elohim* é usada não só para referir o único Deus verdadeiro, mas também para denotar deuses falsos, anjos e, muito raramente, homens exercendo funções divinas. O argumento de Jesus pode ser entendido como segue: "Ao invés de ofender-se porque esta palavra é aplicada a mim, devíeis examinar as minhas credenciais que provam que meu Pai me enviou a este mundo".

* **10.34 na vossa lei.** A citação é encontrada no Sl 82.6. O termo "lei" não se

restringia ao Pentateuco ou Torah, mas se referia a qualquer parte do Antigo Testamento, como tendo autoridade legal (15.25).

* **10.35 àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus.**

Esta não é uma referência

ao que está escrito nas Escrituras, mas à nomeação divina dos juízes.

e a Escritura não pode falhar. Uma forte afirmação da autoridade das Escrituras. Nesta séria confrontação que iria até o fim, na sua morte, Jesus não hesitou em basear todo seu argumento numa só palavra de um dos menores Salmos de Asafe. Ver "A Autoridade das Escrituras", em 2Tm 3.16.

* **10.37 as obras de meu Pai.** Os milagres e todo o curso de sua vida atestavam a

correção da reivindicação de Jesus da sua origem e missão celestiais. Ver "Milagres", em 1 Rs 17.22.

* **10.38 o Pai está em mim, e eu estou no Pai**. Esta mútua interioridade entre Pai e Filho é característica dos relacionamentos dentro da Trindade.

* **10.39 ele se livrou.** João não nos dá detalhes, mas torna claro que nada poderia acontecer a Jesus até que Deus determinasse a hora (7.44; 8.59).

* **11.1-54** O milagre da ressurreição de Lázaro dentre os mortos é o climax de todos os sinais precedentes, que revelaram a glória de Deus através de Jesus Cristo. Aqui, a própria morte, o inimigo final da humanidade, é confrontada com sucesso por alguém que é, ele mesmo, a ressurreição e a vida. Contudo, mesmo este glorioso sinal divide aquele que o testemunham. Os que rejeitam a glória revelada, eles mesmos se encarregam de procurar a morte de Jesus (vs.46-50).

* **11.1 Lázaro.** Não o Lázaro de Lucas 16.20. Este Lázaro é referido somente no Evangelho de João.

* **11.2 Esta Maria.** A unção de Jesus por Maria é relatada em 12.1-8.

* **11.3 está enfermo aquele a quem amas.** Este foi um pedido de socorro, aparentemente enviado pouco antes de Lázaro morrer.

* **11.4 Esta enfermidade não é para morte.** Ao falar assim, Jesus não está negando que Lázaro estará morto por quatro dias, mas está negando que a morte triunfará finalmente.

* **11.6 ainda se demorou dois dias.** Um atraso que as irmãs de Lázaro teriam dificuldade para entender.

* **11.8 ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te.** A morte de Jesus não aconteceu por acidente ou por erro de cálculo; foi para morrer que ele veio. Jesus e seus discípulos sabiam que se ele fosse a Jerusalém, sua vida correria perigo.

* **11.11 adormeceu.** No Novo Testamento a morte é freqüentemente representada como um sono (At 7.60; 1 Co 15.51; 1Ts 4.13). Este é um modo comum de falar a respeito da morte, e nada diz a respeito da doutrina do "sono da alma" dos santos que partiram. As Escrituras são claras em dizer que a percepção consciente continua depois da morte.

* **11.16 para morrermos com ele.** A hostilidade contra Jesus tinha atingido um ponto tal, que os próprios discípulos se convenceram de que uma viagem a Jerusalém resultaria na morte de Jesus. Se eles não pudessem dissuadi-lo de ir a Jerusalém, pelo menos se dispõem a morrer com ele.

* **11.17 havia quatro dias.** Esta referência ao tempo que Lázaro permaneceu no túmulo, repetida no v. 39, visa a mostrar que Lázaro estava realmente morto, e não meramente doente.

* **11.21 se estiveras aqui.** A primeira afirmação de cada irmã (cf. v.32).

* **11.22 mesmo agora.** Marta ainda esperava algum milagre, ainda que parecesse que seu irmão estava além da possibilidade de recuperação. Quando Jesus fala de ressurreição, ela relaciona essa idéia com o futuro distante, o "último dia" (v.24). A fé demonstrada por Marta era melhor informada do que a dos saduceus, que diziam não haver ressurreição (Mt 22.23).

* **11.25 Eu sou a ressurreição e a vida.** Isto é repetido em parte em 14.6 (At 3.15;

Hb 7.16). A vida, para o crente, não termina com a morte, mas continua eternamente, como uma vida sem fim de comunhão com Deus. Esta é uma verdade para aqueles que, como Lázaro, estavam na sepultura, tanto quanto para aqueles que ainda vivem. Ver nota sobre 6.35.

* **11.27 tu és o Cristo.** A conversação provoca, da parte de Marta, uma confissão de fé que é paralela à de Pedro (Mt 16.16).

* **11.28 O Mestre.** Uma caracterização do ministério de Jesus. Jesus não desdenha de ensinar a uma mulher, como faziam outros mestres (Lc 10.39,42).

* **11.33 agitou-se no espírito.** A expressão exterior de tristeza não deixou Jesus indiferente. Ele derramou lágrimas de compaixão pela morte de Lázaro (v.35).

* **11.34 Onde o sepultastes.** O Evangelho de João ensina tanto a divindade de Cristo (1.1,18) quanto a sua plena humanidade. Como Mediador, Cristo atuou dentro dos limites de sua humanidade sem pecado e sem deixar de lado a sua divindade. Ele experimentou emoções humanas e podia expressar ignorância de fatos. Ver "A Humanidade de Cristo", em 2Jo 7.

* **11.37 Não podia ele.** As questões levantadas são a respeito de que espécie de poder Jesus tem, e quando ele decide usá-lo. Lázaro morreu e as irmãs prantearam para que a glória de Deus fosse

manifestada (v.4; 9.3). A cura do cego é lembrada como claramente sobrenatural.

* **11.41 Pai, graças te dou.** Jesus dá graças pela resposta à sua oração. Ele tem o cuidado de relacionar este milagre à sua missão como Messias.

* **11.43 Lázaro, vem para fora.** O morto não pode ouvir, porém Jesus quis que os presentes vissem que a voz de Deus pode ressuscitar o morto (5.28,29). Esta chamada divina que dá vida ao morto ilustra vividamente a chamada de Deus dirigida aos mortos espirituais, que os faz ressurgir para a vida espiritual (Ef 2.5).

* **11.45-47** Esta obra de Deus teve um duplo resultado: fé para alguns, e resistência e descrença para outros (cf. 2Co 3.15,16).

* **11.48** O Sinédrio, que tinha suprema autoridade religiosa no país, temeu

que o ministério de Jesus provocasse um levante popular, que os romanos esmagariam pela força das armas.

* **11.49 Caifás.** Ele era um saduceu e genro de Anás, que tinha sido deposto como sumo sacerdote pelos romanos, mas que tinha considerável influência sobre os líderes religiosos (18.13).

* **11.50** Caifás insensivelmente sugere que executar uma pessoa inocente pode ser desculpável, se esse procedimento assegura vantagem para a nação. Ele tinha esquecido a mensagem de Pv 17.15.

* **11.51 profetizou.** Nos propósitos de Deus, Caifás, sem o saber, fez uma profecia. Seria uma bênção Jesus morrer porque sua morte era necessária à salvação não só dos judeus, mas dos eleitos de todo o mundo.

* **11.54-57** A crescente hostilidade dos líderes judeus levou Jesus

a retirar-se por

uns tempos de Jerusalém.

* **12.1-11** A unção de Jesus relatada em Lc 7.36-50 é um incidente diferente

desta unção feita por Maria, que é relatada também em Mt 26.6-12 e Mc 14.3-9.

* **12.3 mui precioso.** Judas avaliou isto em termos do salário de um ano de trabalho (v.5), quase três vezes tanto quanto Judas aceitou para trair a Jesus.

ungiu os pés de Jesus. Mateus e Marcos indicam que ela derramou algum perfume sobre a cabeça de Jesus, que seria a prática comum. Ungir seus pés e enxugá-los com seus cabelos era um tributo de humildade e devoção.

* **12.4-6** Judas (e os outros discípulos, Mt 26.8) objetou fortemente, chamando

o ato um desperdício de dinheiro. Suas recriminações foram uma desconsideração para com Jesus e cruéis para com Maria. O interesse para com o pobre é desmascarado como artificial.

* **12.7 Deixa-a.** Jesus defende Maria, aludindo que ela o fizera como uma preparação para sua morte próxima. Para este ponto crucial da obra redentiva de Deus, nenhum gasto é muito grande.

* **12.8 sempre... nem sempre**. Sempre haverá pobreza num mundo caído junto com as responsabilidades de ministrar ao pobre como uma expressão do amor de Deus. A oportunidade de estar presente com Jesus e servi-lo durante sua permanência na terra não se repetiria.

* **12.9-10** Ao invés de reconhecer a mão de Deus na ressurreição

de Lázaro, os

principais sacerdotes conspiravam para matar Jesus e Lázaro.

*** 12.11 muitos dos Judeus.** Os líderes religiosos estavam perdendo popularidade.

Nicodemos parecia ter desertado (7.50-52); alguns judeus tinham crido em Cristo, ainda que superficialmente (8.30, nota); alguns estavam impressionados com a cura do cego de nascença (10.21); Jesus parecia estar ganhando seguidores além do Jordão (10.41-42); e agora a ressurreição de Lázaro estava conduzindo outros à fé nele (vs.17,18; 11.45). Tudo isto foi uma preparação para a aclamação que Jesus receberia em sua entrada triunfal, que levara os fariseus a dizerem: "Eis aí vai o mundo após ele"(v.19).

*** 12.13 Hosana**. A saudação foi emprestada, em parte, do Sl 118.25,26, à qual foi

acrescentada a referência ao "Rei de Israel". Isto era particularmente inquietador aos líderes Judeus, que temiam um levante popular sob a liderança de Jesus.

*** 12.14,15** As circunstâncias exatas tinham sido profetizadas por Zc 9.9. Esta

profecia é anotada também por Mateus e foi entendida em retrospectiva pelos discípulos.

*** 12.20 alguns gregos.** Uma nota de rodapé irônica à afirmação dos fariseus no v.

19. Estes "gregos" provavelmente não eram judeus da dispersão (a palavra grega é diferente da que é traduzida por "helenistas", em At 6.1). Ao invés disso, eles eram talvez prosélitos ou, mais provavelmente, gentios "tementes a Deus" (como eram chamados), que participavam do culto na Sinagoga, mas não se

submeteram à circuncisão e à plena recepção à religião judaica (At 8.27; 13.26; 17.4).

*

12.23 É chegada a hora. Em contraste com afirmaçõ anteriores de que sua

hora não tinha chegado ainda (2.4; 7.6,8,30; 8.20), esta é a primeira de um número de afirmações de que a morte e a ressurreição de Cristo estão próximas (v.27; 13.1; 16.32; 17.1). A cruz e o sepultamento são descritos em outro lugar como sua humilhação (Fp 2.8). Esta humilhação é o caminho pelo qual Cristo, o Mediador, seguindo os dias de sua ressurreição ainda sobre esta terra, deve entrar na glória de sua ascensão para a mão direita do Pai (13.31,32; cf. Fp 2.8,9).

* **12.24 o grão de trigo.** Jesus usa a figura do crescimento do grão de trigo como

uma explicação de sua própria obra. Sua morte, que ocorrerá num certo tempo e lugar, abrirá as portas da salvação para o povo de todas as eras e nações.

* **12.25 Quem ama sua vida.** Os que estão assoberbados pelos interesses da vida

sobre a terra, encontrarão a ruína, enquanto os que são desprendidos desses interesses, obterão a vida eterna através da obra de Cristo (Mt 10.39; Lc 17.33). É no serviço de Cristo e na união com ele que a verdade desta afirmação é experimentada (cap. 14).

* **12.27 Agora está angustiada a minha alma.** Jesus está perturbado diante da perspectiva de suportar o juízo de seu Pai santo, no lugar dos pecadores. Não obstante, ele aceita seu papel e reafirma seu compromisso para com ele.

* **12.28 veio uma voz do céu.** Em três lugares nos Evangelhos o

Pai fala

diretamente, do céu, a respeito de Jesus: no seu batismo (Mt 3.17), na Transfiguração (Mt 17.5) e aqui. Para benefício dos discípulos (v.30) o Pai coloca seu selo de aprovação sobre a obra salvadora de Jesus.

* **12.29 A multidão... tendo ouvido a voz.** Uma situação semelhante à das

circunstâncias da conversão de Paulo, onde aqueles que o acompanhavam, ouviram um som, mas não distinguiram as palavras (At 9.7; 22.9).

* **12.31 Chegou o momento de ser julgado este mundo. Pela sua morte que se**

aproxima, Jesus porá fim ao poder do pecado sobre a raça de Adão, julgando-o e condenando-o.

seu príncipe será expulso. Satanás (cf. 14.30; 16.11; 2Co 4.4; Ef 2.2; 1Jo 4.4; 5.19). Satanás tem poder de fato, mas não de direito. Quando Deus destrói o poder de Satanás, não está violando seus direitos ou quebrando qualquer acordo feito com ele.

* **12.32 quando for levantado.** Isto se refere à crucificação (v.33), mas também à

glorificação de Cristo. Como "Mediador" ele será levantado à mão direita de Deus (3.14, nota).

atrairei todos a mim mesmo. A cruz exerce uma atração universal, e povos de todas as nacionalidades, gentios bem como judeus, serão salvos através dela. "Todos" significa toda espécie de pessoa, sem distinção e não todos os membros da raça humana sem exceção.

* **12.34 da Lei.** Um dos termos usados para toda a Escritura do

Antigo Testamento (10.34; 15.25). Esta é uma possível referência ao Sl 89.36; 110.4; Is 9.7; Ez 37.25; Dn 7.14; Mq 5.2).

o Filho do homem. Entenderam este título como uma reivindicação de ser o Messias prometido.

seja levantado. Entenderam isto como ser suspenso ou crucificado, à base de textos tais como Sl 89.36,37, e eles não podiam conciliar a morte de Cristo com o conceito que tinham sobre o Messias.

* **12.35 a luz.** Jesus é a "luz" (v.46; 1.4-9; 8.12; 9.5). Sua morte iminente trará um período de trevas.

* **12.38 para se cumprir a palavra do profeta Isaías**. O ministério público e terreno de Jesus era o cumprimento da profecia de Isaías, que era, em grande parte, um ministério de juízo do Israel incrédulo. Jesus pronuncia o juízo previamente anunciado por Isaías, que deve preceder o reino vindouro.

* **12.39 não podiam crer**. Ninguém poderá crer verdadeiramente a menos que Deus abra o entendimento do indivíduo mediante a obra sobrenatural do Espírito (3.3-7).

* **12.41 porque viu a glória dele.** Isaías tinha recebido uma visão da glória do Deus entronizado (Is 6.1) e profetizou a respeito do divino Servo Sofredor (Is 52.13-53.12).

* **12.42 muitos... creram nele.** O juízo anunciado por Isaías cumpriu-se, mas mesmo alguns líderes (p.ex., José de Arimatéia e Nicodemos, 19.38-40) creram a despeito da ameaça de excomunhão da parte de seus pares descrentes.

*** 12.44 Quem crê em mim crê... naquele que me enviou. O estreito**

relacionamento de Jesus com o Pai (cf. 17.21-23) é ressaltado em três aspectos: crer em Cristo é crer no Pai, ver Cristo é ver o Pai

(v.45), ouvir a Cristo é ouvir ao Pai (v.50). Por outro lado, rejeitar a Cristo e suas palavras é rejeitar o Pai e suas palavras. Esta rejeição resulta em condenação ainda que o propósito básico da encarnação de Cristo fosse a salvação dos seus e não a condenação daqueles que não crêem.

*

12.48 palavra que eu tenho proferido. Ver "O Ensin

7.28.

* **13.1—17.26** Estes cinco capítulos relatam o ministério de Jesus aos seus discípulos no cenáculo, acompanhado de uma refeição. Os outros Evangelhos indicam que a Ceia do Senhor foi instituída nesta ocasião, porém João não diz isto, talvez porque ele considerasse a instituição da Ceia suficientemente abordada pelos três Evangelhos Sinóticos: Mateus, Marcos e Lucas. A relação entre a narrativa dos Sinóticos e o Evangelho de João tem sido extensamente discutida por muitos estudiosos. Os Evangelhos Sinóticos, todos, afirmam que a refeição referida em 13.2, era a refeição da Páscoa (Mt 26.17-30; Mc 14.12-26; Lc 22.7-23). João, por outro lado, implica que essa refeição teve lugar na véspera da Páscoa, e que Jesus morreu no tempo exato, quando os cordeiros pascais estavam sendo imolados (13.1,29; 18.28; 19.14,31,42). Entre os estudiosos que aceitam a fidedignidade de João e dos Evangelhos Sinóticos, diversos soluções possíveis têm sido propostas. Ver notas em 19.14; Mt 26.17.

* **13.1 amou-os até ao fim.** Grande ênfase é dada nos capítulos 13 a 17 ao amor

de Cristo. Este amor é ilustrado na comovente cena do lava-pés, na qual o Filho de Deus não desdenha realizar o mais humilde trabalho de um servo (Fp 2.7-8).

* **13.2** Um contraste vivo entre Judas que se serve a si mesmo e Jesus, que se dá

a si mesmo.

* **13.3 sabendo este**. A humilde conduta de Jesus não foi porque ele tivesse

esquecido a sua condição de Filho encarnado de Deus. Seu ato demonstra que condição superior e privilégio não são razão para a arrogância, porém, são altas credenciais para o serviço.

* **13.5 lavar os pés aos discípulos.** O lava-pés era um elemento comum de

hospitalidade num país poeirento, onde as pessoas usavam sandálias (cf. Lc 7.44). Esta tarefa era usualmente realizada pelo membro mais humilde da casa.

* **13.6-**
10 Pedro, com sua habitual impulsividade (Lc 5.8; Mt 10.14) fez

objeção à atitude de Jesus de lavar-lhe os pés. Ele não podia entender a humildade de Cristo. Jesus responde que quaisquer que possam ser as expectativas de Pedro, ele precisa aceitar Jesus de acordo com o caminho que Deus traçou para o Messias seguir (Is 55.7-9; Mt 16.23).

* **13.11 ele sabia.** João acentua que a traição por Judas não era um conhecimento

imprevisível, mas que Jesus estava plenamente consciente dos eventos que se aproximavam e do papel de Judas neles. A ação de Judas foi de sua própria decisão, livre e responsável, contudo foi levada a efeito de acordo com o plano de Deus.

* **13.13 o Mestre e o Senhor.** Este título duplo dá especial significação à

reivindicação de Cristo sobre a vida dos discípulos. Posteriormente, eles o chamarão Senhor em reconhecimento de sua divindade (20.28).

* **13.15 eu vos dei o exemplo.** A humildade de Cristo é um padrão para seus

discípulos. Ao invés de aspirar a dominar, eles devem estar ávidos a servir (Mt 20.26-28; Fp 2.5-8; 1 Pe 2.21).

* **13.17 se as praticardes.** A percepção intelectual não é suficiente, mas precisa

estar apoiada por um compromisso de vida. Isto não significa que nossas obras sejam a base da nossa aceitação da parte de Deus, mas significa que elas são a evidência da verdadeira fé. Confiança e obediência são inseparáveis.

* **13.18 Não... todos vós.** Jesus escolheu Judas para ser um dos Doze, mas não o

conduziu à salvação. Judas não era um dos eleitos (Mt 26.24), contudo de modo algum ele foi coagido a trair.

se cumpra. Jesus destaca o cumprimento das Escrituras em muitos detalhes de sua vida. A citação do Sl 41.9 é uma possível referência à traição por Aitofel (2Sm 15.31).

* **13.19 antes que aconteça.** A veracidade de uma predição anterior era a marca de

um verdadeiro profeta, e a falsa predição era o caminho seguro para discernir o falso profeta (Dt 18.18-22).

EU SOU. Reivindica divindade, como em Êx 3.14.

* **13.21 angustiou-se Jesus em espírito.** Compare 11.33; 12.27.

Desde o começo Jesus sabia o que Judas ia fazer, mas sua alma antevia os sofrimentos futuros, à medida que o tempo se aproximava.

* **13.22 sem saber a quem ele se referia**. Judas tinha ocultado seu propósito traidor

tão cuidadosamente que os outros discípulos nada perceberam. Cada discípulo começou a temer que ele pudesse ser o elo fraco (Mt 26.22). Judas também formulou a pergunta (Mt 26.25), mas os discípulos, aparentemente, não ouviram a resposta de Jesus.

* **13.23 ali estava conchegado a Jesus.** Num banquete formal, as pessoas não

ficavam sentadas, mas reclinadas à mesa (Lc 22.14, nota). A posição de João não era incomum numa tal ocasião.

aquele a quem ele amava. Esta referência aparece em 19.26; 20.2; 21.7,20, e geralmente tem sido entendida como se referindo a João, o autor do Evangelho. A observação não implica uma falta de amor para com os outros discípulos, mas indica uma especial afinidade com João (19.26-27).

*
13.26 o pedaço de pão. Este era aparentemente um reservado ao hóspede

de honra.

* **13.27 entrou nele Satanás.** A recusa de Judas em responder ao apelo de Jesus

abriu o seu coração para o controle de Satanás. Judas era ainda um agente responsável, mas submetera-se ao domínio do mal (cf. 8.34).

faze-o depressa. Jesus continua no controle dos acontecimentos e não faz mais nenhum esforço para refrear Judas no seu propósito

fatal.

* **13.31-32 glorificado.** O verbo é repetido cinco vezes. Podia-se esperar a

palavra oposta ("humilhado"), porque na linguagem de Paulo, Jesus desceu ao último degrau de sua profunda "humilhação", sendo pendurado na cruz sob a maldição divina (Gl 3.13). Porém, João faz o foco de luz incidir sobre a glória de Deus através de Cristo, para mostrar a glória de Deus revelada especialmente na Cruz.

* **13.33 buscar-me-eis.** Esta restrição é temporária. No devido tempo, seus

discípulos estariam onde Jesus está, depois que for preparar lugar para eles (14.2).

* **13.34 Novo mandamento.** Nada há de novo a respeito do mandamento do amor,

uma vez que Lv 19.18 ensina a "amar o próximo como a si mesmo". O novo elemento é a mudança de "próximo" para "uns aos outros" e a mudança de "a si mesmo" para "como eu vos amei". O amor cristão tem o amor sacrificial de Cristo como seu modelo e a comunidade de crentes como o primeiro lugar (ainda que certamente não exclusivo) onde esse amor se expressa (cf. 25.40; Gl 6.10; Ef 5.25). Ver "Amor", em 1Co 13.13.

* **13.36 mais tarde, porém, me seguirás.** Esta é uma profecia a respeito do martírio

de Pedro (21.18,19).

* **13.37 Por ti darei a própria vida.** Pedro foi indubitavelmente sincero, mas não se

conhecia a si mesmo.

* **13.38 jamais cantará o galo.** A expressão "duas vezes", como registrada em Mc

14.30, refere-se à mesma confirmação da negação de Pedro.

* **14.1 Não se turbe o vosso coração.** Esta passagem de supremo conforto é oferecida por Jesus numa hora enegrecida pela sombra da traição de Judas e pela negação de Pedro, apenas algumas horas antes da agonia do Getsemane e da morte na cruz (13.21). Contudo, a afirmação transmite um sentido de sublime paz e visa ministrar aos temores dos discípulos, ao invés das próprias necessidades de Jesus.

* **14.2 muitas moradas.** Ver referência lateral. Enquanto o caminho é estreito e a porta apertada, que conduz à vida (Mt 7.14), é também verdade que o número dos filhos de Abraão é tão grande como a areia da praia e como as estrelas do céu (Gn 22.17), "grande multidão que ninguém podia enumerar" (Ap 7.9).

pois vou preparar-vos lugar. Cristo prepara o lugar no céu para os seus, e o Espírito Santo prepara os redimidos na terra, para seu lugar nos céus. Ver "Céu", em Ap 21.1.

* **14.3 e vos receberei para mim mesmo**. Em 1.51. Jesus se comparou a uma escada entre o céu e a terra. Aqui ele se apresenta como Aquele que leva seu povo para o céu.

* **14.6 e a vida.** Não a existência como tal, mas a existência em cumprimento ao

desígnio de Deus, de sermos seu templo vivo (1.4).

senão por mim. Esta é uma forte afirmação de que só Cristo é o caminho da salvação. Imaginar e proclamar que há outros caminhos é enganar o povo e esquecer a necessidade de sua vinda e redenção (At 4.12; Rm 10.14-15; 1Jo 5.12).

* **14.7 Se vós me tivésseis conhecido.** Todas as bênçãos previamente nomeadas

são resumidas no conhecimento de Deus, que é mais do que um apanhado mental, uma vez que envolve o compromisso de todo o coração.

* **14.8 mostra-nos o Pai.** O pedido de Filipe mostra má compreensão, um tema

que percorre todo o Evangelho (2.21, nota), mas abre o caminho para o que vem a seguir.

* **14.9 vê o Pai.** Jesus não está negando a distinção de Pessoas em Deus, mas

está lembrando a Filipe que ele é aquele que revela o Pai.

* **14.10 eu estou no Pai... o Pai está em mim.** Esta mútua vivência anunciada em 10.38, é desenvolvida aqui, também no v.20 e outra vez em 17.21. Três grandes unidades são proclamadas nas Escrituras: A Unidade das Três Pessoas na Trindade; a unidade da natureza divina e humana de Cristo e a unidade de Cristo e seu povo na redenção.

* **14.11** Ver "Milagres", em 1Rs 17.22.

* **14.12 e outras maiores fará.** A História prova que Jesus não está afirmando que

cada crente operará maiores milagres do que ele operou. A obra da igreja, no poder do Espírito Santo, será "maior" do que a obra de Jesus, em números e território.

* **14.13 tudo quanto pedirdes em meu nome.** Isto não garante que Deus fará tudo

o que pedirmos só pelo fato de adicionarmos à nossa oração as palavras "em nome de Cristo". Orar em nome de Cristo é identificar-se com os propósitos de Cristo na proporção em que nossa vontade tiver se tornado identificada com a vontade de Deus (1Jo 5.14). Aqueles que não obtêm aquilo que pedem especificamente, freqüentemente são surpreendidos por uma resposta diferente — porém melhor. O "não" é, às vezes, a melhor resposta. Ver "Oração", em Lc 11.2.

a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. O estreito relacionamento entre as Pessoas da Trindade é mostrado no ensino de Jesus sobre a oração.

* **14.15 guardareis.** A prova de amor a Cristo não é uma profissão oral, mas uma

obediência viva.

* **14.16 eu rogarei ao Pai, e ele vos dará.** Tanto o Pai como o Filho são ativos em enviar o Espírito Santo. Ele é o Espírito de Deus, o Espírito do Pai (Gn 1.2; Is 11.2; Mt 10.20), e o Espírito de Cristo, o Filho (Rm 8.9; Gl 4.6; Fp 1.19; 1Pe 1.11).

outro Consolador. Ver referência lateral. A palavra Grega traduzida por "Consolador" ou "Auxiliador" era usada em linguagem jurídica para o advogado de defesa (1Jo 2.1) e, de modo mais geral, por alguém de quem se pedia ajuda. Jesus foi um tal ajudador para os discípulos; e depois de sua ascensão, o Espírito Santo tomaria para si esta tarefa. O termo dá ênfase à personalidade do Espírito Santo como distinto do Pai e do Filho, e também à sua unidade com eles na obra da redenção.

* **14.17 o Espírito da verdade.** Aqui também o Espírito está em igualdade com o Pai

(Is 65.16) e com o Filho (v. 6). O "Espírito da verdade" é a autoridade que está por trás da Bíblia. Ver "A Autenticação das Escrituras", em

2Co 4.6.

o mundo. A humanidade pecadora como contrastada com o povo redimido de Deus (15.18,19; 17.9; 1Jo 2.15-17; 4.5; 5.4,5,19).

habita convosco e estará em vós. O Espírito vive nos crentes (1Co 3.16,17; 6.19; 2Co 6.16; Ef 2.21).

* **14.18 voltarei para vós outros.** Jesus se refere primariamente à vinda do Espírito

Santo, no Pentecostes, uma vez que a mútua convivência "vós, em mim, e eu, em vós" (v.20) não esperará a Segunda Vinda de Cristo. Mas estas palavras são também apropriadas para a esperança da igreja. Jesus voltará para levar com ele os redimidos (vs. 3.19,28; At 1.11).

* **14.19 porque eu vivo, vós também vivereis.** Isto dá ênfase outra vez à verdade

de 11.25,26. A vida só pode ser encontrada em Jesus Cristo (v.6; 1.4).

* **14.20 eu estou em meu Pai.** Ver notas no v. 10 e 10.38. A mútua vivência na

Trindade é paralela à mútua vivência de Cristo e o crente.

* **14.21 aquele que me ama será amado.** Do mesmo modo que há vivência

recíproca, há também a mais profunda mutualidade de amor (v.15, nota).

* **14.22 a nós e não ao mundo.** O discípulo entendeu Jesus corretamente, mas,

provavelmente, esperava também um triunfo político, que seria visível

a todos.

* **14.23 faremos nele morada.** Como o Espírito Santo habita no crente, do mesmo

modo o fazem o Pai e o Filho (Rm 8.9-11; Ap 3.20).

* **14.26 o Espírito Santo, a quem o Pai enviará.** Em 15.26, é o Filho que envia o

Espírito. O Pai e o Filho concordam neste envio. Ver nota teológica "O Espírito Santo", índice.

esse vos ensinará todas as coisas. Todas as coisas que eles necessitassem saber para sua missão (16.13).

e vos fará lembrar de tudo. Esta afirmação mostra a divina intenção na obra do ensino do Espírito Santo: o ensino do Espírito concorda com o ensino do próprio Jesus. Ele assegurará que as palavras de Jesus sejam preservadas para a instrução da igreja (Mt 24.35). Estas promessas feitas aos apóstolos foram cumpridas na pregação apostólica e na composição final das Escrituras do Novo Testamento. Elas continuam a ser cumpridas à medida que o povo de Deus aprende das Escrituras inspiradas.

* **14.27 paz.** Esta era uma saudação hebraica comum usada em um cumprimento ou despedida. Jesus lhe dá um mais profundo sentido, que reaparece nas saudações das cartas do Novo Testamento. A paz de Jesus é verdadeira reconciliação com Deus, alcançada por sua morte (At 10.36; Rm 5.1; 14.17; Ef 2.14-17; Fp 4.7; Cl 3.15). É o supremo remédio de todos os temores (v.1), e o legado de Jesus deixado a seus herdeiros.

* **14.28 alegrar-vos-íeis.** A partida e o retorno de Jesus são necessários para completar sua obra mediadora (v.3); elas são o fim de sua humilhação e a revelação de sua glória.

o Pai é maior do que eu. Esta afirmação deve ser entendida à luz do testemunho deste Evangelho quanto à plena divindade do Filho, sua igualdade e unicidade com o Pai (v.9; 1.1; 10.30). O Filho voluntariamente encobriu a sua glória para seguir o caminho de sua humilde obediência (Fp 2.6-11).

* **14.29 Disse-vos agora.** O cumprimento das profecias de Jesus será uma prova convincente de que ele foi enviado por Deus.

* **14.30 o príncipe do mundo.** Satanás (cf. 12.31; 16.11). Esta afirmação aponta para o momentoso conflito espiritual entre Cristo e Satanás, na Cruz.

ele nada tem em mim. Esta é uma reafirmação da impecabilidade de Jesus (v.31; 8.2946; 2Co 5.21; Hb 7.26,27). Cristo é o único membro da raça humana, de quem se pode dizer isto.

* **14.31 Levantai-vos, vamo-nos daqui.** Estas palavras pareceriam indicar que Jesus e seus discípulos deixaram o cenáculo, mas parece que os capítulos 15-17 ainda têm lugar no cenáculo. Algumas opções são possíveis: a) Jesus deu o sinal, mas algum tempo deve ter passado antes de eles deixarem o lugar; b) eles o deixaram imediatamente, mas Jesus continuou o seu discurso a caminho de Getsemane. Isto traria à oração do capítulo 17, um vivo contraste com a agonia no Jardim; c) João dispôs o seu material mais tematicamente do que cronologicamente; d) a afirmação de Jesus foi mais um desafio para enfrentar Satanás, do que um sinal para deixar o lugar (isto é, "levantemo-nos então e vamos encontrar o inimigo").

* **15.1-17** A união de Cristo, o Mediador, com seu povo redimido é retratada nas Escrituras de vários modos. Estes vários modos operam juntos na explicação da natureza deste relacionamento. Aí temos: a) o fundamento de uma construção (1Co 3.11; Ef 2.2022); b) a vinha e seus ramos (15.1-17; Rm 6.5); c) a cabeça e o corpo (1Co 6.15,19; 12.12; Ef 1.22,23; 4.15,16); d) o marido e esposa (Rm 7.4; Ef 5.31,32; Ap 19.7); e) Adão e seus descendentes (Rm 5.12; 18-21;

1Co 15.22,45,49). A comparação com a vinha e seus ramos indica uma união orgânica e um relacionamento de completa dependência.

* **15.1 Eu sou a videira verdadeira.** Como em outros lugares neste Evangelho, "verdadeira" significa "genuína". Jesus é a "videira" final e real, quando comparado a Israel, que era um tipo que prefigurava a realidade. Israel é chamado a "videira" de Deus ou "vinha" no Antigo Testamento (Sl 80.8-16; Jr 2.21). Israel é julgado por não produzir frutos, enquanto Jesus é e faz aquilo que o tipo significa. Este é o último dos "Eu Sou" no Evangelho (6.35, nota).

* **15.2 não der fruto.** Nenhum ramo que está em Cristo pode ser totalmente infrutífero. Porém, todo ramo que pertence a Cristo produzirá fruto e sofrerá a poda necessária para aumentar. A falta de fruto descrita no Sl 80, Is 5.1 e Jr 2.21 é devida à falta de obediência a Deus. Estas considerações, no Antigo Testamento, da vinha e seus frutos, combinadas com a ordem de Cristo a respeito do amor, neste capítulo, indicam que o fruto se refere a uma vida como a de Cristo, produzida pelo Espírito Santo (Gl 5.22,23), mais do que o número de pessoas convertidas sob o ministério do crente.

* **15.4 permanecei em mim.** Jesus dá ênfase à permanência e constância em seu

relacionamento com os discípulos. O verbo "permanecer" é repetido dez vezes nos vs. 410. A metáfora da vinha ilustra o ponto. Somente quando os nutrientes fluem livremente para os ramos, é que os frutos aparecem.

*

15.5 sem mim nada podeis fazer. A total incapacida do pecador não

regenerado torna a graça salvadora absolutamente necessária para o começo, desenvolvimento e finalização da salvação.

* **15.6 Se alguém não permanecer em mim.** Os que não

permanecem, mostram

que nunca tiveram um relacionamento salvador com Cristo. Seu destino é descrito com a linguagem da perdição (cf. Mt 3.12; 25.41; Jd 7; Ap 20.14).

* **15.8 e assim vos tornareis meus discípulos.** As obras referidas não são a base

da nossa aceitação por parte de Deus, mas são o resultado da união salvífica com Cristo, recebida através da graça e não do mérito.

* **15.11 meu gozo.** Muitos imaginam que a obediência a Cristo é algo extremamente

pesado, porque exige submissão sacrificial e serviço (Rm 12.1,2). Jesus ensina o oposto, associando a obediência à alegria.

* **15.12 O meu mandamento.** Ver nota em 13.34.

* **15.13 de dar alguém a própria vida.** Rm 5.7,8 descreve o surpreendente auto-

sacrifício de Cristo não pelos justos, mas pelos pecadores, que estão em inimizade com Deus.

* **15.14 meus amigos.** O teste da amizade com Cristo é a obediência.

*
15.15 Já não vos chamo servos. Não há nenhum anterior de Jesus

chamando seus discípulos de "servos", exceto possivelmente 12.26. Contudo, Jesus tinha o direito de fazer isto, como ele tinha o direito de ser chamado "Senhor" (13.13). "Amigos" sugere um estreito relacionamento e a linguagem de fraternidade é mais estreita

ainda (Hb 2.10,11).

tudo... vos tenho dado a conhecer. Cristo não tinha uma revelação mais sublime reservada a um grupo íntimo, mas revelou-se aos discípulos indistintivamente.

*** 15.16 Não fostes vós que me escolhestes a mim... eu vos escolhi a vós. Jesus**

não quer dizer que seus discípulos não exerceram vontade própria; realmente escolheram segui-lo. Mais do que isso, ele está indicando que a primeira iniciativa, a escolha original e salvadora, foi sua. Se ele não os tivesse escolhido, eles não o teriam escolhido. A referência imediata é para o serviço como apóstolos, porém o princípio se aplica a muitos outros aspectos, incluindo a eleição para a salvação (Ef 1.4,11).

e vos designei. Isto também dá ênfase à atividade soberana de Deus, exercida sem violação do ato humano de decisão.

vades. Este verbo marca a direção do serviço cristão, como em Mt 28.19 e At 1.8.

fruto. A figura se refere à santificação individual (Gl 5.22,23) e à eficácia na evangelização (Mt 13.3-8; Rm 1.13)

fruto permaneça. Uma característica distintiva do serviço cristão é que seus resultados têm significação eterna.

tudo quanto pedirdes... ele vo-lo conceda. A oração eficaz é acompanhada por obediência e identificação com a vontade de Deus (14.13, nota; Sl 66.18).

*** 15.17 que vos ameis uns aos outros.** Repetida pela terceira vez neste episódio (v.12; 13.34).

*** 15.18 o mundo.** A oposição entre o mundo e os eleitos de Deus é afirmada nos mais fortes termos (14.17). O ódio do mundo não se deve àquilo que os discípulos fazem de errado, mas àquilo que eles fazem de certo.

*** 15.22 pecado não teriam.** O pecado aqui é o pecado específico

do ódio a Jesus e àqueles que lhe pertencem, e não pecado no sentido geral (v.24).

* **15.25 na sua lei**. Os que receberam a lei são condenados por ela. Esta citação é

dos Salmos; "lei" refere-se ao Antigo Testamento em geral, mais do que exatamente ao Pentateuco (10.34, nota).

* **15.26 o Consolador.** Ver nota em 14.16.

vos enviarei. Isto se refere à obra do Espírito Santo no plano da redenção e não ao seu relacionamento eterno dentro da Trindade.

* **15.27 porque estais comigo desde o princípio.** Os apóstolos foram testemunhas

oculares e, através da operação do Espírito Santo, eles proveriam o testemunho fundamental e autorizado de Cristo para a igreja (Lc 24.48; At 1.21,22; Ef 2.20). Seguindo-se a conclusão de sua obra única, não pode haver mais apóstolos e o atual testemunho da igreja em relação a Jesus Cristo depende do testemunho apostólico conforme está registrado no Novo Testamento e iluminado pelo Espírito Santo.

* **16.5 e nenhum de vós me pergunta.** Embora Pedro tenha perguntado isto

formalmente, e Tomé tenha feito praticamente o mesmo (13.36; 14.5), suas perguntas tinham sido estimuladas mais pela perspectiva da partida de Jesus do que pelo desejo de saber a natureza e o significado da destinação de Jesus (v.6).

* **16.7 se eu não for.** Ainda que as notícias da partida de Jesus perturbassem os

discípulos, ela era necessária para que eles desfrutassem da

permanente presença do Espírito.

* **16.8 convencerá o mundo do pecado.** Esta é provavelmente não uma

referência à convicção que leva ao arrependimento e à salvação, mas ao desmascaramento da inexcusável culpa da humanidade. Ver "Iluminação e Convicção", em 1Co 2.10.

* **16.9 do pecado.** A incredulidade é um pecado especialmente sério.

* **16.11 do juízo.** Satanás e todos os que ele governa serão finalmente condenados pela justiça divina, cujo veredito já foi apresentado.

* **16.13 ele vos guiará a toda verdade.** Isto se refere à verdade a respeito de Deus, e não ao conhecimento temporal de todas as espécies. O Espírito guiou os escritores do Novo Testamento que prepararam a nova revelação escrita, que tomaria o seu lugar ao lado do Antigo Testamento. O Espírito lembrará os escritores do passado (14.26; os Evangelhos), interpretará o Evangelho para o presente (14.26; 15.26; Atos e Epístolas), e revelará coisas que ainda virão a acontecer (Ap 1.19).

* **16.14 Ele me glorificará.** Desde que o plano da redenção está centrado em

Cristo, este é o tema sobre o qual o Espírito concentrará o seu ensino (15.26).

* **16.16 Um pouco... um pouco.** A primeira expressão refere-se indubitavelmente à crucificação, que tiraria Jesus de entre eles; a segunda, pode referir-se à ressurreição, à vinda do Espírito ou à Segunda Vinda de Cristo. A ressurreição se adequa melhor ao tempo imediato da profecia, a Segunda Vinda ajusta-se melhor ao pleno escopo da alegria referida.

* **16.17 Vou para o Pai.** Os discípulos ligaram aquilo que Jesus disse no v. 10 com a afirmação do v. 16, e isso tornou mais difícil entender o sentido pretendido por Cristo, visto que uma afirmação se refere à Ascensão e a outra à Crucificação.

* **16.22 mas outra vez vos verei.** Ver nota no v. 16.

e a vossa alegria ninguém poderá tirar. As bênçãos da redenção por Deus não podem ser canceladas por nenhum poder, humano ou satânico. O gracioso propósito de Deus assegura a continuação da alegria da salvação já neste mundo (10.28; Fp 1.6).

* **16.23 perguntareis... se pedirdes.** Depois da Ascensão, os discípulos receberão a verdade revelada através do Espírito Santo. As orações serão dirigidas principalmente ao Pai, em nome de Cristo (num espírito de completo acordo com a vontade e propósitos de Cristo). Ver "Oração", em Lc 11.2.

* **16.24 Até agora.** Suas orações eram demasiadamente tímidas à luz da salvação

que eles iam logo conhecer.

* **16.26 e não vos digo que rogarei ao Pai por vós.** Jesus não está dizendo que

cessará de orar por eles (Rm 8.34; Hb 7.25; 1Jo 2.1). Ele está dizendo que os discípulos terão alcançado uma certa maturidade na oração, de modo que ele não necessitará de orar em lugar deles.

* **16.27 o próprio Pai vos ama.** As Três Pessoas da Trindade estão unidas em seu

amor pelos crentes (3.16). Os crentes respondem com fé e amor as três Pessoas da Trindade.

* **16.30 sabes todas as coisas.** Só Deus é onisciente; os

discípulos reconhecem a

origem e a divindade de Cristo.

*** 16.32 não estou só.** Na maior parte de seus sofrimentos Cristo não estava

sozinho. Mas seu clamor de dor "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46; Mc 15.34) torna claro que Jesus suportou uma real separação do Pai. Este foi o climax daquilo que ele suportou como portador do nosso pecado.

*** 17.1 Pai.** Esta palavra ocorre mais de uma centena de vezes no Evangelho de

João. Na oração do capítulo 17 ela é encontrada seis vezes.

é chegada a hora. Jesus estava plenamente consciente do que estava para acontecer.

glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti. A perfeita vida do Filho, em sua encarnação, dá glória à Deidade. O Filho é glorificado em sua crucificação, ressurreição e entronizamento à mão direita de Deus — estes eventos são vistos como uma unidade composta neste Evangelho. Ver notas em 12.23; 13.31.

*** 17.2 lhe conferiste.** Este verbo é usado dezesseis vezes nesta oração, no grego.

Em português, "conceder" e "conferir" aparecem como sinônimos de "dar".

vida eterna. Ver nota em 3.16.

a todos os que lhe deste. Nesta expressão dá-se ênfase à escolha soberana de Deus (usada outras vezes nos vs. 6.9,24; cf. 6.44; 10.29).

* **17.3 que te conheçam a ti... e a Jesus Cristo**. A vida consiste na comunhão

com Deus "que nos criou para ele mesmo, de modo que nossas almas não descansam até que descansem nele", como disse Agostinho. Conhecimento aqui, como freqüentemente nas Escrituras, significa mais do que uma percepção intelectual; envolve afeição e compromisso também. Ao colocar-se junto com o Pai como fonte da vida eterna, Cristo afirma a sua própria deidade. Ver "O Verdadeiro Conhecimento de Deus", em Jr 9.4.

* **17.4 consumando a obra.** Isto antecipa o grito de vitória sobre a Cruz: "Está

consumado" (19.30).

* **17.5 glorifica-me... com a glória.** Jesus afirma, como parte de sua petição, que

sua glória existiu antes de o mundo existir, significando que ele é preexistente e não criado. Em segundo lugar, ele se refere a uma espécie de glória de que ele participou na eternidade. Por toda a Bíblia, esta é a glória que está sempre associada com o único Deus Vivo e Verdadeiro.

* **17.6 Manifestei o teu nome.** Aqui, "nome" denota Deus na beleza de sua

perfeição, como revelada à humanidade.

Eram teus. Tudo e todos pertencem a Deus em virtude da criação, mas aqui está em vista a possessão pela redenção. Deus deu os eleitos ao Redentor: "tu mos confiaste" (cf. Hb 2.10-13).

* **17.9 não rogo pelo mundo.** A obra de redenção realizada por Jesus refere-se

particularmente aos eleitos — aqueles que o Pai lhe deu (10.14,15,27-29). Este versículo apóia fortemente a doutrina da redenção definida: a oração de Jesus, antes de sua morte sacrificial, especifica o seu propósito ao morrer. Em outros contextos, onde o propósito específico do oferecimento de Jesus não é o foco preciso, Jesus ora por seus inimigos,

como nós também devemos fazer (Mt 5.44; Lc 23.34). Ver "Redenção Definida", em 10.15.

* **17.10 e, neles, eu sou glorificado.** É surpreendente que a glória de Deus possa estar associada com as ações de seres humanos, que são tão insignificantes quando comparados com a majestade de Deus. Contudo, pessoas como Eliú, no Livro de Jó, mostram que os seres humanos podem dar glória a Deus, e Paulo afirma isto das atividades mais comuns dos seres humanos, tais como o comer e o beber (1Co 10.31).

* **17.11 Pai santo**. Esta maneira de dirigir-se a Deus só aparece aqui, no Novo Testamento.

que eles sejam um, assim como nós. A unidade das Pessoas na Trindade é o exemplo de unidade dos crentes uns com os outros, através de sua união com Cristo (14.10, nota). Há uma unidade de propósito e de essência na igreja invisível, o Corpo de Cristo. Esta perfeita unidade (Ef 4.12-16), que será manifestada no Dia de Cristo, já forma e molda o "povo de Deus" a fim de que o "mundo creia" (v.21). A unidade organizada não substitui a unidade espiritual, ainda que as divisões organizacionais e as separações entre os cristãos constituam, indubitavelmente, um testemunho negativo perante o mundo (1Co 1.10-13; 12.25; Gl 5.20).

* **17.12 o filho da perdição.** Ver referência lateral. O mesmo termo é empregado para denotar o Anticristo, em 2Ts 2.3. Isto cumpre o Sl 41.9. A traição de Judas era necessária para o cumprimento de muitas outras passagens das Escrituras que descrevem o sofrimento

de nosso Senhor. Jesus entendia muitas passagens das Escrituras, como contendo anúncios proféticos de vários detalhes de sua carreira messiânica. Ele acentua que todas estas seriam cumpridas, porque eram a Palavra de Deus.

*** 17.14 Eu lhes tenho dado a tua palavra.** Isto se refere ao ensino de Jesus.

porque eles não são do mundo. O novo nascimento implica numa divisão radical na humanidade. Os crentes continuam a viver no mundo, mas não pertencem realmente a ele (v.16).

*** 17.15 que os guardes do mal.** Jesus sabe que o mundo odiará os seus discípulos como odiou a ele, mas ele não pede que seus discípulos sejam protegidos do sofrimento, mas que eles sejam guardados do mal. Não é das aflições físicas ou sociais do mundo, que Jesus deseja que seus discípulos sejam guardados, mas de sua corrupção moral. Ver "Cristãos no Mundo", em Cl 2.20.

*** 17.17 Santifica-os.** Jesus não pede pelo bem estar temporal de seus discípulos,

mas por sua santificação. Ele deseja, acima de tudo, que eles sejam santos. A verdade é meio pelo qual a santidade é alcançada. O erro e o engano são próprios do mal, e a verdade é básica para a piedade.

a tua palavra é a verdade. Este testemunho se refere imediatamente ao Antigo Testamento, que os discípulos possuíam. Estende-se também ao ensino de Jesus, chamado "palavra" de Deus (v.14), e vem incluir os livros do cânon do Novo Testamento (v.20; Lc 8.11-15,21; 11.28; At 4.31; 6.7; 8.14,25; 1Ts 2.13). Esta é uma poderosa afirmação da autoridade e origem divina das Escrituras. Ver "A Autoridade das Escrituras", 2Tm 3.16.

*** 17.18 Assim como tu me enviaste... também eu os enviei.** Compare 20.21. Jesus é o exemplo supremo para as missões cristãs. Todo verdadeiro cristão é um "missionário" enviado ao mundo para

dar testemunho de Cristo, para alcançar os perdidos onde possam ser encontrados e conduzi-los ao Salvador.

ao mundo. Notar os termos: não "do" mundo (vs.14,16), nem "fora" do mundo (v.15), mas "ao" mundo e "no" mundo (16.33).

*** 17.19 eu me santifico a mim mesmo.** Jesus, sendo absolutamente santo, não

tem necessidade de melhoramento moral (Hb 7.26,27). Como Sumo Sacerdote ele se consagra a si mesmo (Êx 28.41) à sua tarefa sagrada, especialmente a seu supremo sacrifício.

*** 17.20 por aqueles que vierem a crer.** Numa sublime mudança de pensamento, o

Senhor agora abrange, em sua oração, todo o corpo de crentes, mesmo aqueles que

chegariam à fé nas gerações futuras. Todo verdadeiro cristão pode estar certo de ser incluído nesta oração.

*** 17.21 para que o mundo creia que tu me enviaste. Esta oração pela unidade**

não é meramente por uma unidade "espiritual" ou invisível, mas por unidade visível ao mundo, "para que o mundo creia". Ver nota no v. 11.

*** 17.23 sejam aperfeiçoados na unidade.** Há um padrão de unidade que

Pai ao Filho vs. 21-23 vs. 22.24 vs. 23,24,26 vs. 18,23,25 vs. 25

Unidade

Glória

Amor

Missão

Conhecimento

Filho ao crente vs. 21,23,26 vs. 22

vs. 23,26; 13.1 vs. 18

vs. 3,8,25,26

caracteriza o relacionamento entre o Pai e o Filho, e entre o Filho e os cristãos. Ver nota em 14.10.

e os amaste, como também amaste a mim. Esta afirmação traz à luz o amor de Deus, o Pai, pelos redimidos (3.16), às vezes passado por alto por causa da ênfase ao amor de Cristo por eles.

*** 17.24 para que vejam a minha glória.** Jesus não pede prosperidade temporal,

nem para os discípulos nem para a igreja; ao invés disso, ele ora por santidade e unidade sobre a terra e pela reunião de seus santos no céu. Estar com Cristo é o supremo anseio do cristão (Fp 1.23; 1Ts 4.17).

*** 17.26** A oração termina fazendo ressoar, de novo, alguma das notas ouvidas por

toda essa ocasião: unidade, conhecimento, missão e amor. Este é o climax adequado ao ensino de Jesus em todo o Evangelho.

*** 18.1-40** Este capítulo tem três seções: a prisão de Jesus é registrada nos vs.

1-18; o julgamento diante de Anás nos vs. 19-27; e o julgamento diante de Pilatos nos vs. 28-40.

As narrativas dos quatro Evangelhos cobrem os maiores eventos da prisão, julgamento, execução e ressurreição de Jesus. Embora algumas dificuldades surgiam na correlação de detalhes, os principais elementos estão em completa harmonia. Jesus foi preso à noite. Seu julgamento diante das autoridades judaicas teve, pelo menos, duas fases e durante esta parte do julgamento, Pedro negou Jesus três vezes. O julgamento diante de autoridades seculares teve três fases e Jesus foi executado pelos soldados de Pilatos. Ele foi sepultado no túmulo de José de Arimatéia, e no primeiro dia da semana ressurgiu dentre os mortos, e foi visto vivo em várias ocasiões, pelos seus discípulos. Nenhuma dificuldade na correlação de detalhes é insuperável. Em um número de casos, mais do que uma explicação é possível e, na ausência de dados mais completos, é difícil escolher entre eles.

*** 18.1 ribeiro Cedrom.** No vale do Cedrom a leste da cidade.

*** 18.3 a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus. Estes eram,**

provavelmente, os mesmos guardas do templo, referidos em 7.32,45. Eles, obviamente, esperavam resistência à prisão, tanto por parte de Jesus como dos discípulos.

*** 18.4 sabendo... todas as coisas... adiantou-se e perguntou-lhes. Notar aqui e**

nos vs. 7 e 11, que Jesus estava pronto para ser preso e interrogado. Não esboçou nenhuma tentativa de escapar àquilo que viera fazer.

*** 18.5-7 Sou eu.** Aqui pode ser uma simples identificação, mas mesmo assim,

a resposta de Jesus coincide com o nome solene de Deus (EU SOU), usado na tradução grega do Antigo Testamento, em Êx 3.14 (6.35, nota).

* **18.8 deixai ir estes.** Mesmo nesta hora crucial, Jesus estava preocupado com os

seus discípulos (17.12).

* **18.10 Pedro... feriu o servo do sumo sacerdote. Um mau concebido ato de**

resistência. Só João registra que Pedro carregava uma espada e que Malco era o nome do servo; somente Lucas registra que Jesus o curou (Lc 22.51).

* **18.11 Mete a espada na bainha.** A repreensão de Jesus nada tem a ver com a

possibilidade da auto-defesa ou da resistência civil; a questão é que Jesus veio para dar a sua vida em resgate de muitos e ele não devia ser dissuadido desta tarefa (cf. Mt 16.2123).

não beberei... o cálice. Esse "cálice" é o cálice do vinho da ira de Deus (Sl 75.8; Is 51.17; Jr 25.15-17,27-38). O "cálice" que Jesus escolheu beber não é meramente a morte, mas a ira de Deus sobre o pecado (cf. Mt 20.22; Mc 10.38).

* **18.13 Anás.** Um dos mais influentes líderes judeus da época. Ainda que deposto

do ofício de sumo sacerdote pelos romanos, ele era ainda conhecido por este título entre os judeus. É difícil determinar se este versículo e os vs. 19-24 representam uma ou duas fases de um julgamento diante das autoridades judaicas. Mateus, Marcos e Lucas se referem a uma fase adicional diante do Sinédrio. A julgar pela descrição das regras para julgamento encontradas no Mishnah de uns dois séculos depois, os procedimentos aqui foram marcados por sérias irregularidades e violações da lei judaica. O Sinédrio não podia reunir-se à noite; a pena de morte não podia ser declarada no dia do

julgamento; aí foram usadas falsas evidências e falsos testemunhos (Mt 26.59,60). Jesus foi esbofeteado pelos guardas durante o julgamento (v.22; Mc 14.65). Em acréscimo a tudo isto, era ilegal o Sinédrio reunir-se para um processo capital na véspera de um Sábado ou do dia de festa. Estas violações mostram que a condenação de Jesus, pelas autoridades judaicas, foi uma caricatura grotesca de justiça.

* **18.15 e outro discípulo.** Provavelmente este era João, uma vez que dos três mais

chegados a Jesus (Pedro, Tiago e João) ele é o único que não é mencionado pelo nome no Evangelho.

conhecido do sumo sacerdote. Ele foi admitido ao palácio e até mesmo se lhe permitiu convidar um hóspede (v.16).

* **18.17** A narrativa da negação de Pedro é interrompida no Evangelho de João por

uma parte do processo de julgamento (vs. 19-24). Pareceria que houve três ocasiões da negação, ao invés de três declarações diferentes de Pedro. Isto é o que alguém poderia esperar com várias pessoas indo e vindo para aquecer-se junto ao fogo. Pode haver

diferentes modos legítimos de distinguir as ocasiões para demonstrar a figura das três negações preditas por Jesus (13.38). Todos os quatro Evangelhos concordam que a primeira negação foi em resposta a uma pergunta de "uma serva", em outras palavras, de uma pessoa inofensiva, sem grande importância na casa.

Não sou. A negação de Pedro mostra que, quando Jesus suportou o castigo divino contra o pecado, ele o fez sem o conforto ou consolação. A negação de Pedro é predita em Zc 13.6,7. A solidão de Jesus em seu sofrimento é antecipada no Sl 69.20.

* **18.19 Então, o sumo sacerdote interrogou.** Este pode

ter sido Anás ou Caifás na

casa de Anás (v.24). Um acusado não podia ser interrogado até que uma testemunha tivesse, primeiro, estabelecido uma base para fundamentar a culpa. Por esta razão, alguns chamam isto uma audiência, e não um julgamento.

*** 18.22 um dos guardas... deu uma bofetada em Jesus. Isto, obviamente, era**

altamente irregular, especialmente quando o prisioneiro estava amarrado (v.24).

*** 18.26 parente.** Uma pergunta feita por este colocou Pedro em maior perigo do que

as perguntas anteriores, uma vez que o interlocutor podia estar querendo vingar Malco.

*** 18.28 o pretório.** Ver referência lateral. O julgamento romano de Jesus parece ter

tido três fases: levado diante de Pilatos (vs.28-38); levado diante de Herodes (Lc 23.5-12); e levado segunda vez diante de Pilatos (18.39—19.16). João descreve somente a primeira e terceira partes, porém com mais detalhes do que os outros Evangelhos.

não entraram no pretório para não se contaminarem. O pretório romano era um lugar de hostilidade entre os romanos e os judeus, e um lugar imundo para os judeus. Extraordinariamente, é o lugar onde eles colaboraram para levar Jesus à morte. Ver nota sobre caps.13-17.

*** 18.29 Que acusação.** Os judeus não tinham acusação que seria reconhecida num

tribunal romano, não importando se fosse considerada por eles como

uma pena capital.

*** 18.31 Tomai-o vós outros e julgai-o.** Uma resposta lógica. O argumento de

Pilatos é que se eles não estavam querendo especificar as acusações, não deviam esperar que Pilatos conduzisse o julgamento.

A nós não nos é lícito matar ninguém. Esta era uma disposição usual nos países ocupados por Roma, talvez para proteger aqueles que apoiavam Roma. Os judeus nem sempre eram tão obedientes: veja-se a morte de Estêvão (At 7.57-60).

*** 18.32 significando o modo por que havia de morrer. Ver 3.14; 12.32-34. O**

apedrejamento era o método judeu de punição capital. Enforcamento ou crucificação, como implicado nas palavras "for levantado", eram usados pelos romanos. Isto mostra o controle divino sobre todo aquele procedimento jurídico, mesmo que tenha sido marcado por flagrante injustiça.

*** 18.33 rei dos judeus.** Jesus não era o "rei dos judeus" no sentido de promover

sedição contra Roma, como o acusaram os líderes judeus (Lc 23.2), mas era o Rei dos Judeus no sentido Messiânico (12.13; Mt 2.2; Lc 1.32-33; 19.38).

*** 18.36 O meu reino não é deste mundo.** Jesus é um rei, mas não estabelecerá o

seu reino pela força. Isto confundiu grandemente a Pilatos. Ver "O Reino Celestial de Jesus", em At 7.55.

*** 18.37 Tu dizes que sou rei.** A pergunta de Pilatos enseja a maravilhosa resposta

de Jesus cujo reino e missão são fundados na verdade (1.8,14,17; 8.32;14.6).

* **18.38 Que é a verdade.** A verdade não importa para aqueles que, como Pilatos,

são motivados por oportunismo. Do mesmo modo, a verdade não importa para os céticos, que perderam a esperança de conhecê-la.

Eu não acho nele crime algum. Pilatos não encontra crime em Jesus e está relutante em condenar Jesus à morte. Ironicamente, é um governador romano pagão, que tenta soltar Jesus, enquanto "os seus" (1.11) querem matá-lo.

* **18.39 É costume entre vós.** O costume de perdoar um criminoso na Páscoa é

relevante em relação à própria festa, que comemora a ação de Deus em poupar os israelitas da morte.

* **18.40 Barrabás.** O nome significa "filho do pai". Ao invés dele, foi o verdadeiro

Filho do Pai que morreu.

* **19.1 e mandou açoitá-lo.** O açoite Romano era cruel e, às vezes, fatal. O chicote

tinha fragmentos de metal ou de ossos para lacerar a carne.

* **19.5 Eis o homem.** Um modo natural de Pilatos apresentar o acusado, mas

providencialmente uma afirmação significativa. Jesus é o último Adão, que sumariza tudo aquilo que a humanidade poderia e deveria ser.

* **19.6 os principais sacerdotes... gritaram.** Em seu ódio contra Jesus, os

principais sacerdotes tornam-se os líderes da turba.

eu não acho nele crime algum. Pela terceira vez Pilatos proclama a inocência de Jesus (18.38; 19.4; cf. Lc 23.4,14,22).

* **19.7 ele deve morrer.** O apelo é para acusação de blasfêmia, um delito capital na

lei judaica (Lv 24.16).

* **19.9 Mas Jesus não lhe deu resposta.** A submissão de Jesus à prisão e ao

julgamento é a parte de sua entrega de si mesmo como sacrifício.

* **19.11 Nenhuma autoridade terias sobre mim.** Jesus sabe que o plano soberano

de Deus inclui mesmo a impiedade de seus acusadores e a covardia de Pilatos. Ver também as palavras de Pedro (At 2.23) e da igreja primitiva (At 4.28).

* **19.12 não és amigo de César.** "Amigo de César" era um título reconhecido para

os apoiadores políticos do imperador. Os judeus ameaçam Pilatos com a sugestão de que ele será considerado traidor de Roma, se soltasse alguém que se diz rei.

* **19.14 parasceve pascal**. Isto é entendito como sendo a quinta-feira antes da

Páscoa (Mt 27.17, nota). Se é assim, João retrata Jesus como sendo crucificado no mesmo tempo em que o eram os cordeiros pascais (caps. 13-17, nota). Isto parece conflitar com o registro dos três Evangelhos Sinóticos, onde a crucificação de Jesus ocorre na sexta-feira. Provavelmente, a referência aqui é à sexta-feira, como Dia

da Preparação antes do sábado semanal.

Eis aqui o vosso rei. No fim, Pilatos refere-se a Jesus como o "Rei dos Judeus". Pode ser que este tenha sido o último esforço de Pilatos para abrandar os judeus, mas se foi esta a sua intenção, ele fracassou. Mais tarde Pilatos mandou afixar este título na cruz (v.19).

*** 19.15 Não temos rei, senão César.** Eles ignoraram ou não se lembraram de que

Deus era o seu Rei.

*** 19.18 onde o crucificaram.** Ver Mt 27.32-37.

e com ele outros dois. Dois criminosos foram crucificados ao mesmo tempo que Jesus, em cumprimento à profecia (Is 53.12; Lc 22.37). Isto deu a Cristo a oportunidade de mostrar seu poder salvador, alcançando e resgatando um homem à beira da eternidade.

*** 19.19 escrito era.** Os quatro Evangelhos registram a inscrição de Pilatos com

pequenas diferenças, talvez porque a inscrição era em três línguas. A forma de João, com o nome de "Jesus Nazareno" tem um sabor semítico. Era costume afixar uma inscrição, dando a razão para a execução. Ao mesmo tempo, o letreiro de Pilatos era um anúncio público da realeza de Cristo.

*** 19.21-22 Os principais sacerdotes diziam.** Eles consideraram a inscrição

como uma ofensa à sua nação, e Pilatos pode ter pretendido isso mesmo, mas recusou-se a mudar.

*** 19.23 túnica.** Tais túnicas não eram incomuns no mundo antigo. A questão

importante não é o valor da túnica, porém a profunca humilhação de Jesus, de quem tudo foi tirado, quando ele se ofereceu a si mesmo. É também o cumprimento do Sl 22.18.

*** 19.25 E junto à cruz.** Este pode ser o mesmo Cléopas mencionado em Lc 24.18.

A coragem das quatro mulheres é digna de nota. Algumas delas estão presentes novamente no sepultamento de Jesus (Mt 27.61; Mc 15.47) e na ressurreição (20.1-18; Mt 28.1; Mc 16.1).

*** 19.26 Mulher, eis aí teu filho.** "Mulher" não é uma forma grosseira de tratar, em

Aramaico (2.4, nota). Mesmo no meio da morte, na cruz, como o Mediador da Nova Aliança, Jesus cumpre seu dever como Filho de Maria, num esplêndido exemplo de obediência à letra e ao espírito do quinto mandamento. Num momento de intenso sofrimento físico e angústia mental, o Senhor pensou nos outros, como é mostrado nas primeiras declarações da cruz (Lc 23.34,43).

*** 19.28-30 Está consumado.** A pior prova, a de suportar no lugar de seu povo o

juízo de Deus contra o pecado (Mt 27.46; Mc 15.34), parece estar superada.

*** 19.31 não ficassem os corpos na cruz.** Isto, cerimonialmente, contaminaria a

terra (Dt 21.23). Este é um forte exemplo que revela a insensibilidade depravada deles, que reuniam forças para cometer um assassinato e, ao mesmo tempo, estavam cheios de cuidados meticulosos com relação ao cumprimento da lei cerimonial.

a preparação. Ver nota no v. 14.

que se lhes quebrassem as pernas. Respirar era tão difícil a um crucificado, que se as pernas não ajudassem a manter o tronco suspenso, a morte ocorreria rapidamente.

* **19.34 lhe abriu o lado com uma lança.** Este ato prova que Jesus não estava em coma, mas estava morto, como mostram as preparações para o sepultamento (vs.39-40) e a especificação de um determinado túmulo (v.41). Tanto a preservação de seus ossos intactos (v.33) como o ferimento do seu lado cumprem as Escrituras do Antigo Testamento (vs. 36,37; Sl 34.20; Zc 12.10).

sangue e água. João dá ênfase a esta evidência física de que Jesus era realmente um ser humano e que ele estava morto. Tem sido sugerido que a ruptura do coração,

causada pela extrema agonia, é indicada aqui, mas recentes pesquisas médicas têm mostrado que um tal trauma só ocorre quando o coração já está comprometido por doença. Outros vêem um significado simbólico relacionado com 1Jo 5.6-8.

* **19.38 José de Arimatéia.** Um apoiador secreto de Jesus mencionado em todos os quatro Evangelhos em conexão com o sepultamento de Jesus; mas em nenhum outro lugar no Novo Testamento. Ver nota em Lucas 23.50,51.

* **20.1-31** Os quatro Evangelhos têm o registro de vários aparecimentos depois

da ressurreição; junto com At 1.3-8 e 1Co 15.5-8 há o registro de doze aparições: as primeiras seis ocorreram em Jerusalém, quatro na Galiléia, uma no monte das Oliveiras e uma no caminho de Damasco.

* **20.2 Simão Pedro... outro discípulo.** Pedro e João. Ver nota em 13.23.

e não sabemos. O plural indica que algumas mulherem estavam ali, como registrado nos outros Evangelhos. Eram as mesmas mulheres

que estiveram ao pé da cruz, talvez com exceção de Maria, mãe de Jesus, que não é mencionada.

onde o puseram. Nem Maria nem os discípulos esperavam a ressurreição, a despeito daquilo que Jesus lhes tinha dito (cf. v.9).

* **20.5-8 Ele também viu os lençóis.** João deu a primeira olhadela, e viu que

só os panos do sepultamento estavam ali. Pedro e João, então, fizeram um exame mais acurado. Os panos do sepultamento estavam em boa ordem (v.7). Se alguém tivesse violado a sepultura e removido o cadáver, os lençóis de linho não estariam tão bem arranjadas e o lenço (ver referência lateral) do mesmo modo não estaria dobrado.

* **20.9 não tinham compreendido a Escritura.** Mais tarde, como resultado da instrução de Jesus, eles entenderam a ressurreição como um cumprimento necessário das profecias (Lc 24.26,27,44-47; At 2.25-32; 13.35-37). Claramente, os discípulos não esperavam a ressurreição, nem tentaram inventar uma, para encaixar-se na sua própria idéia religiosa. Ver "A Ressurreição de Jesus", em Lc 24.2.

* **20.12 dois anjos vestidos de branco.** Mt 28.2 registra "um anjo"; Mc 16.5 refere

"um jovem"; e Lc 24.4 "dois homens" (chamada "uma visão de anjos", em Lc 24.23). Não há necessariamente contradição, uma vez que os anjos devem ter aparecido em forma humana e um deles pode ter se destacado por ser o que falava. O que Maria viu pode diferir daquilo que as outras mulheres viram, uma vez que ela permaneceu sozinha diante do túmulo, depois que Pedro e João se retiraram.

* **20.14 e viu Jesus em pé.** Mateus revela que Jesus já tinha aparecido uma vez a

um grupo de mulheres, quando iam para Jerusalém, para contar as

novas do túmulo vazio (Mt 28.8-10).

mas não reconheceu que era Jesus. Jesus, com frequência, não era imediatamente reconhecível depois da ressurreição (v.20; 21.4). Em algumas ocasiões, isto pode ter sido devido ao ceticismo ou ao desgosto; em Lucas é às vezes devido a um impedimento sobrenatural (Lc 24.16,31). Além disso, a ressurreição envolve uma mudança na aparência (1Co 15.35-49).

*** 20.16 Rabôni**. A voz de Jesus, chamando Maria, revelou claramente que era ele.

"Rabôni" é uma forma extensa de "Rabi", ocorrendo apenas uma outra vez no Novo Testamento (Mc 10.51).

*** 20.17 Não me detenhas.** Não há impropriedade em tocar um corpo ressurreto; no

v. 17, Jesus diz a Tomé para tocá-lo (ver também Mt 28.9). Jesus lembra a Maria que ele não tinha simplesmente se recuperado, mas tinha ressuscitado. Ela não precisava abraçar Jesus como um ser terreno que tinha sido curado; pelo contrário, ela devia reconhecê-lo como Aquele cuja ressurreição o distingue como Senhor e Cristo. A espécie de relacionamento que tinha sido desfrutada por seus amigos até agora, não pode continuar nos mesmos moldes. Há uma íntima comunhão, sem dúvida, mas não da mesma forma anterior. Não há razão para supor que Jesus ascendeu ao Pai entre seus encontros com Maria e Tomé. Ver "A Ascensão de Jesus", em Lc 24.51.

meus irmãos. Os discípulos de Jesus; a mesma linguagem é usada em Mt 28.10.

meu Pai e vosso Pai... meu Deus e vosso Deus. Jesus distingue com precisão sua filiação única da filiação dos discípulos. O relacionamento de Jesus com a Deidade é diferente da dos humanos redimidos; Ele é o Senhor dos céus (1.18; 3.13,31).

* **20.19 os discípulos.** Provavelmente inclui mais do que os dez apóstolos (doze

menos Judas e Tomé). Em At 1.14, as mulheres, a mãe e os irmãos de Jesus, e, provavelmente, outros (At 1.23) estavam juntos no cenáculo, depois da ascensão de Jesus.

trancadas as portas da casa. A impressão é a de que Jesus ressurreto passou através das portas da casa (também v.26), e não que elas estivessem sido abertas de algum modo (compare At 12.10). Isto mostra a transformação envolvida no corpo ressurreto (1Co 15.35-49).

Paz seja convosco. Palavras de todo dia, porém a mais bem vinda saudação, uma vez que eles podiam estar esperando uma repreensão, por terem abandonado Jesus por ocasião de Sua prisão.

*
20.20 mostrou as mãos e o lado. As marcas de ferimentos indentificariam

Jesus, e provariam também que ele não era um fantasma.

*
20.21 Assim como o Pai me enviou, eu também v envio. Esta é uma breve

afirmação da comissão que Jesus deu aos seus discípulos. Uma declaração mais completa é encontrada em Mt 28.18-20 e em Lc 24.44-53. Jesus é o supremo exemplo de evangelismo e missão. Ver nota teológica "A Missão da Igreja no Mundo", índice.

* **20.22 Recebei o Espírito Santo.** O dom é essencial para a realização da tarefa

dada aos discípulos. A ocasião é uma prefiguração da plenitude do Espírito, que seria dado à igreja no Pentecoste.

*** 20.23 Se de alguns perdoardes os pecados.** Os apóstolos, como fundadores da

igreja e agindo por ela, receberam a autoridade para declarar o juízo de Deus sobre os pecados. Fundamentalmente, a declaração é feita na pregação do Evangelho. Ver "Disciplina Eclesiástica e Excomunhão", em Mt 18.15.

*** 20.28 Senhor meu e Deus meu.** Esta é provavelmente a mais clara e simples

confissão da divindade de Cristo encontrada no Novo Testamento. As duas mais elevadas palavras, "Senhor" (usada na tradução grega do Antigo Testamento para o nome divino "Yahweh"), e "Deus" estão juntas e dirigidas a Jesus, em reconhecimento de sua glória. Jesus aceita este culto sem hesitação. Este é um forte contraste com os anjos que foram erradamente cultuados em Ap 19.10; 22.9.

*** 20.29 Bem-aventurados os que não viram e creram. Conquanto aceitasse a fé**

demonstrada por Tomé, Jesus abençoa aqueles que virão a crer pelo testemunho dos discípulos (17.20; cf. 1Pe 1.8,9). Esta bênção apresenta a razão para o Evangelho ser escrito (vs. 30,31).

*** 20.30 muitos outros sinais.** Nenhum dos Evangelhos procura dar um registro

completo ou estritamente cronológico, tal como ocorre numa biografia moderna (cf. 21.25). Ver "Introdução a Mateus: Dificuldades de Interpretação".

*** 20.31 Estes... foram registrados para que creiais. Esta expressão afirma o**

propósito deste Evangelho. Através dos sinais narrados, o leitor virá à

fé em Jesus, como mais do que um operador de milagres. Ele é o Cristo, a Palavra encarnada, com o Pai e o Espírito, como Deus Triúno. Através da crença, encontramos vida nele, que é a fonte da vida (6.32-58).

* **21.1-25** Este capítulo parece ser um pós-escrito preparado pelo mesmo autor,

como o resto do Evangelho, com a possível exceção dos vs. 24,25.

* **21.3 Vou pescar.** Talvez Pedro, por ter negado o Senhor, pensou que tivesse

perdido o privilégio de ser uma testemunha da ressurreição de Jesus.

e, naquela noite, nada apanharam. Pescar à noite não era incomum. As circunstâncias são uma reminiscência da pesca maravilhosa registrada em Lc 5.4-11 e associada com a chamada de Pedro e outros discípulos.

21.4 os discípulos não reconheceram que era ele. Ver nota em 20.14.

* **21.7 Aquele discípulo a quem Jesus amava.** Ver nota em 13.23. Ele foi rápido

em reconhecer Jesus.

cingiu-se com sua veste. Isto pode parecer estranho para alguém que estava para pular na água. Parece ser um gesto de reverência para com Jesus, diante de quem Pedro não queria aparecer despido.

* **21.14 a terceira vez.** Não o terceiro aparecimento absolutamente, mas a terceira a

um grupo de apóstolos (cf. 20.19-23,24-28).

* **21.15 Simão, filho de João.** Jesus usou este nome no começo de sua solene

declaração, em resposta à confissão de Pedro (Mt 16.17).

amas-me mais do que estes outros. É possível construir esta pergunta de vários modos: "Amas-me mais do que estes outros me amam?" "Amas-me mais do que amas a estes outros?" "Amas-me mais do que amas a esta rede e à pesca?" (cf. v.3, nota). O verbo grego traduzido "amas-me", na pergunta de Jesus muda quando a pergunta é feita pela terceira vez (v.17, referência lateral), e a resposta de Pedro tem este segundo verbo em todas as suas respostas. Alguns têm pensado que há uma diferença intencional no uso destes dois verbos. É possível, mas não necessário, por duas razões: João alterna estes dois verbos em outras partes de seu Evangelho; em segundo lugar, outras diferenças de palavras nesta conversação não parece indicar uma diferença de propósito. Por exemplo: "apascenta os meus cordeiros", "pastoreia as minhas ovelhas", "apascenta as minhas ovelhas", são todas expressões equivalentes.

Apascenta os meus cordeiros. "Apascenta" ou "alimenta". "Minhas ovelhas" e "meus cordeiros" correspondem "à minha Igreja" (10.14; 26,27; Mt 18.18). Quando Pedro escreve a seus companheiros presbíteros (1 Pe 5.1,2), ele os incita a "pastorear o rebanho de Deus, que está entre vós", aparentemente tendo levado a sério as palavras de Jesus.

* **21.17 Pela terceira vez.** Pedro ficou triste, não por causa da mudança de palavras

nesta última pergunta, mas porque Jesus repetiu a mesma pergunta três vezes. Talvez Pedro se tivesse lembrado das três vezes em que negou a Cristo (13.38; 18.27). Se Jesus

pretendeu lembrar ou não aquele episódio, ele estava dando a Pedro uma oportunidade de confessar o seu amor e reafirmar sua vocação

para seguir a Cristo. Com este conhecimento, Pedro chama a Jesus de "Supremo Pastor" (1Pe 5.4).

* **21.19 que gênero de morte.** Uma tradição antiga diz que Pedro foi martirizado

crucificado de cabeça para baixo.

Segue-me. Isto é como a chamada original feita por Jesus a seus apóstolos (Mt 4.19; Lc 5.27; cf. Jo 21.22). Todo este incidente restaura Pedro ao seu lugar como um apóstolo, lugar que a sua negação ameaçou tirar dele.

* **21.20 o discípulo a quem Jesus amava.** Esta adicional referência, combinada

com 13.23-25, deixa pouca dúvida de que este discípulo era João, filho de Zebedeu.

* **21.24 o discípulo que dá testemunho.** Ver v. 20; 13.23 e notas.

e sabemos. Esta é a confirmação de um contemporâneo que estava em condições de conhecer João pessoalmente. Portanto, todo o Evangelho, incluido o cap. 21, foi aceito imediatamente pela igreja primitiva.

* **21.25 nem no mundo inteiro caberiam.** O autor usa hipérbole (exagero), para

acentuar o fato de que os escritores dos Evangelhos tinham de ser seletivos em relação aos fatos e detalhes incluídos em suas narrativas.

Atos

* **1.1 o primeiro livro.** O evangelho de Lucas, conforme mostrado

pela referência a Teófilo (Lc 1.3).

todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar. Um resumo adequado do que Lucas registra no evangelho.

* **1.2 elevado.** Lc 24.50-52 localiza a ascensão perto de Betânia, no lado leste do Jardim das Oliveiras, a leste de Jerusalém.

mandamentos...por intermédio do Espírito Santo. Depois da ressurreição, Jesus comunicou a seus apóstolos a realidade de sua ressurreição (Jo 20.21), a verdade de seu chamado como Messias (Lc 24.44-49), a benção do Espírito Santo (Jo 20.22,23) e a realidade do seu corpo físico ressurreto (Lc 24.37-43).

que escolhera. A referência à escolha original que Jesus fez de seus apóstolos (Lc 6.12-16), um dos quais (Judas) Jesus sabia que se tornaria um traidor.

*
1.3 se apresentou... muitas provas incontestáveis. As

Cristo após a ressurreição (Mt 28; Mc 16; Lc 24; Jo 20; 21; 1Co 15.5-7) foram importantes como uma confirmação inabalável da pessoa e da obra sobrenaturais de Cristo. Era importante que a ressurreição de Jesus fosse vista pelos discípulos (v. 22).

quarenta dias. O tempo desde a ressurreição até a ascensão. Depois que Jesus subiu ao céu, os discípulos ficaram dez dias em Jerusalém esperando pelo derramamento prometido do Espírito Santo que ocorreu no Pentecoste, no qüinquagésimo dia após a Páscoa.

* **1.4 comendo com eles.** Jesus freqüentemente comungava com seus

amigos e discípulos em torno de uma refeição: na alimentação dos cinco mil (Lc 9.16), com publicanos e pecadores (Mc 2.15,16; Lc

5.29), na casa do

fariseu (Lc 7.37), na última ceia (Mt 26.21,26) e depois da ressurreição (Lc 24.42; Jo 21.9-15).

esperassem a promessa do Pai. O Espírito Santo era dom do Pai e dom de Jesus o Filho (Jo 14.1,26; 15.26).

* **1.5 João, na verdade, batizou com água.** João Batista batizou grandes multidões de pessoas (Mt 3.5,6,13-15; Mc 1.5,9; Lc 3.7-16,21). O batismo de arrependimento de João nas águas (Mc 1.4) prenunciava o batismo messiânico com o Espírito Santo e com fogo (Lc 3.16). Ver "O Batismo de Jesus" em Mc 1.9.

não muito depois destes dias. Uns poucos dias se passariam antes do Pentecoste.

* **1.6 será este o tempo em que restaures o reino a Israel.** Na base daquilo que Jesus disse em Mt 19.28, os discípulos pensavam que ele poderia expulsar os romanos e restaurar o reino físico a Israel.

* **1.7 Não vos compete conhecer tempos ou épocas.** Os anos ou datas específicas (que alguns, em todos os tempos, tentam predizer) da Segunda Vinda de Cristo (cf. 1Ts 5.2).

* **1.8 ao descer sobre vós o Espírito Santo.** Jesus quer dizer que o Espírito Santo mostrará o seu controle sobre eles com manifestações visíveis: o soprar de um vento violento, o aparecimento de línguas de fogo, e o falar em línguas estrangeiras (cap. 2).

minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra. O livro de Atos segue esta estratégia. O testemunho de Jerusalém (cap. 2) apresenta, em miniatura, o ministério mundial de Deus: os judeus... de todas as nações (2.5) que ouviram e creram carregaram a mensagem para bem longe. No resto de Atos, o evangelho se

espalha a Jerusalém (3.1-8.1), a Judéia e Samaria, a Antioquia da Síria (8.112.25) e aos confins da terra (13.1-28.31).

*

1.9 foi Jesus elevado às alturas. Ver "A Ascensão

24.51.

* **1.10 dois varões vestidos de branco.** Pessoas descritas como

vestidas de branco são comumente seres sobrenaturais ou glorificados: Jesus Cristo (Mt 17.2; Mc 9.3; Ap 1.14); anjos (Mt 28.3; Mc 16.5; Lc 24.4; Jo 20.12) e santos glorificados (Lc 9.30,31; Ap 3.4,5,18; 4.4; 7.14).

* **1.11 Varões galileus.** Os onze eram da Galiléia; Judas Iscariotes era de Queriote em Judá.

do modo. Jesus retornará no seu corpo ressurreto, vindo sobre as nuvens do céu (Mt 24.30; 26.64; Mc 14.62; 1Ts 4.16,17; Ap 1.7). Ver "A Segunda Vinda de Jesus" em 1Ts 4.16.

* **1.12 do monte chamado Olival.** Uma colina além do Vale de Cedrom, logo a leste da cidade murada de Jerusalém. Os discípulos tinham estado com Jesus no monte perto de Betânia (Lc 24.50).

a jornada de um sábado. A partir da cidade, a distância calculada pelos rabinos como sendo cerca de 1100 metros.

* **1.13 subiram para o cenáculo onde se reuniam.** Provavelmente onde os discípulos tinham estado se escondendo com medo dos judeus. Esta pode ter sido a mesma sala onde eles tinham celebrado a Páscoa e onde Jesus havia instituído a Ceia do Senhor (Mc 14.15), ou uma sala na casa de Maria, a tia de Barnabé (Cl 4.10) onde os cristãos mais tarde se reuniam (12.12). Era provavelmente localizado próximo aos átrios do templo, onde as multidões de judeus visitantes estavam reunidas (2.5-12)

Bartolomeu. Também conhecido como Natanael (Jo 1.45; 21.2).

Tiago, filho de Alfeu. Também conhecido como Tiago o menor (Mc 15.40).

Zelote. Provavelmente referindo-se à antiga participação de Simão no grupo revolucionário dos Zelotes.

Judas, filho de Tiago. Também conhecido como Tadeu (Mt 10.3; Mc 3.18).

* **1.14 perseveraram...em oração.** Jesus estabeleceu um padrão de oração na vida de seus discípulos. Para exemplos de Jesus orando, ver Lc 3.21; 5.16; 6.12; 9.18,28,29; 11.1; 22.32,41; 23.34,46.

com as mulheres. Certas mulheres que tinham seguido Jesus, sustentado sua obra e cuidado dele em sua morte (Mt 27.55,56; 28.1; Mc 15.40,41; Lc 8.2,3; 23.49; 24.1; 24.22).

Maria, mãe de Jesus. Esta é a última referência, no Novo Testamento, à mãe de Jesus.

os irmãos dele. Os meio-irmãos de Jesus, filhos de Maria e José (Mt 13.55; Lc 14.26; Jo 7.3,10).

* **1.15 Naqueles dias.** Os dez dias entre a ascensão e o Pentecoste (2.1).

* **1.16 Irmãos.** Os homens são particularmente mencionados aqui, porque Pedro está falando a respeito de substituir Judas Iscariotes, um dos doze, os quais Jesus havia originalmente escolhido como apóstolos (Mt 10.2-4).

convinha que se cumprisse a Escritura. Os Salmos 69.25 e 109.8, citados no v. 20 são aplicados por Pedro a Judas Iscariotes que, como um inimigo de Deus, tinha sido deposto de seu apostolado. Agora, "seu cargo” tinha que ser preenchido novamente.

o Espírito Santo proferiu... por boca de Davi. O Espírito Santo inspirou Davi a compor estas palavras usando seus talentos poéticos.

* **1.17 teve parte neste ministério.** Em seu plano, Deus permitiu que

Judas, um inimigo do Salvador, servisse por um tempo no ministério dos discípulos.

* **1.18 este homem adquiriu um campo.** Judas indiretamente comprou o

campo quando devolveu aos sacerdotes e anciãos principais que por sua vez compraram um cemitério para estrangeiros chamado "Campo de Sangue".

com o preço. As trinta moedas de prata (Mt 26.15), provavelmente valendo cerca de 120 denários, ou o salário de 120 dias de trabalho (Mt 20.2).

precipitando-se. Mateus registra que Judas "enforcou-se" (Mt 27.5). Aparentemente durante, ou logo depois do enforcamento, seu corpo caiu no chão e foi rompido ou decomposto.

* **1.21 entre nós.** Isto inclui todo o tempo do ministério público de Jesus,

desde seu batismo até sua ascensão.

* **1.23 propuseram dois.** Parece que José e Matias foram escolhidos

dentre um número maior de testemunhas (de acordo com o v.15, cerca de 120 pessoas estavam presentes). Nenhum deles é mencionado em nenhum outro lugar das Escrituras.

* **1.24 Tu... tens escolhido.** Pedro e os discípulos reconheciam

que sua

responsabilidade e escolha humana de um homem para suceder a Judas ocorriam dentro dos limites da soberana vontade de Deus.

* **1.26 os lançaram em sortes.** Sortes são mencionadas no Antigo

Testamento como uma maneira de averiguar a vontade de Deus (Êx 28.30, nota).

apóstolos. Ver nota teológica "Os Apóstolos", índice.

* **2.1 dia de Pentecostes**. Lit., o "Qüinquagésimo Dia" depois do sábado

da semana da Páscoa (Lv 23.4-7, 15-16). O Pentecoste era celebrado no primeiro dia da semana e era uma das três grandes festas anuais de Israel, precedida pela Páscoa (Lv 23.4-8; Nm 28.16-25) e seguida quatro meses mais tarde pela Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-43; Nm 29.12-38; cf. Jo 7.1-44).O Pentecoste é também chamado de "Festa das Semanas" porque era celebrado sete semanas depois da Páscoa (Dt 16.10); de "Festa da Colheita" , porque os primeiros frutos da colheita eram então juntados (Êx 23.16); e de "o dia das primícias" (Nm 28.26).

estavam todos reunidos. Todos os apóstolos (1.16) estavam lá, e provavelmente muitos dos 120 antes mencionados (1.15).

no mesmo lugar. Uma expressão idiomática que significa "juntos".

* **2.2 um som... de um vento impetuoso.** Três sinais (vento, fogo e

pregação inspirada) da presença de Deus foram testemunhados (Êx 3.2; 13.21; 24.17; 40.38; 1Rs 19.11-13). Vento é um símbolo da

presença do Espírito Santo (Ez 37.9,13; Jo 3.8), enquanto o fogo é um símbolo de seu poder purificador e julgador (Mt 3.11,12). As línguas eram vários idiomas falados em todas as partes da região mediterrânea oriental, de Roma à Pérsia.

* **2.4 Todos.** Todos os 120 (1.15). Ver Joel 2.28, que fala do Espírito de

Deus derramado "sobre toda a carne".

cheios do Espírito Santo. Eles estavam sob a direção e influência especiais do Espírito, particularmente evidenciados pelo seu falar em línguas conhecidas ("outras línguas") que não haviam previamente aprendido (ver 10.46; 19.6). Paulo discute o dom espiritual de línguas em 1Co 12-14. A vinda do Espírito é o cumprimento da promessa de Jesus relatada em 1.5,8 e Lc 24.49, mas isto não quer dizer que o Espírito Santo não estivesse presente e atuando com o povo de Deus no Antigo Testamento ("Espírito Santo" aparece em Sl 51.11; Is

63.10,11; "Espírito do Senhor" em Jz 3.10; 1Sm 10.6; Is 11.2). Ver "O Espírito Santo" em Jo 14.26.

o Espírito lhes concedia que falassem. Em toda a vida cristã, nada é realizado à parte de Deus (Ef 2.10; Fp 2.12,13).

* **2.5 judeus, homens piedosos.** Ver 8.2; 22.12; Lc 2.25. Provavelmente a maior parte destes estava visitando Jerusalém para o Pentecoste.

* **2.6,7** A multidão estava maravilhada que galileus de origem rural, com

seus sotaques peculiares, pudessem ter aprendido essas línguas estrangeiras.

* **2.8-11** A lista das pessoas de quinze nações começa com o leste

("partos, medos e elamitas, e os naturais da Mesopotâmia", onde judeus haviam sido levados cativos para a Assíria e Babilônia). A lista prossegue em direção oeste para Judéia, e daí ao norte para a Ásia Menor (Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia e Panfília), daí para o norte da África (Egito, regiões da Líbia nas imediações de Cirene), e então para Roma. Finalmente a lista inclui dois lugares bem separados, Creta e Arábia.

* **2.15 a terceira hora.** Considerando as seis da manhã como a primeira

hora, faz com que esta seja nove da manhã. Era costume jejuar nos dias de festa pelo menos até a quarta hora. Assim, a embriaguez alegada era muito improvável.

* **2.17-21** A citação é do texto do Antigo Testamento Grego de Joel 2.28-32

(3.1-5). O fato de Pedro usar as palavras "nos últimos dias" (cf. Is 2.2; Os 3.5; Mq 4.1; 1Tm 4.1; 2Tm 3.1; 1Pe 1.20; 1Jo 2.18) torna explícito que Joel está se referindo aos últimos tempos prometidos por Deus. Pedro interpreta as palavras de Joel como referentes à nova aliança, em contraste com os dias antigos da velha aliança (Hb 8.7; 9.1).

* **2.22 Jesus o Nazareno.** Este título é usado nos demais lugares por

Lucas (6.14; 10.38; 22.8; 26.9; Lc 18.37; 24.19). No sermão, Pedro enfatiza

estes importantes fatos sobre Jesus: Sua morte (v.23), sua ressurreição corpórea (vs. 24-32), sua exaltação (v. 33), sua coroação (vs. 34-36) e a vitória na sua segunda vinda (v. 35).

aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais.

Embora ter vindo de Nazaré fosse uma pedra de tropeço (cf. Jo 1.46). Através da confirmação de milagres Deus demonstrou amplamente que Jesus era o Messias.

*** 2.23 pelo determinado desígnio e presciência de Deus. Embora**

homens ímpios, tanto judeus como gentios (4.27,28) tivessem, por sua própria vontade, levado Jesus à morte, suas ações estavam dentro da soberana determinação de Deus (cf. 17.26; 2Cr 25.16; Jr 21.10; Dn 11.36). Deus ordenou a morte de seu filho, mas os executores imediatos levam a culpa por crucificarem Jesus (3.17,18; 4.27,28; 13.27). Deus ordena tanto os meios quanto os fins dos acontecimentos humanos sem violar a liberdade e a responsabilidade humanas. Os judeus não puderam passar sua culpa aos romanos; eles tinham pedido aos romanos para crucificarem Jesus.
Pedro ensina que os judeus eram responsáveis (3.15; 4.10; 5.30; 10.39).

crucificando-o. Lucas novamente enfatiza como Jesus morreu (Lc 24.39). Arqueólogos descobriram na Palestina os ossos do calcanhar perfurados, de uma vítima de crucificação, do primeiro século a.C.

*** 2.25 diz Davi.** No Sl 16, Davi está em primeiro lugar falando de sua

própria experiência e sofrimento humano, mas nos versos citados aqui ele está, em última análise, falando sobre Jesus (v.25), o Santo de Deus, cujo corpo não viu corrupção (v.27).

*** 2.33 Exaltado... à destra de Deus.** O plano de Deus foi além da

ressurreição de seu Filho, que deve ser exaltado à posição que ele ocupava com o Pai desde a eternidade (Jo 17. 5).

tendo recebido do Pai... Espírito Santo, derramou. A doutrina da Trindade está implícita: Pedro mostrou como o Pai (vs. 32,33) operava na vida, morte, ressurreição e exaltação de Jesus, seu Filho, e o Espírito Santo produzia o milagre de fazer com que seus servos falassem em línguas.

* **2.36** Nesta declaração culminante, Pedro não somente realça que Jesus

é o Messias de Deus do Antigo Testamento (3.18,20; 4.26; 5.42; Is 11.1; Lc 4.18-21), mas também que ele é o Senhor exaltado (Rm 10.9; Fp 2.9-11) e o Rei vitorioso (1Co 15.24,25; Ap 19.16).

* **2.38 Arrependei-vos, e... seja batizado.** O arrependimento (voltar-se

para Deus com tristeza pelo pecado) e o batismo eram partes importantes da mensagem de João Batista (Mt 3.1; Mc 1.4) e de Jesus (Mt 4.17; 11.20; Lc 13.3,5) e eram centrais na pregação e no ensino da igreja (Mt 28.18,19). Ver "Batismo” em Rm 6.3.

em nome de Jesus Cristo. Um resumo de Mt 28.18,19 (batismo em nome do Pai, Filho e Espírito Santo), mencionando aqui somente o nome de Jesus, uma vez que o sermão de Pedro tinha a ver com Jesus e seu ministério.

para remissão dos... pecados. O batismo é um sinal e um selo da limpeza espiritual que o Espírito efetua através do perdão dos pecados (Tt 3.5).

o dom do Espírito Santo. O dom da habitação interior da pessoa do Espírito Santo, assim como o dom do perdão (Ef 1.7) e da capacitação para o ministério. É significativo que Pedro não fale aqui sobre o recebimento do dom de línguas. Os dons do perdão e da

habitação interior do Espírito Santo são essenciais para produzir o fruto do Espírito na vida dos crentes (Gl 5.22,23), e para exercer os dons que o Espírito escolhe dar em diferentes tempos a diferentes crentes (1Co 12.4-11).

* **2.39** Pedro proclama que a salvação através do Messias de Deus é

prometida aos judeus, a seus filhos e a todos que ainda estão longe (isto é, os

gentios, Ef 2.11-13). Aqui novamente está a mensagem de Atos — o evangelho é para judeus e gentios. Ver "Batismo Infantil" em Gn 17.11.

quantos o Senhor, nosso Deus, chamar. A salvação é baseada na escolha e no chamado de Deus (Jo 6.37; Ef 1.4,5).

* **2.42 na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e**

nas orações. Este é o resumo dos elementos essenciais necessários no discipulado cristão. Eram elementos que os apóstolos haviam aprendido de sua experiência com Jesus: seu ensinamento a respeito de sua pessoa e obra (Mt 16.18,19; Lc 24.46) e sobre a responsabilidade deles como seus seguidores (Mt 5—7), a comunhão de Cristo com seus discípulos (Jo 13), a Ceia do Senhor — o partir do pão (Mt 26.17-30) e sua vida de oração pelos discípulos e com eles (Mt 6.5-13; Lc 11.1-13; Jo 17).

* **2.44 Todos os que creram estavam juntos**. Isto demonstra a unidade

do Espírito, que Paulo mais tarde advoga (Ef 4.3).

* **2.45 Vendiam as suas propriedades.** Unificados no Espírito, os crentes

estavam sintonizados com as necessidades físicas dos outros, e voluntariamente (4.34; 5.4) contribuíam para suprir aquelas necessidades (4.32, "tudo, porém, lhes era comum").

* **2.46 partiam pão de casa em casa.** Isto se refere às refeições diárias

comuns, compartilhadas nos lares.

* **2.47 acrescentava-lhes o Senhor.** A igreja pertence ao Senhor e ele é

aquele que soberanamente constrói sua igreja (Mt 16.18; 1Co 3.9).

* **3.1 ao templo**. Os átrios do templo e, particularmente, a porta chamada

"Formosa" (v.2). Esta porta pode ter sido a "Porta de Nicanor", feita de bronze de Corinto. Sua localização exata é incerta.

* **3.3 iam entrar no templo**. Como judeus, Pedro e João podiam andar através do átrio das mulheres até o átrio de Israel, mas os não-judeus estariam restritos ao átrio dos gentios.

* **3.11 pórtico chamado de Salomão.** Um pórtico construído por Herodes o Grande ao longo do lado leste da plataforma do templo. Jesus ensinou aqui certa ocasião (Jo 10.22).

* **3.13 O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.** O apelo aos patriarcas era importante nos sermões dos servos de Cristo (7.32; 13.17).

* **3.14 negastes o Santo e o Justo.** A frase "o Santo", referindo-se a Deus, aparece várias vezes no Antigo Testamento. A frase "o Santo de Israel" ocorre em Is 1.4 e 5.24 (cf. Lc 1.35). Isaías também fala de Deus como "o Justo" (Is 24.16; cf At 7.52; 22.14). Ao aplicar esta descrição a Jesus, Pedro indica a deidade de Cristo.

* **3.18 dantes anunciara por boca de todos os profetas. Ver Lc**

24.26,27,44-47. Pedro poderia também ter citado passagens como Dt 18.15 (citada no v.22); Is 53; Sl 2; 16.8-11; 22 (cf 1Pe 1.10,11).

* **3.19 Arrependei-vos... convertei-vos.** O sermão de Pedro ilustra os dois lados do arrependimento isto é, desviar-se do pecado com tristeza e voltar-se para Deus em fé. O chama-do ao arrependimento e à fé é um elemento necessário da pregação apostólica (2.38; 17.30; 20.21).

cancelados... pecados. Na ordem do evangelho, arrependimento e fé recebem de Deus perdão e remoção de pecados.

* **3.20 tempos de refrigério.** A frase, como "a restauração de todas as coisas" (v.21) parece se referir à segunda vinda do Messias.

* **3.25 dizendo a Abraão: Na tua descendência.** Como um clímax, Pedro se refere a outro patriarca e profeta, Abraão, através de quem Deus enviou "a

descendência" de Abraão, o Messias (Gl 3.16) para abençoar todos os povos sobre a terra. Como membros da posteridade de Abraão, todos aqueles que pertencem a Cristo são chamados também de "descendência de Abraão" (Rm 4.16; Gl 3.29).

* **4.1 os sacerdotes.** Diversos sacerdotes, servindo a sua parte

determinada dos serviços semanais do templo (Lc 1.8,23) estavam perto das colunas de Salomão e podiam ouvir as declarações de Pedro sobre Jesus o Messias. Alarmados com o que era considerado perigoso pregar contra a autoridade judaica, eles provavelmente alertaram o capitão da guarda do templo. Este capitão era o comandante da força policial do templo e um membro de uma das mais importantes famílias sacerdotais. Os sacerdotes também alertaram os saduceus, que tinham posições proeminentes no Sinédrio, o concílio judaico.

*** 4.2 anunciarem, em Jesus, a ressurreição dentre os mortos. Os**

saduceus estavam aflitos porque os apóstolos estavam ensinando o povo acerca da ressurreição (1Co 15.12-20). Os saduceus, diferentemente dos fariseus, não criam na ressurreição do corpo (23.6-8).

*** 4.3 recolhendo-os ao cárcere... pois já era tarde. Esta atitude era**

necessária porque os sacrifícios do templo haviam sido concluídos e as portas do templo estavam fechadas; atitudes oficiais teriam que ser tomadas pelo Sinédrio no dia seguinte.

*** 4.4** A despeito da perseguição, a igreja cresceu de três mil no dia de

Pentecoste para cinco mil. A ênfase aqui é nos homens, porque naquele tempo os homens teriam se juntado por si próprios para ouvir a mensagem, e as mulheres teriam estado no átrio das mulheres (cf. Jo 6.10). Em Israel hoje homens e mulheres ficam separados na sua adoração no Muro das Lamentações.

*** 4.5 autoridades, os anciãos e os escribas.** Estes grupos constituíam o

conselho religioso judaico, o Sinédrio. Lc 22.66 descreve o corpo de principais

sacerdotes e escribas como "a assembléia". Este corpo incluiria o sumo sacerdote, membros de sua família (v.6), saduceus e fariseus (Mt 27.62), tais como Nicodemos (que é chamado de um dos principais dos judeus e "mestre em Israel", Jo 3.1,10) e Gamaliel (5.34; 22.3).

* **4.6** Os homens listados neste versículo constituíam o que poderia ser chamado de comitê executivo do conselho. Anás, o sogro de Caifás, que era o sumo sacerdote oficial (Jo 18.13) é aqui chamado de sumo sacerdote. Ele era o poder atrás do cargo e provavelmente ainda considerado como sumo sacerdote por muitos judeus, uma vez que o cargo era vitalício. Os romanos tinham deposto Anás em 15 d.C. João é possivelmente Jônatas, filho de Anás, que foi apontado como sumo sacerdote em 36 d.C., ou Jônatas ben Zaccai, que se tornou presidente da grande sinagoga depois da queda de Jerusalém. Nada é sabido de Alexandre.

* **4.7 em nome de quem.** A resposta é dada no v.10: "em nome de Jesus

Cristo, o Nazareno". Há freqüente ênfase no nome de Jesus, ou no nome do Senhor (destacando a pessoa e a obra do Senhor) em Atos (2.21,38; 3.16; 4.10,12; 8.16; 9.15,28; 15.26; 16.18).

* **4.8 cheio do Espírito Santo.** Ver 2.4; Ef 5.18.

* **4.11 pedra... rejeitada... pedra angular**. Em Atos, a defesa do

evangelho freqüentemente inclui referência ao cumprimento das profecias do Antigo Testamento; aqui o Sl 118.22 é citado (também em Mt 21.42; 1Pe 2.7; cf Rm 9.33).

* **4.12 nenhum outro nome.** Assim como o nome de Jesus tinha sido a única esperança para a cura física do homem coxo de nascença, assim também o nome de Jesus é a única esperança para a cura espiritual da humanidade. Esta exclusiva e total confiança em Jesus para a salvação é o ensinamento claro tanto de Jesus como do Novo Testamento em geral (Jo 14.6; 1Tm 2.5). Ver nota teológica "Salvação", índice.

* **4.13 incultos.** A coragem e o pronto testemunho de Pedro e João são

cumprimento da promessa de Cristo aos discípulos em Mt 10.19,20. A coragem e o conhecimento dos iletrados pescadores galileus deixaram atônito o Sinédrio. Notando que estes homens "tinham estado com Jesus", o conselho sem dúvida lembrou-se de como Jesus também, embora sem treinamento formal, os tinha surpreendido com seus ensinamentos (Lc 2.46,47; Jo 7.15).

*** 4.19 ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus. O dever da**

adoração e do testemunho religiosos antecede os direitos do Estado, e o dever de uma consciência cristã perante Deus em proclamar o evangelho é superior aos direitos do Sinédrio. O Estado é um servo, ordenado por Deus para manter a paz e a ordem (Rm 13.1-7). Ver "Os Cristãos e o Governo Civil" em Rm 13.1.

*** 4.24 levantaram a voz a Deus.** Esta atividade era um resultado natural

do treinamento dos apóstolos com Jesus e dos hábitos que eles haviam formado (2.42).

Tu, soberano Senhor. Um termo usado para expressar o total poder criativo e controle do Senhor sobre sua criação física e sobre os negócios da humanidade (cf. vs. 25.26; Jr 10.12).

*** 4.25 por boca de Davi... teu servo.** Um resumo sucinto de inspiração

verbal. Os autores das Escrituras falaram e escreveram sob a direção do Espírito (2Pe 1.21).

*** 4.27 Herodes e Pôncio Pilatos... gentios... gente de Israel. Os crentes**

entenderam corretamente que tanto judeus como gentios eram responsáveis pela crucificação de Jesus. Estes eram Herodes

Antipas, que era o filho de Herodes o Grande e tetrarca (isto é, autoridade subordinada aos romanos) da Galiléia e Peréia (Lc 3.1; 23.6,7) e Pôncio Pilatos, que foi procurador romano (governador) da Palestina de 26 a 36 d.C. (Lc 3.1; 23.1-24). Os principais sacerdotes e anciãos persuadiram o povo a rejeitar Jesus e pedir por Barrabás (Mt 27.20-26).

* **4.28 tua mão e o teu propósito**. Uma afirmação clara de que nada,

nem mesmo a morte injusta do Filho de Deus, acontece à parte da vontade e do controle soberanos de Deus. A certeza do plano de Deus para o mundo é estabelecida pelo seu soberano "propósito" e assegurado pela sua "mão" todo-poderosa. Os primeiros capítulos de Atos ensinam a compatibilidade entre a soberania divina e a responsabilidade humana. Embora os assassinos de Jesus tenham agido de acordo com o que Deus havia determinado, eles eram agentes moralmente responsáveis e eram considerados aqueles que deveriam prestar contas (3.15).

* **4.29** Esta oração da comunidade crente ilustra a maneira pela qual a

igreja devia ser fortalecida e encorajada pela soberania de Deus. Em face da ameaça de violência física, a igreja afirmava o controle de Deus sobre a situação (v.28) e, encorajada por isto, pedia maior ousadia.

Senhor. A palavra grega para Senhor é kyrios, usada na Septuaginta (O Antigo Testamento grego) para traduzir o nome divino Yahweh. É usada no Novo Testamento para referir-se tanto a Deus como a Jesus especificamente (2.36; 7.31).

* **4.32-35**. Por serem os crentes de "um coração" (v.32), eles estavam conscientes dos necessitados na igreja e conseqüentemente ajudavam vendendo terras e doando o valor para os apóstolos, visando aquelas necessidades. Este ato cristão de contribuir era

proporcional à real necessidade. Era voluntário, não obrigatório (5.4).

*** 4.33 da ressurreição do Senhor Jesus Cristo. A comprovação**

suprema da salvação completada em Jesus Cristo foi sua ressurreição dentre os mortos. Os apóstolos, como testemunhas principais, tiveram que testificar sobre esse acontecimento redentivo (1.22).

graça. Graça em testemunhar e viver.

*****
4.36 José, a quem... deram o sobrenome de Barna No

Antigo Testamento, os levitas não tinham terra herdada, como as outras tribos, embora lhes coubessem cidades por sorteio (Js 21). Contudo, já nos tempos do Novo Testamento, um levita como José Barnabé pode bem ter podido possuir terras. Isto provavelmente seria o caso num país fora da Palestina, tal como Chipre. Por outro lado, a terra possuída pode ter pertencido a sua esposa. A introdução de Barnabé aqui coloca fundamentos para referência posterior à significativa influência deste destacado crente na vida das igrejas judias e gentias e na vida de Paulo.

*** 4.37 como tivesse um campo, vendendo-o.** Como "filho da exortação”

(v.36), Barnabé apresentou um bom exemplo de um cristão que contribuía para as necessidades de outros (em contraste com o exemplo egoísta de Ananias e Safira, 5.1-11). Barnabé também intercedeu por Paulo (9.27), encorajou a igreja em Antioquia na Síria (11.22), liderou um trabalho missionário no exterior (13.23) e continuou no trabalho missionário a despeito de um desentendimento com Paulo (15.37-39).

* **5.2 reteve parte do preço.** Ananias e sua mulher Safira tinham o direito

de reter todo o produto da venda de sua terra, uma vez que a terra e o dinheiro eram deles (v.4). O testemunho de toda a igreja estava em risco por causa dos pecados de uns poucos (cf. Lv 10.1,2; Nm 16.23-35; Js 7.19-25; 2Sm 6.1-7).

*
5.3 encheu Satanás teu coração. Outro exemplo da

Satanás é vista na vida de Pedro (Mc 8.33). Mais tarde, Pedro alertou os cristãos contra a potencial influência de Satanás sobre eles (1 Pe 5.8).

mentisses ao Espírito Santo. No v. 4 Pedro diz a Ananias que ele tinha mentido a Deus. As palavras de Pedro indicam que o Espírito Santo é Deus (v.9).

* **5.11 toda a igreja.** Esta é a primeira de mais de vinte ocorrências em

Atos da palavra grega ekklesia, usualmente traduzida por "igreja". Estêvão usa

esta palavra para o que seria no Antigo Testamento a "congregação" do povo (7.38). Na Septuaginta (o Antigo Testamento grego) a assembléia do povo de Deus que pratica a adoração é freqüentemente designada por esta palavra. Na Grécia antiga, a ekklesia era a "assembléia" política dos cidadãos (19.32). O Novo Testamento usa a palavra inicialmente para se referir a um corpo organizado de crentes (8.1; 11.22; 13.1).

* **5.13 dos restantes, ninguém ousava ajuntar-se a eles**. Nenhum dos crentes insinceros e superficiais ousava se identificar com a igreja. Os padrões de moralidade eram altos.

* **5.14 crentes, tanto homens como mulheres.** Crentes apresentavam-se e juntavam-se à igreja. Lucas menciona mulheres freqüentemente no Evangelho (Lc 7.28; 8.2,3; 17.35; 23.27,29,49,55) e em Atos (1.14; 8.3,12; 9.2,36; 13.50; 16.1,13,14; 17.4,12,34; 18.2; 21.5).

* **5.15 Pedro... sua sombra.** Assim como quando o poder curador de Jesus fluiu de suas vestes ao toque da mulher que havia estado sujeita ao fluxo de sangue (Mc 5.27,28), aqui Deus permite que a sombra de Pedro efetue uma cura, assim com ele fez também através de panos e aventais que Paulo tinha usado (19.11, 12).

* **5.21 o Sinédrio.** O grande concilio religioso em Jerusalém, composto de cerca de setenta homens. Ele incluía saduceus, fariseus, e seus associados. Sob os romanos, o Sinédrio tinha larga autoridade na Palestina. De acordo com antiga tradição judaica, os membros sentavam-se em semicírculo, com dois empregados e três fileiras de estudantes na frente.

* **5.28 lançar sobre nós o sangue desse homem.** Em 2.23; 3.15,16 e 4.10,11, Pedro e seus companheiros culparam os membros do Sinédrio pela morte de Jesus. O povo tinha ouvido esta acusação.

* **5.31 Deus... com a sua destra, o exaltou**. Esta declaração seria entendida pelo Sinédrio como uma referência à ressurreição. Tal exaltação por Deus faria este Jesus ressurreto igual a Deus (cf. Jo 5.18; 10.33).

* **5.34 Gamaliel.** Um dos mais famosos rabinos de seu tempo, Gamaliel, foi professor de Paulo (22.3) e provavelmente um neto do rabino Hilel, o líder de uma das duas grandes escolas de interpretação legal judáica. Em contraste com a escola de Samai, Gamaliel e a escola de Hilel eram conhecidos por sua indulgente interpretação da lei (Mt 19.3 e nota).

* **5.37 Judas, o galileu.** O historiador judeu Josefo *(Guerras dos Judeus* 20.118) fala de um certo galileu que despertou uma revolta

porque ele resistia à subserviência e ao pagamento de impostos aos romanos. A revolta falhou mas pode ter assentado a base para o partido dos zelotes. O apóstolo Simão o Zelote (1.13; Mt 10.4 e nota) pode ter sido anteriormente um membro deste grupo.

dias do rescenseamento. Não é o censo de Lucas 2.1, que foi ordenado pelo imperador Augusto cerca de 8 a.C. (mas foi atrasado até 5 ou 6 a.C.), mas o censo feito catorze anos mais tarde, em 6 d.C., no tempo do procurador Copônio.

* **5.40 açoitaram-nos.** Os apóstolos receberam a tradicional "quarentena de açoites menos um” (2Co 11.24).

* **6.1 viúvas... estavam sendo esquecidas**. O Antigo Testamento requeria cuidado pelos pobres e nescessitados (Sl 9.18, nota). Esta solicitude é vista na ação social que acontece em 2.44,45; 4.34-37. Aqui o velho problema da discriminação tinha emergido: as viúvas dos judeus gregos (ou de fala grega) eram consideradas forasteiras pelos judeus nativos e assim não estavam recebendo sua porção na distribuição de alimentos, provavelmente derivada em parte da generosa doação de 4.34-37.

* **6.2 os doze**. Os doze apóstolos incluindo Matias (1.26). Esta é uma

mudança de "os onze” (1.26; 2.14; Lc 24.9,33).

discípulos. A primeira das várias vezes em que os crentes são chamados "discípulos” em Atos (p.ex., v.7; 9.1; 11.26; 13.52) Paulo não usa este termo para identificar cristãos.

a palavra de Deus. Nesta organização inicial da igreja do Novo Testamento, dois ministérios estão listados: o ministério da palavra e oração (v.4); e o ministério de satisfazer as necessidades físicas do povo, tal como servir a mesa. O verbo grego é diakoneo ("servir”), do qual deriva a palavra "diácono”. Em 6.1 o respectivo substantivo é traduzido por "distribuição”, e no v.4 por "o ministério”. O ofício de

diácono, que pode ter tido seu começo aqui, é descrito em 1Tm 3.8-13.

* **6.3 irmãos, escolhei... sete homens.** Os membros da igreja elegeram

os sete, e os apóstolos puseram-nos a parte (ordenaram) pela oração e pela imposição de mãos (v.6).

cheios do Espírito e de sabedoria. Os dois requisitos para um ministério de serviço, em todos os tempos, são obediência ao Espírito e ação guiada pela sabedoria.

* **6.5 Estêvão... Nicolau.** Todos os sete homens tinham nomes gregos,

que pode indicar o fato de serem eles judeus da dispersão, embora muitos judeus palestinos também tivessem nomes gregos. Atributos são citados para o primeiro e o último dos sete: para Estêvão ("cheio de fé e do Espírito Santo") que aparece em 6.8—7.60, e para Nicolau, "prosélito de Antioquia". Antioquia logo tornou-se um centro de atividade missionária. O ministério posterior de Filipe em Samaria e com o eunuco etíope estão descritos no cap. 8.

* **6.8 Estêvão... fazia prodígios e grandes sinais**. Filipe, outro dos sete,

também fez milagres mais tarde, assim como os apóstolos que os haviam ordenado (8.6).

* **6.9 sinagoga... dos Libertos**. Composta de judeus libertos da escravidão, que neste caso eram de Cirene, uma cidade bem conhecida do norte da África.

Cilícia. Uma província romana da parte sudeste da Ásia Menor sendo Tarso (9.11,30; 11.25), cidade natal de Paulo, uma de suas cidades principais.

Ásia. A província romana na parte oeste da Turquia atual.

* **6.11 blasfêmias contra Moisés e contra Deus.** Embora à luz do evangelho ele possa ter começado a expressar preocupação a respeito da observância vazia dos detalhes técnicos da lei, Estêvão só dizia, como está evidente no cap. 7, que Moisés, como Jesus, e como o próprio Estêvão, foi rejeitado pelo povo (7.35,39). Isto não poderia ser tomado como blasfêmia contra Moisés e Deus.

* **6.13 contra o lugar santo e contra a lei.** Estêvão não falou contra o templo, mas somente declarou que Deus não estava confinado a um templo terreno, uma vez que o céu era seu lar e seu trono (7.48-50). Estêvão, na realidade, sustentava a lei mosaica e o seu ensino, especialmente naquilo que apontava para o Cristo vindouro (7.37,38).

* **6.14 Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar.** A liderança judaica tinha ouvido a mal interpretada citação de Jesus em Jo 2.19, mas não há evidência de que Estêvão a tivesse conhecido ou usado.

* **7.2 O Deus da glória.** Este título relembra a divina glória que Deus

mostrou a seu povo no tempo de Moisés: a coluna de nuvem (Êx 14.19; 16.10; Sl 105.39), a coluna de fogo (Êx 14.24), a glória do Senhor no monte (Êx 24.15-18; 2Co 3.7), e a glória sobre o tabernáculo (Êx 40.34,35; cf. Jo 1.14).

* **7.4 da terra dos caldeus**. Babilônia, na Mesopotâmia setentrional (moderno Iraque).

* **7.6 quatrocentos anos.** Êx 12.40 traz "quatrocentos e trinta anos", mas Estêvão está falando em números redondos, e pode ter estado seguindo o texto de Gn 15.13 que traz "quatrocentos anos".

* **7.8 aliança da circuncisão.** Deus estabeleceu esta aliança com Abraão. Ele era o pai de todo Israel, mas viveu séculos antes da

vinda de Moisés. Moisés instituiu os costumes que os adversários de Estêvão tentavam proteger.

* **7.14 setenta e cinco pessoas.** O texto hebraico de Êx 1.5 traz "setenta". Mas a tradução grega do Antigo Testamento, em que este sermão está basicamente seguindo, e os fragmentos de Êxodo encontrados entre os manuscritos do Mar Morto diz "setenta e cinco". A explicação dos setenta e cinco deve ser encontrada nos cinco descendentes adicionais de José incluídos na tradução grega de Gn 46.20, onde dois filhos de Manassés, dois filhos de Efraim, e um neto de Efraim estão incluídos.

* **7.16 Siquém... no sepulcro que Abraão ali comprara.** Estêvão condensou os eventos relativos às compras dos sepulcros dos patriarcas. Jacó foi enterrado na caverna de Macpela em Hebrom (Gn 50.13); e de acordo com Josefo *(Antigüidades* 2.199) os irmãos de José foram enterrados em Hebrom. Os ossos de José, contudo, foram colocados na terra que Jacó havia comprado dos filhos de Emor (Gn 33.19; 50.25; Êx 13.19; Js 24.32). Os ouvintes de Estêvão sabiam que Jacó e seus filhos haviam sido enterrados em dois lugares diferentes (Hebrom e Siquem). A narrativa aqui é altamente condensada.

* **7.22 Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios.** Êx 2.10 declara que quando Moisés cresceu, a ama (mãe de Moisés) levou-o para a filha de Faraó e ele "tornou-se seu filho", entendendo-se que na casa real lhe seria dada uma completa educação egípcia. Dois estudiosos do primeiro século, o historiador Josefo e o filósofo Filo, contam do extensivo aprendizado de Moisés.

* **7.38 na congregação no deserto.** "Congregação" traduz a palavra grega *ekklesia* ("igreja", ver 5.11 nota).

o anjo que lhe falava no monte Sinai. Embora Moisés tenha recebido a lei de Deus no Monte Sinai (Êx 20.1,21), os anjos tiveram alguma parte na sua instituição (v. 53; Dt 33.2; Gl 3.19; Hb 2.2). A

respeito do Anjo do Senhor, ver nota em Gn 16.7 e Jz 2.1.

* **7.44 O tabernáculo do Testemunho.** O tabernáculo do Antigo

Testamento continha a arca da aliança e as tábuas dos Dez Mandamentos, que eram chamadas de "o Testemunho". Mais adiante, representando a presença de Deus e seu poder vivificante estava a mesa dos pães consagrados (Êx 37.10-16; Hb 9.2), o candelabro de sete hastes (Êx 37.17-23; cf. Jo 8.12; Ap 1.12-18), e o altar de incenso (Êx 37.25-29), que simbolizavam as orações do povo de Deus subindo para o onipresente Deus (Sl 141.2; Ap 8.3,4).

* **7.51 Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvidos.**

Eles não ouviriam com o coração, e não obedeceriam ao Senhor e nem às Escrituras que Estêvão havia citado. Estas metáforas são figuras do Antigo Testamento que significam teimosia e falta de regeneração espiritual (Êx 32.9; 33.3,5; Dt 9.6; 10.16; 30.6; Jr 4.4).

* **7.52 do Justo.** Um título usado para o Senhor Todo Poderoso (Is 24.16)

e para Jesus Cristo (22.14; 1Jo 2.1).

* **7.55 a glória de Deus.** O brilho da presença de Deus (Ap 15.8;

21.11,23).

que estava à sua direita. Normalmente diz-se que Jesus está assentado à direita de Deus, porque sua obra estava terminada (Rm 8.34; Cl 3.1; Hb 10.12), mas aqui ele está em pé para receber Estêvão ou para defendê-lo. Nesta cena o Filho do Homem é ao mesmo tempo Juiz e Advogado. Ver nota teológica "O Reino Celestial de Jesus", índice.

* **7.56 Eis que vejo... o Filho do homem.** A visão que Estêvão

teve do

Filho do Homem no céu deve ter recordado vividamente o Sinédrio que, quando eles perguntaram a Jesus, "És tu o Cristo?", ele respondeu "Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso, e vindo com as nuvens do céu" (Mc 14.61,62). Estêvão viu o mesmo Jesus sentado no céu à mão direita de Deus, comprovando a verdade do que ele estava dizendo, e condenando o Sinédrio.

* **7.58 um jovem chamado Saulo.** Saulo, mais tarde chamado Paulo, era

um fariseu, associado com o Sinédrio (Fp 3.5). Provavelmente ele foi um instigador do julgamento de Estêvão (8.3; 9.1,2). Neste ponto Lucas introduz Saulo, a segunda grande figura deste livro.

* **7.60 não lhes imputes este pecado**. Comparar com a declaração de

Jesus em Lc 23.34.

* **8.3 Saulo, porém, assolava a igreja.** O verbo grego é enfático, e

significa não somente perseguição, mas um esforço para destruir a igreja.

* **8.4 dispersos... pregando a palavra.** Através da perseguição, a

mensagem foi espalhada mais longe e mais rapidamente (11.19). Como disse Tertuliano, "o sangue dos cristãos é a semente da igreja".

* **8.9 Simão.** Simão, o mago, é freqüentemente mencionado em antigos

escritos fora da Bíblia como sendo o arquinimigo da igreja e um dos

líderes da heresia gnóstica. O gnosticismo (nome que vem da palavra grega *gnosis,que* significa "conhecimento"), ensinava que uma pessoa ganhava a salvação não pelo mérito da morte de Jesus pelos pecadores, mas por conhecimento especial a respeito de Deus. Justino o Mártir (morto cerca de 165 d.C.), ele próprio um samaritano, diz que quase todos os samaritanos consideravam Simão o supremo deus (o "Grande Poder", v.10). Irineu (morto cerca de 180 d.C.), que escreveu extensivamente sobre os gnósticos, considera Simão como uma das fontes dessas heresias. Embora o Simão do v. 9 possa ter sido outro Simão, os pais da igreja igualam os dois, e o contexto de 8.9-11 (seu caráter e

a atitude dos samaritanos a respeito dele) certamente indicam os dois como a mesma pessoa.

* **8.15 recebessem o Espírito Santo.** Os crentes samaritanos, até este ponto, não haviam recebido a evidência da dinâmica presença interior do Espírito Santo, embora, como crentes, o Espírito Santo estivesse habitando neles (Rm 8.9). Não nos é dito qual a evidência que o Espírito concedia.

* **8.22,23.** Pelas suas palavras e ações, Simão comprovou que não cria

em Cristo. Ele ainda estava "em fel de amargura" (cf. Dt. 29.18; Hb 12.15) e "laço de iniqüidade'' (ver Rm 6.16; 8.8). Uma profissão de fé sem arrependimento é inválida.

* **8.27 eunuco.** A palavra refere-se ou a um oficial emasculado, pertencente à corte real, ou a um alto oficial do governo. A Etiópia bíblica (ou Cuxe) é a remota área sul do Egito, incluindo partes da moderna Eritréia, Etiópia e Sudão.

Candace. O título da rainha-mãe, que governava em lugar de seu filho. Acreditava-se que ele era sagrado demais para ser envolvido em negócios seculares.

* **8.28 lendo... Isaías.** Se o etíope estivesse lendo a passagem sobre a misericórdia do Senhor para com os eunucos (Is 56.3-5; cf. Dt 23.1), teria sido natural para ele ler também Is 53 (v. 35, nota).

* **8.30 ouviu-o.** Nos tempos antigos, as pessoas normalmente liam em voz alta.

* **8.35 anunciou-lhe a Jesus.** Filipe começou de Is 53 e identificou o servo na passagem como o Servo Sofredor, Jesus. Lucas dá a entender que ele continuou em outras passagens do Antigo Testamento, para identificar Jesus como o Messias.

* **8.40 Azoto.** É a Asdode do Antigo Testamento (1Sm 5.1), uma das cinco cidades filistéias, cerca de 32 km ao norte de Gaza e 96 km ao sul de Cesaréia, na costa. Filipe pregava o evangelho em todas as cidades ao longo da costa, até chegar a Cesaréia, uma grande cidade que Herodes o Grande tinha reconstruído (perto da torre de Estratão). Tinha um excelente porto que Herodes expandiu para importante tráfego marítimo (21.8), e servia como quartel general para os procuradores romanos tais como Pilatos, Félix (23.3324.4) e Festo (25.6). Filipe deve ter se radicado em Cesaréia, porque anos depois ele ainda residia lá (21.8).

* **9.1 Saulo.** Saulo foi apresentado em 7.58 e é o principal personagem de 9.1-31. Um terceiro breve vislumbre de Saulo é encontrado novamente em 11.25-30, antes que Saulo, que logo mais seria chamado de Paulo, se tornasse o principal personagem nos cap.13-28.

respirando ainda ameaças. Embora tivesse ajudado a eliminar Estêvão, Saulo continuava a perseguir a heresia cristã.

* **9.2 Caminho.** Outros nomes usados em Atos para os cristãos primitivos são: "cristãos” (usado somente em 11.26; 26.28; 1Pe 4.16), "discípulos” (vs.10, 19), "santos” (v.13), "todos os que invocam o teu nome” (v. 14) e "irmãos” (v. 30). "O Caminho” identifica a causa cristã como composta dos seguidores de Jesus, que é "o caminho” (Jo

14.6). É usada várias vezes em Atos (19.9,23; 22.4; 24.14,22).

* **9.3 uma luz do céu.** Uma luz sobrenatural mais brilhante que o sol (26.13) chamou sua atenção.

* **9.4 Saulo, Saulo.** A repetição significa um trato íntimo e pessoal (cf. Gn 22.11; 46.2; Êx 3.4; 1Sm 3.10; Lc 10.41; 22.31).

me persegues. Perseguir os discípulos de Jesus era perseguir Jesus (Mt 5.1012; Jo 15.19,20).

* **9.7 seus companheiros... ouvindo a voz**. Em 22.9 Paulo diz que eles "não perceberam o sentido da voz"; a palavra grega pode significar "som" ou "voz". Os companheiros de Saulo ouviram um som mas não podiam entender o que estava sendo dito.

* **9.15 instrumento escolhido... perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel**. Paulo considerava-se um apóstolo para os gentios (Rm 1.13-14) assim como Pedro o era para os judeus (Gl 2.8), mas Paulo pregava muitas vezes para os judeus, particularmente em suas sinagogas (v. 20; Rm 1.16; 1Co 9.20).

* **9.17 Jesus que te apareceu.** Saulo não tinha tido um sonho ou uma visão, mas tinha visto o Senhor (cf. Is 6.1,5).

fiques cheio do Espírito Santo. Cf. 2.38. Nada é dito a respeito de quaisquer dons sobrenaturais, mas a ênfase recai sobre a poderosa pregação, a respeito de Jesus como o Filho de Deus (v.20).

* **9.18 como que umas escamas.** Lucas freqüentemente chama atenção para as enfermidades físicas (13.11; 28.3-8). Ver introdução: Autor.

* **9.26 Tendo chegado a Jerusalém.** De acordo com Gl 1.18,19, Paulo viu somente Pedro e Tiago o irmão do Senhor em Jerusalém. Os outros podem ter tido medo de encontrar-se com ele, ou estavam pregando o evangelho em outras áreas.

* **9.35 Sarona**. As notícias a respeito da cura do paralítico tiveram dramáticos efeitos; chegaram até a planície de Sarona, que se estende ao norte de Jope em direção à costa, por 72 km.

* **9.36 Jope.** Um antigo porto de mar (atualmente Jaffa, ao sul de Tel Aviv), cerca de 60 km a noroeste de Jerusalém, o porto do qual Jonas zarpou (Jn 1.3).

Tabita. Significa "Gazada" em aramaico; assim com Dorcas significa "Gazela" em grego.

* **9.37 a lavarem**. Provavelmente antes da unção com especiarias (cf. Jo 19.40). Em Jerusalém, o corpo de Jesus tinha sido enterrado no dia da morte, mas fora da cidade um período mais longo era permitido (até três dias).

* **9.43 um curtidor chamado Simão.** Os judeus acreditavam que a curtição de peles era uma profissão imunda, pois envolvia contato com animais mortos (Lv 5.2). Pedro estava disposto a hospedar-se com um curtidor porque a mensagem do evangelho estava começando a romper barreiras entre as pessoas. Isto também antecipa a visão de Pedro em 10.9-23.

* **10.1 Cesaréia.** Cesaréia Marítima era um porto no Mediterrâneo, 104 km a noroeste de Jerusalém. Foi reconstruída e melhorada, numa dimensão ambiciosa, por Herodes o Grande.

* **10.2 temente a Deus**. Um termo que pode indicar que Cornélio era em parte convertido ao judaísmo, um gentio que adorava a Deus mas não era circuncidado (13.16,26).

* **10.9 ao eirado... a fim de orar.** Pedro provavelmente orava três vezes por dia (cf. 3.1; Dn 6.10); esta era a oração do meio-dia. As casas típicas tinham um teto plano, alcançado por uma escadaria externa.

* **10.10 um êxtase.** A consciência de Pedro foi retirada das

coisas externas, em preparação para a visão (cf. 22.17).

*** 10.12 toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu.**

Tanto animais limpos quanto imundos (Lv 11).

*** 10.13 Mata e come.** Pedro não estava disposto a violar as leis do Antigo Testamento que proibiam comer animais imundos (v.14).

*** 10.15 Deus purificou.** Através desta ilustração viva, Deus explicou a

Pedro que havia revogado as leis a respeito da impureza ritual; ver Mc 7.1419.

*** 10.16 três vezes.** Esta visão foi repetida para impressionar Pedro.

*** 10.24 No dia imediato.** O grupo levou dois dias para viajar 48 km de Jope a Cesaréia.

*** 10.25 indo Pedro a entrar.** Pedro agora estava disposto a entrar na casa de um gentio (v.28).

prostrando-se-lhe aos pés, o adorou. Cornélio estava maravilhado com a presença de Pedro; ele havia sido instruído por Deus para mandar buscar o apóstolo.

*** 10.28 Deus me demonstrou.** Ele se refere à visão que tinha tido.

*** 10.34 Deus não faz acepção.** O evangelho é tanto para judeus como para gentios (1.8; Rm 1.16).

*** 10.36 anunciando-lhes... paz, por meio de Jesus Cristo. A paz da**

reconciliação com Deus através do sangue de Jesus nossa paz (Ef

2.13,14).

Senhor de todos. Jesus é Senhor tanto de judeus quanto de gentios.

* **10.44 caiu o Espírito Santo sobre todos.** Eles foram ungidos pelo poder do Espírito e estavam louvando a Deus e falando em línguas (v.46).

* **10.45 da circuncisão... admiravam-se**. Era difícil para judeus rigorosos, que não tinham tido a visão de Pedro, entender que Deus não mostrava favoritismo em sua oferta.

* **10.48 em nome de Jesus Cristo.** O perdão dos pecados é através do nome de Jesus (v.43).

* **11.2 os que eram da circuncisão.** Outros crentes judeus criticavam Pedro por aceitar os gentios.

* **11.3 comeste com eles.** Comer com não-judeus era uma clara violação da lei cerimonial, porque os gentios não seguiam as leis dietéticas do Antigo Testamento (Lv 11), nem as purificações cerimoniais (Mc 7.5).

* **11.14 serás salvo, tu e toda a tua casa.** A graça salvadora de Deus frequentemente se estende a toda a família, como aparece consistentemente no Antigo Testamento (p.ex., Abraão, Isaque, Jacó e suas famílias) e no Novo (2.38,39; 16.31; Lc 19.9).

* **11.17 eu para que pudesse resistir a Deus?** Era a vontade de Deus salvar tanto judeus quanto gentios; sem dúvida alguns daqueles presentes foram lembrados da promessa de Deus a Abraão: "em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3; Gl 3.8).

* **11.18 arrependimento para vida.** O arrependimento bíblico significa tristeza pelo pecado e uma mudança do coração que se volta do pecado em direção a Deus (20.21). Os frutos do arrependimento são as boas obras para as quais Deus nos chama (26.20; Lc 3.8; Ef

2.10).

* **11.21 A mão do Senhor.** Os homens pregavam, mas as pessoas eram salvas à medida que Deus as chamava para crerem nele (1Co 3.6).

* **11.26 chamados cristãos.** A palavra "cristão" ocorre três vezes no Novo Testamento: aqui, em 26.28 e em 1Pe 4.16. Significa uma pessoa que pertence a Cristo ou é seguidor dele. O termo pode ter se originado na igreja, ou pode a princípio ter sido um termo depreciatório, usado pelos de fora.

* **11.28 todo o mundo.** O mundo inteiro, não somente o local.

* **12.3 agradável aos judeus... prendendo também a Pedro. O propósito**

soberano de Deus foi cumprido na vida de seus igualmente dedicados servos: neste tempo, Tiago morreu à espada, enquanto Pedro foi liberto da prisão.

E eram os dias dos pães asmos. Com tantos judeus zelosos visitando a cidade para a festa, era um momento oportuno para fazer a prisão.

* **12.7 um anjo do Senhor... uma luz iluminou. Um anjo era uma**

garantia da presença de Deus, e a luz provavelmente lembraria Pedro da glória do Senhor no Antigo Testamento (9.3; Êx 3.2; 13.22; 40.34)

* **12.10 portão de ferro que dava para a cidade.** A Torre de Antônia tinha

uma entrada para os átrios do templo, ao sul, assim como outras entradas para a cidade.

*

12.15,16 Os discípulos oravam fervorosamente a Deus para

proteger e livrar Pedro, mas então não conseguiram crer que o Senhor havia feito o que eles tinham pedido.

* **12.15 seu anjo.** Eles pensaram que era o guardião angélico pessoal

dele (Mt 18.10; Hb 1.14). O conceito popular era que tal guardião poderia assumir a aparência da pessoa humana protegida.

* **12.19 justiçadas.** De acordo com a lei romana, se um prisioneiro

escapava, o guarda era passível de ser punido como o prisioneiro teria sido (cf. 16.27,28).

* **12.23 não haver dado glória a Deus.** Em seu orgulho, ele aceitou para

si próprio o louvor que pertence a Deus.

comido de vermes. O historiador judeu Josefo *(Antigüidades* 19.334-350) registra que Herodes Agripa I sofreu dores no coração junto com dor em seu

abdome e morreu depois de cinco dias. Herodes morreu em 44 d.C., o quarto ano de Cláudio César.

* **12.25 Barnabé e Saulo, cumprida a sua missão**. Esta era a missão de

trazer a oferta de Antioquia para aliviar a fome de Jerusalém (11.27-30).

João... Marcos. Possivelmente o jovem que fugiu na noite da prisão

de Jesus (Mc 14.51,52). Marcos, o escritor do segundo Evangelho (cf. 1Pe 5.13), acompanhou Paulo e Barnabé a Antioquia, e foi com eles na primeira viagem missionária (13.4) até a Perge da Panfília (13.13).

* **13.1 Barnabé.** Ver nota em 4.36.

Simeão, por sobrenome Níger. Seu sobrenome significa “negro”em latim, e ele pode ter vindo da África. Ele pode ser o mesmo Simão Cireneu (Lc 23.26), cujos filhos Alexandre e Rufo estavam entre os cristãos em Roma (Mc 15.21; cf. Rm 16.13).

Lúcio de Cirene. Cirene era a capital da província romana de Cirenaica (na Líbia atual).

* **13.3 impondo sobre eles as mãos.** Eles oficialmente colocaram suas mãos sobre Barnabé e Paulo, em reconhecimento do que o Espírito Santo tinha já feito (v.2) e do que iria fazer ao enviá-los (v.4; cf. 14.23; 1Tm 4.14).

* **13.4 Selêucia.** O porto de Antioquia, 25 km a oeste de Antioquia.

Chipre. Uma ilha na parte leste do Mediterrâneo, habitada principalmente por gregos, mas também por muitos judeus.

* **13.5 Chegados a Salamina.** Eles navegaram em direção a oeste cerca de 208 km, de Selêucia à costa leste de Chipre. Salamina era a mais importante cidade da ilha; a capital da província era Pafos, 144 km a sudoeste.

* **13.6 certo judeu, mágico.** A palavra grega magos significa "sábio” (Mt

2.1), "feiticeiro”, "mágico”. A feitiçaria era proibida no judaísmo, mas não era desconhecida. Barjesus (filho de Josué) era realmente um falso profeta.

* **13.7 Sérgio Paulo.** Possivelmente Lúcio Sérgio Paulo, que tinha

sido

um oficial no reinado de Cláudio, e então tornou-se procônsul (o oficial chefe numa província senatorial) em Pafos, Chipre (cf. 18.12; 2Co 9.2). Em contraste, a Palestina era uma província imperial e tinha um procurador, que prestava contas diretamente ao imperador.

* **13.8 Elimas.** Outro nome para Barjesus. Este homem estava na corte do

procônsul; ele tentava impedir Sérgio Paulo de crer na mensagem cristã.

* **13.9 Saulo... chamado Paulo.** "Saulo" era seu nome judeu e "Paulo"

seu nome romano, provavelmente remontando a sua vida em Tarso. Lucas usa a ocasião da conversão de um proeminente oficial gentio, Sérgio Paulo, para apresentar o nome familiar do apóstolo dos gentios.

* **13.13 dirigiram-se a Perge da Panfília.** A cidade de Perge era na

Panfília, uma província romana economicamente pobre na costa sul da Ásia Menor (atual Turquia). Perge ficava 8 km para o interior. Foi neste tempo que João Marcos deixou Paulo e Barnabé e voltou para casa.

* **13.14 Antioquia da Pisídia**. Esta Antioquia estava cerca de 160 km ao

norte de Perge e 1.100 m acima do nível do mar. Ficava na Frígia, mas perto da Pisídia e, para distingui-la da outra Antioquia da Frígia, era popularmente chamada "Antioquia da Pisídia".

* **13.15 leitura da lei e dos profetas.** Um culto de adoração na

sinagoga

incluiria o credo judaico (Dt 6.4), a oração de "Dezoito Bênçãos", uma leitura da lei e outra dos profetas, uma exposição e aplicação (Lc 4.16-30) e uma bênção de encerramento.

*** 13.20 cerca de quatrocentos e cinqüenta anos. Cerca de**

quatrocentos anos, mais os quarenta anos no deserto e o período da conquista de Josué (7.6 nota).

*** 13.33 Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei.** Isto é, hoje, ao levantar-te dentre os mortos, estou declarando que tu és meu Filho e eu sou teu Pai (Hb 1.5, nota).

*** 13.34 para que jamais voltasse à corrupção.** Isto é, para nunca morrer

de novo.

*** 13.39.** A lei conduz o pecador para Cristo (Gl 3.24), pois "um homem não

é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo" (Gl 2.16). Ser justificado é ser declarado justo por Deus (Rm 3.21,22) e portanto receber perdão dos pecados (Ef 1.7). Ver "Justificação e Mérito" em Gl 3.11.

*** 13.46 a vós outros, em primeiro lugar... a palavra de Deus. Uma vez**

que Jesus o Messias veio através dos judeus (Gn 12.3), Paulo é consistente em aplicar o princípio "para os judeus primeiro e também para os gregos" (Rm 1.16). Ele reconhece que o plano de Deus tambem inclui os gentios (Is 49.6), um fato a que estes judeus de Antioquia da Pisídia resistiam.

*** 13.48 e creram todos os que haviam sido destinados para a vida**

eterna. Deus havia escolhido este povo de antemão e agora, através da convicção e do arrependimento (11.18; 2Tm 2.25) trouxe-os à fé em Cristo (Ef 2.8). Lucas usa a voz passiva ("haviam sido destinados") indicando que Deus é o agente. Somente Deus concede vida eterna (Mt 45.26; Jo 10.28; 17.2). Ver "Eleição e Reprovação" em Rm 9.18.

*** 13.51 sacudindo... o pó dos pés.** Um sinal judeu de desagrado e

separação (Mt 10.14).

*** 14.1 Em Icônio.** Paulo e Barnabé viajaram 128 km em direção a

sudoeste, de Antioquia da Pisídia para Icônio, uma antiga cidade frígia. Os

gregos fizeram dela uma cidade-estado, e sob o governo de Augusto ela tornou-se uma cidade da província da Galácia.

*** 14.4 apóstolos.** Pela primeira vez em Atos, o tema tem um sentido mais

amplo, que inclui Barnabé junto com os apóstolos escolhidos por Jesus (1.2426; Mt 10.1-4; 2Co 1.1 nota).

*** 14.5 os... apedrejar.** Apedrejamento era a maneira como os judeus executavam a pena de morte por blasfêmia religiosa (7.58,59).

*** 14.6 Listra e Derbe.** Estas duas cidades, junto com Icônio, pertenciam estritamente à província romana da Galácia, embora fizessem parte do subdistrito chamado Licaônia. De 37 a 72 d.C., Icônio esteve linguisticamente e politicamente no lado frígio da fronteira.

* **14.8 Listra.** Em 6 a.C. Augusto fortificou este povoado e fez dele uma colônia romana da província da Galácia. Ele também povoou a colônia com veteranos do exército romano.

* **14.10 Ele saltou e andava.** Ver "Milagres” em 1Rs 17.22.

* **14.12,13** Uma antiga lenda circulava em Listra que os deuses gregos Zeus e Hermes disfarçaram-se como homens e vieram às colinas rurais da Frígia buscando hospitalidade. Somente um casal os acolheu e, em troca, sua cabana foi transformada num templo com teto de ouro e colunas de mármore. As casas daqueles que rejeitaram os deuses foram destruídas. As pessoas de Listra poderia ter tido isto em mente quando acolheram Barnabé e Paulo e se prepararam para sacrificar touros.

* **14.14 rasgando as suas vestes.** Um sinal convencional de tristeza e sofrimento.

* **14.15-17** O conteúdo do sermão de Paulo é semelhante ao seu posterior sermão em Atenas (17.22-31). Ambos os sermões são endereçados às

multidões pagãs, que não entenderiam citações e explicações das Escrituras do Antigo Testamento. Paulo destacava que o poder criador e providencial de Deus se estendia a todo lugar. Ver "Revelação Geral” em Sl 19.1.

* **14.16 permitiu que todos os povos.** Ver "Conhecimento e Culpa” em

Rm 1.19.

* **14.20 Derbe.** Uma cidade da fronteira licaônica, na parte sudeste da

Galácia, 120 km a sudeste de Derbe.

* **15.1** Os relatórios dos contatos diretos de Paulo e Barnabé com os

gentios, na primeira viagem missionária, podem ter alcançado a Judéia e Jerusalém através de João Marcos, antes que ele retornasse para casa (13.13). Também, outros de Antioquia podem ter trazido a notícia, durante a longa estadia de Paulo e Barnabé ali. Isto fez com que os judeus cristãos temessem que sua herança judaica estivesse ameaçada; eles pensavam que os gentios convertidos precisavam ser introduzidos no judaísmo através da circuncisão. Paulo reconhecia que forçar os gentios a serem circuncidados poderia fazê-los pensar que a salvação precisa ser merecida (cf. Gl 2.15,16). Ele sabia que era preciso opor-se aos judaizantes, para que eles não impedissem a expansão do evangelho aos gentios (1Ts 2.14-16).

* **15.6 reuniram os apóstolos e os presbíteros. Os líderes da igreja**

tomaram a direção do debate, mas o v.12 indica que toda a assembléia estava presente.

* **15.13 falou Tiago.** Tiago era o meio-irmão de Jesus (Mt 13.55;

Introdução a Tiago: Autor). Ele parece agora ter se tornado um proeminente líder da igreja de Jerusalém (Gl.2.9). Tiago juntou um terceiro testemunho, que os gentios não deviam ser sobrecarregados com a incumbência de observar os detalhes da lei cerimonial dos judeus; seu discurso concentrava-se nas Escrituras do Antigo Testamento e sua aplicação à conversão dos gentios.

* **15.19 julgo eu.** Tiago encontra apoio nas Escrituras e nos testemunhos

de Simão Pedro, Barnabé e Paulo de que Deus quer que os gentios sejam livres da lei cerimonial e das exigências dos judaizantes. Ele propõe que tanto judeus quanto gentios pratiquem a moderação. Os

judeus cristãos devem reconhecer que os gentios não devem ficar presos à lei cerimonial judaica. Os crentes gentios devem considerar os escrúpulos dos judeus cristãos, e não ofendê-los comendo comida sacrificada aos ídolos, ou comendo a carne de animais estrangulados, ou sangue (Lv 17.10-14; 19-26).

* **15.23 Os irmãos.** Os judeus cristãos usavam esta expressão para deixar os gentios cristãos à vontade.

* **15.28 ao Espírito Santo e a nós.** Eles eram cheios do Espírito (2.1-41; 4.8; 6.5; 9.17; 13.4) e reconheciam o papel do Espírito em seu debate e decisão.

* **15.32 Judas e Silas... profetas.** Trazer encorajamento e força aos crentes era uma função primária do profeta do Novo Testamento (um porta-voz de Deus).

* **15.39 desavença... separar-se.** A falta de apoio de Barnabé aos cristãos gentios (Gl 2.13) pode ter também contribuído para a discordância a respeito de Marcos. Embora o restante de Atos não contenha mais nenhum registro de Paulo trabalhando com Barnabé, Paulo menciona Barnabé de uma maneira positiva em 1Co 9.6. O posterior elevado conceito que Paulo tinha de Marcos é evidente em Cl 4.10; Fm 24; 2Tm 4.11.

Barnabé, levando consigo a Marcos... Chipre. Barnabé levou seu primo Marcos (Cl 4.10) numa viagem missionária à ilha de Chipre, terra de Barnabé. Isto também forneceria uma oportunidade para Barnabé encorajar (4.36) o jovem.

* **16.1 um discípulo... Timóteo.** Na pequena comunidade judaica de

Listra, Paulo encontrou este jovem, que em parte era judeu e em parte grego. Como seu pai, Timóteo havia sido criado como um grego, e assim não tinha sido circuncidado. Sua mãe era judia. Paulo não pensou que estivesse comprometendo os princípios de liberdade

dos judeus ao circuncidar Timóteo (v.3).

*** 16.6 região frígio-gálata.** Esta é a parte sul da província maior da

Galácia. Incluía o distrito da Frígia, a Antioquia da Pisídia e as áreas ao redor.

Espírito Santo... Ásia. A província da Ásia, localizada no setor oeste da Ásia Menor, incluía a famosa cidade de Éfeso, para onde Deus queria que Paulo fosse numa data posterior (cap.19). O Espírito Santo é identificado como Espírito de Jesus (v.7) e como Deus (v.10; cf, 2Co 3.17 nota). Estes versículos sugerem a doutrina cristã da Trindade (cf. 2Co 13.14).

*** 16.7,8 Mísia... Trôade.** Paulo e Silas vieram de Derbe e Listra em

direção noroeste até Mísia, uma região ao sul do Helesponto. Eles não tinham condições de ir para o norte até Bitínia (na direção do mar Negro) e em vez disso foram a oeste para Trôade, na costa do mar Egeu. Trôade era um porto de mar bem antigo; o local da antiga Tróia ficava 16 km para o interior.

*** 16.9 Macedônia.** A Macedônia era do outro lado do mar Egeu, em

relação a Trôade. O Monte Olimpo fica no sul da Macedônia.

*** 16.10 procuramos.** A primeira de várias passagens usando o pronome

plural "nós” começa aqui, indicando que o autor estava com Paulo e Silas.

*** 16.11 Samotrácia.** Uma proeminente ilha no norte do mar Egeu, onde

as embarcações normalmente paravam. Estava a cerca de meio caminho entre Trôade e Neápolis, o porto que servia Filipos.

* **16.12 Filipos.** Filipe II da Macedônia, o pai de Alexandre Magno, tinha

estabelecido uma grande colônia grega aqui, e dado a ela o nome de Filipos.

Os romanos a conquistaram em 167 a.C. e a fizeram parte da província da Macedônia.

*** 16.13 onde nos pareceu haver um lugar de oração. De acordo com a**

lei judaica, pelo menos dez homens eram necessários para se formar uma sinagoga. Não havendo um lugar de oração, poderia ser estabelecido ao ar livre, preferivelmente perto de água.

mulheres que para ali tinham concorrido. Elas se reuniam para ler e estudar as Escrituras, e acolhiam bem a assistência de algum professor judeu que chegasse a visitá-las.

*** 16.14 da cidade de Tiatira.** A sudeste de Pérgamo e cerca de 64 km

para o interior, Tiatira ficava na Ásia Menor, do outro lado do mar Egeu em relação a Atenas. Tiatira era conhecida pela lã e pelo tingimento. Púrpura era um tingimento dispendioso

o Senhor lhe abriu o coração. Iluminação e persuasão divinas são necessárias para que o coração cego pelo pecado responda ao evangelho (Jr 13.23; Jo 6.44,65; Rm 9.16; 1Co 2.14). Este efetivo chamado de Deus garante que todos os que foram chamados por Deus irão crer (13.48; 2Ts 2.13,14; 2Tm 1.9,10).

*****
16.15 ser batizada, ela e toda a sua casa. Através

redenção, tem sido freqüente a prática de Deus salvar unidades familiares inteiras ao mesmo tempo (2.38,39; 11.14; 16.31; Gn 17.7-14). Os batismos de famílias em Atos são exemplos marcantes disto (10.47,48; 16.31-33; cf. 1Co 1.16). Tais batismos de casas inteiras eram aparentemente prática padrão.

*** 16.16 espírito advinhador.** Lit., "um espírito de pitonisa". O termo

originalmente se refere a uma serpente mística que, segundo se acreditava, guardava o templo e o oráculo do deus grego Apolo em Delfos. Posteriormente, a frase significou uma pessoa possuída por demônio ou

mesmo um ventriloquista. O povo de Filipos deve ter pensado que ela tivesse um demônio que prediz a sorte.

*** 16.17 Deus Altíssimo. Um judeu entenderia que este fosse Yahweh; um**

gentio aplicaria este nome a Zeus.

*** 16.18 nome de Jesus Cristo... retira-te. Seguindo o entendimento**

comum da expressão "O Deus Altíssimo", todos perceberiam que Paulo pretendia expressar o pensamento que Jesus, como deidade, expulsava os demônios.

*** 16.19 agarrando em Paulo e Silas. Porque Paulo e Silas eram ambos**

judeus e líderes do grupo missionário, eles foram presos. Seus companheiros eram gentios (Lucas, um gentio da Antioquia da Síria e Timóteo, um meio gentio de Listra) e não foram acusados.

*** 16.21 propagando costumes... não podemos... praticar... romanos. A**

acusação era que Paulo e Silas estavam propagando uma religião ilegal e perturbando a paz. A acusação era inflamada por preconceitos culturais e religiosos.

*** 16.22 açoitá-los. Paulo e Silas eram cidadãos romanos (v.37) e**

deveriam ter ficado livres de tal tratamento. Mas no clima de agitação isto foi ignorado.

*** 16.24 no tronco. Eles foram tratados como criminosos.**

*** 16.27 abertas as portas do cárcere. Ver 5.19; 12.10.**

ia suicidar-se. O carcereiro era passível de punição se os prisioneiros fugissem (12.19).

*** 16.31 tu e tua casa. Para outros exemplos de salvação de casas**

inteiras, ver v. 15, nota; 2.38,39; 10.24,48; 1Co 1.16. Quando uma pessoa

aceitava uma religião, toda a família estava envolvida (v.34). Ver "A Família Cristã" em Ef 5.22.

*** 16.33 batizado.** Ver "Batismo" em Rm 6.3.

*** 16.37 romanos.** Cidadãos romanos eram isentos de açoitamento e

tortura. Se cidadãos romanos fossem julgados numa corte romana, eles tinham o direito de apelar sua causa a Cesar (25.11; 26.32).

*** 16.40 casa de Lídia.** Os cristãos primitivos freqüentemente se reuniam

em casas particulares (Fm 2).

*** 16.40 vendo os irmãos.** "Irmãos" incluiria todos os crentes — Lídia,

sua casa, o carcereiro, Lucas e outros.

*** 17.1 Anfípolis e Apolônia... Tessalônica.** Anfípolis ficava 48 km

a sudoeste de Filipos, e Apolônia 40 km mais além, na estrada para Tessalônica. Paulo e seus companheiros ansiavam por chegar a Tessalônica, 40 km além de Apolônia. Tessalônica tinha uma população de 200.000 e era a capital provincial da Macedônia.

* **17.2 três sábados.** As epístolas paulinas sugerem que Paulo ficou em Tessalônica muito mais do que três semanas. De acordo com Fp 4.16, a igreja de Filipos repetidamente lhe mandava ajuda, e a epístola aos Tessalonicenses indica que Paulo tinha podido dar extensa instrução doutrinária aos cristãos tessalonicenses.

* **17.7 contra os decretos de César.** Uma acusação política tinha sido trazida contra Paulo, que tinha falado sobre o reino espiritual de Deus (14.22; 19.8; 20.25; 28.23,31). Seus oponentes pareciam ter distorcido a mensagem, para que significasse oposição política a Roma. Neste tempo, Cláudio Cesar (49-50 d.C.) expulsou os judeus de Roma, por causa dos distúrbios alegadamente instigados por "Cresto", uma provável referência a Cristo.

* **17.10 Beréia.** A atual Verria, 80 km a sudoeste de Tessalônica, no sopé dos Montes Olímpios.

* **17.11 examinando as Escrituras todos os dias**. Os bereanos comparavam o ensinamento de Paulo com a Palavra escrita de Deus, estabelecendo um bom exemplo para a igreja atavés da história.

* **17.16 Atenas.** A principal cidade da Grécia, servida pelo porto de Pireu, no mar Egeu. Atenas atingiu seu ápice no século V a.C. sob Péricles (495-429 a.C.) quando o Pártenon e outras magníficas estruturas foram construídas. Os poetas clássicos Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes floresceram neste tempo. Embora conquistada pelos romanos em 146 a.C., Atenas continuou a ser um grande centro intelectual e cultural.

idolatria dominante. Havia estátuas de deuses e deusas no Pártenon e em outros templos da Acrópole, assim como nos edifícios

públicos, comerciais e templos da cidade.

* **17.18 epicureus e estóicos.** Epícuro (342-270 a.C.) ensinava que o propósito da vida era o prazer e a liberdade da dor, paixões e medos. Por outro lado o cipriota Zenão (340-265 a.C.), fundador do estoicismo, enfatizava o viver em harmonia com a natureza, e também o depender da razão e de outros poderes auto-suficientes. Ambas as escolas destacavam a busca pela paz da mente. Zenão tinha um conceito panteísta de Deus como a "alma do mundo".

tagarela. Um termo depreciatório significando um catador de sobras ou um camelô de idéias variadas.

* **17.19 o Areópago**. O nome significa "Colina de Marte". É uma colina perto da Acrópole onde em tempos antigos um conselho tinha se reunido. O conselho tornou-se o conselho da cidade de Atenas e, nos tempos romanos, era a corte que supervisionava a moral, educação e religião. Nos tempos de

Paulo, a corte se reunia no Pórtico Real, na região do mercado, abaixo da Acrópole.

* **17.23 AO DEUS DESCONHECIDO.** Possivelmente uma referência ao Altar dos Doze Deuses em Atenas, erigido para assegurar que nenhum deus tivesse ficado fora de sua adoração. Paulo usou este ponto de contato para começar seu discurso sobre o Deus que fez o mundo, que não é esculpido em pedra ou confinado a algum templo, e que controla os tempos e os lugares onde as pessoas vivem.

* **17.26 de um só.** Ver "A Queda" em Gn 3.6.

* **17.28 nele vivemos, e nos movemos, e existimos.** Paulo diz que Deus trouxe todas as pessoas à existência e que elas só existem por sua providência. No mundo antigo os três grandes mistérios da filosofia e da ciência eram as questões de vida, movimento e existência. Ver "Revelação Geral" em Sl 19.1.

alguns dos vossos poetas. Paulo sabia que os atenienses não conheciam o Antigo Testamento, e ele fez citações de três de seus próprios poetas. Embora suas palavras originalmente se referissem a Zeus, o chefe dos deuses gregos, Paulo aplicou as citações ao Deus vivo do céu. Os poetas são Epimenides (c. 600 a.C.), Cleanto (331-233 a.C.) e Arato (c. 315-240 a.C.).

* **17.29 não... semelhante ao ouro, à prata.** Ver "A Auto-Existência de Deus" em Sl 90.2.

* **17.30 não levou Deus em conta os tempos da ignorância.** Isto é, Deus levou em consideração as limitações do conhecimento deles a seu respeito, mas agora Paulo revelou-lhes a verdade a respeito do Deus vivo. Com todos os povos, eles são chamados a se arrependerem de seus pecados.

* **17.31 um dia em que há de julgar... por meio de um varão que destinou.** O dia do juízo final (Ap 20.12-15). A rejeição pelos atenienses do

homem a quem Deus designou resultará em Jesus rejeitá-los definitivamente com toda a justiça, no dia do juízo. Paulo enfatiza que o chamado de Deus ao arrependimento e à fé não é um convite, mas uma ordem.

ressuscitando-o Ver "A Ressurreição de Jesus" em Lc 24.2.

* **18.1 Corinto.** Desde 27 a.C., esta cidade tinha sido a capital da

província romana da Acaia. Ficava 80 km a sudoeste de Atenas, perto do istmo que junta Ática ao Peloponeso. Corinto foi grande e próspera nos séculos VIII ao VI a.C., mas declinou e foi capturada em 338 a.C. por Felipe II da Macedônia. Em 196 a.C. foi tomada pelos romanos. Eles a saquearam em 146 a.C. em punição por uma revolta, mas foi restaurada por Júlio César como colônia em 44 a.C. Nos tempos do Novo Testamento, Corinto tinha mais de 200.000 habitantes, incluindo

gregos, ex-escravos da Itália, veteranos do exército romano, empresários, oficiais do governo, gente do Oriente Próximo, um grande número de judeus e muitos escravos. Corinto era completamente pagã e imoral. A cidade era cheia de templos pagãos e, na parte sul, havia uma alta acrópole com um templo de Afrodite. A partir do século V a.C., a expressão "corintianizar" significava ser sexualmente imoral.

* **18.2 Áquila, natural do Ponto... Priscila.** Ponto ficava na costa norte

da Ásia Menor (atual Turquia). Priscila é freqüentemente mencionada antes de seu marido (vs. 18,19,26; Rm 16.3; 2Tm 4.19). Ela pode ter tido superior status social, ou ter sido mais proeminente no negócio de fabricação de tendas que o casal possuía.

* **18.6 Sobre a vossa cabeça, o vosso sangue.** Eles eram responsáveis

por seus próprios pecados.

* **18.7 casa de... Justo**. A primeira casa da igreja coríntia. Tito Justo era

um gentio que aderiu à fé cristã na sinagoga, e cidadão romano. Ele pode ter pertencido a uma das famílias que Julio Cesar enviou para colonizar Corinto.

Ele pode ter sido o Gaio de Rm 16.23, que foi batizado por Paulo (1Co 1.14). Gaio pode ter sido um terceiro nome, usado antes de Tício Justo.

* **18.8 Crispo, o principal da sinagoga.** Como principal da sinagoga, Crispo estava encarregado das disposições físicas para os cultos da sinagoga. Foi este Crispo (e presumivelmente sua casa) que Paulo batizou (1Co 1.14).

toda a sua casa. Ver 16.15 e nota; 16.31 -33.

*** 18.10 tenho muito povo nesta cidade.** Jesus promete que os trabalhos

de Paulo em Corinto serão frutíferos porque o próprio povo de Deus (aqueles a quem Deus designou para a vida eterna, 13.48) habita naquela cidade. Mesmo que os coríntios eleitos ainda não tivessem crido no evangelho, e alguns ainda nem mesmo tivessem ouvido, eles não obstante eram conhecidos por Deus.

*** 18.12 Quando... Gálio era procônsul da Acaia. A identificação por**

Lucas do chefe administrativo desta província senatorial como um procônsul é correta. Uma inscrição encontrada em Delfos, Grécia, identifica Gálio como procônsul em 52 d.C.

*** 18.13 contrário à lei.** Isto é, contrário á lei romana que proíbe a prática

de religiões não legalmente reconhecidas por Roma. O judaísmo era legalmente reconhecido e o cristianismo, como um ramo do judaísmo, também era uma religião lícita *(religio licita).*

*** 18.18 tomara voto.** Embora esta frase pudesse ser aplicada a Áquila, é

provavelmente Paulo que está em questão. O voto nazireu requeria rigorosa pureza cerimonial que teria sido impraticável em terras gentias (Nm 6.1-21), portanto este era mais propriamente um voto privado tomado por Paulo como um exercício religioso. Deixava-se o cabelo crescer durante o período do voto, e cortá-lo marcava a conclusão do voto e era talvez uma expressão de gratidão a Deus.

*** 18.23 ali algum tempo. Presume-se que Paulo esteve em Antioquia por**

vários meses, mais ou menos do outono de 52 d.C. à primavera de 53 d.C.

Galácia e Frígia. Paulo começou sua terceira viagem missionária na parte frígia da Galácia, no sul da Ásia Menor, a área mais próxima ao seu trabalho anterior.

*** 19.1 regiões mais altas. Quando tinha encerrado seu ministério na**

Galácia frígia (18.23), Paulo continuou em direção oeste por terra, através da região de Colossos, Laodicéia e Hierápolis (Cl 4.13) no vale de Lico, e finalmente chegou a Éfeso. Aqui ele ministrou por cerca de três anos (vs. 8,10), de 53 d.C. a 56 d.C.

Éfeso. Capital da província romana da Ásia, Éfeso tinha sido fundada cerca do século XII a.C. por Jônios de Atenas. Tornou-se uma grande potência comercial, mas sua prosperidade econômica declinou, principalmente porque a erosão invadiu o rio causando aluvião e entupimento do porto. A cidade devia sua riqueza e prestígio ao templo de Ártemis, construído em honra da deusa da fertilidade. A Éfeso dos tempos de Paulo tinha já passado do seu apogeu, mas era ainda um importante centro comercial e religioso.

alguns discípulos. De acordo com o v.7, "uns doze".

*** 19.2 Recebestes... o Espírito Santo. Como seguidores de João Batista,**

estes crentes não tinham sido instruídos a respeito da vinda do Espírito. Note-se que todas as categorias de pessoas recebiam o batismo do Espirito Santo: judeus, gregos tementes a Deus, samaritanos e gentios.

*** 19.4 batismo de arrependimento... que vinha depois dele... Jesus. O**

batismo de arrependimento de João (Mc 1.4; Lc 3.3) era direcionado para o arrependimento de pecados, aguardando ansiosamente a obra redentora de Jesus.

*

19.6 falavam em línguas... profetizavam. A experiência os gentios

de Éfeso tiveram quando receberam o Espírito Santo é paralela àquela dos judeus (2.4,11), dos samaritanos (8.14-17) e dos gentios tementes a Deus (10.44-46). Este episódio é uma extensão da experiência do Pentecoste para ainda um outro grupo de pessoas (v.2, nota). "Profetizavam", nesta passagem, pode ser equivalente a "falar... as grandezas de Deus" (2.11), ou falando e "engrandecendo a Deus" (10.46).

* **19.9 escola de Tirano.** Nada além é sabido acerca de Tirano. Alguns

manuscritos acrescentam "da quinta à décima hora" (das onze da manhã às quatro da tarde). Pode ser que Tirano usasse a sala nas horas frescas da manhã, e a cedesse a Paulo para o resto do dia.

* **19.10 Ásia.** A província romana na parte oeste da Ásia Menor. Como

resultado deste ensinamento, grupos de crentes foram formados em diversos lugares (Cl 4.13,16; Ap 2; 3).

* **19.12 lenços e aventais do seu uso pessoal. Isto é, agasalhos ou**

aventais de trabalho que Paulo usava enquanto trabalhava fazendo tendas ou toldos (18.3).

aos enfermos. Isto não foi da iniciativa de Paulo; por causa de seu passado religioso pagão, os efésios estavam acostumados a

empregar meios supersticiosos (v.19). Deus ajustou sua obra de graça à ignorância deles.

*
19.13 espíritos malignos. Nos tempos antigos era prát usar

nomes mágicos para expulsar maus espíritos. Uns judeus em Éfeso pretendiam "invocar o nome do Senhor Jesus" sobre aqueles que estavam possessos, tentando imitar o que Paulo fazia (v.12; 16.18).

*** 19.19 seus livros**. Estes eram pergaminhos com os nomes e

encantamentos usados em suas mágicas.

*** 19.23 do Caminho**. Ver nota em 9.2.

*** 19.24 ourives... Demétrio.** Uma importante agremiação de ourives tinha

se desenvolvido em Éfeso por causa do grande número de peregrinos religiosos. Os peregrinos vinham adorar a deusa Diana (Ártemis em grego) que era retratada por uma famosa estátua em Éfeso como uma deusa da fertilidade com muitos seios. Sua suposta imagem, que tinha alegadamente caído de "Zeus" (v.35) era provavelmente um meteorito que o povo tinha começado a adorar. O templo de Ártemis era uma das sete maravilhas do mundo antigo. Não só era o objeto de peregrinação religiosa, mas era também um repositório bancário. Fazer santuários e imagens de prata da deusa era um importante negócio.

*** 19.27 templo da grande deusa, Diana.** O templo jônico arcaico de

Diana media 67 por 130 m, com 127 colunas de mármore, tendo cada uma 19 m de altura. As bases inferiores das 36 colunas do lado oeste eram esculpidas com relevos. A estátua da deusa era exposta numa

sala interna do templo.

*** 19.32 assembléia.** A palavra grega *ekklesia* é usada aqui e nos vs. 39 e

41 referindo-se a uma assembléia secular de pessoas (5.11, nota).

*** 19.37 não são sacrílegos, nem blasfemam contra a nossa deusa.**

Estas eram acusações comuns de gentios contra judeus e cristãos judeus (Josefo, *Antigüidades,* 4.207; *Contra Ápio,* 2.237).

*** 20.1 partiu para a Macedônia.** Paulo subiu a costa da Ásia Menor a

partir de Éfeso, ou por estrada ou por navio, provavelmente até Trôade, e então foi de navio até a Macedônia (cf. 16.8-10) e Filipos (cf. 16.11-40), visitando grupos de crentes pelo caminho. Enquanto na Macedônia, Paulo pode ter estendido seu ministério até o Ilírico (atual Albânia; Rm 15.19).

*** 20.2 dirigiu-se para a Grécia.** Paulo chegou em Corinto, onde passou o

inverno de 56-57 d.C. Durante este tempo ele escreveu Romanos (Rm 15.26; 16.23,24).

*** 20.4** Os companheiros de viagem de Paulo estão relacionados por

nome. Podem ter sido representantes da igreja oficial, designados para viajar com Paulo a fim de entregar o dinheiro coletado para ajudar a igreja de Jerusalém (1Co 16.1-4; 2Co 9.1-5). Sópatro pode ser o “Sosípatro” mencionado em Rm 16.21. Aristarco tinha fielmente acompanhado Paulo durante a terceira viagem missionária (19.29) e acompanhou o apóstolo a Roma (27.2), onde compartilhou de seu

aprisionamento (Cl 4.10). Secundo não é mencionado em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Gaio pode ser diferente do Gaio macedônio mencionado em 19.29. A respeito de Timóteo, ver introdução a 1 Timóteo: Data e Ocasião. Tíquico foi, posteriormente, representante de Paulo a várias igrejas, durante o aprisionamento do apóstolo (Ef 6.21; Cl 4.7-9; 2Tm 4.12). Trófimo acompanhou Paulo a Jerusalém, onde sua presença na cidade levou à prisão do apóstolo (21.29). Ele aparentemente acompanhou Paulo depois que o apóstolo foi solto do primeiro aprisionamento em Roma (2Tm 4.20).

* **20.5 esperando-nos.** Lucas novamente usa o pronome da primeira

pessoa do plural, indicando que ele viajava com Paulo para Jerusalém.

* **20.7 primeiro dia da semana. Domingo.**

partir o pão. Desde que eles estavam reunidos para adoração no primeiro dia da semana, o dia do Senhor (Ap 1.10), esta celebração incluía a Ceia do Senhor (2.42) e não era apenas uma refeição de confraternização (2.46).

Paulo... exortava-os. Este era um culto de pregação e ensinamento de domingo à tarde.

* **20.8-12**. Lucas registra que Êutico foi “levantado morto”, resultado

natural de uma tal queda. A restauração à vida do jovem por Paulo é uma das duas ressurreições de mortos operadas por apóstolos registradas em Atos (9.40; cf. Lc 7.11-17; 8.49-56; Jo 11.1-44).

* **20.13 navegamos para Assôs.** Paulo percorreu por estrada os 32 km de Trôade a Assôs, enquanto Lucas foi de navio.

* **20.15 no dia seguinte... Quios... Samos... Mileto**. Eles navegaram pela costa até Mileto, cerca de 48 km ao sul de Éfeso.

* **20.17 presbíteros.** Estes eram os representantes ordenados da congregação de Éfeso, chamados para serem bispos e pastores da igreja de Deus (v.28; cf. 1Tm 3.1-7; Tt 1.5-9).

* **20.20 vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa. O**

ensinamento de Paulo durante a estadia de três anos (v. 31) em Éfeso foi extensivo, incluindo discursos públicos na sinagoga e na escola de Tirano (19.8-10), assim como instrução mais particular nas casas.

* **20.21 arrependimento... fé.** Ver nota em 3.19. Tanto judeus como gentios devem vir a Deus da mesma maneira — em arrependimento pelo pecado (26.20; Lc 24.47) e fé em Jesus Cristo.

* **20.22 constrangido em meu espírito.** Provavelmente isto se refere à instigação do Espírito Santo. Tal direção explícita dada pelo Espírito Santo ocorria freqüentemente durante o ministério de Paulo (16.6-10).

* **20.25 não vereis mais o meu rosto.** A declaração de Paulo era mais baseada em seu próprio julgamento da situação do que na revelação divina. Por causa das contínuas conspirações contra sua vida pelos judeus (v. 3) a revelação divina de que "cadeias e tribulações" esperavam por ele (v.23) e sua própria intenção de enfocar seu futuro ministério no Mediterrâneo ocidental (Rm 15.23-29), Paulo considerava provável que estivesse vendo os presbíteros de Éfeso pela última vez. Contudo, parece que, mais tarde, Paulo conseguiu voltar a Éfeso depois de ser solto da prisão em Roma (1Tm 1.3).

* **20.27 todo o desígnio de Deus.** A revelação de Deus culminando

em seu filho Jesus Cristo. Paulo não suprimiu nenhuma das verdades do

evangelho, mas pregou o evangelho completo a judeus e gentios. Ele sempre usava tato e discrição, mas nunca comprometeu as boas novas.

* **20.28 com o seu próprio sangue.** A expressão é notável pelo modo como reconhece que o sangue de Cristo é o sangue de Deus. Muitos manuscritos antigos têm uma diferente ordem de palavras, dizendo "o sangue de seu próprio", isto é, de Cristo.

* **20.29 não pouparão o rebanho.** Ver "Pastores e Cuidado Pastoral" em 1 Pe 5.2.

* **20.30 dentre vós mesmos.** A advertência profética de Paulo neste

versículo foi cumprida já que a igreja de Éfeso logo foi infestada por falsos mestres, alguns dos quais aparentemente eram líderes da igreja (1Tm 1.3,7,19,20; 6.3-5; Introdução a 2 Timóteo: Dificuldades de Interpretação).

* **20.37 o beijavam.** A antiga prática do beijo cristão de saudação (Lc 7.45; 1Ts 5,26; 1Pe 5.14) é ainda praticada hoje em algumas culturas.

* **21.1 Cós... Rodes... Pátara.** Eles navegaram numa rota direta através das ilhas fora da costa da Ásia Menor, até o porto de Pátara. A pequena ilha de Cós era um estado livre na província da Ásia. Rodes, a capital no extremo norte da ilha de Rodes, era famosa e próspera no período grego anterior. Pátara, um porto na costa sudoeste da Ásia Menor, foi um importante porto para navios antigos que velejavam pelo Mediterrâneo oriental, fazendo assim com que a Síria, a Palestina e o Egito tivessem contato com a Ásia Menor, a Macedônia e a Acaia.

* **21.2 Fenícia.** A Síria controlava a Fenícia no período romano.

* **21.3 Tiro.** Este porto, famoso nos tempos do Antigo Testamento, e conquistado por Alexandre Magno, ficava cerca de 660 km a sudoeste de Pátara, uma viagem por mar de cerca de cinco dias.

* **21.4 movidos pelo Espírito.** Paulo não era desobediente ao Espírito; o Espírito Santo o estava compelindo a ir a Jerusalém (20.22, nota). Foi através do Espírito que os amigos de Paulo entenderam que logo ele iria sofrer prisão e aflições (20.23) e em resposta a esta revelação eles tentaram persuadir Paulo "que não fosse a Jerusalém" (cf. vs. 11,12).

* **21.7 Ptolemaida.** Um porto 40 km ao sul de Tiro, onde os navios desembarcavam sua carga.

* **21.8 Cesaréia**. Um porto de mar, construído por Herodes o Grande, era a capital provincial da Judéia. Ficava 52 km ao sul de Ptolemaida (10.1, nota).

Filipe... um dos sete. Um dos sete escolhidos para tomar conta da distribuição de comida (6.1-6). Ele havia pregado aos samaritanos, ao eunuco etíope e ao povo ao longo da costa palestina (cap. 8).

* **21.10 profeta chamado Ágabo.** O mesmo Ágabo que quinze anos antes profetizara a severa fome na Judéia e nas regiões vizinhas (11.27,28).

* **21.11 diz o Espírito Santo.** No contexto dos apóstolos no século I, Ágabo, como um profeta, era guiado diretamente pelo Espírito para dar a mensagem inspirada de Deus.

* **21.15 subimos para Jerusalém.** O Pentecoste, quinqüagésimo dia após a Páscoa, estava se aproximando depressa (eles haviam passado pelo menos trinta e seis dias viajando de Filipos a Cesaréia, e passaram vários dias em Cesaréia) e Paulo queria estar em Jerusalém para essa festa.

* **21.20 zelosos da lei.** Milhares de judeus cristãos em Jerusalém observavam estritamente a lei mosaica. Enquanto muitos destes se ressentiam pelo fato de que aos gentios não era requerido observarem a lei cerimonial de Moisés (v. 25; 15.1-31), a acusação aqui era que Paulo estava encorajando os judeus a, do mesmo modo, abandonarem a lei (v.21). Tais acusações podem ter sido provocadas pelo fato de que o próprio Paulo não seguia a lei cerimonial

judaica quando estava em companhia de gentios. Embora Paulo não tivesse objeção quanto aos judeus seguirem seus costumes ancestrais, ele se opôs a qualquer tentativa de fazer com que tal observância fosse, de algum modo, necessária para a salvação (Rm 14.1-8; Gl 5.2-6). Sempre cuidadoso para evitar ofensas desnecessárias, a flexibilidade de Paulo em tais matérias mostra que os interesses do evangelho estavam sempre em primeiro lugar em sua mente (1Co 9.19-23).

* **21.24 purifica-te... despesa.** Este era o voto nazireu (Nm 6.1-21) durante o qual o devoto deixava seu cabelo crescer. Quando o período do voto tivesse terminado, ele rapava o cabelo, dedicava-o ao Senhor e o queimava junto com o sacrifício para a oferta pacífica (Nm 6.18). Paulo pagou as despesas para quatro nazireus, foi com eles ao sacerdote para os sacrifícios, e participou dos ritos de purificação. Desta maneira, Paulo publicamente demonstrou que era um judeu cumpridor da lei.

* **21.37 Sabes o grego?** O tribuno estava surpreso por ouvir Paulo falar

grego; ele tinha pensado que Paulo fosse um judeu insurrecionista do Egito, que três anos antes tinha aparecido lá, alegando ser um profeta (Josefo, *Guerras dos Judeus,* 2.261-263).

* **21.38 sicários.** Lit. "homens de adaga", nacionalistas judeus militantes.

* **21.40 na escada.** Provavelmente as escadas que levavam da

área do templo à Torre de Antônia (reconstruída por Herodes o Grande e assim chamada por causa de Marco Antonio) na beirada norte da plataforma do templo.

língua hebraica. Isto é, aramaico, como era comumente falado pelos judeus na Palestina, embora os sacerdotes e levitas soubessem também o hebraico. O grego era a língua comum do mundo romano e mediterrâneo.

*** 22.3 Tarso.** Uma importante cidade localizada na Cilícia, na costa oriental do Mediterrâneo, a norte de Chipre. Era um notável centro intelectual.

*** 22.12 Ananias. Uma pessoa apropriada para encontrar Saulo, que era**

um zeloso fariseu, "um hebreu de hebreus" (Fp 3.5,6). Ser conhecido de Ananias recomendaria Paulo a outros judeus na cidade que, de outra maneira, suspeitariam dele (9.10-19).

*** 22.16 recebe o batismo. O batismo no Novo Testamento é o sinal**

exterior de uma limpeza interior. Como tal, é correspondente à circuncisão no Antigo Testamento (Dt 10.16; 30.6; Ez 44.7).

*** 22.24 sob açoite. O açoite romano era um chicote de tiras de couro**

carregado com pedaços de metal ou osso; podia aleijar para sempre ou matar. Jesus foi açoitado com tal chicote (Jo 19.1). Haviam batido em Paulo (2Co 11.24,25), mas ele nunca tinha sido submetido a esta punição específica antes.

*** 22.25 amarrando. Os soldados ou esticavam os braços de Paulo em**

torno de um poste para expor suas costas ou amarravam suas mãos e o suspendiam do chão para aplicar o chicoteamento.

*** 22.26 romano. Paulo apelou novamente para sua cidadania romana,**

sabendo que iria ser punido sem julgamento (16.37). A cidadania romana era tida em alta conta, e normalmente concedida somente àqueles de alta posição, ou àqueles que tinham prestado algum serviço valioso ao estado. Era então passada para a família da pessoa.

*** 23.2 sumo sacerdote, Ananias. Filho de Nebedeu, um homem brutal e**

violento que governou de 48 a 59 d.C. Este não é o anterior Anás, de Jo 18.13. Ananias foi assassinado no começo da guerra com Roma (66-70 d.C.).

*** 23.3 parede branqueada! Os túmulos eram frequentemente**

branqueados para fazê-los mais visíveis (Mt 23.27,28). Paulo deu um epíteto adequado a um oficial corrupto.

contra a lei. De acordo com a lei judaica, Paulo tinha de ser julgado e pronunciado culpado antes de ser punido.

*** 23.6 saduceus... fariseus.** Estes dois grupos emergiram durante o período entre o Antigo e o Novo Testamento. Eles tinham opiniões políticas e religiosas diferentes. Paulo aproveitou a oportunidade para enfatizar suas diferenças, identificando-se como um fariseu e um crente na ressurreição dos mortos, contra os saduceus que negavam a ressurreição e a existência de anjos e espíritos (Mt 22.23-32).

*** 23.9 escribas da parte dos fariseus.** Estes eram mestres, intérpretes especialistas da lei dos judeus.

* **23.16 o filho da irmã de Paulo.** Segundo parece, alguns membros da

família de Paulo estavam em Jerusalém.

avisou a Paulo. Os prisioneiros recebiam de parentes e amigos que regularmente os visitavam o seu suprimento necessário.

* **23.23,24** A infantaria e cavalaria com equipamentos pesados entregaram

Paulo com segurança a Félix, o procurador da província imperial da Judéia. Os quartéis oficiais da província ficavam em Cesaréia.

* **23.26 governador Félix.** Félix tinha sido escravo e, como homem livre,

tinha ascendido a uma influente posição no governo romano. Em 52 d.C. o imperador Cláudio enviou-o como governador a Cesaréia. Félix era chamado de "excelentíssimo Félix" (24.2) durante a sua administração de oito anos. O historiador romano Tácito disse que Félix "ocupava a posição de um rei, enquanto tinha a mente de um escravo, saturada com crueldade e lascívia" *(História* 5.9).

* **23.31 Antipátride**. Uma cidade construída por Herodes o Grande em honra de seu pai Antipater, cerca de 48 km a noroeste de Jerusalém.

* **23.35 pretório de Herodes. A residência oficial construída por Herodes o Grande. Tornou-se um pretório romano ou residência oficial e incluía celas para prisioneiros (Jo 18.28; Fp 1.13).**

* **24.1 Tértulo. Como orador, Tértulo era um tipo de advogado, possivelmente um judeu (ele se refere à lei judaica como "nossa" lei, v.6).**

* **24.5-7 Tértulo acusava Paulo de ser um encrenqueiro crônico,**

líder de uma seita religiosa de má reputação, e uma pessoa que ameaçava profanar o templo. Paulo respondeu a estas acusações em sua defesa perante Festo (vs. 10-21).

*** 24.5 dos nazarenos. Os cristãos eram identificados como seguidores de Jesus de Nazaré. Nazaré pode ter sido um termo de desprezo (Jo 1.46).**

*** 24.14 eu sirvo... Deus. Paulo assegurava a Félix que, como judeu, ele seguia uma religião protegida por Roma. Como seguidor do "Caminho", Paulo servia "ao Deus de meus pais" e cria na ressurreição dos mortos (Dn 12.1,2; 1Ts 4.13-18; 2Ts 1.8).**

*** 24.21 ressurreição dos mortos. Paulo fez uma declaração crítica que não pertencia à esfera dos interesses políticos romanos, mas à teologia judaica e cristã.**

*** 24.23 conservasse a Paulo... com indulgência. Como cidadão**

romano cujo caso ainda estava pendente, a Paulo era dada certa liberdade (28.16).

*** 24.24 Drusila. Filha de Herodes Agripa I (12.1-23) e irmã de Herodes Agripa II (25.13; 26.3, nota) e de Berenice (25.13 nota), Drusila deixou Azizo, rei de Emesa na Síria, para se casar com Félix. Ela provavelmente morreu junto com seu filho Agripa na erupção do Vesúvio em Pompéia, em 79 d.C.**

*** 24.27 Pórcio Festo. Festo provinha de uma família nobre em Roma.**

Embora Felix tivesse sido ambicioso e mau, Festo era sábio e honrado.

*** 25.4 Félix tinha que proteger Paulo enquanto ele estivesse sob custódia**

romana, e recusou o pedido dos judeus, salvando Paulo da conspiração deles.

*** 25.11 Apelo para César. Temendo que Festo fosse conceder aos judeus**

os seus pedidos, Paulo exercitou seu direito, como cidadão romano, de ser julgado perante César (Nero) em Roma. Nesta época, Nero estava sob a benevolente influência do filósofo estóico Sêneca, e ainda não havia mostrado sua hostilidade ao cristianismo. Paulo podia ter esperança de ser inocentado por César.

*** 25.13 rei Agripa. Este era Herodes Agripa II, filho de Agripa I e bisneto**

de Herodes o Grande (26.3 nota).

Berenice. Filha mais velha de Herodes Agripa I, Berenice ficou viúva duas vezes antes de entrar numa relação incestuosa com seu irmão Herodes Agripa II. Apesar do escândalo deste relacionamento, ela era freqüentemente apresentada como a rainha de Herodes em ocasiões oficiais (p. ex., vs. 13,23).

*** 26.3 versado em todos os costumes e questões... entre os judeus.**

Como bisneto de Herodes o Grande e filho de Herodes Agripa I, que tinha perseguido a igreja (12.1-23), Herodes Agripa II (27-c.100 d.C.) conhecia intimamente as questões judaicas. Embora influente nas questões religiosas judaicas, pois tinha autoridade política para designar o sumo sacerdote, Agripa II não era popular entre os judeus por causa de sua relação incestuosa com sua irmã Berenice (25.13, nota).

*** 26.5 vivi fariseu... seita mais severa. Conhecendo o passado**

de

Agripa, Paulo enfatizou sua dependência no Deus de seus pais (cf. 24-14) e seu vínculo com os fariseus (Fp 3.5,6), para mostrar a legitimidade de seu judaísmo. Paulo argumentou que Deus havia prometido a ressurreição do

corpo. Embora esta fosse a crença dos judeus em geral e dos fariseus em particular, estava sendo usado como base das acusações contra ele.

*** 26.12-14 A experiência de Paulo na estrada de Damasco (9.1-19), foi tão importante que ele a contou duas vezes, uma perante a multidão de judeus em Jerusalém (22.6-16) e outra vez diante desta audiência principalmente pagã em Cesaréia.**

*** 26.20 Ver 2.38; 3.19 e nota; 17.20; 20.21; nota teológica**

"Arrependimento", índice.

*****

26.23 Cristo devia padecer... ressurreição dos mortos Os judeus

tinham dificuldade para aceitar a idéia de que o Messias iria sofrer e morrer. Jesus e seus discípulos ensinaram esta doutrina a partir das Escrituras (17.2,3; Lc 24.27; 1Co 15.3,4) e ainda assim os judeus a rejeitaram, prenderam Paulo e queriam matá-lo.

*** 26.27 Acreditais... nos profetas? Agripa estava diante de um dilema:**

se dissesse não, iria enraivecer os judeus; se dissesse sim, iria perder o jeito, porque Paulo pediria a ele que cresse no evangelho.

*** 26.28 Por pouco me persuades a me fazer cristão. O rei estava**

usando uma tática para retardar, argumentando que um discurso de meia hora era insuficiente para torná-lo um cristão. No século I, "cristão" (cf. 11.26) era provavelmente um termo de desprezo (1Pe 4.16).

*****

27.2 adramitino. De Adramítio, na costa entre Trôad

estava de partida. Este capítulo está cheio de termos e direções náuticas, evidência de que o autor era testemunha ocular.

conosco Aristarco. Paulo tinha dois companheiros com ele: Lucas como seu médico (Cl 4.14) e Aristarco (Cl 4.10; Fm 24) de Tessalônica, provavelmente seu atendente.

*****

27.3 chegamos a Sidom. Um porto no Mediterrâneo

Líbano.

*** 27.4 a proteção de Chipre. Isto é, logo abaixo do ponto oriental da ilha,**

para estar protegidos dos ventos ocidentais do verão e do outono.

*** 27.5 ao longo da Cilícia e Panfília. O navio subiu a costa síria, passou**

por Antioquia da Síria e depois foi a oeste para Mirra. Mirra era um importante porto de parada para navios graneleiros que navegavam entre Alexandria e Roma.

*** 27.11,12 O capitão e o proprietário queriam alcançar o**

porto de Fênix,

maior e mais seguro, a 64 km a oeste, mas ao ir em direção oeste, passado o Cabo Matala, o navio estaria exposto a ventos de noroeste.

*** 27.17 usaram de todos os meios. Por causa do perigo de violentas**

tempestades no Mediterrâneo, antigas embarcações carregavam cordas para reforçar o casco e, numa emergência, amarravam-nas em volta delas, pelos lados.

arriaram os aparelhos. Temendo que pudessem ser arrastados para Sirte (uma região de areias perto das atuais Líbia e Tunísia), os marinheiros arriaram as velas. A descrição em grego pode também significar que eles baixaram a âncora para diminuir a velocidade do navio.

*** 27.24 deu todos quantos... contigo. Em sua bondade, Deus salvou**

todos que estavam no navio.

*** 27.26 a uma ilha. A ilha de Malta, ao sul da Sicília.**

*** 27.34 nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo. Deus**

está no controle dos mínimos detalhes da vida (Lc 21.18).

*** 27.37 no navio duzentas e setenta e seis pessoas. Este número de passageiros numa antiga embarcação marítima não era incomum. Alguns navios desse período podiam carregar consideravelmente mais.**

*** 27.41 Dando... num lugar onde duas correntes se**

encontravam. Este é o estreito canal na Baía de São Paulo entre Malta e a ilha de Simonetta, onde as correntes criam bancos de areia. Este tipo de detalhe náutico indica que Lucas foi uma testemunha ocular do evento.

*** 28.1 Malta. A antiga Malta (o nome significa "um lugar de refúgio") foi povoada pelos fenícios que chegaram ali cerca de 1000 a.C. Malta mede 13 por 29 km e está 96 km ao sul da Sicília e 256 km a nordeste de Cirene, no norte da África.**

*** 28.3-5 Por terem sangue frio, as cobras podem tornar-se rígidas e sem movimento no clima frio, e Paulo deve ter pego a serpente junto com os gravetos. Alguns sugerem que a serpente não era venenosa, mas a palavra grega traduzida por "víbora" no v.4, é usada para designar animais perigosos e cobras venenosas, e há pouca razão para duvidar da identificação pelos ilhéus da cobra como sendo venenosa.**

*** 28.6 mudando de parecer. Existe alguma ironia na reavaliação que os ilhéus fizeram do caráter de Paulo — de um assassino destinado à morte para o de um deus. Isto relembra os eventos de Listra, onde primeiro o povo aclamou Paulo e Barnabé como deuses, e então apedrejaram Paulo quase até à morte (14.11-20).**

*** 28.7 homem principal... Públio. Otávio Augusto instalou um governador romano em Malta que, de acordo com as inscrições, era o "principal homem sobre toda a municipalidade de Malta". Isto encaixa bem na descrição que Lucas faz de Públio como sendo "o homem principal da ilha". Públio mostrou aos visitantes hospitalidade em sua propriedade na ilha.**

*** 28.8 enfermo de disenteria... febre. A palavra grega sugere repetidos**

ataques febris. A doença tem sido diagnosticada em tempos modernos como sendo febre de Malta, causada pelo leite das cabras maltesas.

*** 28.16 morar por sua conta... guardava. Sob prisão domiciliar, Paulo**

morava em sua própria casa alugada. Ali ele podia receber seus amigos e ministrar para grupos tais como os judeus romanos.

*****

28.30,31 De 60 a 62 d.C., Paulo esteve sob prisão

ensinando a qualquer um que quisesse ouvir. Seu assunto pode ser resumido como o reino de Deus e Jesus Cristo. No final de Atos, Paulo ainda não tinha sido julgado perante Nero, como o Senhor disse que iria acontecer (27.24). Parece que Paulo esperava ser inocentado e solto (Fp 1.25; 2.24; Fm 22). Isto deve ter ocorrido antes de 64 d.C., quando Nero incendiou Roma e acusou os cristãos desse crime. Quando solto, Paulo parece ter retomado seu ministério, indo até a Grécia (Nicópolis, Tt 3.12; Tessalônica, 2Tm 4.10), Creta (Tt 1.5), e Ásia Menor (Éfeso, 2Tm 1.18; 4.12; Trôade, 2Tm 4.13; Mileto, 2Tm 4.20). Possivelmente ele foi até a Espanha (Rm 15.23,24,28) como o escrito do século I que 1 Clemente parece indicar. Em cerca de 67 d.C. Paulo foi preso novamente por Nero e executado. Em 2Tm 4.6-8, Paulo preve o fim de sua vida.

*** 28.31 com toda a intrepidez, sem impedimento algum. Para Paulo,**

Lucas e todos que vieram depois, a mensagem sobre Jesus e o glorioso reino de Deus devia ir em frente em triunfo.

Romanos

1.1 Paulo. As cartas antigas começavam com a fórmula geral: "A envia

saudações a B". Usando o seu nome romano, Paulo preencheu essa

fórmula com significações cristãs, tanto quanto à sua própria descrição (vs. 1-6) como no tocante ao estilo de sua saudação (vs. 7 e 8).

servo. No grego, alguém totalmente posto à disposição de seu senhor.

apóstolo. Um mensageiro oficial do evangelho. Ver 2Co 1.1, nota.

o evangelho de Deus. Deus é ao mesmo tempo a origem e o tema da mensagem cristã; o evangelho é a mensagem "de" Deus. Aqui e em outros lugares, o trinitarianismo de Paulo aflora à superfície (1.3,4; 5.1-5; 8.3,4,9-11,16,17; 14.17,18; 15.16,30).

* **1.2 foi por Deus, outrora, prometido.** O evangelho foi anunciado sob a forma

de promessas na pregação biblicamente registrada dos profetas, na qual a apresentação apostólica do evangelho se alicerçou (16.25-27).

* **1.3,4** Uma descrição dos dois estágios do ministério do Salvador, e não uma

descrição de suas duas naturezas. Embora fosse Filho de Deus, ele "nasceu da descendência de Davi", a fim de compartilhar de nossas fraquezas, mas foi transformado pelo "espírito da santidade", por ocasião de sua ressurreição, e foi conduzido a um novo estágio de sua existência pessoal humana (1Co 15.45; 2Co 13.4).

* **1.5,6** Paulo via Cristo como o autor de sua salvação, e também de sua chamada

para ser um evangelista entre os gentios (11.13,14; At 9.15; Ef 3.8).

*

1.5 para a obediência por fé. Literalmente, "obediência indicando

tanto a obediência que flui da fé quanto o fato que a fé implica na submissão obediente ao chamamento divino (16.26).

* **1.7 Roma.** Capital do império romano. Não temos um conhecimento

indiscutível sobre a fundação da igreja em Roma, embora visitantes judeus de Roma estivessem entre aqueles que ouviram o evangelho pregado no dia de Pentecoste (At 1.10).

os amados de Deus... chamados para serdes santos. Os termos usados na saudação mostrarão ser as notas-chaves da própria epístola, como o chamamento divino, o amor, a graça e a paz, que são explicados detalhadamente.

* **1.8 dou graças a meu Deus.** A gratidão pela obra graciosa de Deus em

outras pessoas foi uma característica constante da vida de Paulo (1Co 11.4; Fp 1.3; Cl

1.3; 1Ts 1.2; 2Ts 1.3; 2Tm 3.1; Fm 4).

em todo o mundo. Espalharam-se por todo o império as notícias da presença de cristãos em Roma, a capital.

* **1.9 faço menção de vós**. O constante empenho de Paulo à oração

refletia o seu devotado serviço e o seu anelo de ser espiritualmente útil. Ele orava em plena submissão à vontade de Deus (vs. 9-12; cf. Ef 1.16; Fp 1.9; Cl 1.9; 1Ts 1.3; 2Ts 1.11; 2Tm 1.3).

* **1.11 dom espiritual.** Aqui essa expressão, "dom espiritual", não foi usada no sentido funcional de 1Co 12.1. Paulo tinha em mira antes o benefício que flui do exercício de dons funcionais no ministério prestado ao próximo.

* **1.12 reciprocamente nos confortemos.** O ministério cristão visa ao fortalecimento mútuo do inteiro corpo de Cristo (Ef 4.15,16).

* **1.13 me propus ir ter convosco.** Não existem registros escritos dessas muitas ocasiões planejadas, mas ver At 19.21; 23.11, quanto ao senso de Paulo de ser impulsionado por Deus na direção de Roma.

impedido. Provavelmente por outras responsabilidades regulares. Ver At 16.6,7, quanto a interrupções nos planos de Paulo, causados ou pelo conselho interno do Espírito Santo ou por declarações proféticas.

entre os outros gentios. Isso nos sugere que o pensamento de Paulo sobre a Igreja de Roma era composta predominantemente por membros gentílicos.

* **1.14 Pois sou devedor.** O planejamento de Paulo (v. 13), e sua

expectativa (v. 14) estavam arraigados em forte senso de obrigação. Fora-lhe conferido o evangelho para anunciá-lo entre os gentios (11.13,14; cf. Ef 3.1 -8).

gregos. O mundo de cultura helenista (os "sábios").

bárbaros. Os incultos, os "não-sábios" do mundo antigo.

* **1.16 não me envergonho do evangelho.** Embora o evangelho pareça loucura

para os sábios, Paulo via a sua mensagem como uma demonstração da sabedoria divina (1Co 1.22-25,30), e não se sentia embaraçado diante do caminho divino da salvação. Ver sobre "Salvação", em At 4.12.

o poder. O regenerador impacto transformador de vida da palavra do

evangelho, através do Espírito Santo, é algo essencial, devido à servidão da humanidade ao pecado e a Satanás, e da debilidade e incapacidade espiritual por causa do pecado (5.6; 8.5-9).

de todo aquele que crê. A salvação é imerecida; mas não é universalmente desfrutada; a fé é requerida para que haja salvação.

primeiro do judeu. Ao mesmo tempo em que isso era uma verdade em termos da história da redenção (2.9,10; Jo 4.22; cf. Mc 7.24-30), também era o padrão do alcance missionários de Paulo. Assim sendo, ao visitar as cidades do mundo romano, ele começava expondo as Escrituras nas sinagogas, sempre que isso lhe era possível, quando então ele pregava o Cristo como o cumprimento das promessas do Antigo Testamento (At 9.20; 13.5,14; 14.1; 17.1,17; 18.4,19,26; 19.8). Mas por toda esta epístola aos Romanos, Paulo teve o cuidado de não negar a validade dos privilégios dados por Deus ao seu próprio povo (3.11,12; 9.4,5).

*** 1.17 a justiça de Deus.** Essa é a frase-chave da epístola aos Romanos (3.21;

5.19; 10.3), regularmente explicada na epístola como "justiça... através (ou da) da fé"

3

(3.22; 9.30; 10.6). A justiça de Deus é demonstrada na retidão de Cristo que é imputada ou considerada por Deus como pertencente aos crentes. Essa imputação da retidão aos pecadores que crêem é plenamente coerente com a retidão pessoal de Deus. Na qualidade de juiz justo e reto (2.5-16), Deus justifica ou declara reto, por meio da morte de seu Filho, aqueles pecadores que confiam em Cristo com verdadeira fé (3.21-26; 5.10). A leitura deste versículo, por parte de Lutero, exerceu um decisivo impacto em sua compreensão sobre a justificação.

de fé em fé. Paulo acentua o fato de que o Evangelho em cada ponto

da sua influência, reclama a necessidade da fé, não das obras.

como está escrito. O trecho de Hc 2.4 provê a base bíblica para e o sumário do que se segue, indicando que o modo de vida pela fé já era conhecido no Antigo Testamento.

viverá. A vida em contraste com a morte espiritual, e a vida no sentido de uma contínua comunhão com Deus. Do princípio ao fim, viver piedosamente significa confiar em Deus e depender de sua graça.

* **1.18 A ira de Deus.** A divina e justa retribuição do Juiz e a sua reação pessoal,

provocada pelo mal moral.

se revela. O julgamento divino não se limita ao futuro; seu antagonismo contra o pecado já se manifesta no mundo. Seus efeitos são visíveis desde agora.

impiedade e perversão. A ordem das palavras pode ser significativa — visto que a decadência moral segue-se à rebelião teológica. Ou Paulo poderia estar usando juntos esses dois vocábulos para exprimir uma única idéia, a da impiedade iníqua.

que detêm a verdade. Não significa que a verdade seja buscada mas não possa ser achada, mas antes é que, confrontada com a verdade (que é "claramente reconhecida", v. 20), a humanidade caída busca impedir e obstruir a sua influência, razão pela qual torna-se "indesculpável" (v. 20). A "desculpa" dos homens é um apelo à ignorância.

* **1.19 o que de Deus se pode conhecer.** Paulo salienta aqui a realidade e a

universalidade da revelação divina, que é perpétua ("desde o princípio do mundo", v. 20) e

claramente perceptível ("claramente se reconhecem", v. 20). A invisibilidade, a eternidade e o poder são todos expressos em e através da ordem criada (ver "Revelação Geral", em Sl 19.1). O Deus invisível se revela através do meio visível da criação. Essa revelação é manifesta; ela não é obscurecida, mas é claramente visível. Ver nota teológica "Conhecimento e Culpa", índice.

* **1.21 tendo conhecimento de Deus.** Com estas palavras, Paulo salientou que a humanidade não somente tem a oportunidade de conhecer a Deus por meio da revelação geral, mas também que essa revelação produz um real conhecimento. O pecado da humanidade consiste na recusa do indivíduo de reconhecer o que já se sabe ser verdade. Apesar de reconhecerem a Deus, as pessoas se recusam em honrá-lo ou em mostrarem-se agradecidas a ele. A conseqüência de terem rejeitado a Deus foi que suas mentes e corações se obscureceram. A recusa de honrar a Deus, leva todos os esforços intelectuais à frustração.

* **1.22,23 Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos ... mudaram a**

glória do Deus incorruptível. A arrogância intelectual, na presença de Deus, exibe um senso de valores invertido; a adoração a Deus é trocada pela devoção a ídolos feitos por homens e que refletem os homens. O indelével instinto para adorar é pervertido mediante a centralização sobre objetos errados (v. 25).

* **1.24 Deus entregou tais homens.** O julgamento divino envolve a remoção das restrições divinas, tanto sobre os atos pecaminosos como sobre as suas consequências (vs. 26, 28).

* **1.26,27** O efeito da perversão da adoração instintiva a Deus é a perversão de

outros instintos, que se afastam de suas funções apropriadas. As Escrituras encaram todos os atos homossexuais sob essa luz (Lv 18.22; 21.13). A conseqüência é a degradação do corpo (v. 24), a dominação da concupiscência, a desintegração daquilo que é verdadeiramente "natural" (v. 26), e a escravidão a paixões incontroláveis (v. 27).

* **1.27 recebendo, em si mesmos, a merecida punição.** Até mesmo em um mundo moralmente caído, e, portanto imprevisível (para a humanidade), a recompensa da colheita está relacionada às sementes implantadas (Gl 6,7,8).

*** 1.28 por haverem desprezado... o próprio Deus os entregou. O pecado**

produz o desdém pelos reais valores, e se arrisca a ser deixado por Deus a um espírito de licensiosidade (vs. 29-31).

*** 1.32 conhecendo eles a sentença de Deus.** Paulo via como evidências da culpa

e da servidão ao pecado, o fato de que o conhecimento do juízo divino não atua mais como força de restrição, antes, torna-se motivo para mais rebelião ainda, sob a forma de encorajar outros ao pecado. Este texto confirma que parte da revelação de Deus, mediante a natureza, comunica seu caráter moral e um senso de dever moral por parte da humanidade.

* **2.1-16** Naquilo que se segue, Paulo volta-se para um representante

imaginário de um grupo de pessoas real e identificável. Embora ele tenha mencionado especificamente os judeus tão-somente, no v. 17, provavelmente ele já os tinha em mente. Eles concordam com a declaração paulina sobre a ira de Deus, mas supõem-se a salvo dessa ira (o que explica a severa advertência do apóstolo no v. 5).

Mas a natureza dessa presunção, se não em sua forma específica, não se limita aos judeus. Neste contexto, Paulo firma os princípios do julgamento divino que todos os seres humanos terão que enfrentar. Esse julgamento está baseado sobre a verdade (v. 2) e será marcado pela retidão (v. 5). Será de conformidade com as obras de cada um (v. 6), imparcial em sua natureza (v. 11), e executado por meio de Cristo (v. 16). Esse julgamento divino trará uma agonizante ruína a todos os pecadores (vs. 8, 9).

* **2.1 indesculpável.** Paulo desmascara aqueles que concordavam com a

exposição dele da ira divina sobre o pecado (1.18-32), mas supunham-se imunes a ela.

Pois praticas as próprias coisas que condenas. Naquilo em que condenam a outras pessoas, na verdade condenam a si mesmos (v. 3).

* **2.2 é segundo a verdade.** Um elo com 1.18. O julgamento divino se baseia sobre a realidade da reação ou falta de reação do indivíduo a ele, e não sobre outras considerações.

* **2.4 Ou desprezas.** Eles se recusam a reconhecer que a bondade de

Deus tem por intenção produzir a tristeza por causa do pecado e o abandono do mesmo.

6

Eles desprezam esse propósito da generosidade divina, e, assim sendo, mostram o seu desdém pelo próprio Deus. Ver "Deus É Amor: Bondade e a Fidelidade", em Sl 136.1.

* **2.5 acumulas contra ti mesmo ira.** A presunção religiosa consiste em

"dureza" de coração, visto que uma contínua resistência aos propósitos de Deus, na exibição de sua graça, é a recusa de fazer a vontade de Deus, e aumenta o senso de culpa, ao mesmo tempo em que protesta inocência. A ira vai sendo acumulada (ver referência lateral), apontando para uma punição proporcional, no inferno.

* **2.6-10** A base do julgamento será aquilo que as pessoas tiverem sido ou feito

(v. 6). Paulo não estava negando aqui o que enfatiza em outros lugares: que a salvação é uma dádiva, e não uma recompensa (5.15,17; 6.23). O julgamento divino está baseado sobre cada aspecto do relacionamento pessoal com Deus. Somente aqueles que recebem a graça é que, de fato, aspiram "glória, honra e imortalidade" (v. 7). Há, porém, aqueles que são "facciosos" (v. 8), e não buscam honrar a Deus. Paulo ensina que se a salvação vem pela graça divina, o julgamento será de acordo com as obras de cada um (2Co 5.10). À parte da graça, só será possível um veredito: "ao judeu primeiro, e também ao grego" (v. 10; cf. 1.16).

* **2.11** Uma correta posição diante de Deus não tem base em motivos étnicos, e

nem quaisquer distinções autogeradas entre a humanidade (9.6-13; Gl 6.15).

* **2.12-16** Os judeus estavam prontos para apelar à lei de Moisés, que eles

possuíam, mas não os povos gentílicos. Fica implícito que, nessa conexão, Deus mostra "parcialidade" (v. 11). O papel da lei é um dos principais temas da epístola aos Romanos (3.27-31; 4.13-15; 5.13-15; 6.14,15; 7.1-25; 13.8-10). Temos aqui a primeira discussão acerca do papel da lei. Paulo mostrou que aquilo que agrada a Deus não é o conhecimento da lei, mas a obediência à vontade revelada de Deus através da lei. Por conseguinte, "não há acepção de pessoas" (v. 11).

* **2.12 todos os que pecaram.** Essa categoria inclui a todos, conforme fica claro

em 3.19,20,23.

lei. A lei de Moisés, cristalizada nos Dez Mandamentos (Êx 20.1-17; Dt 5.1-22). A lei

mosaica já revela a condenação divina contra o pecado, mas a causa do pecado jaz em

7

nossos corações, ou seja, profundamente arraigada em nossa natureza, e não na lei (7.13). O conhecimento da "norma da lei" (v. 15) também reside no coração, porquanto a humanidade foi criada à imagem de Deus (Gn 1.26,27). Visto que Deus julga as pessoas de acordo com padrões que lhes der a conhecer, a defesa baseada na ignorância da legislação mosaica é irrelevante e ilegítima. Não será o grau da revelação recebida, mas a reação diante da própria revelação, sem importar como e quando recebida, que se mostrará crítica "no dia em que Deus julgar" (v. 16).

* **2.14 procedem, por natureza, de conformidade com a lei.** Nenhum ser humano pode ser justificado com base na sua justiça própria, mas a presença universal de padrões morais (embora com vários graus de clareza), e o senso comum de obrigação diante desses padrões, indicam uma constituição moral universal e o senso de que o indivíduo terá que prestar conta diante de Deus. Isso é evidenciado pelo testemunho prestado pela sua "consciência" (v. 15). Ver "A Consciência e a Lei", em 1Sm 24.7.

* **2.16 por meio de Cristo Jesus.** Todo julgamento foi deixado aos cuidados Dele (Mt 7.21-23; 25.31-33; Jo 5.22; 2Co 5.10). Esse julgamento será infalível, penetrando nos "pensamentos e intuitos do coração" (Hb 4.12,13); e coisa alguma será ocultada do Juiz. E ninguém poderá dizer que é injusto que seres humanos sejam

julgados pelo ser divino, visto que o agente do julgamento será o Cristo encarnado, sendo ele mesmo um homem. Ver o "O Juízo Final", em Mt 25.41.

meu evangelho. O evangelho pregado por Paulo. Nesse evangelho, as más novas do julgamento antecedem as boas novas da graça divina.

* **2.17-29** Paulo volta-se agora, diretamente, para a reivindicação judaica de

privilégios especiais, tratando com maiores detalhes acerca da possessão da lei (vs. 1724) e da circuncisão (vs. 25-29). Em conexão com a lei, ele imprime força à reivindicação que aparece no v. 1, que os judeus eram culpados dos pecados pelos quais eles condenavam outras pessoas. Em conexão com a circuncisão, o apóstolo argumentou que o sinal, sem a sua realidade, não tem sentido.

* **2.17-20** Paulo alistou aqui os privilégios de que os judeus se jactavam,

pensando que essas bênçãos lhes davam superioridade sobre outras pessoas.

* **2.21-23** As responsabilidades que acompanhavam os privilégios não tinham

sido cumpridas. Paulo especifica os mandamentos contra o adultério, o sacrilégio e o furto (Êx 20.4,5,14,15).

* **2.25 a circuncisão... valor.** O argumento de Paulo, neste segundo capítulo, chega agora ao seu clímax. A condenação resulta do fracasso de obedecer a revelação de qualquer tipo. Os judeus tinham transgredido particularmente a lei mosaica, esvaziando a circuncisão de seu real significado. Paulo reconheceu os privilégios dos judeus (9.4,5), e da circuncisão em particular (3.1,2; 4.11). Mas a circuncisão física era símbolo da santificação e da renovação da vida

(v. 25; Dt 30.6). A realidade, e não apenas o sinal, é a questão vital, e pode ser possuída a parte do judaísmo (vs. 26,27).

* **2.29 Porém judeu é aquele que.** A obra do Espírito, que deriva-se de uma vida

centrada em Deus, e não a possessão da "circuncisão... exteriormente" (v. 28), e a "letra" (v. 27), é que torna o indivíduo membro do povo em aliança com Deus. Conforme
Paulo demonstrará, a sua conclusão poderia chocar os judeus aos quais ele se dirigia, mas estava alicerçada sobre o ensino do próprio Antigo Testamento (cf. 9.6).

* **3.1** A afirmação paulina de que para Deus não há acepção de pessoas (2.11) não significa que não há qualquer "vantagem" em ser alguém um judeu, mas somente que a desobediência anula essa vantagem.

* **3.2 os oráculos de Deus.** Ver a referência lateral. A frase revela a crença

do apóstolo de que a inspiração do Antigo Testamento se extende às suas palavras (Mt 4.4).

* **3.3,4** A reação aos incrédulos não anula a fidelidade de Deus às promessas

constantes em sua palavra. Antes, ele as cumpre (9.6,7; 2Tm 2.13), conforme o Antigo Testamento destaca.

* **3.5-**
8 Duas perguntas relacionadas são apresentadas aqui. A é que se a

injustiça das pessoas é motivo para entrar em ação a justiça de Deus, não seria injusto

que Deus executasse a sua ira contra os injustos? A resposta de Paulo é breve.

"Concede-se" que Deus julgará o mundo e que o seu julgamento será justo. No segundo

passo, Paulo reduz a objeção a uma conclusão absurda. Se Deus, de alguma maneira,

aceita a injustiça, que dá oportunidade da sua misericórdia manifestar-se, não deveria ele acolher até mesmo mais atos de injustiça de nossa parte? A conclusão é insensata (6.1,2,15). Os fins não justificam os meios.

*** 3.5 Falo como homem.** Embora tenha sido o argumento expresso

apenas como uma possibilidade, em uma discussão, a sugestão que Deus poderia ser injusto requer uma correção imediata.

*** 3.6** A justiça de Deus será exibida no Julgamento Final. Como é óbvio,

não será uma desculpa pelos pecados o fato de que os condenados tiveram uma parte ativa em tornar necessário o juízo divino. A justificação de pecadores, da parte de Deus, não desfaz a verdade elementar que ele julgará o mundo com justiça.

*** 3.8 alguns caluniosamente, afirmam.** Por tola que seja essa conclusão

falsa, parece que Paulo foi acusado de ensiná-la. Um tema semelhante mas não idêntico, é discutido em 5.20—6.1.

*** 3.10 como está escrito.** Esse é o fraseado comum do Novo

Testamento quando ali se apela à autoridade das Escrituras (1.17; 3.3). Os textos bíblicos, considerados juntamente, salientam o reinado universal do pecado e a consequente depravação e condenação da humanidade inteira.

* **3.18 Não há temor de Deus.** No Antigo Testamento, a essência de uma atitude

apropriada diante de Deus é o "temor", cuja ausência corresponde ao ateísmo prático.

* **3.19 a lei.** Neste passo, "lei" é uma referência às Escrituras do Antigo Testamento

em geral, visto que as citações de Paulo procedem dos Salmos, Eclesiastes e Isaías.

diz. Outra indicação de que Paulo encarava as Escrituras como a voz viva de Deus.

aos que vivem na lei. Não no sentido de 6.14,15, mas como em 2.12 (aqueles que possuíam a revelação do Antigo Testamento, ou seja, os judeus em particular).

para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus. Ver a

referência lateral. Ninguém, seja judeu ou gentio, tem qualquer base para apelar; ninguém pode declarar-se isento de culpa na presença de Deus. Todos estão perdidos.

*** 3.20 pela lei vem o pleno conhecimento do pecado. Ver "Os Três Propósitos**

da Lei", em Dt 13.11. Se os judeus apelavam para a sua possessão da lei como prova de sua posição privilegiada diante de Deus, Paulo, a esta altura, já havia demonstrado que o pecado de qualquer judeu é desvendado e condenado, e não ocultado e tolerado, pela lei (ver a autodescrição de Paulo, em 7.7-11). Por ocasião do Juízo Final, será fútil todo argumento, diante de um Juiz perfeitamente justo e onisciente.

*** 3.21-31** Tendo mostrado a necessidade, tanto de judeus quanto de gentios, da

justiça de Deus revelada no evangelho (1.16), Paulo agora explica como isso é providenciado em Cristo (vs. 21-26), e destaca duas implicações (vs. 27-31).

*** 3.21 Mas agora.** A lei de Moisés, vista como uma demanda, não pode salvar. Não

obstante, o evangelho não é contrário à lei de Moisés (1.2). O evangelho já tinha sido proclamado tanto pela "Lei" como pelos "Profetas". Mas "agora" (o tempo transbordante da significação remidora, por causa da vinda de Cristo; v. 26), a justiça de Deus chega ao seu cumprimento histórico, através de Cristo e Sua missão.

sem lei. A justiça para com Deus não é obtida pelos nossos atos de

obediência à lei. Não obstante, Paulo insiste em que o evangelho não anula a lei (v. 31; 6.15; 8.3,4; 13.8,10).

*** 3.22 mediante a fé em Jesus Cristo, para todos... os que crêem. A justiça de**

Deus deve ser recebida, agora que ela foi "revelada" (v. 21). Para Paulo, o ato de crer envolve o conhecimento do conteúdo do evangelho, o assentimento mental ao seu testemunho acerca de Cristo (10.14), e a confiança obediente e a dependência a ele como Salvador e Senhor (1.5). A retidão de Deus destina-se exclusivamente àqueles que têm fé ("porque não há distinção; pois todos pecaram e carecem da glória de Deus"), sem importar se são judeus ou gentios (1.16,17).

*** 3.23 carecem da glória de Deus.** Ver "Pecado Original e Depravação Total", em

Sl 51.11. Uma pungente descrição das conseqüências do pecado. Criada à imagem do

Deus glorioso (Gn 1.26,27), a humanidade trocou a glória divina pela idolatria (1.23), e

distorceu a imagem divina. Agora, as pessoas estão moral e espiritualmente repulsivas e depravadas. A graça renova e restaura a glória perdida da humanidade no caso dos crentes (5.2; 8.18; 1Co 15.42-49; 2Co 3.18; Ef 4.24; Fp 3.20,21; Cl 3.10).

*** 3.24 sendo justificados.** Nas Escrituras, a justificação é o contrário da

condenação (p.ex., Pv 17.15). É a declaração que diz que o pecador que crê é justo, e isso devido à retidão imputada de Cristo, o "dom da justiça", conforme lemos em 5.17. Agora a justiça de Cristo é

legalmente considerada como possessão do pecador crente. A justificação é algo final e irreversível (8.1,33,34). Está alicerçada sobre a obediência da vida inteira de Cristo, na qual ele cumpriu os preceitos de Deus por nós, e em sua morte na cruz, quando pagou a pena do julgamento divino que era contra nós. Os crentes compartilham atualmente da posição justa, tanto quanto a do Cristo ressurrecto, com quem eles estão unidos desde agora e pra sempre (2Co 5.21).

gratuitamente, por sua graça. A reiteração da mesma idéia, mediante palavras diferentes, enfatiza a iniciativa e a misericórdia divina por nos ter concedido livremente a nossa salvação.

a redenção. Liberdade obtida por meio do pagamento de um preço; neste caso específico vemos a soltura da condição anterior de escravidão ao pecado. Isso foi realizado através da morte de Cristo, o preço da redenção pago pela nossa salvação (Mc 10.45; 1Tm 2.6 e Hb 9.15).

* **3.25 a quem Deus propôs.** Ver a nota teológica "A Expiação", índice. Cristo

morreu como um sacrifício propiciatório, que satisfaz o julgamento divino contra os pecadores, produzindo perdão e justificação. Mas Paulo é cuidadoso ao indicar que o sacrifício de Cristo não fez Deus nos amar. O contrário é que exprime a verdade — o amor de Deus levou-o a oferecer o seu Filho (5.8; 8.32; Jo 3.16).

mediante a fé. A ênfase do v. 22 é reiterada, e, portanto, é destacada. "Mediante" indica o meio de nós termos sido ligados à retidão de Cristo. A fé é a causa instrumental, e não a causa final da justificação.

* **3.26 a manifestação da sua justiça.** A retidão judicial de Deus fica demonstrada

no evangelho. Sob o sistema mosaico de sacrifícios, o perdão era

oferecido através (mas

não à base) de sacrifícios de animais. Conforme o Novo Testamento reconhece (Hb 9.1115; 10.1-4), tais sacrifícios não podem servir de substituto pelos pecados dos seres humanos. A real significação dos sacrifícios veterotestamentários jaz na maneira como apontavam para Cristo, por meio de quem Deus cuidaria do pecado humano, de maneira apropriada e definitiva. Em face do que ele faria mais tarde, Deus podia, com justiça, passar por cima dos "pecados anteriormente cometidos" (v. 25). A obra de Cristo revela tanto a justiça de Deus (ele pune o pecado na pessoa de seu próprio Filho, 8.32) como a retidão do caminho divino da salvação, mediante a "fé em Jesus" (v. 26). Ao tratar com Cristo como o portador do pecado, e com a pessoa humana como pecadora, Deus não compromete de maneira alguma a sua própria santidade, e nem a necessidade dos pecados serem expiados. Contudo, ele proveu graciosamente a salvação que a humanidade era incapaz de obter. Quanto a esse aspecto, Paulo via a Cruz de Cristo como a manifestação da gloriosa sabedoria de Deus (1Co 1.23,24).

*** 3.27 Onde, pois, a jactância.** O ponto salientado em 2.17,23 vem novamente à

superfície. Visto que tanto os judeus quanto os gentios estão debaixo da ira, por causa de seu pecado, e visto que a lei não protege os judeus, mas antes, revela a condenação deles, e visto que o evangelho desmascara a injustiça do indivíduo, ao mesmo tempo em que revela a justiça de Deus, ninguém, nem mesmo um judeu, tem qualquer base para jactar-se (4.2,3). De fato, a jactância fica "excluída", visto que somente a fé (vs. 27,28,30), e não as realizações humanas, traz a salvação.

*** 3.28 justificado pela fé.** Ver "Justificação e Mérito", em Gl 3.11.

*** 3.30 Deus é um só.** A salvação não nos é dada por sermos

possuidores da lei.

Isso subentende que a salvação foi posta à disposição de outras pessoas, e não somente à disposição dos judeus. Paulo confirma essa verdade, em face da oposição judaica, apelando para a confissão fundamental da religião do Antigo Testamento, que Deus é um só (Dt 6.4). Esse princípio já havia sido deixado implícito, nas acusações legais dos profetas do Antigo Testamento, contra as nações, por causa dos pecados delas, e contra os judeus, por causa dos pecados deles (p.ex., Am 1.2). Paulo salientou que a justificação vem aos judeus ("os circuncisos") e aos gentios ("os incircuncisos") de uma mesma maneira — exclusivamente pela fé.

* **3.31 Anulamos, pois, a lei pela fé.** Ver "Antinomismo", em 1Jo 3.7. Paulo estava rejeitando a lei como caminho da salvação. Mas visto que a lei, como demanda moral, não foi dada aos pecadores a fim de justificá-los (vs. 19,20), o princípio da salvação pela graça divina, mediante a fé, não pode ser contradito pela lei. Conforme ele demonstrou mais adiante, o evangelho sustém e fomenta o alvo final da lei (8.3,4; 13.8-10).

* **4.1-25** Paulo confirma seu argumento de que a justificação vem pela graça

divina, através da fé em Cristo (3.22-25), mediante um apelo à vida de Abraão. Na qualidade de pai espiritual dos judeus (v. 1), Abraão provê um caso de teste para a doutrina de Paulo. Se ele pudesse mostrar que Abraão foi justificado pela fé, então sua exposição anterior tornar-se-ia irrefutável em um contexto judaico.

* **4.2,3** Contra a posição de que Abraão foi considerado justo e sustentado em sua

posição de aliança com Deus à base de sua obediência e fidelidade, Paulo tencionou demonstrar que a declaração geral, em 3.27, é verdadeira no caso de Abraão em particular. Abraão nada tinha do que "vangloriar-se", porquanto Gn 15.6 prova que foi pela fé, e não

mediante a guarda da lei, que ele foi contado como justo. Tiago também destaca Abraão como exemplo de alguém que demonstrou sua verdadeira fé por meio de suas obras (Tg 2.21). Ver "Justificação e Mérito", em Gl 3.11.

* **4.4,5** É um princípio geral que os salários são ganhos em troca de trabalho, e não

recebidos como uma "dádiva" (ver a referência lateral). Mas Gn 15.6 não faz qualquer menção a obras por parte de Abraão, mas menciona tão-somente a confiança que ele teve em Deus. Embora a fé tivesse sido um ato de Abraão, em nada esse ato contribuiu para a justiça resultante de Abraão diante de Deus, pois essa justiça foi uma dádiva divina (v. 4). Nesse sentido, se a fé, como o instrumento da justificação, envolve a atividade humana, ela não é uma "obra" meritória. A retidão de Deus foi "imputada" a Abraão (v. 3 e referências laterais; v. 9), e não conquistada por ele em troca de suas boas obras. Ver "Fé e Obras", em Tg 2.24.

* **4.6-8** O fato que a exegese paulina de Gn 15.6 está correta é confirmado por um

apelo às palavras de Davi, em Sl 32.1,2. A bem-aventurança, a comunhão com Deus e tudo aquilo que os acompanha, bem como a salvação, não são adquiridas mediante as obras, mas são o efeito do dom do perdão. É por causa da obra de Cristo, e não por

causa da nossa, que somos justificados. Méritos humanos de qualquer tipo ficam excluídos.

* **4.9-12** Paulo agora aborda uma crítica adicional do seu argumento. Mesmo

que ele tivesse demonstrado que a retidão veio pela graça, mediante a fé, no caso de Abraão, ter-se-ia ele esquecido que Abraão foi o pai dos circuncidados (e, portanto, não dos incircuncisos)? O apóstolo provê aqui uma resposta devastadora: Gn 15.6 descreve Abraão

antes dele ter sido circuncidado (v. 10). A retidão em foco e selada no caso dele, por meio da circuncisão, já tinha sido imputada a ele, quando ainda não havia sido circuncidado. Abraão, pois, serve de protótipo de todos os crentes, tanto judeus quanto gentios. Para os judeus, Abraão serve de protótipo porque a sua circuncisão retorna ao momento da sua justificação, e, para os gentios, porque ele recebeu a justificação à parte da circuncisão.

*** 4.13-**
15 Agora o argumento de Paulo avança mais um pass
A promessa feita

a Abraão era que ele seria o pai de uma multidão que possuiria o território de Canaã, e que ele também seria a fonte de bênçãos para todas as nações (Gn 12.2,3,7). Cristo é o Descendente de Abraão (Gl 3.16), e já começou a herdar a terra (Sl 2.8; cf. Mt 28.18,19). Essa promessa foi recebida por Abraão mediante a fé, e não "por intermédio da lei" (v. 13). Paulo assume aqui a verdade do que ele demonstrou em Gl 3.17, visto que a lei veio quatrocentos e trinta anos depois da promessa, a promessa não pode ser reputada dependente da lei. Se a herança fosse dependente da obediência à lei, então a fé não teria lugar no esquema divino das coisas, e a promessa seria inútil, visto que a lei não pode produzir a obediência que ela mesma requer para que seja cumprida. Somente "onde não há lei" também "não há transgressão"; mas onde há lei, ela "suscita a ira" (v. 15). Concedida a verdade da pecaminosidade de todas as pessoas, é impossível que a promessa pudesse ser recebida à base da guarda da lei.

*** 4.16 Essa é a razão por que provém da fé.** Porquanto a promessa, em todos os

seus elementos, é recebida pela fé, ela também é "segundo a graça", e "firme... para toda a descendência" de Abraão. Se, por acaso, a promessa fosse dada à base das obras humanas, a promessa teria fracassado; tivesse sido à base da circuncisão, ela só poderia ser

recebida pelos judeus. Mas visto que vem mediante a fé, e, por conseguinte, vem pela graça (pela ação de Deus, e não por ação humana), "certamente" ela destina-se à

verdadeira descendência espiritual de Abraão, ou crentes, sem importar, quanto ao nascimento natural, se eles são judeus ou gentios.

*** 4.17 como está escrito.** Uma vez mais Paulo apela para as Escrituras (Gn 17.5),

quanto à confirmação de sua exposição. Longe de ser pai somente dos judeus (os circuncidados), já era claro, desde o livro de Gênesis, que Abraão seria o patriarca espiritual de todos os crentes, judeus e gentios igualmente. E nem é inacreditável que a promessa de Deus viesse também a ser recebida pelos gentios, pois Aquele em quem Abraão confiou "dá vida aos mortos". Isso se evidenciou na nova vida que veio do ventre aparentemente morto de Sara (v. 19), na vida devolvida a Isaque, quando ele estava sob a sentença de morte (Gn 22), e, finalmente, na vida restaurada na ressurreição de Cristo (4.24,25).

e chama à existência as cousas que não existem. Essas palavras podem referir-se à criação do mundo, por parte de Deus, a partir do nada (ver Gn 1; Is 41.4; 48.13, porquanto a criação foi chamada à existência pela palavra de Deus), ou podem referir-se ao nascimento de Isaque (onde uma nação emergiu de um ventre estéril). Talvez isso também aluda às palavras de Os 1.10; 2.23 (9.25,26).

*** 4.18 contra a esperança.** No curso natural dos eventos, acreditar que Sara daria

à luz ao filho de Abraão (o primeiro requisito para receber o que lhe fora prometido) seria totalmente fútil, pelas razões expostas no versículo 19.

creu. Abraão confiou no poder de Deus (v. 17), e assim ganhou a

certeza de que a promessa de Deus teria cumprimento. Paulo deixou salientado que a verdadeira fé dirige-se na direção de Deus, e não na direção da humanidade, na direção da palavra divina, e não na direção das situações humanas.

* **4.19 sendo já de cem anos.** Ver Gn 17.1,17.

* **4.20 dando glória a Deus.** Dar glória a Deus é a garantia da qualidade da fé,

visto que é dependência no poder de Deus e é também confiança em sua promessa proferida (v. 21). A vida de fé demonstrada por Abraão era de natureza tal que os atributos de Deus formavam o seu alicerce (1.20), e, por conseguinte, era uma vida na qual a glória

de Deus foi exibida (cf. 1.21). Foi exercendo essa espécie de fé que ele foi justificado (v. 22).

* **4.25** A prova da justificação pela fé, no caso de Abraão, levou Paulo de volta ao alicerce da justificação na obra de Cristo (3.24-26). A morte e a ressurreição de Cristo são dois aspectos de uma única obra salvífica. Na primeira parte, Cristo levou sobre si a pena legal pela nossa culpa. Na segunda parte, a ressurreição de Cristo confirmou que a sua morte foi uma oferta suficiente e eficaz pelo pecado, tendo agradado ao Juiz Supremo.

* **5.1-11** Agora são traçadas as implicações da justificação pela graça,

mediante a fé. A transição da ira (1.18) para a graça (3.21) transforma tanto a posição quanto a experiência do crente. Em lugar de alienação (3.10-17), agora há paz (5.1); em lugar de ficar aquém da glória de Deus, por motivo do pecado (3.23), agora há a esperança da glória (5.2); em lugar de sofrimento como julgamento (2.5,6), há agora alegria nas tribulações, por causa daquilo que Deus produz através delas (5.3); em lugar de uma temida incerteza, há agora a certeza do amor de Deus (vs. 6-8) e a alegria no Senhor (v. 11).

* **5.1 temos paz.** Ver a referência lateral. Numerosos manuscritos apóiam a

tradução "tenhamos paz". Mas o fluxo da lógica paulina dá sustentação à primeira dessas possíveis traduções. O fato que "acabamos agora de receber a reconciliação" (v. 11), subentende que já desfrutamos de paz com Deus. Uma vez estabelecida essa paz, agora temos acesso à presença de Deus. O muro de separação foi removido. Essa paz não é uma trégua guardada, sujeita a nova eclosão de guerra. Antes, trata-se de uma paz permanente.

* **5.2 na esperança.** No Novo Testamento, a esperança é a certeza de que

receberemos algo que ainda não está sendo plenamente experimentado, o que é inteiramente diferente da incerteza, do pensamento desejoso. Que essa esperança não será frustrada é garantido aqui e agora pelo amor de Deus que o Espírito Santo derrama nos corações dos crentes (vs. 4,5).

* **5.4 experiência.** Ver a referência lateral. Essa experiência confirma a

nossa confiança de que a glória pela qual esperamos uma dia nos pertencerá (8.17-25).

* **5.6 Cristo... morreu.** A natureza desse amor derramado (v. 5) é visto na

cruz. Ali Deus agiu "no devido tempo" (ver a referência lateral), tanto no sentido que a morte de Cristo teve lugar de acordo com o tempo de Deus (Jo 17.1; At 2.23; Gl 4.4), como também porque essa bênção nos veio no momento de nossa mais profunda necessidade. Esse é o ponto tocado por Paulo quando ele diz: "quando nós ainda éramos fracos" (v. 6), "sendo nós ainda pecadores" (v.8) e "quando inimigos" (v. 10).

* **5.8-11** Tal como o trecho de 8.1-4,32, esta passagem ilumina o propósito

especial e a eficácia que Paulo atribui regularmente à morte de Cristo. Em outras palavras, Cristo morreu especificamente "por nós" (v. 8), os quais agora cremos e estamos justificados mediante a nossa fé, pois a sua morte realmente obteve para nós a "reconciliação" que "acabamos agora de receber" (v. 11). Ver a "Redenção Definida", em Jo 10.10.

* **5.9 muito mais agora.** Paulo argumentou do maior para o menor. Se

Deus operou por nós a obra da reconciliação, ao custo do sofrimento e da morte de seu Filho, ele não negará a salvação final que é "através dele" e "pelo seu sangue", na qualidade de Mediador assunto ao céu. Guardar para a salvação final aqueles que já foram justificados é simplesmente Deus seguindo avante o Seu propósito inicial de amá-los. A expressão mais decisiva e mais cara desse propósito de amor foi a morte reconciliadora e real de Cristo, que garantiu a justificação e a glorificação daqueles por quem ele morreu (8.32).

* **5.10 fomos reconciliados.** Somente Paulo no Novo Testamento descreve como reconciliação a obra de Cristo que leva sobre si o pecado (11.15; 2Co 5.18-20; Ef 2.16; Cl 1.20,22), embora a idéia já se faça presente no Antigo Testamento, especialmente no livro de Oséias. A alienação de Deus com respeito a nós chegou ao fim mediante a remoção da causa da alienação (nosso pecado, culpa e condenação) através da morte de Cristo (cf. 2Co 5.21). Nesse sentido, a reconciliação é objetiva (2Co 5.18,19). Todavia, ela precisa ser "recebida" (v.11; cf. 2Co 5.20), pela rejeição da nossa própria alienação e hostilidade, a saber, mediante o arrependimento e a fé em Cristo.

* **5.12-21** A palavra "portanto", usada no começo do v. 12, indica

que aquilo que

se segue está ligado, na mente de Paulo, com o que precedeu, pelo que a comparação e

o contraste que ele traça entre Adão e Cristo, é sua elaboração teológica do que já havia

sido dito. Paulo salienta a idéia de "um só homem" por toda esta passagem (vs. 12,15-17 e 19), e isso indica que ele encarava tanto Adão como Cristo como indivíduos históricos. No caso de Adão, ele enfoca a atenção sobre a sua "ofensa" (vs. 16, 18 e a referência lateral), mediante a qual todos os homens "se tornam pecadores" (v. 19). Eles mostraram-se solidários com Adão, que foi o representante deles diante de Deus, e isso os constituiu pecadores, quando Adão pecou.

* **5.12 assim como... entrou o pecado no mundo.** Paulo começa a fazer aqui uma comparação que não foi concluída senão nos vs. 18-21. A comparação foi interrompida mediante uma meditação que continua até o v. 17.

como por um só homem. A morte não é natural para a humanidade, mas resulta diretamente do pecado (Gn 2.17).

porque todos pecaram. O reino universal da morte é a consequência do pecado. Paulo não explicou como toda a humanidade se viu envolvida com Adão em seu pecado, mas simplesmente asseverou o fato. Todos os homens pecaram no pecado de Adão. Ver "Pecado Original e Depravação Total", em Sl 51.11.

* **5.14 reinou a morte.** Todos os seres humanos estiveram sujeitos à morte, antes que fosse concedida a lei de Moisés.

o qual prefigurava aquele que havia de vir. Adão, o primeiro homem, foi o cabeça divinamente nomeado da humanidade inteira, e o pecado dele fez todos aqueles a quem ele representava perderem a retidão ("todos os homens", vs. 12 e 18; "muitos", vs. 15 e 19). Por semelhante modo, Deus fez de Cristo o cabeça representante de uma nova humanidade, a fim de que, mediante a sua obediência diante da morte, pudesse obter a justificação deles. Inerente a esse ensino é a idéia de que a restauração provida na salvação deve seguir o padrão, e reverter o conteúdo da constituição original da humanidade diante de Deus (1Co 15.45-49; Hb 2.14-18).

* **5.15 não é assim o dom gratuito como a ofensa.** Ver a referência lateral. Paulo exprimiu aqui o contraste entre Cristo e Adão, nos vs. 15-17. Não somente os atos entre eles são antitéticos, mas a graça da obra de Cristo é vista como maior do que o pecado, o

julgamento e a condenação de Adão, quanto à maneira como a realização de Cristo trouxe justificação, retidão e vida a almas arruinadas ("muito mais", vs. 15 e 17).

* **5.16 o julgamento derivou de uma só ofensa.** Ver "A Queda", em Gn 3.14.

* **5.18,19** Paulo retorna ao principal impacto de sua analogia, a saber, que há

um paralelo entre Adão e Cristo, visto que a condenação e a justificação são frutos diretos de suas ações. Com base nos atos de "um só", "muitos" são constituídos ou pecadores ou justos. Adão é o cabeça representante bem como a raiz física de todos, pois todos pecaram e caíram quando ele pecou. Em contraste, mediante a "obediência de um só", aqueles que são representados por Cristo, foram feitos "justos" em Cristo (ver "A Humilde Obediência de Cristo", em Jo 5.29). Cristo é o Cabeça representante deles, bem como a raiz espiritual da nova humanidade, pois mediante a sua ressurreição, eles receberam tanto o novo nascimento quanto uma vívida

esperança (1Pe 1.3; Ef 2.1-7).

* **5.20 Sobreveio a lei.** A lei foi dada como um elemento adicional (pós-queda) no

trato de Deus com o seu povo, a fim de que "avultasse a ofensa". Enquanto o pecado estava no mundo antes que a lei fosse dada (v. 13), a lei revela o pecado em seu caráter específico como transgressão, o ultrapassar de um conjunto de regras padronizadas. Tais declínios "abundam", porquanto as demandas da lei despertam desejos contrários nos corações dos pecadores (7.5,8). Mas em face desse aumento do pecado, "superabundou a graça", não somente mantendo o mesmo passo com a ofensa, mas até ultrapassando-a, na grande salvação realizada por meio de Cristo.

* **6.1-14** A insistência de Paulo de que o aumento do pecado é compensado

pelo aumento da graça (5.20), levou à pergunta que ele agora levanta. Tão grande foi a sua ênfase sobre a liberdade da graça divina , em face do pecado, que a sua pregação foi acusada de tendências antinomianas, ou seja, a ignorância dos requisitos éticos da lei (3.8). Agora ele frisava o ponto de que continuar no pecado envolveria uma contradição da nova identidade do crente em Cristo. Em face dessa nova identidade (v. 11), os crentes devem rejeitar a idéia de que a permissão de pecar usurpe autoridade sobre as suas vidas; pelo contrário, devem entregar sua vida inteira a Deus (vs. 12,13), na certeza de que, visto estarem sob a graça divina e não sob a lei, como meio da salvação deles, o pecado não é mais o seu senhor.

* **6.2 De modo nenhum.** Uma expressão freqüentemente usada por Paulo

para exprimir um retrocesso escandaloso (3.31; 6.15; 7.7,13; 9.14; 11.1,11).

nós os que para ele morremos. O ponto destacado por Paulo é que os crentes foram realmente unidos a Cristo, tanto em sua morte quanto em sua ressurreição, e que isso alterou de tal modo a condição deles que continuarem pecando como antes não somente é impróprio, mas também é, realmente, impossível.

*** 6.3,4** O batismo em água, o sinal e o selo da união inicial com Cristo, é a

cerimônia de sepultamento para o "velho homem" (v. 6), bem como a cerimônia de inauguração para a nova pessoa em Cristo (v. 4). Como tal, o batismo proclama que aqueles que estão unidos com Cristo morreram para o pecado. De Rm 5.20 a Rm 8.4, o pecado é apresentado como a força impulsionadora que produz atos pecaminosos, e que é personificado como um capataz tirânico, exigindo domínio e que precisa ser resistido. Ver a nota teológica "Batismo", índice.

*** 6.6 foi crucificado com ele o nosso velho homem. Se o "velho homem"**

abrange a vida de antes da conversão, inclui também muito mais, e deveria ser interpretado à luz de 5.12-21, dando a entender tudo quanto éramos em nossa união com Adão. Devemos pensar que tudo isso foi encravado na cruz, a fim de morrer.

o corpo do pecado. Talvez no sentido do pecado como uma massa, como um corpo; mas provavelmente o corpo físico visto como a esfera na qual o pecado reinava (cf. "corpo desta morte", em 7.24).

seja destruído. A união com Cristo em sua morte não destrói o nosso corpo como tal, mas põe fim ao papel do corpo como o instrumento inescapável do pecado, destruindo o reino do pecado no corpo. Os corpos dos crentes são agora dedicados a Cristo e produzem fruto santo em seu serviço (6.13,22; 7.4; 12.1). Não somos mais "escravos do pecado" visto que a vida no corpo, dominada pelo desejo ardente

de pecar, cedeu lugar à vida no corpo dominada pela paixão pela justiça e pela santidade (v. 18).

* **6.7 está justificado do pecado.** Ver a referência lateral. Aqui a

linguagem tem uma nuance adicional de "livrado do", porquanto Paulo estava discutindo o

reinado do pecado, e não meramente a sua culpa (vs. 17-22). Paulo personificou o

21

pecado como se fosse um monarca (5.21); como um general que usa várias partes do corpo como armas ("instrumentos, v. 13 e referência lateral); e também como um empregador que paga salário ao seu empregado (v. 23).

* **6.8 também com ele viveremos.** Isso inclui a idéia da ressurreição, mas

também deixa implícita a nossa presente participação na vida ressurrecta de Cristo, como alguém que está "vivo para Deus em Cristo Jesus" (v. 11).

* **6.11 considerai-vos mortos.** Deve-se reconhecer que aquilo que foi dito nos vs. 1-10 já era a verdade a respeito do crente.

* **6.12 Não reine... o pecado.** Visto que o reinado do pecado foi quebrado, todas as tentativas do pecado por recuperar o domínio podem e devem ser resistidas. O corpo (v. 13), outrora dominado por desejos pecaminosos, não mais deve ceder diante desses desejos.

* **6.13 oferecei-vos a Deus.** Paulo via o segredo da santificação como a entrega da pessoa por inteiro a Deus, da qual se segue o oferecimento das várias partes do corpo a ele.

como ressurrectos dentre os mortos. Tudo isso deve ser feito em consciente conhecimento e como uma expressão deliberada, de nossa nova identidade em Cristo.

* **6.14 o pecado não terá domínio sobre vós.** Temos aqui uma declaração indicativa, uma promessa, e não um imperativo ou uma exortação.

pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça. O princípio controlador na vida do crente é o reinado da graça, que nos livra do reinado do pecado (5.21), e nos transforma segundo a semelhança de Cristo.

* **6.15-23** O fato de que o crente não está debaixo da lei, mas debaixo da graça

divina poderia parecer que provê licença para a negligência moral. Mas Paulo nega isso, visto que, sob o reinado da graça, os crentes tornaram-se escravos de Deus. A liberdade concedida pela graça, portanto, é a liberdade para obedecer e servir, e não uma permissão para pecar. Ver "Liberdade e Escravidão da Vontade", em Jr 17.19.

* **6.17 graças a Deus.** Ao mesmo tempo em que Paulo salienta a atividade do

indivíduo na conversão ("vos ofereceis", v. 16: "viestes a obedecer", v. 17), ele atribui, agradecido, toda a correta reação espiritual à graça de Deus. Se o indivíduo é ativo na conversão, ele o fez de maneira não-contribuinte e não-meritória, de tal modo que não ficam comprometidas nem a graça e nem a soberania divinas.

viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. Ver a

referência lateral. O oposto à servidão ao pecado é a submissão do novo estilo de vida que é produzido pela graça. À vista disto aqui

estão tanto o próprio evangelho como o tipo de ensino dado nos capítulos 12—16, talvez tendo o próprio Cristo como modelo (cf. Ef 4.20,21).

* **6.18 uma vez libertados do pecado.** Ver a "Liberdade Cristã", em Gl 5.7.

* **6.19 Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. A ilustração**

da escravidão é uma representação inadequada da vida cristã, especialmente em um contexto romano, porquanto poderia dar a idéia de uma dura conotação da servidão humana e expressar inadequadamente a verdade de que o jugo de Cristo é suave (Mt 11.28-30). Não obstante, Paulo retém a metáfora, talvez acreditando que o perigo maior consiste em deixar de cumprir a responsabilidade moral pessoal diante do Senhor.

para a escravidão da impureza. A pecaminosidade não se estaciona, mas entra em decadência e se agrava.

* **6.23** O tríplice contraste do salário, do pecado e da morte, com o dom, Deus e a

vida eterna, leva o argumento de Paulo a um enfoque memorável.

* **7.1-12** Paulo expande agora o tema da relação entre o crente e a lei. Embora

a lei seja santa, justa e boa (v. 12), a sujeição do pecador à lei resultou somente em

condenação, visto que a lei, em sua justiça, desvendava toda transgressão e fracasso.

Nesta seção, a relação entre o pecador e a lei é comparada a um casamento. O ponto da

comparação é que a morte leva essas relações ao fim, e o cônjuge viúvo fica livre para

entrar em uma nova relação de casamento. Visto que o "casamento" com a lei foi

quebrado por meio da morte, o crente não é um adúltero e nem pode ser condenado pela

lei. O crente morre ao ficar unido com Cristo em sua morte, quebrando a cadeia de desobediência e morte que prendia o pecador a Adão e ao seu destino (5.12-21). O outro lado da ilustração é que a união com Cristo, em sua ressurreição, confere ao crente uma nova relação, segundo a qual uma verdadeira, embora ainda não perfeita, obediência é prestada a Deus, em amor e gratidão. No novo relacionamento com Cristo, a força do Espírito assegura que haverá vida e frutificação.

* **7.3** Paulo parte da idéia de que um novo casamento, após a morte de um

dos cônjuges é inteiramente coerente com o evangelho cristão (1Tm 5.14).

* **7.4** **corpo de Cristo.** A referência aqui é à morte física de Jesus Cristo.

frutifiquemos. Uma metáfora que aponta para um resultado ou consequência natural.

* **7.6** **para aquilo a que estávamos sujeitos**. O complexo do pecado, da

condenação e da morte em Adão e debaixo da lei.

***7.7 É a lei pecado.** As alusões de Paulo à lei até este ponto tiveram um

tom negativo, especialmente a sua declaração de que a lei desperta as paixões pecaminosas (v. 5). Mas agora ele explica que reconhecer o efeito negativo da lei sobre a vida da humanidade caída não desmerece a própria lei (note a linguagem veemente em 3.31). O papel da lei, determinado por Deus, em um mundo caído, é revelar a natureza do pecado humano. A lei não somente define o pecado, mas também atua como um estímulo, provocando as precisas reações pecaminosas que ela proibia e condenava (vs. 8-11). Em si mesma, a lei, que nos leva a conhecer a realidade do pecado, em nosso sistema moral e espiritual (3.20; 5.13,20) é "santa e justa e boa" (v. 12). A lei é uma revelação fiel do que é certo e do que é errado, e nunca perde a sua validade para aquilatar e dirigir o nosso comportamento moral.

*** 7.8 sem lei, está morto o pecado.** No sentido que ou o pecado ou sua

real ofensa não eram reconhecidos.

*** 7.9 sem a lei, eu vivia... e eu morri.** Paulo estava vivo, não no sentido de

possuir vida espiritual (6.11), mas em sua própria estimativa. Ao conhecer a lei, que

prometia vida em troca de obediência (v. 10), isso fez Paulo perceber que a observância

da lei lhe era requerida. Tentar obedecer à lei, fê-lo perceber que interiormente, nos desejos de seu coração (especialmente a cobiça, v. 8, o pecado proibido no décimo mandamento), ele era um constante transgressor da lei, antes mesmo de conhecê-la, e quando

ele percebeu o que estava fazendo, ele não podia mais parar. Isso posto, Paulo escreve que o pecado, o impulso anti-Deus e anti-lei que estava dentro dele, "me enganou e me matou" (v. 11). E ele ficou convencido de que, espiritualmente, ele não tinha vida e estava perdido. Paulo, pois, oferece a sua experiência pessoal como índice de como a lei se relaciona com todas as pessoas.

* **7.10 que me fora para vida**. Ver Lv 18.5; Dt 30.15,19. Em si mesma, a lei assinala uma vereda que garante o favor de Deus e a felicidade da humanidade. Mas onde o pecado reina, a lei só produz miséria e morte.

* **7.11 o pecado... me enganou.** Aqui, como em outros trechos da epístola aos Romanos, a sombra do jardim do Éden emerge na linguagem usada por Paulo (Gn 3.13; cf. 2Co 11.3; 1Tm 2.14).

* **7.12 Santo, e justo, e bom.** A lei reflete o caráter de Deus ("santo"); é a norma objetiva para a reação pactual da humanidade para com Deus ("justo"); e é benéfica para cada um de nós, pessoalmente, visto que fomos criados à imagem de Deus ("bom").

* **7.13 Acaso o bom se me tornou em morte.** A resposta de Paulo à sua própria

pergunta é um "não". O pecado em mim foi que se tornou a causa de minha morte espiritual, impelindo-me a quebrar a boa lei de Deus. O pecado, pois, é visto como "excessivamente iníquo".

* **7.14-25** A mudança súbita para verbos no tempo presente, nos vs. 15-25, em

contraste com as declarações que descreviam o passado (vs. 7-13), levanta a questão se

Paulo estava agora descrevendo sua experiência presente. Há uma certa variedade de

interpretações, incluindo as seguintes: (a) Paulo estava descrevendo a pessoa não-

regenerada, ou talvez os judeus em particular, do ponto-de-vista do evangelho; (b) Paulo

estava descrevendo um crente que está em uma condição espiritual desnatural e doentia,

que não tira proveito dos recursos do Espírito Santo que em nós veio habitar; (c) Paulo

estava descrevendo a experiência transitória, talvez a sua própria experiência, de alguém

que foi despertado para suas verdadeiras necessidades espirituais, mas ainda não entrou

na experiência plena da justificação pela fé; (d) Paulo estava descrevendo a si mesmo e aos crentes em geral que, embora em Cristo e livres da condenação da lei, ainda não cumprem de modo perfeito os requisitos da lei. Este quarto ponto é a interpretação mais provável. Isto explica a mudança feita por Paulo para o tempo verbal presente, enquanto que seu tema, nos vs. 7-25 (a santa lei de Deus que estimula e desmascara o pecado), continua, bem como a presença, na auto-análise de Paulo, de elementos encontrados somente em pessoas que foram unidas com o Cristo ressurrecto, para a nova vida no Espírito (6.4-11; 7.6; 8.4-9). Paulo estava cônscio de que a lei de Deus é "espiritual" (v. 14). Realmente, ele se deleitava na lei de Deus, desejando cumpri-la perfeitamente (vs. 15-23), e ele se sentia aflito porque o pecado, que nele havia, se opunha a esse desejo. Mas sentia-se agradecido diante da possibilidade de um futuro livramento de sua frustração (v. 24; 8.23). Ele fez a distinção entre a sua "mente", cujo alvo era a obediência, e a sua "carne", que continuava a pecar (v. 25). Todas essas

observações mostram que Paulo estava descrevendo a sua experiência como um novo homem em Cristo.

Paulo, na verdade, estava descrevendo um profundo conflito que todo crente encontra inerente em sua vida em Cristo: Cristo habita nele (Gl 2.20); e, no entanto, o pecado também habita nele (vs. 17 e 20). Uma perfeita conformidade com a vontade de Deus, no presente, estava fora de seu alcance. A salvação tem duas dimensões: "já" e "ainda não".

É importante observarmos que Paulo continuava discutindo o papel da lei. Ele destaca sobre as frustrações da presente experiência cristã, mostrando simplesmente como, tanto para os cristãos quanto para os judeus, a boa lei de Deus provoca, expõe e condena o pecado, sem ser maculada por ele e sem trazer o livramento dele.

*** 7.14 a lei é espiritual.** Temos aqui uma outra descrição sobre a lei, em adição ao

que se lê no v. 12. Longe de repudiar a lei (3.31), Paulo declara que ela estabelece o padrão ao qual a vida governada pelo Espírito deveria conformar-se. Fazendo contraste com a lei, ele se chama de "carnal", visto que não podia atingir a plenitude desse padrão. Na posição de ruína moral, atualmente sob reconstrução, ele exibia as marcas daquilo que ele era em resultado da influência de Adão, bem como em resultado da influência de Cristo.

vendido à escravidão do pecado. Apesar de não sumariar toda a verdade a seu respeito

(v. 25), Paulo reconhece que, do ponto de vista da santa lei de Deus, essa é a verdade

acerca de sua existência física e de seu comportamento (apesar de que era um crente), e passa a explicar a questão.

*

7.15 nem mesmo compreendo. Paulo é capaz de ar

o contraste que havia entre si mesmo e o "pecado que habita em mim" (vs. 17, 20). Havia um tremendo e real conflito entre as forças do pecado e da graça divina em sua vida. Todavia, ele dá a entender que o pecado que nele habitava era apenas um ocupante temporário. Apesar de que o pecado ainda acompanha sua nova identidade em Cristo, nesta vida, a nova identidade resultará no triunfo final sobre o pecado que nele habita (6.2-14).

* **7.24 Quem me livrará.** Esse não é um grito de desespero, porquanto Paulo sabe a resposta e a fornece no versículo seguinte.

corpo desta morte. Ou seja, o corpo físico, visto como o meio pelo qual o pecado se expressava. O desejo a que Paulo aludiu aqui não era pela morte como tal, mas pelo livramento que, finalmente, se consumará na ressurreição (8.23; Fp 3.20; 2Co 5.2-4).

* **7.25 eu, de mim mesmo.** Devemos entender por essa frase "eu, uma e a mesma pessoa". Paulo aprovava totalmente a boa lei de Deus, e, no entanto, "na carne" ele ainda servia ao pecado. A nova vida no Espírito é experimentada por indivíduos, na mente, no corpo e no espírito que continuam a estampar os sinais do pecado.

com a mente... do pecado. Paulo sintetiza aqui o estado de frustração que ele vinha descrevendo desde o v. 14.

* **8.1-39** Encontramos aqui uma vasta rapsódica expansão da análise da

certeza e da esperança cristãs contidas em 5.1-11. Paulo almeja a glória da salvação dos crentes romanos, e não a memória depressiva que tinha acabado de destacar, acerca de sua contínua pecaminosidade, para que a glória enchesse as mentes de seus leitores, e trouxesse alegria aos seus corações.

*** 8.1 Agora, pois.** O interesse do apóstolo, aqui, é pastoral. Paulo está

dizendo a seus leitores, à luz do lembrete passado de sua contínua pecaminosidade, que

eles agora deveriam relembrar a aceitação, a imunidade e a segurança de que eles gozavam em Cristo.

nenhuma condenação. Provavelmente em ambos os sentidos — o julgamento e a punição.

*** 8.2 a lei do Espírito da vida... lei do pecado e da morte. A lei do**

Espírito aponta para o seu poder operante (7.23). A lei do pecado é o poder operante do pecado, ou então a lei divina usada pelo pecado para produzir a morte (7.8-13).

*** 8.3 o que fora impossível à lei.** Paulo não está criticando a lei moral,

mas observa uma vez mais que, por causa da pecaminosidade da humanidade, a lei não pode dar a salvação ao ser humano.

o seu próprio Filho. Essas palavras nos fazem lembrar de Gn 22.2, quando Isaque foi amarrado; e também apontam para o tremendo custo da nossa redenção (v. 32).

em semelhança de carne pecaminosa. A palavra "semelhança" significa a similaridade com um protótipo; a "carne pecaminosa" é a natureza humana, a qual, através da queda, veio a ser corrompida e controlada pelo pecado. A humanidade de Cristo era semelhante à nossa, porquanto ele podia ser tentado, e viveu sua vida como uma parte de um mundo decaído, pleno de fragilidades e exposto a vastas pressões. Mas nem por isso ele pecou, e não havia qualquer corrupção moral e espiritual nele. Se Jesus tivesse sido

corrompido pelo pecado, em qualquer sentido, ele não poderia ter cumprido o padrão do Antigo Testamento, que requeria que toda oferta pelo pecado fosse "sem defeito" (Lv 4.3).

condenou Deus, na carne, o pecado. Parece que o que Paulo quis dizer aqui é que na crucificação do Filho de Deus encarnado, o pecado foi julgado e condenado, pelo que agora todas as reivindicações do pecado, que visam a nossa condenação, tornam-se inválidas. Não há qualquer condenação restante para aqueles que estão em Cristo. Ver "Liberdade Cristã", em Gl 5.7.

* **8.4-8** O contraste feito por Paulo entre o antigo e o novo padrão de vida, entre a vida na carne e a vida no Espírito (7.6), é agora resolvido detalhadamente nos termos de

duas atitudes mentais fixas: uma delas sob a influência da "carne"; e a outra sob a influência de Cristo, por meio do Espírito que veio habitar nos crentes.

* **8.7 inimizade contra Deus.** Pura hostilidade contra Deus, incapaz de

outra atitude qualquer, é a real atitude mental de todos aqueles que ainda não foram renovados pelo Espírito (3.9-18). A pessoa natural considera Deus um inimigo.

* **8.9-11** Os cristãos não estão em Adão, dominados pela "carne", mas estão sob o governo de Cristo, porque o Espírito que veio habitar nele é o Espírito de Cristo (ver "O Espírito Santo", em Jo 15.2). Embora o corpo físico continue sujeito à morte, a vida prevalece neles, porque aqueles que estão unidos com Cristo vivem para Deus na esfera do Espírito. A dualidade que está aqui em foco não é uma mera distinção entre os lados físico e espiritual na vida de um crente, mas entre duas esferas de existência — a vida física em um mundo caído, com sua sempre presente morte física, e vida no Espírito, a participação na ressurreição de Cristo (1.4).

* **8.10 o espírito é vida.** Esta frase porém pode referir-se ao espírito renovado do crente, mas provavelmente, refere-se ao Espírito Santo. A própria passagem enfatiza o Espírito Santo, a sua obra e a sua íntima associação com Cristo. O "Espírito de Deus", que habita em nós, é chamado de "Espírito de Cristo" (v. 9), e a sua habitação permanente em nós é o meio mediante o qual Cristo está "em vós" (v. 10). Paulo via esse relacionamento como algo tão íntimo que ele pôde dizer "o Senhor é o Espírito" (2Co 3.17; cf. 1Co 15.45). Essas passagens não eliminam a distinção entre Cristo e o Espírito como Pessoas separadas da trindade divina. Antes, Paulo estava ensinando que Cristo e o Espírito Santo trabalham juntos na aplicação da vida ressurrecta de Cristo ao crente. A presença do Espírito em nós, nesta vida, é a garantia da futura ressurreição do corpo do crente (v. 11).

* **8.11** Um relato trinitariano da realização da salvação, pressupondo a unidade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em seu ser essencial, da mesma maneira que eles estão unidos na complexa obra da redenção.

* **8.12** Deste ponto em diante, até o fim do presente capítulo, Paulo está generalizando sobre si mesmo, e todos os crentes juntamente com ele.

* **8.13 mortificardes os feitos do corpo.** Ver "Santificação: O Espírito e a Carne", em 1Co 6.11. O corpo não é mau por si mesmo. O pecado origina-se no coração, o centro espiritual de nosso ser, e que inclui a vontade (Mc 7.18-23). Mas visto que vivemos em corpos físicos, o pecado acha expressão através do corpo. Portanto, não somente nos pontos internos de sua origem, mas também em suas expressões físicas, o pecado deve ser morto, ou seja, deve-se pôr um ponto final ao mesmo (6.12,13; 12.1).

* **8.14** Esse caminho da santidade é agora mais completamente descrito como a orientação pelo Espírito, sendo especificada como uma das marcas dos filhos de Deus. A palavra "guiados" nos faz

lembrar a "adoção" e a orientação no êxodo e no deserto, que pode ter sido o pano de fundo do pensamento de Paulo aqui (9.4; Dt 8.2,15; 29.5). Ver "Adoção", em Gl 4.5.

* **8.15 o espírito de adoção**. Em adição à justificação e a liberdade da condenação (v. 1), os crentes são acolhidos na família de Deus e são internamente persuadidos pelo Espírito de que eles fazem parte dessa família. O clamor do crente, "Abba, Pai" (a palavra aramaica *Abba,* foi usada pelo próprio Jesus para referir-se a Deus Pai, em Mc 14.36), indica quão vividamente a união com Cristo é uma realidade, na experiência da Igreja do Novo Testamento. Esse clamor é uma expressão de consciência assegurada de filiação. A idéia de adoção não aparece no sistema legal do Antigo Testamento, e Paulo parece ter tomado por empréstimo esse conceito próprio da lei romana, preenchendo-o com a teologia bíblica da paternidade de Deus sobre o seu povo.

* **8.16 testifica.** O testemunho conjunto de nosso próprio espírito com o Espírito Santo vem à tona no clamor "Abba, Pai" (Gl 4.6).

* **8.17-21** Tal como todos os filhos, em uma família humana, são herdeiros do

pai juntamente com o irmão mais velho, assim também os crentes são herdeiros de Deus

em Cristo e juntamente com ele. Mas receber a herança que nos é dada em Cristo

envolve a participação em seus sofrimentos, a vereda mediante a qual compartilharemos

de sua glória (2Co 4.17). As palavras "glorificados", "glória", nos vs. 17-21 (cf. v. 30)

significa a transformação, enobrecimento e o regozijo trazidos pela manifestação de Deus

em cada crente. A glória a ser revelada (v.18) aparecerá quando os filhos de Deus são

revelados em sua nova natureza (v.19), e a criação é libertada de seu presente estado de

imperfeição e declínio (v. 20,21). A revelação dessa glória fará mais do que extinguir o

dano e a perda ("Vaidade", v.20) que a ordem criada sofreu em resultado da queda de Adão (Gn 3.17). A regeneração de todas as coisas (Mt 19.28; At 3.21 e Ap 21.1), na ordem criada, corresponde à liberdade na glória (vs.17, 18), a ser desfrutada pelos filhos de Deus.

* **8.22-25** A atual condição da criação não é sua condição final; é antes como uma mãe que geme com as dores do parto. A criação inteira tem um destino planejado por Deus, e deseja ardentemente que seja cumprido, tal como sucede aos próprios crentes (vs. 23, 26). Nossa salvação apenas começou — temos o Espírito Santo como se fora uma primeira prestação — mas só chegará à consumação quando formos ressuscitados (a plena realização da adoção que temos em Cristo, v. 23). Inevitavelmente, pois, a vida cristã envolve uma paciente espera, vivida na esperança.

* **8.24 na esperança, fomos salvos.** Ver "Esperança" em Hb 6.18. O trabalho de parto (a dor e a tristeza, por causa de como as coisas são, 7.24,25; 8.18,36) é permeado com a expectação, e não com o desapontamento e a frustração (5.5), e também com a paciência (v. 25) e com o anelo (v. 23).

* **8.26 O Espírito... nos assiste.** Ver "Oração", em Lc 11.2. O Espírito Santo nos fortalece em nosso estado de fraqueza, do que somos constantemente cônscios. A perplexidade quanto a orar por si mesmo é uma experiência universal dos crentes. Nosso anelo não-articulado de orarmos devidamente serve de indicação de que o

Espírito, que em nós veio habitar, já nos está ajudando, ao interceder por nós em nossos corações, fazendo pedidos que o Pai certamente responderá.

* **8.28 Sabemos.** O crente calcula o presente à luz de sua certeza quanto ao futuro. Como verdadeiros israelitas, em quem se cumpre o primeiro e grande mandamento (Mt 22.37,38), nosso amor a Deus é evocado pelo conhecimento que temos de que ele nos ama (5.5-8).

chamados. Conduzidos à fé (v. 30. cf. 1.6).

segundo o seu propósito. O propósito de Deus garante o "bem" para o seu povo. Para eles, isso não é, necessariamente, algo fácil e tranquilo, mas é ser como Cristo (vs. 17-

23,29). A providência de Deus controla as coisas de tal modo que assegura que tudo quanto acontece conosco está funcionando para o nosso bem final.

* **8.29 conheceu... predestinou.** Ver "O Propósito de Deus: Predestinação e Pré-Conhecimento", em MI 1.2. Os vs. 29 e 30 explicam o "propósito" de Deus (v. 28). Trata-se de um plano da graça salvífica soberana, capacitando a todos aqueles que agora crêem que retrocedem a sua fé e salvação à eterna decisão de Deus de conduzir seus filhos à glória, e olharem para essa glória como uma certeza garantida. O destino determinado para os crentes (conformidade com Cristo e glorificação juntamente com ele) flui do conhecimento prévio de Deus. Aqui, é dito que Deus conheceu de antemão a pessoas, e não a fatos ou acontecimentos. É verdade que Deus conhece de antemão os eventos, mas o ponto frisado por Paulo foi que Deus tem, por sua própria iniciativa, escolhido os objetos de seu amor salvífico. "Conhecer" subentende uma relação pessoal íntima, e não meramente a consciência de fatos e circunstâncias (Gn 4.1; Am 3.2; Mt 1.25). Isto é virtualmente o equivalente da "eleição".

* **8.30** Aqueles que foram predestinados são, no devido tempo, "chamados" ou convocados eficazmente através do evangelho para a

comunhão da salvação com Cristo (1.6; cf. 1Co 1.9). Observamos que todos aqueles que foram "chamados" também foram "justificados". Essa chamada não pode referir-se ao chamamento externo do evangelho, ao qual muitos rejeitam. Trata-se antes de um chamamento interior, que realiza aquilo que Deus tenciona fazer. Todos os predestinados são chamados dessa maneira. A predestinação inclui a determinação divina de que a pessoa receberá esse chamamento eficaz, e isso não está alicerçado no conhecimento que Deus tem de como as pessoas reagirão diante do evangelho. Tal como os predestinados são chamados, assim os chamados são tanto justificados quanto podem ter a certeza de que, finalmente, serão glorificados. O tempo verbal passado do verbo "glorificar" (glorificou) indica, do ponto de vista de Deus, essa obra como que já foi realizada. Deus completará seu plano, conforme foi planejado. Ver a nota teológica "Perseverança dos Santos", índice.

* **8.31-39** Paulo leva agora o argumento inteiro de 1.16—8.39 à conclusão triunfal por meio de uma série de desafios a toda influência que poderia distorcer a confiante certeza da Igreja, na atual preservação e na glória futura. A passagem nos faz lembrar o terceiro Cântico do Servo, em Is 50.4-9, do qual essa passagem depende.

*

8.31 Que diremos, pois, à vista destas cousas. Os 30 podem estar

primariamente em foco aqui, mas não deveriam ser separados de 1.16—8.27, e, especialmente, de 8.1-27. "Estas cousas" é uma frase que abarca a inteira exibição da graça divina gratuita, estendida a pecadores perdidos, nesta epístola, até este ponto.

quem será contra nós? Certamente alguém se oporá a nós, mas Paulo salienta que a essa oposição faltará a capacidade de destruir a fé. Visto que "Deus é por nós", é-nos assegurada a sobrevivência espiritual vitoriosa. As palavras "por nós" exprimem o eterno compromisso assumido pelo grande amor que é expresso nos

vs. 38, 39.

*** 8.32 Aquele que não poupou o seu próprio Filho.** As palavras de Paulo são

uma eficaz reverberação do que se lê na Septuaginta (tradução do Antigo Testamento para o grego), em Gn 22.12.

por todos nós o entregou. Essa frase é usada em outros lugares para indicar uma participação ativa na condenação judicial de Cristo (Mt 20.19; 26.15,16; 27.2,18,26; cf. Is 53.6,10).

por todos nós. Incluindo o pior dentre nós, os que cremos (3.9-18; 5.6-8). Uma vez mais, tal como em 5.9,10, Paulo raciocina do maior para o menor: o fato que Deus nos deu o seu Filho, para que morresse por nós, foi o dom supremo, garantindo o dom subsequente de tudo o mais de que precisamos quanto à nossa glória plena e final (v. 30).

*** 8.33 É Deus quem os justifica.** O Juiz já cuidou de todas as acusações que

poderiam ser feitas contra nós, mediante a morte e a ressurreição de Cristo (4.25). A autojustificação é fútil.

*** 8.34 o qual está à direita de Deus.** Essa é a posição de honra e de autoridade

executiva (cf. Sl 110.1). Não pode haver qualquer condenação contra nós (em qualquer sentido do termo, v. 1, nota), se aquele que levou sobre si o pecado, que está entronizado no céu, interceder por nós (1Jo 2.1), ao mesmo tempo em que o Espírito Santo intercede em nossos corações (v. 27).

*** 8.35 Quem nos separará do amor de Cristo.** A facilidade com que Paulo usou

essa frase reciprocamente com "o amor de Deus... em Cristo" (v. 39), testifica sobre sua suposição subjacente da identidade de essência entre o Pai e o Filho.

* **8.36** O apelo de Paulo às Escrituras do Antigo Testamento, indica que o

sofrimento não é uma novidade inesperada para o povo de Deus. Em Cristo, porém, tais sofrimentos tornam-se degraus na senda para a glória (5.1-5; 8.17-23).

*
8.37 somos mais que vencedores. A força demonstra para tolerarmos a

hostilidade da perseguição e a dor das circunstâncias é, realmente, admirável.

* **8.38,39** Nenhum aspecto da ordem criada, e nem qualquer evento ou ser dentro

dessa ordem pode pôr fim a nosso aprazimento do amor ativo de Deus por nós, em Cristo.

* **9.1-5** O próprio Paulo agora explica a rejeição da maioria de seus compatriotas

judeus ao evangelho.

* **9.1 testemunhando... a minha própria consciência. Em parte alguma**

as Escrituras definem a "consciência". Aqui, como em 2.15 e 13.5, Paulo pensa claramente sobre a consciência como um autoconhecimento moral, comunicado pela revelação divina. Paulo estava fazendo um juramento legal, acerca de sua sinceridade.

*** 9.3 eu mesmo desejaria ser anátema.** Embora Paulo seja o apóstolo

dos gentios, ele reverbera os sentimentos de Moisés em face da incredulidade dos judeus (Êx 32.30-32). Eles são seus próprios compatriotas, e Paulo agoniza por eles (v. 2). Estar disposto a sofrer a maldição divina, por eles, é uma fortíssima declaração de amor.

*** 9.4 Pertence-lhes a adoção.** A incredulidade de Israel é destacada pelas

inúmeras bênçãos por eles experimentada. Nesses oito privilégios que Paulo alistou nos vs. 4 e 5, ele confirma sua anterior declaração em 3.1,2.

*** 9.5 Cristo... Deus bendito para todo o sempre. O texto corretamente**

traduz as palavras de Paulo como atribuição direta da deidade a Cristo. Ver "Jesus Cristo, Deus e Homem", em Jo 1.26.

*** 9.6 a palavra de Deus**. A promessa e o plano de Deus de que seria o

Deus da descendência de Abraão (Gn 17.7,8), estão aqui em foco. Na era do Antigo Testamento, a descendência natural não garantia automaticamente a herança da promessa. Deus escolhera quem a herdaria. Esse princípio é evidente nas famílias de Abraão e de Isaque.

*** 9.11 os gêmeos.** O caso de Jacó e Esaú confirma o argumento de três maneiras:

(a) Por serem gêmeos e por terem natrurezas tão semelhantes quanto seria possível; (b) porque o propósito de Deus reverteu até a minúscula distinção que existia, levando o irmão mais velho a servir ao mais jovem; (c) porque o propósito de Deus foi declarado antes

dos gêmeos terem nascido (e, portanto, não dependia de seus atos). A eleição não se alicerça sobre atos previstos, obras ou fé. Pelo contrário, ela se alicerça sobre a graça predestinadora e soberana de Deus.

*** 9.13 Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú.** Esse propósito distintivo de Deus

na eleição (v. 11) foi também confirmado pelas palavras de Ml 1.2,3, que explica que o amor de Deus por Israel está arraigado em Sua livre escolha de Jacó, e não de Esaú. "Aborreci de", neste caso, não pode ser reduzido a "amou menos", conforme o contexto de Ml 1.3,4 deixa claro. Antes, deve transmitir o sentido de rejeição e antipatia.

*** 9.14 Que diremos, pois.** Cf. 8.31. Paulo reconhece que a sua declaração prévia

não podia ficar sem outro comentário. Poderia o propósito soberano e distinguidor de Deus colocar em jogo o seu atributo de retidão perfeita? A idéia é claramente inconcebível — "De modo nenhum" (6.2,15; 7.7). Paulo explica por quê, ao citar dois textos bíblicos (Êx 33.19; 9.16) nos vs. 15 e 17, de onde ele conclui que Deus é justo ao demonstrar misericórdia para com alguns, ao mesmo tempo em que endurece o coração de outros. Quando Deus usa de misericórdia, isso não aponta para uma pessoa que recebe um galardão adquirido pelos seus próprios esforços, mas é a graça livre e soberana que ele oferece a pessoas moralmente incapazes de qualquer esforço aceitável (1.18—3.20). Deus não deve misericórdia a ninguém, pelo que não há qualquer injustiça quando a misericórdia não é demonstrada. A misericórdia é uma prerrogativa divina; repousa sobre o beneplácito de Deus. Quando Deus "endureceu" o coração de Faraó (v. 18), ele não criou nenhum mal, mas entregou Faraó aos seus maus desejos já existentes, como um

ato de julgamento, o que, eventualmente, resultou na manifestação divina de "poder" (v. 22), na destruição do exército de Faraó (Êx

14.17,18,23-28).

* **9.17 a Escritura diz a Faraó.** Foi Deus quem assim falou a Faraó, pela boca de

Moisés (Êx 9.16); mas para o apóstolo Paulo, as palavras das Escrituras e a voz e a

autoridade de Deus são uma só coisa.

* **9.18 de quem quer.** Ver a nota teológica "Eleição e Reprovação", índice.

* **9.19 De que se queixa ele ainda.** Com que direito Deus pode fazer cair a culpa

dos pecados sobre aqueles a quem ele endureceu contra si mesmo? Paulo responde parcialmente em termos da experiência humana (vs. 20,21). É insensato e irreverente alguém questionar a retidão dos caminhos de Deus. Os oleiros têm o direito de fazer o que bem entenderem do barro (Is 64.8). Todos os seres humanos pertencem à "mesma descendência" (cf. vs. 10-13) da humanidade caída em Adão (5.12-14); todos pecam ativamente antes mesmo de Deus endurecê-los no pecado (1.18-28). Que Deus demonstre misericórdia para qualquer um da descendência adâmica, a fim de criar vasos de honra, é a benevolência da graça divina; que outros se tornem vasos menos úteis é uma questão de sua prerrogativa divina, sendo, por si mesma, uma questão de perfeita justiça para com eles.

* **9.23 que para glória preparou de antemão.** Ver "O Propósito de Deus:

Predestinação e Pré-Conhecimento", em Ml 1.2. Paulo não elabora sobre a preparação em vista. A adição das palavras "de antemão", em conexão com os vasos de misericórdia, pode estar apontando para a misericórdia que se originou no beneplácito de Deus desde a eternidade (8.29,30), ao passo que a ira em vista é uma reação direta

à impiedade e à injustiça já existentes (cf. 1.18-32). A distinção entre os eleitos e os réprobos não jaz em qualquer coisa neles existente (todos são merecedores da ira divina), mas exclusivamente, depende da vontade de Deus. Dentro desse contexto, entretanto, os que são destinados para a destruição experimentam a ira que é a única retribuição justa e possível contra o pecado.

* **9.30 Que diremos, pois.** Ver o v. 14. Tendo explicado a incredulidade dos judeus

em termos da soberania divina, Paulo agora diagnostica essa incredulidade como devida

a um anterior e fatal comprometimento com um falso caminho de retidão. A soberania

divina e a culpa da voluntariedade humana eram, para Paulo, dois aspectos da realidade. Mediante a graça e a soberania de Deus, os gentios, que não buscavam a retidão de Deus, agora a tinham recebido, mediante a fé em Cristo, mas Israel, como um povo, tinha deixado de recebê-la, porquanto buscavam a retidão de Deus por meios legais, onde ela não poderia jamais ser encontrada. Cristo tinha sido para os judeus como uma pedra de tropeço (a imagem foi extraída de Is 8.14; 28.16), sobre a qual eles tinham caído (vs. 32,33; 1 Pe 2.8).

*
9.31 lei de justiça. Mui provavelmente, Paulo tem em

mosaica. O engano no qual os judeus incorriam jazia não no que eles buscavam, mas na maneira como o buscavam ("não decorreu da fé, e, sim, como que das obras", v. 32 e referência lateral).

* **10.1 Irmãos.** Um apelo feito de todo o coração, à simpatia de seus irmãos

cristãos, cuja emotividade jaz em sua recente referência a seus parentes na carne (9.3, referência lateral).

para que sejam salvos. A preocupação de Paulo, no capítulo 9, era com a salvação dos judeus, e não meramente com o papel deles na história da redenção.

*** 10.2 têm zelo por Deus.** Paulo fala aqui com base em sua experiência pessoal,

tanto quanto à realidade do zelo quanto a seu caráter mental e do coração errados (Fp 3.4-6).

*** 10.3 desconhecendo a justiça de Deus.** Paulo contrasta a retidão divinamente

estabelecida com os esforços do indivíduo para estabelecer a sua própria justiça. Ver "Fé e Obras", em Tg 2.24.

procurando estabelecer. Linguagem própria da aliança (Gn 6.18; 17.7). Mesmo dentro do contexto da aliança que Deus estabelecera com eles, eles perverteram a graça divina, ao verem essa aliança como que dependente da própria obediência deles à lei.

*** 10.4 o fim da lei é Cristo.** A interpretação aqui seguida é que Cristo é o alvo e o

propósito da lei (Gl 3.24). Uma outra interpretação é aquela que diz que, para os crentes,

Cristo tornou a lei obsoleta, porquanto eles não mais se esforçam por estabelecer a sua própria retidão por meio da lei.

*** 10.5 a justiça decorrente da lei.** A citação que Paulo faz de Lv 18.5 é posta originalmente no contexto da graça redentora de Deus que requer a obediência a ela por parte do indivíduo (Lv 18.2; cf. Êx 20.1-17); não temos aqui uma declaração sobre a retidão como

estabelecida pelo próprio indivíduo.

* **10.6-8** O livro de Deuteronômio exibe a salvação não como obtida pelo esforço ativo da humanidade, mas pela graça divina, que atrai os homens a Deus. Em particular, Dt 30 coloca isso no contexto de um retorno antecipado do juízo do exílio (Dt 30.1-6). Paulo vê isso cumprido no novo pacto firmado em Cristo (Jr 31.31-34; cf. 2Co 3.7-18). Dessa forma, Cristo é o fim (o alvo) da lei mosaica. Tentar uma retidão estabelecida pelos esforços do indivíduo é o equivalente a tentar aquilo que somente Deus poderia fazer e fez, na encarnação e ressurreição de Cristo. Fazendo contraste com todos os esforços humanos, Deus trouxe para perto a palavra da salvação, e, com ela, a própria salvação. Ver "A Palavra de Deus: Escrituras como Revelação", em Êx 32.16.

*** 10.9,10 confessares... creres... se crê... se confessa. No paralelismo do v.**

10, Paulo reverte a ordem dos verbos, conforme eles aparecem no v. 9, e, dessa forma, indica que a crença de todo o coração e a confissão com a boca pertencem ambos à justificação ("retidão") e à salvação.

*** 10.12 não há distinção.** Isso é confirmado não somente pela unidade e

bondade universal de Deus (v. 12), mas especificamente, uma vez mais, pelo ensino do Antigo Testamento, em Joel 2.32, a declaração profética cumprida com tanta dramaticidade no dia de Pentecoste (At 2.21).

*** 10.14,15** Uma análise do que está envolvido quando alguém invoca o nome do

Senhor, a fim de ser salvo.

*** 10.14 aquele em quem não creram.** Literalmente, "em quem", uma indicação de que para Paulo, o próprio Cristo é o único verdadeiro pregador do evangelho (cf. Ef 2.17; Jo 10.16). O ministério de pregar a Cristo, por conseguinte, reveste-se de grande honra, o que explica sua citação de Is 52.7 (2Co 5.18-20).

*** 10.18 Por toda a terra se fez ouvir a sua voz.** O contexto imediato da citação de

Sl 19.4 é a da revelação geral de Deus (Sl 19.1-3). Paulo se utiliza disso para provar, por meio das Escrituras, que Israel tinha ouvido a mensagem de Deus, e isso subentende que sua citação dessa seção do salmo envolve o ensino do salmo todo, que fala tanto de uma revelação geral, na natureza, como de uma revelação especial, em sua Palavra. Esta última revelação tem lugar no contexto da

primeira. A lógica subjacente pode ser: Se aqueles que, sem qualquer revelação especial "ouviram" a mensagem da glória divina na criação, quanto mais a ouviram aqueles que receberam a revelação especial.

* **10.19-21** A falha dos judeus não pode ser justificada à base de que eles não

ouviram a mensagem, ou à base de que não a puderam compreender. Moisés e Isaías contrastaram o próprio povo de Deus com aqueles a quem falta entendimento (Dt 32.21), e também com aqueles que não estavam buscando a Deus, mas que foram trazidos a conhecê-lo (Is 65.1).

* **11.1-10** Mui objetivamente, Paulo pergunta se Deus tinha rejeitado o seu povo. O próprio apóstolo serve de evidência de que Deus não rejeitara seu povo de maneira completa e final, pois neles depositara o seu amor. Assim como um remanescente crente podia ser encontrado em Israel, nos dias de Elias, assim também continua a haver um remanescente formado pela graça de Deus. Pela graça, os eleitos obtiveram a salvação que buscavam. E os demais judeus foram endurecidos.

* **11.1 terá Deus... rejeitado o seu povo?** O verbo "rejeitar" transmite o senso de

empurrar para longe de si mesmo. A forma da pergunta, em grego, antecipa uma resposta negativa.

eu também sou israelita. Ver Fp 3.5,6. A linhagem impecável de Paulo é retroagida até Abraão, o grande patriarca, mas também a Benjamim, o único filho de Jacó que nasceu em Israel. A tribo de Benjamim era a tribo em cujo território se achava Jerusalém, e também era a tribo de Saul, o primeiro rei do reino unido de Israel.

*

11.2 a quem de antemão conheceu. Paulo deixa en
e a

escolha especial e graciosa deles, torna inconcebível que Deus os tenha finalmente

rejeitado como um povo, embora eles o tivessem ainda recentemente rejeitado, quando rejeitaram o Cristo.

* **11.5 remanescente segundo a eleição da graça.** Nos tempos de Elias houve

uma apostasia geral do povo de Israel, e, no entanto, a presença de um remanescente de fiéis indicava que Deus não havia plena e finalmente rejeitado o seu povo. Os pensamentos de Paulo acerca do remanescente estão arraigados sobre o ensino de Isaías, pois o nome de seu filho, Sear-Jasube, significa "um-resto-volverá" (Is 7.3 e referência lateral: cf. 9.27; Is 1.9; 6.13; 10.20-22; 11.11-16).

* **11.6 E se é pela graça, já não é pelas obras.** Uma vez mais, o caminho da graça divina é contrastado com as obras da lei (3.20,27,28; 4.2,6; 9.12,32).

* **11.8-10** As passagens citadas (Dt 29.4; Is 29.10 e Sl 69.22,23) descrevem um

padrão bíblico de atividade divina no endurecimento judicial dos corações — padrão esse que Paulo vê repetido em seus próprios dias.

* **11.11-24** A rejeição do povo judeu nem é total e nem é final. Tal como a

rejeição de Cristo, entre os judeus, levou à aceitação do evangelho entre os gentios, assim Deus também pretende usar os gentios para provocar os judeus a invejarem as bênçãos dos gentios, levando-os à salvação e a riquezas correspondentemente maiores.

*
11.11 tropeçaram para que caíssem. Uma vez mais,

a forma da pergunta de

Paulo antecipa (e recebe) uma resposta negativa. A rejeição de Cristo, por parte dos judeus, não é irreversível. Paulo via um padrão e um propósito divinos por detrás da incredulidade da qual os judeus se fizeram culpados. O padrão de seu pensamento, no v. 11, portanto, é como segue: (a) A transgressão dos judeus levou à justificação dos gentios; (b) a salvação dos gentios levará os judeus a invejá-los; (c) a inveja dos judeus os atrairá à mesma salvação que têm os gentios.

* **11.12 sua plenitude.** No contexto do argumento paulino, "plenitude" pode

significar somente o recebimento deles de Cristo e sua restauração a Deus. A questão mais difícil é se o termo "plenitude" aponta para uma plena restauração do remanescente ou para a restauração do número completo da nação, em algum sentido. O segundo sentido parece adaptar-se melhor à direção geral da passagem (vs. 25-32).

* **11.13 Dirijo-me a vós outros que sois gentios.** A razão pela qual Paulo destaca

os gentios na igreja de Roma torna-se claro nos vs. 17-24.

eu sou apóstolo dos gentios. Paulo nos provê aqui um discernimento ímpar em seu pensamento sobre o seu próprio ministério entre os gentios. Esse ministério também tinha o seu próprio povo judeu em vista, em termos de 9.19 e 11.11 (At 9.15; Ef 3.1 e Gl 2.8).

* **11.15 senão vida dentre os mortos.** Esta frase pode simplesmente denotar bênção sem precedentes. Embora o fraseado seja levemente diferente do uso normal de Paulo ("ressurreição dos mortos", 1.4; cf. 1Co 15.12,13,21,42), alguns estudiosos tomam essa frase como uma referência à ressurreição geral do último dia, compreendendo a conversão dos judeus como um evento do fim dos

tempos, um precursor imediato da ressurreição final.

*** 11.16 igualmente o será a sua totalidade.** Paulo aplica aqui espiritualmente o

princípio de que as primícias servem de garantia da colheita final (cf. Nm 15.17-21).

*** 11.17 oliveira brava, foste enxertado em meio deles. Ver Jr 11.16; Os 14.6**

quanto a Israel como uma oliveira. Ramos de oliveira brava parecem ter sido enxertados em oliveiras cultivadas, dando-lhes uma nova vitalidade. As palavras de Paulo, entretanto, intencionalmente ultrapassam os limites da horticultura estrita. Os gentios foram enxertados no povo de Deus, de uma maneira "contrária à natureza" (v. 24).

enxerto dos gentios é uma questão de graça, e, por conseguinte, de fé. O enxerto dos gentios (v. 19), por conseguinte, não está alicerçado sobre qualquer qualidade superior dos gentios.

teme. Um respeito de espírito terno, e não a arrogância, é a reação apropriada diante da graça de Deus.

*** 11.22 Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus. Ver "O Propósito de**

Deus: Predestinação e Pré-Conhecimento", em Ml 1.2. Os crentes gentílicos são exortados a levar a sério a revelação do caráter de Deus nesses eventos da providência divina. A bondade de Deus só produz fruto quando o seu povo continua nessa bondade (2.4).

*** 11.23,24** O fato de Israel ter sido cortado tem por motivo a sua incredulidade, e

não porque os gentios estivessem inerentemente melhor qualificados para a vida na oliveira. Ademais, os crentes gentios nunca deveriam esquecer-se de que o evangelho veio primeiramente aos judeus (1.16,17).

* **11.25-32** O raciocínio de Paulo, neste passo, tem sido compreendido de três

maneiras principais: (a) ele está mostrando como Deus salva todo o seu povo eleito ("todo o Israel", no v. 26, deve ser tomado como basicamente sinônimo de Igreja, ou seja, o Israel espiritual); (b) ele está mostrando como Deus salva a todos os eleitos de Israel, que deverão ser salvos; (c) ele está mostrando como Deus trará, no futuro, a salvação ao povo judeu, tão amplamente divulgada que, num sentido geral óbvio, pode-se dizer que "todo o Israel será salvo" (v.26). Não obstante às dificuldades, alguma forma deste último ponto-de-vista parece ser o mais provável, e isso pelas seguintes razões. Em primeiro lugar, indícios disso parecem ter aparecido já nos vs. 11, 12, 15, 16 e 24. Em segundo lugar, o v. 25 sugere que o fim do endurecimento parcial de Israel está em vista. Terceiro, "Israel", no v. 26, não é naturalmente interpretado como se fosse uma entidade diferente do Israel em mira nos vs. 1-24 e nos vs. 28-31, onde está em foco o Israel nacional (e não o Israel espiritual). Em quarto lugar, "mistério", no v. 25, pareceria impróprio e exagerado se o ensino de Paulo fosse simplesmente que todos os judeus eleitos seriam salvos. Finalmente, esse ponto de vista concorda bem com as citações nos vs. 26 e 27, de Is 59.20,21; 27.9; Jr 31.33,34, que parecem falar de um banimento compreensivo daquele pecado que tem sido a causa da alienação entre Israel e Deus.

* **11.25 mistério.** Tanto nos escritos de Paulo como no pensamento judaico em

geral, um segredo divino é algo que somente agora estava sendo revelado. Alguns

intérpretes concluem que aquilo que se segue de imediato constitui o mistério

(provavelmente a conversão generalizada dos judeus). Outros pensam que o mistério é o padrão da operação de Deus na inter-relação entre os judeus e os gentios, referida no v. 11.

haja entrado. Uma expressão usada raramente nos escritos paulinos, mas comum nos evangelhos para descrever a entrada na vida ou no reino de Deus (p.ex., Mc 9.47).

plenitude. O termo "plenitude", aqui usado, parece ter uma conotação numérica específica.

* **11.26 todo o Israel.** Uma expressão crítica dentro deste ponto do argumento de Paulo, e cujo significado tem sido muito debatido. Poderia significar "todo o Israel (espiritual)", ou seja, todas as pessoas eleitas, tanto judeus como gentios. Alternativamente, poderia significar "todo" Israel no sentido de "todos os judeus destinados a serem salvos através da história". Ou então, conforme foi sugerido acima, poderia apontar para um tempo de conversões em massa entre o povo judeu. Ver 11.2532, nota, pontos (a), (b) e (c). A exegese de "todo o Israel" dependerá da interpretação e do peso de outros fatores existentes na passagem.

Virá de Sião o Libertador. A citação foi extraída de Sl 14.7; Is 27.9 e Is 59.20,21.

* **11.29 os dons... são irrevogáveis.** Ver "Dons e Ministérios", em Ef 4.7.

* **11.30** O argumento de Paulo se encerra de uma maneira paralela à de 3.19-21, salientando o fato de que judeus e gentios estão unidos quanto a duas coisas: a desobediência produzida pelo pecado, e o oferecimento da misericórdia divina a eles. A sabedoria e a soberania

da graça de Deus são demonstradas na maneira pela qual os propósitos divinos terão cumprimento: a desobediência dos judeus fez a misericórdia de Deus atingir os gentios; e a misericórdia de Deus para com os gentios levará ao recebimento da misericórdia divina por parte dos judeus. Não há qualquer diferença entre eles — todos (judeus e gentios igualmente) cometeram pecado (3.23), e Deus tem misericórdia de ambos (1.16).

* **11.33-36** Tendo exposto os vários pontos que fazem parte de seu argumento,

agora Paulo responde de maneira lírica, como um cântico de louvor que atinge alturas

correspondentes à profundidade que ele tinha feito soar em 9.2,3. O trato de Deus com judeus e gentios exibe uma interrelação de sua majestade onde sua vontade soberana ("dele"), sua atividade soberana ("por meio dele") e sua glória soberana ("para ele") são ricamente exibidas (v. 36).

* **12.1** A doxologia, no fim do capítulo 11, e a natureza da abertura dos versículos

do capítulo 12, assinalam um novo estágio na exposição paulina. Doravante, até a conclusão da epístola, ele está preocupado em aplicar o seu ensino.

pelas misericórdias de Deus. O amor pelos pobres e necessitados, e o sustento daqueles que não conseguem sustentar-se neste mundo de pecado (cf. Lc 10.36,37). A doutrina da graça, nos capítulos 3-11, leva a uma vida motivada pela gratidão.

apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo. Judeus e gentios agora formam um único povo de Deus, em favor de quem o sacrifício final de sangue fora feito (3.25). O sacrifício que resta é o de uma

reação agradecida (cf. 6.17). "Corpo" significa pessoa em sua inteireza, como indivíduo que vive em seu corpo físico (6.12,13,19 e 8.13).

o vosso culto racional. A adoração que criaturas redimidas oferecem apropriadamente.

*** 12.2 não vos conformeis... transformai-vos pela renovação da vossa mente.**

A atitude mental do crente deve ser determinada e remodelada pelo conhecimento do evangelho, mediante o poder do Espírito e pelos interesses da vida por vir (8.5-9; 13.1114), e não pelas modas passageiras desta época (2Co 4.18; 1Jo 2.17). Somente através dessa renovação santificadora o crente torna-se sensível o bastante para "provar" (discernir) o comportamento que está em consonância com a vontade de Deus em cada situação.

*** 12.3 pela graça que me foi dada**. O ministério de Paulo só existia em razão da

graça divina (1.5), tal como os seus dons espirituais (no grego, *xarísmata,* v. 6). A percepção realista dos próprios dons ("pense com moderação") é algo essencial e envolve o reconhecimento da própria "medida da fé", ou seja, saber até que extensão a fé do indivíduo é apropriada para o exercício de algum dom particular (v. 6). A fé mediante a qual somos justificados é uma questão distinta da fé aqui referida.

*** 12.4-8** Tal como 1 Co 12, Paulo lança mão da analogia do corpo, com suas

várias partes, para ilustrar a natureza da Igreja. Ele salienta sua unidade (v. 5), sua diversidade (v. 6) e a necessidade de reconhecer os próprios dons e fazer uso apropriado dos mesmos (vs. 6-8).

*** 12.6 tendo... diferentes dons segundo a graça que nos foi dada. Ver "Dons e**

Ministérios", em Ef 4.7.

profecia. Profetizar é falar a palavra de Deus, mas a natureza da profecia, no Novo Testamento, em parte alguma é definida, e é muito debatida. A profecia é reconhecida aqui e em outras passagens do ensino (v. 7; At 13.1; 1Co 12.29; Ef 4.11), talvez por causa do maior senso de urgência e de espontaneidade vinculada a ela (At 13.1-3; 21.10,11).

seja segundo a proporção da fé. Alguns intérpretes vêem aqui a "fé" como se fora a própria fé do profeta (cf. vs. 3,6). Outros entendem que "fé" significa o conteúdo de verdade do evangelho como o padrão e a medida de cada declaração profética, testando se a declaração se conforma ao "padrão das sãs palavras" (2Tm 1.13).

*** 12.7,8** Paulo reconhece a grande variedade e a natureza prática desses

dons (no grego, xarísmata), bem como o entrelaçamento dos dotes naturais com os dons espirituais. Mas por toda a parte, torna-se claro que a bênção daqueles que recebem esse ministério da profecia deve ser a consideração por excelência no emprego dos dons espirituais.

*** 12.9-21** Tal como fez em 1Co 12—13, ao discutir sobre a Igreja como o corpo

de Cristo, Paulo salienta a importância do amor. Sua série de rápidas exortações reverbera o ensino de Jesus e é expressa em uma linguagem vívida.

*** 12.9 sem hipocrisia.** Nos dramas clássicos dos gregos, o *hypokrites* (ator) usava

uma máscara que lhe cobria o rosto. O comportamento amoroso dos

crentes não deveria ser como quem toma parte em um papel, usando uma máscara, mas antes, que seja uma expressão autêntica de boa-vontade.

* **12.10** **Amai-vos cordialmente... com amor fraternal.** Uma combinação lingüística

incomum do amor fraternal com o amor do afeto natural. A Igreja é uma família, a "casa de Deus" (1Tm 3.15; cf. 1Tm 5.1,2).

* **12.11** Não deve haver hesitação ou preguiça na vida cristã. O crente deveria ser

"fervoroso", vivendo em Cristo com entusiasmo e energia.

* **12.13** **hospitalidade.** A hospitalidade para com os crentes visitantes era um

aspecto importante da vida cristã primitiva (Hb 13.2; 3Jo 5—8).

* **12.14** Ver Lucas 6.27,28.

* **12.15** Ver Lucas 6.31. A unidade genuína do corpo de Cristo é evidente

especialmente na simpatia entre seus membros, em momentos de grande alegria ou de profunda tristeza.

* **12.16** A linguagem usada por Paulo dá a idéia de que os crentes compartilhavam

dos mesmos pensamentos uns com os outros, uma outra indicação do papel estratégico da mente na santificação (vs. 1,2). Uma das manifestações disso será a ausência de presunção e de orgulho nas posições seculares (Fp 2.1-8). Os crentes deveriam distinguir-se por sua prontidão em se "associarem aos humildes".

não sejais sábios aos vossos próprios olhos. Ver Pv 3.7. Esse é

mais um enfoque sobre o âmbito dos pensamentos. A forma que pensamos determina a nossa maneira de viver.

* **12.17** O tema unificador dos vs. 17-21 é a maneira como o crente reage diante de um meio ambiente não-cristão.

* **12.18 tende paz com todos os homens.** O crente é um pacificador por obrigação e por ideal de vida. Nem sempre a harmonia é possível, visto que a verdade tanto divide quanto unifica. A dupla qualificação de Paulo ("se possível" e "quanto depender de vós") reconhece esse fato, mas permanece de pé a nossa obrigação de esforçarmo-nos por manter a paz nas relações pessoais.

* **12.19-21** O cristão deve libertar-se do desejo de "acertar as contas" com outras

pessoas. Tal libertação do instinto da vingança é possível porque o crente sabe que Deus corrigirá todos os erros em seu próprio perfeito julgamento (Dt 32.35). Outrossim, as Escrituras nos exortam a mostrar graça para com o próximo, enquanto Deus permanece paciente com o malfeitor (Pv 25.21,22).

* **12.20 amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Isso pode conduzir à**

conversão os que nos fizerem o mal, ou, pelo menos, a um senso de vergonha tal que eles modifiquem o seu comportamento.

* **13.1** Os crentes têm uma base racional distinta para se submeterem, de modo

apropriado, às autoridades governamentais: o reconhecimento de que o próprio Deus é a fonte do governo na sociedade humana (Pv 8.15,16; Dn 2.21). Ver a nota teológica, "Os Cristãos e o Governo Civil", índice.

* **13.2,3** Rebelar-se contra as autoridades civis implica em

rebeldia contra a

ordenança divina.

*** 13.4 ministro de Deus para teu bem.** A autoridade do estado visa ao benefício

da sociedade; essa é a sua função normal, e Paulo pressupõe que isso pode ter lugar em termos práticos, mesmo quando as autoridades do governo sejam professadamente não-cristãs.

a espada. Ou seja, o poder de vida e morte. Sem dúvida está em pauta a punição capital. Em outro lugar, Paulo também aceita tal punição, em princípio, quando a mesma é apropriada (At 25.11).

para castigar o que pratica o mal. O que um indivíduo não pode fazer por motivo de vingança (12.19), o estado pode fazer de modo legítimo, na busca pela justiça.

*****
13.6 Por esse motivo, também pagais tributos. A s

reação diante da consciência instruída pela revelação divina. Visto que a tarefa do governo é divinamente ordenada e requer apoio financeiro, o crente pode pagar imposto com um motivo distintivo e com grande compreensão, como um elemento de sua devoção a Deus.

*** 13.7 Pagai a todos o que lhes é devido.** Ver Mt 22.21. Paulo estava, como é evidente, familiarizado com a declaração de Jesus, e aqui indica como essa declaração é empregada.

*** 13.8-10** Paulo agora aplica um pouco mais o seu princípio fundamental de

consagração cristã. O elo de ligação entre os vs. 7 e 8 encontra-se na exortação do v. 7, que o crente tem uma obrigação financeira diante

do estado. Essa é uma aplicação de um princípio geral agora declarado, que todas as obrigações do crente devem ser cumpridas por ele. E há uma obrigação permanente — amar o próximo.

* **13.8 tem cumprido a lei.** Ver "Antinomismo", em 1 Jo 3.7.

* **13.9 Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.** Ver Lv 19.18; "Amor" em 1Co 13.13. Não temos aqui uma exortação para que o crente ame a si mesmo, mas antes que ele se preocupe com o próximo como alguém que foi criado segundo a imagem de Deus (Gn 1.26,27). Essa é a atitude que devemos demonstrar para com os nossos semelhantes (Lc 6.31).

* **13.11 conheceis o tempo.** O discernimento espiritual está arraigado na apreensão da revelação divina. A saliência de Paulo no papel desempenhado pela mente se evidencia de novo.

salvação. Aqui no sentido de redenção final, no futuro (8.23).

* **13.12 Vai alta a noite.** Paulo fala aqui da "noite" desta era presente. A "luz do mundo" já veio (Jo 8.12), e nos devemos preparar para o Segundo Advento de Cristo e para a era vindoura.

Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos. O uso da metáfora das "armas da luz" salienta que o desenvolvimento das graças espirituais positivas, e não a mera rejeição dos vícios, é algo essencial para a defesa espiritual.

* **13.13 Andemos dignamente.** Ver a referência lateral. A advertência de Paulo

contra um estilo de vida pecaminoso inclui, notavelmente, não somente os pecados

tradicionais da carne ("em orgias e bebedices"... em impudicícias e dissoluções") mas também os vícios insidiosos, que podem ser abrigados ou mesmo exibidos no coração da igreja ("em contendas e ciúmes").

* **13.14 mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo.** Outra exposição do que significa

"revestir-se das armas da luz" (v. 12), mostrando que aqueles que estão em Cristo devem viver de modo coerente com a sua nova posição espiritual (Ef 4.1).

* **14.1 Acolhei ao que é débil na fé.** A atitude básica do crente para com um colega cristão deve ser a atitude da boa acolhida e da aceitação, com base na atitude de Deus para conosco, em Cristo (v. 3; 15.7). Deve haver caridade para com os "débeis", cuja consciência continua presa a escrúpulos dos quais o evangelho, normalmente, nos liberta (v. 2).

não, porém, para discutir opiniões. Nesta instância, questões de alimentos, bebidas e observância religiosa de dias. Se Paulo não considerava insolúveis essas controvérsias, ele considerava a unidade da comunhão na igreja como mais importante do que resolvê-las (cf. 12.5,10,16). As questões aqui em vista não faziam parte do evangelho, mas da força ou fraqueza relativas da fé do indivíduo no evangelho. Sempre que princípios essenciais do evangelho estavam em jogo, a reação de Paulo era muito diferente (p.ex., Gl 1.6,7; 3.1-5; Fp 3.2,18,19).

* **14.2 mas o débil come legumes.** Um regime vegetariano não era requerido pelo

Antigo Testamento, embora apareça ali (p.ex., Dn 1.12).

* **14.3 não despreze... não julgue.** A tendência daqueles que compreendem

melhor o evangelho consiste em mostrarem-se impacientes com as inibições dos "débeis" à escravidão do legalismo. A tentação dos "débeis" é condenar os "fortes" por um comportamento que parece ser uma licença sem lei. Essas reações equivocadas deveriam ceder diante da luz da graciosa aceitação, da parte de Deus, tanto dos "débeis" quanto dos "fortes". Ademais, um irmão na fé é servo de Deus, e não nosso, e responderá a ele, e não diante de nós. Devemos compreender que as questões nessas disputas possíveis não envolvem questões realmente morais, mas são moralmente indiferentes.

* **14.5 Um faz diferença entre dia e dia.** Um padrão de dias santos, que era uma

característica do ano judaico, sendo provável que Paulo se referisse aqui a esses dias santos, e não ao sábado. Se o sábado estivesse em vista seria mais natural dizer: "Um considera o sábado acima dos outros dias".

Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente. Ver 4.21.

* **14.6,7** Um apelo àquilo que era compartilhado por ambos os grupos (v. 3), a saber, o desejo de honrar o mesmo Senhor. O fato que pessoas de ambos os grupos pertencem a Cristo põe em perspectiva pequenas diferenças. Ver "O Reino de Deus", em Lc 17.20.

* **14.9-12** Somente Cristo é o Senhor (v. 8) e o Juiz de seu povo (ver "O Julgamento Final", em Mt 25.41). O custo em torno desse privilégio de Cristo foi imenso, e desmascara quão impróprio é que os crentes julguem ou desprezem aos irmãos. Devemos prestar conta de nossas próprias vidas ao Senhor como aqueles que estão sendo julgados, e não como aqueles que julgam.

* **14.13—15.4** Enquanto a própria consciência de Paulo havia sido

liberada pelo ensino de Cristo (v. 14; cf. Mc 7.18,19), ele reconhecia que nem todos os crentes tinham chegado a desfrutar dessa libertação. A consideração por tais crentes ("andar segundo o amor", v. 15) significa evitar um comportamento que poderia entristecê-los ou pressioná-los. Duas injunções específicas, quanto a essa questão, seguem-se nos vs. 15 e 16.

* **14.15 Por causa da tua comida, não faças perecer aquele a favor de quem Cristo morreu.** No contexto da fé judaica, "destruir" significa cortar da comunidade da aliança (Dt 28.21,45,48,51,61,63). Encorajar um comportamento que a consciência do crente débil proíbe é encorajá-los a agirem contra as suas consciências, um ato sério e perigoso.

* **14.16-18** Os crentes fortes são exortados a pesar quão importante é exercitar a sua liberdade cristã em face de duas considerações: (a) o uso dessa liberdade pode trazer divisão e descrédito sobre a igreja; (b) o reino de Deus (e, portanto, a nossa liberdade) não é uma questão de alimentos e bebidas, mas das bênçãos da graça (5.1,2). Visto que a liberdade não consiste nessas coisas, não podemos perdê-la se nos refrearmos delas.

* **14.18 aprovado pelos homens.** Ver o v. 16. Enquanto Deus é o nosso único Juiz (v. 12), o impacto de nossos atos sobre outras pessoas desempenha um papel vital na comunhão e no evangelismo.

* **14.19-21** A responsabilidade do crente é agora declarada de modo positivo:

evitar a destruição de outros crentes é complementado pela promoção da "paz" e das coisas que "edificam" (v. 19). Quanto aos "fortes" (15.1), isso inclui tanto manter comunhão com os "débeis" como também encorajá-los a compreender a liberdade de que eles gozam em Cristo. Quando esses alvos estão em mira, a liberdade de comer e beber tornar-se-á subserviente para eles; e o bem-estar de um irmão tomará precedência sobre o aprazimento de carne ou vinho.

* **14.22,23** Paulo também exorta os crentes "fortes" (15.1) a desfrutarem do fato

de sua liberdade de consciência na presença de Deus (apesar de se restringirem do uso público dessas coisas). Ver "A Consciência e a Lei", em 1Sm 24.7.

* **15.1-4 nós que somos fortes devemos suportar as debilidades dos**

fracos. Paulo considera-se um dos "fortes". Ele percebe a consciência mal formada dos "fracos" como uma fraqueza real; não obstante, ele enfatiza a responsabilidade dos "fortes" em dar apoio aos "fracos". E não encoraja sentimentos de orgulho, e nem que o crente forte se vangloriasse de sua liberdade em questões ofensivas para os crentes débeis.

* **15.2** Ver 14.19; 1Co 8.1; 10.23.

* **15.3** Paulo cita aqui Sl 69.9, um dos salmos mais freqüentemente citados no Novo Testamento. A disposição do Messias em negar a si mesmo e a sofrer em favor de outros homens deveria servir de exemplo aos crentes de Roma.

* **15.4 para o nosso ensino foi escrito.** É ensino básico do Novo Testamento que as Escrituras do Antigo Testamento foram escritas, pela inspiração divina, para benefício dos crentes (1Co 10.11; 2Tm 3.15-17; 1Pe 1.10-12).

* **15.6 para que concordemente e a uma voz.** Ver 10.9,10. A unidade na Igreja é algo essencial se o objetivo é glorificar a Deus. Paulo já havia demonstrado que a humanidade, que está destituída da glória de Deus, é restaurada a essa glória mediante a obra reconciliadora de Cristo (1.21,23; 3.23; 5.2,11; 8.17,30).

* **15.8 Cristo... ministro da circuncisão.** A aceitação mútua dos

crentes está arraigada na humildade de Cristo (Mc 10.45).

* **15.13** Ver "Esperança", em Hb 6.18. O que foi descrito como o efeito das Escrituras, no v. 4 (ter esperança) é agora atribuído à operação do Espírito Santo. Paulo segue aqui um padrão evidente por todo o Novo Testamento, segundo o qual os atos salvíficos de Deus são atribuídos tanto à Palavra de Deus como à operação do Espírito Santo (p.ex., a regeneração, 1Pe 1.23; a santificação, Jo 17.17; a salvação, Rm 1.16; e o discernimento do coração, Hb 4.12).

* **15.14-22** Paulo começa agora a levar sua epístola ao encerramento, retornando ao tema de sua introdução — o seu próprio ministério e a sua visão quanto à expansão da influência do evangelho.

* **15.14 meus irmãos.** Uma outra indicação de uma emoção profunda (1.13; 7.1,4; 11.25; 12.1). Graciosamente, Paulo assegura aos crentes romanos de que sua longa exposição do evangelho não tencionava levantar dúvidas sobre a compreensão espiritual deles. Não estava em questão o seu conhecimento do evangelho e nem a capacidade deles aplicarem o evangelho de modo prático em admoestações mútuas ("aptos para vos admoestardes uns aos outros"; cf. Cl 3.16).

* **15.16 anunciar o evangelho de Deus.** Paulo vê a pregação do evangelho como o meio mediante o qual os gentios seriam conduzidos a Deus como uma oferenda agradável de ação de graça (12.1).

* **15.17-20** Paulo descreve o seu ministério, mui naturalmente, em termos trinitarianos (Deus Pai, vs. 17,18; o Filho, vs. 17-20; e o Espírito Santo, v. 19; cf. o v. 16).

* **15.19 por força de sinais e prodígios.** Ver Êx 7.3; Dt 4.34; 6.22; 7.19; Is 8.18; Dn

6.27. Uma frase arraigada na autenticação do ministério de Moisés no

tempo do Êxodo.

52

Deus realizava periodicamente tais milagres, em conjunturas críticas da história da redenção, como no êxodo de Israel do Egito, e nos ministérios proféticos de Elias e Eliseu, ou na preservação de seu povo, nos tempos de Daniel, e no ministério de Cristo e seus apóstolos. Esses acontecimentos são incomuns, e não normais, e apontam para sucessivos estágios da história da redenção e da nova revelação que os acompanha.

desde Jerusalém e circunvizinhanças, até ao Nírico. As viagens de Paulo, de acordo com o livro de Atos, se estenderam desde a parte oriental do mar Mediterrâneo até o distante Oeste como a Macedônia. Não há nenhum registro histórico de seu ministério no Ilírico (noroeste da Macedônia). Apesar de Paulo ter podido fazer isso, parece mais provável que ele quis dizer que fora até à Macedônia. Paulo estabelecia centros missionários, em lugar de pregar pessoalmente em cada local. A partir de tais centros, até o Ilírico pode ter sido atingido com o evangelho.

* **15.23,24** Duas coisas tornavam agora possível uma visita a Roma: (a) a atual fase da comissão de Paulo fora cumprida; (b) a nova fase que envolvia uma visita à Espanha estava iminente, e Paulo busca a comunhão com os crentes que habitavam na cidade de Roma.

* **15.24 Espanha.** Essa era a extremidade ocidental do mundo antigo. Alguns sugerem que Paulo pensava na Espanha como a Társis de Is 66.19, e via a extensão de sua pregação até à Espanha como uma fase significativa da missão cristã (Mt 24.14; At 1.8).

* **15.25-33** Paulo desvenda agora seus planos imediatos de visitar Jerusalém,

levando as dádivas que as igrejas tinham levantado para os crentes de Jerusalém. Jerusalém era uma cidade empobrecida de maneira

geral; em adição, os crentes dali sofriam de durezas particulares, como uma minoria suspeita. Mas Paulo vê uma significação mais profunda do que a mera caridade nessa dádiva. Isto é um dever (v. 27), uma obrigação solene da parte dos gentios, em face do privilégio por terem sido enxertados na oliveira de Deus (11.17). Isso se conforma ao princípio geral de que aqueles que recebem bênçãos espirituais devem repartir suas bênçãos materiais (1Co 9.3-14; Gl 6.6).

* **15.29 irei na plenitude da bênção de Cristo.** Um notável comentário à vista da

maneira como se cumpriram as aspirações de Paulo (ver At 28.11-16).

* **15.31** A preocupação de Paulo é dupla: (a) que ele fosse protegido da hostilidade

dos judeus, que tinha marcado a totalidade de seu ministério; (b) que os crentes judeus, em Jerusalém, correspondessem à dádiva dos crentes gentios, selando o ministério do apóstolo Paulo (v. 32).

* **15.33 E o Deus da paz.** Uma das designações favoritas de Paulo para indicar

Deus (16.20; 2Co 13.11; Fp 4.9; 1Ts 5.23; 2Ts 3.16), mas particularmente apropriada aqui, em relação à sua luta presente (v. 30).

* **16.1-27** As epístolas de Paulo tipicamente terminam com notícias e

saudações pessoais. O capítulo final da epístola aos Romanos é notável pelo grande número de crentes que foram mencionados. Estes versículos nos dão um certo discernimento quanto ao calor das relações pessoais do apóstolo, bem como quanto à comunhão entre os crentes primitivos.

*

16.1 Febe. Provavelmente foi ela a portadora da epís de Paulo. O nome é

comum na mitologia grega, e indica um pano de fundo gentílico.

que está servindo. A palavra usada por Paulo (no grego, *diákonos)* tem sido diferentemente traduzida por "servo", "ministro" (1Tm 4.6) ou "diácono" (Fp 1.1; 1Tm 3.8). É incerto se o apóstolo usou o termo para referir-se ao ofício eclesiástico específico ou se ele estava descrevendo Febe como uma serva da igreja, em um sentido mais genérico.

Cencréia. O porto de Corinto, no golfo Sarônico, indicando onde Paulo estava quando foi enviada a epístola aos Romanos.

*** 16.3 Priscila e Áquila.** Esse casal tinha por profissão a fabricação de tendas,

como Paulo (At 18.3). Ele estava com eles em Corinto. Eles tinham deixado Roma, depois do decreto de Claudio, e acompanharam Paulo a Éfeso (At 18.18). Eles ensinaram a Apolo (At 18.24-26), e mais tarde retornaram a Roma.

*** 16.5 Epêneto**. Evidentemente foi o primeiro de uma colheita de convertidos na Ásia.

*** 16.6 Maria, que muito trabalhou por vós.** Paulo reconhece o dedicado serviço das mulheres (v.12).

16.7 a Andrônico e a Júnias. Os primeiros comentadores compreendiam que esses dois eram marido e mulher. Eram judeus como Paulo e se tinham convertido a Cristo antes do próprio Paulo. Ao que tudo indica, tinham estado na prisão por algum tempo com Paulo (cf. 2Co 11.23), e tinham servido com distinção como enviados especiais ("apóstolos") das igrejas. Esse uso da palavra "apóstolo" é mais amplo que o sentido estrito que ocupavam os doze,

além de Paulo (ver 2Co 1.1, nota).

* **16.8 Amplíato.** Esse pode ser Amplíato, provavelmente um escravo, cujo nome aparece em um túmulo na catacumba de Domitila, sobrinha do imperador Domiciano.

* **16.9 Urbano... Estáquis.** Nomes comuns de escravos. O primeiro desses nomes era romano, e o segundo era grego.

* **16.10 Apeles.** Um comum nome grego, nome de um crente que se havia distinguido por meio da tribulação mas tinha permanecido fiel (12.2).

Aristóbulo. Esse homem pode ter sido neto de Herodes o Grande e amigo do imperador Cláudio.

* **16.11 Herodião.** Talvez um da casa de Herodes, visto que estes tomavam o nome de seu senhor.

* **Narciso.** Talvez deva ser identificado com o Narciso que foi ajudante de Cláudio, o qual foi forçado a cometer suicídio por Agripina, após Nero ter subido ao trono.

* **16.12 Trifena e Trifosa, as quais trabalhavam no Senhor.** Duas mulheres com nomes derivados de uma única raiz ("gentil" e "delicada"), e, portanto, possivelmente irmãs.

* **16.13 Rufo, eleito no Senhor.** Um dos nomes mais intrigantes dos aqui alistados,

em vista de Marcos 15.21, um evangelho possivelmente escrito em Roma. "Eleito" pode refletir as circunstâncias ímpares que puseram sua família em contato com Cristo. A alusão de Paulo à mãe de Rufo, como "a sua mãe, que também tem sido mãe para mim", sugere uma profunda afeição do apóstolo pela família de Rufo.

* **16.16 com ósculo santo.** O ósculo era um sinal comum de

saudação nos países

do oriente. Aqui Paulo exorta os crentes a santificarem suas saudações como símbolos de comunhão.

* **16.17-20** A reflexão sobre o conhecimento que Paulo tinha daqueles crentes,

seus problemas em Roma (cap. 14) e a atividade de divisão de Satanás (v. 20), evoca uma urgente convocação para que eles guardassem sua unidade (Ef 4.3). Eles deveriam evitar aqueles que "provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes". Aparentemente, Paulo indica que o espírito de divisão dos tais é pecaminoso, um sinal da vida carnal, e uma forma de auto-indulgência (Gl 5.19,20). Os crentes devem aprender a não se deixar enganar por "suaves palavras e lisonjas" (v. 18).

* **16.19** **símplices.** Ver a referência lateral. Os crentes romanos precisavam de

sabedoria e de corações espirituais, sem qualquer mistura com o mal.

* **16.20** Antes das saudações finais e da doxologia, Paulo inclui uma promessa de

natureza profética, arraigada na primeira promessa bíblica de livramento, em Gn 3.15. Satanás é a origem de todo o "mal" (v. 19; cf. Gn 3.12; ver também "Satanás", em Jó 1.6). O "Deus da paz" (conjuntamente integridade e tranqüilidade) agiria como o Guerreiro divino para vencer o diabo. Isso teria lugar "em breve". Paulo podia estar falando aqui de questões relativas a seu futuro próximo, ou podia estar falando sobre as últimas coisas, as quais, pela fé, sempre parecem estar às portas.

A graça de nosso Senhor Jesus seja convosco. Um encerramento de epístola caracteristicamente paulino (ver Gl 6.18; 1Ts 5.28).

* **16.21** Juntamente com Silas, Timóteo tornou-se o principal cooperador de Paulo,

depois do desacordo com Barnabé (At 15.36-40), e é mencionado em dez das epístolas

de Paulo. Lúcio (que alguns estudiosos identificam com Lucas), Jasom (talvez hospedeiro

de Paulo em Tessalônica, At 17.5-9) e Sosípatro (At 20.4), talvez fossem delegados da igreja que acompanhavam a Paulo para entregar a coleta em Jerusalém.

* **16.22 Eu, Tércio.** Paulo usava regularmente um amanuense, identificando as epístolas como suas mediante uma breve saudação escrita de próprio punho (1Co 16.21; Gl 6.11; Cl 4.18; 2Ts 3.17).

* **16.23** Paulo talvez estivesse residindo na companhia de Gaio, no tempo da escrita desta epístola. Presumivelmente, ele deve ser identificado com o Gaio referido em 1Co 1.14, e também pode ter sido o (Gaio?) Tito Justo, de At 18.7. Um certo Erasto foi mencionado em At 19.22 e 2Tm 4.20. Não sabemos dizer se ele é o mesmo homem. De maior interesse ainda é o fato de que um cristão ocupasse posto de tanta responsabilidade no governo local de Corinto. Acerca de Quarto, nada se sabe.

* **16.25-27** A autenticidade desta doxologia final é questionada por alguns

estudiosos em face de seu comprimento, de sua ênfase sobre um mistério, e de sua história textual (encontra-se em diferentes pontos da epístola, ou mesmo é completamente omitida em vários manuscritos antigos). Todavia, o comprimento desta doxologia é, até certo ponto, apropriado, vindo no fim de uma epístola como a dos Romanos. Seus temas levam a uma adequada conclusão muito

daquilo que já tinha sido dito. Em particular, Paulo chama a atenção para o seu próprio ensino do evangelho (2.16; cf. 1Ts 1.5; 2Tm 2.8), e para o seu poder de edificar (1.11), para a revelação do mistério de Deus (11.25; cf. Ef 3.2-6), para a fé e a obediência entre as nações (1.5) e para a sabedoria de Deus na redenção (11.33; cf. Ef 3.10-12).

*** 16.26 e que agora... foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas. A**

palavra "agora", usada por Paulo, pode sugerir que ele se referia às Escrituras do Novo Testamento, mas a sua ênfase é que somente agora, à luz da vinda de Cristo, a mensagem já contida no Antigo Testamento, foi difundida às nações.

1 Coríntios

*** 1.1 apóstolo. Alguém comissionado diretamente por Cristo**

como seu mensageiro autoritativo (2Co 1.1, nota). Paulo salienta a significação desse ofício apostólico em outros lugares (cap. 9; 15.1-11; 2Co 10—12 e Gl 1). Alguns dos problemas da igreja em Corinto envolviam desafios contra a autoridade de Paulo.

Sóstenes. Talvez a mesma pessoa mencionada em At 18.17, dirigente da sinagoga de Corinto, no tempo da primeira visita de Paulo à cidade.

*** 1.2 aos santificados... chamados para ser santos. A palavra**

"santos" chama atenção para a posição distintiva do povo de Deus. Paulo com freqüência a usa para identificar os crentes para quem ele escrevia (p.ex., Rm 1.7). A descrição, "santificados" (ver referência lateral) sublinha esse aspecto da vida cristã. Os crentes de Corinto estavam sendo falhos quanto a problemas éticos, e esta epístola toca reiteradamente no assunto da santificação. Desde o início da epístola Paulo chama atenção para o fato. Significativamente, entretanto, ele os encoraja, de maneira tipicamente pastoral, relembrando-lhes o fato de que eles eram santificados (6.11). O alvo da santidade é realístico, porquanto Deus já havia transformado seus corações (Rm 6.1-14; Gl 5.24,25).

*** 1.5 em tudo, fostes enriquecidos nele. Os crentes coríntios**

estavam sendo tentados a se orgulharem de seus dons de "conhecimento" e do falar em "línguas" (8.1; 14.23). Paulo precisa repreendê-los por sua fraqueza moral e abuso desses dons, mas ele não nega e nem minimiza as bênçãos que eles tinham recebido (v. 7).

*** 1.8 confirmará. Paulo encoraja seus leitores assegurando-lhes**

que Deus, que tinha começado neles uma obra da graça, podia ser alvo da confiança deles, pois completaria essa obra. De fato, eles seriam apresentados "irrepreensíveis" por ocasião da volta de Cristo. Note as similaridades entre os vs. 8 e 9 e Fp 1.6,10 (cf. Ef 5.26,27; 1Ts 5.23,24).

*** 1.10 Rogo-vos, irmãos. Essa exortação começa o corpo da epístola e anuncia a preocupação primária de Paulo. Ele tinha ouvido (vs. 11,12) que a unidade da igreja em Corinto tinha sido quebrada. Muitos dos problemas tratados nesta epístola refletem o espírito de dissensão que havia na comunidade.**

*** 1.11 pelos da casa de Cloe. Cloe deve ter sido uma cristã influente, talvez membro da igreja em Corinto, embora ela não seja mencionada em outros lugares.**

*** 1.12 Apolo. Um eficiente pregador cristão de Alexandria, que tinha ministrado em Éfeso e em Corinto (At 18.24—19.1).**

Cefas. O nome aramaico de Simão Pedro. Ele era obviamente popular entre alguns grupos de crentes em Corinto (talvez os crentes judeus), mas não fica claro se Pedro tinha, realmente, visitado a igreja dali.

*** 1.13 Acaso Cristo está dividido? Com essa pergunta, Paulo antecipou um de seus ensinos fundamentais sobre a Igreja. Assim como o corpo físico é um só, embora formado de muitos membros, assim também se dá com a Igreja, que é o corpo de Cristo, a qual não pode ser dividida (10.16,17; 11.29; 12.12, nota).**

*** 1.14 Crispo. O dirigente da sinagoga, cuja conversão ficou registrada em At 18.8.**

Gaio. Um nome comum. Talvez esse seja o mesmo Gaio descrito em At 19.29.

*** 1.16 a casa de Estéfanas. Os primeiros convertidos de Paulo em Corinto, respeitados por sua dedicação. O próprio Estéfanas foi um dos representantes da igreja, que trouxe uma comunicação escrita dos crentes de Corinto para Paulo (16.15-17). Ver "Batismo Infantil" em Gn 17.12.**

*** 1.17 sabedoria de palavra. A igreja de Corinto tinha um interesse**

doentio pela exibição retórica. Paulo enfocará a sua atenção sobre o que é a verdadeira sabedoria (1.18—2.16; 3.18-23). Neste versículo ele relembra aos crentes de Corinto que o poder de sua própria prédica não dependia desse tipo de habilidade (2.1-5).

cruz de Cristo. Na opinião daqueles que são sábios de acordo com o mundo, a proclamação do Senhor crucificado é uma insensatez. Paulo, por conseguinte, trata "a sabedoria" e "a cruz" como valores opostos (v. 23, nota).

*** 1.18 se perdem... somos salvos. De acordo com a Bíblia, haverá dois**

tipos de reação ao evangelho, que se originam no propósito eletivo de Deus (Is 6.9,10; Lc 2.34; Rm 9.10-12; 2Co 2.15,16). Essa verdade não torna Deus responsável pelos incrédulos que perecem; esses perecem por causa de seus próprios pecados e por causa de sua impenitência obstinada. Aqueles que crêem e são salvos, por outra parte, são aqueles que "foram chamados" (v. 24; Rm 9.16).

*** 1.20 sábio... escriba... inquiridor. Não fica claro se Paulo tenciona estabelecer uma aguda distinção entre essas três categorias. Talvez a primeira seja geral em seu caráter, ao passo que as outras duas sejam especificamente, os escribas judeus e**

os mestres gregos.

deste século... do mundo? Grande parte da teologia de Paulo estava edificada sobre a oposição básica entre "este mundo perverso" (Gl 1.4), ou mundo, que se caracteriza pela "carne", e a era vindoura, que já raiou para aqueles que receberam o Espírito (10.11; Gl 5.16,17; Ef 1.13,14; 2.6; Fp 3.20).

*** 1.21 pela loucura da pregação. Esta passagem está eivada de intensa ironia. Aqueles que são sábios de acordo com os padrões do mundo pensam que o evangelho é uma loucura. Mas até mesmo a coisa mais "louca" acerca de Deus é mais sábia do que a sabedoria humana (vs. 25,27). Deus pode usar a simplicidade do evangelho para demonstrar que a real insensatez pertence àqueles que se opõem a ele (v. 27). A arrogância da sabedoria**

humana cega os incrédulos para com a verdade. Jesus agradeceu ao Pai por sua boa vontade em haver ocultado essas coisas aos sábios e entendidos e tê-las revelado às criancinhas (Mt 11.25,26).

*** 1.23 pregamos a Cristo crucificado. Paulo identificou aqui,**

precisamente, o que o mundo acha de ofensivo no evangelho (cf. o v. 17; 2.2) Talvez essas palavras também sejam um reflexo da razão da oposição de Paulo ao evangelho, antes de sua conversão. O pensamento que o Messias (o ungido de Deus) esteve pendurado em um madeiro, e que isso o fizera cair debaixo de uma maldição divina (Gl 3.13; Dt 21.23), era intolerável para muitos judeus.

*** 1.24 Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. A sabedoria e o**

poder de Deus não são forças abstratas, mas são qualidades pessoais que se manifestam plenamente na vida, nos ensinos, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo (v. 30; Rm 1.4,16; Cl 2.3).

*** 1.26 reparai, pois, na vossa vocação. A salvação, por sua própria**

natureza, não depende dos valores humanos. Até mesmo os membros da igreja de Corinto que poderiam ser justamente admirados não poderiam reivindicar que tinham sido escolhidos por causa de suas boas qualidades. Antes, Deus tem misericórdia de todos quantos reconhecem sua pecaminosidade (Mc 2.17; Jo 9.39-41). Ver "Vocação Eficaz e Conversão", em 2Ts 2.14.

*** 1.29 a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus. Esse**

princípio, que Paulo sublinhou no v. 31, ao citar Jr 9.24, provê o alicerce da doutrina bíblica da salvação; trata-se de um dom gracioso da parte de Deus, que neutraliza toda a jactância humana (Ef 2.8,9).

*** 1.30 o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria. Ver nota no**

v. 24.

*** 2.1 quando fui ter convosco. Paulo devia estar se referindo à sua**

primeira visita a Corinto, registrada em At 18.1-17 (Introdução: Data e Ocasião).

ostentação de linguagem ou de sabedoria. Influenciados pela cultura grega, alguns dos crentes de Corinto podem ter criticado

a Paulo por não usar ele as técnicas retóricas de seus contemporâneos (2Co 11.5,6). Ver notas em 4.1,813; 9.3,19; 10.30 e 16.3.

*** 2.2 Jesus Cristo, e este crucificado. Ver nota em 1.23.**

*** 2.3-5 Considerados por si mesmos, estes versículos poderiam sugerir**

que Paulo era um homem tímido, de parca educação e incapaz de falar com força e eloquência. Tanto o livro de Atos (p.ex., 19.8) como as epístolas de Paulo (cap. 13) provam o contrário. A "autoconfiança", se repousa sobre a arrogância acerca da própria força, reflete o desejo de ser independente de Deus. Paulo já tinha aprendido que Deus pode usar a fraqueza humana para exibir a sua própria glória (2Co 12.7-10). Visto que ele sabia que os homens e as mulheres só se deixarão persuadir na "demonstração do Espírito e do poder", Paulo usou os seus talentos e o seu treinamento com plena confiança.

*** 2.6 expomos sabedoria. O evangelho, a proclamação de Cristo**

crucificado.

entre os experimentados. Este verbo, traduzido literalmente, diria "perfeitos". O apóstolo não tinha em mente alguma categoria especial, de elite, de crentes, uma idéia que pode ter estado presente entre os crentes coríntios. Essa expressão sem dúvida é equivalente a "espiritual" (vs. 13,15; 3.1), referindo-se à influência do Espírito Santo. A pessoa madura ou espiritual é a pessoa que tem o Espírito Santo (cf. o v. 14). Visto que todo verdadeiro crente recebeu o Espírito, todo crente é espiritual e pode compreender a sabedoria de Deus, o evangelho de Jesus Cristo.

*** 2.7 a sabedoria de Deus em mistério. Esta passagem não**

deveria ser interpretada como uma referência a mistérios acessíveis somente a

crentes superiores. As riquezas do evangelho, embora "ocultas" durante o período do Antigo Testamento, agora tinham sido reveladas pelo Espírito (v. 10). Ef 3.2-6 deixa claro que a palavra "mistério", usada por Paulo para enfatizar o caráter distinto de sua mensagem aos gentios, tem um forte significado temporal. Um "mistério" é alguma verdade que "em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens" (Ef 3.5); antes, era algum mistério "guardado em silêncio nos tempos eternos" (Rm 16.25). Mas agora a verdade é claramente revelada àqueles que têm o Espírito, que vivem nos "fins dos séculos" (10.11).

preordenou. Ver referência lateral. Essa palavra, "preordenar", também é usada em Rm 8.29,30 e Ef 1.5, para expressar a certeza da boa-vontade de Deus para com o seu povo.

*****
2.8 nenhum dos poderosos deste século conheceu.

incrédulos fazem ainda parte da era antiga, pelo que não receberam a sabedoria de Deus (v. 14). Paulo enfatiza esse ponto enfocando sua atenção sobre os membros mais influentes da sociedade (1.20).

*** 2.9 Em contraste com os sábios deste mundo (que nem ao menos**

podem conceber a grandeza da salvação divina), aqueles que amam a Deus conhecem e participam de suas bênçãos. A citação está baseada em Is 64.4, mas inclui outras idéias que se encontram no Antigo Testamento.

*** 2.10 Mas Deus no-lo revelou. Ver nota teológica "Iluminação e**

Convicção", índice.

a todas as coisas perscruta. A idéia da sondagem divina (cf. Sl 139.1; Rm 8.27) enfatiza a onisciência de Deus, particularmente seu poder de ver o que é invisível para os seres humanos (Jo 2.25). Essa afirmativa não quer dizer que o Espírito Santo precise de buscar conhecimento com o Pai, que de outra maneira ele não teria. O Espírito de Deus sonda as profundidades do conhecimento divino para nosso benefício.

*** 2.11 seu... espírito... nele?** Este versículo tenciona fazer uma

observação alicerçada sobre o bom senso, e não oferecer uma análise sobre a personalidade humana. "Espírito" refere-se geralmente à parte imaterial do ser humano, especialmente às suas faculdades mentais (v. 16, nota).

*** 2.12 para que conheçamos.** Ver "A Autenticação das Escrituras", em

2Co 4.6.

*** 2.13 conferindo coisas espirituais com espirituais. O significado**

preciso desta cláusula tem sido questionado. É provável que Paulo tenha sido criticado por não usar a eloquência e nem a sabedoria humana (v. 1, nota). Como réplica, ele diz que as verdades reveladas pelo Espírito devem ser explicadas de uma maneira harmônica com o Espírito. Ver "A Autoridade das Escrituras", em 2Tm 3.16.

*** 2.14 natural.** A pessoa "natural" (no grego, *psyxikós),* que ainda

pertence à era antiga, é contrastada com a pessoa "espiritual" (no

grego, pneumatikós; ver 15.44,45, notas).

* **2.15 julga.** O apóstolo podia estar respondendo a indivíduos que se

opunham a ele e passavam julgamentos negativos sobre ele (v. 1, nota).

* **2.16 a mente do Senhor.** Ver "Entendendo a Palavra de Deus", em Sl

119.34. Através do Espírito do Senhor, Paulo tinha a mente de Cristo, e, portanto, a mente do Senhor. Aqueles oponentes que não percebiam que o Espírito de Cristo e o Espírito do Senhor são uma mesma pessoa, não tinham base para instruí-lo ou examiná-lo. Por implicação, aqueles que aceitavam o ensino de Paulo tinham a bênção do Espírito e entendiam as realidades divinas.

* **3.1 espirituais.** Isto é, pertencentes ao Espírito Santo (2.6, nota).

carnais. Ou seja, caracterizados pela carne, a principal palavra usada por Paulo para descrever esta presente era má. Visto que os crentes de Corinto

tinham recebido o Espírito Santo, eles eram espirituais no sentido mais fundamental da palavra, mas seu comportamento era tão incoerente com essa verdade que Paulo precisou tratá-los como pessoas que tinham pequeno entendimento espiritual.

* **3.3 ciúmes e contendas. Ver nota em 1.10.**

* **3.6 Eu plantei. O alvo de Paulo era pregar o evangelho em**

lugares onde a mensagem de Cristo ainda não tinha sido ouvida (Rm 15.20).

Apolo. Ver nota sobre 1.12.

*** 3.9 de Deus somos cooperadores. Paulo pode ter**

intencionado dizer que os obreiros cristãos são colaboradores com Deus, ou que os crentes que colaboram uns com os outros pertencem a Deus. O ponto frisado por Paulo torna-se claro pelo contexto: somente Deus é responsável pelo sucesso do ministério cristão.

*** 3.10 prudente. Temos aqui uma clara alusão à discussão anterior sobre a verdadeira sabedoria (1.17; 2.9,10, notas).**

o fundamento. Como alguém que fora chamado para proclamar o evangelho onde o mesmo não era conhecido (v. 6, nota), Paulo tinha resolvido nada pregar senão Cristo, e este crucificado (2.2).

*** 3.12-15 Estes versículos falam sobre a avaliação do ministério**

cristão. Alguns que estavam buscando edificar o edifício de Deus em Corinto, mas que dependiam da sabedoria humana, estavam usando materiais perecíveis ("madeira, feno, palha"), os quais não sobrevivem ao julgamento do fogo de Deus, enquanto que esses construtores dificilmente escaparão à destruição. Paulo advertiu à igreja em Corinto que eles, tal como o templo de Salomão (1Cr 22.14-16) deveriam construir com material duradouro. Ver "O Juízo Final", em Mt 25.41.

*** 3.16 santuário de Deus. Deus manifestava a sua presença no templo, enchendo-o com a nuvem de sua glória (1Rs 8.10,11). Agora ele vive em seu povo enchendo-os com o Espírito Santo. O enfoque de Paulo, aqui, é sobre o povo de Deus como uma coletividade inteira; em 6.19, porém, ele muda a sua ênfase para o corpo formado por crentes individuais.**

*** 3.17 Deus o destruirá. Paulo deixa em aberta a possibilidade de que alguns dos construtores da igreja de Corinto não somente estavam usando material perecível, mas também estavam destruindo ativamente a obra de Deus. Esses não serão poupados por ocasião do juízo divino.**

*** 3.18-20 Aqui o apóstolo retorna mais diretamente ao contraste entre a sabedoria humana e a sabedoria divina (v. 10, nota).**

*** 3.21 ninguém se glorie nos homens. Ver nota em 1.29.**

porque tudo é vosso. Esse princípio demonstra o absurdo e a trivialidade das discussões (que estavam havendo) entre os crentes de Corinto. Se pertencemos a Cristo, então, por causa dele, todas as coisas nos pertencem (Rm 8.17,38,39; Hb 1.2), e a inveja e o ciúme não podem ter lugar em nossas vidas. Quão pouco os crentes de Corinto apreciavam os seus privilégios cristãos é salientado de novo em 6.2.

*** 4.1 nos considerem como ministros de Cristo. Estes**

versículos mostram que Paulo estava sendo julgado e atacado pelo menos por alguns dos membros da igreja em Corinto (2.1, nota).

mistérios. Ver nota em 2.7.

*** 4.3 nem eu tampouco julgo a mim mesmo. Embora a**

consciência de Paulo estivesse limpa (v. 5), em última análise era Deus quem podia determinar se ele era fiel ou não.

*** 4.5 nada julgueis. Não temos aqui um mandamento absoluto**

(5.2; 6.2), mas sim, uma referência às críticas sem fundamento

levantadas contra Paulo.

trará à plena luz as coisas ocultas. Por ocasião do julgamento, coisa alguma escapará à luz perscrutadora de Deus (Mt 10.26 e paralelos).

*** 4.8-13 Nesta poderosa passagem, o apóstolo faz uso de uma**

mordaz ironia para mostrar aos crentes de Corinto quão triviais eram as questões que eles defendiam, e quão injustas eram as suas críticas. Os sofrimentos de Paulo eram comparáveis à dor e à humilhação pública de cativos condenados à morte (2Co 11.23-30). Em contraste, alguns dos coríntios julgavam-se notavelmente bem sucedidos, mas somente porque não entendiam o que significa ser alguém um "louco" por causa de Cristo (v. 10).

*** 4.14 Não... para vos envergonhar. O coração pastoral de Paulo se revela nestas palavras. A linguagem severa da passagem anterior não tinha por intuito fazer aqueles crentes se sentirem inferiores, mas servia para despertar a sensibilidade deles para com a verdade.**

*** 4.15 milhares de preceptores. Os coríntios se jactavam de sua lealdade a Apolo, a Pedro e a outros, dando a entender que eles não tinham necessidade de Paulo. O apóstolo, porém, relembra-lhes de que seu relacionamento paternal com eles era ímpar, e que eles não tinham razões para atacá-lo.**

*** 4.17 vos mandei Timóteo. Timóteo tinha partido, antes que fosse escrita esta epístola (16.10, nota).**

*** 4.18 como se eu não tivesse de ir ter convosco. Um grupo de crentes de Corinto tinha argumentado que Paulo só era ousado quando estava ausente, e que ele temia enfrentá-los face a face (2Co 10.1,2). Ele tinha-lhes enviado Timóteo (v. 17), aparentemente para evitar um confronto amargo. Mas**

ele não hesitará a ir em pessoa. Deles depende o que acontecerá quando aquela visita tivesse lugar (v. 21; 2Co 13.1-10).

*** 5.1 possuir a mulher de seu próprio pai. O pai de tal homem**

pode ter morrido, ou então a mulher pode ter sido madrasta desse homem. Seja como for, a relação sexual em vista era uma união incestuosa, explicitamente condenada em Lv 18.8. Embora a cultura greco-romana dos dias de Paulo tolerasse um grande leque de atividades imorais, até os gentios censuravam esse tipo de incesto.

*** 5.2 andais vós ensoberbecidos. Este versículo é a chave**

para entendermos a real preocupação de Paulo. O problema fundamental aqui não era o pecado daquele indivíduo, mas a falha da igreja em Corinto para abordar o pecado — de fato, o senso de orgulho deles ao tolerarem-no (v. 6). É possível que os coríntios tivessem desenvolvido uma teologia que podia acomodar tal imoralidade. Bem pelo contrário, eles tinham a responsabilidade de exercer disciplina excluindo o ofensor ("para que fosse tirado do vosso meio").

*** 5.3-5 Temos aqui uma passagem notadamente difícil. Embora Paulo estivesse ausente da comunidade cristã, ele afirma ter passado um julgamento profético no meio deles. O apóstolo está ordenando que a igreja exclua o ofensor da comunhão deles ("seja... entregue a Satanás"). O propósito desse julgamento era a salvação do homem, mas isso só poderia ser conseguido se suas tendências pecaminosas fossem vencidas ("para a destruição da carne"). De conformidade com certa interpretação de 2Co 2.5-11, aquele homem arrependeu-se de seu pecado. Ver "Disciplina Eclesiástica e Excomunhão", em Mt 18.15.**

*** 5.6 jactância. Ver notas no v. 2; 1.29.**

fermento. O fermento era usado como uma metáfora comum para alguma influência corruptora. Durante a festa anual da páscoa, os israelitas removiam todo o fermento de suas casas (Êx 12.15).

*** 5.7 sois, de fato. Paulo faz essa importante qualificação para**

encorajar os coríntios; em um sentido fundamental, eles já tinham sido purificados (1.2, nota).

Cristo, nosso Cordeiro pascal. O apóstolo desenvolve o simbolismo ao sugerir que o sacrifício da páscoa, como sombra de melhores coisas por vir (Hb 10.1), apontava para a morte de Cristo.

*** 5.8 celebremos a festa. O passo final e especialmente belo do**

argumento de Paulo foi traçar um paralelismo entre a festa dos pães asmos e a vida de pureza que os crentes deveriam levar.

*** 5.9-11 Antes de haver sido escrita a epístola de 1 Coríntios, Paulo**

havia enviado uma outra epístola (que não mais existe), instruindo os coríntios a se separarem de crentes que praticassem a imoralidade. Ou os coríntios compreenderam mal o apóstolo, como se ele tivesse ordenado que eles se separassem totalmente do mundo, ou então tentaram arredar a questão, ao argumentarem que o pedido dele era destituído de razão. O apóstolo explica que ele tinha em mente qualquer pessoa, tida como crente, cuja vida contradissesse abertamente a fé. A injunção de excluir os ofensores ("com esse tal nem ainda comais") diz respeito, primariamente, à vida comunitária dentro da igreja, e provavelmente não ensina que todo contato pessoal devesse ser evitado (2Ts 3.15, "mas adverti-o como irmão").

*** 5.12,13 Ao citar o freqüente mandamento de Deuteronômio (p.ex.,**

Dt 17.7), para que os ímpios de Israel fossem expurgados ou excluídos, Paulo traça um importante paralelo entre a comunidade da aliança do Antigo Testamento e a Igreja cristã (10.1-11). A Igreja tem autoridade para exercer disciplina dentro de sua própria comunidade, e não para regulamentar o comportamento de pessoas não-cristãs.

*** 6.1 Aventura-se algum de vós... a submetê-la a juízo**

perante os injustos. Neste versículo, Paulo parece mudar de tópico deixando

os males da imoralidade para falar sobre o problema das ações legais entre crentes. Todavia, é importante notar a conexão, em primeiro lugar, que o tópico sobre a imoralidade não fora ainda deixado para trás, pois reaparecerá no v. 9. Em segundo lugar, as falhas dos coríntios, no tocante às ações legais, são um aspecto do problema já discutido no cap.5, a saber, uma doutrina fraca da igreja. Da mesma forma como os crentes não são responsáveis por regulamentar as vidas de não-crentes, assim também os não-crentes não têm o poder de disciplinar a Igreja. Se os coríntios entendessem a relação entre a comunidade dos israelitas e a comunidade cristã (5.12,13, nota), eles entenderiam ser um absurdo que os crentes saíssem da igreja para solucionarem suas disputas. Quem poderia imaginar um gentio pagão a resolver disputas entre os israelitas no deserto? Este texto não comenta sobre o papel legítimo das autoridades civis em julgarem questões que Deus pôs sob os auspícios deles. Ver "Os Cristãos e o Governo Civil", em Rm 13.1.

*** 6.2-5 O absurdo da situação em Corinto torna-se mais claro quando a**

pessoa reconhece que, na consumação da história (mas não antes; 5.12,13), os crentes participarão, juntamente com Cristo, no julgamento não somente dos incrédulos, mas também dos anjos. Até o menos qualificado entre os crentes de Corinto estava em melhor posição do que um incrédulo para arbitrar disputas na igreja local.

*** 6.7 Por que não sofreis, antes, a injustiça? Esta notável**

pergunta deixa óbvio quão crítico era o princípio de comunidade para o apóstolo. Certamente o ponto aqui não é que os crentes estavam sendo encorajados a aceitar abusos da parte de outros. Afinal, o ludíbrio e a injustiça nem ao menos deveriam existir na comunidade cristã. Que tais injustiças existem, e que são de fato, realizadas pelos crentes uns contra os outros, demonstram o quanto aqueles crentes haviam caído. No entanto, se os coríntios entendessem as sérias implicações de todas as coisas impróprias que ocorriam em sua igreja, e se apreciassem as qualidades que devem caracterizar os crentes (cf. 13.4-7), eles se disporiam a sofrer as injustiças muito mais do que impor desgraça à comunidade cristã expondo publicamente os seus delitos nos tribunais civis.

*** 6.9 os injustos não herdarão o reino de Deus. Ver**

"Antinomismo", em 1Jo 3.7. Que as coisas deste mundo são incompatíveis com o reino de Deus é um princípio de vez em quando repetido nas Escrituras (15.50; Gl 5.21). Levanta-se a questão se alguém poderia ser salvo, visto que todos os homens são ímpios. A resposta de Paulo é dupla: Por um lado, Deus deleita-se em justificar o ímpio (Rm 4.5); e, por outro lado, aqueles a quem Deus justifica (declarando-os justos por causa da morte de Cristo), ele também santifica (conduz os mesmos a uma maneira santa de viver; Rm 6.1-4). Paulo está confiante que os coríntios eram crentes verdadeiros, justificados e santificados

(v. 11, nota), e que seu atual mau comportamento era uma anomalia que podia ser corrigida. Somente a persistência na iniquidade seria uma indicação de que a fé deles era falsa, e que eles não tinham lugar no reino de Deus.

*** 6.11 mas vós vos lavastes. Ver notas em 1.2; 5.7; nota teológica**

"Santificação: O Espírito e a Carne", índice.

*****

6.12,13 Paulo pode estar citando declarações, provav

comuns em Corinto, que eram empregadas para justificar (desculpar) comportamento imoral. A resposta de Paulo sugere que ainda que houvesse um elemento de verdade naqueles slogans, os crentes de Corinto tinham pervertido aquelas declarações. De fato, as qualificações do apóstolo têm o efeito de negar o próprio ponto das declarações, e ele termina enfatizando o nobre propósito para o qual Deus nos deu um corpo.

*** 6.14 também nos ressuscitará a nós. Essa referência à ressurreição**

é inesperada aqui, e provavelmente reflete a conexão entre uma doutrina inadequada e uma vida deficiente. Sofrendo a influência do pensamento grego, muitos dos crentes de Corinto parecem ter tido desprezo pelo corpo, chegando ao ponto de negar a futura ressurreição do corpo (cap. 15; 15.35, nota). Dotados de uma doutrina tão fraca, alguns deles podem ter considerado as relações sexuais como inerentemente pecaminosas, por terem lugar através do corpo (7.1-5). Um grupo diferente de coríntios, influenciado pela mesma

doutrina falsa, ao que tudo indica, tomou uma posição diferente; visto que não importa aquilo que o homem faz com o corpo, até o

próprio comportamento sexual promíscuo não é errado.

*** 6.15 vossos corpos são membros de Cristo. A doutrina da união do**

crente com Cristo é um dos ensinos mais fundamentais do apóstolo Paulo. O que é mais significativo neste versículo é que ensina que essa união envolve a pessoa por inteiro, e não somente o corpo (Rm 12.1). Os crentes de Corinto laboravam no erro de pensar que a união sexual com uma prostituta, somente por ser um ato físico, não afetava o relacionamento deles com Cristo.

*** 6.16,17 um só corpo com ela... é um espírito com ele. O**

contraste não é que a união com Cristo é algo espiritual, ao passo que a união sexual com uma prostituta é algo físico; Paulo já havia destacado, no v. 15, que a união com Cristo envolve o corpo, um ponto desenvolvido nos vs. 18-20. "um espírito" provavelmente refere-se ao Espírito Santo (ver 15.45, nota). Através do Espírito Santo nós (espírito e corpo) nos tornamos unidos com Cristo, e essa sublime união proíbe entregarmos os nossos corpos a uma prostituta. Se aquilo que Paulo condena aqui tinha algo a ver com as prostitutas que serviam no templo da deusa Afrodite, então as implicações religiosas da imoralidade manifestada entre os crentes de Corinto ficariam ainda mais óbvias (10.20).

*** 6.18 fora do corpo. O sentido desta passagem tem sido questionado.**

Parece que há muitos pecados que podem ser cometidos contra o corpo. Não obstante, no ensino paulino, a união física envolvida na imoralidade sexual reveste-se de conseqüências especiais, porquanto interfere com a nossa identidade cristã como pessoas que foram unidas a Cristo por intermédio

do Espírito Santo. Talvez seja significativo que a proibição paulina, neste versículo ("Fugi da impureza!"), seja expressa da mesma maneira que o seu mandamento contra a idolatria (10.14).

*** 6.19 santuário do Espírito Santo. Neste ponto, Paulo aplica ao**

indivíduo o conceito da Igreja como o novo templo onde Deus habita (3.16, nota). Apesar de devermos estar conscientes desse caráter pessoal da

residência do Espírito Santo em nós, a ênfase das Escrituras recai sobre a identidade coletiva do povo de Deus como um templo santo e como uma casa espiritual (Ef 2.19-22; 1Pe 2.4,5).

*** 7.1 Quanto ao que me escrevestes. Ver Introdução: Data e Ocasião.**

é bom que o homem não toque em mulher. É bem possível que essa declaração fosse usada por um grupo de ascetas entre os crentes de Corinto, os quais condenavam a promiscuidade sexual e argumentavam que o crente deveria evitar o casamento e abster-se de relações sexuais, mesmo dentro do casamento. O apóstolo precisou exercer cuidado a fim de que o seu ensino não fosse distorcido nem em uma e nem em outra direção. Paulo não eliminou simplesmente o lema; ele também se opunha à imoralidade sexual, e reconhece um certo valor em permanecer solteiro (vs. 7 e 8). Ele pode dar razões específicas e válidas pelas quais um crente poderia decidir-se a ficar solteiro (vs. 29-35). Mas ele precisa corrigir aqueles que demandavam o celibato. Em contextos diferentes, Paulo falará do casamento somente em termos positivos (p.ex., Ef 5.22-33; 1Tm 3.2), e condenou aqueles que proíbem o casamento (1Tm 4.3).

*** 7.3-**
5 Estes são versículos notáveis porquanto revelam p vista

que parecem estar muito adiantados para o seu tempo: uma saudável percepção da sexualidade da mulher, e a compreensão da completa igualdade existente entre um homem e uma mulher, na área mais íntima de seu relacionamento. As Escrituras não dão qualquer apoio à noção de que as relações sexuais visam unicamente o aprazimento do marido. O apóstolo permitia uma abstenção temporária do sexo (de maneira similar ao jejum; v. 5), mas ele não permitia uma abstinência demorada. Deus requer que haja união sexual como parte do matrimônio.

*** 7.6-9 A "concessão" provavelmente se refere a breves períodos de**

abstinência no v. 5: os cônjuges podem — mas não precisam — privar um ao outro do contato sexual, a não ser por breves períodos e por razões específicas. Há certas vantagens, para o trabalho no reino de Deus, quando

um crente permanece solteiro, e assim também Paulo pôde desejar pessoalmente que todo crente dedicasse sua vida exclusivamente para o avanço do evangelho. Mas o apóstolo percebe que tal situação não é possível para todos, e que isso só conduziria muitos crentes a tentações de ordem sexual. Outrossim, existem outras razões pelas quais uma pessoa deveria casar-se, mas que não são relevantes à presente discussão (v. 1, nota).

*** 7.10 não eu, mas o Senhor. No v. 12, Paulo disse: "Digo eu, não o**

Senhor". Mas o apóstolo não estava sugerindo que há uma oposição entre o que ele diz e o que o Senhor diz. No tocante ao problema abordado nos vs. 10 e 11, há uma bem-conhecida instrução dada por Jesus, durante o seu ministério terreno (Mc 10.1-12). Nos vs. 12-16, entretanto, Paulo discute sobre uma situação difícil que não fora abordada pelo Senhor. Os seus

mandamentos apostólicos, entretanto, vinham-lhe por inspiração e revestiam-se de autoridade divina, conforme o trecho de 14.37 deixa claro.

*** 7.11 se, porém, ela vier a separar-se. Apesar do mandamento do**

Senhor, parece que algumas esposas, da igreja de Corinto, influenciadas por um ponto de vista ascético (v. 1), tinham, de fato, se separado de seus maridos. Mas visto que os cônjuges estão vinculados um ao outro até à morte de um deles (v. 39), mesmo que se separem, não poderão casar-se de novo.

*** 7.12 digo eu, não o Senhor. Ver nota no v. 10.**

se algum irmão tem mulher incrédula. Essa é uma daquelas circunstâncias especiais sobre as quais Jesus não deixara instruções diretas. Se um dos cônjuges vier a converter-se, mas não o outro, deveria o casamento ser dissolvido, especialmente se o cônjuge incrédulo viesse a separar-se?

*** 7.14 santificado... santos. Uma notável afirmação sobre o caráter**

especial do lar onde apenas um dos cônjuges é crente (1.2, nota). Na linguagem do Antigo Testamento, a família inteira era considerada como estando em aliança com Deus. Até o cônjuge que se recusa a crer fica sob a influência da obra de Deus — e muito mais os filhos, quando ainda não têm

idade suficiente para professarem a sua fé. De acordo com isso, a teologia reformada tem visto este versículo como provedor de uma parte do argumento em prol do batismo infantil.

*** 7.15 não fica sujeito à servidão. Alguns interpretam essa declaração**

como tendo o sentido de que se o cônjuge incrédulo abandonar o casamento, o cônjuge crente pode casar-se de novo. O impacto desta passagem, entretanto, é simplesmente que o crente não está na obrigação de insistir que o casamento permaneça intacto. Tal insistência impediria o casal de viver "em paz".

*** 7.16 se salvarás a teu marido? Paulo pode estar retornando aqui ao pensamento do v. 14, e dando uma razão pela qual os cônjuges crentes não devem deixar seu cônjuge incrédulo; visto que, em certo sentido, eles estão "santificados", há uma boa possibilidade de que eles serão salvos. Alternativamente, este v. 16 pode explicar o v. 15: que o cônjuge incrédulo se separe, porquanto não há qualquer certeza de que ele ou ela serão salvos por serem forçados a permanecerem casados.**

*** 7.17 Ande cada um segundo... Deus o tem chamado. Os versículos**

seguintes deixam claro que a frase "conforme Deus o tem chamado" não é uma referência a posições sociais, mas à própria conversão. Note-se que os vs. 17-24 estabelecem um princípio que dá coerência ao capítulo inteiro: tornar-se alguém um crente não requer uma mudança de posição, marital, étnica ou social (vs. 8, 20, 26). Este versículo tem sido ocasionalmente usado como uma evidência de que os crentes não deveriam tentar melhorar sua posição social ou econômica. Pelo contrário, Paulo encoraja os escravos a obterem a sua liberdade, se surgir tal oportunidade (v. 21).

*** 7.19 A primeira parte deste versículo tem como paralelos os trechos de**

Gl 5.6 e 6.15. E parece que a segunda parte do versículo ("o que vale é guardar as ordenanças de Deus") é outra maneira de dizer: "a fé que atua pelo amor" (Gl 5.6), e que essa fé operante é o que caracteriza a "nova criação" (Gl 6.15).

*** 7.21 Não te preocupes com isso. O desejo de galgar um degrau na**

escala social não está errado, conforme o resto do versículo deixa claro. Entretanto, Paulo não quer ver os crentes angustiando-se quanto a uma situação qualquer que não possa ser modificada. A insatisfação e as queixas podem ser espiritualmente fatais (10.10): essas coisas refletem a falta de confiança em Deus.

*** 7.23 Por preço fostes comprados. Essa declaração dá apoio ao v. 22**

(cf. 6.20). Se realmente compreendêssemos de quem somos, então perceberíamos que nem mesmo a escravidão pode danificar nossa privilegiada posição em Cristo. Inversamente, até o maioral dos seres humanos é apenas um humilde servo diante de Cristo. Por conseguinte, os crentes não precisam e nem devem tornar-se "escravos dos homens".

*** 7.25 Com respeito às virgens. Encontramos aqui um novo tópico,**

mas relacionado ao anterior, que os crentes de Corinto haviam levantado em sua carta a Paulo (Introdução: Data e Ocasião).

não tenho mandamento do Senhor. Ver nota no v. 10.

dou minha opinião. Essa linguagem sugere que os comentários que Paulo estava para fazer não são mandamentos absolutos acerca de escolhas morais certas ou erradas, mas antes, são recomendações para alguma situação em particular. Essa interpretação é confirmada pela declaração existente no v. 28, e pelas palavras de conclusão do v. 38.

*** 7.26 angustiosa situação presente. Literalmente, temos aqui "a**

presente necessidade". Alguns estudiosos pensam que Paulo se referia a algum problema específico e incomum de Corinto. Contudo, a linguagem do v. 28 ("tais pessoas sofrerão angústia na carne") sugere uma idéia mais geral: a desagradável situação com que se defrontam todos os crentes, ao procurarem servir a Cristo na presente era maligna (Gl 1.4). Precisamos considerar esse

fator quando tomamos a decisão de nos casar, embora outras considerações também devam ser conservadas em mente (vs. 6-9, nota).

*** 7.29-31 o tempo se abrevia... a aparência deste mundo passa. A**

vida cristã deve ser vivida na percepção de que não há tempo para desperdiçar (Rm 13.11,12).

*** 7.36-38 Há duas maneiras diferentes de entendermos esta**

passagem. Simplesmente não sabemos se Paulo se referia a homens que tinham adiado o casamento com suas noivas ("virgens"), ou a pais que não tinham permitido que suas filhas se casassem ("filha virgem"; ver referência lateral). Entretanto, a idéia principal é clara; tanto a posição dos casados como a posição dos solteiros são boas opções, embora Paulo visse um benefício particular no crente permanecer solteiro.

*** 7.39 está ligada. O casamento é um compromisso pela vida inteira da pessoa.**

fica livre para casar com quem quiser. Uma viúva, não menos do que as outras mulheres tratadas neste capítulo, tem a escolha de permanecer nesse estado ou de casar-se de novo. A única consideração é que se ela casar-se novamente, seu novo esposo deve ser um crente.

*** 8.1 No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos. Os**

crentes coríntios tinham levantado a questão da idolatria, que Paulo tratou nos caps. 8-10 de sua epístola, mas a natureza precisa das indagações deles é difícil de determinar. De acordo com alguns intérpretes, as questões discutidas no cap. 8 e em 10.25-30, são uma mesma questão. Mas outros estudiosos, com base em 8.10, argumentam que o problema sério era que alguns crentes estavam frequentando festas pagãs e comendo o alimento ali servido, ao passo que 10.25-30 diz respeito ao problema menor de carnes compradas no mercado.

todos somos senhores do saber. Paulo aborda primeiramente o pecado da arrogância, como introdução ao assunto da idolatria (vs. 1-3). Esses comentários revelam que por detrás do comportamento dos coríntios (ou, pelo menos, de um grupo importante entre eles), havia um sério problema de atitude. A conduta deles não era ditada pelo amor (cf. cap. 13), e, sim, pelo orgulho pessoal.

*** 8.3 esse é conhecido por ele. Os crentes de Corinto deviam**

preocupar-se menos sobre o que sabiam, do que em serem conhecidos (cf. 13.12).

*** 8.4 o ídolo, de si mesmo, nada é. Ao que tudo indica, os**

crentes de Corinto usavam a doutrina do monoteísmo como argumento que dava apoio à prática deles: se existe um só Deus, que nos ensina a zombar dos ídolos (Is 46.6,7), por que nos deveríamos preocupar em comer alimentos oferecidos a eles? Paulo tanto reconhece como afirma essa verdade (vs. 4-6), mas foi mais adiante, para apontar um erro no uso que os crentes coríntios faziam dessa doutrina.

*** 8.7 não há esse conhecimento em todos. Os crentes que**

têm uma consciência fraca são incapazes de dissociar vários elementos dos rituais pagãos da própria idolatria. Quando esses comem alimentos oferecidos aos ídolos, sua consciência fica "contaminada". Essa linguagem forte (cf. "perece", no v. 11) sugere que esses crentes fracos estavam pecando não meramente por pensarem que estavam fazendo algo de errado, mas porque tinham caído em seus antigos caminhos idólatras.

*** 8.10 em templo de ídolo. Ver nota no v. 1 (cf. 10.18-22).**

*** 8.11 por causa do teu saber. Aquilo que, para alguns crentes de**

Corinto, era uma fonte de orgulho, tornava-se um instrumento que prejudicava a outros (v. 1, nota).

perece. Ver nota no v. 7.

*** 8.12 golpeando-lhes a consciência fraca. Embora a consciência não**

seja infalível, é uma questão muito séria violá-la ou tentar outros a violá-la.

*** 8.13 nunca mais comerei carne. Esse comentário concludente tem**

por intuito salientar o princípio fundamental do amor: buscar o bem de outras pessoas mais do que o nosso próprio bem (10.24,33; 13.5; Fp 2.4).

*** 9.1 Não sou eu... livre? A disposição de Paulo em esquecer-se de**

alguns de seus direitos é o princípio declarado em 8.9. A pergunta do v. 1 indica que alguns dos crentes coríntios

defendiam sua conduta questionando a autoridade de Paulo e criticando o comportamento dele.

*** 9.3 perante os que me interpelam. Essa afirmativa deixa**

claro que Paulo, realmente, tinha sido criticado, embora os estudiosos debatam a natureza específica da queixa (2.1, nota). Os seguintes dez versículos contêm mais de uma dúzia de perguntas retóricas que refletem a profunda emoção de Paulo e provêem indícios sobre a situação histórica. Paulo defendia o seu direito de ser sustentado pelas igrejas, somente para enfatizar sua preferência de não receber sustento (vs. 15-18). Talvez alguns dos crentes de Corinto se sentissem queixosos porque Paulo se recusava a aceitar o patrocínio deles, e daí concluíam que ele não era um apóstolo legítimo (2Co 11.7-12). Nesse caso, por que haveriam de continuar dando ouvidos às instruções dele?

*** 9.5 uma mulher irmã. Os próprios coríntios podem ter**

levantado a questão, como se a falta de uma esposa desacreditasse a Paulo e a Barnabé; ou então temos aqui a escolha da ilustração a ser usada por Paulo, para indicar a distinção entre ter um direito e exercer esse direito. Tanto Paulo quanto Barnabé eram solteiros no tempo de seu trabalho missionário. Paulo deixa entendido que se ele tivesse de casar-se, o faria com uma irmã, ou seja, com uma crente.

*** 9.10 seguramente, por nós. Poderia até parecer que Paulo negasse o**

sentido original de Dt 25.4, que ordenava aos israelitas que permitissem que seus bois comessem enquanto trabalhavam. Devemos lembrar-nos que o completo conjunto de leis, em Israel, relembrava constantemente a comunidade sobre princípios religiosos. Alguns estudiosos têm sugerido que o mandamento que dizia para não se atar a boca do boi tinha por intuito

reforçar as instruções acerca dos relacionamentos humanos, dentro do contexto imediato (Dt 24.5—25.4).

*****

9.12 não usamos desse direito. A despeito da tens causada por

seu trabalho secular, adicionado às pesadas exigências de seu ministério apostólico, Paulo estava resolvido a não tornar-se uma carga para as igrejas locais (1Ts 2.6-9). Mas parece, a julgar por 2Co 11.7-12, que os crentes de Corinto interpretaram erroneamente os motivos de Paulo. Por razões que não ficam claras, o apóstolo fez uma exceção no caso da igreja de Filipos, na Macedônia (Fp 4.15,16).

*** 9.14 que vivam do evangelho. Esse princípio é refletido não somente**

no sacerdócio levítico do Antigo Testamento (v. 13), mas também em várias passagens do Novo Testamento (p.ex., Lc 10.7; Gl 6.6; 1Tm 5.17,18).

*** 9.15,16 me anule esta glória. Conforme o resto desta passagem**

deixa claro, Paulo considerava que dificilmente poderia vangloriar-se de sua pregação, visto que era pela vontade de Deus que ele era compelido a pregar. Portanto, sua base para jactar-se ("seu galardão") era que ele pregava gratuitamente (v. 18), e ele não permitiria que alguém arrebatasse dele esse privilégio e glória.

*** 9.19 sendo livre de todos. Paulo retorna agora à primeira pergunta do**

v. 1. Parece que Paulo teve que defender-se da acusação de incoerência: ele exercia liberdade em sua própria conduta, e,

portanto, não devia privar outras pessoas de fazerem a mesma coisa. E o apóstolo retornará a este tema de novo, em 10.23-33.

*** 9.20 como se eu mesmo assim vivesse. Quando ministrava aos judeus, Paulo se conformava às regras cerimoniais do Antigo Testamento, embora ele soubesse que essas questões não eram essenciais. Ver "Os Três Propósitos da Lei", em Dt 13.10.**

*** 9.21 Aos sem lei. Quando ministrava aos gentios, Paulo dispunha-se a viver como eles, embora reconhecendo que nunca tinha a liberdade de desobedecer a Deus.**

*** 9.22 fraco. Uma nova declaração do ponto estabelecido em 8.13.**

*** 9.24 Correi de tal maneira que o alcanceis. Em outros lugares Paulo usou a ilustração de uma corrida e de seu prêmio, para enfatizar a necessidade de singeleza de coração, de determinação e perseverança (Fp 3.12-14; 2Tm 4.7,8).**

*** 9.27 esmurro o meu corpo. Paulo continuava aqui a sua metáfora**

atlética, relembrando aos seus leitores que os lutadores devem disciplinar o próprio corpo, se esperam sair-se vitoriosos nas lutas. Por igual modo, os crentes devem estar dispostos a pôr de lado os seus interesses egoístas na busca de seu alvo primário.

não venha eu mesmo a ser desqualificado. Essa declaração tem sido usada, por muitas vezes, como evidência de que os crentes podem perder a sua salvação. O testemunho do Novo Testamento, bem como o de Paulo, em particular, é que aqueles a quem Deus conduziu a si mesmo lhe pertencem para sempre (Rm 8.28-30), porquanto a vida que lhes foi dada é eterna em seu caráter (Jo 5.24; Hb 7.16). Aquilo que Deus começou a fazer, ele o levará a bom termo (Fp 1.6). Entretanto, seria um erro

eliminar ou minimizar a preocupação de Paulo (cf. 15.2; Fp 3.11; Cl 1.23), sugerindo-se que ele falava em sentido meramente hipotético, ou em relação a recompensas, e não em relação à salvação. Paulo confiava que absolutamente nada seria capaz de separá-lo do amor de Deus (Rm 8.38,39), mas ele nunca presumiu que ele seria salvo a despeito do que fazia. Nenhum crente pode dar-se ao luxo de considerar superficialmente as advertências das Escrituras (10.12).

*** 10.2 todos batizados... com respeito a Moisés. O batismo cristão salienta a união do crente com Cristo. Paulo usou a linguagem própria do batismo ao comparar os israelitas com os crentes coríntios (5.12,13, nota). Todos os israelitas passaram pela prova e pelo livramento do êxodo em virtude de sua identificação com seu líder, Moisés. Note a repetição da palavra "todos", nos vs. 1-3 (também em 12.13). "Todos" os membros da igreja em Corinto tinham sido batizados em Cristo, e desta forma tinham provado o livramento de Deus, mas isso não garantia que Deus se agradava de cada um deles, sem exceção. Essa passagem ilustra e explica a advertência em 9.24-27.**

*** 10.3,4 de um só manjar espiritual... da mesma fonte espiritual.**

Seguindo a analogia com o batismo, Paulo adverte os crentes de Corinto a não encontrarem um falso conforto em sua participação na Ceia do Senhor (vs. 1422). Os israelitas também experimentaram o alimento e a bebida que lhes foram dados por Deus. Neste caso, "espiritual" não significa "imaterial", e nem sugere apenas que o maná e a água tinham algum significado mais profundo. É provável que Paulo tivesse em mente a atividade do Espírito Santo (2.6,14; 3.1; 15.44-46, e notas). Os israelitas tinham recebido uma provisão sobrenatural, associada à obra do Espírito.

pedra era Cristo. No Antigo Testamento, Deus é com freqüência comparado a uma rocha, e Israel (chamado "Jesurum") é

descrito como nação que tinha abandonado a Deus, a "Rocha de sua salvação" (Dt 32.15; cf. Êx 17.6). A analogia entre os israelitas e os crentes de Corinto não foi uma ilustração arbitrária; pois há nessa analogia uma conexão teológica. Sem minimizar os privilégios desfrutados pelos crentes (v. 11, nota), Paulo relembra-nos que o Libertador dos israelitas não foi outro senão nosso Salvador crucificado e ressurreto.

*** 10.6 exemplos. O vocábulo grego correspondente está relacionado ao termo português "tipo" (ver também no v. 11). Talvez o uso dessa palavra**

indique também que os eventos do deserto tenham uma correspondência divinamente tencionada com as experiências da igreja cristã.

*** 10.11 os fins dos séculos têm chegado. Essa declaração reflete a**

convicção de Paulo de que a vinda de Cristo inaugurara os "últimos dias" (Hb 1.2), o tempo em que as grandes promessas do Antigo Testamento chegam ao seu cumprimento (cf. 1.20, nota). Ao frisar esse tema, Paulo ajudou os crentes de Corinto a perceberem que os eventos do Antigo Testamento olhavam para a frente e se aplicavam a eles. Outrossim, esses fatos sugerem que, considerando a posição privilegiada deles, os coríntios deveriam reconhecer sua maior responsabilidade (cf. Hb 11.39,40).

*** 10.12 veja que não caia. Ver nota em 9.27.**

*** 10.13 Este versículo, que é sobejamente conhecido, provê grande**

encorajamento aos crentes que estão enfrentando tentações. Ao mesmo tempo, as palavras de Paulo contêm uma reprimenda

implícita. Se Deus nos guarda de tentações maiores do que aquelas a que podemos resistir, então não podemos valer-nos de nossas tentações como uma desculpa para pecarmos. O pecado jamais é uma necessidade para um crente.

*** 10.14 fugi da idolatria. Essa recomendação paulina está relacionada**

às suas observações anteriores sobre comer comidas oferecidas a ídolos (8.1, nota). Paulo se entristecia diante do fato de que alguns crentes coríntios participavam de refeições pagãs que tinham um inseparável elemento de idolatria.

*** 10.16 o cálice da bênção... O pão que partimos. Essas declarações**

sobre a Ceia do Senhor demonstram a significação de tomar parte em uma refeição distintivamente religiosa. Assim como seria impossível tomar a Ceia do Senhor e afirmar que a mesma não tem qualquer significação religiosa, assim também é ingênuo que os crentes de Corinto pensassem que podiam participar em festas em templos de ídolos sem se envolverem na idolatria. Um outro

ponto é que a unidade do "corpo de Cristo", simbolizado pelo pão e pelo vinho, exclui a união com os ídolos. Ver "Os Sacramentos", em Mt 28.19.

*** 10.20 associados aos demônios. Embora os ídolos nada representem**

(v. 19), por detrás dos ritos pagãos há a realidade da obra de Satanás, e os crentes nada deveriam ter com isso.

*** 10.23 Todas as cousas são lícitas. Ver nota em 6.12,13.**

*** 10.25 Comei de tudo o que se vende no mercado. Apesar de suas**

fortes palavras contra os crentes tomarem parte das festas idólatras, Paulo não quer que os crentes de Corinto fossem exageradamente escrupulosos. O fato de um alimento ter sido oferecido a um ídolo, não altera aquele alimento; o mesmo continua a fazer parte da criação de Deus. Portanto, os crentes coríntios não tinham que perguntar se um determinado alimento do mercado foi trazido de um templo pagão, e nem tinham eles necessidade de fazer tal pergunta, quando convidados a uma refeição (v. 27). Os crentes podiam comer livremente daquilo que vinha da provisão de Deus.

*** 10.28 não comais. Um problema diferente já se origina quando alguém**

anuncia que a carne vinha de um sacrifício pagão. É de presumir-se que tal

comentário indique que a pessoa que o fez tem problemas de consciência a respeito. Nesse caso, é justo o crente abster-se, "por causa daquele que disse" tal coisa.

*** 10.30 por que hei de ser vituperado. Essa indagação deixa claro que**

Paulo fora acusado de comer carnes oferecidas a ídolos, com a sugestão de que ele não tinha qualquer direito de proibir os crentes coríntios de agir dessa forma (9.19, nota).

*** 10.31 fazei tudo para a glória de Deus. Ver "A Glória de Deus", em Ez**

1.28.

*** 10.33 não buscando o meu próprio interesse, mas o de**

muitos. Em

combinação com o desejo de fazer tudo para a glória de Deus (v. 31), esse princípio provia a Paulo um critério para a sua conduta. De fato, é o princípio do amor cristão que "não procura os seus interesses" (13.5).

*** 11.1 O apóstolo não se exibia como um exemplo absoluto; ele só**

deveria ser imitado conforme ele estivesse imitando a Cristo.

*** 11.3 o cabeça. A significação dessa metáfora desde longo tempo tem**

sido discutida pelos estudiosos — ela pode indicar liderança e autoridade, ou então fonte e origem. A evidência extraída da literatura grega é ambígua, e o presente contexto não resolve o problema. Essas duas idéias provavelmente não devem ser consideradas como excludentes uma da outra. Em dois outros contextos, onde Paulo fala de Cristo como sendo o cabeça (Ef 4.15; Cl 2.19), a noção da "origem" pode estar presente (cf. v. 8). Em outros lugares, Paulo usa a metáfora com uma referência explicita à autoridade ou à submissão (Ef 1.22; 5.23,24; Cl 1.18; 2.10). Neste ponto, Paulo provavelmente salientava mais a autoridade do que origem (cf. v. 10).

*** 11.4 a cabeça coberta. Diante da parca evidência que existe, parece-**

nos que, com poucas exceções, os homens do século I da era cristã ficavam de cabeças descobertas enquanto adoravam. O costume judaico dos homens cobrirem a cabeça, quando oram, provavelmente não remonta ao período do Novo Testamento.

desonra a sua própria cabeça. Provavelmente uma referência a Cristo como o cabeça (v. 7). Nem a Bíblia e nem outros

documentos explicam por que tal prática desonra a Cristo (cf. v. 10, nota).

*** 11.5 com a cabeça sem véu. Dado o contraste com o versículo**

anterior, este comentário sugere que as mulheres do século I d.C. adoravam com a cabeça coberta. Alguns estudiosos acham que Paulo se referia a um certo estilo de penteado (em Nm 5.18, soltar os cabelos de uma mulher fazia parte do teste para uma esposa infiel). Ver nota no v. 15.

porque é como se a tivesse rapada. No sexto versículo, rapar a cabeça de uma mulher é comparado com ter seus cabelos cortados curtos, provavelmente como se fossem os cabelos de um homem. Parece que Paulo estava se opondo a uma tendência de obliterar a distinção entre os sexos. Possivelmente, a controvérsia reflete a idéia de alguns coríntios de que eles já haviam atingido a perfeição, e não estavam mais sujeitos às regras normais (Introdução: Data e Ocasião).

*** 11.7 mulher é glória do homem. Ver "A Imagem de Deus", em Gn 1.27.**

*** 11.9 a mulher, por causa do homem. Ver "Corpo e Alma, Macho e Fêmea", em Gn 2.7.**

*** 11.10 por causa dos anjos. Têm sido sugeridas muitas interpretações dessa frase, mas todas elas são meras especulações. O argumento de Paulo está ligado intimamente a uma situação histórica específica, e devemos ter cautela ao aplicar universalmente todos os seus detalhes (vs. 4, 16, notas).**

*** 11.11,12 Estes dois versículos parecem ser uma qualificação dos**

comentários anteriores. Com uma referência específica de nosso

relacionamento "no Senhor", homens e mulheres são mutuamente dependentes, visto que somos um nele (Gl 3.28).

*** 11.14 natureza. Os intérpretes diferem quanto ao significado**

desses termos. Alguns acreditam que haja aqui uma referência à ordem criada. Outros argumentam que o apóstolo estava apelando para as práticas comuns em seus dias.

*** 11.15 em lugar de mantilha. Paulo pode ter pretendido dizer que visto que os longos cabelos de uma mulher lhe foram dados como cobertura, é igualmente apropriado que ela use um véu. Alguns argumentam que os cabelos lhe foram dados "em lugar de mantilha". Isso apoiaria o ponto de vista que diz**

que Paulo não se refere a véus, mas a um estilo particular de penteado (v. 5, nota).

*** 11.16 nós não temos tal costume. Paulo não usa exatamente esse**

tipo de argumento em qualquer de suas epístolas. Tal conclusão a uma passagem difícil pode dar apoio à contenção de que o apóstolo não estava prescrevendo formas permanentes de adoração, mas antes, tratava com questões de propriedade cultural. Certamente, porém, tais questões se revestem de implicações teológicas (v. 5, nota).

*** 11.17 não vos louvo. O contraste entre essas palavras e o v. 2 indica a**

seriedade do problema a que Paulo agora se reportava.

*** 11.19 até mesmo importa que haja partidos entre vós. Paulo**

reconheceu aqui que nada ocorre fora da vontade divina, e que Deus pode usar o pecado humano para promover os seus próprios propósitos. Ou então, Paulo estava usando de ironia, tentando fazer os crentes de Corinto perceberem que suas lutas internas tinham como motivo indigno ver quem era capaz de argumentar melhor.

*** 11.20 não é a ceia do Senhor. O uso deturpado dessa observância**

transformou a Ceia em algo absolutamente diferente do que deveria ser.

*** 11.21 quem tenha fome... quem se embriague. A preocupação de**

Paulo, quanto a este ponto, não era com a embriaguez em si, mas com a humilhação sofrida pelos pobres. A Ceia do Senhor simboliza, entre outras coisas, a unidade do povo de Deus (10.17). Aqueles crentes de Corinto que eram mais abastados, segundo tudo indica, não compartilhavam com os menos afortunados dentre eles, quando a Ceia do Senhor era celebrada. Esse comportamento egoísta contradizia abertamente o sentido da cerimônia.

*** 11.23-25 O relato de Paulo sobre a instituição da Ceia do Senhor em**

tudo acompanha os mesmos pontos essenciais do que dizem os evangelhos (Mt 26.26-29; Mc 14.22-25; Lc 22.17-20).

*** 11.23 o Senhor Jesus... tomou o pão. Ver nota teológica "A**

Ceia do

Senhor", índice.

*** 11.26 anunciais a morte do Senhor, até que ele venha. Note a**

conexão existente entre a pregação do evangelho e a celebração da Ceia do Senhor. A Ceia estabelece a Palavra de Deus através de meios visíveis, e não através de meios verbais. Note também que a celebração da Ceia exprime nossa firme esperança no retorno do Senhor.

*** 11.27-34 É importante tomar esta seção inteira como uma unidade, e**

os vs. 33 e 34 deixam claro que Paulo ainda tem em mente os abusos mencionados nos vs. 21 e 22. Frases como "indignamente" (v. 27) e "examine-se, pois, o homem a si mesmo" (v. 28) podem ser ampliadas e aplicadas a muitas circunstâncias, mas devemos ter o cuidado de não separá-las de seu contexto. Seria compreender erroneamente o v. 30 pensar que Deus rotineiramente castiga os crentes com a enfermidade e com a morte, se eles, a despeito de suas falhas espirituais, participarem da Ceia. O problema em Corinto era muito mais específico e sério. Alguns coríntios estavam derrubando por terra a unidade do corpo cristão, representado pelo único pão (10.17). A advertência do v. 29, acerca do "discernir o corpo" quase certamente se refere a essa falha em manter a unidade da igreja como o corpo de Cristo (ver referência lateral; 12.12, nota). Visto que alguns dos crentes de Corinto estavam celebrando a Ceia de uma maneira que destruía a unidade que ela representa, Deus tinha imposto julgamentos contra a comunidade. O propósito de Deus ao julgar aqueles crentes, porém, era impedi-los de serem "condenados com o mundo" (v. 32).

*** 12.1 A respeito dos dons espirituais. Ver "Dons e Ministérios", em Ef 4.7.**

*** 12.2,3 Como introdução aos dons espirituais praticados em Corinto, Paulo lembra seus leitores acerca do contraste em sua experiência pagã e sua experiência cristã. Não é claro que alguém estava realmente**

proferindo maldições contra Jesus (essa declaração pode ter sido apenas uma ilustração), mas o enfoque do terceiro versículo recai sobre o conteúdo da fala religiosa. Em vista de 14.6-19, podemos inferir que o apóstolo estava antecipando seu argumento em prol de uma linguagem compreensível.
Os pagãos, por igual modo, podem ter experimentado fala miraculosa, mas o que realmente importa é o que é dito nessas ocasiões.

*** 12.4 os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. Ao que**

parece, os crentes coríntios exageravam a importância do dom de línguas, pelo que Paulo lhes lembrou que um e o mesmo Espírito distribui uma variedade de dons entre o seu povo. As referências adicionadas ao "Senhor", que é o mesmo (v.5), e ao "mesmo Deus" (v. 6), refletem a importância da doutrina da Trindade para Paulo; e essa doutrina também presta apoio à unidade dentro da diversidade.

*** 12.7 visando a um fim proveitoso. Teremos entendido completamente mal o propósito dos dons do Espírito (aqui chamados de "manifestação") se usarmos esses dons por razões egoístas. Visto que há diferentes necessidades na comunidade cristã, diferentes dons são requeridos em cada comunidade.**

*** 12.8-10 Esta lista de dons espirituais não pretende ser um catálogo completo (outros dons são incluídos no v. 28); talvez**

reflita dons que eram especialmente evidentes na igreja de Corinto. Não precisamos supor que todos os dons eram manifestados em cada igreja. A lista que vemos em Rm 12.6-8, por exemplo, inclui somente dois dos dons aqui mencionados (profecia e fé), e omite aqueles dons que poderiam ser considerados miraculosos, como as curas e as línguas. Ao tentarmos determinar o caráter de alguns dos dons aqui mencionados, somos impedidos pela ausência de descrições sobre os mesmos no Novo Testamento. "A palavra de sabedoria" pode ser a capacidade de resolver problemas espirituais difíceis, e "a palavra de conhecimento" pode ser uma revelação especial de alguma espécie, embora não possamos ter certeza disso. Também não é claro por que Paulo alistou, em separado, os dons da "fé", das "curas" e das "operações de milagres". A referência ao "discernimento

de espíritos" talvez deva ser entendida à luz de 14.29. Nossa incapacidade de determinar a função exata de alguns desses dons não é obstáculo para entendermos o impacto desta passagem, cujo alvo não é fornecer instruções detalhadas sobre eles, mas antes, é enfatizar a variedade das graças de Deus à sua Igreja (v. 11).

*** 12.10 a um, variedade de línguas. A descrição apropriada deste**

dom tem gerado intensos debates. De acordo com certo ponto de vista, refere-se a alguma espécie de fala extática, possivelmente relacionadas às "línguas dos anjos", mencionadas em 13.1. Por outro lado, o Novo Testamento dá evidência explícita e inequívoca de que o Espírito Santo deu aos crentes primitivos a capacidade de falar em línguas humanas estrangeiras (At 2.4-11). Embora objeções também possam ser levantadas contra essa opinião (14.2, nota), pelo menos ela pode ser apoiada por um precedente bíblico.

*** 12.11 como lhe apraz. Essa breve cláusula estabelece em sua própria**

perspectiva a lista anterior de dons espirituais. Se um indivíduo ou uma igreja possui um dom em particular, não cabe a nós decidirmos. É o Espírito quem provê soberanamente os dons para o povo de Deus. Esse fator talvez explique por que nenhuma passagem do Novo Testamento oferece um catálogo completo de dons espirituais, e nem uma definição precisa dos mesmos, visto que podem variar de modo significativo, de acordo com os planos de Deus, em situações mutáveis. Uma igreja local pode, mui apropriadamente, orar para que Deus conceda dons para satisfazer às suas necessidades, mas essas orações devem ser oferecidas em submissão à sua soberana vontade e em sua perfeita sabedoria.

*** 12.12 o corpo é um. Ver "A Igreja", em Ef 2.19. A descrição da Igreja de**

Cristo como um corpo é um dos ensinos mais distintivos e significativos de Paulo (1.13, nota). De fato, o apóstolo dos gentios diz-nos que lhe foi dada uma revelação especial sobre esse "mistério", que esteve oculto por muitos séculos, a saber, que o povo de Deus, formado tanto por judeus como por gentios convertidos, constitui agora um único corpo, em virtude da exaltação de Cristo (Ef 1.22,23; 3.2-6). Tanto a existência quanto o crescimento da Igreja derivam-

se dessa unidade estabelecida por Cristo, por meio do Espírito (Ef 4.3-6,11-16; Cl 2.19; 3.14,15).

*** 12.13 em um só Espírito, todos nós fomos batizados. A ênfase que**

recai sobre a palavra "todos" e a alusão aos sacramentos, relembra a descrição similar sobre os israelitas, em 10.2-4

(notas). Uma das verdades significada e selada pelo batismo com água é o batismo do Espírito Santo que incorpora os crentes no corpo de Cristo. O batismo substitui a circuncisão como o sinal de admissão na aliança de Deus (Cl 2.11-14). De maneira semelhante, tomar parte da mesa do Senhor significa nossa contínua comunhão com Cristo e sua Igreja (10.17; 11.29, nota).

*** 12.14-**
20 Tendo afirmado a unidade da Igreja de Cristo, P passa

a falar sobre a sua diversidade. Alguns estudiosos têm comentado que o problema mais fundamental dos crentes de Corinto não era sua rejeição da unidade da Igreja, mas antes, seu fracasso em reconhecer a sua diversidade. Paulo corrige esse erro através de uma comparação com o corpo humano. Ele apela para a vontade soberana de Deus, que "dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve" (v. 18; v. 11). Se os crentes coríntios negassem a validade de certos dons, na realidade eles estariam questionando a autoridade de Deus na distribuição dos dons espirituais. Paulo tinha salientado a unidade da Igreja, mas não uma uniformidade que fizesse calar formas válidas de diversidade.

*****
12.22,23 mais fracos... menos dignos. Essa comparaç

manifesta o problema que vinha ocupando a mente de Paulo pela maior parte desta epístola, a saber, um senso de superioridade espiritual entre alguns dos crentes de Corinto, e seu consequente desdém por alguns que pareciam mais "fracos" e menos "dignos". A desvalorização, por parte deles, de certos dons espirituais (talvez em favor do dom de línguas), é a preocupação de Paulo aqui.

*** 12.27 individualmente, membros. Ver "A Igreja Local", em Ap**

2.1.

*** 12.28 Ver "Dons e Ministérios", em Ef 4.7. Os itens existentes neste**

versículo são diferentes daqueles nos vs. 8-10 — confirmação do fato de que Paulo não estava interessado em fornecer uma lista completa. Aqui Paulo começa com os "apóstolos" e os "profetas", aos quais ele considera o alicerce (Ef 2.20), e adiciona uma terceira categoria, a dos "mestres", pelo que essa lista tornou-se similar à de Ef 4.11. Embora as palavras gregas para "auxílios" e "administrações" não ocorram em qualquer outro lugar do Novo Testamento, provavelmente Paulo tinha em mente os dons daquele que "mostra misericórdia" ou que "preside" (Rm 12.8).

*****

12.29,30 Essas perguntas retóricas levam a um clím

paulino de que não deveríamos esperar que todos tivessem os mesmos dons, visto que Deus os distribui conforme a sua boa vontade (vs. 11 e 18). Ver também "Os Apóstolos", em At 1.26.

*** 12.31 procurai, com zelo, os melhores dons. O sentido desta**

sentença tem sido indagado. Alguns acreditam que estão em pauta dons mais importantes no v. 28 (especialmente a profecia, 14.1); outros argumentam que ela introduz a discussão sobre o amor, no cap. 13. Mais provavelmente ainda, Paulo está antecipando aquilo que diria mais adiante sobre os dons "para a edificação da igreja" (14.12), isto é, "falar palavras com o meu entendimento, para instruir outros" (14.19).

um caminho sobremodo excelente. Antes de explicar quais são esses "melhores dons", conforme ele faria no cap. 14, Paulo precisa indicar qual a condição essencial para o exercício

apropriado de qualquer dom — o amor.

*** 13.1-3 Usando de um exagero intencional, Paulo enfatizou inutilidade dos dons quando exercidos sem o concurso do amor. A expressão "línguas dos homens" provavelmente refere-se ao dom de falar em línguas estrangeiras (At 2.4-11), enquanto que a adição "e dos anjos" pode ser um exagero deliberado (similar a "compreender todos os mistérios" ou "remover montanhas"). Se os crentes de Corinto reivindicavam usar a linguagem dos anjos é impossível de determinar (12.10, nota). A expressão "ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado" também pode ser uma declaração dramaticamente exagerada.**

*** 13.4-7 Paulo personaliza o amor como uma pessoa que atua de modo a que os crentes deveriam imitar. O quadro total sugere uma descrição do próprio Cristo. Considerando os tipos de problemas que esta epístola aborda, estes versículos são uma reprimenda aos crentes de Corinto, que estavam fracassando na conduta de si mesmos com amor.**

*** 13.5 não se ressente do mal. Paulo talvez quisesse indicar que os crentes que amam não planejam o mal contra seus semelhantes. Mais provavelmente, porém, ele indica que aqueles que amam não concentram a sua atenção sobre os erros que outras pessoas cometem contra eles (ver referência lateral).**

*** 13.7 tudo. Paulo se utiliza dessa palavra por quatro vezes, para efeito retórico, ao levar sua descrição sobre o amor a um ponto**

culminante.

*** 13.8 O amor jamais acaba. Poderíamos ver essa declaração como**

um sumário do versículo anterior, especialmente à luz do comentário de que o amor "tudo suporta". Ao mesmo tempo, a declaração permite que Paulo construa um contraste entre o amor, que sempre "permanece" (v. 13), e os dons espirituais, que cessarão.

profecias... línguas... ciência. É provável que Paulo tenha mencionado esses três itens como representantes de todos os dons espirituais, que terão uma função temporária e terrena até o fim de nossa era. Outros têm sugerido que esses três dons, em particular, foram mencionados por Paulo por terem uma função reveladora que chegou ao fim ao se completar o cânon do Novo Testamento (v. 10, nota).

*** 13.10 perfeito. O contexto (especialmente o v. 12) sugere fortemente**

que Paulo está se referindo aqui à Segunda Vinda de Cristo como o evento final do plano divino da redenção e da revelação. Em comparação com aquilo

que receberemos então, as bênçãos presentes são apenas parciais, e, portanto, imperfeitas. Portanto, era um sinal de imaturidade quando os crentes coríntios tratavam os dons temporários e incompletos do Espírito como revestidos de significação final. De acordo com outra posição, Paulo podia estar se referindo à revelação "completa" (ver referência lateral) contida nas Escrituras do Novo Testamento, o que tornou obsoletos a profecia e outros dons reveladores. Ainda outras interpretações têm sido sugeridas, tal como a maturidade no amor, que os crentes coríntios deveriam ter como alvo, o amadurecimento da Igreja primitiva, ou a morte do crente

individual.

*** 13.12 então, conhecerei como também sou conhecido. Talvez**

porque os coríntios gostavam de jactar-se de seu conhecimento (8.1, nota), Paulo conclui a passagem salientando o caráter parcial de todo o conhecimento presente. A mudança da voz ativa ("conheço") para a voz passiva ("sou conhecido") encontra-se algures nas epístolas do apóstolo e serve para enfatizar a dependência da graça de Deus (8.3; Gl 4.9). Aqui o enfoque recai sobre o caráter íntimo e imediato do conhecimento sobre Deus, que compartilharemos algum dia.

*** 13.13 o maior destes é o amor. Ver nota teológica "Amor", índice.**

*** 14.1 mas principalmente que profetizeis. Tendo colocado a**

discussão dentro da moldura apropriada do amor, Paulo agora encoraja os crentes de Corinto a reconhecerem o valor dos dons espirituais. E visto que eles tinham exagerado a importância do dom de línguas, entretanto, a ênfase do cap. 14 recai sobre os dons inteligíveis (v. 19) — primariamente a profecia, mas também a interpretação de línguas (vs. 27 e 28).

*** 14.2 não fala a homens, senão a Deus... fala mistérios. Este**

versículo (cf. o v. 14) descreve o dom de línguas de uma maneira que parece incoerente com o dom de falar em línguas estrangeiras, mencionado em At 2.411 (embora alguns creiam que o milagre, no dia de Pentecoste, tenha sido um milagre de audição). Muitos argumentam que aqui Paulo está lidando com algo diferente — uma espécie de fala extática, usada nas orações íntimas (Rm 8.6).

Contudo, a palavra aqui traduzida como "língua" é o termo grego normal que significa "linguagem". Em segundo lugar, o uso que Paulo faz do termo "mistério" indica uma verdade divina que ainda não foi desvendada; e não tem o mesmo sentido do vocábulo português "mistério" (2.7, nota). Em terceiro lugar, os vs. 10 e 11, bem como o v. 21, dão sustento à idéia que mesmo aqui Paulo está falando sobre a linguagem humana (12.8-10, nota).

em espírito. Ou seja, em oposição a falar com a sua mente (vs. 13-15), até aquele que fala não entende o que está dizendo. Mas essa frase provavelmente deveria ser traduzida por "no Espírito", a fim de salientar a inspiração divina envolvida no ato de proferir um mistério.

*** 14.4 a si mesmo se edifica. Aqueles que falam em uma língua que**

não é interpretada, são encorajados e confortados, a despeito de não terem entendido a mensagem.

*** 14.6 em que vos aproveitarei. Esse princípio de beneficiar a outros,**

edificando-os, torna-se o ponto-chave da passagem. Paulo está aplicando o ensino de 12.7, de que Deus concede uma certa variedade de dons "visando a um fim proveitoso".

*** 14.7,8 Estes versículos ilustram o princípio mencionado no v. 6.**

Os instrumentos musicais nada transmitem a seus ouvintes a menos que sejam tocados com um propósito inteligente.

*** 14.13 deve orar para que a possa interpretar. Sem minimizar a**

importância do dom de línguas, Paulo encorajou os crentes coríntios a usar esse dom de uma maneira que o torne valioso para a congregação.

*** 14.14 o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera.**

Qualquer que seja o benefício espiritual que ele possa receber dessa experiência, sua compreensão não é edificada. No versículo seguinte, Paulo destaca que ele preferia receber ambos esses benefícios.

*** 14.16 como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças.**

Os membros da congregação, se tiverem de participar da adoração pública, devem ser capazes de concordar com a mensagem dos hinos que forem entoados e das orações que forem oferecidas. O costume de exprimir aprovação com um "Amém" audível ("assim seja") não pode ser seguido se a pessoa não entender o que foi dito.

*** 14.18,19 É possível que os crentes de Corinto justificassem a ênfase**

que davam ao dom de línguas argumentando que Paulo também exercia esse dom. Sem negar esse fato, o apóstolo põe o dom em sua perspectiva apropriada ao salientar que será muito mais valioso fazer alguma coisa que "instrua a outros".

*** 14.20-25 Até este ponto, Paulo vinha discutindo o uso das línguas**

entre os crentes. Mas que dizer sobre os incrédulos que ouvissem as línguas? Os crentes coríntios tinham ignorado os incrédulos, e Paulo admoestou a igreja por essa exibição de

imaturidade espiritual. Ele apela para "a lei" (o Antigo Testamento) para mostrar que Deus usa línguas estranhas como sinal de julgamento. O trecho de Isaías 28.11 explica como Deus julgou os israelitas mediante os assírios, que falavam um idioma estrangeiro. Se os incrédulos chegassem à adoração e ouvissem uma língua ininteligível, eles seriam repelidos (v. 23) e rejeitariam o evangelho. Nessa situação, as línguas não-interpretadas servem de sinal de julgamento "para os incrédulos" (v. 22). Mas os crentes de Corinto deveriam ter como alvo levar os incrédulos ao arrependimento e a reconhecerem que Deus está presente (v. 25). Visto que Deus usa as palavras compreensíveis da profecia para realizar esse propósito, a profecia é um "sinal para aqueles que crêem"; e serve de evidência da bondade de Deus para com eles (v. 22).

*** 14.26 para edificação. Ver nota no v. 6, "O Modelo de Deus para o**

Culto", em 1Cr 16.29.

*** 14.27 haja quem interprete. Essa preocupação com o entendimento**

molda a discussão inteira (v. 1, nota). As instruções de Paulo neste versículo e

no seguinte demonstram que aqueles que falam em línguas devem controlar sua elocução, ainda que não as tenham compreendido.

*** 14.29-33 Tendo apresentado instruções para o exercício apropriado do dom de línguas, Paulo começa a explorar outras questões que também afetam a ordem da adoração pública. Visto que ele tinha enfatizado a importância da profecia, ele salienta agora que até esse dom deve ser exercido de maneira ordeira — "falem apenas dois ou três" (durante o curso da profecia, ou,**

talvez, em vários pontos, durante o culto), enquanto que "outros", que também têm o dom da profecia, deveriam avaliar a mensagem para averiguar se a mesma não é falsa. Ao que parece, os coríntios falavam em línguas e profetizavam sem se importarem com outros crentes ou com o conteúdo das mensagens (12.2,3, nota). A desordem por eles provocada era uma ameaça à unidade do corpo, e era incompatível com o Deus "da paz" (v. 33).

*** 14.34,35 Estes versículos têm suscitado debates entre os crentes, pelo menos parcialmente, pois não se sabe qual problema, exatamente, Paulo estava procurando corrigir. Tem até mesmo sido proposto que estes versículos não faziam parte da epístola original de Paulo. Tendo por base 11.5 e outras passagens do Novo Testamento, fica claro que Paulo não está proibindo de maneira absoluta, que as mulheres falassem em cada situação na igreja. Paulo podia estar tratando de algum problema particular em Corinto, como o de mulheres que criavam desordem durante o culto de adoração. Ele podia ter em mente uma função específica, tal como a avaliação das profecias (vs. 29 e 32), da qual as mulheres não deveriam participar. Tem sido até sugerido que estes vs. 34 e 35 são uma citação dos próprios crentes coríntios, que Paulo rejeitou no v. 36.**

*** 14.36 Essas perguntas sarcásticas mostram que Paulo não está**

dando instruções gerais quanto à adoração. Antes, ele procurava solucionar problemas sérios que se originavam da arrogância jactanciosa dos crentes de Corinto.

*** 14.38 o ignorar, será ignorado. Ver nota em 13.12 quanto ao contraste**

entre conhecer e ser conhecido. Este versículo pode ser uma

advertência de que os crentes teimosos seriam disciplinados por Paulo ou pela igreja (2Ts 3.14), mas a linguagem sugere que eles ficariam sujeitos ao julgamento divino direto.

*** 14.39,40 Estes dois versículos são um sumário conciso do cap. 14.**

*** 15.1 Neste versículo, Paulo muda o assunto para outro tópico de grande importância para ele — a integridade da mensagem do evangelho naquilo que enfoca sobre a doutrina da ressurreição.**

*** 15.2 se retiverdes a palavra. Ver nota em 9.27.**

a menos que tenhais crido em vão. Negar a ressurreição de Cristo torna a nossa fé inútil (v. 14).

*** 15.3-5 Estes três versículos dão a essência não somente da**

pregação de Paulo, mas do ensino da Igreja primitiva como um todo ("o que também recebi"): a morte vicária e a ressurreição de Cristo como o cumprimento da mensagem do Antigo Testamento.

*** 15.5-8 A quádrupla repetição de "foi visto" indica a ênfase de**

Paulo nesta passagem — a prova dada por testemunhas oculares de que Cristo ressuscitou dentre os mortos. A maioria dos crentes que tinham testificado as aparições do Cristo ressurreto continuavam vivos quando Paulo escreveu esta epístola; e isso significava que qualquer crente podia averiguar por si mesmo os fatos. Particularmente significativa é a referência a "por mais de quinhentos irmãos de uma só vez", pois ela mostra que as aparições de Jesus, já ressurreto, não podem ser explicadas como meras alucinações pessoais.

*** 15.7 Tiago. Não temos aqui uma menção a Tiago, irmão de**

João, o

apóstolo executado por Herodes Agripa (At 12.2), mas ao meio-irmão de Jesus (Jo 7.5; At 12.17; 15.13; Gl 1.19).

*** 15.8 como por um nascido fora de tempo. Essa observação**

autodepreciadora pode ser uma crítica irônica dos crentes coríntios que tinham Paulo em baixa estima (2.1, nota). O que o apóstolo queria dizer foi indicado pela frase "e, afinal". As aparições do Senhor tinham cessado e Paulo era um perseguidor da Igreja quando recebeu sua chamada para o apostolado (Gl 1.13,23; Fp 3.6; 1Tm 1.13-16). Embora Paulo não tivesse estado com Jesus durante o seu ministério terreno, foi-lhe concedido o privilégio de ver a Jesus ressurreto dentre os mortos, e foi comissionado para ser um apóstolo, com especial ministério entre os povos gentílicos (At 9.3-5,15; Gl 1.15,16). Aquilo que Paulo diz tão agudamente é que o ofício apostólico era um dom ministerial ímpar e fundamental dado à Igreja (Ef 2.20).

*** 15.10 graça de Deus. Tendo admitido livremente o caráter anormal e**

sem merecimentos de sua experiência, Paulo passa a salientar que o passo de sua vida não era razão para os crentes de Corinto rejeitarem a sua mensagem. Onde o pecado é abundante, a graça eficaz de Deus superabunda (Rm 5.20); quando estamos fracos, a graça de Deus mostra-se forte (2Co 12.9,10). A graça divina não fez de Paulo um preguiçoso, mas levou-o a trabalhar "mais" do que qualquer outra pessoa.

*** 15.12 não há ressurreição de mortos? Finalmente, Paulo trata do**

problema que requeria correção. Alguns dos coríntios, talvez sem negarem que Jesus tinha ressuscitado, questionavam a doutrina da ressurreição, por causa de sua compreensão antibíblica do corpo humano (v. 35, nota). Paulo precisava mostrar-lhes que a ressurreição de Cristo não podia ser separada da ressurreição daqueles que eram dele (vs. 20-23). Se a ressurreição deles não exprime uma verdade, então a ressurreição de Cristo não teria sido uma realidade. Mas negar, mesmo por implicação, que o corpo de Jesus realmente tenha sido levantado do túmulo, destrói a mensagem do evangelho.

*** 15.14 é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé. Cf. o v. 17. A verdade**

da mensagem cristã está ligada à realidade histórica da morte e da exaltação de Cristo. O apóstolo não pode conceber que a sua mensagem teria algum valor espiritual sem o seu alicerce histórico.

*** 15.19 somos os mais infelizes de todos os homens. Embora Paulo**

não negasse que, em um sentido espiritual, os crentes desfrutam de uma melhor vida presente do que os incrédulos, este versículo salienta a grandeza daquilo que Deus prometeu para a nossa vida vindoura. Nossa esperança de salvação é tão gloriosa que se ainda estivéssemos em nossos pecados e perdidos (vs. 17 e 18), haveríamos de experimentar o maior e mais cruel de todos os enganos (vs. 31 e 32).

*** 15.20 as primícias. Por ocasião da colheita dos israelitas era requerido**

que eles trouxessem uma oferta da primeira parte da safra (Lv 23.10). Essa oferta era um sinal de toda a colheita, que pertencia inteiramente a Deus. Jesus é chamado de "primícias" porque a

sua ressurreição e a ressurreição dos crentes são eventos intimamente relacionados entre si. Jesus foi "o primeiro da ressurreição dos mortos" (At 26.23), tendo ressuscitado como nosso representante. Sua ressurreição levou à nossa ressurreição espiritual (Rm 6.4; Ef 2.6), e, ao mesmo tempo, garante que nossos corpos serão ressuscitados. Um outro uso dessa metáfora acha-se em Rm 8.23 (cf. também 2Co 1.22; 5.5; Ef 1.14).

*** 15.21 Esta passagem afirma, de maneira sucinta, um dos mais**

profundos ensinos paulinos — a nossa dupla solidariedade com o primeiro homem, Adão, e com o último homem, Cristo. Em virtude da nossa humanidade, estamos unidos com Adão em nossa presente existência natural, no pecado e na morte; em virtude da nossa fé, estamos unidos com Cristo na existência espiritual, na justiça e na vida por vir (vs. 45-49; Rm 5.17-19). Ver nota teológica, "Ressurreição e Glorificação", índice.

*** 15.22 em Adão, todos morrem. Ver "A Queda", em Gn 3.6.**

*** 15.24-28 Ver "O Reino Celestial de Jesus", em At 7.55. Embora o**

argumento de Paulo, nesta seção, seja difícil quanto a seus detalhes, o seu impacto é claro e poderoso. Os crentes de Corinto tinham que entender que a ressurreição não é um evento isolado, com repercussões limitadas. Antes, é um acontecimento integrado e culminante no governo soberano de Deus sobre a história. A redenção não estará completa até que Cristo "haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés" (v. 25, uma referência clara a Sl 110.1). E visto que a morte é o "último inimigo" (v. 26), a obra de Cristo não terá terminado senão quando a morte for destruída. A declaração paulina de que o Filho "também se sujeitará" ao Pai (v. 28) não significa que o

Filho seja inferior quanto à dignidade e ao ser. Antes, em seu trabalho messiânico, o Filho se sujeitará à vontade do Pai, "quando ele entregar o reino ao Deus e Pai" (v. 24). O clímax da obra submissa e messiânica de Cristo será a conquista total de seus inimigos, "para que Deus seja tudo em todos", quando então o seu governo absoluto será universalmente reconhecido.

*** 15.29 se batizam por causa dos mortos? Aparentemente, alguns**

crentes de Corinto estavam sendo batizados em favor de outros que já tinham morrido. Essa prática não é mencionada em qualquer outra passagem da Bíblia ou em outros escritos antigos. Numerosas explicações dessa prática têm sido propostas, todas elas com um forte tom especulativo, e nenhuma delas persuasiva. Paulo mencionou esse rito apenas para mostrar a incoerência lógica da posição de seus oponentes.

*** 15.32 feras. É provável que tenhamos aqui uma referência aos inimigos**

de Paulo em Éfeso (onde esta epístola foi escrita), os quais pretendiam condená-lo (cf. "a boca do leão" (2Tm 4.17, nota). A esperança da ressurreição fortalecia Paulo a suportar severos testes e grandes perseguições (v. 19, nota).

*** 15.33 as más conversações corrompem os bons costumes.**

Derivado de uma comédia escrita pelo popular autor grego Menandro (342— 292 a.C.), este provérbio era comum no mundo antigo (note a declaração judaica comparável, em 5.6). Aqueles crentes de Corinto, com um ponto de vista defeituoso acerca da ressurreição, não somente tinham sido influenciados

pelas más companhias com que se misturavam, mas, por sua vez, estavam corrompendo outros crentes da congregação.

*** 15.34 alguns ainda não têm conhecimento de Deus. Provavelmente**

uma referência a membros da igreja em Corinto que se jactavam de seu conhecimento (8.1, nota), mas cuja negação da doutrina da ressurreição demonstrava profunda ignorância a respeito das realidades divinas.

*** 15.35 em que corpo vêm? Neste versículo Paulo considera aquilo que,**

aparentemente, era a objeção primária, levantada por alguns crentes de Corinto contra a ressurreição do corpo. Mui provavelmente eles eram influenciados pelo dualismo, uma filosofia pagã que contrastava a parte imaterial com a parte física do homem, e dizia que a parte imaterial era boa, mas que a parte material era má. Seguindo tais linhas de raciocínio, alguns crentes dali tinham desenvolvido o desdém pelo corpo humano, provavelmente distorcendo as suas idéias sobre as relações sexuais (6.14, nota). Parece que eles pensavam que visto o corpo ser mau, a doutrina da ressurreição significa que corpos sem honra seriam ressuscitados. Paulo considerava a posição deles como uma tolice (v. 36), e apresentou uma extensa discussão sobre essa questão (vs. 36-49).

*** 15.36 se primeiro não morrer. Visto que Deus é o criador do mundo,**

os processos da natureza refletem as várias maneiras como ele opera. A natureza provê úteis metáforas e analogias sobre a obra divina da salvação (Is 55.10,11). Jesus usou uma semente ("se morrer, produz muito fruto") como uma ilustração da verdade espiritual (Jo 12.24). Aqui Paulo usa o mesmo quadro para ilustrar a notável diferença entre aquilo que é plantado e aquilo que, eventualmente, se desenvolverá a partir da semente (v. 37). A mesma sorte de analogia pode ser encontrada no

diálogo de Platão intitulado *Symposium.*

*** 15.38 a cada uma das sementes o seu corpo apropriado. Neste**

ponto, Paulo muda a ilustração a fim de destacar as variações existentes entre

as diferentes plantas. Ele prossegue a fim de aplicar a idéia a criaturas vivas (v. 39) e a corpos celestes (vs. 40 e 41).

*** 15.42,43** Finalmente, a ilustração é aplicada ao corpo humano, que morre e é sepultado, e será transformado por ocasião da ressurreição. Paulo não sugeriu que o corpo ressurreto será um corpo inteiramente diferente do nosso. Assim como uma planta surge diretamente de sua semente, assim o corpo ressurreto é, em sua essência, o mesmo que o corpo que foi "semeado". Mas a ênfase do apóstolo recai sobre a transformação espantosa que terá lugar: da "corrupção", da "desonra" e da "fraqueza", para a "incorrupção", para a "glória" e para o "poder".

*** 15.44 corpo natural... corpo espiritual.** Este último contraste é difícil de ser compreendido, mas reveste-se de grande importância. Paulo não tinha em mente um contraste entre o que é físico e o que é metafísico, e entre o que é material e o que é imaterial. O corpo ressurreto será um corpo físico, e não um fantasma intangível. O apóstolo já havia usado as palavras "natural" e "espiritual" para distinguir o indivíduo destituído do Espírito Santo do indivíduo que tem o Espírito (2.6,14, notas). A pessoa natural pertence à era presente (1.20), ao passo que a pessoa espiritual é um cidadão do céu (Fp 3.20). Os crentes receberam o Espírito Santo, e, por essa razão, são "espirituais". Mas ainda não receberam o "corpo" espiritual, o corpo que será plenamente conformado à vida dada pelo Espírito. Ver Rm 8.22-25 e nota.

*** 15.45 alma vivente... espírito vivificante.** Paulo esclarece mais

ainda o que ele queria dizer continuando o contraste entre o primeiro Adão e o último Adão (vs. 21,22, nota). A palavra grega traduzida aqui por "alma" (no grego, *psyxe)* é relacionada à palavra traduzida por "natural", no v. 44 (no grego, *psyxikós),* ao passo que a palavra "espírito" (no grego, *pneuma)* corresponde a "espiritual" (no grego, *pneumatikós).* As palavras "espírito vivificante" mui provavelmente são uma referência ao Espírito Santo. Jesus e o Espírito Santo não são uma mesma Pessoa, mas Jesus e o Espírito são identificados em termos da presença e da atividade deles na Igreja. Essa identidade, que conhecemos porque Jesus também é "vivificante", é o cumprimento do papel

de Jesus como o Messias, e teve início com a sua ressurreição e ascensão ao céu. Estar em Cristo é estar igualmente no Espírito (6.11,15,19; 12.19). A associação entre Cristo, o Espírito Santo e a vida torna-se evidente em Rm 8.911 e 2Co 3.6,17,18.

*****

15.48 terreno... celestial. Eis aqui um contraste final os

vs. 42-44 referem-se à distinção entre o corpo humano que é terreno, e o corpo humano que é celestial. Neste contexto, porém, a distinção não envolve a substância, e, sim, o fator tempo; a presente era má é contrastada com a vindoura era perfeita. Os crentes já desfrutam de algumas das bênçãos da era vindoura (10.11, nota), mas continuam aguardando a consumação. A obra da redenção divina só estará completa com o corpo ressurreto. Assim como trouxemos a imagem do primeiro Adão, visto que pertencemos a Cristo, estamos destinados a trazer a imagem do último Adão (v. 49).

*** 15.50 carne e o sangue. Esta frase alude à fraqueza da existência**

humana terrena, e equivale à "corrupção". Paulo estava

advertindo que sem os novos corpos "incorruptíveis", não podemos "herdar o reino de Deus". Como, pois, alguns dos crentes coríntios podiam negar a doutrina da ressurreição?

*** 15.51 mistério. Ver nota em 2.7.**

nem todos dormiremos. Paulo reconhece aqui que muitos crentes não morrerão, mas estarão vivos por ocasião da volta de Cristo. Embora esses crentes não sejam ressuscitados dentre os mortos, eles também serão transformados e receberão corpos imperecíveis e imortais (1Ts 4.13-18 e notas).

*** 15.54-57 Esta é uma das passagens mais eloquentes e poderosas**

das Escrituras. Usando de paráfrases de Isaías e de Oséias (com base na Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento para o grego), Paulo alude ao seu argumento anterior nos vs. 24-28, assegurando-nos vigorosamente da finalidade da destruição da morte no dia da ressurreição. Esse dia também assinalará a destruição do "pecado" e da "lei". Na sua epístola aos Romanos,

Paulo explica detalhadamente como o pecado é o veneno que consegue matar a todos os homens (Rm 5.12), e como a lei, embora ela mesma seja santa, torna-se o instrumento através do qual o pecado nos pode enganar (Rm 7.712).

*** 15.58 sede firmes. Em face do ensino falso e de várias tentações, a**

esperança da ressurreição deveria encorajar os crentes de Corinto a perseverarem em sua fé. Contudo, a exortação para se tornarem "firmes" não implica em inatividade. Pelo contrário, os crentes de Corinto deviam ser plenamente ativos "na obra do Senhor". Podemos facilmente nos desencorajar pensando que nosso labor pode reduzir-se a nada (Gl 2.2; Fp 2.16; 1Ts 3.5), mas podemos relembrar a promessa de que quando Deus criar os

novos céus e a nova terra, seu povo usufruirá do fruto de seus labores, quando então verão que os seus esforços nunca foram "em vão" (Is 65.17-25).

*** 16.1 Quanto à coleta. Com base em 2Co 8.1-4 e Rm 15.25-27, parece**

que um dos propósitos da terceira viagem missionária de Paulo era o de juntar fundos das igrejas gentílicas para os crentes judeus na Judéia, que estavam padecendo necessidade, talvez em resultado da perseguição. Ao que tudo indica, Paulo já havia falado aos crentes coríntios sobre esse projeto, em uma epístola anterior (5.9). Eles tinham pedido maiores informações, e talvez tivessem expressado reservas a respeito (Introdução: Data e Ocasião).

para os santos. Ver 1.2, nota.

*** 16.2 No primeiro dia da semana. A referência é ao domingo, o dia no**

qual o Senhor ressurrecto veio encontrar-se com seus discípulos (Jo 20.19,26; cf. também "o dia do Senhor", em Ap 1.10). At 20.7 indica que os cristãos primitivos se reuniam aos domingos para "partir o pão" (que fazia parte da adoração), e teria sido apropriado designar aquele dia para reunir as oferendas.

*** 16.3 aqueles que aprovardes. Esse comentário talvez reflita dúvidas da parte de alguns crentes, se Paulo deveria receber a responsabilidade única pelo dinheiro (2.1, nota).**

*** 16.5-9 Estes versículos deixam claro que Paulo escreveu esta**

epístola em Éfeso e pretendia visitar Corinto por via terrestre pelo norte, em redor do mar Egeu. Tanto At 20.1,2 quanto 2Co 2.12,13 indicam que ele cumpriu esse plano. O que Paulo não

previra nessa ocasião foi a necessidade anterior de fazer uma breve e desagradável visita a Corinto, pouco depois de ter escrito 1 Coríntios (2Co 1.23; 2.1; 13.2; Introdução a 2 Coríntios: Data e Ocasião).

*** 16.10 se Timóteo for. Antes (4.17), Paulo tinha mencionado que**

Timóteo seguiria como seu representante (At 19.22). Paulo quer que eles tratassem com respeito o seu cooperador mais jovem.

*** 16.12 Acerca do irmão Apolo. Ao que tudo indica, os crentes de Corinto, em sua carta, tinham pedido que Apolo retornasse a eles (Introdução: Data e Ocasião; At 18.27—19.1). A despeito da atitude imprópria dos coríntios (4.6; 4.15, nota), Paulo honrou a petição deles. Apolo não estava disposto a ir nessa ocasião, deixando para fazê-lo só mais tarde.**

*** 16.15-18 Esta passagem recomenda "Estéfanas, Fortunato e**

Acaico", sendo que este último provavelmente tinha sido o portador da carta enviada pela igreja de Corinto. A ênfase de Paulo (sobretudo nas palavras "eu vos peço o seguinte... que vos sujeiteis a esses tais") sugere que esses homens, e Estéfanas em particular, eram líderes nomeados, mas que não desfrutavam de um respeito apropriado da parte da congregação. A frase, "o que da vossa parte faltava" não indica, necessariamente, uma crítica (o original grego, no fim de Fp 2.30, é quase idêntico), mas aqui pode sugerir que a igreja como um todo deixara de revigorar o espírito do apóstolo.

*** 16.19 Ásia.** Éfeso, onde 1 Coríntios foi escrita era a cidade mais

importante da província romana da Ásia, na parte sudoeste da península da Anatólia, que atualmente faz parte da moderna Turquia (At 19.10).

Áquila e Priscila. Esse casal desempenhou um importante papel durante a visita inicial de Paulo a Corinto (At 18.1-3), pelo que a congregação conhecia bem os dois.

*** 16.20 com ósculo santo.** Uma saudação normal na Igreja primitiva.

Embora essa prática não fosse incomum tanto no judaísmo como na cultura romana, a palavra "santo" indica uma significação adicional a essa saudação, entre os santos, visto que representava o relacionamento especial de irmãos e irmãs em Cristo.

*** 16.21 de próprio punho.** Até este ponto, a epístola deve ter sido escrita

por um escriba treinado (Rm 16.22), mas o costume de Paulo era adicionar pessoalmente algumas palavras de próprio punho, como se fora uma assinatura pessoal.

*** 16.22 seja anátema**. Essas palavras fortes, escritas pelo próprio punho

de Paulo, afirmam a autoridade apostólica por detrás da carta inteira. Esta não é uma maldição contra os incrédulos em geral, mas somente contra aqueles que rejeitam a autoridade da epístola (Gl 1.8,9; 2Ts 3.14,15).

Maranata. Uma transliteração das palavras aramaicas *Marana tha* (ou *Maran atha,* "Nosso Senhor veio"), que refletem a adoração da Igreja primitiva na Palestina.

*** 16.24 O meu amor seja com todos vós.** Após uma longa epístola que

consiste primariamente de severas repreensões, essas palavras afetuosas chegam até nós como uma surpresa. Paulo não havia esquecido as necessidades pastorais de sua congregação (1.2, nota).

2 Coríntios

*** 1.1 Apóstolo de Cristo. Paulo descreve a si mesmo como um**

"apóstolo", mas não aos seus companheiros (ver também 1Co 1.1; Cl 1.1). Um apóstolo era uma testemunha ocular da ressurreição de Cristo (At 1.22; 1Co 15.8), que fora pessoalmente nomeado por Cristo (Mt 10.1-7; At 1.24-26; Gl 1.1) para governar a Igreja primitiva (1Ts 4.8; 2Ts 3.6,14), e para ensinar ou escrever com autoridade (1Co 14.37; 1Ts 2.13; 4.15; 2Pe 3.15,16). Esse termo foi usado para os doze discípulos primitivos e para Paulo. E também foi usado em um sentido mais amplo (ver Rm 16.7), ao passo que em um uso geral ou não-técnico significa "mensageiro" ou "representante" (8.23; Fp 2.25).

Pela vontade de Deus. É a escolha soberana de Deus que, em última análise, coloca pessoas nos ofícios e nos ministérios da Igreja. O ofício apostólico era extraordinário e temporário, e não continuou quando não houve mais testemunhas oculares sobreviventes da ressurreição, e quando o cânon das Escrituras se completou. Os ofícios ordinários, porém, continuam sendo necessários, e são preenchidos pelos presbíteros (ver At 20.17,28) e outros cujos dons espirituais os equipam para os diversos ministérios (1Co 12.7,11,28). Chamamentos aos ofícios ordinários são confirmados pelo povo de Deus, à medida em que as igrejas locais discernem quem recebeu os dons e as qualificações para o trabalho (Ef 4.11).

os santos. Um termo comumente usado por Paulo para referir-se a todos os crentes (Rm 15.25; Fp 1.1).

em toda a Acaia. Embora esta epístola tivesse sido endereçada primariamente à Igreja de Corinto, é evidente que Paulo percebeu que ela seria lida pelas igrejas circunvizinhas na região da Acaia, a parte sul da Grécia moderna. Quanto à cidade de Corinto, ver

At 18.1, nota.

*** 1.2 graça. A graça é o favor imerecido de Deus — não apenas**

quanto ao perdão inicial dos pecados, mas também aos eventos ordinários da vida diária.

paz. A bênção externa da ordem social e a bênção interna de uma boa relação pessoal com Deus (Rm 5.1; 1Tm 2.2).

de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Serve de evidência da deidade de Jesus Cristo o fato de que ele e o Pai tenham sido mencionados igualmente como a origem da graça e da paz da igreja em Corinto.

*** 1.3 Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. As três Pessoas da**

Trindade são igualmente divinas e, no entanto, são um único Deus, e não três. Conforme é sugerido pelos nomes de Pai, Filho e Espírito Santo, certos papéis e atividades correspondem mais de perto a uma Pessoa do que a outra. Exemplificando, o papel de Deus Pai é tomar a iniciativa e dirigir.

o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação. Um tema-chave dos caps. 1 a 9. Toda consolação e encorajamento no mundo tem sua origem no próprio Deus.

*** 1.4 para podermos consolar os que estiverem em qualquer**

angústia. Deus tem um propósito soberano tanto em nossas tribulações quanto no conforto que ele nos dá nessas tribulações. Se tivermos experimentado o consolo divino nos sofrimentos, poderemos ser capazes de sustentar aqueles que estiverem sofrendo como nós já sofremos.

*** 1.5 assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam**

em grande medida a nosso favor. Não que possamos acrescentar qualquer coisa aos sofrimentos de Cristo por nós (Is 53.11; Jo 19.30; Hb 9.26-28), mas é que Deus nos chamou para sofrer por Cristo, e assim seguirmos nos passos de Cristo (Rm 8.17; Cl 1.24; Hb 12.2,3; 1Pe 2.21). Visto que os crentes estão unidos a Cristo e fazem parte espiritual de seu corpo, tanto nossos sofrimentos pelo evangelho como o conforto que Deus nos provê em Cristo resultam de

nossa participação nele (Fp 3.10,11). Neste passo Paulo dá a entender uma característica persistente de seu ensino. As experiências-chaves de Cristo, especialmente seus sofrimentos, sua morte e sua ressurreição, servem de padrão mediante o qual os crentes podem entender seus próprios sofrimentos e seu triunfo final.

*** 1.6 Paulo vê a mão soberana e o propósito remidor em tudo**

quanto lhe ocorre, quer se trate de angústia ou de conforto.

*** 1.7 como sois participantes dos sofrimentos. Por detrás**

deste versículo jaz o ensino paulino de que todos os crentes, como membros do corpo único de Cristo, estão vinculados uns aos outros, de tal maneira que cada dimensão da vida de Cristo é compartilhada por eles (ver 1Co 12.26). Quanto mais plenamente essa realidade influenciar as atitudes e os atos dos crentes, de uns para com os outros, mais plenamente eles experimentarão uma comunhão satisfatória, por meio de Cristo, de uns com os outros.

*** 1.8 nos. Nesta epístola, Paulo normalmente usa o plural "nós"**

ou "nosso", para referir-se somente a ele mesmo.

tribulação que nos sobreveio na Ásia. Ao que tudo indica, Paulo refere-se a alguma dificuldade, perseguição, enfermidade ou dano que ele sofrera, desde que vira seus leitores pela última vez. Essas dificuldades devem ter ocorrido em Éfeso ou entre Éfeso e a Macedônia, embora não sejam mencionadas na declaração sumária de At 20.1.

*** 1.9 em nós mesmos tivemos a sentença de morte. Paulo**

estava convencido de que Deus tinha decidido que chegara o seu tempo de morrer.

para que não confiemos em nós. O propósito de Deus, em nossas aflições, por muitas vezes é conduzir-nos a essa conclusão.

no Deus que ressuscita os mortos. A ressurreição dos mortos é uma revelação do insuperável poder de Deus (Ef 1.20).

*** 1.11 ajudando-nos também vós, com as vossas orações. A oração produz resultados reais. Deus ordenou que a sua relação com o mundo fosse de tal ordem que ele responderia às nossas orações; e até mesmo Paulo precisava das orações de outros crentes.**

sejam dadas graças. Esses agradecimentos sobem até Deus, porquanto ele livrara Paulo da morte (v. 10). Um dos propósitos de Deus, ao responder à oração, é que nós o louvemos por isso.

*** 1.12 a nossa glória. Paulo se gloria não em sua própria habilidade mas em ter uma consciência limpa e uma conduta moralmente reta. Sua simplicidade e sinceridade piedosa não resultam de ele estar seguindo a sabedoria convencional do mundo mas resultam dele depender da graça de Deus. Quando**

se gloria, Paulo não toma crédito para si mesmo. É o triunfo da graça de Deus nele.

não com sabedoria humana. Neste versículo, Paulo introduz a sua negação da acusação de que ele tivera motivos mundanos para mudar seus planos de visitar Corinto. Distinguir a sabedoria divina (expressa através da cruz de Cristo) da sabedoria "carnal", era um problema para alguns crentes de Corinto. A sabedoria mundana levou a divisões na igreja (1Co 1.10-4.7), e, de acordo com os padrões dessa sabedoria, Paulo não era aceito como um apóstolo (10.2-6).

*** 1.13 Paulo relembra a seus leitores coríntios que seus escritos, tal**

como o seu ministério, não são desonestos e nem cheios de truques, eivados de significados ocultos e alvos escondidos, como talvez alguns de seus opositores de Corinto tivessem afirmado. Os escritos de Paulo eram suficientemente claros. Por semelhante modo, todas as Escrituras foram escritas não principalmente para os eruditos, mas para todos os crentes. Elas são compreensíveis para aqueles que as lêem, buscando a ajuda divina para

compreendê-las, e estando dispostos a obedecer a elas (Dt 6.6,7; Sl 19.7; 119.130; Mt 12.3,5; 19.14; 21.42; Cl 4.16).

*** 1.14 somos a vossa glória. Eles deveriam ufanar-se naquilo que**

Deus tinha feito por eles na pessoa de Paulo.

no Dia de Jesus, nosso Senhor. O dia da volta de Cristo.

*** 1.15 um segundo benefício. Uma outra tradução é: "uma graça**

dupla". Paulo sabe que suas visitas transmitem a graça de Deus às igrejas.

*** 1.17 segundo a carne. Tais planos seriam indignos de confiança,**

vacilantes e imprevisíveis. Os opositores estavam lançando o apóstolo no descrédito, ao acusarem que sua mudança de planos mostrava fraqueza de caráter e falta de integridade. Eles não possuíam todos os fatos mas estavam usando essas circunstâncias para atacar a alguém a quem já haviam condenado.

*** 1.18 como Deus é fiel. Paulo invoca a fidelidade de Deus como o**

padrão e a garantia da sua própria fidelidade.

a nossa palavra. Ver referência lateral. Paulo relembra aos crentes de Corinto que sua mensagem do evangelho era absolutamente digna de confiança, e que tinha ensejado a salvação deles.

*** 1.19 A veracidade absoluta e as palavras de Deus, dignas de confiança**

como elas são em Cristo, eram o padrão que Paulo sempre seguia em seus discursos. Isso é coerente com o padrão geral, seguido por Paulo, de derivar os absolutos morais do caráter moral de Deus.

*** 1.20 Tantas têm nele o sim. Cristo cumpre todas as promessas que**

Deus nos fez, e toda a nossa confiança nas promessas de Deus deve proceder de nossa confiança em Jesus Cristo como uma pessoa a quem conhecemos e em quem podemos confiar.

*****

1.21,22 Cristo... Deus... Espírito. Esta passagem trinit

para os papéis de todas as três Pessoas divinas na salvação.

*** 1.21 aquele que nos confirma. A capacidade de perseverar, ou seja, continuar na vida cristã, não vem de nós mesmos; mas é uma dádiva divina. Deus continua a conferir essa habilidade a todos quantos nasceram de novo (Fp 1.6; 1Pe 1.5). Aqueles que são guardados por Deus dessa maneira continuam a confiar em Cristo por toda a vida (13.5; Cl 1.23; Hb 3.14), porquanto Deus os protege por meio da fé que lhes deu (v. 24).**

e nos ungiu. "Ungir" é, derramar óleo sobre a cabeça, com freqüência como um sinal da chamada e capacitação divinas (ver 1Sm 2.10; 16.13, e notas). Paulo relembra-nos que assim como Deus ungiu a Jesus para o seu serviço e ministério específicos, também nos tem ungido para nossos ministérios, não com óleo, mas com o poder do Espírito Santo (1Jo 2.20,27).

*** 1.22 nos selou. Um selo oficial indicava autoridade ou propriedade, e**

garantia a proteção (Et 8.8; Dn 6.17; Mt 27.66; Ap 7.3). Deus nos selou, não com um selo material de cera, mas com o Espírito Santo em nossos corações (Ef 1.13; 4.30). Essa operação interior ocorre uma vez em cada pessoa, quando ela se torna cristã.

o penhor. O vocábulo grego correspondente significa um depósito ou primeira prestação que faz parte do pagamento total e que garante que o preço será pago por inteiro. O Espírito Santo é a garantia da salvação completa que ainda terá realização (5.5; Rm 8.23; Ef 1.14). Já possuímos em nós mesmos a vida celeste, antes mesmo de chegarmos ao céu (1Co 3.16; Cl 1.27).

*****

1.23 tomo a Deus por testemunha. Paulo presta ac

um juramento

solene para persuadir os crentes de Corinto quanto à sua veracidade. É como se o apóstolo estivesse dizendo: "Se não estou dizendo a verdade, peço a Deus que me tire a vida".

para vos poupar. Paulo, em sua próxima visita, chegaria com a autoridade e o poder do Senhor (10.3,4; 13.2-4,10), e ele queria dar-lhes a oportunidade de se arrependerem. Esse foi o motivo pelo qual ele tinha alterado os seus planos e não voltou a Corinto antes de partir para a Macedônia. Essa alteração não ocorrera por vacilação mundana ou por covardia, conforme alguns coríntios estavam afirmando.

*** 2.1 em tristeza. Ver Introdução: Data e Ocasião.**

*** 2.3 isto escrevi. Após a visita entristecedora (v. 1), Paulo**

escreveu uma carta de repreensão à igreja dos coríntios, enviando-a pela mão de Tito (2.13; 7.6,7,13,14).

*** 2.4 não... entristecidos. O propósito de Paulo, ao escrever a**

carta desagradável não foi simplesmente entristecer os coríntios. Ele estava buscando o melhor para a igreja mesmo que isso trouxesse dor, tanto para eles quanto para ele.

*** 2.5 se alguém causou tristeza. A ofensa parece ter sido**

dirigida contra o próprio Paulo (vs. 5, 10).

*** 2.6 basta-lhe a punição pela maioria. Ao que tudo indica,**

depois que Paulo deixara Corinto ou, pelo menos, depois que Tito havia chegado ali com a carta desagradável, os crentes de Corinto exerceram disciplina eclesiástica contra o ofensor (cf. Mt 18.15-20).

*** 2.7 O propósito da disciplina eclesiástica é restaurar, e não**

destruir ou tirar vingança (10.8).

*** 2.10 Paulo aceitará o julgamento da congregação coríntia sobre essa questão.**

o fiz na presença de Cristo. Um tema comum nesta carta. Todas as nossas ações são efetuadas não em segredo, mas na presença de Cristo, o Senhor da

Igreja. Se tanto Paulo quanto Cristo tinham perdoado o ofensor, os crentes de Corinto deveriam fazer o mesmo (cf. Mt 16.19; Jo 20.23).

*** 2.11 Satanás não alcance vantagem sobre nós. Satanás terá obtido**

uma vitória se negligenciarmos a disciplina eclesiástica inteiramente, ou se a executarmos mas permanecermos duros e sem perdão depois de ter havido mudança no coração.

*** 2.12 Trôade. Uma cidade no extremo noroeste da Ásia Menor (atual**

Turquia), no lado oposto do mar Egeu, defronte da Grécia. Paulo velejou dali para Filipos. Foi em Trôade que Paulo teve uma visão de um homem da Macedônia, implorando-lhe que viesse ajudá-los (At 16.8).

uma porta... Deus proveu oportunidades para que Paulo pregasse o evangelho.

*** 2.13 não tive... tranqüilidade no meu espírito. Paulo tinha esperado**

que Tito visse ao encontro dele em Trôade e lhe desse a notícia de que a carta de reprimenda fora bem recebida. Quando Tito não apareceu, Paulo ficou profundamente perturbado.

despedindo-me deles. Uma grande oportunidade de ter um ministério eficaz não fez Paulo desviar-se de seu compromisso anterior de cuidar da igreja em Corinto e endireitar os seus problemas. Paulo continuava a sentir uma profunda preocupação por todas as igrejas fundadas por ele (11.28,29).

parti para a Macedônia. Paulo dirigiu-se primeiramente a Filipos, depois talvez a Tessalônica ou Beréia, antes da chegada de Tito. O trecho de At 16.8-18.1 descreve a anterior viagem de Paulo ao longo dessa rota. Neste ponto é interrompida a narrativa de suas relações com a igreja dos coríntios, até 7.5, e Paulo insere uma longa digressão sobre a natureza do ministério da nova aliança, no qual ele estava engajado.

*** 2.14 sempre nos conduz em triunfo. A narrativa de Paulo muda, subitamente, da realidade visível de sua ansiedade pelos crentes de Corinto e de seu desapontamento por não ter encontrado Tito em Trôade, para o terreno espiritual. Paulo se vê como parte do cortejo triunfal de Deus na cidade celeste, muito parecido com uma parada de vitória que um antigo general lideraria, ao voltar à sua cidade, com cativos vencidos seguindo atrás dos carros de combate. Mas aqui Paulo — ex-inimigo de Deus — é um alegre cativo e participante das bênçãos da vitória do Rei. Nós também participamos desse modo no domínio espiritual, marchando na parada de vitória do nosso grande Rei, enquanto as forças do inimigo são esmagadas pelo seu avanço. A despeito de retrocessos como Paulo sofreu em Trôade, os olhos da fé podem ver o progresso inevitável do reino de Deus.**

*** 2.15 nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo. O fato de que somos como um bom perfume para Deus significa que ele se deleita em nós e em nossas vidas. Esse é o mais real e final cumprimento dos sacrifícios do Antigo Testamento, que eram um perfume agradável a Deus (ver Lv 1.17).**

*** 2.16 Falando figuradamente, há uma fragrância agradável, espiritualmente percebida, em torno dos crentes verdadeiros. Por outra parte, essa fragrância é um "aroma de morte" para os incrédulos, porquanto adverte-os de que estão despreparados para o dia do juízo (Fp 1.28).**

Quem, porém, é suficiente para estas coisas? Anunciar uma mensagem de vida ou de morte eternas é uma tremenda responsabilidade. Ninguém é digno de ocupar-se dessa solene tarefa, mas mesmo assim Deus nos qualifica para ela (3.6).

*** 2.17 nós não estamos. É uma tragédia que então, como agora, muitos tenham pregado o evangelho ou o ensino cristão apenas como um meio de ganhar a vida. O alvo de Paulo não era beneficiar-se pessoalmente ou receber recompensa financeira, mas era a glória de Deus.**

na presença de Deus. Todo o ministério de Paulo foi efetuado na presença de Deus, provendo-lhe um poderoso motivo para manter sua consciência limpa (1.12; At 23.1; 1Tm 1.5; 2Tm 1.3).

*** 3.1 Ambas as perguntas deste versículo esperam a resposta**

"não". Paulo não rejeita de modo geral as cartas de recomendação (ver At 15.25,26; 18.27; 1Co 16.10,11), mas ao que parece, os oponentes de Paulo tinham trazido algumas cartas de recomendação à igreja em Corinto, cartas das quais os portadores não eram dignos. Paulo mostrou que sua carta era muito melhor, porquanto consistia na vida dos crentes de Corinto (v. 2).

*** 3.2 escrita em nossos corações. Os crentes de Corinto**

tinham um lugar cativo nos afetos do apóstolo. Alguns manuscritos dizem aqui "em vossos corações". Nesse caso, Paulo está dizendo aos coríntios que, como igreja, eles são uma eficaz carta de recomendação para ele (2.17; 1Co 9.2).

*** 3.3 carta de Cristo... nosso ministério. A igreja em Corinto**

era uma operação da graça divina mas nessa obra Paulo e seus cooperadores tinham sido instrumentos de Deus.

não em tábuas de pedra. Os Dez Mandamentos.

mas em tábuas de carne... nos corações. O ponto frisado aqui por Paulo é duplo. Em primeiro lugar, a "carta" que eram os crentes coríntios era superior às cartas de papel e tinta de seus oponentes, bem como aos tabletes de pedra da lei mosaica. Em segundo lugar, Paulo apresenta os frutos de seu apostolado como o cumprimento de profecias do Antigo Testamento. Conforme fora predito em Jr 31.33 e Ez 11.19; 36.26, no novo pacto, Deus escreveu suas leis nos corações de seu povo, dando-lhes um novo desejo e a capacidade de lhe serem obedientes. A lei escrita nos corações é a imutável e pura lei de Deus, ou seja, o seu padrão moral absoluto.

*** 3.4—6.13 Depois de haver explicado sua mudança de planos**

sobre a visita aos crentes coríntios, Paulo descreve o que é um verdadeiro ministério cristão. Significa ser alguém ministro de um glorioso novo pacto (3.4 —4.6), confiando em Deus em meio a tribulações (4.7—5.10), e falando a mensagem da reconciliação (5.11—6.13). Paulo insiste, pelo resto da carta, que a fidelidade a essas tarefas — e não a eloqüência, profundos pensamentos filosóficos, ou padrões mundanos de excelência pessoal — é a base de um ministério válido.

*** 3.4 tal confiança. Paulo confia diante de Deus, que o seu**

ministério é autêntico, e que os crentes coríntios são "carta de recomendação", que testificam dessa autenticidade. Paulo não confiava em si mesmo, mas "por intermédio de Cristo".

*** 3.5 a nossa suficiência. Paulo responde aqui à pergunta de**

2.16: ("Quem, porém, é suficiente para estas coisas?"). Antes, Paulo já havia desistido de qualquer dependência de meras habilidades humanas (1Co 2.1-5). Infelizmente, seus oponentes avaliavam as habilidades mundanas como mais valiosas do que aquelas que vêm exclusivamente de Deus.

a nossa suficiência vem de Deus. Temos aqui um dos grandes temas desta segunda carta aos Coríntios. Toda habilidade e poder procedem de Deus, e não de nós mesmos.

*** 3.6 uma nova aliança. O novo relacionamento legal que Deus**

estabeleceu com seu povo, através de Jesus Cristo, em sua vida, morte, ressurreição e ascensão aos céus.

não da letra. A lei escrita, por si mesma, que requer obediência perfeita mas não dá poder para isso.

o espírito vivifica. Essa é a nova vida em Cristo. Nessa nova vida o Espírito Santo escreve a lei de Deus em nossos corações (Jr 31.31-34; Hb 8.8-12; 9.13,14), conferindo-nos amor pelos padrões morais divinos e poder para

obedecê-los (Rm 8.4; 1Co 7.19). Ao dizer que essa vida não é "da letra", Paulo não quer dar a entender que no antigo pacto não havia qualquer vida espiritual. O que ele quis dizer que a lei escrita, que foi uma das características do antigo pacto, não produzia a vida na comunidade crente. O Espírito Santo,

cujo ministério poderoso e doador de vida é uma das características da nova aliança, traz-nos a nova vida em medida muito maior do que o fazia sob a antiga aliança.

*** 3.7 o ministério da morte. As palavras escritas da lei do**

Antigo Testamento, por si mesmas condenavam aqueles que não obedeciam,

não lhes dando vida.

não poderem fitar a face de Moisés. O antigo pacto não deixava de ter glória, embora tivesse sido escrito em tábuas de pedra (Êx 34.29-35).

*** 3.8 como não será de maior glória. O novo pacto é mais**

poderoso, mais belo e mais íntimo.

*** 3.9 o ministério da justiça. A retidão nos é conferida por**

ocasião de nossa justificação, aquela graciosa declaração legal com que começa a vida cristã. Ela continua na santificação, o crescimento progressivo do crente em pensamentos, palavras e ações justos. A santificação tem lugar mediante a graça, através da fé, mas também requer estudo, oração e esforço consciente.

*** 3.11 se o que se desvanecia. Isto é, a antiga aliança (Hb 8.13).**

*** 3.12 tal esperança. O esplendor da nova aliança, que não se desvanecerá e nem diminuirá, fornece esperança ao apóstolo e serve de combustível para a sua ousadia.**

muita ousadia no falar. Paulo de maneira alguma se envergonhava de pôr-se de pé diante do mundo, a fim de proclamar o evangelho excelente. A referência à "ousadia" vincula a discussão dos vs. 7-11 com a defesa de Paulo de seu

apostolado (10.1,2). Ele era ousado, e não vacilante, conforme seus oponentes o acusaram de ser (1.17—2.4); e a sua ousadia, assumindo a forma de uma fala destemida, tão evidente nesta carta, fazia grande contraste com o egoísmo enganador de seus oponentes (2.17).

*** 3.13 Alguns têm pensado que o véu que Moisés usava sobre o rosto**

visava proteger os israelitas de serem prejudicados ou de ficarem assustados com seu resplendor. Mais provavelmente, porém, esse véu era para impedi-los de ver que a glória estava desaparecendo, por causa do caráter temporário e inadequado da antiga Aliança (Êx 34.29-35). Em contraste, Paulo não precisava de qualquer véu, pois a glória do ministério do novo pacto não se desvanece.

*** 3.14 o mesmo véu permanece. Até o dia de hoje, declarou Paulo,**

muitos judeus não podem perceber que o pacto mosaico é temporário, e que seu resplendor se desvanece.

*** 3.15 o véu está posto sobre o coração deles. A metáfora altera-se**

levemente, conforme ocorre freqüentes vezes nos escritos de Paulo. Agora o véu não estava mais no rosto de Moisés, mas nos corações dos israelitas incrédulos. Porém o efeito é o mesmo — eles não podiam perceber que o antigo pacto tinha-se desvanecido.

*** 3.16 o véu lhe é retirado. Ver "Entendendo a Palavra de Deus", em Sl**

119.34.

*** 3.17 o Senhor é o Espírito. Neste versículo, Paulo revela a intima**

relação que há entre Cristo e o Espírito Santo. Em virtude de sua ressurreição e ascensão, Cristo e o Espírito doador de vida estão intimamente identificados em função (1Co 15.45). Também é possível traduzir por "Ora, o Espírito é o Senhor". O Espírito Santo é vero Deus, como o Pai e o Filho. Ele é conhecido simplesmente como "o Senhor", no Antigo Testamento. Tal tradução dá um sentido natural à palavra "é".

aí há liberdade. A escravidão era para morte, pecado e esforço inútil de obedecer a lei pela nossa própria capacidade.

*** 3.18 E todos nós. Nós, os crentes. Temos aqui a descrição de uma**

experiência característica dos crentes da nova aliança.

contemplando, como por espelho. Diferente de Moisés (v. 13), que se apresentava diante do povo de Israel com um véu no rosto, para ocultar a glória que se desvanecia em sua fisionomia, Paulo se põe de pé diante do povo, com "o rosto desvendado", sabedor de que a glória da nova aliança jamais se desvanecerá. Por semelhante modo, "todos nós" nos pomos de pé diante do mundo, refletindo em nossas próprias vidas a glória de Cristo. Longe de termos uma glória que se vai desvanecendo, nossa glória vai aumentando cada vez mais, conforme somos mais e mais transformados na semelhança de Cristo. Ver "A Transfiguração de Jesus", em Mc 9.2.

na sua própria imagem. Uma referência ao crescimento contínuo, ao longo da vida, que nos torna cada vez mais parecidos com Cristo. Esse crescimento consiste em uma transformação moral e espiritual "de glória em glória". Estamos sendo progressivamente restaurados a uma possessão cada vez maior da imagem de Deus, que foi corrompida em nós por ocasião da

queda de Adão.

*** 4.1 Paulo não desiste de sua esperança, visto que o ministério**

do novo pacto, no poder do Espírito Santo, é tão excelente e poderoso.

*** 4.2 nem adulterando a palavra de Deus. Isto significa**

"adulterar, falsificar". Paulo diz que jamais diluiria a Palavra de Deus ou a distorceria para agradar aos ouvintes. Mas ele deixa entendido que seus oponentes punham em prática tal adultério e distorção.

*** 4.3 O simbolismo do véu continua aqui, transportado de 3.14**

16. Aqueles que no presente estão perecendo (por não confiarem em Cristo), estão cegos para a verdade.

*** 4.4 o deus deste século. Satanás (cf. 1Jo 5.19) influencia fortemente**

este mundo caído e perverso, o que continuará até ao tempo da volta de Cristo, trazendo a era vindoura em sua plenitude (cf. Gl 1.4).

cegou. O resultado da ação de Satanás é que os incrédulos não podem apreciar ou compreender plenamente as reivindicações do evangelho, a menos que Deus, por meio do evangelho, os ilumine (4.6; Jo 3.3).

*** 4.5 não nos pregamos a nós mesmos. A questão crucial não**

era se as pessoas aceitam ou rejeitam a Paulo, mas como eles respondem a Cristo. Os oponentes de Paulo aparentemente

enfocavam a atenção sobre si mesmos, e velavam a glória de Cristo com seu próprio orgulho.

*** 4.6 Porque Deus. Uma das razões pelas quais não pregamos**

a nós mesmos é que somente Deus é capaz de conferir vida espiritual.

que disse: Das trevas resplandecerá a luz. A soberana iniciativa divina é necessária para capacitar-nos a abraçar a mensagem do evangelho. Tal como a palavra criativa original de Deus fez a luz onde não havia luz, assim também agora a palavra criativa de Deus dá vida e compreensão espiritual do evangelho, onde, anteriormente, não havia nada disso. Ver a nota teológica, "A Autenticação das Escrituras", índice.

da glória de Deus. No Antigo Testamento, a glória de Deus era a luz brilhante que rodeava a presença de Deus. Essa luz tinha guiado o povo de Israel para fora do Egito como uma coluna de nuvem durante o dia e como uma coluna de fogo durante a noite (Êx 13.21,22). Mais tarde, tinha enchido o tabernáculo erguido por Moisés (Êx 33.8-13; 40.34-38), e mais tarde ainda, encheu o templo de Salomão (1Rs 8.10,11). Mas afastou-se do templo nos dias de Ezequiel, por causa dos pecados do povo de Israel (Ez 10.4,18,19; 11.23). Essa glória só voltou com Jesus, que se tornou carne e habitou entre nós. Escreveu o apóstolo João: "E vimos a sua glória, glória como do unigênito do

Pai" (Jo 1.14). A glória de Deus agora brilha com um resplendor ofuscante "no rosto de Jesus Cristo".

*** 4.7 este tesouro. O ministério do evangelho e a companhia do**

poder na nova aliança.

em vasos de barro. Nossa fraca natureza humana, que inclui mas

não está limitada a nossos corpos físicos. Essa fraqueza estabelece um grande contraste com a glória do evangelho, e Paulo relembra-nos que a maneira de Deus atuar é agir através daqueles que são fracos e nada impressionantes aos olhos do mundo.

de Deus. Um tema característico desta carta. A preocupação de Paulo era sempre dar glória a Deus, e não a si mesmo.

*** 4.8 O grande evangelista e teólogo também enfrentava**

grandes desencorajamentos.

*** 4.10 Os sofrimentos e aparentes derrotas de Paulo servem de**

evidência, diante de todos, de que ele não tem forças eficazes em si mesmo, e que, tal como Cristo tinha morrido, assim também Paulo sabe que estava "morto", em termos de sua própria capacidade de realizar qualquer coisa que se revestisse de significação eterna. Paulo usa as experiências-chaves de Cristo (sua morte e ressurreição) como padrão para compreender as suas próprias experiências como um apóstolo. Por conseguinte, Paulo vê os seus próprios sofrimentos como uma imitação dos sofrimentos de Cristo (1.5, e nota).

para que também a sua vida. Nas fraquezas de Paulo, o poder de Jesus se tornava continuamente conhecido (cf. Gl 2.20).

*** 4.12 Embora Paulo tivesse sofrido muitas dificuldades (a exemplo de**

Jesus), o resultado de seu ministério era a vida espiritual e o poder da ressurreição em outras pessoas. Esse é um paradoxo que o mundo jamais

entenderá. Os recebedores de um ministério podem parecer

viver muito melhor neste mundo do que a pessoa que lhes traz o ministério, porquanto aquele que o traz pode estar sofrendo por amor ao evangelho (8.9).

*** 4.13 A fé expressa-se em palavras que afirmam confiança naquilo que Deus prometeu. Aqui Paulo cita a Septuaginta (o Antigo Testamento traduzido para o grego), no trecho de Sl 116.10.**

*** 4.15 para glória de Deus. O alvo final de Deus ao responder às nossas orações e ao oferecer-nos as bênçãos da salvação, é que lhe sejam oferecidas ações de graça e lhe prestemos glória (Is 43.7; Ef 1.12; Ap 4.11).**

*** 4.16 não desanimamos. Essa frase repete-se no v. 1. Deus trazia glória a si mesmo, mesmo através das fraquezas e desencorajamentos do ministério de Paulo.**

mesmo que o nosso homem exterior se corrompa. O contraste entre o que é exterior e o que é interior não abrange somente o corpo e a alma, mas também entre a antiga natureza decaída e a humanidade renovada.

*** 4.17 a nossa leve e momentânea aflição. Uma declaração incompleta. Ver as descrições dessas aflições em 4.8-12; 6.4-10; 11.23-33. Essas tribulações estão preparando uma grande recompensa para os crentes. A nossa fé e obediência nos sofrimentos agradam a Deus, e ele não se esquecerá de nós (Rm 8.17,18; 1 Pe 1.6,7).**

eterno peso de glória. As aflições desta vida são leves e insignificantes, em comparação com a glória importante e significativa de que desfrutaremos por toda a eternidade.

*** 4.18 as que se não vêem são eternas. Um tema frequente nesta carta. O mundo invisível é o mais real e mais importante, enquanto que o mundo visível está se desvanecendo.**

*** 5.1 deste tabernáculo. Nossos corpos físicos. Se os**

sofrimentos de Paulo deveriam conduzi-lo até à morte física, algo muito superior espera por ele.

casa... nos céus. Provavelmente temos aqui uma alusão aos nossos corpos ressurretos, embora para alguns eruditos isso significa o lugar celestial que Deus tem preparado para nós.

*** 5.2 gememos. Suspiramos frustrados diante das limitações**

desta vida, com seu pecado, fraqueza e corrupção (Rm 8.22,23).

*** 5.3 nus. Sem o corpo.**

*** 5.4 Paulo anela por receber o corpo ressurreto, livre das**

fraquezas e das imperfeições desta vida.

o mortal. O estado de nossos presentes corpos físicos.

seja absorvido pela vida. A nova vida celestial porvir substituirá a nossa existência presente. Ver "Ressurreição e Glorificação", em 1Co 15.21.

*** 5.5 o penhor. Ver nota em 1.22. O Espírito Santo opera em**

nós atualmente numa renovação diária e num fortalecimento espiritual (3.18; 4.16). E isso é uma amostra e garantia do término futuro dessa obra, que culminará em corpos ressurretos e em uma santificação completa.

*** 5.7 Uma vez mais, Paulo especifica um contraste entre o invisível**

reino espiritual da presença e atividade de Deus e o atual mundo visível.

*** 5.8 A doutrina do estado intermediário entre a nossa morte e o**

retorno de Cristo ensina-nos que quando os crentes morrem, eles, isto é, seus espíritos, vão imediatamente para a presença de Cristo e ficam "presentes com o Senhor" enquanto que seus corpos permanecem aqui e são recolhidos na sepultura (ver Lc 23.43; Fp 1.23). Quando Cristo retornar, os corpos dos

crentes serão ressuscitados dentre os mortos e serão reunidos aos seus espíritos (1Co 15.22,23; 1Ts 4.14,16). Ver "Morte e Estado Intermediário", em Fp 1.23.

*** 5.9 Para lhe sermos agradáveis. Ver "Agradando a Deus", em**

1Ts 2.4.

*** 5.10 Este versículo ensina que haverá graus de galardões no céu.**

Embora os crentes tenham seus pecados perdoados e nunca sofrerão os castigos próprios do inferno (Rm 6.23; 8.1), todos comparecerão diante de Cristo no Dia do Julgamento, para receberem vários graus de recompensa pelo que fizeram nesta vida (Mt 6.20; Lc 19.11-27; 1Co 3.12-15). Esse julgamento incluirá o desvendamento e a avaliação dos motivos de nossos corações (1Co 4.5).

*** 5.11 conhecendo o temor do Senhor. Não o terror da condenação eterna, mas um saudável e reverente temor do desagrado de Cristo pelas escolhas que fizemos, o "bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo" (v. 10). Tal temor seria um saudável corretivo para aqueles crentes de Corinto que estavam causando perturbações para Paulo, e poderia ter corrigido as vidas de muitos crentes descuidados através dos séculos.**

nos reconheça. Novamente, um ponto-de-vista espiritual, nem sempre evidente para aqueles que vivem neste mundo.

*** 5.12 aos que se gloriam na aparência. Temos aqui um método**

mundano de avaliação, contrário ao que se dava com um apóstolo autêntico, o qual suportava as aflições por enfocar a sua atenção sobre o que era invisível e eterno (4.18). Os falsos apóstolos de Corinto (11.13) também eram típicos representantes do mundo, orgulhando-se em sua aparência externa, dependendo de si mesmos, amando o dinheiro, o poder e o prestígio. Se os crentes de Corinto compreendiam a autodefesa de Paulo em um sentido espiritual, então eles teriam uma resposta para os falsos apóstolos e seus padrões superficiais de julgamento (1Sm 16.7).

*** 5.13 se enlouquecemos. Provavelmente refere-se aos tempos de**

adoração e oração, quando Paulo era apanhado na mais intensa consciência da presença de Deus. A linguagem de Paulo não indica que ele perdia totalmente a consciência de seu meio ambiente externo, pois a mesma palavra grega é usada para indicar pessoas que ficavam "maravilhadas" diante dos milagres operados por Cristo (Mc 5.42; 6.51). O ponto frisado pelo apóstolo é que quer engajado em adoração particular, quer engajado em ministério público, Paulo vivia para Deus e para o próximo, e não para si mesmo (v. 15). Seus oponentes, por sua vez, não podiam reivindicar para si mesmos tal coisa.

*** 5.14 o amor de Cristo. Gramaticalmente, isso poderia indicar o amor**

que temos por Cristo, ou o amor que Cristo tem por nós. Visto que Paulo estava falando sobre o que Cristo fizera por ele, provavelmente temos aqui uma menção ao amor de Cristo por

nós.

um morreu por todos. Aqueles por quem Cristo morreu são os mesmos que os "todos" que "morreram" com ele, em resultado de sua morte, e que são mencionados no fim do presente versículo.

*****

5.16 Paulo enfatiza o julgamento espiritual e o dis

nas vidas e situações das pessoas. Nossa experiência com o amor de Deus move-nos a parar de ver outras pessoas de acordo com os padrões mundanos e a aprender como devemos vê-las do ponto de vista do grande ato salvífico de Deus em Jesus Cristo.

a ninguém conhecemos segundo a carne. Quando Cristo foi considerado de um ponto-de-vista mundano, os homens o rejeitaram e o crucificaram como um blasfemador e um perturbador da ordem. Do ponto-de-vista divino, porém, Cristo é o Messias e o Filho de Deus, em quem recebemos a nova criação e a reconciliação com Deus.

*** 5.17 em Cristo. A união com Cristo resume a nossa experiência de**

redenção. Os crentes foram eleitos (Ef 1.4,11), justificados (Rm 8.1),

santificados (1Co 1.2) e glorificados (3.18), "em Cristo". Aqui Paulo enfoca a momentosa significação da união do crente com o Salvador. Visto que Cristo é o "último Adão", aquele em quem a humanidade é recriada (1Co 15.45; Gl 6.16; Ef 2.10), e que inaugurou a nova era de bênçãos messiânicas (Gl 1.4; cf. Mt 11.2-6), a união espiritual dos crentes com Cristo não é menor do que a participação na "nova criação". A tradução "há uma nova criação", em lugar de "é nova criatura" faz essa conclusão

ressaltar com maior clareza; mas, em ambos os casos, a idéia se faz presente.

*** 5.18 Ora, tudo provém de Deus. O plano inteiro da salvação e a**

história da redenção centralizam-se em Deus. Paulo percebe que tudo vem do Senhor, é por meio dele e para a sua glória (Rm 11.36).

*** 5.20 Paulo pode estar apelando diretamente para os crentes coríntios**

para "reconciliarem-se com Deus". Mas ele também está sumariando o apelo que dirige ao mundo inteiro. A reconciliação é o estabelecimento ou restauração da comunhão amorosa depois da alienação. Para os crentes, a reconciliação com Deus é renovada a cada dia, em certo sentido (Mt 6.12; 1Jo 1.9).

*** 5.21 Temos aqui um importante resumo da mensagem do evangelho.**

O versículo explica como Deus imputou nossos pecados a Cristo. Deus, como juiz, atribuiu a Cristo a responsabilidade pelos nossos pecados, possibilitando que Jesus fosse punido com justiça, pelos nossos pecados (Is 53.6; 1 Pe 2.24). Este versículo mostra que Cristo foi o nosso substituto, tendo aceito receber a pena do pecado em nosso lugar. Ver "A Impecabilidade de Jesus", em Hb 4.15.

Para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. Não somente Deus imputou nossos pecados a Cristo, mas ele também imputou a perfeita justiça de Cristo a nós (ou seja, ele contou essa justiça perfeita como se fosse nossa). Essa imputação serve de base para a realização progressiva da justiça de Deus em nosso caráter moral. Nossos pensamentos e atos vão sendo santificados em medida crescente, até recebermos, no

céu, a perfeita retidão.

*** 6.1 a que não recebais em vão. Se os coríntios permitissem**

que sua igreja fosse arrastada pelos "falsos apóstolos" (11.13), ou se se recusassem a purificar-se de "impureza, tanto da carne, como do espírito" (7.1), a vida deles iria glorificando a Deus menos e menos, e o evangelho que ouviram produziria fruto de pouca duração.

*** 6.2 eis, agora, o dia da salvação. Quando Deus nos oferece**

livramento, é sábio responder imediatamente, antes que o oferecimento seja retirado. "Agora", em um sentido mais amplo, refere-se à era do evangelho, enquanto que, em um sentido específico, refere-se ao tempo quando um indivíduo ouviu o oferecimento da salvação divina.

*** 6.6 Um verdadeiro ministro do evangelho é conhecido por sua**

linguagem pura, pela sua conduta pura, pelos seus motivos puros e pelo profundo amor que ele tem pelas pessoas.

no Espírito Santo. O poder do Espírito Santo evidenciava-se no ministério de Paulo, infundindo poder à sua pregação, convencendo os incrédulos do pecado (cf. Jo 16.8-11), ou conferindo aos crentes dons espirituais (1Co 12.7-11). Essa obra do Espírito Santo era outra maneira mediante a qual o ministério de Paulo era recomendado.

*** 6.7 na palavra da verdade. Paulo jamais comprometerá a**

santidade da verdade, ou dirá uma mentira a fim de lograr algum alvo desejável.

no poder de Deus. Geralmente esse poder se manifestava para

operar milagres, produzir alguma cura ou silenciar os inimigos (cf. At 14.3,9,10; 19.11,12; 20.10; 28.8,9; Rm 15.19).

pelas armas da justiça. Ou seja, todo o armamento que deve ser usado contra a oposição humana ou demoníaca (10.5,6; At 13.11; 16.18; Ef 6.10-18).

*** 6.8-10 Uma série de paradoxos novamente ilumina o contraste entre o ponto-de-vista deste mundo e o ponto-de-vista da era vindoura, um ponto-de-vista invisível para o olho natural, mas visto pelo olho da fé.**

*** 6.11 alarga-se o nosso coração. Paulo revela seus sentimentos internos mais nesta carta do que em qualquer outra. Seu "coração aberto" revela o amor dele por eles.**

*** 6.14 Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos. Paulo percebe uma realidade espiritual mais profunda na proibição contra o jugo desigual encontrado em Dt 22.10.**

com os incrédulos. Os falsos apóstolos em Corinto afirmavam-se crentes, mas na realidade eram servos de Satanás (11.14,15). Aliar-se a eles seria distorcer toda a vida e o ministério da Igreja. A proibição contra ser posto em jugo desigual com os incrédulos deve ser considerada em situações em que um controle significativo sobre as próprias ações seria entregue voluntariamente a um incrédulo, mediante uma associação ou sociedade. Nem Paulo e nem o resto do Novo Testamento nos dizem para não termos qualquer associação com os incrédulos (Mc 2.15-17; 1Co 5.9,10). Mas somos instruídos a não nos pormos em "jugo desigual" com eles de tal modo que eles possam influenciar significativamente a direção e o resultado de nossas decisões morais e de nossas atividades espirituais.

*** 6.15 o Maligno. Um dos nomes de Satanás.**

*** 6.16 nós somos santuário do Deus vivente. No Antigo Testamento, o lugar de habitação de Deus com seu povo era o tabernáculo e, mais tarde, tornou-se o templo erigido por Salomão. Quando Cristo veio, ele era, em si mesmo, o verdadeiro templo ou lugar de habitação de Deus (Mt 1.23; Jo 2.21; Cl 2.9). Agora, Deus Espírito Santo veio residir em nós, e, por essa razão, somos o novo santuário de Deus (1Co 6.19; 1 Pe 2.5).**

como ele próprio disse. A promessa veterotestamentária de que Deus habitaria entre o seu povo (citação paulina de Lv 26.11,12) transformou-se na promessa da nova aliança de que Deus viveria naqueles que confiassem em Cristo.

*** 6.17 Esta citação é, principalmente, de Is 52.11 e Ez 20.34, embora a ordem das palavras tenha sido alterada. Estas ordens por serem distintas têm tudo a ver com os incrédulos (cf. o v. 14; note que Is 52.11 ordena a Israel que saia da Babilônia incrédula). Estes versículos não encorajam a separação dos crentes que defendem pontos-de-vista diferentes quanto a certas questões.**

*** 6.18 Ver 2Sm 7.14,27. Paulo combinou várias promessas do Antigo Testamento atinentes à presença e ao favor divinos, mas ele faz o cumprimento dessas promessas depender claramente dos crentes separarem-se da impureza moral. Desistir da contaminação moral e obter a presença do Deus vivo, em lugar da contaminação, é uma escolha sábia e desejável.**

*** 7.1 Tendo... tais promessas. As promessas do Antigo**

Testamento, citadas em 6.16-18.

purifiquemo-nos. Devemos desempenhar um papel ativo e vigoroso na santificação (Fp 2.12,13).

de toda impureza. Paulo está pensando em toda espécie de pecados, sem importar como eles se expressavam na vida. A higiene física não está em pauta (Mt 7.15; 1Pe 3.21).

*** 7.2 a ninguém tratamos com injustiça. Uma vez mais,**

defendendo-se daqueles que o acusavam, Paulo apela para um testemunho irrepreensível no ministério.

*** 7.3 Paulo revela aqui quão profundamente ele ama a igreja em**

Corinto; e não temos aqui uma linguagem enganadora, mas uma expressão de seu "amor não fingido" (6.6).

*****
7.5 Este versículo reinicia a narrativa que ele inter

2.13. Mostra a perturbação de alma de Paulo, quando uma igreja local, à qual ele amava profundamente, desviava-se da obediência ao Senhor.

à Macedônia. Ao norte da Grécia, a caminho para Corinto (2.12,13, notas).

*** 7.6 Tito, finalmente, chegara na Macedônia, trazendo boas**

novas sobre os coríntios e a reação deles para com a "carta severa" de Paulo.

*** 7.8 A "carta severa" de Paulo (que não mais existe) foi escrita**

para repreender aos crentes de Corinto por causa da conduta deles durante a visita anterior do apóstolo (2.3,4, notas e Introdução: Data e Ocasião). Provavelmente, o problema era o fato deles, como igreja, não defenderem Paulo contra a pessoa que o atacara. Este versículo mostra claramente que um pastor amoroso algumas vezes deve causar tristeza àqueles de quem ele cuida, se porventura caírem em pecado.

*** 7.10 produz arrependimento. Abandonando o pecado, uma decisão sincera de abandonar um pecado (ou pecados) específico e começar a obedecer a Deus. Neste caso, o termo não se refere especificamente ao arrependimento inicial que deve acompanhar a fé verdadeiramente salvífica (Mc 1.15; At 3.19; 17.30; 26.20), mas ao abandono do pecado na vida cristã.**

para a salvação. "Salvação", neste caso, não indica a conversão inicial, mas o crescimento e o progresso na vida cristã. O crescimento cristão ordinário inclui tempos de profunda tristeza por causa de algum pecado remanescente.

a tristeza do mundo. Lamentação e tristeza de diferentes tipos, mas que não busca o perdão que há em Cristo.

*** 7.11 Os crentes coríntios tinham reagido a Paulo conforme ele imaginara quando Tito levara a eles a carta de admoestação.**

*** 7.12 não foi por causa do que fez o mal. Provavelmente, não o**

homem que se fizera culpado de incesto, segundo se vê em 1Co 5.1, embora muitos tenham entendido Paulo dessa maneira (2.5, nota).

diante de Deus. A vida cristã é vivida diante dos olhos de Deus.

*** 7.13 cujo espírito foi recreado por todos vós. O contato pessoal dos**

crentes de Corinto com Tito, tinha encorajado a este último espiritualmente, obtendo uma mudança notável nele.

*** 7.15 com temor e tremor. Ao que tudo indica, antes mesmo da**

chegada de Tito com a carta de admoestação, o Espírito Santo tinha operado o arrependimento na igreja de Corinto.

*** 8.1—9.15 Esta seção diz respeito à coleta de dinheiro para os crentes pobres de Jerusalém (cf. At 19.21,22; Rm 15.25-28; 1Co 16.1-4).**

*** 8.1 a graça. Contribuir com dinheiro para ajudar outros crentes**

em necessidade, era resultado da graça divina. Deus proveu tanto os recursos como a disposição de serem usados esses recursos.

às igrejas da Macedônia. Isto é, Filipos, Tessalônica e Beréia.

*** 8.3 Paulo conta à comparativamente rica igreja de Corinto a**

generosidade das igrejas empobrecidas da Macedônia, mais ao norte.

*** 8.5 E não somente. Eles fizeram muito mais do que os líderes**

cristãos esperavam.

deram-se a si mesmos. Eles rededicaram suas vidas ao serviço do Senhor, e então a Paulo como seu servo.

*** 8.7 em tudo, manifestais superabundância. A despeito de**

suas dificuldades, a igreja em Corinto era uma igreja forte em muitos sentidos. Eles eram possuidores de muitos dons espirituais (1Co 12—14), vários dos quais são alistados aqui.

*** 8.8 Não vos falo na forma de mandamento. Paulo queria que**

as contribuições fossem dadas voluntariamente. De modo geral, embora Paulo tivesse grande autoridade, ele preferia pedir do que ordenar (Fm 14 e nota), um bom padrão para aqueles que estão revestidos de autoridade (Mt 20.25,26).

*** 8.9 sendo rico. Na glória e na honra que ele possuía**

eternamente, no céu.

se fez pobre. O Filho de Deus abdicou de sua glória celestial e veio à terra viver como um homem, a fim de sofrer e morrer. Os crentes coríntios, à semelhança de Cristo, deveriam entregar-se pelo bem de outras pessoas. Ver "A Humilde Obediência de Cristo", em Jo 5.19.

*****
8.10 Aqueles crentes tinham começado a contribuir,

as instruções de Paulo, em 1Co 16.1-3.

*** 8.11 Como em todos os aspectos da vida cristã, assim se dá com as**

contribuições. Bons motivos não são suficientes, mas devem levar às boas ações, em consonância com nossas habilidades.

*** 8.12 Conforme nos ensina a oferta da viúva pobre, em Mc 12.41-44, a**

disposição para doar com generosidade é agradável a Deus, embora a dádiva possa ser pequena, por ser pobre o doador.

não segundo o que ele não tem. Essa é uma advertência contra dar ou prometer dar uma quantia que você realmente não tem, na esperança de que Deus recompense. Fazer isso força uma prova sobre Deus (Lc 4.12). As pessoas deveriam doar conforme Deus as faz prosperar (1Co 16.2). Ainda

assim, a ofensa mais comum consiste em deixar de doar, imediata e generosamente, quando Deus aumenta os rendimentos pecuniários.

*** 8.14 haja igualdade. Não que Paulo quisesse que todos os crentes**

tivessem iguais possessões ou iguais rendimentos, mas o que ele desejava é que houvesse uma justa distribuição de encargos. A palavra aqui traduzida por "igualdade" também poderia ser traduzida por "justiça" (Cl 4.1). Paulo requeria equidade, e não uma estrita igualdade.

*** 8.15 Quando os israelitas recolhiam maná no deserto, aqueles que**

recolhiam mais compartilhavam com os que tinham menos, e aqui, no tocante a dinheiro, os ricos deveriam compartilhar com os necessitados.

*** 8.17 Paulo está enviando Tito de volta a Corinto, antes dele mesmo ir.**

*** 8.18 o irmão. Nenhum nome pessoal é aqui fornecido, mas Lucas tem**

sido a sugestão mais frequente.

*** 8.19 foi também eleito pelas igrejas. Havia algum papel**

congregacional na seleção de representantes que acompanhassem a Paulo.

para a glória do próprio Senhor. Doar dinheiro e administrá-lo não é algo mundano ou sem espiritualidade, mas algo que honra o Senhor.

*****

8.20,21 Paulo jamais gastaria inutilmente qualquer pa

enviada a Jerusalém. Mas insistiu que representantes de confiança, de várias igrejas, o acompanhassem (ver At 20.4), para que se evitasse até a suspeita de desonestidade. Quanto a esta passagem, Calvino comentou que "coisa alguma, com maior certeza, convida ataques caluniosos do que estar manuseando dinheiro público". Outrossim, os representantes agiriam como uma espécie de guarda-costas para alguém que transportava tantos valores.

*** 8.22 nosso irmão. Não foi identificado.**

*** 9.2 a Acaia. A parte sul da Grécia, onde Corinto ficava**

localizada.

*** 9.5 e preparassem de antemão a vossa dádiva. Paulo quer**

preservar o motivo de doações voluntárias e generosas, e a quantia real que ele levaria a Jerusalém era de importância secundária.

*** 9.6 semeia... ceifará. Uma metáfora baseada na vida agrícola**

— o agricultor que planta muito semeia uma grande ceifa, mas uma plantação pequena produz uma colheita pequena. Essa promessa também diz uma verdade dentro do terreno espiritual. Aqueles que derem generosamente colherão do reino com abundância. Aquilo que é doado nunca se perde; é semeado. Apesar de que Deus, às vezes, provê uma colheita generosa no terreno físico e material àqueles que contribuem, esse não é o padrão e nem é a promessa do Novo Testamento (8.9; 11.27; Lc 6.20,21,24,25; Tg 2.5).

*** 9.7 Deus ama a quem dá com alegria. Nossas ofertas podem**

e devem ser feitas com alegria.

*** 9.14 Por meio de tais doações, as necessidades são satisfeitas, e Deus é alvo de nossos agradecimentos. As orações dos recebedores pelos doadores constituem não pequena recompensa.**

*** 9.15 Nossas doações são apenas uma pequena imitação da própria excelente generosidade de Deus para conosco, especialmente no caso do "dom indescritível" de seu Filho (Jo 3.16).**

*** 10.1—13.10 Nesses quatro capítulos, Paulo aborda o problema dos falsos apóstolos (11.13), que tinham chegado a Corinto e que se opunham à sua autoridade. Tito tinha trazido boas novas sobre os problemas anteriores de Corinto, mas agora um novo problema requeria a atenção de Paulo. O apóstolo confiava na igreja de Corinto (7.16), mas nem todos os crentes de Corinto confiavam igualmente em Paulo. Entre 9.12-15 e 10.1, o tom do apóstolo muda abruptamente, de algo positivo para a exasperação, quando Paulo defende o**

caráter genuíno de seu chamado como apóstolo de Cristo. Quanto a uma discussão sobre essa mudança de tom, ver Introdução: Dificuldades de Interpretação.

*** 10.3 Um tema repetido nesta carta é viver não de acordo com os**

padrões deste mundo ou de acordo com os pontos-de-vista desta vida, mas de acordo com o poder espiritual e com a realidade espiritual.

*** 10.4 as armas. A oração, a proclamação da poderosa Palavra de Deus**

e a autoridade de expulsar a oposição demoníaca (ver At 16.18;

Ef 6.10-18). Ademais, também havia uma espécie de poderosa autoridade apostólica que não era discutida com frequência, mas que se mostrou evidente na sorte de Ananias e Safira (At 15.1-11) e na de Elimas (At 13.8-12).

para destruir fortalezas. Paulo está falando sobre fortalezas espirituais, ou seja, centros de oposição demoníaca ao evangelho (1Pe 5.8,9; 1Jo 5.19). Paulo sabia que seus oponentes, em Corinto, eram servos de Satanás (11.14,15), mas isso não o assustou, pois o poder do Espírito Santo, que nele estava, era muito maior que o poder de Satanás.

*** 10.5 toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus.**

Uma falsa sabedoria e argumentos sofisticados eram algumas das armas usadas pelos servos de Satanás em seus ataques contra Paulo. Paulo já havia salientado a diferença entre a sabedoria do mundo e a sabedoria espiritual manifestada na cruz de Cristo, e tinha advertido aos crentes de Corinto para não se deixarem iludir pela sabedoria do mundo (ver 1Co 1.18—2.16). Agora Paulo vê que seus oponentes tinham penetrado tão fundo, com sua falsa sabedoria, que ele tinha de opor-se de novo a ela, com os termos mais vigorosos e, ao mesmo tempo, recuperar a lealdade e a obediência dos crentes coríntios.

levando cativo todo pensamento. Se todo pensamento, então a pessoa inteira — nossas próprias idéias, motivos, desejos e decisões — pertence a Cristo.

*** 10.6 Se os crentes coríntios se aliam aos falsos apóstolos, Paulo está pronto para puni-los, devido ao prejuízo espiritual que eles causam.**

*** 10.8 Paulo sabe que ele deveria invocar a autoridade que Cristo lhe dera, e advertir aos crentes de Corinto que ele estava**

pronto para usar essa autoridade (v. 4, nota).

*** 10.10 E a palavra, desprezível. Paulo não dependia do tipo de oratória treinada, que o mundo tanto admira, e cujo desígnio é obter glória para o orador. Aqueles que estavam sendo influenciados pelos oponentes do apóstolo atacavam o ministério de Paulo ao dizerem que lhe faltava essa habilidade.**

*** 10.11 Ver nota no v. 4.**

*** 10.12 não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns.**

Agora veio à tona a questão que fez Paulo defender seu apostolado tão vigorosamente. Encorajados pelos "apóstolos" rivais, alguns crentes coríntios influentes tinham começado a comparar esses recém-chegados com Paulo — em uma comparação na qual Paulo se saía como o perdedor. Ele foi julgado deficiente como orador (v. 10; 11.5), fraco em seu relacionamento com a igreja (vacilando entre a ousadia quando ausente e a timidez quando presente, v. 10,11), sem amor para com eles, (ao recusar uma doação monetária que, do ponto de vista deles, tratava-os como inferiores, 11.7-11; 12.14-18), e deficiente quanto a certas experiências religiosas de "poder" (12.1-5, e notas). Paulo, porém, recusava-se a comparar-se com seus oponentes em seus pobres termos de jactância pessoal e de autopromoção. E quando ele cedeu e se gloriou diante deles (11.16-18), ele o fez com ironia, usando a forma de comparação, mas sempre rejeitando os valores falsos deles.

*** 10.13 não nos gloriaremos sem medida. Paulo tomará o crédito somente pelas coisas que Deus lhe havia permitido fazer, mas isso incluía ter chegado a Corinto como apóstolo deles. Ele deixa entendido que seus**

oponentes, em Corinto, com suas vanglórias, estavam se

intrometendo em sua área de responsabilidade.

*** 10.16 para além das vossas fronteiras. Paulo tinha a esperança de que os crentes de Corinto prosperariam espiritualmente e se tornariam uma base da qual ele poderia partir para evangelizar outros povos fora das fronteiras deles, presumivelmente em Roma e depois na Espanha (At 19.21; Rm 15.22-29).**

*** 10.17 Uma citação extraída de Jr 9.24. "Gloriar-se" em alguma coisa significa declarar quão grandiosa é alguma coisa, ufanar-se de alguma coisa. Toda a ufania de Paulo, nesta epístola, termina por dar glória a Deus.**

*** 10.18 aquele a quem o Senhor louva. O julgamento do Senhor é final, e afastará para um lado todo juízo humano. Paulo tem sido cuidadoso em não fazer qualquer reivindicação, exceto o que estivesse alicerçado sobre os propósitos de Deus e sobre aquilo que Deus tivesse realizado. Ele conclui esta seção com o princípio muito básico de que uma pessoa deveria buscar a aprovação de Deus, e não do homem (Mt 6.1-4; Jo 5.44; Rm 2.29; Gl 1.10).**

*** 11.2 zelo por vós. Paulo anela que os crentes de Corinto permaneçam leais a Cristo. Ele usa a metáfora do noivado e do casamento. Se os coríntios seguissem os falsos apóstolos, eles se desviariam de Cristo e lhe seriam infiéis. Então não mais poderiam aproximar-se dele como uma "virgem pura". Fica suposto que o ideal divino para o casamento não envolve relações sexuais anteriores — que uma noiva deveria chegar a seu marido como uma "virgem pura", e seu marido chegar-se-ia a ela também como tal.**

*** 11.3 Paulo sabe que os falsos apóstolos eram uma perigosa ameaça espiritual, comparável à serpente (vs. 14,15; Gl 3.1).**

*** 11.4 outro Jesus... espírito diferente... evangelho diferente.**

Estão em pauta as fortalezas, os argumentos e as pretensões (10.4,5) dos oponentes de Paulo para distorcer a verdade de que o "Jesus", o "espírito" e o

"evangelho" deles diferiam radicalmente daquilo que Paulo pregava (1Co 1.18 —2.16; cf. Gl 1.6-9). O "evangelho diferente" dos oponentes conforma-se tanto com as maneiras mundanas de pensar que Paulo e seu ministério apostólico — um ministério que manifestava a morte de Jesus através da adversidade e dos sofrimentos (4.7-18; 6.4-10; cf. 1Co 4.8-13) — eram desprezados e rejeitados em favor de ministérios que satisfaziam o gosto corrente pela eloquência, pela sabedoria filosófica e por exibições espetaculares de poder espiritual (cf. 1Co 1.22-25).

*** 11.5 a esses tais apóstolos. No original grego há um indício de**

zombaria no uso que Paulo faz do título destacado (literalmente, "superapóstolos), para seus oponentes em Corinto. Talvez esse fosse até um título que eles aplicassem a si mesmos. E outros pensam que eles usavam esse título para referirem-se aos apóstolos em Jerusalém.

*** 11.6 embora seja falto no falar. Ver nota em 10.10.**

*** 11.7 gratuitamente. Quando esteve em Corinto, Paulo providenciou**

seu próprio sustento (At 18.3), e também aceitou ajuda de outras igrejas (v. 8). Alguns dos coríntios parecem ter ficado ofendidos porque Paulo se recusou a aceitar suas dádivas, provavelmente oferecidas ao apóstolo devido à sua prédica do evangelho a eles. Dar e receber presentes eram, muitas vezes, meios para se estabelecer e manter amizades entre pessoas de idêntica classe social. Dentro desse sistema, a recusa de Paulo de receber ofertas pode ter sido tomada como um insulto, uma orgulhosa recusa de deixar-se envolver com pessoas de classe

inferior. Mas o apóstolo vê seu relacionamento com os coríntios não do ponto-de-vista das convenções sociais (5.16), mas do ângulo da nova criação (5.17), na qual ele fora chamado para ser um apóstolo e pai espiritual. Como pai, ele pode ter dado corretamente algo aos seus filhos, sem nada receber em devolução (12.14,15).

*** 11.9 quando vieram da Macedônia. Provavelmente de Filipos (Fp**

4.15,16).

*** 11.10 esta glória. Paulo havia ministrado aos coríntios com grande**

sacrifício pessoal e gastos — diferentemente dos apóstolos falsos, que aparentemente demandavam apoio financeiro por parte da igreja (cf. os vs. 7 e 20).

nas regiões da Acaia. A região em redor de Corinto.

*** 11.13 Os oponentes de Paulo em Corinto não eram irmãos na fé que**

diferiam em certas questões não-essenciais; eles eram, realmente, servos de

Satanás dentro da igreja, competindo para obter posições de liderança.

*** 11.14 Uma das artimanhas de Satanás consiste em reivindicar estar**

fazendo o bem e, especificamente, enviar a uma igreja servos seus que se dizem crentes mas que produzem apenas divisão, calúnia, imoralidade e toda espécie de destruição. Disse Jesus a seus discípulos: "Por seus frutos os conhecereis" (Mt 7.20; cf. At

20.29,30; 2Pe 2.).

*** 11.15 O fim deles. Acabarão sendo julgados e condenados por Deus.**

*** 11.20 Uma descrição de algumas das ações ousadas dos falsos**

apóstolos.

*** 11.22—12.10 Esta seção da epístola é conhecida como "Discurso**

do Tolo". Nela, Paulo descreve o seu ministério em termos que não poderiam ser igualados pelos falsos apóstolos. Contudo, ele não se vangloriou de seu próprio conhecimento, de sua capacidade de falar ou de outras habilidades, mas apenas de quanto tinha sofrido por amor a Cristo. Aqui a jactância de Paulo é irônica — ele se "vangloriou" de coisas normalmente consideradas vergonhosas, sinais de fraqueza e derrotas. Portanto, essa jactância do apóstolo imitava ou parodiava a jactância de seus oponentes, que louvavam a si mesmos diante dos coríntios em discursos extravagantes. Os tópicos desta seção progridem até um clímax onde Paulo aborda aquilo que era o principal fator nas mentes de seus críticos — experiências religiosas incomuns (12.1-9).

*** 11.22 São hebreus? Os oponentes de Paulo eram judeus, talvez vindos de Jerusalém e reivindicando serem endossados pelos apóstolos que residiam em Jerusalém.**

*** 11.23-27 Paulo, ao enumerar os sinais de um autêntico servo de Cristo, salientou o sofrimento e a humilhação, enfatizando de novo (conforme fez em 1Co 1—4) a Cristo crucificado.**

*** 11.23 Paulo revelou uma extrema hesitação ao falar em favor próprio.**

*** 11.24 uma quarentena de açoites menos um. Quarenta chibatadas eram o máximo que podia ser aplicado a uma pessoa, de acordo com Dt 25.3. Era um costume judaico limitar um pouco abaixo esse máximo, como salvaguarda contra uma contagem errônea.**

*** 11.25 três vezes fustigado com varas. Uma dessas ocasiões ficou registrada em At 16.22.**

uma vez, apedrejado. Em Listra, durante a primeira viagem missionária de Paulo (At 14.19), onde a multidão julgou havê-lo matado.

uma noite e um dia passei na voragem do mar. Há o relato de um naufrágio em At 27.39-44, mas 2 Coríntios foi escrita antes disso, no tempo mencionado em At 20.2 (quando Paulo estava na Macedônia). Os três naufrágios de que Paulo foi vítima devem ter acontecido durante suas primeiras viagens missionárias.

*** 11.26 O alvo de Paulo não era seu próprio conforto ou segurança. Muitas das dificuldades que ele registrou nesta seção mais ampla não foram registradas no livro de Atos. É difícil imaginar uma existência mais cheia de percalços do que a de Paulo e, no entanto, ele era obediente a Deus e deixou a sua vida nas mãos do Senhor.**

falsos irmãos. Pessoas fingindo ser crentes, que chegaram à igreja para causar problemas.

*** 11.28 Paulo sentia profundamente as necessidades e os sofrimentos de**

suas igrejas. Sua confiança no cuidado soberano de Deus não o deixam frio e sem emoções.

*** 11.32,33 Este incidente foi narrado de um ponto-de-vista diferente**

em At 9.24,25. Aparentemente, os oponentes judeus em Damasco persuadiram o governador a cooperar em seu complô contra Paulo. Embora estes dois versículos possam parecer um tanto surpreendentes no contexto, eles mencionam a primeira — e bastante humilhante — experiência de perseguição por amor ao evangelho. O apóstolo teve um escape precário de uma autoridade civil relativamente menor, como se fosse um fugitivo comum. Ele não estava se apresentando como um herói.

*** 12.1-6 Nestes seis versículos, Paulo continua a sua "jactância" com o**

tópico de uma visão celestial. Sua narrativa contém alguns elementos inesperados. Paulo não teve permissão de repetir as coisas que ouviu na visão, e mais tarde ele recebeu um "espinho" doloroso (v. 7, nota) enviado por Deus para mantê-lo humilde.

*** 12.2 Conheço um homem em Cristo. Embora estivesse falando**

indiretamente, Paulo aponta claramente para si mesmo.

ao terceiro céu. De acordo com uma enumeração comum, o primeiro céu era a atmosfera das aves e das nuvens; o segundo céu era o firmamento onde vemos as estrelas; e o terceiro seria o céu propriamente dito, o lugar da habitação de Deus. Durante catorze anos, Paulo não fizera dessa experiência um enfoque em seu ensino, conforme alguns teriam feito. Seu enfoque era a mensagem de Cristo: "Não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor" (4.5).

*** 12.4 paraíso. Esse é o mesmo "terceiro céu", do v. 2. A palavra grega para "paraíso" é usada com vários sentidos fora do Novo Testamento, mas no Novo Testamento todas as três ocorrências referem-se ao céu, o lugar onde os santos habitam com Deus (Lc 23.43; Ap 2.7; e aqui).**

*** 12.6 mas abstenho-me. Paulo queria que as pessoas o avaliassem à base do conhecimento de primeira mão que possuíam dele.**

*** 12.7 um espinho na carne. Muitas possibilidades têm sido sugeridas quanto a esse "espinho", como uma enfermidades física de alguma espécie ("na carne"), um mensageiro demoníaco que o incomodava ("um mensageiro de Satanás"), ou os ataques constantes de perseguidores judeus. Através da história da Igreja, nenhum acordo foi atingido entre centenas de comentadores. Conforme as coisas se apresentam, o "espinho" das experiências de Paulo é aplicado prontamente a uma certa variedade de testes, que ele teve de enfrentar durante a vida. Poucos dos servos de Deus têm vivido livres de pelo menos alguma espécie de empecilho, fraqueza ou oposição.**

*** 12.8 ao Senhor. Expressão usual de Paulo para referir-se a Cristo, e não a Deus Pai. Embora as orações no Novo Testamento, mais frequentemente sejam dirigidas a Deus Pai, este é um exemplo de oração dirigida a Cristo (outros exemplos estão em At 1.24; 7.59; 1Co 16.22 e Ap 22.20). É notável que, em sua "jactância", Paulo testifique sobre um pedido que ele fez mas que Deus não atendeu.**

*** 12.9 o poder se aperfeiçoa na fraqueza. Deus realizaria os seus propósitos sem tirar de seu servo o espinho que parecia servir-lhe de entrave. A despeito das debilidades humanas, a graça de Deus atinge seus propósitos em um mundo decaído. Essa promessa da parte de Deus sem dúvida conferiu forças e encorajamento em sofrimentos subsequentes. Resumidamente Paulo vincula o princípio geral à sua ordem — a cruz de Cristo (13.4). A reação inteira de Paulo aos ataques à sua autoridade apostólica era moldada conscientemente sobre Cristo, e este crucificado, e não no chamado "Jesus" e**

no "evangelho" diferente que seus oponentes impingiam sobre os equivocados crentes coríntios (11.4, nota).

*** 12.10 A visão espiritual de Paulo era tão clara que ele podia ver seus sofrimentos como razões para regozijar-se, porquanto sabia que em todos eles o poder de Cristo estava atuando.**

*** 12.11 a isto me constrangestes. Paulo teve que "jactar-se" de suas fraquezas como apóstolo porque a isso os crentes de Corinto o haviam compelido, quando, apesar de o conhecerem bem, não o tinham defendido contra os falsos apóstolos, mas pelo contrário, haviam sido seduzidos (11.1-3) por destacadas reivindicações e por falsas críticas contra Paulo.**

*** 12.12 as credenciais do apostolado. De acordo com a compreensão comum, os "sinais de um apóstolo" eram simplesmente milagres "maravilhas e feitos poderosos". No entanto, nesta carta, Paulo apontou para outros sinais que o distinguiam dos falsos apóstolos: as vidas transformadas dos crentes de Corinto (3.2,3), o caráter impoluto de seu ministério (6.3-10; 7.2; 8.20,21), seu amor genuíno pelas igrejas (6.11,12; 7.3; 11.7-11), e o fato que ele suportava sacrificialmente os sofrimentos (6.3-10; 11.23-33). Em adição a esses sinais, Paulo está pronto para mencionar sinais miraculosos, mas sem demorar-se sobre os mesmos. Ver 1Co 13.2; "Os Apóstolos", em At 1.26.**

*** 12.14 pela terceira vez. Ver Introdução: Data e Ocasião. A primeira visita ocorrera durante a segunda viagem missionária de Paulo (At 18.1-18). A segunda visita não ficou registrada, mas deu-se em algum tempo durante a permanência de Paulo em Éfeso (At 19.1-41).**

Não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Nisso Paulo se diferenciava daqueles pregadores cuja meta era sua própria vantagem financeira.

*** 12.16 sendo astuto, vos prendi com dolo. Talvez os oponentes de Paulo estivessem dizendo que seu aparente altruísmo era um ardil para**

enganá-los. Paulo respondeu que ele nunca os explorara através de outros (v. 17).

*** 12.18 Tito iria à frente de Paulo (8.6,16,17).**

*** 12.19 Paulo novamente enfatiza que ele não vinha falando em prol de**

sua própria reputação ou glória, mas visando o bem da igreja e a glória de Deus. E novamente ele revelou uma forte consciência de que tudo quanto escrevia e fazia, era feito "perante Deus".

*** 12.21 Os laços paternais de Paulo com a igreja de Corinto eram fortes,**

e ele sabe que se retornasse e encontrasse a alguns deles (seus "filhos", v. 14) ainda desobedientes, isso seria humilhante para ele, tal como os pais são humilhados pelo mau comportamento de seus filhos.

muitos que, outrora, pecaram e não se arrependeram. Os falsos apóstolos não eram o único problema em Corinto. Havia alguns crentes ainda envolvidos no pecado, e Paulo os advertiu.

*** 13.1 terceira vez. Ver nota em 12.14. Paulo cita Dt 17.6 e 19.15. As**

"duas ou três testemunhas" mui provavelmente não significam que Paulo tinha feito duas ou três visitas a Corinto (pois Paulo continuaria sendo para sempre uma única testemunha), mas antes, é um lembrete de que quando ele chegasse, todas as acusações seriam julgadas com justiça e tratadas de forma justa.

*** 13.3 de que, em mim, Cristo fala. Uma forte declaração da autoridade apostólica de Paulo. O próprio Cristo estava falando por intermédio de Paulo, e as palavras de Cristo por meio dele haveriam de silenciar poderosamente quaisquer ofensores.**

*** 13.4 A vida de Paulo (como a de todos os crentes) estava unida a Cristo em sua morte e ressurreição, e ele continuou a compartilhar no poder ressurreto de Cristo enquanto permaneceu vivo.**

*** 13.5 Examinai-vos a vós mesmos... provai-vos. Ver 1Co 11.28; Gl**

6.4. As palavras de Paulo ajudam a esclarecer a doutrina da certeza da fé. Paulo pede aos crentes de Corinto que examinem as próprias vidas pela evidência da salvação. Tal evidência incluiria a confiança em Cristo (Hb 3.6), a obediência a Deus (Mt 7.21), o crescimento na santidade (Hb 12.14; 1Jo 3.3), o fruto do Espírito (Gl 5.22,23), o amor enter os cristãos (1Jo 3.14), a influência positiva sobre outras pessoas (Mt 5.16), a aderência ao ensino dos apóstolos (1Jo 4.2) e o testemunho do Espírito Santo dentro deles (Rm 8.15,16).

*** 13.12 Todos os santos. Crentes da igreja para a qual Paulo estava**

escrevendo (Introdução: Data e Ocasião).

*** 13.14 Uma bênção trinitária. Ver "Um e Três: A Trindade", em Is 44.6.**

Gálatas

1.1 Paulo. Sabemos, através de quinze referências em At 7-13, que Paulo também tinha o nome de "Saulo". Em suas cartas, no entanto, sempre refere-se a si próprio como "Paulo", um nome comum entre os romanos.

apóstolo. A palavra significa "mensageiro". Embora Paulo, algumas vezes, empregasse o termo para designar um comissionado como Epafrodito (Fp 2.25), aqui o emprega com referência aos primeiros apóstolos em Jerusalém (1.19; 1Co 15.9). Paulo defende a autoridade que tem como apóstolo para estabelecer o fundamento da Igreja (1Co 3.10; 9.1; 14.37,38; Ef 2.20; 3.3-5). Ver 2Co 1.1 nota.

1.3 graça a vós outros e paz. Todas as cartas de Paulo começam

mencionando essas duas bênçãos de Deus. “Graça” traduz o termo grego *charis,* que significa “um ato de bondade imerecido”. Paulo usa essa palavra com mais freqüência do que qualquer outro escritor do Novo Testamento e a confere grande sentido teológico. Aplica-se a tudo o que Deus nos deu em Cristo, sem que tivéssemos obtido por merecimento ou que possamos devolver. "Paz" aplica-se ao relacionamento inaugurado pela morte e ressurreição de Cristo (1.4) entre Deus e os que crêem no evangelho. Para um comentário do próprio Paulo sobre o significado desses dois termos, ver Rm 5.1,2.

1.6 vos chamou na graça. A graça de Deus vem até nós por iniciativa dele mesmo, através de seu chamado, e não por causa de coisa alguma que tenhamos feito para merecê-la (1.15; Rm 4.4-8; 8.30; 9.11-13).

1.7 alguns que vos perturbam. Provavelmente cristãos de origem judaica provenientes de Jerusalém, os quais insistiam em exigir dos gentios não apenas que cressem em Jesus Cristo mas também que aceitassem a circuncisão e, desse modo, se tornassem judeus (2.3-5, 12; 6.12, 13). Vários indícios dessa idéia estavam disseminadas entre os cristãos de origem judaica na igreja primitiva (At 15.1; 21.20, 21; Fp 3.2, 3).

1.8, 9 Aqueles que exigem mais do que a fé em Jesus Cristo para salvação, ainda que suas credenciais sejam as melhores, distorcem completamente o evangelho. Os pregadores do falso evangelho estão debaixo da condenação de Deus.

1.9 anátema. A ação de graças que Paulo normalmente faz por seus leitores é aqui substituída por uma ameaça de maldição, repetida para fins de ênfase. A palavra grega é *anathema,* empregada também em Rm 9.3.

1.10 procuro agradar a homens? Os adversários de Paulo na Galácia não atacaram somente o evangelho mas também o seu mensageiro, a saber, Paulo. Uma das acusações era a de que Paulo

pregava uma forma pouco exigente do evangelho, sequer exigindo a circuncisão ou a obediência às leis do sábado ou, tampouco, as restrições alimentares (4.10; 5.11).

1.11 não é segundo o homem. Paulo defende-se da acusação de seus adversários de que ele está em rebelião contra os apóstolos de Jerusalém, os quais lhe teriam dado a autoridade que tem. Paulo argumenta que a sua autoridade vem tão somente de Deus, apenas confirmada pelos apóstolos de Jerusalém.

1.12 mediante revelação. Ver At 9.3-5; 22.6-10; 26.13-18; 1Co 15.8.

1.13 perseguia eu a Igreja de Deus. A perseguição que Paulo promovera contra a igreja antes do seu chamado era bem conhecida entre os primeiros cristãos (At 7.58; 8.3; 9.1, 2). Paulo mesmo envergonhava-se profundamente dessa parte do seu passado (1Co 15.9), embora a considerasse evidência de que a graça de Deus é capaz de conquistar até os pecadores mais rebeldes (At 22.4, 5; 26.9-11; 1Co 15.10; Fp 3.6; 1 Tm 1.13, 14).

1.14 extremamente zeloso. Paulo gostava de mostrar a oponentes como os da Galácia que ser um judeu, ainda que um judeu zeloso, não é suficiente para

a salvação. Paulo via sua própria experiência como prova de que o zelo pela lei não podia salvar (Rm 9.30-10.4; 2Co 11.22; Fp 3.4-6).

1.15 antes de eu nascer. Paulo reproduz conscientemente as palavras do chamado de Jeremias (Jr 1.5) e, talvez, do chamado do Servo mencionado em Isaías (Is 49.1, 5), os quais, assim como Paulo, foram chamados para ser mensageiros de Deus aos gentios. Paulo tinha consciência de que o seu apostolado (v.1, nota) estava em continuidade com a tradição profética do Antigo Testamento.

me chamou pela sua graça. Ver nota no v. 3; "Vocação Eficaz e Conversão" em 2Ts 2.14. O chamado de Paulo para ser um apóstolo,

assim como a fé que possui cada crente, foi o resultado da graça precedente de Deus. Antes do nosso nascimento e, conseqüentemente, antes que pudéssemos fazer qualquer coisa boa ou má, Deus escolheu criar em nós a fé (Rm 9.10-13; Ef 1.4-6). Ninguém pode obter por merecimento o chamado de Deus; é um dom gratuito.

1.16 gentios. Tanto "nações" como "gentios" são traduções corretas da palavra grega usada aqui. Escritores judeus aplicavam esse termo a qualquer um que não fosse judeu. Paulo fora chamado para pregar aos gentios (2.9; At 9.15; 22.21; 26.17; Rm 1.5; 15.16) mas não se considerava chamado para pregar exclusivamente aos gentios. Em At 13-28, ele prega freqüentemente aos judeus e passagens como Rm 1.14-16; 9.1-5 e 1Co 9.20 mostram que dispunha-se sempre a evangelizar os judeus.

não consultei carne e sangue. Paulo encontrou-se, obviamente, com Ananias três dias depois da sua conversão (At 9.10-19; 22.12-16). A palavra traduzida por "consultar", todavia, sugere apresentar alguma coisa perante alguém ou submetê-la para observação e aprovação. Paulo certamente não consultou Ananias neste sentido. O papel de Ananias foi confirmar o chamado de Paulo para pregar aos gentios e batizá-lo.

1.17 Jerusalém... Arábia... Damasco. A conversão e o chamado de Paulo aconteceram perto de Damasco (At 9.3; 22.6; 26.12). Ele permaneceu na cidade vários dias após sua conversão (At 9.19). Essa antiga cidade situa-se em uma planície fértil entre dois rios, de modo que o viajante que parte dali precisa literalmente "subir" até Jerusalém através da região montanhosa da Palestina. Jerusalém era o centro cultural e religioso da Palestina e o lar de Tiago, Pedro e João, que, em Atos e Gálatas, destacam-se como os líderes da comunidade cristã primitiva em Jerusalém (2.9). Paulo enfatiza que o seu chamado para pregar aos gentios viera de Deus e não dos líderes da igreja de Jerusalém. A Arábia era governada por um rei nabateu, Aretas IV, que lutou contra Roma pelo controle de Damasco.

Quando da conversão de Paulo, um governador de Aretas estava no controle da cidade e aparentemente ajudou judeus enraivecidos na tentativa de matar a Paulo (At 9.23-25; 2Co 11.32,33).

1.18 três anos. Os "muitos dias" de At 9.23.

a Jerusalém. A primeira viagem de Paulo a Jerusalém após a sua conversão (At 9.26-30).

avistar-me com. Tradução da palavra grega que significa visitar alguém com o propósito de obter informação. Paulo provavelmente conferenciou com Pedro a respeito da vida e do ensino de Jesus.

Cefas. Nome aramaico de Pedro (ver referência lateral). Tanto "Cefas" como "Pedro" significam "pedra".

1.19 Tiago, o irmão do Senhor. Ver Mt 13.55 e Mc 6.3. Esse Tiago não é o discípulo Tiago que aparece freqüentemente junto com Pedro e João nos evangelhos. Herodes assassinou aquele Tiago ainda nos primórdios da igreja (At 12.2). Tiago, o irmão do Senhor, no começo não cria em Jesus (Jo 7.5) mas converteu-se mais tarde, em conseqüência, talvez, da visão que teve do Senhor ressuscitado (1Co 15.7).

1.21 Síria e Cilícia. Ver At 9.30. Paulo voltou para sua casa em Tarso (At 9.11; 21.39; 22.3), a cidade mais importante na Cilícia. Esta região da Cilícia encontrava-se sob a administração da província romana da Síria durante os primórdios do primeiro século. É, pois, acurado o uso dos dois nomes por Paulo.

1.22 Judéia. Paulo podia estar se referindo à região específica chamada Judá no Antigo Testamento ou à província romana da Judéia, que incluía a Judá antiga além da Samaria e da Galiléia.

2.1 Catorze anos. Pode ser o tempo decorrido após a sua conversão ou após sua primeira visita a Jerusalém.

outra vez a Jerusalém. Essa pode ter sido uma segunda visita depois da sua conversão ou uma terceira visita, registrada em At 15.2. O propósito da visita aqui indicado coincide com o propósito da visita em At 15, mas é difícil, aceitando essa hipótese, explicar porque Paulo omite a segunda visita em sua narrativa (At 11.27-30). Se, como alguns estudiosos acreditam, Gálatas foi escrita após a primeira viagem missionária de Paulo (At 13; 14) mas antes do Concílio de Jerusalém (At 15), então a viagem mencionada aqui é a de At 11 e a viagem de At 15 ainda não havia acontecido.

Barnabé. Natural de Chipre e um dos primeiros cristãos (At 4.36). O nome Barnabé significa em aramaico "filho de exortação" e as vezes em que é mencionado em Atos demonstram que ele viveu o nome que tinha (At 4.36,37; 11.22-24, 30).

Tito. Apesar de não ser mencionado em Atos, Tito foi um dos companheiros e mensageiros que gozava da confiança de Paulo. Ver 2Co 2.12,13; 7.6; 8.6; Tt 1.4,5.

2.2 em obediência a uma revelação. Se essa é a visita de At 11, a revelação pode ter sido a profecia de Ágabo (11.28). Caso contrário, foi, provavelmente,

uma revelação especial como outras que Paulo recebeu de Deus (At 9.4-6; 16.9; 18.9,10; 2Co 12.1-6).

em vão. Embora os líderes de Jerusalém não fossem a fonte da autoridade de Paulo, seus esforços em pregar o evangelho teriam sido grandemente prejudicados se esses homens influentes tivessem se colocado contra ele.

2.3 constrangido a circuncidar-se. Ver 5.12 e At 15.1. Circuncisão era a marca distintiva do judeu e o último passo na conversão de um homem gentio à religião judaica. Alguns cristãos judeus criam que os gentios também tinham de aceitar a circuncisão e, assim, fazerem-se judeus antes de se tornarem cristãos e pertencerem ao povo escolhido de Deus. Paulo opunha-se veementemente a esse ensino e

afirma do começo ao fim da carta aos Gálatas que somos justificados pela fé em Cristo apenas.

2.4 falsos irmãos. Paulo considerava de tamanha importância a doutrina da salvação pela graça mediante a fé somente que ele excluía da igreja todas as pessoas que não se mantinham fiéis a ela (1.8,9; 5.2-4).

liberdade. A liberdade do crente não é liberdade para pecar mas liberdade da maldição que a lei profere sobre o pecado (3.10-14; 5.1,13).

escravidão. Provavelmente escravidão ao pecado (Rm 6.15-23; 7.25) e a maldição que a lei profere sobre aqueles que pecam (3.10).

2.5 a verdade do evangelho. Ver v. 14; 1.8,9 e notas. O ingresso na comunidade do povo de aliança com Deus (a Igreja) ocorre somente pela fé que é dada graciosamente ao crente por Deus (1.6,15; Ef 2.8). Qualquer tentativa de condicionar o ingresso a exigências adicionais, tais como a circuncisão, nega a suficiência da fé nos méritos de Cristo para satisfação da justiça de Deus e constitui-se, por esse motivo, em uma perversão do evangelho.

2.6 Deus não aceita a aparência do homem. Assim como a marca externa da circuncisão não define quem é o povo de Deus, o prestígio temporal também não é importante para Deus (1Sm 16.7; Rm 2.25-29).

2.7 da incircuncisão. Ver nota em 1.16.

a Pedro o da circuncisão. Pedro, aparentemente, foi o principal porta-voz da primitiva igreja de Jerusalém (At 1-12). Muito relutantemente atendeu ao mandamento de Deus de encontrar-se com o gentio Cornélio (At 10). Muito embora Pedro reconhecesse a necessidade receber os gentios no povo de Deus (At 10.34, 35; 11.17; 15.7-11), sentia evidentemente o chamado de Deus para pregar o evangelho especificamente aos judeus.

2.9 Tiago, Cefas e João. Ver notas em v. 7; 1.18,19. Esses três homens possuiam autoridade especial na igreja primitiva de Jerusalém. Pedro e João eram vistos juntos com freqüência (At 3.4) e Tiago teve grande destaque na igreja de Jerusalém (At 12.17; 15.13; 21.18). "Colunas" é uma metáfora comum no grego para pessoas em importantes posições de liderança.

a graça que me foi dada. Com respeito à conversão e ao chamado de Paulo, ver 1.15 e nota. Paulo refere-se freqüentemente ao seu chamado como graça de Deus concedida a ele (Rm 1.5; 12.3; 15.15, 16; 1Co 3.10).

fôssemos para os gentios. Barnabé, assim como Paulo, era principalmente um missionário aos gentios (At 13; 14; 15.36-41).

2.10 lembrássemos dos pobres. Alguns associam essas palavras ao propósito da segunda visita de Paulo a Jerusalém (At 11.27-30). Naquela visita, Paulo e Barnabé foram comissionados a levar uma oferta de Antioquia para os cristãos na Judéia que estavam sofrendo por causa de um período de fome. Nesse caso, a pobreza de que Paulo fala seria pobreza no sentido literal do termo. Outros crêem que essas palavras referem-se à arrecadação que Paulo fez em favor dos santos de Jerusalém (At 24.17; Rm 15.26; 1Co 16.1-3; 2Co 8.9), para a qual os gálatas contribuíram (1Co 16.1).

2.11 Antioquia. Capital e maior cidade da província romana da Síria, Antioquia possuia uma grande comunidade judaica. Não surpreende, portanto, que tenha sido o primeiro lugar mencionado em Atos onde os cristãos de origem judaica pregaram o evangelho aos gentios (At 11.19,20). A igreja em Antioquia, além de ter sido a primeira igreja, segundo nossos registros, a reunir cristãos judeus e gentios em culto e comunhão, também foi, ao que sabemos, a primeira igreja a enviar missionários para pregar o evangelho especificamente aos gentios (At 13.1-3).

2.12 apartar-se. Muitos cristãos judeus resistiram ao mandamento

de Deus para que os gentios que haviam crido em Cristo fossem recebidos sem ter de seguir a lei cerimonial (At 10.28; 11.2, 3,19; 15.1). Inclusive Pedro e Barnabé (v. 13) sucumbiram à pressão de um grupo que acreditava que submeter-se à circuncisão, isto é, tornar-se um perfeito prosélito judeu, era necessário para tornar-se um cristão.

2.14 a verdade do evangelho. Ver nota no v. 5.

vives como gentio. Antes da chegada do grupo da "circuncisão", Pedro havia comido tranqüilamente com os gentios (v. 12). Agora, incoerentemente, estava agindo como se os gentios tivessem de tornar-se judeus para que viessem a ser integralmente membros do povo de Deus.

2.15.16 Esses versículos são centrais em Gálatas. A idéia de Paulo é que qualquer pessoa (judeu circuncidado bem como gentio não circuncidado) entra em um relacionamento correto com Deus através da fé em Cristo somente. As palavras gregas traduzidas por "justiça", "justo", "justificar" e "justificação" são todas da mesma raiz e têm significados relacionados.

2.16 Ver "Fé e Obras" em Tg 2.24. No Antigo Testamento, Deus governa e julga com perfeita justiça (1Sm 26.23) e pronuncia o seu veredito de inocente ou culpado. "Justificar" é declarar justo (Dt 25.1). Mas se ninguém entre nós é justo diante de Deus (Sl 143.2), como pode haver esperança desse veredito (Jó

9.2)? Assim como Deus é o Juíz, cujo veredito é final e justo, também é o Salvador que pode providenciar o livramento do seu próprio julgamento (Jn 2.9). A justiça de Deus é revelada, não somente como uma exigência sua mas também como dom de Deus (Is 45.24, 25; 54.14-17). Esse dom vem finalmente através do Messias (Is 53.8; Jr 23.5, 6; 33.14-16). Paulo proclama o cumprimento da promessa do Antigo Testamento (Rm 3.21-26). A fé recebe o dom da justiça de Cristo e o perdão mediante a expiação feita por Jesus.

obras da lei. Paulo havia se referido às "obras" que distinguem os

judeus dos gentios (v. 15), tais como circuncisão, restrições alimentares e a guarda do sábado. A expressão, no entanto, inclui todos os esforços da humanidade caída em guardar a lei de Deus a fim merecer o seu veredito justificador.

ninguém será justificado. Uma citação livre do Sl 143.2. Ninguém é capaz de guardar a lei perfeitamente, de forma que observâncias legais como a circuncisão não são capazes de estabelecer um relacionamento correto com Deus. Para tanto, é preciso algo diferente da lei, que Deus oferece no dom da justiça de Cristo e no sangue de sua expiação. Fé não *merece* a aceitação de Deus; fé *aceita* o mérito de Cristo perante Deus (Fp 3.9).

2.17 fomos... achados pecadores. Os agitadores da Galácia e os "alguns da parte de Tiago" (v. 12) consideraram Paulo um "pecador" (como os gentios do v. 15) por quebrar as leis judaicas de abstinência de alimentos. Tinham, provavelmente, acusado o evangelho de Paulo de promover pecado (Rm 3.8).

2.18 destruí. A palavra grega traduzida aqui por "destruir" é usada no Novo Testamento com o sentido de demolir um edifício (Mt 24.2; Mc 13.2; Lc 21.6; Rm 14.20). Paulo pode ter em mente a tentativa errônea de Pedro em reconstruir a parede entre judeu e gentio já derrubada pelo evangelho (v. 14; Ef 2.14). Reconstruir a parede da lei é trazer de novo a condenação da lei. O transgressor da lei não é aquele que volta-se da lei para Cristo para justificação; mas aquele que volta-se de Cristo novamente para a lei.

2.19 Paulo morreu para a lei na morte de Cristo; foi crucificado com Cristo (v. 20), pois foi unido a Cristo que morreu em seu lugar (3.13; Rm 4.25; 5.6). Assim também, foi ressuscitado com Cristo e vivia em relação a Deus (Cl 2.12; 3.1). Morte para a lei não transgride a lei, pois Cristo cumpriu as exigências da lei. É, portanto, "através da lei" que os crentes são libertos da escravidão e condenação da lei. Veja "Os Três Propósitos da Lei" em Dt 13.10.

2.20 União com Cristo significa que ele representou-nos em sua morte e ressurreição. Significa mais, porém, porque é uma união viva. Jesus está presente com o crente; pelo Espírito, o Senhor vive em comunhão interior com os seus. Paulo não diz com isso que a individualidade pessoal é suprimida ou absorvida; ele vive "na carne" pela "fé". A união é um relacionamento espiritual da mais profunda intimidade.

3.1 **exposto.** Talvez na pregação de Paulo.

3.2 **Espírito.** Paulo apela para a experiência que os gálatas mesmo tinham com relação ao Espírito Santo para provar que fazer-se um judeu não é necessário para tornar-se um cristão (At 10.47; 11.17; 15.8).

3.3 **na carne.** Paulo não tem em mente, talvez, apenas a tentativa de guardar a lei sem o Espírito (Rm 7.7-8.17) mas também a tentativa de obter o favor de Deus pelo corte físico da circuncisão (Fp 3.2,3). Em todo caso, Paulo adverte seus leitores contra a tentativa de ganhar a salvação fazendo alguma obra. Salvação vem somente por meio da graça de Deus pela fé em Jesus Cristo (2.16).

3.6 Abraão era o pai do judeus e a pessoa com quem Deus estabeleceu, pela primeira vez, a circuncisão como sinal da aliança (Gn 17.10). Até mesmo esse reverenciado patriarca foi posto em um relacionamento correto com Deus através da fé (Rm 4.11). Paulo reverte a acusação de que menospreza a aliança de Deus com Abraão. Os verdadeiros filhos de Abraão compartilham sua fé, descendam fisicamente dele ou não. A promessa a Abraão é também a

promessa de bênção aos gentios, bênção essa que deve ser recebida com fé como a de Abraão.

3.10 O argumento de Paulo é que ninguém é capaz de guardar a lei na sua totalidade, o que fundamenta pela citação de Dt 27.26. Na continuação da passagem de onde Paulo extrai a citação,

Deuteronômio apresenta uma lista de maldições que recairão sobre Israel por desobediência. A maioria dos judeus no tempo de Paulo admitia que Israel havia quebrado a lei e havia recebido as maldições preditas (Dt 28.15-30.20).

3.11 Veja nota teológica "Justificação e Mérito", índice.

3.12 a lei não procede de fé. Paulo fala aqui da lei como exigência de Deus, à parte da promessa da aliança de Deus. Levítico (18.5) apresenta a exigência e prediz o fracasso e a maldição que seguiria (26.14-38). A promessa também é repetida (26.40-45), pois ela não é invalidada (3.15-22).

3.13 maldição em nosso lugar. Uma vez que quebramos a aliança de Deus violando a lei, merecemos receber a maldição da lei e a condenação de Deus. Mas Cristo levou a maldição da lei em nosso lugar, dando-nos paz com Deus (Rm 3.21-26; 4.25; 5.1-8; 2Co 5.21; Cl 2.13-15; cf. Mc 10.45; Jo 1.29; 1Pe 2.24). Ver "A Expiação" em Rm 3.25.

3.14 a bênção de Abraão. Ver v. 8; Gn 12.3; "Cristo — o Mediador" em 1Tm 2.5. Os gentios que chegaram à fé, cujas vidas são marcadas pela habitação do Espírito, são o cumprimento da promessa de que através de Abraão todas as nações serão abençoadas. O Espírito é a bênção prometida a Abraão.

3.15-18 Deus prometeu bênção salvadora para as nações através de Abraão "e sua semente" — Cristo, que em sua natureza humana descende de Abraão. A promessa da aliança não foi cancelada pela lei mais tarde dada a Moisés. A lei não se opõe às promessas (v. 21) mas as pressupõe. Suas exigências mostram a impossibilidade de se obter a salvação por merecimento e remetem o povo de Deus à fé em Cristo (v. 24).

3.16 descendente. Lit., "semente". Paulo está ciente de que o substantivo "semente" no singular pode ser tanto coletivo como individual (v. 29; Rm 4.18). Ele está afirmando que Cristo é a

Semente (o descendente) ao qual, em última instância, se refere a promessa. Ver "A Aliança da Graça de Deus" em Gn 12.1.

3.17 quatrocentos e trinta anos. Em Êx 12.40, os 430 anos referem-se ao tempo que Israel permaneceu no Egito. Na versão do Êxodo no Antigo Testamento grego (a Septuaginta), o tempo de permanência dos patriarcas em Canaã está incluído nos 430 anos. Mas Paulo não se refere à passagem necessariamente conforme a Septuaginta. Para o seu objetivo, é suficiente demonstrar que decorreram séculos até que a lei fosse dada no Sinai (Cf. Gn 15.13; At 7.6).

3.19 por causa das transgressões. Provavelmente para definir pecado especificamente como pecado contra a vontade de Deus, explicitamente formulada e, assim, tornar o pecado tanto pior (Rm 5.13, 20).

descendente. Em Gn 17.19, Deus promete a Abraão um filho, Isaque, e diz que estabelecerá uma aliança com Isaque e seus "descendentes" (um substantivo singular no hebraico que também pode ser traduzido por "semente"). Paulo vê o emprego do substantivo na forma singular como uma referência a Jesus, que restaurou a aliança que estava rompida entre Deus e o seu povo escolhido.

por meio de anjos. Ver Dt 33.2; At 7.53; Hb 2.2.

3.20 mediador. Moisés foi mediador entre Deus e Israel quando Deus estabeleceu a sua aliança com Israel no Monte Sinai (Êx 19-34). A promessa dada a Abraão, entretanto, não precisou de mediador e, em vista disso, é superior à aliança no Sinai.

Deus é um. Ver Dt 6.4. A aliança de Deus com Abraão, uma vez que não teve um mediador, demonstrou a unidade e soberania de Deus mais perfeitamente do que a aliança no Sinai. O cumprimento da aliança de Deus com Abraão pela inclusão dos gentios no povo de Deus também demonstra a unidade de Deus mais claramente do que

a aliança do Sinai porque ela mostra a sua soberania sobre toda a criação (Rm 3.29, 30).

3.21 A incapacidade da humanidade em guardar a lei, não a lei como tal, é a origem da ruptura no relacionamento da humanidade com Deus.

contrária às promessas de Deus? Paulo resolutamente rejeita essa conclusão errônea de seu argumento. A lei poderia competir com o evangelho apenas se pudesse conceder vida, libertando os pecadores da condenação que ela mesma impõe. Embora a lei seja boa e aponte o que é agradável a Deus (Lv 18.5; Rm 7.10), não foi capaz de dar vida aos transgressores da lei (2Co 3.6). Os judeus, tendo a lei, foram por ela condenados. A Escritura registra isso muito bem, mostrando que todos são pecadores condenados e indicando a necessidade do Salvador prometido.

3.24 aio. Um "aio" era um escravo responsável pela educação da criança, principalmente para apontar e castigar o mau comportamento. À semelhança de um aio, a lei destacou e puniu o pecado. Outra importante função dos aios era a de separar e proteger a criança da influência de estranhos. A lei exerceu função semelhante separarando Israel dos gentios. Também essa função da lei cerimonial se acabou. Ver "A Lei de Deus" em Êx 20.1.

3.26 sois filhos de Deus. Somos adotados como "filhos" porque estamos unidos ao verdadeiro Filho, Jesus Cristo. O batismo sela essa união com Cristo. É uma união vital: Cristo vive em nós (2.20). É também uma união representativa: Cristo morreu e vive por nós (Rm 6.5-11). Ser revestido de Cristo têm duas implicações: a sua justiça é nossa veste e somos uma nova criação em Cristo (Rm 13.14; Ef 4.24; Cl 3.10).

3.28 todos vós sois um em Cristo Jesus. A parede da separação entre judeu e gentio está removida para os que estão unidos a Cristo: todos em Cristo são a semente de Abraão (Ef 2.14-16; Cl 3.11). De

fato, nenhuma das diferenças entre os seres humanos confere vantagens no que se refere à salvação. Paulo não elimina tais distinções, como a diferença entre homem e mulher, mas mostra que elas não conferem status preferencial em termos de nossa união com Cristo. Até o retorno de Cristo, a ordem estabelecida na criação permanece e a ordem na Igreja leva isso em conta (1Co 11.3; 14.34; 1Tm 2.11-14). Ver "A Igreja" em Ef 2.19.

4.1-7 Paulo já comparou a lei a um carcereiro (3.23) e a um aio (3.24, nota). Agora ele compara o papel preparatório da lei ao dos tutores ou guardiões de um menor de idade. O pleno direito de quem cresceu é o reconhecimento legal como filho e o recebimento da herança.

4.3 sujeitos aos rudimentos. A expressão grega refere-se aos elementos básicos de que se compõe o mundo; no pensamento da Antigüidade, esses eram terra, vento, água e fogo. Algumas vezes esses elementos eram venerados como divindades que governam o universo. Paulo pode ter em mente aqui o calendário sagrado da lei, cujas estações eram determinadas pelos corpos celestiais (cf. Cl 2.8, 20-22). O legalismo subjugou a vida ao controle das estruturas do mundo.

4.4 plenitude do tempo. O tempo estabelecido pelo Pai (v. 2), "os fins dos séculos" (1Co 10.11), em que as promessas de Deus são realizadas.

Deus enviou seu Filho. Seu Filho eterno, enviado para nascer de uma mulher.

sob a lei. Ainda que sem pecado (2Co 5.21), Cristo nasceu sob a lei, não somente com a obrigação de cumprir a lei mas identificando-se com pecadores, os quais estão debaixo da maldição da lei. Sua morte libertou-nos dessa maldição (3.10-14).

4.5 para resgatar. O conceito de redenção vem da instituição da escravidão. Tanto no mundo grego-romano como no judeu, um escravo podia comprar sua liberdade (ou alguém poderia comprá-la

para ele) pagando o preço da redenção aos seus proprietários. O preço da nossa redenção foi pago pelo Pai no sangue de seu Filho (1Pe 1.17,18) e pelo Filho ao dar a sua vida como resgate por muitos (Mt 20.28).

os que estavam sob a lei. Não somente judeus, circuncidados sob a lei de Moisés, mas também gentios, porque tanto um como outro estão sob a maldição da lei (3.13,14).

a adoção de filhos. Paulo esteve falando do povo de Deus sob a lei como filhos (Êx 4.23; Is 1.2). Agora ele descreve a única maneira pela qual os filhos podem tornar-se membros adultos da família, não mais menores de idade. Deus sela a nossa adoção dando-nos o Espírito de seu Filho (Rm 8.9-17). Ver a nota teológica "Adoção", índice.

4.6 Aba. Termo aramaico que significa "Pai" e que foi empregado por Jesus (Mc 14.6). Era natural que Jesus, Filho de Deus em um sentido único do termo, usasse essa palavra. Agora, o Espírito coloca a mesma palavra nos lábios de homens e mulheres adotados em Cristo.

4.9 conhecidos por Deus. O conhecimento que tinham de Deus não era o resultado de sua própria investigação mas da obra soberana daquele que abriu o entendimento deles. Ver "O Verdadeiro Conhecimento de Deus" em Jr 9.24.

voltando, outra vez. Surpreendentemente, Paulo liga a escravidão do legalismo cerimonial com a escravidão da superstição pagã. Admitir a circuncisão como necessária para a salvação é voltar-se da liberdade da graça para a escravidão do mundo com os seus tempos e épocas (v. 10, Cl 2.8,2022), sejam tais tempos judaicos ou gentílicos.

rudimentos fracos. Antes de sua conversão, os gálatas estavam sujeitos aos "elementos" do mundo pagão: seus falsos deuses, sua astrologia e os rituais que guardavam segundo as estações do ano (v. 3, nota).

4.10 Paulo pode estar referindo-se à observância de festivais judaicos. Os agitadores judeus na Galácia não exigiam somente a circuncisão para a salvação mas, provavelmente, também a adoção de toda a lei, incluindo a lei sobre os alimentos e os festivais religiosos.

4.12 Sede qual eu sou; pois também eu sou como vós. Para levar o evangelho aos gálatas gentios, Paulo teve de ultrapassar as restrições legais da lei mosaica que proibia a interação entre os judeus e gentios (1Co 9.19-23). Paulo tornou-se "como" os gálatas quanto à liberdade em relação à lei e agora encoraja-os a serem "como" ele é quanto à liberdade da escravidão legalista.

Em nada me ofendestes. O quadro positivo que Paulo faz do seu relacionamento anterior com os cristãos da Galácia (mais desenvolvido nos vs. 13-16) contém um apelo implícito para que as boas relações prossigam. Está evidente em toda essa seção o profundo interesse de Paulo para com os gálatas.

4.13 por causa de uma enfermidade física. Não se sabe de que enfermidade Paulo sofria. Alguns sugerem um problema de visão (v. 15; 6.11), mas malária e epilepsia também já foram sugeridas. Pode haver ou não relação com o que Paulo chamou de "espinho da carne" (2Co 12.7). Ao que parece, a enfermidade de Paulo fez com que ele permanecesse mais tempo na Galácia, onde não faltaram oportunidades de ministério.

4.17 zelo. Ver 6.12. O zelo deles pode ter surgido do desejo de evitar a perseguição, movida talvez por nacionalistas judeus que não eram cristãos, os quais viram no caráter inclusivista do movimento cristão uma ameaça à sua causa.

4.19,20 Um testemunho emocionante do profundo sentimento que Paulo nutria para com os que havia conduzido à fé em Cristo. A ira de Paulo nessa carta (1.6, 9; 3.1; 5.12) não só reflete a seriedade que atribuía à tarefa de preservar a verdade do evangelho, como também,

o amor por seus "filhos” em Cristo.

4.22 dois filhos. Ismael, o filho mais velho, nascera de Hagar (Gn 16); Isaque, o filho mais novo, de Sara (Gn 21.1-6). Hagar era escrava de Sara.

4.23 Ismael, o filho de Abraão e Hagar, nasceu depois que Abraão e Sara já haviam perdido as esperanças de terem o filho prometido por Deus. Sara deu à luz a Isaque por um milagre, muito tempo depois de terem passado os seus anos férteis. Deus mostrou que nenhuma das suas promessas fica sem cumprimento (Gn 18.14; Lc 1.37).

4.24 alegóricas. Foram acontecimentos históricos com um significado mais profundo.

4.25 monte Sinai. O lugar onde Deus estabeleceu sua aliança com Israel (Êx 19-34).

corresponde à Jerusalém. Quer nos dias de Paulo como em nossos, a maioria dos judeus permanece, como qualquer descrente, na escravidão ao pecado e sob a maldição que a aliança do Sinai pronuncia sobre quantos desobedecem suas exigências.

4.26 Jerusalém lá de cima. Jerusalém era a cidade onde Deus estabelecera o seu nome, o lugar de sua habitação no meio do seu povo (Sl 78.68,69). A plenitude da habitação de Deus conosco realizou-se em Cristo, o verdadeiro templo (Jo 2.19). A Jerusalém verdadeira está nos céus, onde ele está (Hb 12.22; Ap 21.2).

4.30 da livre. Não pertencemos ao pecado como escravos nem estamos debaixo da maldição da lei (Rm 6.1-7.6).

5.1 jugo. A literatura judaica da época compara a lei a um jugo ao qual o obediente se submete. Paulo não quer que os seus leitores de origem gentílica permitam que a lei tome o lugar de Cristo em suas vidas (Mt 11.29; At 15.10). Ver nota teológica "Liberdade Cristã”,

índice.

5.2 Considerar Cristo e circuncisão como necessários para a salvação é o mesmo que negar a suficiência da morte de Cristo para a salvação. Para aqueles que foram libertos em Cristo, submeterem-se à circuncisão para a salvação é comprometerem-se a fazer o que está completamente fora de seu alcance (2.21) e rejeitar o que Cristo tem feito por eles. Isto seria como voltar ao domínio do pecado e à maldição da lei.

5.4 da graça decaístes. Isto é, estariam renunciando à graça de Deus por não mais depositar sua confiança nela. Os que foram escolhidos em Cristo serão guardados de semelhante renúncia do evangelho, em vista do que Paulo mantém-se confiante de que atenderão à sua advertência (v. 10). Entretanto, pode haver, dentre os que para nós parecem ser verdadeiros membros de Cristo, aqueles que abandonarão o evangelho (Rm 11.22; 1Jo 2.19).
A Escritura nos admoesta, em vista disso, a procurarmos "com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição" (2Pe 1.10), vivendo de um modo que demonstre a realidade da presença do Espírito dentro de nós (5.166.10; Hb 10.26, 27; 2Pe 1.5-11).

5.5 esperança da justiça que provém da fé. A firme esperança de justiça mediante a fé contrasta com a vã esperança de justiça por meio de obras da lei. O Espírito Santo dá ardente expectativa de justificação no último dia porque nós já fomos justificados em Cristo (Rm 5.1-5,9,10). Esse mesmo Espírito, ao conferir-nos os benefícios salvíficos de nosso Senhor ressurreto, é para nós uma antecipação da completa herança na glória (2Co 5.5; Ef 1.13).

5.6 Paulo não está contestando a circuncisão como tal (6.15; 1Co 7.19; cf. At 16.3) mas a tentativa de fazer desse rito uma condição para a salvação. Quem crê em Jesus Cristo e demonstra a autenticidade de sua fé por meio de uma vida santificada, está salvo. Ver "Fé e Obras” em Tg 2.24.

5.11 se ainda prego a circuncisão. Pode ser que Paulo esteja referindo-se à sua vida antes da conversão ou, talvez, refutando uma falsa acusação dos seus adversários de que ele pregue a necessidade de circuncisão para a salvação quando os apóstolos de Jerusalém estão presentes, mas esquece essa exigência quando está na companhia dos gentios (1.10).

escândalo da cruz. Ver 1Co 1.18-2.5.

5.12 até se mutilassem. Ver referência lateral. A ira de Paulo vem de ver novos crentes serem desviados. Jesus disse algumas palavras igualmente fortes para advertir aqueles que ousavam conduzir outros ao erro (Lc 17.1,2).

5.13 liberdade. Liberdade cristã é liberdade *do* pecado, não liberdade *para* o pecado (Rm 6.1-7.6). Ver "Liberdade e Escravidão da Vontade" em Jr 17.9.

5.14 toda a lei. A carta de Paulo aos Gálatas não anula a lei. Cristo cumpriu a lei; não a aboliu (Mt 5.17). Certas partes da lei, tais como as regras sobre os alimentos, não se aplicam mais na nova aliança, mas os mandamentos morais da lei permanecem como declarações da vontade de Deus para a conduta cristã (Rm 8.2-8; 13.8-10).

Amarás. Ver Rm 13.10; 1Co 13; cf. Mt 19.19.

5.16 andai no Espírito. A habitação do Espírito Santo naquele que crê é um sinal de que o mesmo faz parte do povo de Deus e é herdeiro das promessas da aliança dadas a Abraão (3.14; 4.6; 5.5). A presença do Espírito é também um sinal de que no dia derradeiro Deus declarará justo aquele que crê (5.5; 2Co 1.22; 5.5).

5.17 a carne. Ver "Santificação: o Espírito e a Carne" em 1Co 6.11. Paulo diz em 6.13 que os agitadores da Galácia queriam circuncidar os gálatas a fim de gloriarem-se em sua "carne" e, em 2.16, Paulo diz que pela obsevação da lei "nenhuma carne" (isto é, ninguém) será justificada. Paulo usa o termo "carne"

em, pelo menos, três sentidos. Em um sentido mais geral, refere-se ao que é humano. Em um outro sentido, refere-se ao corpo físico. Em um sentido mais específico, principalmente quando aparece em oposição a "espírito", refere-se à natureza humana pecaminosa, que envolve também mente e alma. Se os gálatas abandonam a Cristo e põem sua confiança na lei, estarão voltando à confiança na carne e, dessa forma, para a existência debaixo da maldição da lei. Há esperança e advertência nas palavras de Paulo. Embora os desejos da carne se oponham ao Espírito, os desejos dados pelo Espírito Santo livram-nos da carne e da lei.

5.20 porfias... facções. Paulo relaciona os pecados infames que os legalistas condenariam, mas relaciona em seguida exatamente os pecados dos quais eles eram culpados (v. 15).

5.21 não herdarão o reino de Deus. Uma das quatro vezes que essa frase aparece nas cartas paulinas (1Co 6.9,10; 15.50; cf. Ef 5.5). O que Paulo afirma é que aqueles que não demonstram as virtudes do Espírito (v. 22) em suas vidas não participarão do reino eterno de Deus.

5.22 fruto do Espírito. Paulo usa a metáfora do fruto para descrever a conduta do crente em Rm 6.22, Ef 5.9 e Fp 1.11. João Batista, da mesma forma, proclamou que verdadeiro arrependimento produz ações morais concretas como "fruto" (Mt 3.8; Lc 3.8). O amor produzido pelo Espírito é como o amor de Cristo. Esse vai muito além do que os feitos de uma justiça própria legalista (Lc 10.25-37).

5.24 crucificaram a carne. Ver 2.20; 6.14; Rm 6.6. Para o povo de Cristo, a cruz quebrou o domínio da lei (2.19) e também o domínio da carne. Pela fé, reconhecem a realidade da sua união com Cristo em sua morte. Assim, também, ressuscitaram para uma nova vida no Espírito de Cristo e andam, pois, no Espírito (Cl 3.1, 3, 5).

6.1 vós... espirituais. Aqueles que são guiados pelo Espírito (5.25) devem estender a mão ao crente a quem o pecado enredou, mas

devem ser cautelosos para, ao fazerem isso, não serem igualmente enredados pelo pecado.

6.2 a lei de Cristo. Requer amor não apenas ao próximo (5.14; Mt 22.39) mas também aos inimigos (Mt 5.43), tendo o amor de Deus como modelo.

6.4 prove cada um o seu labor. Paulo exorta os cristãos da Galácia a examinarem-se a si mesmos como indivíduos perante Deus ao invés de nutrirem falsa confiança com base em comparações relativas com outros (cf. 2Co 13.5, 6).

gloriar-se unicamente em si. Como Paulo esclarece em seguida, a razão para alguém "gloriar-se" não deve estar na sua obediência à lei. Enquanto os judaizantes "gloriavam-se" de seu sucesso na promoção legalista (v. 13), Paulo "gloria-se" somente na cruz de Cristo (v. 14; cf. 2Co 11.16-12.10).

6.5 fardo. Esse termo, no grego, é diferente daquele que, no v. 2, é traduzido como "cargas", assinalando uma mudança de metáfora. Paulo encorajava os cristãos a ajudar aos outros com as "cargas" (v. 2), que são a luta e a vitória contra as tentações. Aqui, porém, Paulo está dizendo que não devemos nos tornar orgulhosos julgando-nos melhores que os outros, pois somente Deus é nosso juiz.

6.10 A igreja tem a responsabilidade de ajudar a aliviar o sofrimento dos que estão fora de sua comunhão, mas tem especial responsabilidade de ajudar irmãos e irmãs em Cristo que estejam passando necessidade (1Ts 3.12).

6.11 Paulo ditava, algumas vezes, suas cartas a um secretário (Rm 16.22) mas geralmente escrevia ele mesmo a conclusão (1Co 16.21; Cl 4.18; 2Ts 3.17). As "letras grandes" a que se refere talvez indiquem que a sua vista estava enfraquecida (cf. 4.15).

6.12 circuncidardes. Ver nota em 2.3.

não serem perseguidos. É possível que os advogados da circuncisão na Galácia estivessem agindo sob pressão de nacionalistas judeus extremadamente zelosos da Judéia (4.17, nota).

6.14 gloriar-me... na cruz. Para um desenvolvimento mais detalhado desse conceito, ver 1Co 1.18-2.5.

6.15 circuncisão. Ver nota em 5.6.

nova criatura. A atividade do Espírito Santo na vida dos crentes reverte os efeitos da queda e produz um povo regenerado (2Co 5.17), que subseqüentemente ocupará o lugar que lhes pertence no novo céu e na nova terra (Ap 21.1).

6.16 Israel de Deus. Essa locução pode designar o povo de Deus recentemente constituído, do qual a marca de identificação é o Espírito Santo e não a circuncisão. Esse povo seria constituído de gentios e judeus. Mas também pode referir-se à "plenitude" de Israel, os eleitos da nação judaica por cuja salvação Paulo estava profundamente preocupado (cf. Rm 9.1-5; 11.12,26,31).

6.17 marcas. O termo grego designa o ferro em brasa utilizado para marcar um escravo como propriedade de determinado senhor. A mesma palavra também era empregada para designar a marca que os sacerdotes pagãos traziam para identificar o deus ao qual serviam. Paulo refere-se, com essa palavra, às cicatrizes adquiridas em sua atividade missionária (2Co 11.23-25). Essas cicatrizes eram as marcas que Paulo trazia como um escravo de Cristo (Rm 1.1; Fp 1.1; Tt 1.1).

6.18 Uma conclusão apropriada para a carta em que Paulo preocupa-se ao máximo com a graça de Deus. Essa bênção resume a esperança de Paulo de que, entre os gálatas, o evangelho da graça de Deus triunfará.

Efésios

* **1.3-14** Essa extensa frase desenvolve o louvor ao propósito de Deus

encontrado em Rm 8.28-30. Louvor é dado ao Pai que elege (vs. 4-6), ao Filho que redime (vs. 7-12) e ao Espírito que sela (vs. 13, 14). Paulo reflete sobre a eleição dos crentes desde a eternidade, o perdão que recebem no presente e sua herança no futuro. Elucidativa é a repetição das frases "em Cristo" ou "nele", empregadas com referência à íntima união estabelecida por Deus entre Cristo e o seu povo.

* **1.3 nas regiões celestiais.** Essa locução aparece outras cinco vezes

em Efésios, duas das quais em relação direta com o sentido que tem aqui. Cristo ressuscitou dos mortos e está assentado à mão direita do Pai "nos lugares celestiais", de onde governa todas as coisas para o bem da igreja (v. 22). Além do mais, os crentes também foram ressuscitados e assentados com ele "nos lugares celestiais" (2.6). A vitória de Cristo sobre a morte obteve para os crentes vários benefícios pelos quais Paulo bendiz o Pai.

* **1.4 nos escolheu, nele.** Ver "Eleição e Reprovação" em Rm 9.18.

Paulo regozija-se por Deus escolher pessoas para com elas se relacionar (Rm 8.29-33; 9.6-26; 11.5, 7, 28; 16.13; Cl 3.12; 1Ts 1.4; 2Ts 2.13; Tt 1.1). Segundo alguns, "nele" significa que Deus previu aqueles que teriam fé em Cristo e os elegeu. Isso acrescenta um pensamento estranho ao texto; além disso, Paulo ensina, em outra passagem, que ninguém vem a estar "em Cristo" sem que tenha sido para isso escolhido (1Co 1.26-31). Paulo diz explicitamente que o fundamento do amor predestinador de Deus é o beneplácito da sua vontade (vs. 5, 10; cf. Dt 7.7,8), jamais algo que tenhamos feito ou venhamos a fazer (Rm 9.11,16). "Nele" significa que a escolha de Deus sempre teve como alvo um povo caído em união com o seu

Redentor (2Tm 1.9). Ver também 1Pe 1.1821; Ap 13.8.

santos e irrepreensíveis. Ver 5.27; Cl 1.22. Deus almeja conduzir completamente os seus eleitos da morte espiritual no pecado (2.1-5) para o

perdão dos pecados em Cristo (1.7), até, finalmente, à eliminação de todo pecado dentre suas experiências (Rm 8.29, 30).

em amor. Se "em amor" faz parte da oração anterior, essa locução ajuda-nos a explicar a natureza da santidade e da irrepreensibilidade às quais os crentes são chamados; o que está em harmonia com a aplicação da locução em outros versículos (3.17; 4.2,15,16; 5.2). Se "em amor" pertence ao v. 5, a locução explica predestinação não em termos somente de uma decisão de Deus mas como um ato do seu amor (Os 11.1). Essa interpretação é provavelmente melhor. Está em harmonia com 2.4,5.

* **1.5** **adoção.** Ver Rm 8.14-17, 29; Gl 3.26, 27; "Adoção" em Gl 4.5.

* **1.6** A reflexão sobre o excelso amor de Deus conduz a uma efusão de

louvor (vs. 12,14) a Deus, que não só tem o poder como a vontade de triunfar sobre todos os obstáculos e trazer os espiritualmente mortos a um relacionamento vivo consigo mesmo (o tema é desenvolvido em 2.1-10).

graça... gratuitamente no Amado. A linguagem aqui recorda a de Cl 1.13, mas traz também a idéia do próprio Redentor como objeto do amor com que Deus elege (1 Pe 1.18-21; Ap 13.8). A linguagem da graça domina os vs. 6-8.

* **1.7** Ver notas em Cl 1.14; 2.13.

redenção. Esse termo significa libertação, de escravidão ou cativeiro,

através do pagamento de um preço ou resgate. Sobre a redenção futura, ver v. 14; 4.30.

* **1.9 mistério.** Ver 3.3,5,6,10, e notas; Cl 1.27.

* **1.10 na... plenitude dos tempos**. Não se resume a algo futuro simplesmente. Cristo já veio para trazer redenção e adoção (Gl 4.4). Em virtude de sua morte e ressurreição, já tem a primazia sobre a igreja e, ainda que em oculto, já governa o universo (At 2.32-36; Cl 1.15-20). A ênfase, no entanto,

recai principalmente sobre o aspecto futuro. A unidade visível da igreja é uma antecipação do subseqüente governo visível de Cristo sobre todas as coisas. Essa é a razão porque Paulo enfatiza a unidade dos judeus e gentios na Igreja (vs. 11-14; 2.11-22) e a prática do amor entre os cristãos (4.2,15; 4.32-5.2,2123). O tema introduzido aqui, nos vs. 9-12, é desenvolvido em 3.2-12.

* **1.11-14** Paulo antecipa aqui o que dirá em 3.6 quanto a judeus e gentios serem “co-herdeiros” da promessa em Cristo. Os judeus que haviam crido nos dias de Paulo, “os que de antemão esperamos em Cristo” (v. 12), tornaram-se herdeiros por causa da vontade de Deus. Os gentios que receberam agora a mesma promessa antes feita a Israel — o dom do Espírito Santo — tornaram-se igualmente herdeiros para o louvor da glória de Deus.

* **1.11 todas as coisas... sua vontade.** Uma declaração geral sobre o alcance da vontade de Deus.

* **1.13 selados.** Como a marca indelével feita pelo anel de selar de um rei, o Espírito Santo é uma marca interior que distingue o povo de Deus como propriedade sua. Ver “Salvação” em At 4.12.

o Santo Espírito da promessa. Conforme Jesus diz em Lc 24.49, o Espírito Santo é a promessa do Pai. Essa promessa é, note-se bem, estendida aos gentios, como também aos judeus, com base na confiança que eles têm em Cristo (Ez 36.26, 27; Jl 2.28; Jo 14-16; At

1.4, 5; 2.33,38,39; Gl 3.14; 4.6).

* **1.14 penhor.** O Espírito não é somente uma promessa cumprida por Deus, a de habitar em seu povo, mas também uma garantia de que Deus os conduzirá à herança que é deles para sempre. Como sinal ou primeira prestação da redenção em sua plenitude, o Espírito é uma antecipação da glória da era por vir (Rm 8.18-23).

sua propriedade. O Antigo Testamento ensina que Deus escolheu um povo como sua herança (Dt 32.9; Sl 33.12) e o resgatou da escravidão para que viessem a ser uma propriedade peculiar (Êx 19.5; Dt 7.6). Pedro concorda com

a extraordinária aplicação que Paulo faz dessa idéia aos gentios assim como aos judeus (1 Pe 2.9).

* **1.15 tendo ouvido.** Ver Introdução: Data e Motivo. O ministério de Paulo em Éfeso havia durado mais de dois anos, mas a carta pode ter sido escrita até cinco anos depois. A igreja havia crescido consideravelmente nesse período. Pode ser que Paulo mencione a fé e o amor de pessoas que conhecia apenas por informação, já que Efésios era originalmente uma carta circular para várias igrejas.

* **1.17 sabedoria... revelação.** Ver "Iluminação e Convicção" em 1Co 2.10.

* **1.18 para saberdes.** Ver "O Verdadeiro Conhecimento de Deus" em Jr 9.24.

* **1.19-23** Esses versos condensam o ensino do Novo Testamento sobre a ressurreição e entronização de Jesus (Cl 1.18, nota). Fazem, além disso, duas contribuições vitais para o entendimento da ressurreição de Jesus e o status dos crentes. Primeira, o mesmo poder que ressuscitou Jesus dentre os mortos age também nos crentes (2.4, 5; 3.16,17). Segunda, Cristo governa, como cabeça, sobre todas as coisas para o bem da Igreja. Cristo não apenas ocupa o mais elevado posto de domínio sobre o universo como está

ali representando os crentes (2.6; Cl 3.3) e governando a favor deles. Os princípios éticos contidos na carta aos Éfesios enfatizam que a autoridade existe para o serviço. O uso soberano que Jesus faz de seu poder e autoridade no interesse do seu povo é o modelo do cristão (4.1, 2, 7-13; 4.32-5.2, 22-23). Paulo relembra seus leitores gentílicos de que foram duplamente abençoados pelo poder de Cristo: ele os trouxe da morte para a vida (2.1-10) e da exclusão para a admissão no povo de Deus (2.11-22).

*** 1.20 fazendo-o sentar... nos lugares celestiais.** Ver "A Ascensão de Jesus" em Lc 24.51.

*** 1.21 acima de todo principado, e potestade. Ver nota em 3.10.**

no presente século... no vindouro. Ver 1Co 15.24

*** 2.1-3** O estado natural de todos os seres humanos é uma espécie de

morte espiritual. Primeiro, essa condição espiritual é universal: tanto gentios (v. 2) como judeus (v. 3) são "por natureza filhos da ira" (v. 3; sobre o conceito de "natureza" em Paulo, ver Rm 1). Segundo, estão em rebelião contra Deus; note o uso de "andastes" em relação aos gentios no v. 2 e "nós andamos outrora" em referência aos judeus no v. 3. Terceiro, estão sujeitos ao domínio maligno de Satanás (chamado no v. 2 "príncipe da potestade do ar"; cf. Gl 4.3; Cl 1.13). Quarto, são totalmente incapazes de abandonarem a rebelião contra Deus (Jo 3.3). Quinto, estão expostos à justa ira de Deus (v. 3; 5.6; Rm 1.1820).

*** 2.1 Ele vos deu vida.** Ver "Regeneração: O Novo Nascimento" em Jo

3.3.

*** 2.4 Mas Deus.** Paulo pinta esse quadro desolador da situação humana

para colocar em relevo a resposta graciosa e misericordiosa de Deus ao mesmo.

por causa do grande amor com que nos amou. Deus ama o seu povo por vontade própria. Paulo rejeita qualquer idéia de mérito, esforço ou capacidade por parte daqueles que chegam à vida (cf. Dt 7.7,8). A condição de pecadores, irremediável senão por Cristo, descrita por Paulo nos vs. 1-3 é fundamental para a compreensão do que ele ensina sobre a eleição de Deus em 1.4-6 e sobre o dom divino da vida aqui nos vs. 4-10. Observe o resumo em Rm 8.29,30.

*** 2.5,6 nos deu vida... nos ressuscitou, e nos fez assentar. São**

acontecimentos históricos da vida de Cristo: sua ressurreição dos mortos e entronização à mão direita de Deus. Mas Paulo relaciona-os também ao que tem acontecido aos crentes. Paulo ensina uma união entre Cristo e os que nele

crêem (1.3; Cl 3.1-4), de forma que o que é dito do Redentor também pode ser dito dos remidos. O que primeiro tornou-se realidade para Jesus também tornar-se-á, um dia, realidade para os crentes (2Co 4.16): eles serão ressuscitados em glória na sua volta (Rm 8.11; 1Co 15). Por enquanto, há uma nova mente (4.23, 24; Rm 12.1, 2), uma nova identidade como filhos de Deus (Rm 8.14-17) e uma nova aptidão para viver livre do controle de Satanás (Rm 8.1-4; 2Co 5.17).

*** 2.7** O fundamento da nossa salvação é o amor e a misericórdia de Deus

e o seu propósito é a promoção da sua graça e bondade (3.6, nota).

*** 2.8 sois salvos.** Salvação é uma ação concluída que tem

um efeito

presente. Em suas primeiras cartas, Paulo geralmente refere-se à salvação ou como um acontecimento futuro (Rm 5.9,10) ou como um processo presente (1Co 1.18; 2Co 2.15). Única exceção é Rm 8.24, onde Paulo refere-se à salvação como acontecida no passado mas ainda por ser completada no retorno de Cristo: "Porque, na esperança, fomos salvos".

e isto não vem de vós; é dom de Deus. Esse parêntesis é relacionado por muitos ao processo inteiro da salvação pela graça através da fé como um dom de Deus. Outros, todavia, relacionam "isto" especificamente a "fé". Pecadores dependem do dom gracioso de Deus para responderem com fé a Cristo desde o momento da conversão. Paulo torna explícito o que está implícito em outras passagens do Novo Testamento a respeito da fonte última da fé salvadora (At 13.48; Fp 1.29).

* **2.9 obras.** A fé somente, não as obras, pode trazer-nos a aceitação

junto a Deus. Boas obras são, contudo, conseqüência e evidência essenciais de vida com Deus (Tt 2.14; 3.8,14; Tg 2.14-26). Deus nos escolheu para fazer-nos santos filhos e filhas (1.4,5) e ele nos fez para sermos novos portadores de sua imagem (4.24), designados para uma vida em conformidade com o caráter de Deus (4.1-6.20). Veja também "Antinomismo" em 1Jo 3.7.

* **2.10 para que andássemos nelas.** Ver 4.1; 5.2,8,15; note a comparação irônica com 2.2; 4.17.

* **2.11 na carne, por mãos humanas.** O oposto dessa circuncisão é a circuncisão espiritual do coração (Dt 10.16; Jr 4.4), aplicada tanto aos gentios como aos judeus (Rm 2.28,29; Fp 3.3; Cl 2.11-13).

* **2.12 naquele tempo.** Contraste com "mas agora" do v. 13; ver também 5.8. Em Rm 9.3-5, Paulo relaciona os privilégios dos judeus.

Aqui, ele relaciona as desvantagens dos gentios.

separados... estranhos às alianças da promessa. Não eram cidadãos da nação com a qual Deus estava em relacionamento de pacto. Embora o relacionamento de Deus com Israel contivesse a promessa de abençoar as nações (Gn 12.3), os gentios não tinham consciência alguma dessa esperança.

sem Deus no mundo. Deus revelou-se a toda a humanidade na consciência e na natureza. Mas os gentios haviam abafado o que da verdade sabiam, voltando-se, em vez disso, para a idolatria (At 17.22-31; Rm 1.18-2.16).

* **2.13 em Cristo Jesus... pelo sangue de Cristo.** A aproximação dos gentios a Deus envolve dois aspectos. O primeiro é experiência que têm da união espiritual com Cristo (vs. 4-10); o segundo é a base histórica dessa experiência na morte sacrificial de Cristo (vs. 14-16; 1.7).

longe... aproximados. Ver v. 17.

* **2.14-16** Ver 4.22-24; Cl 3.9-12 e notas.

* **2.14 parede da separação que estava no meio. Refere-se aos átrios**

do templo em Jerusalém. Uma parede separava os gentios dos judeus; também havia sinais afixados que excluíam os gentios dos átrios internos onde eram realizados os sacrifícios pelos pecados.

* **2.15 aboliu... a lei dos mandamentos.** Cristo ofereceu em seu próprio corpo o sacrifício definitivo, do qual os sacrifícios do templo eram apenas sinal. As leis cerimoniais do Antigo Testamento que separavam judeus dos gentios não têm mais razão de ser após o seu cumprimento em Cristo.

* **2.17,18** Isaías havia profetizado acerca de um dia no qual a paz

de Deus seria proclamada aos que estão "longe” e aos que estão "perto” (Is 57.19). Pelo evangelho de Cristo, o Espírito reúne gentios ("a vós outros que estáveis longe") e judeus ("aos que estavam perto") na presença do Pai, em cumprimento da promessa de Isaías.

* **2.19-22** Esses versículos descrevem a reversão das desvantagens dos gentios apresentadas resumidamente nos vs. 11,12 (cf. 3.6). A construção de um novo templo espiritual substitui aquele, agora obsoleto, de Jerusalém.

* **2.19 já não sois estrangeiros.** O reino de Deus é agora internacional. Ver nota teológica "A Igreja”, índice.

* **2.20** O fundamento da casa de Deus foi definitivamente posto pelos apóstolos e profetas do Novo Testamento. A pedra angular é Cristo (1Co 3.10,11).

* **2.21,22 cresce... sendo edificados.** A casa de Deus cresce através da inclusão e integração contínua de pessoas como "pedras vivas” (1Pe 2.5). A casa também é um templo porque Deus mesmo vive nesse novo edifício feito de pessoas.

* **3.1** Paulo inicia uma oração para que os seus leitores gentílicos sejam cheios da presença de Cristo e aptos para apreenderem a verdade sobre o amor e poder do seu Redentor (vs. 14-21). Paulo faz uma digressão para explicar a natureza de seu ministério e de sua visão em relação à união dos judeus e gentios em Cristo (vs. 2.13).

prisioneiro. Paulo está sujeito à prisão domiciliar em Roma (At 28.16,30).

* **3.3 conforme escrevi há pouco, resumidamente. Ver 1.9, 10.**

* **3.5 como, agora, foi revelado.** O silêncio do Antigo Testamento sobre

o mistério de Paulo — a união de judeus e gentios na igreja (v. 6) —

não foi absoluto mas relativo. Foi previsto pelos profetas ("Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança." Is 19.25). Se a idéia tivesse sido completamente desconhecida no Antigo Testamento, Paulo não poderia ter dito, como disse em Rm 4, que o pacto abraâmico compreendia todos os que fossem da fé que teve Abraão, inclusive os gentios. Paulo disse a Agripa que a sua proclamação de luz para judeus e gentios, indistintamete, não ultrapassava o que havia sido prometido por Moisés e os profetas (At 26.22, 23).

* **3.6 que os gentios são co-herdeiros.** Embora o Antigo Testamento

ofereça vislumbres ocasionais de uma raça humana unificada, é somente à luz do sacrifício de Cristo que o plano de Deus se torna claro: em um único e grandioso ato, Deus removeu a inimizade entre ele mesmo e a humanidade, bem como eliminou as divisões que fraccionavam a humanidade (2.14-18). Paulo já havia refletido sobre o modo extraordinário como Deus incluiu os gentios em seu povo: contra as leis da agricultura, os gentios foram um ramo bravo enxertado em árvore cultivada (Rm 11.11-24).

* **3.8** Observe o desenvolvimento da descrição que Paulo faz de si

mesmo, comparando a progressão entre 1Co 15.9; Ef 3.8 e 1Tm 1.15,16.

*** 3.10 principados... nos lugares celestiais. Paulo já mencionou "o**

príncipe da potestade do ar" (2.2) e voltará a falar da batalha que os cristãos travam contra os seus inimigos espirituais no universo (6.10-17). Convém lembrar aqui a recente controvérsia de Paulo com os falsos mestres em Colossos. Em sua carta àquela igreja, havia afirmado que Jesus é Senhor de todas as coisas, inclusive do mundo espiritual, e, ainda, que é somente em Jesus que reconciliam-se os céus e a terra (Cl 1.15-20; 2.8-23). Em conseqüência, o estabelecimento da paz entre judeus e gentios na Igreja é um

sinal a todos os poderes no universo. Para o apóstolo, não há divisão mais profunda na raça humana do que a existente entre judeu e gentio. O fato de que podiam estar unidos um ao outro em Cristo demonstra a profunda sabedoria de Deus (Is 55.8,9; 1Co 2.6-10) e prova inclusive aos poderes sobrenaturais que Jesus é Senhor do universo (1.20-23).

* **3.14 me ponho de joelhos.** Os judeus normalmente colocavam-se em pé para orar (Mt 6.5; Lc 18.11,13). Ajoelhar-se parece ter sido uma expressão de humildade e urgência (Ed 9.5; Lc 22.41; At 7.59,60). Esse versículo retoma a oração que Paulo havia iniciado no v. 1 (nota).

* **3.15 toda família... no céu.** Ou, "cada família". A literatura judaica intertestamental e rabínica contém referências a famílias de anjos.

* **3.16 homem interior.** Essa expressão integra o mais elaborado vocabulário de Paulo sobre a obra do Espírito Santo dentro dos indivíduos (2Co 5.17). Efésios, em grande parte, trata da identidade corporativa dos cristãos (p.ex., 4.3-6,12-16). Mas Cristo habita também nos corações das pessoas. O cristianismo não é uma confissão coletiva à exclusão da experiência individual nem uma

piedade particular sem visão corporativa.

* **3.18 a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade.** Essas medidas de espaço lembram a metáfora do templo em 2.21. Como as "pedras vivas" (1Pe 2.5) são unidas em amor, a habitação de Deus cresce e é preenchida com o próprio Cristo. Deus usa o amor entre "todos os santos" — judeus e gentios, sem distinção — para construir um todo que é maior do que as respectivas partes. A linguagem espacial exalta o amor de Cristo para com o seu povo — um amor que é inclusivo, inesgotável e auto-sacrificial.

* **3.20 o seu poder que opera em nós.** Ver 1.19-23; 2.5,6. A primeira parte da carta culmina com a consideração de Paulo sobre o poder infinito de Deus, que conduz o seu plano gracioso (2.7) e onisciente (v. 10) para a reconciliação da raça humana.

* **3.21 glória.** Paulo dá glórias a Deus pelo poder que Deus tem dado à igreja.

na Igreja e em Cristo Jesus. Paulo recorre, nessa carta, a diversas metáforas para descrever o relacionamento mútuo entre a Igreja e Cristo: o corpo e a cabeça (1.22,23), o reconciliado e o reconciliador (2.14-18; 4.3), e a noiva e seu noivo (5.22,33).

* **4.1 andeis.** Nessa segunda parte da carta, Paulo detalha o "caminho" ou vida de boas obras, mencionado pela primeira vez em 2.10. Essa figura de linguagem para conduta moral é comum nas Escrituras.

vocação. Paulo falou acima de uma esperança para a qual os crentes são chamados (1.18; 4.4); agora, concentra-se sobre a vida para a qual são chamados. Ele já havia indicado claramente qual a forma e o significado dessa vida (1.4; 2.10).

* **4.4-6 um.** Essa palavra é repetida sete vezes nos vs. 4-6 — três com

referência às Pessoas da Trindade e quatro com relação a aspectos da salvação.

* **4.7 a cada um de nós.** Todos os cristãos participam da graça da

salvação através da fé (2.5,8). Cada cristão também recebe algum dom da graça em particular para o benefício da igreja (Paulo fala sobre o dom que recebeu em 3.2,8). Ver nota teológica “Dons e Ministérios”, índice.

* **4.8** O Sl 68 celebra a marcha triunfante de Deus do Monte Sinai, no

deserto, ao Monte Sião, em Jerusalém, e sua entronização ali. Para o apóstolo, o conteúdo do salmo prefigura a ascensão vitoriosa de Cristo aos céus.

cativo o cativeiro. As forças espirituais das trevas foram derrotadas na cruz (Cl 2.15, nota). Enquanto o Sl 68.18 descreve o Senhor vitorioso recebendo presentes dos homens, Paulo apresenta Cristo distribuindo os tributos de sua vitória aos homens. Paulo pode ter escolhido esse salmo por causa de sua

associação com o Pentecostes. Esse foi o dia em que o Cristo exaltado derramou o seu Espírito sobre a Igreja (At 2.32,33).

* **4.9** Cristo foi exaltado à posição que hoje ocupa após o estado de humilhação. Sua encarnação foi seu assumir de uma natureza humana aqui nas "regiões inferiores da terra”; cf. 1.20-23; Fp 2.1-11. Essa forma de servir é modelo a ser imitado pelos crentes.

* **4.11 apóstolos.** No uso estrito do termo, aqueles que haviam estado

com Jesus e testemunhado sua ressurreição (ou recebido uma revelação especial do Jesus ressurreto) e que haviam sido

comissionados por Jesus para serem fundadores da igreja (At 1.21,22; 1Co 15.1-9). A palavra também foi empregada em um sentido mais amplo, para pessoas enviadas como representantes de igrejas particulares (2Co 8.23; Fp 2.25), mas, ao que tudo indica, não são essas as pessoas que Paulo tem em mente nessa passagem. Ver 2Co 1.1, nota.

profetas. Os profetas do Novo Testamento transmitiam revelação especial à igreja primitiva. Suas funções incluiam predição, exortação, encorajamento, advertência e interpretação (At 15.32; 21.9-11; 1Co 14.3). A doutrina dos profetas e apóstolos do Novo Testamento lançaram o fundamento da Igreja (2.20), e cessaram os aspectos de sua obra relacionados a essa tarefa ímpar.

evangelistas. Pessoas com dom especial para proclamar o evangelho (At 21.8; 1Co 1.17).

pastores e mestres. As duas palavras são empregadas em conjunto para o mesmo grupo de indivíduos que pastoreiam bem como instruem o rebanho de Deus. Ver "Pastores e Cuidado Pastoral" em 1 Pe 5.2.

* **4.12,13** Não se refere, em primeiro lugar, àqueles mencionados no v. 11 e que fazem a obra do ministério mas ao povo que equipam. Mestres eficientes auxiliam cada crente a encontrar seu próprio modo de agir em benefício do restante da igreja.

* **4.16** **corpo.** Paulo recorre à analogia do corpo humano. Os dons não

são dados aos crentes para seu proveito próprio, particular, e ninguém consegue crescer e chegar à maturidade isoladamente. O próprio Paulo busca um conhecimento do Filho de Deus que somente atinge a maturidade quando todos os crentes também o alcançam.

* **4.17-19** O conteúdo dessa passagem corresponde em muito à critica da

cultura gentílica feita em Rm 1. Enquanto a carta aos Romanos apresenta Deus como aquele que entrega os gentios a uma vida temerária e devassa (Rm 1.24-31), Efésios apresenta o mesmo desfecho sob a perspectiva da ação humana: os que se desviaram é que "se entregaram" (v. 19).

Semelhantemente, em Êxodo diz que Deus endurece o coração do Faraó (p.ex., Êx 4.21; 7.3), mas o Faraó também endurece seu próprio coração (Êx 8.15,32; 9.34).

* **4.21 o tendes ouvido.** Isto é, a mensagem proclamada a seu respeito.

segundo é a verdade em Jesus. Deus rompeu o círculo de morte dando-lhes um entendimento acerca de seu Filho e da obra que ele realizou a favor deles (1.13,15).

* **4.22-24 despojeis... renoveis... revistais.** Pertencer a Cristo na adoção de uma nova vida em repúdio à antiga. A ilustração é o ato de tirar roupas desgastadas e vestir outras novas.

* **4.25-5.5** Paulo apresenta resumidamente seis maneiras concretas de

como os cristãos "despojam" a velha vida e se "revestem" da vida em Cristo: é necessário que se voltem da mentira para falar a verdade (4.25,26); da ira descontrolada para o domínio próprio (4.26,27); do furto para o trabalho honesto (4.28); da linguagem que destrói para a que edifica (4.29,30); da amargura para o amor (4.31-5.2); dos desejos sexuais desenfreados para um reconhecimento agradecido das boas dádivas de Deus (5.3-5). Em cada caso, Paulo oferece uma razão para passar do velho para o novo.

* **4.27** Uma vez que a unidade entre os crentes, em seu aspecto prático,

demonstra o poder reconciliador de Deus (vs. 1-10; 2.14-16), o diabo

tem interesse especial em destruí-la (2.2; 6.11).

* **4.30 não entristeçais.** Isto é, pelo uso destrutivo da linguagem descrita

no v. 29. O fato de que o Espírito Santo possa ser entristecido vem indicar que ele é uma Pessoa e não uma força impessoal. A idéia não é nova para o Novo Testamento, como está claro pela citação que Paulo faz do profeta Isaías (Is 63.10).

* **4.32—5.2 como também Deus... como também Cristo.** Os crentes precisam estender aos outros o perdão e o amor que Deus tem lhes estendido. Pelo mesmo motivo que Israel, tendo sido resgatado da escravidão do Egito, deveria ter especial consideração pelos estrangeiros, escravos e os destituídos em seu meio (Êx 22.21; 23.9; Lv 19.33,34; Dt 5.15). A mesma lógica está presente no novo mandamento de Jesus: "assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (Jo 13.34).

* **5.1 como filhos amados.** Ver nota em Cl 3.12. Um conhecimento sólido quanto ao amor de Deus e ao lugar de cada um na família de Deus (1.5) incentivam o sacrifício pessoal necessário para a vida cristã (cf. v. 2).

* **5.3,4 convém... inconvenientes.** Banalizar o relacionamento sexual ("chocarrices”) ou, por outro lado, idolatrá-lo, está em descompasso com a nossa identidade de "santos”. Uma vez que fomos convocados dentre a raça humana (1.4-6) para portar a imagem restaurada de Deus (4.24), podemos aceitar os dons de Deus, inclusive a sexualidade, com ações de graça, e restituí-los ao seu uso apropriado (Pv 5.18,19; 1Tm 4.1-5; Hb 13.4).

* **5.6** Ainda que o dia da prestação de contas possa ser negado com "palavras vãs” (cf. 2Pe 3.3, 4), o julgamento de Deus fará a separação final entre os "filhos da desobediência” (2.2; cf. 5.5) e os filhos amados de Deus (1.4, 5; 5.1).

* **5.7 participantes com eles.** Os cristãos precisam considerar o terrível destino dos não-cristãos e recusar a juntar-se a eles em sua loucura. Ao contrário, devem lembrar-se de seu status de participantes com os judeus nas promessas de Deus em Cristo (3.6).

* **5.8 outrora... porém, agora.** Ver 2.11,13. Paulo deseja que os crentes façam mais do que se abster das coisas que trazem a ira de Deus. Eles devem viver como "filhos da luz" (Cl 1.13 nota). O resultado da união dos crentes com Cristo, aquele que é "a luz do mundo" (Jo 8.12; 9.5) é que eles também são feitos "luz do mundo" (Mt 5.14).

* **5.13 tudo que se manifesta é luz.** Paulo considera certos pecados tão vergonhosos que só o trazê-los à luz já envergonhará alguns descrentes ao ponto de se arrependerem. A simples mas contrastante presença dos cristãos pode expor pecados, como os cristãos também podem condená-los abertamente. A citação feita por Paulo consiste provavelmente de um hino cristão primitivo que reflete o conteúdo de diversas passagens do Antigo Testamento (Is 60.1, p.ex.) e que convoca os espiritualmente mortos a erguerem-se para receberem a luz de Cristo (cf. 2.1-10).

* **5.18 não vos embriagueis com vinho.** Trata-se de algo mais do que mera probição da embriaguês. Paulo está se referindo provavelmente a uma forma orgiástica de adoração tal como praticada no culto a Dionísio (Baco), o deus do vinho. O ritual a Dionísio seguia vários estágios de embriaguês, tidos como incorporações da divindade nos participantes, inspirando profecia, dança frenética e música. Tal culto é "dissipação."

enchei-vos do Espírito. Enquanto o selo do Espírito (1.13, 14; 4.30) é a iniciação na vida cristã e, portanto, não se repete, o encher-se do Espírito pertence à vida cristã inteira. Esse encher-se não apenas se repete como deve ser continuamente buscado. Na passagem paralela em Colossenses, Paulo diz aos cristãos para deixar a "paz de Cristo" governar seus corações e permitir que a "palavra de Cristo" habite

ricamente neles (Cl 3.15,16). Quem está cheio

do Espírito está cheio de Cristo e da sua Palavra (Jo 14.16,26; 16.12-15; 17.17).

* **5.19 entre vós... ao Senhor.** Adoração oferece-se a Deus somente. Ao mesmo tempo, também existe uma audiência humana no culto corporativo na medida em que as pessoas adoram em conjunto e dirigem-se umas às outras em mútuo benefício (1Co 14; Hb 10.24).

salmos... hinos e cânticos espirituais. Ver "A Música na Igreja" em Cl 3.16.

* **5.21** Esse versículo de transição conclui uma série de expressões que ilustram o resultado do encher-se do Espírito (vs. 19-21 nota). Independentemente da classe social a que pretençam, todos os cristãos devem moldar sua conduta na sociedade pela humildade e bondade de Cristo (4.325.2; cf. Lc 22.24-27; Jo 13.14-16). Essa submissão "uns aos outros" é a base para os modelos de autoridade nos diferentes relacionamentos examinados em 5.22-6.9.

* **5.22-6.9** A partir de Aristóteles (século IV a.C), pelo menos, a ética grega havia tratado as relações domésticas segundo um modelo familiar: esposos e esposas, pais e filhos, senhores e escravos. O interesse era, obviamente, ensinar o cabeça da casa a governar sua família e escravos. Na abordagem a tais regras, Paulo e Pedro transformam a questão de como esposos, pais e senhores dominam para, como podem, imitar o amor de Cristo, que conhecem em suas próprias vidas, em proveito daqueles que estão sob o seu cuidado. Ao mesmo tempo, conforme esposas, filhos e escravos definem seus papéis em termos de serviço a Cristo, deixam de ser objetos passivos em uma sociedade que os menospreza para tornarem-se, em vez disso, ativos cooperadores de Deus em seu plano de trazer unidade à uma geração dividida por sexo, idade e situação econômica.

* **5.22-32** Jesus dá vida a uma nova comunidade de amor — a

igreja, seu

próprio corpo. Seu amor também determina o relacionamento matrimonial para o seu povo. Paulo ensina que os dois sexos se complementam e que um

homem e uma mulher são iguais perante Deus. Porém, no casamento o homem tem a liderança. Tal liderança não é absoluta mas dá ao marido a iniciativa no casamento, à qual a mulher responde. A compreensão de Paulo fundamenta-se na ordem da criação (1Co 11.8, 9; 1Tm 2.13), considerando as conseqüências ainda presentes da queda, mesmo entre cristãos (1Tm 2.14). A redenção em Cristo restaura a intimidade no casamento para a qual homens e mulheres foram criados.

*** 5.22 submissas.** Uma esposa cristã é chamada à grata aceitação do

cuidado e da liderança por parte de seu marido. Ver nota teológica "A Família Cristã", índice.

como ao Senhor. Ver o v. 24.

*** 5.23 cabeça da mulher... cabeça da Igreja. Em outras passagens**

sobre a primazia de Cristo nessa carta, Paulo fala do modo como Cristo governa o universo e a igreja (1.22) e serve de fonte para a saúde do corpo e o crescimento em maturidade (4.14-16).

o salvador. É especialmente em seu papel de Salvador que Cristo serve de modelo ao marido (vs. 25-27 e notas).

do corpo. Isto é, a igreja como o seu corpo — Cristo mesmo habita na igreja (vs. 28-30).

*** 5.24 Como, porém, a Igreja... assim também as mulheres. A**

sujeição

da Igreja a Cristo é uma ordem revelada e celestial, não uma ordem natural. Os discípulos de Cristo eram seus amigos, não somente seus servos, e ele morreu por eles (Jo 15.12-15; cf. Lc 22.25-27).

* **5.25 Maridos, amai.** A ênfase nesta passagem não está na autoridade

do marido para governar mas em sua responsabilidade em amar.

como também Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela. Em

parte alguma do Novo Testamento o amor de Cristo, de auto-sacrifício, é apresentado de forma mais direta a uma relação específica como um modelo a ser imitado (cf. v. 2).

* **5.26,27** Paulo resume nesses versículos tudo quanto implica o

compromisso de Cristo em seu relacionamento com a Igreja: ele a purificou do pecado e a está preparando para um destino glorioso em sua companhia (ver referência lateral, v. 26). Os maridos são igualmente chamados a adaptar suas vidas de acordo com as necessidades de suas esposas e oferecer-lhes os meios para o crescimento e desenvolvimento delas.

* **5.28-32** A união que uma pessoa tem com o seu próprio corpo é íntima e permanente. O casamento cria uma união semelhante (Gn 2.24). Cristo uniu a Igreja a si mesmo pelos laços da aliança que cumpriu. Essa união íntima constitui-se em uma analogia do casamento cristão (ver 2.6 e nota).

* **6.1-3** Os filhos têm como responsabilidade levar adiante o plano de Cristo de trazer unidade à raça humana — no caso, a unidade entre as gerações. Para o apóstolo, a desobediência dos filhos aos

pais é um dos aspectos que sujeitam a cultura gentílica à condenação de Deus (Rm 1.30; 2Tm 3.2).

*

6.2 o primeiro mandamento com promessa. A lei d Deus perdeu o

seu poder para condenar os que estão em Cristo (Cl 2.13,14) e a observância da lei cerimonial é imprópria após seu cumprimento em Cristo (2.15; Cl 2.16,17). No entanto, "os preceitos mais importantes da lei" (Mt 23.23) são revelações do caráter de Deus e formam princípios éticos permanentes. Um deles é que os filhos precisam honrar os seus pais.

*

6.4 pais. Inversamente, aos pais é enfatizada a respo

quem exerce autoridade.

criai-os. O grego sugere a idéia de nutrir e ajudar a florescer (cf. 5.29). Aos pais se confia as mentes, sentimentos e corpos destes tenros portadores da imagem divina. Logo, os filhos não existem para os pais mas os pais para os filhos — para ajudá-los a desenvolverem-se como pessoas diante de Deus.

disciplina. Pela qual se forma a vontade.

admoestação. A formação do intelecto através do ensino.

* **6.5-8** Os escravos seguem o exemplo de Cristo pela submissão obediente (Fp 2.1-11). Todos os crentes são chamados a participar da humilhação e dos sofrimentos de Cristo neste século para que sejam exaltados e glorificados com ele no próximo (Rm 8.17). Paulo não está interessado em tornar maior do que tem de ser o sofrimento de alguém (1 Co 7.21). Ele também não faz pensar que exista um cômodo desvio do sofrimento. Como os escravos servem a Cristo exaltado e não meramente a um senhor terreno, eles o fazem

na nova realidade inaugurada por Cristo (2Co 5.17). Paulo insiste que, como propriedade de Cristo, são irrelevantes quaisquer outras classificações de nosso status pessoal: "Por preço fostes comprados, não vos torneis escravos de homens" (1Co 7.23). Servindo sem murmurações ao seu verdadeiro proprietário celestial, os escravos podem trabalhar não pelo parâmetro de seu valor de mercado mas por seu valor para aquele que derramou sua prórpia vida por eles.

* **6.9 de igual modo procedei.** Se os senhores podem esperar dos seus escravos cristãos que os sirvam voluntariamente, os escravos podem esperar de seus senhores cristãos que sejam tratados da maneira como Cristo trata os seus.

* **6.10-17** O dever cristão de unidade e pureza é dificultado pela presença

de poderes espirituais hostis. A cruz e a ressurreição de Cristo são a ruína do diabo (Cl 2.15, nota); na segunda vinda de Cristo, a derrota de Satanás se completará (Rm 16.20). Mas a paz da cruz é experimentada, enquanto isso,

entre lutas espirituais. As forças das trevas estão derrotadas mas ainda podem causar dano.

* **6.10 sede fortalecidos... na força do seu poder.** Paulo recorre a termos semelhantes em 1.19 para descrever o poder que ressuscitou a Jesus dentre os mortos. Não somos encorajados a enfrentar as forças malignas da trevas com nossas próprias forças mas na força que ressuscitou a Jesus e os crentes com ele (2.4-6; 3.16-19).

* **6.11 Revesti-vos de toda armadura de Deus.** O novo conjunto de roupas (4.22-24, nota) torna-se agora o equipamento de batalha de um guerreiro (Cl 3.10,12; notas).

ficar firmes. Repete-se três vezes nos vs. 11,13,14 ("inabaláveis", no v. 13, é sinônimo). A imagem de "andar" nos capítulos 4 e 5 (4.1,

nota) cede lugar à de um soldado permanecendo firme na batalha.

* **6.12** Ver 1.21; 2.2; 3.10.

principados... forças espirituais. Todos esses termos referem-se a seres espirituais poderosos que formam a “potestade do ar” (2.2) governada por Satanás.

deste mundo tenebroso. Ver 5.8-14.

* **6.13 toda a armadura de Deus.** Paulo combina as armas de um soldado romano de infantaria com algumas representações do Antigo Testamento de Deus, ou do Messias, como um guerreiro. Formidavelmente, o que é dito de Deus e do Messias no Antigo Testamento é atribuído aos crentes.

* **6.14 cingindo-vos com a verdade.** O cinto de couro do soldado romano amparava e protegia seu baixo abdômen, prendia a sua túnica e sustentava a sua espada. Paulo parece ter em mente a confiança que vem da certeza quanto à veracidade da Palavra de Deus.

couraça da justiça. Os crentes são protegidos pela justiça de Cristo que lhes é imputada (Rm 4.6-11; Fp 3.9), tendo condição de permanecer firmes diante das acusações do diabo; a palavra no grego significa "caluniador” (Rm 8.3134). Simultaneamente, Paulo vê os crentes vestindo o caráter justo de Cristo (4.25; 5.9), enquanto seu crescimento em conformidade com a imagem de Cristo lhes dá confiança para resistir à tentação.

* **6.15 Calçai os pés.** Apesar da evidente alusão a Is 52.7, Paulo não tem

em mente o mensageiro descalço que leva o evangelho a outros. A imagem aqui é a das fortes sandálias do soldado romano, que lhe davam estabilidade e proteção na batalha. Ironicamente, a paz que vem do evangelho também torna uma pessoa preparada para a

guerra contra o mal (2.14,15,17).

* **6.16 escudo da fé.** O escudo romano era grande o suficiente para cobrir o corpo todo; era feito de madeira, coberto de pele de animal fixado com ferro no topo e na base. Quando mergulhado em água antes da batalha, podia apagar as flechas incendiárias, às quais se ateva fogo depois de mergulhadas em piche.

* **6.17 capacete da salvação.** Para o apóstolo Paulo, salvação é uma

experiência presente (2.8 e nota) bem como uma esperança futura (1Ts 5.8). A confiança do crente baseia-se em última instância na fidelidade de Deus em completar o que começou (Fp 1.6).

espada do Espírito, que é a palavra de Deus. A única arma ofensiva no arsenal do crente é comparada com a espada romana, curta e desenhada para o combate corpo a corpo. Ver o uso das Escrituras por Jesus em Mt 4.1-11; Lc 4.1-13.

* **6.18-20** O tema da batalha nessa passagem termina com uma

convocação urgente de oração militante em favor de todos os crentes e em favor do ministério de Paulo. Ver 1.15-23 sobre a dependência de Paulo da oração.

* **6.21-24 Tíquico.** Ver nota em Cl 4.7, 8. A ausência de saudações

pessoais nessa carta pode ser uma indicação de que foi escrita como uma carta circular, não para uma igreja em particular. Ver Introdução: Data e Motivo.

Filipenses

* **1.1 Paulo e Timóteo.** Timóteo já é conhecido dos leitores (2.22), pois havia acompanhado o começo da igreja em Filipos (At 16). Em

outras cartas, Paulo apresenta-se como "um apóstolo” e a Timóteo "nosso irmão” (2Co 1.1, Cl 1.1).

servos. Um "servo” é um escravo. Timóteo é como um filho para Paulo (2.22) mas acima deles está Cristo, o Senhor.

em Cristo Jesus. Uma das formas prediletas de Paulo para descrever a união do crente com Cristo. Esta locução ocorre dez vezes em Filipenses.

bispos e diáconos. Esses termos designam as duas formas complementares de liderança na igreja de Filipos (1Tm 3.1-3).

* **1.2 graça e paz.** Essas duas palavras, as quais, de forma concisa, apresentam o efeito da obra salvadora de Cristo, aparecem juntas em todas as treze saudações de Paulo. Graça e paz procedem jutamente "de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo”.

* **1.3,4** A lembrança que Paulo tem dos Filipenses o impele a orar por eles com freqüência ("em todas as minhas orações”) e gratidão ("dou graças ao meu Deus”).

* **1.4 com alegria.** A alegria é um tema dominante em Filipenses (vs. 18,26, 3.1,4.4,10). Ver Introdução.

* **1.5 vossa cooperação.** Lit., "comunhão". Uma alusão ao auxílio financeiro recebido dos filipenses (4.10-20).

no evangelho. O termo "evangelho”, designação preferida de Paulo para a sua mensagem, ocorre nove vezes em Filipenses (proporcionalmente, mais do

que em qualquer outra carta). Paulo e os filipenses estão unidos pelo compromisso comum com o evangelho (v.7).

desde o primeiro dia. Isto é, desde o início, quando o evangelho chegou em Filipos (4.15; At 16.12-40).

* **1.6 há de completá-la.** A perseverança dos santos não acontece sem que Deus os preserve pela graça. Ver "Perseverança dos Santos" em Rm 8.30. O propósito salvador de Deus será completado no "dia de Cristo" (v.10; 2.16), quando ele retornar em glória para ressuscitar seu povo dentre os mortos (3.11, 20, 21) e para receber homenagem universal (2.9-11).

* **1.7 vos trago no coração.** As palavras gregas poderiam ser traduzidas por "me trazeis em vosso coração". Os filipenses são "participantes da graça" com Paulo apoiando o seu ministério (cf. v. 5).

defesa e confirmação. Termos que sugerem testemunho apóstolico durante um julgamento (cf. v.16; Mc 13.9-11).

* **1.8 terna misericórdia.** O substantivo grego, assim como o verbo correlato que aparece com freqüência nos Evangelhos em relação a Jesus (p.ex., Mt 9.36; 14.14), indica sentimento profundo.

* **1. 9,10** Paulo relata aos filipenses que ora por eles (v.4) e qual é o conteúdo dessa oração. A fé cristã ("conhecimento e toda a percepção") encontra expressão no amor cristão e em um procedimento sincero e sem culpa ("serdes sinceros e inculpáveis"; cf. Cl 1.9-11). A ausência de amor mostra que não há proveito em pretenso conhecimento (1Co 13.1-3); o amor como tal é conhecimento em sua forma mais profunda (1Co 8.1 - 3). A seriedade da oração de Paulo para que "o amor aumente mais e mais" entre os filipenses transparece melhor em 2.1-18.

* **1.11** Não só é o pecador justificado pela fé em Cristo (3.9) como "o fruto da justiça", a vida reta que segue, é "mediante Jesus Cristo" pela obra do seu

Espírito (Gl 5.22,23), "para a glória e louvor de Deus", o Pai. Atuam na santificação dos crentes o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

* **1.12 para o progresso do evangelho.** Em virtude da prisão de

Paulo, o evangelho transitou irresistivelmente por toda a guarda do palácio e mesmo para além dela.

* **1.13 todos os demais.** A prisão de Paulo por pregar a Cristo tornou-se conhecida não somente dos soldados a serviço do imperador, mas também da casa imperial (cf. 4.22) e, talvez, também da população romana.

* **1.14 irmãos.** Paulo dirige-se igualmente a homens e mulheres com esse termo.

no Senhor. Essa locução tão importante nas cartas de Paulo alude à união do crente com Cristo e aos bens divinos acessíveis, por meio de Cristo, aos que estão em união com ele (4.13). A locução ocorre nove vezes em Filipenses (contando 2.19). Por meio da prisão de Paulo, o Senhor fortalece e encoraja os cristãos a proclamar o evangelho sem medo.

* **1.15-18** Não há rivalidade quanto à mensagem, uma vez que os dois partidos pregam a Cristo, mas com motivos e atitudes opostas. O motivo de um grupo é boa vontade e amor a Cristo, e a defesa que Paulo faz do evangelho explica porque eles amam o apóstolo (vs. 15,16). O principal motivo do outro grupo é "inveja" (vs. 15,17), exatamente a atitude contra a qual Paulo adverte os filipenses (2.1-5). Eles pregam a Cristo para que eles mesmos possam parecer importantes, uma atitude completamente diferente da de Paulo (vs. 20,21), a cujo sucesso reagem procurando aumentar seu sofrimento (v. 17).

* **1.19 libertação.** Paulo espera sair da prisão mas não há como ter certeza disso (vs. 20-27; 2.24). Deus o libertará (v. 28) pelos meios que tiver escolhido, quer humanos como divinos ("vossa súplica" e "provisão do Espírito de Jesus Cristo").

Espírito de Jesus Cristo. Paulo refere-se à terceira Pessoa da Trindade como o Espírito de Deus e como o Espírito de Cristo (Rm 8.9, Gl 4.6).

*** 1.20** A paixão de Paulo não é viver nem morrer, mas ver Cristo, de uma

forma ou de outra, engrandecido (2.17; cf. Rm 12.1,2).

*** 1.21 o viver é Cristo.** Para o apóstolo, Cristo é sua razão de existir.

o morrer é lucro. Ao invés de desfazer a união que Paulo tem com Cristo, a morte vai introduzir Paulo em uma experiência mais profunda dessa união.

*****
1.23 constrangido. Paulo quer estar com Cristo mas

permanecer na terra por causa da igreja. Este é o dilema. Contudo, a decisão está nas mãos de Deus, e Paulo está confiante de que Deus tem mais trabalho para ele entre os filipenses (vs. 24,25).

estar com Cristo. A linguagem que Paulo emprega aqui lança alguma luz sobre a natureza do estado intermediário (isto é, a condição da pessoa no período entre a morte física e a ressurreição). Ver nota teológica "Morte e Estado Intermediário", índice.

*** 1.27 um só espírito... uma só alma.** Paulo conclama os crentes à

unidade.

lutando. Paulo exorta os leitores a não esmorecerem sob a pressão dos que se opõe, mas a, em vez disso, exercerem sua própria pressão. Ou seja, proclamar o evangelho no qual eles têm crido (Ef 1.13) e viver de modo digno do mesmo.

*** 1.28-30** Paulo encoraja os crentes de Filipos com quatro afirmações. (a)

A coragem deles face à oposição é um sinal do julgamento divino confrontando os perseguidores (2Ts 1.5-10). (b) Tal coragem é também um sinal da própria salvação integral dos crentes, no sentido redentivo (Rm 1.16, 13.11). (c) Sofrer por Cristo é uma honra dada por Deus (3.10). (d) Paulo compartilha da luta

deles (vs. 7-26; At 16.19-24; 1Ts 2.2) e seu exemplo pode encorajá-los assim como aos "irmãos" (v. 14).

* **2.1-4** O caráter poético destes versículos tornam as palavras de Paulo

especialmente vigorosas. O apelo quádruplo do v. 1 (note a repetição da construção "se... alguma") serve de base para as exortações dos vs. 2-4.

* **2.1 exortação em Cristo.** Em sua união com o Salvador eles

encontram incentivo para buscar unidade uns com os outros. Para seguirem o exemplo de Cristo, é preciso primeiro estar em Cristo (cf. v. 5).

consolação de amor. Os crentes são encorajados porque Cristo os ama (Gl 2.20) e porque amam a Cristo e uns aos outros (v. 2).

comunhão do Espírito. Essa locução também pode ser traduzida como "comunhão produzida pelo Espírito".

* **2.2 penseis a mesma coisa... mesmo amor... unidos de alma...**

mesmo sentimento. A ênfase na unidade é forte (cf. 1.27).

* **2.3 partidarismo.** O orgulho é competitivo por natureza e tenta elevar

uma pessoa acima das outras, promovendo assim conflitos em vez de

harmonia (vs. 2,14; 1.27). Já a humildade aceita um lugar de serviço, preocupando-se com necessidades e interesses dos outros (v. 4). O amor (v. 2) é essencial à humildade (1.9; 1Co 13.4,5).

* **2.5** Esse versículo faz a conexão entre as exortações (vs.1-4) e o hino

(vs. 6-11). Abordando o orgulho que está na raiz da discórdia dos filipenses (1.27-2.4), Paulo aponta para Cristo como o exemplo supremo de humildade. Mas Cristo não é só um exemplo (Rm 15.1-3, 2Co 10.1). Ele é, antes de tudo, Senhor e Salvador (v. 11; 3.20).

* **2.6-11** Esse "hino a Cristo" pode ser dividido em seis versos. Os três

primeiros (vs. 6-8) celebram a humilhação de Cristo; os três últimos (vs. 9-11), sua exaltação.

* **2.6 subsistindo em forma de Deus.** A palavra "forma" refere-se à realidade subjacente e não apenas à aparência. Jesus ser "em forma de Deus" significa que ele é divino.

não... usurpação. Essa figura de linguagem transmite a idéia de que alguma coisa almejável já era possuída. Jesus não estava tentando se tornar Deus e não se prendeu a privilégios que sempre foram dele.

* **2.7 a si mesmo se esvaziou.** Não diz que Cristo tirou de si mesmo sua identidade como Deus. O significado da frase é que ele a si mesmo se humilhou, deixando seu status celestial, não seu ser divino. A natureza de seu esvaziar-se a si mesmo é definida nas três frases que seguem ("assumindo... tornando-se... reconhecido"). Ver "A Humanidade de Jesus" em 2Jo 7.

servo. Isto é, um escravo. A linguagem expressa de forma vivaz a prontidão de Cristo para despojar-se de seu status tão elevado (v. 6, nota).

em semelhança de homens. Cristo é verdadeiramente humano. "Semelhança" significa mais que similaridade. Para que pudesse morrer (v. 8), tinha que ser completamente humano. Ao mesmo tempo, Paulo faz uma distinção entre Cristo e outros seres humanos. Ao contrário desses, não tem pecado (2Co 5.21). E, com respeito à sua natureza divina, permanece transcendente sobre a realidade criada; não pode deixar de ser um ser celestial mesmo em sua humilhação.

em figura humana. A "aparência" de Cristo como um homem não era uma ilusão. Ele se revelou através de uma completa e genuína natureza humana unida com sua natureza divina em uma Pessoa, a qual é divina e humana.

* **2.8 a si mesmo se humilhou.** A linguagem aqui é paralela à frase "a si

mesmo se esvaziou" no v. 7. Cada ato ocorre pelo livre exercício da vontade pessoal de Cristo.

obediente. O significado da submissão à vontade do Pai (Hb 10.5-9) é maior em se tratando daquele que é igual ao Pai (v. 6) do que de qualquer outra pessoa. As palavras de Paulo encerram toda a vida de obediência de Cristo ao mesmo tempo que acentuam sua morte como expressão suprema de obediência.

cruz. A ênfase recai mais sobre a prontidão de Cristo para sofrer a mais vergonhosa e dolorosa das mortes do que sobre o significado expiatório do evento (cf. Rm 3. 21-26).

* **2.9 Pelo que também Deus.** O ato do Pai é uma resposta direta à obediência de Cristo.

o exaltou sobremaneira. Cristo é restaurado ao glorioso status que tinha no começo mas ao qual voluntariamente deixara temporariamente para tornar-se um ser humano (Jo 16.28; Hb 2.9,14).

* **2.10 ao nome de Jesus.** O sentido dessa expressão também pode ser "o nome que pertence a Jesus", isto é, "Senhor" (v. 11). Paulo, muito provavelmente, está dizendo que o proferir do nome "Jesus" é sinal diante do qual "todo joelho se dobrará" para lhe oferecer adoração e o aclamar Senhor.

* **2.11 Senhor.** A humildade de Cristo é a sua glória (cf. Mt 23.12). O "nome que está acima de todo nome" (v. 9) é "Senhor". Na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento), o nome de Deus é representado pelo título "Senhor" *(kyrios,* em grego). Cristo é agora aclamado como sendo o que sempre foi, a saber, o verdadeiro Deus (1Jo 5.20). O louvor que lhe é dado compreende a humanidade ("Jesus") e a divindade ("Senhor") de Cristo; ele é adorado como o Deus-Homem. Ver "Jesus Cristo, Deus e Homem" em Jo 1.14.

Deus Pai. Jesus Cristo é o Filho do Pai. Tão unidas são as Pessoas da Divindade que adorar ao Filho glorifica o Pai. Embora o faça em outras passagens (Rm 8.3, Gl 4.4), Paulo não se refere a Jesus como o Filho de Deus em Filipenses.

* **2.12 Assim, pois.** Tendo por base o exemplo supremo de Cristo, Paulo

retoma sua exortação. A presença do apóstolo encoraja os filipenses à obediência mas, porque a motivação básica vem de Deus que está agindo neles (v.13), a obediência deles vai florescer também na ausência de Paulo (1.27).

a vossa salvação. Como em 1.28, é salvação integral no sentido de redenção, com ênfase especial na santificação do crente. O processo de santificação requer obediência à exortação dos vs. 1-5. Ver "Santificação: o Espírito e a Carne" em 1Co 6.11.

temor e tremor. Reverência e respeito ao invés de pânico e alarme. As emoções apropriadas são despertadas pela presença de Deus (v.13) e não por questões e dúvidas acerca da segurança eterna.

* **2.13 Deus é quem efetua em vós.** A aplicação de esforço humano (v.

12), longe de violar a vontade de Deus, é exatamente o que ele ordena para o alcance de seu propósito salvador (Ef 2.8-10). Tendo invocado o exemplo de Cristo, Paulo reafirma aos filipenses que não vêm deles mesmos o querer e o realizar, mas que a vontade e as ações de cada um deles são arenas nais quais atua o poder do próprio Deus (4.13; 1Ts 2.13).

* **2.14 sem murmurações nem contendas.** Os filipenses não devem imitar os antigos israelitas (Êx 15.24, 16. 7-9; 1Co 10.10). Note também a alusão, no v. 15, a Dt 32.5. É, inclusive, possível que os filipenses tivessem murmurado contra os líderes da igreja como os israelitas fizeram contra Moisés (v. 29; 1Ts 5.12,13).

* **2.15 para que vos torneis.** Está em vista o testemunho da união da

igreja como um só corpo.

irrepreensíveis e sinceros... inculpáveis. O significado desses termos sobrepõe-se consideravelmente. Paulo descreve a qualidade de vida que se requer dos "filhos de Deus". Tais pessoas resplandecerão como "luzeiros no mundo" em evidente oposição à "geração pervertida e corrupta" entre a qual vivem e para a qual também oferecem esperança (cf. Mt 5.14-16; At 2.40).

* **2.16 preservando.** Paulo está preocupado com a fidelidade dos

próprios filipenses ao evangelho de Jesus Cristo (1.27; 2.1-5).

a palavra da vida. Refere-se tanto ao evangelho como aos ensinamentos éticos nele fundamentados (1.27; 4.8,9).

eu me glorie. Paulo, no "Dia de Cristo" (1.10, cf 1.6), terá mais satisfação pelo crescimento espiritual dos filipenses do que pelo seu

próprio (1.9-11).

*** 2.17 mesmo que seja eu oferecido.** Paulo não se refere aqui ao seu

sofrimento presente mas à possibilidade de vir a morrer como um mártir.

libação. Uma oferta líquida, normalmente vinho e não sangue, que acompanhava sacrifícios.

sacrifício e serviço da vossa fé. Donativos dos filipenses para Paulo (4.1020).

alegro-me e... me congratulo. O sofrimento, para o apóstolo, pode produzir alegria. Assim também os filipenses devem agir (v. 18).

*** 2.21 seu próprio.** Esse versículo é como um eco do pensamento

expresso no v. 4. A vida de Timóteo é um modelo da humildade a que Paulo conclama os seus leitores e uma imagem da humildade do próprio Cristo (vs. 511)

*** 2.22 como filho ao pai.** Timóteo era um íntimo cooperador de Paulo na

causa de Cristo, de quem ambos eram servos (1.1). Como um servo de Cristo, Timóteo cuidará com sinceridade do bem estar de outros (v. 20).

*** 2.23 é quem espero enviar.** Em meio a circunstâncias difíceis

(1.29,30), com a possibilidade de um julgamento próximo inclusive, Paulo precisa de uma pessoa do caráter de Timóteo. Nos vs. 23,24, Paulo expressa a mesma confiança registrada em 1.19-26.

*** 2.24 no Senhor.** Os planos que dizem respeito a Timóteo e a

Paulo

são submetidos à vontade divina (v. 19).

* **2.25 Epafrodito.** Esse companheiro de trabalho de Paulo é, assim

como Timóteo, digno de honra. A exemplo de Timóteo e do próprio Jesus, ele é uma pessoa dedicada às outras. Obedece a Cristo apresentando-se como servo para outros crentes, sejam esses os filipenses (4.18) ou Paulo, por quem arrisca a sua própria vida (vs. 26,27,30).

* **2.26 angustiado.** Assim age Epafrodito, menos preocupado com sua

doença do que com o efeito dessa notícia sobre os filipenses.

* **3.1 Quanto ao mais, irmãos meus.** Uma antecipação das exortações

finais da carta (4.2-9).

alegrai-vos nos Senhor. Esse apelo é repetido em 4.4.

as mesmas coisas. Trata-se do que Paulo dirá a seguir, nos vs. 2-21 (cf. v. 18). Paulo repete aqui instruções anteriormente passadas aos filipenses, quer pessoalmente ou por carta, para que pudessem estar em "segurança" contra falso ensino na igreja.

* **3.2 cães... falsa circuncisão.** Os adversários de Paulo aqui, sejam eles

cristãos (como em Gálatas) ou não-cristãos, defendem a lei de Moisés e insistem na circuncisão como o emblema da salvação (cf. At 15.1).

* **3.3 nós é que somos a circuncisão.** Em resposta aos

judaizantes e

sua ênfase equivocada no rito exterior e físico da circuncisão, Paulo afirma que os cristãos são a verdadeira circuncisão, isto é, o Israel espiritual (Gl 3.6-4.7).

nos gloriamos em Cristo Jesus. Em contraste radical com "confiamos na carne".

carne. Esse termo, em Paulo, resume tudo que é natural e humano. Nesse versículo, contudo, refere-se provavelmente ao ato físico da circuncisão (v. 5; Gl 6.12-15).

* **3.4-6** Estes versículos apresentam uma lista com sete "características

de linhagem" que qualificavam a Paulo como seguidor da lei.

* **3.5 ao oitavo dia.** A circuncisão de Paulo foi segundo Gn 17.12.

de Israel. Ver Rm 9.3,4; 11.1.

da tribo de Benjamim. Paulo, outrora Saulo de Tarso, pode ter recebido esse nome por causa do rei Saul, também de Benjamim (1Sm 9.1,2).

fariseu. A vida de Paulo era de escrupulosa obediência à lei, tanto à Torá como às tradições judaicas que lhe foram agregadas (At 22.3; 26.5; Gl 1.14).

* **3.6 perseguidor da Igreja.** Ver At 9.13,14; 22.4,5; 26.9-11; 1Co 15.9;

Gl 1.13,14.

irrepreensível. Não a pretensão de estar sem pecado (Rm 7.7-13) mas de ter vivido com fidelidade aos preceitos do Antigo Testamento. A obediência de

Paulo à lei era respeitável mas seu conseqüente "confiar” (a palavra é repetida três vezes nos vs. 3 e 4) era o pior dos pecados.

* **3.7 o que... era lucro.** É óbvio que Paulo não está pensando em suas

transgressões da lei mas em sua escrupulosa obediência aos mandamentos da lei (v. 6).

considerei perda. Essa decisão é bastante significativa, porque aquilo ao que Paulo renuncia é (ao menos em parte) uma virtude, o que talvez seja ainda mais difícil de renunciar que um vício. Contudo, conforme Paulo agora compreende, quanto mais nobre a linhagem e quanto mais elevadas as conquistas, maior a tentação ao orgulho e à confiança em si mesmo (Lc 18.914; Ef 2.8,9). Paulo despreende-se completamente de tudo quanto permite confiança em si mesmo ou proveito pessoal "por causa de Cristo”.

* **3.8 refugo.** A palavra grega é empregada em sentido figurado; seu

significado literal é "lixo” e já foi traduzida como "estrume”. Paulo joga fora, com aversão, qualquer coisa que possa interferir na "sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor”.

* **3.9-11** O versículo 9 fala de justificação; o v.10, de santificação e o v.11,

de glorificação. A seqüência previlégio-morte-exaltação sugere relação com 2.6-11.

* **3.9 não tendo justiça própria.** Paulo, agora, admite que a salvação

não se baseia no que o ser humano alcança obedecendo à lei, mas inteira e exclusivamente na "justiça que procede de Deus”, dada

àqueles que estão unidos com Cristo (Rm1.16,17; 3.21-26).

fé em Cristo. Cristo é o objeto da fé (Gl 2.16), por esse motivo, agora que põe sua confiança somente em Cristo, Paulo abandona toda a confiança que tinha em suas próprias credenciais (vs. 7,8). A fé é o meio, não o fundamento, da salvação. Paulo afirma que somos salvos "através da fé", jamais que somos salvos "por causa da fé". O fundamento da salvação é o mérito de Cristo. A fé,

sendo meio, não confere valor de si mesma mas liga-nos a Cristo a ao seu mérito.

baseada na fé. A fé recebe o dom da justiça que vem de Deus (Rm 3.22; 5.17) e, com base nessa justiça, o veredito de justificação é dado quando uma pessoa crê (Rm 4.3; 5.1; Gl 3.6). Assim, a fé e a justificação são cronologicamente simultâneas, embora a fé tenha precedência lógica.

*** 3.10 para o conhecer.** Esse é o mais ardente anseio de Paulo (1.20

23); não fala apenas de maior percepção intelectual mas de uma união pessoal mais profunda. As duas orações seguintes explicam como, no presente, esse conhecimento de Cristo é experimentado.

sua ressureição. Para o apóstolo, a identificação com o Cristo crucificado e ressurreto é fundamental na vida cristã. Noutra passagem (2Co 4.7,10,11), Paulo ensina que é pela participação nos sofrimentos de Cristo que se manifesta o poder da ressurreição de Cristo na vida do cristão. Essa identificação com os sofrimentos de Cristo não acontece exclusivamente por meio do martírio (2.17) mas na vida inteira.

*** 3.11 de algum modo.** Paulo reconhece que a perseverança do crente

depende da vontade e da ação do soberano Deus (1.6; 2.13; 3.12-

14,21; cf. Hb 6.3).

a ressurreição. A participação nos sofrimentos de Cristo prepara para a participação em sua glória na ressurreição dos mortos (vs. 20,21; Rm 8.17).

*** 3.12 Não que eu o tenha já recebido.** O prêmio da salvação, em sua

plenitude, ainda não foi alcançado, algo que Paulo enfatiza contra idéias perfeccionistas (cf. 1Co 4.8; 2Tm 2.18; 1Jo 1.8). No entanto, já começou o processo de salvação que será consumado no dia de Cristo (1.6,10) e da ressurreição dos mortos (3.11).

*** 3.14 o alvo.** O objetivo pelo qual Paulo se esforça promete um

esplêndido troféu — salvação em toda sua plenitude (cf. 1.28; Rm 13.11).

da soberana vocação de Deus. Deus chamou a Paulo, no início (Rm 8.30; Gl 1.15). É porque Paulo pode dizer "fui conquistado por Cristo Jesus" (v.12) que ele prossegue para o alvo da vida na glória (v.13).

*****

3.15 Todos, pois, que somos perfeitos. Essas palavra

tributo a pessoas que realmente pensam e vivem com tal maturidade. Outra possibilidade é que aqui Paulo esteja referindo-se ironicamente às pessoas que se consideram já na "perfeição" (v.12), idéia que Paulo precisa corrigir.

tenhamos este sentimento. Uma referência à instrução dos vs. 12-14.

se... pensais doutro modo. Essas palavras podem reforçar o apelo precedente no sentido de concordarem com Paulo, mas a repetição

de "tenhamos este sentimento... pensais” lembra 2.1-5 e sugere que o apóstolo também visa aqui a harmonia entre os próprios filipenses.

Deus vos esclarecerá. Seja para o discernimento e a compreensão espiritual ou para a harmonia entre os crentes, a graça de Deus é necessária (1.9-11). Até lá, cada crente deve conduzir-se conforme o grau de discernimento já recebido de Deus (v. 16).

*

3.17 sede imitadores meus. O exemplo que Paulo é

apresentado nos vs. 18,19. Paulo é fiel à cruz (Gl 6.14), Cristo é sua glória (v. 21; cf. v. 3) e sua preocupação são as coisas celestiais (vs. 20,21)

* **3.18,19** Esses versículos poderiam descrever quaisquer adversários

(1Co 1.23), inclusive os judaizantes (vs. 2-6; Gl 2.15-21). Paulo pode ter em mente, de forma especial, os que concebem a Cristo como espírito puro e que zombam da idéia dele trazer salvação por meio da encarnação e de um "corpo da sua carne” que pudesse morrer (Cl 1.22). Tais pessoas consideram-se vivendo em um plano espiritual elevado, o que lhes permite entregarem-se livremente aos prazeres sensuais, seja comida ("o deus deles é o ventre”) ou sexo ("a glória deles está na sua infâmia”; cf. 1Co 6.9,10).

* **3.18 chorando.** Paulo chora, não por medo de que alguém possa

desfazer o que Cristo fez mas por causa da destruição reservada aos inimigos do evangelho. Esse destino (v. 19) completa o processo destrutivo iniciado pelo pecado deles mesmos (Rm 1.18-32; Gl 6.7,8).

*

3.20 nossa pátria. Assim como Filipos era uma colôn Roma (At

16.12), a igreja é uma colônia dos céus.

também aguardamos. Essa expectativa corresponde ao anseio mencionado em 1.23. Esse verbo é empregado nas espístolas de Paulo sempre com relação a esse tema (Rm 8.19,23,25; 1Co 1.7; Gl 5.5).

*** 3.21 transformará o nosso corpo de humilhação. Diante de uma**

atitude de desprezo do corpo (vs. 18,19, nota), Paulo celebra a transformação de nossos corpos por Cristo (cf. 1Co 15.50-53). Ver "Ressurreição e Glorificação" em 1Co 15.21).

igual ao corpo da sua glória. Cristo ressuscitou, ele mesmo, corporalmente da sepultura, como "primícias" de uma grande colheita (1Co 15.20-23). Assim como o Pai fez justiça à obediência de Cristo (2.6-11), também a fidelidade dos crentes na aflição culminará na gloriosa ressurreição que lhes está preparada.

subordinar a si todas as coisas. Ver 1 Co 15.20-28.

*** 4.1 permanecei... firmes.** Paulo pode estar antecipando as exortações

seguintes, especialmente as difíceis dos vs. 2 e 3. Isso ajuda a explicar a presença de tantos termos expressando amabilidade no v. 1. O desafio para "permanecer firmes" remete-nos a 1.27 (onde ocorre o mesmo mandamento) e apoia-se imediatamente sôbre a declaração de esperança de 3.20,21. Paulo está pensando na volta de Cristo quando chama seus leitores de "alegria" e "coroa" (1Ts 2.19,20).

*** 4.2 Rogo.** Paulo solicita em vez de ordenar e, dirigindo-se primeiro a

uma mulher e depois a outra, dá mais força ao pedido.

Evódia... Síntique. Não há outra menção dessas mulheres no Novo Testamento. São valorosas cooperadoras de Paulo e, ao que parece, pessoas de influência na igreja.

pensem concordemente. A principal preocupação de Paulo não é que elas concordassem uma com a outra, conforme sugerido algumas vezes, mas que elas tivessem a atitude recomendada em 2.2.

* **4.3 companheiro.** A palavra grega (*syzygos*) pode ser um nome próprio.

com Clemente. Único registro desse nome no Novo Testamento.

livro da vida. Os nomes de todos os eleitos de Deus estão inscritos neste livro (Ap 3.5; 20.15).

* **4.4 Alegrai-vos.** A alegria é um dos temas dominantes em Filipenses. A obediência a esse mandamento é sempre possível, mesmo em meio de conflito, adversidade e privação, porque a alegria não repousa em circunstâncias favoráveis mas "no Senhor". Paulo recorre à repetição para enfatizar essa verdade.

* **4.5 moderação.** A palavra grega denota o espírito magnâmico que supera ofensas ou um espírito paciente, que tem Jesus como o exemplo supremo (2Co 10.1). Uma pessoa assim não insiste em seus direitos (2.1-4). Somente pessoas com essa atitude aprendem o segredo da alegria.

Perto está o Senhor. Pode-se entender essa proximidade como temporal, referindo-se à vinda de Cristo como um evento futuro (3.20,21), com o fim de

fortalecer a esperança. Mas também é possível que Paulo esteja falando da companhia constante de Cristo com aqueles que estão unidos a ele (1.1).

* **4.6 Não andeis ansiosos de coisa alguma.** Embora a mesma palavra apareça em 2.20 descrevendo uma preocupação caridosa para com outros, aqui ela denota uma ansiedade incompatível com a confiança em Deus (cf. Mt 6.25).

em tudo. A linguagem de Paulo é deliberadamente inclusiva; nada há que a possa restringir.

petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças. Esses quatro termos dividem-se em dois pares. Paulo não está definindo tipos diferentes de oração. Ao invés, o conjunto das palavras revela a importância que ele dá à prática da oração. Apresentar pedidos em oração fornece um escape para a ansiedade (1Pe 5.7). Fazer isso "com ações de graças" é, em si, um antídoto contra a preocupação.

* **4.7 paz de Deus.** Essa é a resposta imediata à oração por causa da ansiedade. Coisas que não podem ser inteiramente compreendidas podem, todavia, ser experimentadas em paz por aqueles que estão "em Cristo" (1.1; cf. Ef 3.18,19).

* **4.8** Concluindo essas exortações, Paulo conclama seus leitores a uma vida de obediência, que é a resposta correta à paz de Deus. A lista de virtudes não é exaustiva mas representativa; também são incontáveis os meios através dos quais se manifestam (observe a respetição de "tudo o que é"). A necessidade de pensar em coisas assim não tem um fim em si mesma, mas deve ser a preparação para a ação planejada (v.9).

verdadeiro. Ver Ef 4.24,25.

respeitável. A palavra grega significa "honrado" ou "digno de respeito".

justo. Ver Tt 1.8

puro. Ver 1Tm 5.22

amável... de boa fama. Termos usados somente aqui no Novo Testamento.

* **4.9** Os filipenses devem guiar-se tanto pelo ensinamento de Paulo como pelo seu exemplo, especialmente seu amor pelos filipenses (v.1; 1.3-8; 2.12).

o Deus da paz. Uma promessa ainda mais preciosa do que "a paz de Deus" (v. 7). Seu cumprimento depende da obediência.

* **4.10-20** Paulo volta ao tema do primeiro capítulo — a cooperação dos filipenses no evangelho (1.5), especialmente seu apoio financeiro.

* **4.10 vos faltava oportunidade.** Paulo faz uma ressalva, para que não entendam suas palavras como repreensão.

* **4.11-13** Esses versículos não negam a necessidade por que Paulo passava mas, ao contrário, são um testemunho de que vivia contente tanto na fartura como na escassez.

* **4.13 tudo posso.** Confiando no poder de Cristo e seguindo seu exemplo (2.5; 3.10), Paulo pode enfrentar todas as circunstâncias com contentamento. Ele quer imprimir em seus leitores a mesma lição (vs. 6,7,19).

* **4.14** As ressalvas feitas nos vs. 10-13 tornam necessária a reafirmação da gratidão de Paulo pela ajuda deles recebida naquela hora de privação (1.17).

* **4.15,16** Mesmo antes de Paulo ter partido da Macedônia, os filipenses

haviam sido, mais de uma vez, generosos para com ele.

* **4.15 no início do evangelho.** Isto é, quando o evangelho começou a

ser pregado em Filipos (1.5).

quando parti. Foi em sua segunda viagem missionária que Paulo partiu da Macedônia para a Acaia (At 16.40; 18.18).

*** 4.17,18** Conforme o v. 18 evidencia e enfatiza, Paulo tem suprimentos

em abundância e não quer sobrecarregar ainda mais a igreja. O principal motivo porque Paulo está alegre (v. 10) não é que suas necessidades foram supridas. Ele alegra-se muito mais porque reconhece que os donativos dos filipenses são um ato de culto agradável a Deus (Hb 13.15,16) e porque sabe que Deus os abençoará e recompensará ricamente (2Co 9.6). Ver "Agradando a Deus" em 1Ts 2.4.

*** 4.19 cada uma de vossas necessidades.** Compreendidas tanto

necessidades materiais como espirituais (vs. 6,7). A promessa é para os que estão em Cristo Jesus (v. 21; 1.1).

*** 4.20 Amém.** Quando ocorre no final de uma oração, essa palavra é

uma resposta de confiança e de compromisso com o que foi dito. Ela confirma a fidedignidade e confiabilidade do que foi declarado.

* **4.21 cada um dos santos. Lembra 1.1.**

irmãos. Aqui, como sempre, companheiros crentes de ambos os sexos. Paulo emprega esse termo freqüentemente com relação aos filipenses (1.12; 3.1).

que se acham comigo. Ver 1.1,14.

* **4.22 Todos os santos vos saúdam.** Refletindo a unidade corporativa

dos crentes, em uma mesma congregação e entre igrejas locais, Filipos e Roma, por exemplo.

os da casa de César. Os servos do palácio e não os membros da família real, os crentes romanos com os quais Paulo tem maior contato (1.13).

Colossenses

* **1.1,2** Com respeito às saudações de Paulo, ver nota em Rm 1.1.

* **1.1 Timóteo.** Ver Introdução à 1 Timóteo: Data e Motivo.

* **1.4 fé em Cristo Jesus.** Em face de um ensino que circulava em Colosso questionando se exclusivamente Cristo podia ser suficiente, Paulo lembra os seus leitores, por meio de sua oração de gratidão, de que o que eles já têm "em Cristo" é suficiente.

* **1.5 por causa da esperança.** Fé, esperança e amor são centrais na compreensão de Paulo acerca da vida cristã (Rm 5.2-5; 1Co 13.13; Gl 5.5,6; 1Ts 1.3; 5.8; cf. Hb 10.22-24). Ele os trata como dádivas de Deus ao invés de virtudes produzidas pelos próprios crentes. Paulo enfatiza a soberania de Deus na salvação e a segurança dos crentes em seu relacionamento com Cristo (Ef 1.4; 2.8).

* **1.6 em todo o mundo.** Ver nota no v. 23.

* **1.7 Epafras.** Ver Introdução: Data e Motivo.

* **1.10 para o seu inteiro agrado.** Ver "Agradando a Deus" em 1Ts 2.4.

* **1.12-14** Paulo expressa sua gratidão pelo bom começo dos colossenses (vs. 3-8) e encoraja-os a reconhecer que seu Pai celestial os resgatou terminantemente do poder das trevas. Eles podem, portanto, ser gratos pela redenção que desfrutam (2.7; 3.17; 4.2).

* **1.12 que vos fez idôneos.** O falso ensino em Colosso resultou na covardia dos crentes diante dos seres sobrenaturais pagãos, que eram considerados capazes de desqualificar até mesmo os próprios crentes da vida com Deus (2.16, 18, 20-23). Isto explica o uso que Paulo faz aqui do termo

"idôneos" — nenhum poder no universo pode colocar em dúvida as credenciais daqueles que estão "em Cristo" (vs. 2,4).

* **1.13 Ele nos libertou.** Esta linguagem lembra a libertação de Israel da

escravidão do Egito primeiro e, depois, do cativeiro na Babilônia. Paulo contempla a humanidade fora de Cristo como estando irremediavelmente sob o "poder das trevas", o governo maligno de Satanás (cf. Ef 2.1-3; 6.11). Os crentes são resgatados deste estado universal (Gl 1.4) e trazidos para permanecer sob o domínio e a proteção do Filho de Deus. A imagem da luz é apropriada aqui, pois, em outros lugares, Paulo fala da luz do evangelho brilhando nas trevas e penetrando na cegueira daqueles que estão perecendo (2Co 3.15; 4.4-6; 6.14; Ef 5.8-14; Fl 2.15; 1Ts 5.5).

do Filho do seu amor. Note a descrição de Jesus nos evangelhos sinóticos como o Filho amado de Deus (Mt 3.17; 17.5; Mc 1.11; 9.7;

Lc 3.22) e a riqueza, no Antigo Testamento, do contexto em que a designação se origina (Dt 18.15; Sl 2.7; Is 42.1).

* **1.14 a redenção.** Em Rm 8.23, Paulo fala de uma redenção do corpo

ainda por acontecer. Aqui, por redenção entende-se o perdão dos pecados e, este, como já concedido (note o padrão "outrora...agora" dos vs. 21, 22; cf. 2.13, 17, 20; 3.9, 10). Compare com o que Paulo diz aos coríntios, os quais enfatizavam excessivamente o "já" da salvação e negligenciavam o que ainda estava por vir (1 Co 4.8-13; cap. 15).

a remissão dos pecados. Ver 2.13 e nota.

* **1.15-20** Paulo irrompe em uma doxologia à grandeza e à glória de Jesus Cristo. Muitos crêem que Paulo está fazendo uma adaptação de um hino cristão primitivo. Apontando para a supremacia de Cristo na criação (vs. 15-17) e na redenção (vs. 18-20), ele aponta o que estava faltando no falso ensino em Colosso - uma compreensão adequada da pessoa de Cristo. Fazendo isso na forma de um hino, convida os leitores a adorarem o Filho de Deus.

* **1.15 a imagem do Deus invisível.** Para Paulo, a fé na divindade de Cristo (Rm 9.5; Fl 2.6; Tt 2.13) é prática. Sendo por natureza Deus, Cristo revela o Deus, de outra maneira, invisível (1Tm 1.17; 6.16). O pensamento é encontrado também em Jo 1.1-18 e em Hb 1.3. Calvino observa que "devemos ter cuidado em não procurá-lo em nenhum outro lugar, pois, à parte de Cristo, seja o que for que se oferecer a nós em nome de Deus sucederá ser um ídolo" *(Comentário* a Cl 1.15).

o primogênito de toda a criação. Paulo não está dizendo que o Filho foi o primeiro ser criado (v. 17, nota). No Antigo Testamento, um filho primogênito seria o principal herdeiro dos bens deixados (Dt 21.17; cf. Êx 4.22; Sl 89.27). O termo "primogênito" é empregado com relação a Cristo para afirmar que ele tem tal honra e dignidade, e não

no sentido de filho mais velho em uma família. Cristo é particularmente amado por seu Pai (v. 13) e todas as coisas foram criadas nele, por ele e para ele (vs. 16, 17).

* **1.16 Tudo foi criado por meio dele e para ele.** Sendo agente e fim da criação, Cristo é Senhor de tudo quanto existe, inclusive da hierarquia angélica que os colossenses pensam deverem aplacar ou reverenciar.

* **1.17** Numa veemente reafirmação da precedência temporal e da significância universal de Cristo, esse versículo torna explícito o que estava implícito no v. 16: Cristo existia antes de *toda* a criação. Ele é não criado. Também não pode ser dito, como os discípulos de Ário (c. 250-336 d.C.) afirmaram posteriormente, que "houve um tempo em que ele não era". O pensamento de que Jesus é, em todo o tempo, o sustentador do universo e o seu poder unificador ressoa em Hb 1.2, 3.

* **1.18 Ele é a cabeça do corpo, da Igreja.** Usando esse tema da segunda metade do hino, Paulo explica a imagem em Ef 1.21-23 e desenvolve suas implicações em Ef 4.15 e 5.23.

Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos. A ressurreição de Jesus marca o começo de uma nova criação (3.10, nota; 2Co 5.17). O primeiro a ressuscitar dentre os mortos, Cristo inaugura a nova era prenunciada pelos profetas do Antigo Testamento (At 2.29-36; 13.32-35) e funda uma nova humanidade em si mesmo para substituir a velha humanidade em Adão. Sua própria ressurreição é uma antecipação e uma garantia da ressurreição que todos os seus irmãos e irmãs obterão (Rm 8.29; 1Co 15.20-28; Hb 1.6; 12.23).

para... primazia. Sem diminuir a glória que o Filho pré-existente já tinha com o Pai, o Novo Testamento ensina que a ressurreição de Cristo lhe designa uma nova e mais elevada posição e lhe confere um nome ainda mais elevado (At 13.33, 34; Rm 1.4; Ef 1.20-23; Fl 2.1-11; Hb 1.4, 5). Em virtude de sua ressurreição dentre os mortos, Jesus

Cristo é Senhor do universo que ele criou, que sempre sustentou e que, agora, redimiu.

* **1.19** Ver 2.9.

* **1.20** O ponto alto do hino. A queda do gênero humano em pecado trouxe consigo a corrupção de toda a criação, visível e invisível (Gn 3; Rm 5.12; 8.20; Ef 2.2; 6.12). Através da encarnação e da morte expiatória de Cristo, a justiça de Deus é satisfeita (Rm 3.21-26), a paz entre Deus e a humanidade é restaurada (2Co 5.17-21), a glorificação final da ordem criada é assegurada (Rm 8.18-21) e os seres espirituais rebeldes têm seus poderes limitados (2.15, nota).

* **1.21-23** Tendo considerado o papel majestoso de Cristo na criação bem como na reconciliação e pacificação do universo, Paulo volta a comentar acerca dos próprios colossenses. Outrora inimigos de Deus e alienados da sua vida, agora têm paz com Deus (Rm 5.1,2).

* **1.21 estranhos... obras malignas.** O texto pode ser entendido tanto no sentido de que a alienação intelectual de Deus tem uma raiz na conduta como de que a alienação intelectual é expressa por meio da conduta. O

objetivo de Paulo é afirmar que intelecto e vontade cooperam em sua rebelião contra Deus.

* **1.22** A morte de Cristo na carne significa que a reconciliação realizada

por Deus não é mera questão de pacificação universal dos poderes hostis; ela traz consigo a renovação e a purificação individual daqueles que apreendem o evangelho e a ele aderem (2.13; Rm 5.6-11; Ef 2.4-10).

* **1.23 permaneceis na fé... não vos deixando afastar da esperança.**

A fé salvífica é fé perseverante e paciente (v. 11), ancorada na esperança (v. 5). Mas, ao contrário do ensino dos adversários, fé e esperança verdadeiras estão somente em Cristo e em nenhum outro lugar. Esse relacionamento com Cristo é confirmado pela fé e esperança, não por disciplinas ascéticas rigorosas.

pregado a toda criatura. Paulo pode falar de uma das condições da consumação dos séculos, a proclamação mundial do evangelho (v. 6; Mt 24.14; Mc 13.10), como já tendo sido completada. Paulo recorre aqui a uma hipérbole (resurso literário do exagero como ênfase). Todavia, dirigindo seu ministério aos centros urbanos do Império Romano, ele tinha a convicção de estar alcançando o mundo civilizado (At 19.10; Rm 15.18-25).

* **1.24—2.5** Paulo trouxe à memória dos colossenses a extensão cósmica do senhorio de Cristo (1.15-20) e o modo como a obra redentora de Cristo chegara a reorientar suas vidas (1.21,23). Agora ele considera o seu próprio papel no plano redentor de Deus e o relacionamento que ele espera estabelecer com os colossenses, a maioria dos quais ainda não conhecia pessoalmente, com o intuito de persuadi-los da obsessão a que estavam sujeitos pela, entre eles assim chamada, "filosofia" (2.8).

* **1.24 preencho o que resta.** Em vista do contexto dessa passagem,

que enfatiza a plena suficiência de Cristo, bem como em vista do que ele diz em outros lugares (p.ex., Rm 3.21-26; 2Co 5.17-21), Paulo não está dizendo que a obra salvífica de Cristo na cruz seja em algum aspecto deficiente. Ao contrário, porque a igreja é chamada a sofrer por Cristo (2Co 4.7-12; 1Ts 3.2-

4), há um requisito de sofrimento divinamente fixado a ser experimentado pelos cristãos. Paulo também pode ter em vista aqui os sofrimentos que acompanharão o fim dos tempos (Mt 24.21, 22), um período inaugurado pela morte e ressurreição de Cristo (Rm

13.11-14; 1Co 7.29). Isso também explica a referência ao sofrimento de Paulo em prol da igreja (Ef 3.13; 2Tm 2.10). Como um servo do evangelho, Paulo alegra-se na oportunidade que tem de participar dos sofrimentos do povo de Deus. A passagem não dá a entender que a Igreja seja uma encarnação contínua de Cristo, cujos membros, mediante o sofrimento, adicionam mérito salvífico além do que Cristo obteve.

* **1.26 mistério.** Na religião pagã da época, os "mistérios" eram compreensões secretas fornecidas (normalmente mediante pagamento de taxa) a alguns poucos seletos, iniciados. Com certa ironia, Paulo usa o termo para a revelação que Deus facultou sem preço algum às nações (v. 27; 2.2; 4.3; Ef 1.9; 3.3, 4, 9; 5.32; 6.19). Em Paulo, "mistério" refere-se àquilo que outrora estava oculto, mas que agora está sendo revelado.

oculto. O propósito salvífico de Deus para com os gentios esteve em grande parte oculto deles antes da vinda de Cristo. As gerações anteriores foram deixadas a "andar em seus próprios caminhos" (At 14.16; cf. Rm 1.24-32; Ef 2.12). O Antigo Testamento revelou em sombras, sinais e advertências que Deus viria habitar pessoalmente entre seu povo (v. 27; Ez 36.25-27) e que criaria uma nova humanidade unindo gentios e judeus através do Messias (Gn 12.3; Zc 9.9, 10; Ef 3.5, 6, notas).

* **2.1 laodicenses.** Ver Introdução: Data e Motivo. Embora Paulo também não tivesse visitado essa igreja, esperava que esta carta fosse lida lá (4.16).

* **2.6,7** Um bom exemplo do vocabulário pastoral de Paulo, no qual o

"deve" da vida cristã fundamenta-se sobre o "é" do ter recebido o dom da vida em Cristo. Embora Paulo algumas vezes descreva as boas novas de Jesus Cristo como uma tradição que pode ser recebida, ele não emprega o termo "tradição" para costume humano ou opinião

histórica mas para a "entrega” de

uma mensagem divina da parte de Deus (1Co 11.2; 2Ts 3.6). Como o progresso dos colossenses se dará com base no que já chegaram a conhecer de Cristo, sua obediência a partir de agora estará baseada em gratidão (3.17) e não em frustrada e penosa culpa (3.1, nota).

*** 2.8 os rudimentos do mundo.** Ver Introdução: Dificuldades de

Interpretação.

*** 2.9, 10** Uma notável refutação dos falsos mestres que encorajam a

submissão aos "rudimentos” (v. 8) como um meio de vencer temores de não ser aceitável perante Deus. Conforme esboçado nos versículos seguintes, a "plenitude” de Deus que os falsos mestres presumem oferecer reside em Cristo e é obtida somente por meio dele (1.19, 20). Ver "Jesus Cristo, Deus e Homem” em Jo 1.14.

*** 2.11 circuncisão.** Imagina-se com freqüência que Paulo menciona aqui

a circuncisão porque os falsos mestres em Colossos a estivessem recomendando, como estavam os da Galácia. Entretanto, nessa carta não há argumento algum dirigido contra a circuncisão, como há em Gálatas. É melhor supormos que Paulo introduz o tema para mostrar que parte do que os falsos mestres prometiam aos colossenses — poder sobre a carne (v. 23) — já era deles em seu relacionamento com Cristo.

Como rito de iniciação da antiga aliança, a circuncisão significara a remoção do pecado, mudança de coração e inclusão na família da fé (Dt 10.16; 30.6; Jr 4.4; 9.25, 26; Ez 44.7, 9). Dramaticamente, Paulo diz que no batismo dos gentios em Cristo e em seu corpo, os mesmos já tinham sido circuncidados. Batismo é "a circuncisão de Cristo” e

significa o lavar que remove o pecado, a renovação pessoal pelo Espírito de Deus e a participação como membro no corpo de Cristo (cf. v. 13; At 2.38; Rm 6.4; 1Co 12.13; Tt 3.5; 1Pe 3.21). A passagem ressalta de forma especial a unidade da aliança da graça em ambas as eras, a do Antigo e a do Novo Testamento: não se espera dos crentes gentios que sigam a *forma* da antiga aliança de identificação com Deus e seu povo (At 15). Mas sua fé em Cristo fez deles, independentemente disso, tão filhos de Abraão como se fossem judeus étnicos crentes (Rm 2.28,

29; Gl 3.26-29; Fl 3.3). O batismo não é idêntico à circuncisão mas lhe corresponde em essência (Rm 4.11) e a substituiu como sinal da aliança.

*** 2.13 perdoando todos os nossos delitos.** É mais característico de

Paulo falar de justificação do que de perdão e de pecado no singular do que de pecados no plural (Rm 5.12-21). Seu propósito aqui pode ser enfatizar que Deus não só venceu o pecado como um poder em geral, mas que ele também eliminou a culpa proveniente de atos particulares. Ver "Regeneração: O Novo Nascimento" em Jo 3.3.

*** 2.14 cancelado o escrito.** A lei é comparada a um certificado de dívida

escrito de próprio punho pelo devedor. Jesus nasceu "sob a lei", sujeito às suas exigências e maldições (Gl 4.4). Na cruz, tornou-se "pecado por nós" (2Co 5.21) e sofreu a maldição da lei contra a injustiça (Gl 3.13). Na execução da sentença de morte sobre Jesus enquanto ele esteve pregado no madeiro, Paulo vê o cancelamento da sanção de morte que havia contra transgressores da lei. O crente não está mais sujeito à ameaça da condenação da lei.

*** 2.15 publicamente os expôs.** A imagem é a de um general romano

vencedor desfilando com seus inimigos vencidos e humilhados seguindo o seu carro. Uma luta cósmica invisível ocorreu na cruz e o príncipe deste século foi "expulso" (Jo 12.31), "atirado para a terra" (Ap 12.9) e "preso" (Ap 20.2; ver também Mt 12.29; Lc 10.18). Através da morte de Jesus pelos pecadores, foi tirado de Satanás o poder que tinha de intimidar e controlar as pessoas através da ameaça de morte e de eterna separação de Deus (Ez 18; Rm 5.12; 6.23; Hb 2.14,15). A luta com Satanás e suas legiões não verá desfecho até o retorno do Senhor em glória (2Co 4.4; Ef 6.10-18; 1Pe 5.8) mas o poder do diabo foi vencido. Como cantava Lutero, "sua ruína é certa". Destruída a base de suas constantes acusações, as forças hostis de Satanás perderam sua superioridade para sempre. Ver "Demônios" em Dt 32.17.

* **2.16,17** Em Colosso, haviam mantido a observância do sábado e das

festas com o propósito de aplacar os poderes sobrenaturais ou anjos que, segundo acreditavam, guiavam o curso das estrelas, regulavam o calendário e

determinavam o destino humano. Essa, diz Paulo, é uma forma de escravidão da qual Cristo veio para libertar os homens e as mulheres.

* **2.18 culto dos anjos.** Pode se entender como uma referência a

práticas encontradas entre alguns místicos judeus, cujo objetivo era tomar parte na adoração dos anjos perante o trono de Deus e chegar à oração extática por meio de asceticismo e estrita observância da Torá. Nesse caso, "culto dos anjos" significaria "adoração junto com os anjos". Essa linha de interpretação pressupõe que os falsos mestres de fato praticavam um judaísmo mais ou menos ortodoxo e queriam adorar a Deus. Mas a idéia que transparece em Colossenses é de que a igreja estava sendo tentada a adorar não a Deus mas a espíritos intermediários entre Deus e os seres humanos (Introdução:

Dificuldades de Interpretação).

*

2.19 Buscar o favor das criaturas angélicas é deixar

pelo que ele é como a plenitude da divindade (v. 9;1.19); e, em segundo lugar, não usufrurir da totalidade da redenção que foi conquistada através de sua morte e ressurreição (vs. 10-15; 1.20-22).

cabeça... corpo. Esta linguagem recorda 1.18 e antecipa o modo como Paulo desenvolve a idéia da vida cristã sob o senhorio de Cristo no contexto da filiação à Igreja em 3.1—4.6.

*

2.20 rudimentos. Ver Introdução: Dificuldades de Interpr

teológica "Cristãos no Mundo", índice.

*

2.23 culto de si mesmo. Deus aceita o culto presta

sua vontade revelada na Escritura, não exercícios religiosos realizados segundo os ditames do arrogante capricho humano (Mt 15.9). A idéia de que Deus deve ser adorado somente da maneira que ele mesmo instituiu tem tido uma profunda influência nas igrejas reformadas.

não têm valor algum. O grego deste versículo é muito difícil. Aparentemente não é dito apenas que as disciplinas ascéticas a que Paulo se opõe são sem valor mas que são efetivamente nocivas, estimulando seu próprio tipo de "indulgência da carne". Precisamente isso os reformadores — preeminentemente Lutero — denunciaram em sua crítica aos rituais extra-bíblicos que haviam surgido na igreja medieval.

* **3.1—4.6** O caminho para a maturidade não é a via de revelações secretas ou de disciplinas auto-punitivas. Ele consiste em

compreender e em viver com base na morte e ressurreição do crente "com Cristo” (3.1). Os colossenses têm uma noção falsa da realidade celestial, o que, ironicamente, os conduz a esforços infrutíferos no plano terreno.

*** 3.1 se fostes ressuscitados juntamente com Cristo. Note as**

proposições de ação paralelas nessa seção: os crentes morreram com Cristo (v. 3; 2.11, 12, 20) e foram ressuscitados juntamente com ele (v. 1; 2.12,13); estão com Cristo no céu (v. 3; Ef 2.6) e estarão com ele em sua volta (v. 4); despiram-se "do velho homem” (v. 9) e revestiram-se "do novo homem” (v. 10). As instruções de Paulo quanto a comportamento vêm somente depois de sua descrição acerca da redenção que Deus outorgou ricamente ao seu povo (2.6,7, nota). Obediência é uma resposta ao favor de Deus e não um meio de obtê-lo.

assentado à direita de Deus. Um tema crucial e triunfante em o Novo Testamento (At 2.33-35; 5.31; 7.55, 56; Rm 8.34; Ef 1.20; Hb 1.3, 13; 8.1; 10.12; 12.2; 1Pe 3.22; Ap 3.21).

*** 3.3 oculta juntamente com Cristo, em Deus. Alguns entendem isso**

no sentido de que a nova vida do cristão não é óbvia para os outros, estando, assim, "oculta” ou encoberta. Entretanto, uma comparação com 2.3 mostra que há mais do que isso em consideração. O crente está inseparavelmente unido com Cristo (Jo 6.51-58, nota; cf. Gl 2.20). A realidade plena da nova vida ainda não está inteiramente revelada, mas, estando "oculta juntamente com Cristo, em Deus”, a nova vida é certa em Cristo. O que Deus graciosamente deu nem homem nem anjo pode tirar (Jo 10.29).

*** 3.4 Quando Cristo... se manifestar.** Nessa seção (vs. 5-11), a ética tem a expectativa da volta de Cristo como centro.

* **3.5 Fazei, pois, morrer.** A primeira de uma série de imperativos

relativos à conduta que prosseguem até 4.6. Embora Paulo rejeite o ascetismo legalista, ele convoca os crentes a se tornarem na prática aquilo que eles são em princípio: mortos para o pecado e vivos para Deus (Rm 6.1-14). Há um modo de vida incompatível com a vida em Cristo e Paulo requer um rigoroso afastamento dessa vida antiga. No v. 5, ele relaciona cinco vícios; quatro dos quais relacionados com sexo, o quinto é a ganância; no v. 8, relaciona outros cinco vícios, todos relacionados com ira e linguagem ofensiva.

* **3.7 nessas mesmas coisas andastes vós também.** Isto é, antes de terem sido trazidos "para o reino do Filho" a quem Deus ama (1.13).

* **3.10 novo homem.** Em Cristo, o segundo Adão de Deus (1Co 15.2028, 45-49), a raça humana é reconstituída. Cada um dos atributos que Paulo registra no v. 12 pode ser relacionado ao caráter de Deus em geral, ou a Cristo especificamente. Isso demonstra quão literalmente Paulo entendia a idéia de os crentes revestirem-se da "imagem" do seu Criador. Ver "A Imagem de Deus" em Gn 1.27.

* **3.11** Esse versículo foi provavelmente escrito visando o exclusivismo dos falsos mestres colossenses. Entretanto, a unidade intercultural de todos os que pertencem a Cristo é uma idéia a que Paulo recorre sem dificuldade alguma (Gl 3.28; 1Co 7.17-24).

bárbaro. Aqueles que não falavam grego eram considerados não civilizados pelos gregos.

cita. Conforme a reputação, uma classe escrava sem cultura proveniente das tribos ao redor do Mar Negro. Os citas eram satirizados na comédia grega por causa de seus hábitos rudes e linguajar inculto. Josefo chamou-os de "um pouco melhor que bestas feras".

escravo, livre. No corpo de Cristo, distinções de posição social são irrelevantes (1Co 7.17-24). Ao mesmo tempo, como as intruções específicas de Paulo aos escravos e senhores de escravos em 3.22—4.1 deixam claro, a unidade em Cristo não infere ou preceitua uma uniformidade de função e de responsabilidade. O que importa é reconhecer que "Cristo é tudo em todos". Nas igrejas paulinas, posições sociais diferentes continuaram a existir e não foram submetidas a um processo idêntico de nivelamento. Ao invés disto, elas tornaram-se oportunidades para expressar o amor de Cristo através das fronteiras sociais tradicionais.

* **3.12-14** Esses versículos esboçam as obrigações que todos os cristãos

têm uns para com os outros; 3.18—4.2 definirão oportunidades de serviço no âmbito de relações específicas

* **3.12 Revesti-vos.** Paulo antevê os crentes vestindo-se com o caráter do Senhor mesmo. O "novo homem" do v. 10 não é algo que os crentes devam construir por seu próprio poder. Suas novas identidades tomam forma à medida que chegam a conhecer Cristo melhor, visto que ele é a imagem do Deus invisível e aquele em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos (1.15; 2.3).

eleitos de Deus, santos e amados. Opostamente ao medo que os colossenses tinham dos poderes cósmicos, os crentes desfrutam, por direito, de um claro entendimento de que Deus afiança o relacionamento deles consigo (Jo 6.37, 44, 65; 15.16; Ef 1.4, 5; Fp 1.6). Eles podem saber que foram declarados santos com base em uma justiça que não é própria deles (Rm 3.21-26; 1Co 1.2, 30) e que Deus os ama verdadeiramente, mesmo apaixonadamente (Jo 3.16; Rm 8.32; Gl 2.20; Tt 3.4; 1Jo 4.9, 10).

ternos afetos. Um relacionamento que envolve emoção e cuidado para com todos cujas vidas encontram-se machucadas e abatidas (Mt

9.36; 14.14; Rm 12.1).

bondade. Prontidão em fazer o bem, mesmo quando possa ser imerecido (Rm 2.4; Tt 3.4).

humildade. Uma atitude de submissão e prestatividade (Mc 10.45; Fp 2.1-11).

mansidão. Ou “brandura” no oferecimento de ajuda, uma abordagem não-coerciva para encorajar mudança na vida de outros (Mt 11.29; 2Co 10.1; Gl 6.1; 2Tm 2.25).

longanimidade. Boa vontade para agir com tolerância diante da fraqueza humana (Rm 2.4; 1Tm 1.16).

* **3.13, 14** Ver Ef 4.32—5.2, onde Paulo apresenta claramente o exemplo

deixado pelo modelo redentor da obra de Cristo como o fundamento da tolerância, perdão e amor cristão.

* **3.15 paz de Cristo.** Em sua prática de amor, perdão e bondade, a

comunidade cristã deve ser uma vitrina da reconciliação e paz que Cristo trouxe entre o céu e a terra (1.20-22; 2.14,15) e entre uma humanidade dividida (vs. 11, 13).

* **3.16 Habite, ricamente, em vós.** Uma vez que o crente está unido

com Cristo (3.3, nota), não somente a “palavra de Cristo", mas Cristo mesmo vive nos corações dos fiéis (Gl 2.20; Ef 3.17; cf. Rm 8.9). Com a sabedoria de Deus assim presente (3.3; cf. 1Co 1.30), as exigências éticas do amor cristão podem ser vivenciadas em todas as áreas da vida, incluindo as responsabilidades diárias revistas em 3.18-4.6.

instruí-vos e aconselhai-vos. A primeira metade desse versículo recorda e enfatiza 1.28. No mútuo ministério dos colossenses, a palavra de Cristo será tão eficaz quanto a presença do próprio apóstolo.

salmos, e hinos, e cânticos espirituais. Na tradução grega do Antigo Testamento, os três substantivos usados nessa frase são freqüentemente

sinônimos. Não é provável que em Colossenses designem três tipos distintos de cântico (Ef 5.19). Ver nota teológica "A Música na Igreja", índice.

*** 3.17 E tudo o que fizerdes... fazei-o em nome do Senhor Jesus. Ver**

"O Modelo de Deus para o Culto" em 1Cr 16.29.

*** 3.18, 19** Ver nota em Ef 5.22-32; "A Família Cristã" em Ef 5.22.

*** 3.20, 21** Ver notas em Ef 6.1-4.

*** 3.22—4.1** Essa abordagem em relação a escravo e livre em

Colossenses deve-se, provavelmente, ao tema da carta a Filemom. Onésimo era um escravo fugitivo que Paulo estava enviando de volta com uma carta ao seu proprietário Filemom. Onésimo estava acompanhando Tíquico com a carta aos colossenses (4.7-9), e eles provavelmente levavam consigo também a carta a Filemom (Introdução a Filemom).

*** 4.2-6** Duas outras maneiras nas quais os crentes podem "pensar nas

cousas lá do alto" (3.2) são a oração (Ef 6.18-20, nota) e falar de sua fé de forma sábia e persuasiva aos de fora a fim de que possam ser trazidos à plenitude de vida em Cristo.

* **4.7-17** A carta termina com uma visão rápida da complexa e fluida rede

de líderes que mantinham unidas as igrejas de Paulo. Alguns nomes aparecem também em Fm 23, 24.

* **4.7 Tíquico.** O principal portador das cartas aos Colossenses, a

Filemom e aos Efésios (Ef 6.21, 22). Mencionado pela primeira vez como integrante da comitiva de Paulo em Atos 20.4. Tíquico era da província romana da Ásia (na atual Turquia) e parece ter sido um dos mensageiros da maior confiança de Paulo até o fim de seu ministério (2Tm 4.12; Tt 3.12).

* **4.9 Onésimo.** Ver Introdução a Filemom.

* **4.10 Aristarco.** Este judeu de Tessalônica teve notória participação no

tumultuado ministério de Paulo em Éfeso (At 19.29). Ele tinha viajado na companhia de Paulo pela Grécia (At 20.4) e até Jerusalém e Roma (At 27.2), onde ele agora estava preso com Paulo.

Marcos. O racha ocorrido mais de uma década antes entre Paulo e os primos Barnabé e João Marcos (autor do Evangelho de Marcos, At 13.13; 15.37-40) havia cicatrizado (2Tm 4.11; Fm 24). A menção especial que Paulo faz com relação a Marcos testifica o poder da obra reconciliatória de Cristo (1.20-22) e a paz que deve reinar dentro do corpo de Cristo (3.15).

* **4.11 Jesus, conhecido por Justo.** Desconhecido senão por essa

menção.

* **4.12 Epafras.** Ver 1.7; Introdução: Data e Motivo.

* **4.13 Hierápolis.** Ver Introdução: Data e Motivo.

* **4.14 Lucas.** Esse companheiro de viagem de Paulo em Atos estava

com Paulo naquela que pode ter sido a véspera de sua morte (2Tm 4.11). Como autor do Evangelho de Lucas e de Atos, ele também era cronista de Paulo. Embora sua obra mostre que era excepcionalmente letrado, a menção de sua ocupação não implica que fosse necessariamente um homem de posição social privilegiada, pois muitos médicos freqüentemente eram escravos.

Demas. Demas abandonou a Paulo durante sua segunda prisão em Roma (2Tm 4.10). Ele é mencionado uma outra vez somente (Fm 24).

* **4.15 Ninfa.** Ver referências laterais. Alguns manuscritos identificam

essa pessoa, que hospedou a Igreja de Laodicéia em sua casa, como sendo uma mulher. Há várias referências a mulheres (cujo estado civil não é mencionado) como protetoras ou hospedeiras de igrejas ou, ainda, como obreiras no ministério (At 12.12; 16.13-15; Rm 16.1, 2, 6, 7, 12, 13; Fp 4.2, 3;

2Jo 1, 5). O modelo para o relacionamento entre homens e mulheres, particularmente maridos e esposas, apresentado em 3.18 e textos paralelos (1Co 14.33-35; Ef 5.22-33; 1Tm 2.11-15) não era incoerente com a parceria no ministério que existia entre homens e mulheres na igreja primitiva.

igreja... sua casa. De acordo com as evidências existentes, até a metade do terceiro século as igrejas não possuíam edificações distintas para o culto. Até essa época, as igrejas reunidas em casas eram a norma. Aquelas pessoas que exerciam um ministério de hospitalidade tendo igrejas em suas casas eram importantes benfeitores da igreja primitiva (At 12.12; Rm 16.5; 1Co 16.19; Fm 2) Sobre hospitalidade, ver Rm 12.13; 1Tm 3.2; Tt 1.8; Hb 13.2; 1 Pe

4.9.

*** 4.16 a dos de Laodicéia.** Alguns sugerem que Paulo refere-se à carta

aos Efésios, que não traz destinatário em alguns manuscritos antigos e que pode ter surgido como uma carta circular (Introdução aos Efésios: Data e Motivo).

Uma vez que Tíquico também é o portador de Efésios (Ef 6.21, 22), a conclusão de que a carta aos Efésios e "a dos de Laodicéia" fossem idênticas faria supor que Colossenses e Efésios tivessem sido escritas à mesma época e que Tíquico tivesse viajado primeiro a Laodicéia e depois para Colosso. Entretanto, parece-nos mais simples supor, com base na forma mais reflexiva de Efésios, que essa foi escrita algum tempo depois de Colossenses e que Tíquico, em uma viagem posterior, levou a carta aos Efésios de igreja em igreja (isso se, de fato, foi uma carta circular). A melhor proposição para a identidade da carta de Laodicéia é que tratava-se de uma carta distinta que desapareceu.

*** 4.17 Arquipo.** Se Filemom era o hospedeiro da igreja em Colosso, a

qual havia presenciado o incidente de Onésimo, esse versículo pode ser uma boa indicação de que Arquipo era o líder espiritual dessa igreja.

*** 4.18 de próprio punho.** Era hábito de Paulo ditar suas cartas, porém,

escrever, ele mesmo, as últimas frases. Essas seções conclusivas variavam conforme as circunstâncias. Algumas vezes, continham saudações pessoais para fortalecer os laços entre ele mesmo e os obreiros e as igrejas a ele

relacionados (vs. 7-17; Rm 16); outras vezes, um resumo do

conteúdo da carta (p.ex., Gl 6.11-17); e, em algumas outras vezes, uma assinatura que garantia a autenticidade da carta (1Co 16.21; Fm 19).

1 Tessalonicenses

* **1.1 Silvano.** Nome latino de Silas, um profeta da igreja de Jerusalém incumbido de acompanhar Paulo e Barnabé a Antioquia para comunicar a decisão do concílio de Jerusalém (At 15.22,27,32 e 40). Silas foi escolhido por Paulo para realizarem juntos esta segunda viagem missionária.

Timóteo. Seu pai era grego e sua mãe, uma judia piedosa. Quando essa carta foi escrita, Timóteo era um dos mais recentes integrantes da equipe missionária. Paulo e Silas haviam convocado esse jovem porém muito respeitado discípulo para unir-se com eles no ministério há cerca de um ano antes em Listra (At 16.1).

em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. Uma indicação da intimidade ímpar entre o Pai e o Filho, pois é dito que a igreja está "em" ambos (Introdução: Características e Temas).

* **1.3 operosidade da vossa fé.** A fé dos tessalonicenses, obviamente uma das maiores preocupações de Paulo, é mencionada novamente no v. 8 e também em 3.2,5-7,10; 5.8.

abnegação do vosso amor. Haviam demonstrado seu amor especialmente acolhendo os viajantes (v. 9). Paulo enaltece novamente o amor dos tessalonicenses em 4.9,10, onde diz que estão "por Deus instruídos" no amor que têm uns pelos outros.

firmeza da vossa esperança. A esperança escatológica deles consiste na sua certeza de que o Senhor Jesus retornará para livrá-los de suas tribulações presentes e da ira vindoura de Deus. Sobre a tríade "fé", "esperança" e "amor", ver 5.8; Rm 5.2-5; 1Co 13.13; Gl 5.5,6; Cl 1.4,5; Hb 6.10-12; 10.22-24; 1Pe 1.38,21,22.

* **1.4 vossa eleição.** A eleição divina é um tema comum às duas epístolas aos tessalonicenses (5.9; 2Ts 2.13). Paulo não tem receio de afirmar a essa

congregação jovem e de predominância gentílica que eles eram eleitos de Deus. Paulo vê neles o fruto da graça eletiva de Deus, manifestada na resposta deles à pregação do evangelho e em seu progresso inicial na santificação (2Ts 2.13, nota).

* **1.6 imitadores.** O Espírito Santo tem um papel importantíssimo na sustentação do crente que sofre perseguição por causa de Cristo (Mt 10.19,20; 1 Pe 4.12-14).

* **1.7,8** Paulo escreve da Acaia, depois de ter percorrido a Macedônia e passado por Atenas e chegado a Corinto. Ao longo da jornada, observou que os cristãos já estavam a par de seu trabalho em Tessalônica e já tinham ouvido falar da fé dos tessalonicenses. Os cristãos tessalonicenses, embora principiantes em Cristo, são exemplos de fé, amor e esperança para outros.

* **1.9,10** Esses versículos assemelham-se à pregação de Paulo em Atenas (At 17.22-31). Pregando aos judeus, Paulo podia pressupor conhecimento da existência do verdadeiro Deus e da autoridade das Escrituras do Antigo Testamento e passar logo à pregação do advento do Messias prometido por Deus. Àqueles sem instrução na fé da nação de Israel, Paulo enfatiza duas coisas: primeira, reconhecimento do Deus vivo e verdadeiro e abandono dos ídolos mortos e, segunda, preparação para o vindouro e divino julgamento universal que será executado por Jesus Cristo, o Deus-Homem, que morreu e ressuscitou dentre os mortos (4.6; At 17.29-31).

* **1.10 dos céus.** Ver 4.16; 2Ts 1.7; cf. At 1.11; Fp 3.20.

Jesus, que nos livra da ira vindoura. A morte de Jesus afastou a ira de Deus há muito tempo, mas o sentido pleno dessa obra salvífica não se manifestará antes do dia do Juízo. Então, através da

intervenção de Cristo, os crentes serão poupados da condenação e do castigo que seus pecados, de outra maneira, mereceriam.

* **2.1-12** Paulo, ao que parece, responde certas dúvidas ou críticas a respeito do seu ministério. Ele defende, de forma implícita, seu ministério do evangelho, ao mesmo tempo que, ao recordar o trabalho dele e de seus companheiros, apresenta aos tessalonicenses um modelo de serviço realizado em amor, o que deve ser seguido também por estes.

* **2.2 tivemos ousada confiança em nosso Deus.** Embora chamados por Deus para percorrer a Macedônia (At 16.9,10), Paulo e Silas tinham sido severamente espancados e acorrentados em uma prisão macedônica (em Filipos). Os missionários tiveram de ser corajosos e abnegadamente devotados ao propósito de Deus.

o evangelho de Deus. Paulo enfatiza aqui a origem pura, verdadeiramente divina, da sua mensagem e do seu ministério. Note a repetição dessa frase nos vs. 8 e 9. Anunciar o evangelho sempre é um encargo dado pelo próprio Deus.

* **2.4** Ver nota teológica "Agradando a Deus", índice.

* **2.8** Fica evidente em toda essa seção (vs. 17-20; 3.6-12) o profundo afeto de Paulo por seus filhos espirituais, os quais, meses antes, eram-lhe completamente estranhos, separados por raça, cultura e religião.

* **2.12** Esse versículo resume a exortação e a instrução que haviam recebido de Paulo durante sua primeira estada em Tessalônica. Diferentemente dos ídolos que os tessalonicenses haviam deixado (1.9), o Deus vivo e verdadeiro tem um "reino e glória" e, em sua insondável misericórdia, escolheu compartilhar esse reino com aqueles que o adoram por meio de Jesus Cristo. Chamados a entrar nesse reino, os crentes conhecem o poder dele e desfrutam da vida deste reino aqui e agora (Rm 14.17; 1Co 4.20; Cl 1.13,14), enquanto anelam pelo dia em que entrarão em sua plenitude.

* **2.13 está operando eficazmente.** A palavra de Deus, embora transmitida pela agência humana, é uma mensagem divina que opera nos crentes por meio do Espírito Santo (Is 55.11; At 20.32; 2Tm 2.15-17 e Hb 4.12).

* **2.14 padecestes, da parte dos vossos patrícios.** O poder da palavra de Deus foi neles demonstrado quando enfrentaram violenta perseguição de seus parentes e, a exemplo das igrejas na Judéia, suportaram-na com fé e alegria (At 17.5-9).

* **2.15** Assim como Jesus considerou aqueles que o perseguiam como

sucessores dos que haviam perseguido os profetas (Mt 23.29-32), Paulo (além de Estêvão, At 7.52) vê a mesma relação de continuidade ampliando-se para os judeus (com os quais outrora havia colaborado) que agora perseguem a Cristo por oposição ao evangelho (At 9.4). A mais detalhada exposição da abordagem de Paulo a esse problema da oposição dos judeus ao evangelho está em Rm 9-11.

* **2.16 A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente.** Essa última palavra também pode ser traduzida como "até o fim" (Mt 10.22; 1Co 1.8 e 15.24). Pode tratar-se de uma profecia da catástrofe que sobreveio a Jerusalém no ano 70 d.C., não mais do que vinte anos depois de Paulo ter escrito essas palavras, ou pode referir-se à serie de calamidades então já em curso e que culminaria naquela terrível tragédia. Ou pode referir-se ao endurecimento de uma grande parte de Israel em sua culpável rejeição de Cristo; Jesus viu esse endurecimento como o cumprimento da terrível profecia de Isaías (Is 6.9,10; Mt 13.14,15). Compare com Rm 1.18-32, que descreve a mesma ação da ira de Deus sobre os gentios. Conforme Paulo escreveria mais tarde (Rm 11.25), "endurecimento em parte" sobreveio a Israel e se manterá até que o número completo de gentios tiver entrado (isto é, até o fim). O restante de Israel, não

sujeito ao endurecimento, é o remanescente (Is 6.13), que, na era do evangelho, continua sendo objeto da misericórdia de Deus, encontrando salvação em Jesus, o Messias.

* **2.17 orfanados.** O termo grego é usado tanto para pais quanto para filhos que haviam sido separados. Paulo retoma a metáfora dos vs. 7 e 11, descrevendo sua relação com a congregação de Tessalônica em termos de vínculos familiares.

* **2.19 em sua vinda.** A palavra grega *parousia* ("vinda") aparece seis vezes nas duas cartas aos Tessalonicenses para a segunda vinda de Cristo (ver também 3.13; 4.15; 5.23; 2Ts 2.1-8). Paulo usa o termo com esse sentido somente uma outra vez, em 1Co 15.23. A vinda de Cristo é apresentada como o momento em que será revelado o fruto de nossas obras de fé. A alegria e a coroa de Paulo naquele dia serão seus amados filhos espirituais, convertidos por meio de seu ministério (2Co 1.14; Fp 2.16).

* **3.3,4** Paulo não prometeu aos seguidores de Jesus uma vida de sossego ou aprovação pública; Jesus também não o fez (Mc 8.34; Jo 15.18-21).

* **3.11** Paulo dirige-se, ao mesmo tempo, a Deus Pai e ao Senhor Jesus em sua oração (Introdução: Características e Temas). A resposta a essa oração por reencontro veio vários anos depois (At 20.1).

* **3.13 na vinda de nosso Senhor Jesus.** A obra da santificação já iniciada nos crentes é conduzida à sua plenitude gloriosa na segunda vinda do Senhor (5.23; cf. 1 Co 1.8; Fp 1.6; 2Ts 3.3; Jd 24).

os seus santos. Lit., "os santos". Anjos, os quais acompanharão a Cristo em seu retorno (2Ts 1.7; cf. Mt 13.39,48,49; 16.27) ou santos humanos (2Ts 1.10; Ap 19.14) ou, ainda, ambos.

* **4.1** Paulo louva os tessalonicenses pelo progresso alcançado no

aprendizado de como agradar a Deus, mas conclama-os a progredirem ainda mais. Paulo reconhecia a necessidade de continuar crescendo e "avançando" (Fp 3.13). A complacência espiritual contradiz a confissão de fé do crente.

* **4.2** Outra vez, Paulo afirma que a autoridade de seus ensinamentos não vinha dele mesmo nem tinha origem humana, mas vinha do Senhor ressurreto (2.13).

* **4.3 a vontade de Deus: a vossa santificação.** A Escritura entende a vontade de Deus de duas maneiras diferentes. Algumas vezes, como em Ef 1.11, refere-se ao eterno propósito de Deus que determina a história. Não podemos conhecê-la senão pela observação do desenrolar da história ou através de alguma revelação especial (profecia). Essa é geralmente chamada pelos teólogos como vontade "decretiva", "oculta" ou "secreta" de Deus. Em outros lugares, como aqui e em 1Ts 5.18, refere-se ao *dever* que Deus anuncia na revelação, a vontade "perceptiva" ou "revelada" de Deus (Dt 29.29).

* **4.5 como os gentios.** A sociedade pagã dos dias de Paulo proporcionava pouco incentivo à pureza sexual. A norma era a infidelidade conjugal, ao menos quanto aos homens, e algumas das religiões pagãs das quais os crentes de Tessalônica tinham sido libertados permitiam indecências sexuais em seus rituais. O evangelho cristão traz um despertamento moral e a pura revelação dos padrões divinos de retidão.

* **4.6 nem defraude a seu irmão.** Os relacionamentos sexuais ilícitos não afetam somente as pessoas direta e voluntariamente envolvidas. Cônjuges são enganados; as famílias, os amigos e os irmãos na fé são envergonhados. Finalmente, esses pecados, como, aliás, todos os pecados, são pecados contra Deus.

* **4.8** Paulo reivindica autoridade divina não só para sua proclamação oral mas também para suas instruções escritas (ver também 5.27).

também vos dá o seu Espírito Santo. Paulo recorda-lhes que suas aptidões para a santidade são restauradas em virtude da contínua concessão do Espírito Santo, que neles habita (1Co 6.19; Gl 3.5). A construção no grego enfatiza o termo "Santo", muito apropriado nesse contexto.

* **4.11 diligenciardes.** A palavra grega por trás dessa tradução em geral

denota a tentativa dos ricos de granjearem honras civis e reconhecimento através de demonstrações de generosidade. Pela forma como a emprega, Paulo inverte esse sentido do termo: os tessalonicenses deviam ser zelosos pela honra que não se adquire por auto-afirmação ou por ostentação de grandeza pessoal mas através de um comportamento humilde, diligente e irrepreensível. Essa exortação, pertinente a todos os cristãos, era

especialmente urgente em Tessalônica, onde os cristãos já haviam sido falsamente acusados de sedição (At 17.6-9). Vivendo respeitosamente e modestamente, os cristãos haveriam de desfazer quaisquer dúvidas ainda existentes a seu respeito.

* **4.13 aos que dormem.** Uma metáfora comum entre os pagãos, mas também entre judeus e cristãos, para a morte. O termo não contém nenhuma referência especial ao estado da alma ou à consciência dos falecidos, uma vez que é empregado sem exceção por grupos das mais diferentes convicções acerca desse tema. Sobre o ensino do Novo Testamento sobre uma existência consciente e bem-aventurada entre a morte e a ressurreição, ver Lc 16.19-31; 23.42,43; Jo 14.1-3; 2Co 5.6-8; Fp 1.23; Ap 6.9-11; 7.9-17; 20.4-6. Ver "Morte e Estado Intermediário" em Fp 1.23.

para não vos entristecerdes. A ressurreição de Cristo é para os cristãos o fundamento firme da esperança e certeza de comunhão eterna com ele. Em vista disso, o pesar que sentem pelos irmãos que já partiram é aliviado, sendo sustentados na esperança.

* **4.14 trará, em sua companhia.** O sentido é, provavelmente o de "trazer" à presença de Deus (3.13) e ao seu reino através da ressurreição (1Co 6.14; 2Co 4.14), embora alguns acreditem que signica a vinda dos santos para a terra quando Cristo retornar.

* **4.15 de modo algum precederemos.** De acordo com 2 Esdras, uma obra judaica do segundo século d.C., aqueles que estiverem vivos por ocasião da volta do glorioso Messias são mais abençoados do que aqueles que tiverem

morrido antes (2 Esdras 13.14-24). Alguns tessalonicenses podem ter absorvido essa concepção errônea. Paulo, ao contrário, assegura aos tessalonicenses de que ambos os grupos terão igual posição (1Co 15.52) e que ambos entrarão na plenitude do reino juntos.

* **4.16 os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.** De acordo com Paulo, os que estão "em Cristo" constituem-se em uma subcategoria dos que estão "em Adão" (toda a raça humana) e compreendem todos os que participam da salvação em Cristo (1Co 15.22,23), quer tenham vivido antes ou depois de Cristo. Por conseguinte, esse levantar dos "mortos em Cristo" é uma ressurreição de todos os justos já falecidos, e não apenas dos crentes do Novo Testamento, por ocasião da volta de Cristo (como em 1Co 15.23; cf. Jo 5.28,29). A ressurreição dos ímpios é explicitamente mencionada por Paulo somente em At 24.15, embora ele também a pressuponha em suas advertências quanto a um julgamento universal e pessoal quando Cristo voltar (At 17.31; Rm 2.5-16). Ver nota teológica "A Segunda Vinda de Jesus", índice.

* **4.17 arrebatados.** Essa descrição do "arrebatamento" da Igreja não tem por finalidade satisfazer nosso anseio por conhecimento detalhado da cronologia do fim dos tempos. Por exemplo, não é dito se a companhia então reunida descerá à terra ou retornará aos céus. A apresentação é pastoral, tem por objetivo consolar aqueles que estavam tristes ou confusos diante da morte de crentes amados. A certeza de que todos os justos, indistintamente, estarão com o

Senhor para sempre e unidos no dia da volta de Cristo é o tema central dessa passagem (v. 18). A "palavra de ordem", a "voz" e a "trombeta" do v. 16 dão-nos a nítida impressão de que o arrebatamento será um acontecimento público e não secreto (Lc 17.24; 21.35; Ap 1.7). Ver nota em 5.1-11.

* **5.1-11** Os tessalonicenses são orientados a prepararem-se para o mesmo evento que, aos ímpios, sobrevirá inesperadamente — o dia do Senhor (vs. 2,4). Paulo pressupõe que cristãos e não-cristãos estarão vivos e presentes quando o Dia chegar; os cristãos, vigilantes e prontos, os incrédulos, surpreendidos como por um ladrão que vem de noite. Em outras palavras, o arrebatamento de cristãos mencionado em 4.17 não se dará antes da chegada

do Dia, o qual também trará súbita e inescapável destruição dos ímpios (2Ts 2.1,2, notas). Ver "A Segunda Vinda de Jesus" em 4.16.

*** 5.2 Dia do Senhor.** Uma importante designação do dia da volta de Cristo. É bem conhecida no Antigo Testamento (p.ex., em Jl 2.1,31; Am 5.18; Sf 1.7,14; Ml 4.5), onde essa expressão descreve a proximidade do julgamento de Deus. A estreita associação do Dia do Senhor com julgamento continua no Novo Testamento, onde se refere o juízo final e às recompensas e castigos derradeiros (At 17.31; Rm 2.5,16; 2Co 1.14). De acordo com 2Pe 3.10-13, os céus, a terra e os elementos serão destruídos para dar lugar a novos céus e nova terra.

vem como ladrão de noite. Ver Mt 24.43,44; 2Pe 3.10; Ap 3.3; 16.15. Paulo parecia estar familiarizado, pelo menos em parte, com o "Sermão Profético" que Jesus pronunciou no monte das Oliveiras (Mt 24.3—25.46; Mc 13.3-37; Lc 21.5-36).

* **5.9 Deus não nos destinou para a ira.** Deus destinou o seu povo para obter a salvação e a glória em Jesus Cristo (1.10; 2Ts 2.14). No entanto, os tessalonicenses e muitos outros crentes foram designados por Deus para passarem por tribulações de toda espécie e resistir a elas (3.2-4; 2Ts 1.4; Tg 1.2-4; 1Pe 4.12-14; Ap 1.9). A "ira",

nesse contexto, evidentemente é a condenação e a punição que sobrevirão no "dia da ira" (Rm 2.5) aos impenitentes (Ef 5.6; Cl 3.6; Ap 6.16,17; 11.18).

* **5.12** Mesmo nessa primeira etapa na vida da congregação havia líderes encarregados do cuidado e supervisão espiritual. Paulo recomenda o devido apreço pelos obreiros e líderes da igreja, pedindo amor e respeito para com os mesmos. Alguns tessalonicenses, nos quais é possível que Paulo estivesse pensando aqui, são mencionados em outros escritos do Novo Testamento: Jasom (At 17.6-9), Aristarco (At 20.4; 27.2; Cl 4.10; Fm 24), Secundo (At 20.4) e, possivelmente, Gaio (At 19.29).

* **5.14 irmãos.** Essa saudação (também o v. 12) indica que as exortações seguintes atribuem a responsabilidade do ministério a toda a congregação e não apenas aos dirigentes reconhecidos.

insubmissos. O contexto, aqui e em 2Ts 3.6,7,11, mostra que a insubmissão a que Paulo se refere é a recusa irresponsável do trabalho como meio de vida. Muitos pensam que essa conduta baseava-se em uma espera prematura da segunda vinda de Cristo (Introdução a 2 Tessalonicenses).

* **5.15** Um cristão tem por dever promover a justiça em favor de outros (Is 56.1; 58.6-8). Destaca-se na moralidade cristã o princípio de que o cristão, seguindo o exemplo de Cristo (1Pe 2.21-23), não busca vingança pessoal (Mt 5.38-42; Rm 12.17-21; 1Co 6.7; 1Pe 3.9).

* **5.19-21** Paulo admoesta os tessalonicenses contra o desprezo da profecia legítima; Silas e Paulo também eram "profetas" (At 13.1; 15.32). No entanto, alegações de profecia divina precisam ser colocadas à prova e jamais serem aceitas sem critério (2Ts 2.2; cf. 1Co 14.29).

* **5.23 santifique.** A correção plena de todas as imperfeições humanas não só é possível como certa. Deus é fiel e a completerá (v. 24). Deve-se considerar o elemento tempo. A perfeição final incluirá

um corpo glorificado e será alcançada na segunda vinda de Jesus Cristo (Fp 1.6). Ver "Santificação: o Espírito e a Carne", em 1Co 6.11.

vosso espírito, alma e corpo. O emprego das três palavras enfatiza o caráter total da perfeição . "Espírito" e "alma" são empegados praticamente como sinônimos na Bíblia para o elemento espiritual de uma pessoa. Quando os termos aparecem juntos (como aqui e em Hb 4.12), é difícil encontrar qualquer diferença de significado. Compare com a quádrupla representação "coração", "alma", "entendimento" e "força" em Mc 12.30.

* **5.27 Conjuro-vos.** O verbo grego é muito forte e, na prática, coloca os leitores sob juramento. Paulo lhes impõe um compromisso solene de que toda

a congregação deve aprender o conteúdo dessa epísto|a muito importante e|e consid_erava seu ensino apostólico para o bem estar espiritua| de|es (2.13; 4.2, notas).

1 Timóteo

* **1.1,2** Saudação inicial, incluindo remetente, destinatário e bênção.

* **1.1 apóstolo de Cristo Jesus.** Alguém enviado como representante oficial de Cristo. Essa frase é freqüentemente usada por Paulo na introdução de suas cartas, referindo-se a sua própria pessoa.

Deus, nosso Salvador. Na qualidade de autor da aliança da graça, Deus é Salvador (2.3; 4.10; Tt 1.3; 2.10; 3.4).

Cristo Jesus, nossa esperança. Jesus é a base da esperança cristã porque ele é o mediador da aliança da graça (2.5; 4.10; 5.5; 6.17). Ver "Esperança" em Hb 6.18.

* **1.2 verdadeiro filho na fé.** Cf. Tt 1.4. Paulo considerava Timóteo como seu filho espiritual (v. 18; 1Co 4.17; Fp 2.22; 2Tm 1.2; 2.1;

Introdução: Data e Ocasião).

graça, misericórdia e paz. Paulo substitui freqüentemente "graça" pela saudação mais convencional "saudações" (cf. Tg 1.1). É próprio de Paulo acrescentar também a saudação judaica "paz", que significa "saúde, vida plena". Aqui e em 2Tm 1.2, ele ainda acrescenta "misericórdia".

* **1.3-7** Paulo se dirige ao corpo da carta. Seu propósito é instruir Timóteo como agir em Éfeso na qualidade de representante de Paulo (Introdução: Data e Ocasião). O apóstolo começa pelo problema do ensino falso em Éfeso (Introdução a 2 Timóteo: Dificuldades de Interpretação).

* **1.3 não ensinem outra doutrina.** O conflito em Éfeso está centrado no ensino adequado (v. 10; 4.1,2; 6.3; 2Tm 2.18).

* **1.4 fábulas.** Ver 4.7; 2Tm 4.4. Em Tt 1.14, Paulo fala de "fábulas judaicas", referindo-se possivelmente a espécies de lendas sobre personagens do Antigo Testamento que são encontradas em muitos dos escritos apócrifos judaicos.

genealogias sem fim. Talvez uma referência a uma primitiva forma de especulações detalhadas (freqüentemente associadas a mitos judaicos) que se desenvolveram no gnosticismo. Estas especulações diziam respeito às origens do mundo e aos inúmeros seres espirituais, supostamente envolvidos na criação (cf. Tt 3.9).

* **1.5 amor.** A ordem de Paulo realça a íntima relação entre a fé cristã e a prática (cf. Gl 5.6).

* **1.7 lei.** A lei de Moisés.

* **1.8-11** Os comentários de Paulo sobre os falsos mestres o induzem a fazer uma rápida abordagem do propósito da lei.

* **1.8 a lei é boa.** Ver Rm 7.7-12; Gl 3.19-25.

* **1.10 sã doutrina.** Ou "sãs palavras", um tema que perpassa as cartas pastorais (3.9; 4.6; 6.3; 2Tm 1.13,14; 2.2; 4.3; Tt 1.9,13; 2.1,2).

* **1.11 segundo o evangelho da glória.** As boas-novas do que Deus fez em Cristo são a norma pela qual são julgadas sadias tanto a doutrina bem como a compreensão da lei.

* **1.12-17** Paulo deixa os comentários sobre a lei e passa a tratar do seu chamado recebido de Cristo. Além disso, fornece uma exposição do evangelho como sendo a graça derramada por Deus, sobre os pecadores em Jesus Cristo.

* **1.13 blasfemo, e perseguidor, e insolente.** Antes de sua conversão, Paulo perseguiu a igreja (At 8.3; 9.1-5; 22.4,5; 26.9,11; Gl 1.13; Fp 3.6).

pois o fiz na ignorância, na incredulidade. Deus não concedeu a Paulo o que ele merecia mas o que necessitava (cf. At 3.17-20).

* **1.15 Fiel é a palavra e digna de toda aceitação.** Esta expressão chama a atenção para um ponto importante. A mesma somente aparece no Novo Testamento nas cartas pastorais (3.1; 4.9; 2Tm 2.11; Tt 3.8).

eu sou o principal. Lit., "eu sou o primeiro". Paulo não se caracterizou assim antes de sua conversão. Pelo contrário, na medida em que crescia em Cristo, Paulo tornou-se mais e mais consciente de sua própria pecaminosidade.

* **1.16 a vida eterna.** Deus concede a todos quantos crêem em Cristo não apenas "vida eterna", mas também vida em toda a sua plenitude (cf. 4.8; 6.12,19; 2Tm 1.1,10; Tt 1.2; 3.7).

* **1.18-20** Paulo retorna ao tema dos vs. 3-7, dando menos importância ao potencial de Timóteo para obter sucesso como representante de Paulo e enfatizando mais a contínua fidelidade de Timóteo a Cristo. Contrasta-o especialmente com dois membros

(talvez líderes) da igreja em Éfeso, os quais "vieram a naufragar na fé" (v. 19).

* **1.18 as profecias de que antecipadamente foste objeto.** Essa afirmação refere-se a um acontecimento, também mencionado em 4.14 e em 2Tm 1.6 (cf. 2Tm 2.2), quando um grupo de presbíteros, inclusive Paulo, impôs as mãos sobre Timóteo (talvez quando Timóteo foi separado para o ministério). Naquela ocasião, Timóteo recebeu um dom espiritual e uma palavra de profecia, designando-o serviço (cf. At 13.1-3).

* **1.19 boa consciência.** Ver "A Consciência e a Lei" em 1Sm 24.5.

* **1.20 Himeneu e Alexandre.** O destaque dessas duas pessoas levanta a questão se eram líderes na igreja. Himeneu é mencionado novamente em 2Tm 2.17,18, como alguém que se desviou "da verdade". Fica obscuro, porém,

se o "Alexandre" citado aqui e em At 19.33,34 e 2Tm 4.14,15, é a mesma pessoa.

entreguei a Satanás. Provavelmente essa é uma referência à exclusão dessas duas pessoas da comunhão da igreja. Portanto, foram devolvidos ao mundo — o domínio de Satanás (Jo 12.31; 14.30; 16.11; 2Co 4.4; Ef 2.2). Paulo usa uma expressão semelhante em 1Co 5.5 (cf. Mt 18.17).

não mais blasfemarem. O propósito dessa exclusão é de caráter disciplinar — que os dois reconhecessem seus erros e se arrependessem (2Tm 2.25,26; Tt 3.10).

* **2.1-15** Paulo passa a abordar uma série de instruções sobre a oração e o culto, provavelmente em resposta aos abusos causados pelos falsos mestres (ver Introdução a 2 Timóteo: Dificuldades de Interpretação).

* **2.1 todos os homens.** Conforme é possível observar através da

expressão seguinte ("em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade"), não significa "todo ser humano", antes, "todos os tipos de pessoas", seja qual for a sua posição na vida.

* **2.4 o qual deseja que todos os homens sejam salvos.** Isso não significa que Deus deseja soberanamente que todo ser humano seja salvo (isto é, que Deus salva a cada um). Mas pode referir-se à benevolência geral de Deus de não ter prazer na morte do ímpio. Ou pode referir-se ao desejo de Deus que todos os tipos de pessoas (v. 1, nota) sejam salvos (isto é, Deus não escolhe seus eleitos de um único grupo apenas).

* **2.5 há um só Deus.** Essa é a afirmação fundamental da religião judaica (Dt 6.4; cf. Rm 3.30; 1Co 8.6; Gl 3.20; Ef 4.6).

um só mediador entre Deus e os homens. Há Um que arbitra entre Deus e a humanidade, e os reconcilia. Ver nota teológica sobre "Cristo — O Mediador", índice.

Cristo Jesus, homem. O enfoque de Paulo é sobre a humanidade de Cristo, talvez porque os falsos mestres haviam negado que Cristo era de fato humano. A plena humanidade de Cristo é essencial ao seu serviço de mediador da alicança da graça.

* **2.6 o qual a si mesmo se deu em resgate.** Mediante a sua morte na cruz, Cristo pagou o preço necessário para livrar as pessoas dos seus pecados (Mt 20.28; Mc 10.45; Tt 2.14; 1Pe 1.18,19). Portanto, ele é o "um só Mediador" (v. 5).

todos. Em coerência com os vs. 1 e 4, provavelmente essa é uma referência a todos os *tipos* de pessoas. Por outro lado, expressa a convicção de Paulo que a morte de Cristo foi suficiente para resgatar toda a humanidade, embora que, por desígnio e efeito soberano, nem todos são redimidos. Ver "Redenção Definida" em Jo 10.15.

* **2.7 afirmo a verdade, não minto.** Uma estranha declaração feita a um amigo íntimo. Mas Paulo talvez quisesse que a carta fosse lida

para toda a igreja (6.21, nota). Possivelmente os falsos mestres colocaram em dúvida o chamado e a missão de Paulo.

* **2.8-15** Paulo passa ao tratamento do problema do espírito de provocar divisão encabeçado pelos falsos mestres, e apresenta admoestações específicas para homens e mulheres (nota nos vs. 1-15).

* **2.8 varões.** Paulo supõe em 1Co 11.5, que mulheres também orarão quando a igreja se reúne em culto. Aqui ele se dirige a um problema específico de Éfeso.

todo lugar. Provavelmente isso se refere ao culto coletivo.

levantando mãos santas. Sobre essa postura na oração, ver Sl 63.4; 141.2.

sem ira e sem animosidade. Paulo não se preocupa em ordenar certa postura, mas deseja encorajar uma atitude apropriada (1.5).

* **2.9 se ataviem com modéstia... ou vestuário dispendioso.** Paulo não se preocupa com vestimenta ou jóias como tais, mas com a atitude da pessoa que as usa (1Pe 3.3,4). A sociedade greco-romana se caracterizava pela vestimenta extravagante.

* **2.11 em silêncio.** Conforme 1Co 11.5 indica, Paulo não proibe toda a participação oral das mulheres nos cultos. Antes, Paulo recomenda certo tipo de silêncio — um silêncio que respeita o ensino com autoridade e o papel de governo atribuído aos líderes da igreja (v. 12).

toda a submissão. Submissão não significa, necessariamente, uma posição inferior. Noutro lugar, Paulo aplica o conceito à esposas (Ef 5.22; Cl 3.18; Tt 2.5; cf. 1Co 14.34), a maridos e esposas (Ef 5.21), a filhos (3.4), a escravos (Tt 2.9), a profetas (1Co 14.32), a cristãos (Rm 13.1,5; 1Co 16.16; Tt 3.1), à igreja (Ef 5.24) e até ao próprio Cristo (1Co 15.28).

* **2.12 E não permito.** Aqui Paulo exerce sua autoridade apostólica, restringindo mulheres ao exercício de certo tipo de autoridade e ensino.

exerça autoridade. Esta palavra grega aparece somente aqui no Novo Testamento e, provavelmente, é usada por Paulo para referir-se a certo nível de autoridade judicial ou governamental. Sob a influência dos falsos mestres, certas mulheres possivelmente assumiram posições de autoridade governamental dentro da igreja, o que Paulo proibiu (1Co 14.34).

em silêncio. Ver nota no v. 11.

* **2.13** Paulo apela para a criação (Gn 2.7,21,22). Ele usa um argumento semelhante, embora com alguma qualificação, em 1Co 11.8-12.

* **2.14** Mais uma vez Paulo alude Gênesis, dessa vez ao relato da queda (Gn 3.1-6). O argumento pode parecer injusto, visto que tanto Adão quanto Eva pecaram. Mas o argumento de Paulo está correto: Eva foi a "enganada" pela serpente. O argumento de Paulo aqui, com sua ênfase sobre quem foi enganado, provavelmente é um reflexo do relativo sucesso que os falsos mestres tiveram em Éfeso, desencaminhando mulheres (5.11-15; 2Tm 3.6,7). Em outros lugares, Paulo não demonstra apreensão em lançar a culpa da queda sobre Adão (Rm 5.12-19; 1Co 15.21,22).

* **2.15 será preservada.** Provavelmente não "preservada em segurança", conforme alguns sustentaram. Paulo usa o significado normal da palavra "redenção do pecado", contrastando assim ser enganada para o pecado (v. 14) e ser salva do mesmo. Por outro lado, o termo "preservada" pode indicar o recebimento de Deus de algum benefício importante, embora o mesmo não seja especificado.

missão de mãe. A interpretação "através do nascimento do Menino" (Jesus), é duvidosa, por mais atraente que possa ser teologicamente. Paulo faz claramente outra alusão a Gênesis, dessa vez à afirmação

de Deus feita a Eva após a queda acerca de seu papel de dar à luz (Gn 3.16).

ela. Provavelmente Paulo se refere a qualquer mulher que foi enganada.

se elas permanecerem em fé, e amor, e santificação, com bom senso.

Essa qualificação demonstra que Paulo não está sugerindo que o dar à luz é um ato meritório de salvação, o que contradiria sua doutrina da justificação pela fé. Pelo contrário, seu argumento parece ser que, aquelas mulheres de Éfeso que tinham sido enganadas pelos falsos mestres, precisam estar atentas à sua verdadeira função e, especialmente, às suas atitudes (vs. 8-10; 1.5,19). Considerando o uso de Gn 2 e 3 no seu argumento bem como o desprezo ao matrimônio pelos falsos mestres (4.3), Paulo entende o dar à luz como um símbolo apropriado para a "missão de mãe" (5.14).

* **3.1-13** Paulo volta agora ao assunto da liderança na igreja. Primeiro, ele discute sobre os bispos (vs. 1-7; referência lateral no v. 1); depois, os diáconos (vs. 8-10,12,13, fazendo uma rápida referência às mulheres no v. 11). Paulo concentra-se nas qualidades pessoais daqueles que serviriam nessas posições de liderança, e não nos seus deveres. Esse procedimento aponta claramente para a preocupação do apóstolo de instalar as pessoas certas, talvez porque alguns dos falsos mestres provinham de posições de liderança ou almejavam as mesmas.

* **3.1 Fiel é a palavra.** Ver nota em 1.15. O uso dessa expressão aqui reflete a importância dada por Paulo à tarefa do bispo.

episcopado (ou bispo). Ver referência lateral. Pessoa dentre um grupo de indivíduos encarregada do cuidado geral da igreja (v. 5; Fp 1.1). A palavra é usada allternadamente com "bispo” (At 20.17,28; Tt 1.5-7). Ver "Pastores e Cuidado Pastoral" em 1Pe 5.2.

* **3.2 irrepreensível.** Virtude que encabeça as qualificações do presbítero ou bispo. Essa expressão não significa "sem pecado", o que desqualificaria cada um, mas "acima de reprimenda escandalosa". A grande preocupação de Paulo é que os bispos

(presbíteros) tenham boa fama entre não-cristãos (v. 7). Sobre as qualificações dos bispos (presbíteros) ver Tt 1.6-9.

esposo de uma só mulher. Essa difícil expressão (v. 12; Tt 1.6; cf. 5.9) tem sido compreendida como uma proibição à poligamia, novo casamento após um divórcio ou infidelidade marital. Considerando-se a imoralidade generalizada no mundo greco-romano, parece que a última das interpretações é a que melhor se enquadra no enfoque de Paulo.

apto para ensinar. É importante mencionar o aspecto do ensino da tarefa dos bispos(presbíteros) tendo em vista o problema de Éfeso (5.17).

* **3.5 cuidará da igreja de Deus?** Uma afirmação geral sobre a

responsabilidade do bispo (presbítero).

* **3.6 não seja neófito, para não... se ensoberbeça.** Para um cristão assumir rapidamente demais essa posição poderia ser uma ocasião para orgulho.

incorra na condenação do diabo. Paulo não encara com superficialidade a queda daqueles que detêm este ofício, talvez porque alguns presbíteros se deixaram envolver nos falsos ensinos (v. 1).

* **3.8 diáconos.** Diáconos são oficiantes na igreja juntamente com os bispos ou presbíteros (cf. Fp 1.1). As tarefas específicas do diácono não são detalhadas nesta passagem. A igreja geralmente entendeu o ministério nos termos da função dos sete escolhidos para ajudar os apóstolos, conforme At 6.1-6, embora a palavra "diácono" não seja usada naquela passagem em relação aos sete.

* **3.9 o mistério.** Um termo usado por Paulo em outros lugares para referir-se à verdade revelada do evangelho (v. 16; Rm 16.25,26; 1Co

2.7; 4.1; Ef 1.9; 3.3-9; 6.19; Cl 1.26,27; 2.2; 4.3). Talvez alguns dos diáconos de Éfeso tenham sido enredados pelo falso ensino.

* **3.10 primeiramente experimentados.** Provavelmente esta não é uma alusão a um período específico de teste, pelo contrário, um exame cuidadoso de sua conduta e comprometimento ao são ensino.

se mostrarem irrepreensíveis. Paulo usa a mesma palavra grega em relação aos bispos em Tt 1.6,7; sua exigência que os presbíteros sejam "irrepreensíveis" no v. 2 (nota) usa um sinônimo grego.

* **3.11 quanto a mulheres.** Este versículo interrompe abruptamente a seção sobre diáconos. Seu sentido é contestado. As "mulheres" provavelmente são as esposas dos diáconos ou de fato diaconisas. O caráter abrupto da inserção deste assunto provavelmente reflete a preocupação de Paulo que as mulheres,

em particular, não se tinham distanciado totalmente das mãos dos falsos mestres (2.14; 5.15).

* **3.12 marido de uma só mulher.** Ver nota no v. 2.

* **3.14-16** Dadas instruções específicas a Timóteo sobre oração, culto e ofícios eclesiásticos, Paulo agora declara seu motivo porque escreveu a carta (Introdução: Date e Ocasião). Ele discute a natureza da Igreja e apresenta uma reflexão poética sobre a obra de Cristo.

* **3.15 coluna e baluarte.** Ambos os vocábulos têm a conotação de prover suporte. O intuito de Paulo é enfatizar, em oposição aos falsos mestres, que a verdade do evangelho é encontrada na Igreja de Deus e sustentada pela mesma (2Tm 2.19).

* **3.16 mistério da piedade.** Ver nota no v. 9. O texto seguinte pode ser um fragmento de um antigo hino cristão.

Aquele que foi manifestado na carne. Referência à encarnação, incluindo uma alusão à pre-existência de Cristo.

justificado em espírito. Referência à ressurreição de Cristo (Rm 1.4).

contemplado por anjos. Referência à ascensão (At 1.10,11).

pregado entre os gentios. Ver "A Autenticação das Escrituras" em 2Co 4.6.

recebido na glória. Referência à exaltação Cristo à mão direita de Deus (At 7.56).

* **4.1-5** Retornando novamente ao seu tema principal (1.3-20), Paulo continua seu ataque aos falsos mestres e seus ensinamentos.

* **4.1 o Espírito afirma expressamente.** Presumivelmente uma revelação específica que o Espírito Santo concedeu a alguém, talvez ao próprio Paulo (At 20.22-31; cf. 21.11).

nos últimos tempos. Esse não é um período imediatamente antes da segunda vinda de Cristo. Pelo contrário, de acordo com a perspectiva geral do Novo Testamento, trata-se da era inaugurada pela primeira vinda de Cristo e concluida na sua segunda vinda (At 2.17; Hb 1.2; 1Pe 1.20; 1Jo 2.18; cf. 2Tm 3.1).

alguns apostatarão. . . demônios. Uma referência aos falsos mestres que surgiram dentro da igreja.

* **4.3 que proíbem o casamento, exigem abstinência de alimentos. Os**

falsos mestres promovem um rigoroso estilo de vida (cf. Cl 2.20-23). Alguns gnósticos argumentavam que, visto o mundo material ser mau, o ser espiritual deveria evitá-lo.

que. O argumento seguinte foca a atenção sobre alimentos. Paulo já reiterou o casamento em 3.2,12.

* **4.4 tudo que Deus criou é bom.** Ao contrário dos falsos mestres, o cristão afirma a bondade essencial da criação de Deus (Gn 1).

* **4.6 - 5.2** Tendo desmascarado os falsos mestres, mostrando o que realmente são, Paulo contina com uma série de admoestações pessoais a Timóteo sobre o seu ministério.

* **4.6 alimentado.** O "bom ministro" deve ser nutrido continuamente por doutrina verdadeira.

* **4.7 fábulas profanas e de velhas caducas. Ver nota em 1.4.**

Exercita-te... na piedade. Por toda esta seção, Paulo entrelaça disciplina espiritual com deveres do ofício.

* **4.9** Ver nota em 1.15.

* **4.10 Salvador de todos os homens.** O chamado geral ao arrependimento e à salvação é estendido a todas as pessoas (Mt 11.28). Ver "Redenção Definida" em Jo 10.15.

especialmente dos fiéis. A salvação é dom de Deus, especialmente para aqueles que confiam na provisão divina em Cristo (Mt 22.14; Rm 8.30).

* **4.12 Ninguém despreze a tua mocidade.** As ordenanças negativas aqui e no v. 14, talvez indiquem que Timóteo tinha tendência ao acanhamento ou timidez. Além disso, alguns na igreja de Éfeso podem não ter aceitado a sua autoridade (Introdução: Data e Ocasião). Timóteo provavelmente estava com uns trinta anos de idade e era, portanto, mais jovem do que muitos dos cristãos (e presbíteros) de Éfeso.

torna-te padrão... na pureza. Cabia a Timóteo estabelecer a sua autoridade, não através de ostentação, mas dando bom exemplo de vida piedosa (Tt 2.7).

* **4.13 Até à minha chegada.** Ver 3.14,15 e Introdução: Data e Ocasião.

Aplica-te... ao ensino. Esses são métodos positivos de desmascarar o falso ensino e neutralizar seu impacto (cf. 1.3,4).

* **4.14 o dom.** Ver nota em 1.18.

* **4.15 o teu progresso.** Uma referência ao aperfeiçoamento da vida espiritual de Timóteo, do seu ministério ou, quem sabe, de ambos. Importante observar que se trata de "progresso", e não de chegada.

* **4.16 de ti mesmo e da doutrina.** O fato de Paulo resumir dessa maneira suas instruções a Timóteo é uma indicação de onde os falsos mestres se haviam desviado e, portanto, de onde cristãos geralmente podem se desviar.

salvarás. Somente Deus outorga salvação (v. 10; 1.1; 2.3), mas ele tem prazer em usar seu povo como instrumento para trazer salvação a outros. A salvação não é completada quando uma pessoa chega à fé. A bem da verdade, a fé traz justificação e certeza da salvação. Mas a fé também inicia o processo permanente de santificação, que continua até à glorificação final do cristão no céu.

a ti mesmo. A santificação é uma obra de Deus que requer ação cooperativa do cristão (Fp 2.12).

* **5.1 Não repreendas ao homem idoso.** Mandamento que dá equilíbrio ao que está em 4.12. Timóteo não deve abusar da autoridade que ele possui.

exorta-o. Ou "encoraja". O bom ministro apela a outros crentes com o respeito que merecem os membros da própria família.

* **5.3—6.2** Paulo volta agora sua atenção para três grupos na igreja de Éfeso nos quais provavelmente haviam surgido problemas: viúvas,

presbíteros e servos.

* **5.3-16** A preocupação de Paulo em identificar viúvas necessitadas e prover o devido cuidado delas forma o pano de fundo para uma discussão dos problemas das viúvas mais jovens. Algumas delas, ao que parece, tinham sido influenciadas pelo falso ensino de Éfeso (Introdução: Data e Ocasião).

* **5.3 Honra.** Isto é, cuida de.

verdadeiramente viúvas. O cuidado pelas viúvas, que freqüentemente tinham grandes necessidades materiais, é um tema importante no Antigo Testamento

(Dt 24.19-21; Is 1.17; Jr 22.3; Zc 7.9,10; Ml 3.5) e também foi uma preocupação especial da igreja primitiva (v. 16; At 6.1; Tg 1.27).

* **5.4 Mas, se alguma viúva tem filhos ou netos.** A verdadeira necessidade da viúva que não tinha família da qual pudesse receber apoio (vs. 8,16).

* **5.5 espera em Deus.** Pobreza genuína muitas vezes conduzia viúvas à vidas exemplares de oração e fiel dependência de Deus. Para tais viúvas, a igreja deve ser a mão visível de Deus na providência das necessidades.

* **5.6 morta.** Espiritualmente morta.

* **5.7 Prescreve... para que sejam irrepreensíveis.** Talvez não uma referência à igreja toda, mas precisamente às viúvas.

* **5.9 viúva que conte.** Alguns têm considerado esta afirmação como sendo uma ordem oficial para viúvas no sentido de cumprirem deveres (vs. 5 e 10); outros têm considerado isso um acordo segundo o qual algumas viúvas realizam certos serviços para a igreja em troca de apoio material. É mais provável que se trata simplesmente duma lista de viúvas que devem receber apoio da igreja (v. 16). Essa lista

constitui uma parte do grupo maior de viúvas, tratada nos vs. 3 a 5.

ao menos sessenta anos de idade. Um número redondo que reflete, naquela cultura, a expectativa da idade sob a qual um novo casamento ainda seria possível (cf. os vs. 11-14).

esposa de um só marido. Ver nota em 3.2.

* **5.10 tenha criado filhos.** Os verbos deste versículo estão no tempo passado. A preocupação de Paulo não é com o que a viúva ainda podia fazer pela igreja, mas com o que ela realizou durante a sua vida.

lavado os pés aos santos. Uma expressão comum de hospitalidade numa cultura onde pessoas calçavam sandálias e caminhavam por estradas poeirentas (cf. Jo 13.4,5). Jesus ordenou a que seus discípulos lavassem os pés uns dos outros (Jo 13.14,15).

* **5.11 se tornam levianas contra Cristo.** Lit., "quando vivem

sensualmente".

* **5.12 anularem o seu primeiro compromisso.** Isso provavelmente não se refere ao voto de celibato ou de dedicação à igreja, mas ao seu comprometimento básico com Cristo (vs. 11,15).

* **5.13 tagarelas.** Lit., "aqueles que falam sem senso". Essa provavelmente é uma referência a falsos ensinos (v. 15; 1.3; 4.7).

* **5.14 Criem filhos.** Ver nota em 2.15.

* **5.15** Paulo dá muita atenção a viúvas porque algumas das mais jovens estavam sob a influência dos falsos mestres (2Tm 3.6,7).

* **5.17-25** Tal como fizera com as viúvas, Paulo aborda conjugadamente dois assuntos: a honra devida a presbíteros e como tratar com aqueles que pecam.

* **5.17 presbíteros.** Ver nota em 3.1; "Pastores e Cuidado Pastoral" em 1Pe 5.2.

merecedores de dobrados honorários. A honra da posição bem como da remuneração financeira (v. 18).

com especialidade... ensino. Essa é uma referência à duas espécies de presbíteros: àqueles que governam a igreja e àqueles que, além isso, efetuam o ministério mais especializado de pregação e ensino.

* **5.18 Pois a Escritura declara.** O fato de Paulo citar Dt 25.4 e uma declaração de Jesus, registrada em Lc 10.7, como sendo "Escritura", é uma indicação de quão cedo escritos cristãos foram postos no mesmo nível de autoridade do Antigo Testamento (2Pe 3.15,16).

* **5.20 Quanto aos que vivem no pecado.** Presbíteros que pecam (aparentemente alguns foram envolvidos nos falsos ensinamentos).

* **5.21 os anjos eleitos.** Aqueles que possivelmente servirão como testemunhas por ocasião do juízo (cf. Mt 25.31; Ap 14.10).

* **5.22 A ninguém imponhas precipitadamente as mãos.** Participar na ordenação dum presbítero reconhecidamente desqualificado é aprovar os seus pecados e arriscar-se a dividir a culpa dos mesmos.

Conserva-te a ti mesmo puro. Ver 4.12,16.

* **5.23 Não continues... somente água.** A prática da abstenção de vinho como uma questão de princípio talvez reflita a influência do conceito de pureza dos falsos mestres (4.3).

usa um pouco de vinho... enfermidades. Paulo reconhece o valor medicinal do vinho.

* **5.24 Os pecados de alguns homens... juízo.** Outra referência à importância do cuidado na escolha de candidatos para ordenação.

* **6.1,2** Finalmente, Paulo aborda o problema de escravos que não haviam demonstrando devido respeito a seus senhores cristãos.

* **6.1 debaixo de jugo.** Paulo fornece instruções a escravos em Ef 6.5-8; Cl 3.22-25 e Tt 2.9,10.

a doutrina. Presumivelmente isso está posto em contraste com o falso ensino que pode ter encorajado a insubordinação entre alguns dos escravos cristãos.

* **6.3-10** Paulo retorna pela última vez ao problema dos falsos mestres, destacando especialmente sua tendência de causar divisões e sua ganância. Isso leva-o a refletir sobre a perspectiva correta que se deve ter sobre a posse de bens materiais.

* **6.4 questões e contendas de palavras.** A mania de contender era uma das principais características dos falsos mestres (1.4; 2Tm 2.14,23; Tt 3.9).

* **6.5 fonte de lucro.** Talvez alguns dos falsos mestres, por motivo de cobiça, estavam buscando a posição de presbítero (v. 10; Tt 1.11).

* **6.6 contentamento.** Cristãos podem viver contentes porque suas necessidades são satisfeitas por Cristo (2Co 12.9,10; Fp 4.11,13).

* **6.10 alguns... se desviaram da fé. Ver nota em v. 5.**

* **6.11-16** Conforme fez anteriormente, Paulo prossegue seus comentários sobre os falsos mestres com exortações pessoais a Timóteo concluindo com uma maravilhosa doxologia.

* **6.12 Combate o bom combate da fé.** Uma metáfora para a vida cristã, vista em termos de fidelidade a Cristo (2Tm 4.7).

Toma posse da vida eterna. Isto é, não tornar-se complacente. Enquanto a fé em Cristo dá início à nova vida (4.8), o alvo da vida cristã sempre é futuro (v. 19; 1.16, nota; Fp 3.12; 2Tm 4.8).

para a qual também foste chamado. Vida eterna não é algo que escolhemos naturalmente, mas algo para o qual Deus nos chama sobrenaturalmente (Rm 8.30).

boa confissão perante muitas testemunhas. Isso provavelmente se refere ao batismo de Timóteo. A "boa confissão" que alguém chegou a fé em Cristo conduz naturalmente ao "bom combate" de procurar viver fielmente a ele.

* **6.13 diante de Pôncio Pilatos, fez a boa confissão.** Isso pode referir-se ao julgamento de Jesus perante Pilatos (Mt 27.11; Mc 15.2; Lc 23.3; Jo 18.33-37; 19.8-11). Porém, mais provavelmente é uma alusão à sua morte.

* **6.14 o mandato.** Possivelmente uma referência a tudo quanto Paulo determinou a respeito da disciplina pessoal de Timóteo e seus deveres de ofício.

manifestação. A segunda vinda de Cristo (2Tm 4.1,8; Tt 2.13).

* **6.15 o Rei dos reis e Senhor dos senhores.** Essa expressão é aplicada a Cristo em Ap 19.16; cf. 17.14.

* **6.17-19** Havendo condenado o amor ao dinheiro e afirmado a futura orientação da esperança cristã, Paulo apresenta uma exortação para aqueles que se consideram ricos neste mundo (presumivelmente não de ganância).

* **6.17 para nosso aprazimento.** Ver nota em 4.4

* **6.19 acumulem... sólido fundamento. Ver Mt 6.20. se apoderarem da verdadeira vida. Ver nota no v. 12.**

* **6.20,21** Paulo encerra a carta com uma incumbência final a Timóteo, mais uma vez no contexto do trato com os falsos mestres.

* **6.20 guarda o que te foi confiado.** Isto é, a sã doutrina do evangelho (1.10,11; cf. 2Tm 1.14).

saber, como falsamente lhe chamam. Os falsos mestres enfatizam o "saber" (grego *gnosis,* donde provém a palavra *gnosticismo;* Ver Introdução a 2 Timóteo: Dificuldades de Interpretação).

*** 6.21 A graça seja convosco.** Essa conclusão abrupta, sem a costumeira saudação pessoal de Paulo, sugere que ele considerava bastante séria a situação tratada por ele. O uso do plural, como consta em alguns dos mais antigos manuscritos gregos: "vós" ("convosco" como em 2Tm 4.22; Tt 3.15) na bênção, sugere que Paulo desejava que a carta, embora endereçada à uma única pessoa, fosse lida para toda a igreja.

2 Tessalonicenses

* **1.1.** Ver nota em 1Ts 1.1

* **1.4 perseguições e... tribulações.** Um episódio de perseguição é relatado em At 17.5-9 e a correspondência entre Paulo e os tessalonicenses revela que o antagonismo ainda não havia desaparecido (1Ts 1.6; 2.14 e 3.3).

* **1.5 considerados dignos.** Uma vida digna de Deus (1Ts 2.12), do chamado de Deus (1.11; Ef 4.1), do Senhor (Cl 1.10), do evangelho (Fp 1.27,28) ou do reino (v. 5) é uma vida de discipulado paciente e alegre, mesmo quando em perigo de vida por causa da violência daqueles que são hostis à fé. Tais vidas são evidência inequívoca de que o julgamento de Deus é correto.

pelo qual... estais sofrendo. Muito embora gozem dos direitos conferidos pela cidadania no reino celeste (1Ts 2.12, nota), os cristãos ainda devem sofrer por causa dele (At 14.22), visto que o

reino inevitavelmente enfrentará oposição diabólica.

* **1.6 que ele dê em paga tribulação.** Em Rm 2.9, a mesma palavra grega para "tribulação" (dificuldades) é usada para indicar os infortúnios que sobrevirão aos malfeitores no Julgamento Final. Paulo, ao que parece, está falando do mesmo julgamento aqui, visto que os próximos versículos estão preocupados com o júbilo ou pesar derradeiros.

* **1.8 obedecem ao evangelho.** O evangelho deve ser aceito, crido e obedecido (1Pe 4.17). Seu mandamento divino requer entrega absoluta a Deus mediante a paz efetuada por Jesus Cristo.

* **1.9 eterna destruição.** A terrível doutrina da condenação eterna (Is 66.24; Mt 25.42,46; Mc 9.43,48), por mais chocante que seja, assegurou os perseguidos cristãos de Tessalônica a respeito da justiça final e perfeita. Eles deveriam abster-se de vingança pessoal (1Ts 5.15; cf. Rm 12.17-21) pelas atrocidades que sofriam (v. 4), entregando-se, em vez disso, aos cuidados do

Deus que "julga retamente" (1Pe 2.23; cf. Jr 17.10; At 17.31; Rm 2.6,11,16; Ap 22.12).

* **1.10 naquele dia.** O "dia do Senhor" (1Ts 5.2). Embora não tenhamos como saber quanto tempo o dia há de durar, a impressão que se tem é a de que o julgamento final dos ímpios seguir-se-á à vinda de Cristo para os seus.

* **1.11 vocação.** Deve-se relacionar essa "vocação" a 1Ts 2.12, onde Deus é aquele que chama; para o reino e a glória do próprio Deus é que somos chamados (2.14).

* **1.12 do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.** A forma do texto, no grego, permite também que se traduza como "nosso Deus e Senhor, Jesus Cristo". Seria uma aplicação específica do termo "Deus" para Jesus Cristo. Contra essa tradução, depõe a aplicação pouco freqüente desse termo a Cristo no Novo Testamento (Rm 9.5;

Tt 2.13; 2Pe 1.1). Por outro lado, Paulo refere-se várias vezes a Cristo e a Deus o Pai em uma unidade inseparável em outras frases nessas epístolas (p.ex., nos vs. 1,2; 2.16; 1Ts 1.1; 3.11), além de claramente imputar atributos divinos a Cristo. Em ambas traduções a dignidade conjunta do Pai e do Filho é clara.

* **2.1 à vinda... e à nossa reunião com ele.** Trata-se do arrebatamento dos santos mencionado em 1Ts 4.17 (nota). Paulo parece equiparar a ocasião da volta de Cristo e do arrebatamento com o "dia do Senhor" (1Ts 5.2; cf. 1Co 1.7,8; Fp 2.16). Na cena aqui descrita, todos os crentes estão reunidos perante o Senhor "em sua vinda" (1Ts 2.19) e "no Dia de Jesus, nosso Senhor" (2Co 1.14). É preciso vir a "apostasia" e manifestar-se o "homem da iniqüidade" (v. 3) antes que chegue o dia do Senhor e, por conseguinte, antes do arrebatamento dos santos. Se os falsos mestres diziam ter chegado o dia do Senhor (v. 2) e estavam antecipando o arrebatamento para qualquer momento, era possível provar o seu erro pela ausência desses sinais precedentes.

* **2.2 epístola.** Não se prova por essas palavras que já houvesse uma carta forjada sob o nome de Paulo, senão que Paulo admitia tal possibilidade. Pode

ter chegado ao seu conhecimento que o novo ensino estava circulando com a pretensão de ter sua autoridade. A proibição imposta por Paulo visa garantir que nenhum meio de ensino — nem mesmo uma suposta carta sua — deveria receber atenção caso afirme que já chegou o dia do Senhor (cf. Gl 1.8).

* **2.3 a apostasia.** O termo pode referir-se à uma apostasia de muitos de dentro da igreja (1Tm 4.1; 2Tm 3.1-9; Jd 17-19), à uma apostasia do povo judeu ou à uma rebelião de alcance mundial contra Deus.

o homem da iniqüidade. Trata-se da personificação da iniqüidade, cujas arrogantes blasfêmias são listadas por Paulo (cf. 1Jo 2.22). Ele

atrairá pelo engano os que já estiverem inclinados contra o verdadeiro Deus (v. 10) e cometerá finalmente o sacrilégio de impor-se à humanidade como objeto de sua adoração (v. 4). Ele vem pelo poder de Satanás e faz milagres fraudulentos assim como Cristo veio pelo poder de Deus e fez milagres verdadeiros (v. 9; cf. At 2.22). Paulo retrata esse impostor como uma paródia ou antítese do verdadeiro Cristo. Paulo mesmo não usa o termo "anticristo" (1Jo 2.18,22; 4.3) mas o termo é apropriado. Seu destino está selado; ele será destruído por ocasião da vinda de Cristo. Ver "A Segunda Vinda de Jesus" em 1Ts 4.16.

* **2.4 se levanta contra tudo que se chama Deus.** Essa descrição do homem da iniqüidade reproduz a do pequeno "chifre" em Daniel (Dn 7.8,20,25; 8.9-12; cf. 11.31,36) e antecipa a descrição que João faz da besta que emerge do mar (Ap 13.1-8).

a ponto de assentar-se no santuário de Deus. Alguns, a partir desse versículo, deduzem que o templo de Jerusalém, ainda existente quando essa carta foi escrita mas destruído no ano 70 d.C., há de ser reconstruído para uso do "homem da iniqüidade". Outros tomam a palavra "templo" em um dos outros sentidos que têm no Novo Testamento, como a Igreja (Ef 2.19-22; 1Pe 2.5). A referência pode ser uma maneira intencionalmente exagerada de falar sobre as aspirações do impostor ao poder celestial. Da mesma forma que o rei da babilônia, um outro protótipo do pecado, queria estabelecer o seu trono no

céu (Is 14.13,14; cf. o rei de Tiro, em Ez 28.2), assim também o homem da iniqüidade se vangloriará de possuir o santuário celeste de Deus (Ap 13.6).

* **2.6** A identidade do que "detém" o homem da iniqüidade (vs. 6 e 7; cf. Ap 20.1-3) deixou de ser evidente para os leitores modernos de 2 Tessalonicenses. Os intérpretes têm proposto um grande número de alternativas. O poder que detém parece ser, ao mesmo tempo, impessoal (v. 6, "o que o detém") e pessoal (v. 7, "aquele que agora o

detém"). É possível, assim, que se trate de uma instituição que podia ser representada por uma única pessoa, tal como o estado romano com seu imperador, o estado judaico com o seu líder, ou o ministério universal do evangelho com Paulo sendo seu principal ministro. Seja qual for a exata aplicação, está claro que por detrás do poder que detém está a vontade de Deus.

* **2.7 já opera.** Apesar do homem da iniqüidade ainda não ter aparecido, Paulo não permitirá que os seus leitores baixem a guarda. O mesmo poder satânico que gerará no fim esse enganador sacrílego, já estava em ação nos dias de Paulo (1Jo 2.18) e age também em nossos dias. Porque agora está detido, a igreja é fortemente encorajada a desencumbir-se de sua missão.

* **2.8 com o sopro de sua boca.** Essa descrição é de Is 11.4. Também reaparece em Ap 19.15,21, onde a besta e o falso profeta encontram o seu completo fim.

* **2.9** A vinda de Cristo será precedida pelo "aparecimento do iniquo".

* **2.13,14** Há um tesouro de ensinamento nesses dois versículos. Temas centrais da doutrina bíblica da salvação — eleição, vocação, fé, santificação e glorificação — estão presentes e respectivamente relacionados. Há um agir harmonioso de todas as três pessoas da Trindade: Deus o Pai escolhendo e chamando, Deus o Filho compartilhando ao seu povo sua glória e Deus Espírito Santo comunicando sua graça santificadora (1Pe 1.2).

* **2.13 Entretanto.** Com essa palavra, Paulo passa a certificar seus leitores de que não os inclue entre os que acabou de mencionar nos vs. 11 e 12, os quais se recusam a amar a verdade e que cairão presas do engano.

Deus vos escolheu. Ver nota em 1Ts 1.4. Desde o princípio (Ef 1.4), Deus os escolheu "pela" santificação e fé na verdade e não "por causa” dessas ações. De acordo com Paulo, os eleitos não podem

continuar a viver de forma ímpia depois que foram convertidos.

* **2.14 para o que.** Isto é, para a salvação.

vos chamou. Sobre a vocação divina, ver 1.11; 1Ts 2.12; 1Tm 6.12 e nota teológica "Vocação Eficaz e Conversão", índice.

mediante o nosso evangelho. O evangelho, que ocupa-se do Filho de Deus (Rm 1.3), é o meio empregado por Deus para chamar os pecadores à glória.

para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. Um outro modo de falar sobre a salvação à qual fomos chamados por Deus (Rm 8.30; 1Ts 2.12; 1 Pe 5.10).

* **2.15 guardai as tradições.** Paulo transmitiu, por palavra ou por carta, tradições práticas e doutrinárias autoritativas (Rm 6.17; 1Co 11.2,23; 15.3; 2Tm 1.13).

epístola. Provavelmente 1 Tessalonicenses.

* **3.1,2** Paulo pede orações pelo sucesso do evangelho e pela proteção aos que o levam. Paulo enfretou quase que constante perigo de vida no decorrer de seu ministério. Essa passagem, além de Rm 15.30,31; 2Co 1.11 e Fp 1.19, mostra o quanto ele confiava nas orações do povo de Deus para a continuação de seu ministério e até, possivelmente, para sua própria sobrevivência.

* **3.3 fiel.** Contrapõe-se à infidelidade mencionada no versículo anterior a fidelidade inabalável de nosso Deus imutável (Ml 3.6; 1Co 1.9; 10.13; 2Co 1.18; Tg 1.17).

* **3.5 ao amor de Deus e à constância de Cristo.** Nossos corações devem viajar para esses seguros portos espirituais de meditação; é uma viagem dirigida pelo Senhor.

* **3.6-15** Ver Introdução: Características e Temas. Paulo toma

medidas firmes contra um persistente problema de ociosidade e suas conseqüências (v. 10; cf. 1Ts 4.11). Paulo, obviamente, considera séria a falta mas trata os faltosos como irmãos crentes.

* **3.6 que vos aparteis.** É possível que Paulo tivesse em mente as instruções de Jesus sobre a disciplina eclesiástica registradas em Mt 18.15-17. Ele dá instruções semelhantes nos vs. 14 e 15; Rm 16.17; 1Co 5.9-13; 2Tm 3.1-5; Tt 3.10,11.

* **3.9 esse direito.** Paulo consistentemente ensina que aqueles que trabalham no evangelho merecem seus salários (1Co 9.6-18). Paulo, normalmente, aceitava apoio ao seu ministério mas, quando temia que seus motivos seriam postos em dúvida ou quando (como em Tessalônica) fazia-se necessário um exemplo firme para aqueles que recusavam-se a trabalhar, Paulo renunciava aos seus direitos e recusava-se a receber remuneração.

* **3.10** Aparentemente, o problema da ociosidade se manifestou quando Paulo e seus companheiros ainda estavam na cidade. Mesmo então haviam sentido a necessidade de conclamar os que andavam "desordenamente" a trabalharem (vs. 6 e 11).

* **3.11 não trabalhando; antes, se intrometem na vida alheia. Sem**

ocupação própria, tais ociosos intrometiam-se nos negócios alheios.

* **3.14 nem vos associeis.** Ver nota nos vs. 6-15; "Disciplina Eclesiástica e Excomunhão" em Mt 18.15.

fique envergonhado. Não como retaliação mas como tentativa de conduzir ao arrependimento e, finalmente, de restaurá-lo à comunhão na igreja.

* **3.17** Embora tivesse ajuda de auxiliares para escrever suas cartas, Paulo tinha o costume de escrever de próprio punho a

saudação final ou a benção. Ele chama a atenção para esse hábito, como um selo de autenticidade da carta, aqui em 1Co 16.21 e Cl 4.18. Com base em Gl 6.11 e Fm 19, parece que Paulo escreveu pessoalmente mais do que apenas as frases de conclusão dessas duas epístolas.

2 Timóteo

* **1.1,2.** Saudação inicial, incluindo remetente, destinatários e bênção.

* **1.1 apóstolo de Cristo Jesus.** Alguém enviado como representante oficial de Cristo (2Co 1.1, nota).

pela vontade de Deus. Paulo identifica aquele que o comissionou (1Co 1.1,2; 2Co 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1).

de conformidade com a promessa da vida que está em Cristo Jesus. O

papel do apóstolo é proclamar a vida que está em Cristo (1Tm 1.16, nota).

* **1.2 amado filho.** Ver Introdução a 1 Timóteo: Data e Ocasião; 1Co 4.17 (cf. 1Tm 1.2).

graça... nosso Senhor. Ver nota em 1Tm 1.2.

* **1.3-5.** Como na maioria de suas cartas (com exceção de Gálatas, 1 Timóteo e Tito), após a saudação, Paulo segue com palavras de ação de graças a Deus pelos destinatários da carta. Aqui ele enfoca o seu relacionamento com Timóteo e sua confiança na fé que Timóteo demonstra ter.

* **1.4 Lembrado das tuas lágrimas.** Provavelmente Timóteo derramou lágrimas na última vez que Paulo o deixou.

estou ansioso por ver-te. Paulo antecipa seu pedido feito em 4.9, 21.

* **1.5 Lóide... Eunice.** Essas mulheres são mencionadas somente aqui no Novo Testamento. Ver Introdução a 1 Timóteo: Data e Ocasião.

* **1.6-14.** Paulo se dirige ao corpo da carta. Ao encorajar Timóteo à ousadia e fidelidade, Paulo discute o evangelho e seu próprio papel na proclamação do mesmo.

* **1.6 reavives o dom de Deus.** Essa forte expressão sugere que Timóteo estava sendo menos convincente do que deveria no uso do dom espiritual que Deus lhe havia dado.

imposição das minhas mãos. Ver nota em 1Tm 1.18.

* **1.7 espírito de covardia.** Essa forte expressão era necessária por causa da timidez natural de Timóteo e da gravidade de sua situação.

* **1.8 seu encarcerado, que sou eu.** Paulo está aprisionado em Roma (2.9; Introdução: Data e Ocasião).

* **1.9 com santa vocação.** O alvo da eleição e do chamado de Deus é a santificação do seu povo (Ef 1.4).

não... graça. Essa é uma maravilhosa afirmação que a salvação é pela graça, não por mérito humano (Ef 2.8,9).

conforme a sua própria determinação. O decreto de Deus da redenção está baseado exclusivamente no seu próprio propósito e prazer bondoso. Em outros lugares, esse propósito divino é identificado como misericórdia (Tt 3.5) e amor (Ef 1.4,5).

antes dos tempos eternos. Uma afirmação que o decreto divino da redenção através de Cristo é desde a eternidade (Ef 1.4; Tt 1.2; 1 Pe 1.20; Ap 13.8).

* **1.10 nosso Salvador Cristo Jesus.** Cristo é o mediador da aliança da graça (Tt 1.4; 2.13 e 3.6).

o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade.

Isto é, através de sua morte e ressurreição (Hb 2.14,15; Ap 1.18).

* **1.11 pregador.** Ver 1Tm 2.7.

não me envergonho. Tendo exortado a Timóteo a não se envergonhar de falar de Cristo (v. 8), Paulo se apresenta como um modelo de ousadia diante de sofrimentos (2.8-10; 3.10,11).

aquele Dia. Dia do juízo (v. 18; 4.8).

* **1.13 sãs palavras.** Esse tema perpassa todas as cartas pastorais (1Tm 1.10, nota).

* **1.14 Guarda o bom depósito.** Ver nota em 1Tm 6.20.

* **1.15-18.** A preocupação de Paulo que Timóteo permaneça fiel levou-o a mostrar exemplos específicos de infidelidade e fidelidade.

* **1.15 todos.** Paulo provavelmente está escrevendo com exagero intencional para certificar-se que seus leitores percebam a extensão da deslealdade.

Ásia. Uma província romana que cruza o mar Egeu desde a Grécia até parte da atual Turquia ocidental. Éfeso, onde Timóteo servia como representante de Paulo, era a cidade principal dessa província.

Figelo e Hermógenes. Não são mencionados em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Provavelmente Paulo menciona-os porque contava com o apoio deles.

* **1.16 Onesíforo.** Membro da igreja de Éfeso que se distinguiu por

sua lealdade a Paulo (v. 18; cf. 4.19).

* **1.17 tendo ele chegado a Roma.** Onesíforo pode ter ido a Roma a fim de ajudar Paulo.

* **2.1-13.** Paulo novamente exorta Timóteo a permanecer fiel, começando com três analogias da vida diária para enfatizar a sincera devoção a uma tarefa.

* **2.1 filho meu.** Ver nota de 1.2.

* **2.2 através de muitas testemunhas.** Isso pode referir-se à ordenação de Timóteo (1.6; 1Tm 1.18; 4.14).

homens fiéis e também idôneos para instruir a outros. Presumivelmente presbíteros ou bispos (1Tm 3.2; 5.17; cf. Tt 1.7, nota).

* **2.5,6 coroado... frutos.** Essas duas analogias acrescentam uma promessa de recompensa futura (vs. 10-12).

* **2.8 descendente de Davi.** Jesus cumpre a promessa de Deus de dar a um dos descendentes de Davi um reinado eterno (2Sm 7.12-16; Mt 1.1; Mc 12.35; Lc 1.32,33; Jo 7.42; At 2.30-36; Ap 5.5). Ver Rm 1.3,4 referente à associação da ressurreição de Cristo e sua descendência de Davi.

ressuscitado de entre os mortos. A ressurreição de Cristo está no centro da teologia paulina (Rm 6.4-10; 1Co 15.12-22). Ela é a base para a esperança expressa nos vs. 11 e 12.

* **2.9 estou sofrendo.** Ver nota em 1.8.

* **2.10 eleitos.** Aqueles que Deus escolheu para serem salvos (Tt 1.1).

a salvação que está em Cristo Jesus. A salvação que vem através

da fé em Cristo (3.15). Ver "Salvação" em At 4.12.

eterna glória. Essa glória é a salvação final e completa dos eleitos na nova ordem de Deus. Os santos terão corpos ressurrectos e naturezas humanas

transformadas (1Co 15.42-49). Experimentarão a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, e conhecerão plenitude de alegria numa vida que lhes é garantida através da morte, ressurreição e ascensão de Cristo (v. 11; Mt 13.43; 1Tm 1.16, nota; cf. Sl 16.11).

* **2.11 Fiel é esta palavra.** Ver nota em 1Tm 1.15. O que segue pode ser parte de um antigo hino cristão.

se já morremos com ele. Uma referência à união do crente com Cristo na sua morte na cruz (Rm 6.3-11).

* **2.12 se perseveramos.** Isso se refere à perseverança no sofrimento (v.

10).

também com ele reinaremos. Uma imagem do Novo Testamento para a glória eterna que os cristãos recebem por meio de Cristo (Mt 19.28; Rm 5.17; Ap 3.21; 5.10; 20.4,6; 22.5).

se o negamos, ele, por sua vez, nos negará. Uma advertência sensata contra a apostasia (Mt 10.33).

* **2.13 se somos infiéis, ele permanece fiel.** Essa é uma maravilhosa afirmação da certeza que, embora somos chamados à perseverança e fidelidade, em última análise, a salvação não se baseia na nossa fidelidade, mas na de Cristo (v. 19).

de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo. A esperança cristã está firmemente enraizada no imutável caráter de Deus (Nm 23.19; Tt 1.2).

* **2.14 contendas de palavras.** Uma das características dos falsos mestres (v. 23; 1Tm 1.4; 6.4; Tt 3.9).

* **2.15 a palavra da verdade.** O evangelho (2.8,9; 4.2).

* **2.17 Himeneu.** Também mencionado em 1Tm 1.19,20, como alguém que veio a "naufragar na fé".

Fileto. Não é citado em nenhum outro lugar do Novo Testamento.

* **2.18 a ressurreição já se realizou.** A crença gnóstica negava a futura ressurreição corporal dos cristãos e, em seu lugar, afirmava uma ressurreição espiritual na conversão; disso resultou uma ênfase exagerada na experiência do presente (1Co 15.12-14).

estão pervertendo a fé a alguns. As doutrinas dos falsos mestres são incompatíveis com o evangelho. Timóteo deveria advertir a igreja contra os mesmos (v.14).

* **2.19 o firme fundamento de Deus.** A Igreja (cf. 1Tm 3.15) que é a eleita de Deus.

permanece. Em contraste com aqueles que se desviam (v. 18).

selo. Uma expressão que denota a idéia de posse e segurança.

O Senhor conhece os que lhe pertencem. Uma citação de Nm 16.5 (de acordo com a tradução da Septuaginta). O eterno decreto da eleição está inscrito sobre o povo de Deus (v. 11), que garante a segurança do corpo de Cristo (Jo 10.29).

Aparte-se... O chamado divino para a santidade também está inscrito sobre a congregação de membros da Igreja de Cristo (v. 21), incluindo o repúdio ao falso ensino.

* **2.20,21.** Estes versículos apresentam um exemplo da vida diária sobre a importância da santidade — ser separado para uma tarefa

nobre (piedosa).

* **2.23 questões... contendas.** Ver nota em 2.14.

* 2.25,26. O cristão nunca deve pensar que aqueles que são enredados pelo falso ensino do diabo estão irremediavelmente perdidos. O evangelho deve ser proclamado a todos.

* 3.1-9. Paulo continua no tema do ensino falso, voltando-se ao ataque dos próprios falsos mestres. Observa o impacto destes sobre a igreja de Éfeso, mas conclui com a afirmação que eles serão mal sucedidos no fim.

* 3.1 nos últimos dias. A era inaugurada pela primeira vinda de Cristo e completada por sua segunda (1Tm 4.1, nota).

* 3.5 tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. A

aparência que os falsos mestres tem de cristãos é que os torna tão perigosos (Mt 7.15,21-23).

* 3.6 mulherinhas sobrecarregadas. O argumento de Paulo não é que todas as mulheres são assim, mas que algumas foram especialmente vulneráveis ao engano. Os falsos mestres de Éfeso tiveram especial sucesso no engano de mulheres (1Tm 2.14; 5.13-15).

* 3.8 Janes e Jambres. Na tradição judaica, estes nomes foram dados a dois mágicos egipcios que se opuseram a Moisés diante de Faraó (Êx 7 e 8).

* 3.10-17. Conservando plenamente diante de si o problema dos falsos mestres, Paulo passa a encorajar mais uma vez Timóteo à fidelidade, primeiramente em termos do exemplo dado por ele e, depois, como obediência à Escritura.

* 3.10,11. Mais uma vez Paulo apela para a sua própria vida como

um exemplo para Timóteo (1.11-13; 2.8-10).

* 3.11 Antioquia, Icônio e Listra. Três cidades da província romana da Galácia onde Paulo pregou o evangelho na sua primeira viagem missionária (At

13.14—14.20). Apesar de significante oposição, Paulo teve sucesso em estabelecer uma igreja em cada uma dessas cidades (At 14.21-23). Paulo menciona essas cidades, incluindo Listra, a cidade natal de Timóteo, a fim de apelar para as raízes da fé demonstrada por Timóteo (vs. 14 e 15; 1.5).

me livrou o Senhor. Ver 4.18 e nota.

*** 3.12 todos quantos querem viver piedosamente... serão perseguidos.**

O Novo Testamento ensina que cristãos devem esperar perseguição (Mt 10.17,18; Jo 15.20; 1Pe 4.12 e 5.9).

*** 3.14 de quem o aprendeste.** Uma referência à mãe e à avó de Timóteo (1.5) bem como ao próprio Paulo.

*** 3.15 desde a infância.** De acordo com o costume, o pai judeu devia começar a instruir a criança na lei quando esta atingia cinco anos de idade.

sabes as sagradas letras. Os falsos mestres interpretaram erroneamente o Antigo Testamento (1Tm 1.7; Tt 3.9). Timóteo precisa lembrar a devida instrução que recebeu de sua mãe e avó. As "sagradas letras" são os livros do Antigo Testamento. O Novo Testamento ainda não existia em forma de coleção. Na realidade, vários dos livros do Novo Testamento provavelmente ainda não tinham sido escritos.

salvação... em Cristo Jesus. Interpretado corretamente, o Antigo Testamento leva a gente a compreender o papel central de Jesus

Cristo no plano geral de Deus para a sua criação.

* **3.16 Toda a Escritura.** O Antigo Testamento (v. 15, nota).

é inspirada por Deus. Ou "Deus soprou". Esta é uma das mais importantes expressões do Novo Testamento da doutrina da inspiração divina da Escritura. A Bíblia foi soprada pelo Espírito de Deus (2Pe 1.21). Deus é a fonte e o autor final da Escritura. Embora escrita por autores humanos, a Escritura, porém,

mantém o pleno peso da autoridade divina. Ver nota teológica "A Autoridade das Escrituras", índice.

* **4.1-5.** Paulo conclui o seu apelo a Timóteo, iniciado em 1.6.

* **4.1 perante Deus.** Paulo menciona testemunhas para incutir em Timóteo a máxima seriedade na sua tarefa.

Cristo Jesus, que há de julgar. Sobre Cristo como juiz, ver v. 8; Mt 25.3146; Jo 5.22,27; At 10.42.

sua manifestação. Segunda vinda de Cristo (cf. o v. 8; 1Tm 6.14; Tt 2.13).

* **4.2 a palavra.** O evangelho (cf. 2.15).

quer seja oportuno, quer não. Em toda situação, seja boa ou má, a Palavra deve ser proclamada.

* **4.3 suportarão.** Possivelmente uma referência a algumas pessoas que têm ligação com a igreja.

sã doutrina. Ver nota em 1.13.

coceira nos ouvidos. Algumas pessoas têm um interminável fascínio com tudo, menos com a verdade.

* **4.4 fábulas.** Ver nota em 1Tm 1.4.

* **4.5.** Uma exortação final à fidelidade mesmo que outras pessoas se desviem.

* **4.6-8.** A morte iminente de Paulo é a razão para este extenso apelo a Timóteo (Introdução: Data e Ocasião).

* **4.6 já.** Paulo aceita sua inevitável morte mesmo que esta ainda esteja vários meses à sua frente.

oferecido por libação. Essa metáfora referente à morte (cf. Fp 2.17) é extraída da linguagem do sistema sacrificial do Antigo Testamento. Uma libação de vinho era derramada no santuário como oferenda a Deus (Nm 15.5,7,10 e 28.7). Paulo compreende sua iminente morte como uma oferenda a Cristo.

minha partida. Outra metáfora aplicada à morte (Fp 1.23). Paulo apegou-se firmemente à esperança e certeza dum destino além do sepulcro (v. 18).

* **4.7.** Com essas três metáforas, Paulo expressa o fim de seu ministério. Sua preocupação não é com o sucesso que ele tenha sido, antes, que ele tenha sido fiel ao seu Senhor.

* **4.8 a coroa da justiça.** Talvez a coroa concedida pela vida fiel de alguém que recebeu a justiça de Cristo mediante a fé (Rm 3.22). Mais precisamente, essa é a coroa que consiste de perfeita justiça — a vida eterna dada ao crente como clímax do processo de santificação (2.10; Tg 1.12; 1Pe 5.4; Ap 2.10).

reto juiz. Cristo no seu papel de juiz que traz à conclusão a obra por ele iniciada nos seus eleitos.

naquele Dia. O dia do juízo (1.12,18).

a sua vinda. A segunda vinda de Cristo (v. 1).

* **4.9-18.** Paulo volta agora à razão principal da escrita da carta: ele

deseja ver Timóteo pela última vez. Paulo dá várias instruções a Timóteo sobre sua viagem a Roma. Informa-o de sua atual situação e conclui com uma profunda expressão de confiança em seu Senhor.

* **4.9 Procura vir ter comigo.** Paulo havia dado a entender seu desejo de ver Timóteo em 1.4.

depressa. Ver nota do v. 21.

* **4.10 Demas.** Cooperador presente com Paulo durante seu primeiro aprisionamento em Roma (Cl 4.14; Fm 24).

Tessalônica. Cidade na província romana da Macedônia onde Paulo havia estabelecido uma igreja em sua segunda viagem missionária (At 17.1-10).

Crescente. Não mencionado em qualquer outro lugar do Novo Testamento. Ao que tudo indica, era outro cooperador de Paulo.

Galácia. Uma província romana visitada por Paulo em sua primeira viagem missionaria (3.11, nota).

Tito. Outro dos cooperadores de Paulo. Ver Introdução a Tito: Data e Ocasião.

Dalmácia. Outro nome para a província romana do Ilírico, a província mais ocidental atingida por Paulo em suas primeiras três viagens missionárias (Rm 15.19).

* **4.11 Lucas.** O "médico amado” mencionado em Cl 4.14 e Fm 24, que viajou em companhia de Paulo durante boa parte de sua segunda e terceira viagens missionárias (Introdução a Lucas: Autor).

Toma contigo Marcos e traze-o. Um belo exemplo do perdão cristão. A deserção de João Marcos de Paulo e Barnabé durante sua primeira viagem missionária (At 13.13) resultou na dissolução da parceria entre Paulo e Barnabé (At 15.37-39). Posteriormente, Marcos

recuperou o favor de Paulo (Cl 4.10; Fm 24). Agora, no fim de sua vida, Paulo quer vê-lo, pois "me é útil".

* **4.12 Tíquico.** Cooperador de Paulo mencionado em At 20.4; Ef 6.21 ;Cl 4.7 e Tt 3.12.

até Éfeso. Tíquico deve levar esta carta a Timóteo e servir como seu substituto.

* **4.13 capa.** Pesada peça de roupa de lã usada para proteção contra umidade e frio. Paulo está antecipando a chegada do inverno (v. 21).

Trôade. Um porto ligando a província da Ásia com a Macedônia cruzando o Mar Egeu (At 16.7,8, nota). Paulo tinha viajado através de Trôade em sua segunda e terceira viagens missionárias (At 16.8,11; 20.5,6). Não se sabe ao certo quando Paulo esteve em Trôade em sua quarta e última viagem missionária.

Carpo. Não é mencionado em qualquer outro lugar do Novo Testamento.

pergaminhos. Pergaminho é um material de escrita feito de peles de animais, especialmente ovelhas e cabras. Provavelmente Paulo solicitava partes do Antigo Testamento.

* **4.14 Alexandre, o latoeiro.** Ver nota em 1Tm 1.20.

causou-me muitos males. Esse incidente não é mencionado em qualquer outra parte do Novo Testamento.

O Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras. Isto é, no dia do juízo final (Mt 16.27; Rm 2.6; Ap 22.12).

* **4.16 primeira defesa.** Uma audiência preliminar antes do julgamento propriamente dito de Paulo o qual ele agora espera (Introdução: Data e Ocasião).

Que isto não lhes seja posto em conta. Uma expressão de perdão frente à morte, que relembra Cristo (Lc 23.34) e Estêvão (At 7.60).

* **4.17 Mas o Senhor me assistiu.** Paulo havia aprendido há muito tempo que sempre podia depender daquele que o havia comissionado (2Co 12.9,10; Fp 4.11-13).

a pregação fosse plenamente cumprida. Isso provavelmente se refere à proclamação do evangelho por Paulo na sua audiência preliminar.

todos os gentios a ouvissem. Paulo havia pregado o evangelho num forum público no centro do império romano.

fui libertado da boca do leão. Uma metáfora ao escapar da morte por um triz. A audiência preliminar de Paulo tinha resultado em suspensão temporária da pena.

* **4.18 me livrará também de toda obra maligna.** Paulo não acredita que Jesus impedirá sua morte física (v. 6), mas está expressando sua absoluta confiança em Cristo (2.13).

me levará salvo para o seu reino celestial. Essa é a esperança final de todos aqueles que confiam em Cristo.

* **4.19-21.** Conforme seu costume, Paulo encerra a carta com saudações pessoais e uma bênção.

* **4.19 Prisca, e Áquila.** "Prisca" é uma forma abreviada de "Priscila" conforme aparece noutros lugares em Atos e nas cartas de Paulo. Ela e seu marido Áquila tinham sido amigos de Paulo desde o tempo que ele visitou Corinto pela primeira vez durante a sua segunda viagem missionária. Eles eram judeus e, como Paulo, fabricantes de tendas (At 18.2,3). Vieram de Roma a Corinto. Posteriormente, acompanharam Paulo a Éfeso (At 18.18,19) e ali hospedaram uma igreja em sua casa por vários anos, antes de

retornarem a Roma (Rm 16.3,4; 1Co 16.19). Agora, ao que parece, tinham voltado a Éfeso, onde Timóteo estava (1Tm 1.3).

a casa de Onesíforo. Ver nota em 1.16. Essa saudação indica que Timóteo continuava em Éfeso (1.18).

* **4.20 Erasto.** Presumivelmente a mesma pessoa mencionada em Rm 16.23 como tesoureiro de Corinto.

Corinto. A capital da província romana da Acaia. Foi visitada por Paulo na sua segunda e terceira viagens missionárias. Corinto fica a 80 km de distância a oeste de Atenas.

Trófimo. Membro da igreja de Éfeso que tinha acompanhado Paulo a Jerusalém no final de sua terceira viagem missionária (At 20.4; 21.29).

Mileto. Porto marítimo bem ao sul de Éfeso que Paulo visitou no fim de sua terceira viagem missionária (At 20.15,17). Não sabe ao certo quando Paulo visitou Mileto na sua quarta e última viagem missionária.

* **4.21 antes do inverno.** O clima no inverno impediria a viagem de navio. Paulo pode ter sentido que, se Timóteo esperasse tempo demais, não chegaria antes de sua execução (v. 9). De qualquer maneira, precisava de sua capa antes do inverno (v. 13).

Êubulo... Prudente, Lino, Cláudia. Esses devem ser cristãos residentes em Roma, embora nenhum deles seja mencionado em qualquer outro lugar do Novo Testamento. De acordo com a tradição católica romana, Lino sucedeu Pedro como bispo de Roma.

* **4.22 A graça seja convosco.** Aqui a palavra grega está no plural: "vós" (“convosco”). Provavelmente Paulo desejava que a carta fosse lida para toda a igreja (1Tm 6.21, nota; Tt 3.15).

Tito

* **1.1-4** Saudação de abertura, composta de remetente, destinatário e

bênção.

* **1.1 servo de Deus.** Alguém que pertence e que serve a Deus (Rm 1.1; Fp 1.1).

apóstolo de Jesus Cristo. Alguém enviado como um representante oficial de Cristo (1Tm 1.1, nota).

a fé... a piedade. Os objetivos do apostolado de Paulo.

eleitos de Deus. Aqueles a quem Deus escolheu para crer em Cristo (2Tm 2.10).

* **1.2 na esperança da vida eterna.** As bênçãos asseguradas por Cristo (1Tm 1.1,16, nota; 2Tm 1.1).

que não pode mentir. Uma afirmação da perfeita confiabilidade de Deus (Nm 23.19).

prometeu antes dos tempos eternos. Uma afirmação do caráter eterno do decreto divino da redenção por meio de Cristo (2Tm 1.9).

* **1.3 Deus, nosso Salvador.** Como autor da aliança da graça, Deus é Salvador (2.10; 3.4; 1Tm 1.1; 2.3; 4.10).

* **1.4 verdadeiro filho.** Lit., "filho legítimo” (1Tm 1.2). Provavelmente

indicando que Tito foi um dos convertidos de Paulo.

Graça e paz. Ver nota em 1Tm 1.2.

Cristo Jesus, nosso Salvador. Como mediador da aliança da graça, Cristo é Salvador (2.13; 3.6; 2Tm 1.10). Ao longo desta carta, Paulo usa o título "Salvador" para Deus e para Cristo (v. 3, nota),

indistintamente. Dessa maneira ele demonstra sua fé na divindade de Cristo (2.13).

* **1.5-9** Paulo se dirige ao corpo da carta. Seu propósito é instruir a Tito sobre como este deverá agir em Creta na qualidade de representante de Paulo (Introdução: Data e Ocasião). Começa pela abordagem da organização eclesiástica.

* **1.5 pusesses em ordem as coisas restantes.** Como deixa claro a segunda parte do versículo, a organização das igrejas recém-formadas havia ficado por completar.

presbíteros. Um grupo de pessoas encarregadas do cuidado geral de uma igreja local (At 14.23; 20.17; 1Tm 5.17). O v. 7 esclarece que Paulo usou, de forma intercambiável, o termo "presbítero" e "bispo" ("bispo" significa supervisor, v. 7, referência lateral). Paulo discute as qualificações dos bispos em termos semelhantes em 1Tm 3.2-7, porém, com algumas diferenças. Ele não tenciona apresentar nenhuma dessas listas como se fosse completa. Seu propósito é simplesmente indicar as qualidades pessoais daqueles que haveriam de servir como líderes eclesiásticos.

* **1.6 marido de uma só mulher.** Refere-se, provavelmente, à fidelidade conjugal (1Tm 3.2, nota).

* **1.7 o bispo.** Isto é, um supervisor (ver referência lateral). A mudança casual de "presbítero" para "bispo" mostra que Paulo entende os dois termos como designação do mesmo ofício: "presbítero" sugerindo o caráter (maturidade espiritual) e "bispo" sugerindo o encargo (At 20.17,28).

cobiçoso de torpe ganância. Ninguém deveria almejar a liderança eclesiástica visando ganho de dinheiro (v. 11; 1Tm 6.5,10). Por outro lado,

Paulo efetivamente apoia o conceito de remuneração para certos líderes eclesiásticos (1Tm 5.17).

* **1.8 sóbrio.** Ou sensato. Uma ênfase relevante nesta carta (2.2,4-6,12).

* **1.9 apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina.** Como em suas cartas a Timóteo, Paulo está preocupado com que a sã doutrina que é segundo o evangelho seja transmitida e exista o comprometimento para com a mesma (1Tm 1.10, nota).

exortar... convencer os que contradizem. Duas atribuições do presbítero que, em função dos falsos mestres em Creta, são de especial relevância: o ensino da sã doutrina e a refutação da que é falsa. Ver "Pastores e Cuidado Pastoral" em 1 Pe 5.2.

1.10-16 A afirmação de Paulo sobre a necessidade de refutar o falso ensino leva-o a comentar a respeito dos falsos mestres e indicar como Tito deve tratar com eles.

1.10 os da circuncisão. Refere-se a pessoas oriundas de uma estrita perspectiva judaico-cristã (At 15.1,5; Gl 6.12,13). Ver Introdução: Dificuldades de Interpretação.

1.11 pervertendo casas inteiras. Uma possível referência à atividade de falsos mestres nas igrejas locais que funcionavam em casas. Dai, a necessidade de melhor organização (v. 5).

ensinando o que não devem. O ensino deles não era segundo a "sã doutrina" (v. 9).

torpe ganância. Ver nota no v. 7.

* **1.12 um seu profeta.** Paulo cita Epimênides, um poeta e reformador religioso do século VI a.C., natural de Cnossos em Creta, conhecido por suas

predições e sabedoria. Paulo não está colocando Epimênides no mesmo nível dos profetas do Antigo Testamento; ele simplesmente recorre para a estima que Epimênides desfrutava no mundo antigo.

* **1.13 repreende-os... para que sejam.** Refere-se aos falsos mestres (2Tm 2.25,26) e, provavelmente também aos seus seguidores.

* **1.14 fábulas judaicas.** Talvez uma referência às lendas do gênero sobre personagens do Antigo Testamento que são encontradas em muitos dos escritos apócrifos judaicos (1Tm 1.4; 4.7; 2Tm 4.4).

mandamentos. Relacionados, provavelmente, àquelas interpretações peculiares da lei judaica que caracterizam os falsos mestres (3.9; 1Tm 1.7; 4.3).

* **1.15 Todas as coisas são puras para os puros.** Os falsos mestres, aparentemente, proibiram o uso de certas coisas (1Tm 4.3, nota). Ver a resposta de Paulo em 1Tm 4.3-5.

* **1.16 o negam.** O Novo Testamento ensina que a ausência de ações condizentes com a vida transformada leva a pessoa a duvidar da fé em Cristo (Mt 7.16-20; Tg 2.14-16; 1Jo 3.17).

por suas obras. Paulo não condena apenas a doutrina dos falsos mestres mas também as suas ações (2Tm 3.2-5). Tanto a sã doutrina como ações condizentes com uma vida transformada são necessárias aos cristãos.

* **2.1-15** Paulo passa a tratar agora das coisas que Tito, em oposição aos falsos mestres, deve ensinar. E conclui com uma reflexão sobre a graça de Deus.

* **2.1 sã doutrina.** Ver nota em 1.9.

* **2.2-6** Ver 1Tm 5.1,2.

* **2.2 temperantes.** A virtude da temperança domina o conselho de Paulo nesta seção (vs. 4-6,12; 1.8 e nota).

* **2.3 mestras do bem.** Como o próximo versículo sugere, provavelmente no sentido do procedimento delas no lar.

* **2.4 instruírem.** Isto é, "conduzi-las à sensatez". Essa é uma forma verbal do adjetivo traduzido como "temperantes" (v. 2) e "sensatas" (v. 5) através desta seção. Paulo tem em mente, provavelmente, os problemas que algumas das viúvas mais jovens encontraram em Éfeso (1Tm 5.11-13).

* **2.5 sensatas.** Lit., "sóbrias" (vs. 2, 4, 6, 12; 1.8 e nota).

donas de casa. Ou "ocupadas no lar". Compare com o procedimento de algumas das viúvas mais jovens em Éfeso (1Tm 5.13).

sujeitas. Ver nota em 1Tm 2.11.

para que a palavra de Deus não seja difamada. A principal preocupação de Paulo nesta seção é que o procedimento dos cristãos reflita positivamente no evangelho (vs. 8, 10).

* **2.7 Torna-te... padrão.** Paulo dá um conselho semelhante a Timóteo (1Tm 4.12, nota).

boas obras. Um dos temas principais que Paulo desenvolve daqui em diante nesta carta (v. 14; 3.1, 8, 14).

* **2.9 servos.** Paulo dá instruções a servos em Ef 6.5-8; Cl 3.22-25 e 1Tm 6.1,2.

* **2.10 ornarem... a doutrina de Deus. Ver nota no v. 5.**

* **2.11-14** Estes versículos fornecem a base teológica para as instruções práticas dadas nos vs. 2-10.

* **2.11 a graça de Deus.** A imerecida compaixão de Deus.

se manifestou. Isto é, em Jesus Cristo (3.4,6; 2Tm 1.10).

salvadora. O propósito de Deus no oferecimento da graça a pecadores é a salvação deles (3.4-7; 2Tm 1.9).

a todos os homens. Tem-se em vista pessoas de todos os tipos independentemente de sexo, idade ou classe social (vs. 2-10; 1Tm 2.1-6).

* **2.13 a bendita esperança e a manifestação da glória.** A segunda vinda de Cristo (1Tm 6.14; 2Tm 4.1,8). Ver "Esperança" em Hb 6.18.

nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus. Essa é uma das afirmações mais claras no Novo Testamento sobre a divindade de Cristo.

* **2.14 o qual a si mesmo se deu por nós.** Isto é, na cruz. Paulo prossegue apresentando dois aspectos da obra de Cristo.

remir-nos de toda iniqüidade. O primeiro enfoque de Paulo é sobre o indivíduo: Cristo pagou o preço necessário a fim de libertar as pessoas dos pecados deles (Mt 20.28; Mc 10.45; 1Tm 2.6; 1Pe 1.18,19).

purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu. O segundo enfoque de Paulo é sobre a Igreja: Cristo purifica pessoas dos seus pecados (Hb 9.14; 1Jo 1.7,9) para que, unidas, formem um povo exclusivamente para Deus (Ez 37.23). Ver Ef 5.25-27 sobre a

purificação da Igreja por Cristo.

zeloso de boas obras. Ver nota no v. 7.

* **2.15 exorta e repreende.** Um resumo apropriado dos diferentes aspectos da incumbência dada por Paulo a Tito nos vs. 2-10 e 1.10-16.

com toda a autoridade. Isto é, como representante de Paulo.

Ninguém te despreze. Ver v. 8; 1Tm 4.12.

* **3.1-8** Depois de haver dado instruções para grupos específicos, Paulo passa agora a dar um conselho geral a Tito, inserindo aqui e ali reflexões sobre a graça de Deus e encorajando o povo "para toda boa obra" (v. 1).

* **3.1 aos que governam, às autoridades.** Sobre a submissão cristã às autoridades governantes, ver Rm 13.1-7; 1Pe 2.13-17; cf. 1Tm 2.2.

Toda boa obra. O tema dessa seção é a prática do bem (v. 8; 2.7, nota).

* **3.3** Esse versículo apresenta uma descrição gráfica da depravação humana separada de Cristo (Ef 2.1-3).

* **3.4 Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso**

Salvador, e o seu amor. Continuando com o v. 3, a maior preocupação de Paulo aqui é com a experiência que o pecador tem da graça de Deus e não com a próxima vinda de Cristo (2Tm 1.10).

* **3.5 Não por obras... mas segundo sua misericórdia.** Salvação é pela graça, não por obras (v. 6; Ef 2.8,9; 2Tm 1.9).

ele nos salvou. Ver 2Tm 1.9.

lavar. Purificação espiritual da qual o batismo é o sinal e selo (1Co 6.11; Ef 5.26).

regenerador e renovador. As duas palavras caracterizam o "lavar". Regeneração é a nova vida que começa quando uma pessoa chega à fé em

Cristo (Jo 3.3,5; 1Pe 1.3,23). Renovação está intimamente relacionada ao novo nascimento; ela envolve a completa transformação da vida que se inicia quando uma pessoa é regenerada (Rm 12.2; 2Co 5.17). Ver "Regeneração: O Novo Nascimento" em Jo 3.3.

do Espírito Santo. O Espírito aplica às pessoas a graça de Deus que é oferecida em Cristo (Jo 3.5, 6). Observe a estrutura trinitária nos vs. 4-6.

* **3.7 justificados.** Declarados justos perante Deus.

por graça. Dependendo de nós mesmos (vs.3,4), jamais nos apresentaríamos como justos perante Deus. O tema dos vs. 3-7 é que a justiça vem pela graça de Deus somente (Rm 3.21-25).

herdeiros. O propósito de Deus ao oferecer a sua graça aos pecadores não é apenas de salvá-los da condenação eterna mas também de torná-los membros da sua família através de adoção e, assim, herdeiros das suas promessas (Rm 8.17; Gl 3.29; 4.7).

* **3.8 Fiel é a palavra.** Ver nota em 1Tm 1.15. A expressão aponta para os vs. 4-7, acima.

solícitos na prática de boas obras. Ver nota no v. 1.

* **3.9-11** Para ilustrar as diferenças com as instruções que acabou de dar, Paulo retorna pela última vez ao problema dos falsos mestres.

* **3.9 discussões.** Uma característica marcante dos falsos mestres era seu espírito de contenda (1Tm 1.4; 6.4).

sobre a lei. A lei de Moisés (1.10, nota; cf. 1Tm 1.7).

não tem utilidade. Ao contrário da prática de boas obras, as quais são "proveitosas" (v. 8).

* **3.10** A disciplina eclesiástica deve basear-se em uma série de admoestações (Mt 18.15-17).

homem faccioso. Os falsos mestres tinham causado divisão nas igrejas (1Tm 6.4,5).

* **3.12-15** Paulo encerra a sua carta com instruções pessoais a Tito, saudações finais e uma bênção.

* **3.12 Ártemas.** Não é mencionado em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Trata-se, aparentemente, de um dos cooperadores de Paulo.

Tíquico. Um cooperador de Paulo, mencionado em At 20.4; Ef 6.21; Cl 4.7; 2Tm 4.12.

vir... ao meu encontro. O ministério de Tito em Creta está chegando ao fim (Introdução: Data e Ocasião).

Nicópolis. Uma cidade na costa oeste da província romana de Épiro (a moderna Albânia).

Estou resolvido a passar o inverno ali. Paulo está provavelmente na Macedônia.

* **3.13 Zenas... Apolo.** Os prováveis portadores desta carta. Zenas não é mencionado em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Aparentemente, é um dos cooperadores de Paulo. Apolo era natural de Alexandria e notável por sua eloqüência (At 18.24-26). Ele é bem

conhecido por causa de seu ministério em Corinto (At 18.27-19.1; 1Co 1.12; 3.4-22; 16.12).

*** 3.14 distinguir-se nas boas obras. Ver nota em 2.7.**

*** 3.15 todos vós.** Paulo, pelo que se presume, quis que a carta fosse lida para toda a igreja (1Tm 6.21; 2Tm 4.22).

FILEMOM

1 prisioneiro. Paulo sabe que pertence a Cristo e, se está na prisão, é pela permissão de Cristo (Fp 1.7).

2 Áfia, Arquipo. Provavelmente, estes são membros da casa de Filemom.

em tua casa. Os cristãos primitivos reuniam-se nas casas dos crentes (1Co 16.19; Cl 4.15).

6 se torne eficiente. Paulo vai sugerir uma boa obra que revelará a generosidade de Filemom de uma maneira importante e visível.

7 coração. A palavra traduzida "coração" é usada também nos vs.12 e 20 (lit. "entranhas" ou "íntimo"). Ela enfatiza mais as emoções do que a palavra grega usualmente traduzida por "coração".

9 o velho. Paulo apela para a misericórdia, descrevendo a si mesmo como uma pessoa velha e aprisionada. Ele o faz, "em nome do amor", e não por causa da sua própria pessoa.

10 meu filho Onésimo. Onésimo é filho espiritual de Paulo, porque ele se converteu através do ministério de Paulo.

11 inútil... útil. Paulo faz um trocadilho. O nome Onésimo significa "útil" ou "aproveitável". O trocadilho prepara Filemom para ouvir favoravelmente o apelo de Paulo em favor de alguém que o tinha lesado. Onésimo tinha fugido e provavelmente praticado furtos (v.18).

14 de livre vontade. Mais de uma vez em suas cartas, Paulo apela para o princípio de que um ato livre e voluntário tem muito mais valor do que um ato feito por obrigação (1Co 9.16,17; 2Co 9.7).

16 muito acima de escravo. Parece que Paulo está pedindo que Filemom dê a Onésimo a sua liberdade. É implícito que a escravidão é incompatível com a liberdade comum que os cristãos têm em Cristo. A escravidão é caracterizada por compulsão (v.14 nota), sem mencionar as algemas (v.10,13,14; ver 1Pe 2.18 nota).

17 como se fosse a mim mesmo. Paulo está disposto a apelar a sua amizade com Filemom a fim de que o seu pedido em favor de Onésimo não seja recusado. A oferta de Paulo para pagar as dívidas (v.18) de Onésimo é genuína, mas, por comparação, é algo secundário.

19 até a ti mesmo. Entende-se que Filemom, à semelhança de Onésimo, chegou à fé cristã através do ministério de Paulo.

22 pousada. Paulo previu a sua libertação, que parece ter acontecido, mas ninguém sabe se ele conseguiu chegar até Colossos.

HEBREUS

*** 1.1-4** O prólogo introduz as duas épocas na história, quando Deus falava

com seu povo em termos de "outrora" (v. 1) e nestes "últimos dias" (v. 2). A vinda de Cristo estabeleceu a nossa época como os prometidos "últimos dias" da salvação que os profetas previram (Jr 23.20; Os 3.5; Mq 4.1; cf. 1Co 10.11).

*** 1.1 Deus... Falado.** Um tema importante em Hebreus (2.2,3; 4.12; 6.5; 11.3; 12.25).

muitas vezes. O caráter fragmentário da revelação profética

evidenciou ser ela incompleta, tal como a repetição dos sacrifícios de animais demonstraram a sua incapacidade para remover a culpa (10.1).

muitas maneiras. Que incluíram visões, sonhos, e por enigmas (Nm 12.6-8; com uma alusão em 3.5).

*** 1.2 pelo Filho.** Esta revelação é qualitativamente superior àquela dada

através dos profetas. Moisés, o maior profeta, foi apenas um servo na casa de Deus; Cristo é "Filho em sua casa" (3.6). Tal como os profetas fizeram, o Filho fala, mas a sua revelação é definitiva.

herdeiro de todas as coisas. A supremacia do Filho será manifestada na consumação da história, porque "Tudo foi criado... para ele" (Cl 1.16). Ele é o Primogênito (v. 6), o herdeiro preeminente, cujos inimigos serão postos por estrado dos seus pés (v. 13, citando Sl 110.1). Como filhos de Deus, adotados por intermédio de Jesus, nós também somos herdeiros (v. 14; 6.12,17; Gl

4.6,7; Rm 8.14-17).

pelo qual também fez o universo. A supremacia do Filho foi manifestada nos primórdios da história, porque "nele foram criados todas as coisas" (Cl 1.16; cf. Jo 1.3). A palavra grega, traduzida como "universo" é lit., "eras" (também em 11.3), realçando os tempos sucessivos da história na cronologia da criação. Os vs.10,11 citam Sl 102.25-27 como testemunho ao lugar do Filho na criação e à sua permanência eterna, contrastado com o universo criado.

*** 1.3 resplendor da glória.** A palavra grega traduzida como "resplendor"

descreve a sabedoria divina, personificada no livro intertestamentário dos judeus, Sabedoria de Salomão (Sabedoria 7.25-28). Porém, Hebreus não fala de um atributo personificado, mas da pessoa divina

que entrou na história para purificar pecadores.

a expressão exata do seu Ser. Este versículo descreve tanto a unidade do Filho com o Pai, como também a distinção entre as pessoas divinas. Como aquele cujo ser corresponde exatamente ao do Pai, o Filho verdadeiramente revela o Pai. Cristo "é a imagem do Deus invisível" (Cl 1.15), pela qual vemos o Pai (Jo 14.9; 2Co 4.4-6).

sustentando todas as coisas pela palavra de seu poder. Dentro da história, é a autoridade do Filho que mantém a existência do mundo criado (Cl 1.17; 2Pe 3.4-7), preservando-o da destruição, até aquele dia quando a sua voz removerá tudo exceto o reino inabalável de Deus e os seus herdeiros (12.2628).

a purificação dos pecados. A mudança no tempo do verbo focaliza o interesse sobre a morte expiatória do Filho na história, e o ato sacerdotal que nos purifica, a fim de prestarmos culto na presença de Deus (9.14).

assentou-se à direita... nas alturas. A entronização do Filho "à direita" de Deus nos céus, prometido em Salmo 110.1, revela de duas maneiras a sua superioridade. Primeiro, "à direita" da majestade, Cristo está ministrando no verdadeiro e celestial santuário, e não numa cópia terrestre (8.1,2,5). Segundo, ele assentou-se porque a sua obra sacrificial (diferente daquela dos sacerdotes levíticos) foi consumada uma vez por todas (10.11,12).

*

1.4 superior aos anjos. Esta é demonstrada por uma de citações

do Antigo Testamento que se seguem (vs.5-14).

herdou mais excelente nome. O Filho eterno tomou sobre si uma natureza humana a fim de nos livrar do pecado e da morte (2.14,15). Tendo

voluntariamente assumido por um certo tempo uma posição "menor que os anjos" (2.7), agora, como o ressuscitado e ascendido Messias, ele é "designado Filho de Deus com poder" (Rm 1.4) para salvar o seu povo (v. 5, nota). Assim, a exaltação de Cristo inaugura uma nova fase em sua filiação messiânica e redentiva que lhe outorga uma dignidade muito acima da dos anjos.

* **1.5,6** A série de citações começa com exemplos dos Salmos (v. 5, de Sl 2.7); dos profetas (v. 25, de 2Sm 7.14; na Bíblia hebraica os livros de Samuel são contados com os profetas); e da Lei (v. 6, de Dt 32.43). O versículo 6 vem provavelmente da tradução grega (Septuaginta) de Dt 32.43, embora seja também semelhante da Sl 97.7.

* **1.5 Tu és meu Filho.** O decreto do Pai, declarando o Messias como seu Filho é identificado com a exaltação de Cristo (v. 4, nota; 5.5; At 13.32-35; Rm 1.4). Embora Jesus seja o eterno e divino Filho de Deus (Mc 1.11; Jo 3.16), a declaração da sua filiação redentiva, profetizado em Sl 2.7, lhe foi conferida no tempo, quando ele completou a sua obra messiânica. Os crentes não se tornam divinos e nem participam na eterna e divina filiação de Cristo, mas, a sua adoção como filhos de Deus significa que eles participam da filiação redentiva de Cristo através de sua união com o "Autor da salvação deles" (2.10; cf. 3.14, nota; Rm 8.29).

* **1.6 ao introduzir... no mundo.** Quando o Filho condescende em assumir a nossa natureza humana, os anjos o adoram (Lc 2.13,14).

Primogênito. Como em Sl 89.27, o termo indica "a posição mais elevada", acima dos reis da terra, e não "gerado antes de outros". Em Êx 4.22, o termo significa "escolhido" ou "mais desejado" (Cl 1.15, nota).

* **1.7** As nuvens de Sl 104 adornam a morada celestial do Senhor. ("Ventos" o termo grego pode ser traduzido "espíritos") e

"labareda de fogo" associam os anjos com a mutabilidade do mundo criado, em contraste com a permanência eterna do Filho (vs.10-12).

ministros. Em contraste com a entronização monárquica do Filho (vs. 8,9), os anjos são meros "ministros" ou "servos".

* **1.8,9** De Sl 45.6,7. Aquele que se dirige ao Filho com as palavras "ó

Deus", ele mesmo é "Deus, o teu Deus". O Filho é Deus, contudo, distinto do Pai (Jo 1.1).

* **1.9 Amaste a justiça**. Sobre a obediência e justiça do Filho, ver 4.15;

5.8; 7.26.

* **1.10** Sobre o Filho como Criador, ver v. 2 e nota.

* **1.11 tu... permaneces.** A eterna imutabilidade do Filho como Deus é

essencial a seu sumosacerdócio (7.3,23,24). Por meio dele, a herança dos crentes permanece para sempre (10.34; 12.27,28; 13.14).

* **1.13,14** A posição do Filho como autoridade celestial (8.1) é contrastada

com a missão dos anjos como ministros "a favor dos que hão de herdar a salvação" (isto é, aos que participam como co-herdeiros dos direitos de Cristo que é o herdeiro, vs. 2,5; 2.10; 6.12; cf. Rm 8.17,29). Os anjos servem a Cristo, mas também a seu povo, que herda a salvação através de uma união com ele. Nisto, o seu povo é favorecido acima dos anjos (cf. 2.16; 1Co 6.3).

* **2.1** Comparece exortações semelhantes em 3.12-14;

4.1,11; 6.11,12;

10.22-25; 12.1-13; e especialmente 12.25-29, mais uma lembrança do Sinai.

* **2.2,3** O argumento é do menor para o maior. Se o que os anjos disseram

foi "firme", então o que vem de um que é superior aos anjos deve ser muito mais firme. A palavra grega para "firme" é terminologia forense, assim como "testemunho" no v. 4.

* **2.2 falada por meio de anjos.** A missão dos anjos na outorga da lei é

sugerido em Dt 33.2 (onde o termo hebraico traduzido como "santos" é lit., "os santos" e se refere aos anjos) e tornou-se um elemento comum das descrições judaicas e cristãs do Sinai (At 7.53; Gl 3.19).

justo castigo. Ilustrado em 10.28,29 (cf. 6.6). Transgressores da aliança do Senhor foram eliminados da comunidade pactual pela morte.

* **2.3 salvação.** Mencionada pela primeira vez em 1.14, esta salvação

inclui a herança do mundo vindouro (v. 5; 11.16), a entrada na glória como os filhos adotados por Deus (v. 10), a purificação dos pecados (1.3; 2.11,17), a libertação do medo da morte (vs. 14,15) e o privilégio de aproximar-se a Deus (4.16; 10.22) a fim de oferecer-lhe um culto aceitável (12.28; 13.15,16).

que a ouviram. Os apóstolos foram testemunhas daquilo que Jesus disse e fez em seu ministério, morte, ressurreição (At 1.21,22; 10.39-41; 1Pe 5.1; 2Pe 1.15). O escritor e seus leitores ouviram o evangelho através deles (Introdução: Autor).

* **2.4 sinais, prodígios e vários milagres.** Estes termos são usados no

Novo Testamento para descrever os milagres especiais que Deus usou para demonstrar a autoridade do Salvador (At 2.22), bem como para atestar os ministérios dos apóstolos e de Estêvão (At 6.8; 14.3; Rm 15.19; 2Co 12.12).

* **2.5-9** O autor usa o contraste entre os anjos e os seres humanos no v. 5,

para mostrar como o Filho, quando ele assumiu uma plena e completa humanidade (vs.14,17), restaura a dignidade do homem para o lugar que Deus lhe designou na criação.

* **2.6 alguém, em certo lugar, deu... testemunho. Esta indefinição**

quanto às referências bíblicas é característica do autor de Hebreus, que enfatiza a autoria divina das Escrituras em vez dos autores humanos (p.ex., 1.5,7,8; 2.12; 3.7; 4.3; 5.5,6). Esse modo de citar uma bem conhecida referência confirmadora do Antigo Testamento acerca do homem na criação é uma prova da formação judaica dos leitores.

* **2.8 ainda não vemos.** Sl 8 descreve o glorioso status do homem como

cabeça de toda a criação. Porém, é evidente que o homem está longe de desfrutar de tal posição, por isso, alguma explicação se torna necessária.

* **2.9 vemos... Jesus.** Jesus tem a coroa de glória e honra. Agora, precisa ser demonstrado que ele a recebeu como homem, para assim cumprir as palavras citadas do Salmo.

por um pouco... feito menor. Ver referência lateral. A expressão

pode referir-se ou a status ou ao tempo (isto é, "por um pouco” Lc 22.58; At 5.34). Se se refere ao tempo, ela indica o caráter temporário da humilhação de Jesus.

provasse a morte por todo homem. Aqui, "todo homem" deve ser entendido à luz do contexto e dos resultados da morte de Jesus, explicado em outra parte de Hebreus. Ela se refere aos "muitos filhos" que Deus conduz à glória (v. 10), os quais Jesus chama "irmãos" (v. 11). Aqueles pelos quais Jesus experimentou a morte, foram feitos santos e perfeitos, uma vez para sempre, por sua morte (10.10,14), suas consciências foram purificadas daqueles atos que conduzem à morte (9.14), por isso, são libertados do medo da morte (2.14,15). Por contraste, existem aqueles (mesmo dentro das igrejas cristãs) que não confiam no Filho, antes o expõem ao ridículo (6.6). Para estes, "já não resta sacrifício pelos pecados, pelo contrário, certa expectação horrível de juízo" (10.26,27). Assim, aqui, "todo homem" inclui todos aqueles (e somente aqueles) que perseveram na confiança em Jesus (3.6,14).

* **2.10-18** Para que os filhos adotados por Deus alcancem a prometida glória do Sl 8, o Filho unigênito tinha de sofrer a morte em favor deles, destruindo o seu inimigo, libertando-os da escravidão, e expiando os seus pecados. No plano eterno de Deus, laços de irmandade unem os redimidos ao "Autor da salvação deles" (vs.10,11).

* **2.10 Autor.** O termo grego pode ser traduzido "Capitão" ou "Príncipe" (12.2; At 3.15; 5.31). Jesus foi o primeiro a passar pelo caminho do sofrimento, e como o nosso Capitão, nos conduz à glória que ele mesmo alcançou.

aperfeiçoasse. Ver nota em 5.9.

* **2.11 o que santifica.** Ver "Expiação" em Rm 3.25.

todos vêm de um só. Ou, "têm a mesma origem”, isto é, Deus. Uma outra interpretação é, "são de uma só natureza", isto é, a natureza

humana.

não se envergonha. À luz da glória do Filho, como projetada no cap.1, poderíamos esperar que ele recuasse diante de uma identificação com os falíveis seres humanos; contudo, ele está disposto a nos chamar irmãos e irmãs. Tal relacionamento familiar é essencial a seu ministério compassivo e sacerdotal (v. 17; 5.1; 7.5).

*

2.12 Introduzido aqui basicamente por causa das palav

irmãos". Sl 22.22 é o ponto de transição do Salmo que descreve a passagem do Ungido de sofrimento para libertação. O contexto das palavras citadas corresponde com seu uso em Hebreus.

* **2.13 Eu porei nele a minha confiança.** Esta confissão de fé aparece

em 2Sm 22.3; Is 8.17; 12.2 — em cada uma, um servo de Deus expressa confiança na presença de perigo. Para o Filho — o "Autor e Consumador da fé" (12.2) — colocar estas palavras em seus próprios lábios representa a sua condescendência, quanto à sua natureza humana, em viver pela fé, tal como nós fazemos.

eu e os filhos que Deus me deu. Como Isaías e seus filhos foram sinais da fidelidade de Deus à geração deles (Is 8.18), assim o Filho que é maior que os profetas (1.1,2; 3.3-6) tem também o seu círculo de "filhos" dados a ele pelo Pai (Jo 17.6).

* **2.14-18** Cristo é apresentado, primeiro como o nosso Redentor e

Guerreiro que derrota o nosso opressor e nos liberta; depois, como misericordioso e fiel sumo sacerdote que nos auxilia em nossas tribulações.

* **2.14 carne e sangue.** Esta é uma maneira idiomática para dizer

"humano". A mesma frase grega encontra-se em Mt 16.17; 1Co 15.50; Gl 1.16; Ef 6.12; enfatizando, talvez, as limitações da condição humana.

igualmente, participou. Isto é, a mesma humanidade, enfatizando o caráter completo da encarnação do Filho. A fim de que Cristo pudesse vencer a morte e o diabo, suportando o juízo de Deus sobre pecadores, foi necessário que ele participasse da natureza de "carne e sangue" deles.

aquele que tem o poder da morte. Havendo tentado a humanidade para pecar, o diabo passa a agir como um acusador (Ap 12.10), exigindo que um justo castigo seja aplicado; e o "salário do pecado é a morte" (Rm 6.23; cf. 1Co 15.56). O poder do diabo para matar é destruído somente quando o nosso pecado tem sido castigado — na morte de Cristo. Com isto, as suas acusações não têm mais base (Cl 2.14,15).

* **2.16** Este versículo retoma o contraste do v. 5. O contexto é Is 41.8-14, onde Israel é chamado "descendente de Abraão", a quem o Senhor "toma" e a quem promete "ajudar" (Is 41.13; cf. Hb 2.18), por isso, não precisa de "temer" (Is 41.10; Hb 2.15; cf. 13.5,6). Sobre Abraão e seus descendentes, ver 6.15-17; 11.9; Rm 4.11-18; 9.7,8; Gl 3.29.

socorre. Outra tradução é "tomar sobre si" ou "lançar mão sobre", como "participar", da natureza humana (ver referência lateral) na encarnação. De qualquer forma, a questão é esta: a natureza da encarnação apresentada no v. 14, determina a classe das criaturas que Deus pretende salvar. Ele tinha em vista seres humanos, e para salvá-los, o eterno Verbo teve de encarnar-se como um ser humano: "E o Verbo se fez carne" (Jo 1.14).

* **2.17 se tornasse semelhante aos irmãos**. Somente aquele que tinha sido tentado de todas as maneiras possíveis, como nós, podia ser o misericordioso sumo sacerdote (4.15; 5.2). Somente aquele que

tinha reagido a cada tentação com obediência perfeita podia ser fiel sumo sacerdote, sem pecado (4.15; 7.26) e digno de oferecer a si mesmo como sacrifício imaculado (9.14).

misericordioso e fiel sumo sacerdote. É uma lembrança do juízo pronunciado sobre a casa de Eli, da família de Arão, e a vinda de um fiel sumo

sacerdote que ministraria para sempre (1Sm 2.35). A fidelidade e misericórdia de Cristo (5.2) são explicadas no que se segue.

fazer propiciação pelos. O termo indica que ele carregou sobre si a ira e maldição que estava sobre "o povo" que pecou (Rm 3.25,26). Ver "Cristo — O Mediador" em 1Tm 2.5.

*** 2.18 que ele mesmo sofreu**. Ver "A Humanidade de Jesus" em 2Jo 7.

*** 3.1 santos irmãos.** Esta maneira de dirigir-se a alguém, é tipicamente

cristã (3.12; 10.19; At 1.16; 1Co 3.1), tem um sentido especial aqui, porque Jesus nos chama "irmãos" e nos "santifica" (2.11).

vocação celestial. Dos céus, o Senhor chama, convocando-nos a sermos perseverantes à fé (12.25). Ele nos chama também para os céus, uma pátria superior (11.16) e à eterna herança daqueles que são chamados (9.15).

considerai. Posto que Cristo é poderoso para resolver os maiores problemas que enfrentamos, devemos estar prontos para prestar toda atenção àquilo que será dito acerca dele.

Apóstolo. Este título é aplicado a Cristo somente neste lugar no Novo Testamento, e enfatiza o fiel cumprimento da missão que o Pai lhe deu (v. 2; cf. 10.5-10; Jo 6.38; 20.21).

* **3.2-6** Com referência a Nm 12.7, Moisés e Cristo são comparados

quanto à fidelidade, e contrastando quanto à honra. Embora privilegiado para falar face a face com Deus, e ver a sua forma (Nm 12.8), Moisés era apenas um "servo" na casa de Deus (v. 5). Cristo, porém, como agente da criação (1.2,10), merece a honra como o Construtor divino de todas as coisas e "como Filho, em sua casa" (v. 6).

* **3.3 que a estabeleceu.** A implicação necessária é que Jesus é o

construtor da casa e, portanto, que ele é divino (v. 4). Este texto indica tanto a

identidade de Cristo como Deus ("que a estabeleceu") quanto a sua distinção pessoal do Pai (v. 6).

* **3.5 fiel, em toda a casa.** Posto que o autor se refere a Nm 12.7, a

ênfase recai sobre a dignidade do serviço de Moisés. Ele é ministrador incomparável da lei, porém, o ministério de Cristo é ainda mais sublime.

testemunho... de ser anunciadas. O ministério de Moisés testificava da vinda de Cristo (Jo 5.46,47). A lei mosaica, através de suas figuras, apontava para as coisas boas trazidas por Cristo (9.11; 10.1), porque em suas regulamentações, o Espírito Santo mostrou que acesso à presença de Deus iria acontecer somente depois da substituição do tabernáculo terrestre para algo superior (9.8).

* **3.6 em sua casa.** Uma preposição diferente é usada em 10.21. Cristo está "sobre" a sua casa.

a qual casa somos nós. A casa de Deus é composta de seu povo

(1Sm 2.35; 2Sm 7.16; Ef 2.19-22; 1Tm 3.15; 1Pe 2.5), um tema importante que permeia as Escrituras.

se guardarmos firme. Esta condição explica aos leitores como eles podem ter certeza de que pertencem a Deus — sua fé deve provar ser verdadeira através da perseverança (v. 14; 6.11; 10.23). A palavra de advertência é uma introdução apropriada para a citação de Sl 95 que se segue.

* **3.7—4.13** O escritor cita Sl 95.7-11, e passa a usar numerosas citações e alusões breves a fim de permanecer dentro do alvo da sua exposição. Palavras chaves que são importantes nesta seção, incluem "Hoje" (3.13,15; 4.7) e "descanso" (4.3,5,6,8-11); a exposição de "descanso" é desenvolvida do ensino sobre o sábado em Gn 2.2. Juntamente com este ensino é a exortação para "entrar naquele descanso" (4.11) e a advertência para não "endurecer o coração" (3.15; 4.7).

* **3.8 dia da tentação.** Uma ocasião significante de tentação aconteceu em Refidim (Êx 17.1-7) onde o povo murmurou e Moisés feriu a rocha a fim de lhe dar água. Todo o período de quarenta anos, andando no deserto, foi caracterizado pela desobediência e rebelião, fato que pode estar em lembrança aqui (vs. 9,10; Sl 78.40).

* **3.11 jurei.** Nm 14.21-30 registra a resolução de Deus de não deixar aquela geração entrar na Terra Prometida. Hebreus interpreta esse juramento como uma referência ao descanso que é divino e eterno (4.1-11).

meu descanso. Ver nota em 4.8.

* **3.12,13** O autor se dirige a seus leitores segundo os termos de sua

confissão de fé (v. 1), dizendo, "irmãos", porém, reconhece que alguns dentro da comunidade cristã tinham, talvez, um "perverso coração de incredulidade" (cf. 12.15-17). Cristo pode salvar

totalmente os que por ele se chegam a Deus (7.25), contudo, são os cristãos que devem guardar não apenas a sua própria perseverança mas, também, devem encorajar uns aos outros (10.24,25), tal como o autor faz no decorrer dessa carta (13.22).

* **3.12 coração de incredulidade.** Isto é, um coração à semelhança de "vossos pais" (v. 9), que os impediu de entrar no descanso divino (v. 19).

* **3.13 Hoje**. Ver nota em 4.7.

engano do pecado. O pecado promove a ilusão de que a desobediência é mais segura (Êx 17.3) ou agradável (11.25,26; Êx 16.3) do que o peregrinar pela fé.

* **3.14 participantes de Cristo.** O grego pode significar que somos participantes com Cristo, seus companheiros 1.9, participando com ele na nova vida. Também, é possível interpretar "participante de Cristo", no sentido de ele ser o benefício que juntos recebemos, através da nossa união mística com ele.

* **3.16-19** Nem a bênção do êxodo de Egito, nem o privilégio de ouvir a

voz de Deus, garantiram para aqueles que estavam no deserto que entrariam no descanso de Deus, o descanso que é alvo da nossa peregrinação (4.8, nota). Sua rebelião (v. 16), pecado (v. 17), e desobediência (v. 18; 4.6) foi causada pela incredulidade, por sua incapacidade de permanecer tenazmente na promessa de Deus (v. 19; 4.2,3).

* **4.1 Temamos.** O juízo divino inspira medo (10.27,31; 12.21), contudo,

não precisamos temer o que os homens possam nos fazer (11.27; 13.6).

*** 4.2 a nós foram anunciadas as boas-novas. As boas-novas de**

libertação e do amor de Deus que Israel ouviu no Sinai não foram tão claras quanto a salvação anunciada agora por intermédio do Senhor (2.3), contudo, teria tido valor para seus ouvintes, e os teria introduzido no descanso de Deus, se as tivessem recebido com fé.

*** 4.3-5** O tema básico destes versículos é que um "descanso" de Deus

tem existido desde o sétimo dia da criação (v. 4; Gn 2.2), embora a geração desobediente não conseguisse entrar nele. O escritor entende que as promessas acerca da terra física, apontam, em última análise, para o descanso divino (3.11, nota), no qual somente aqueles que crêem podem entrar (v. 3).

*** 4.7 Hoje**. Os leitores já aprenderam que eles vivem no tempo que se

chama "Hoje" (3.13), portanto, devem prestar atenção às promessas e advertências. Através de Davi, a oferta para entrar (e uma advertência sobre o perigo de não entrar) é continuada para uma nova geração, que deve "Hoje" responder à voz de Deus.

*** 4.8** Mais uma indicação (cf. vs. 3-5) de que a terra física de Canaã não

foi o cumprimento da promessa do descanso de Deus. Quando Davi escreveu, Israel tinha entrado na terra havia muito tempo sob a liderança de Josué. Se a terra em que entraram sob a direção de Josué tivesse sido o cumprimento da promessa acerca do descanso divino, a advertência do salmista para a sua própria geração teria sido sem sentido. A esperança do patriarca foi

fundamentada sobre um país melhor, o celestial (11.16). Existem semelhantes argumentos do Antigo Testamento em 7.11; 8.7.

* **4.9 resta um repouso.** A celebração sabática final pelo povo de Deus acontecerá no futuro.

* **4.10 descansou de suas obras.** Provavelmente, a frase não se refere à conversão, na qual transferimos para Cristo a nossa confiança em obras; antes, se refere a nosso livramento final dos sofrimentos, tentações e fadigas (v. 11). Aqueles que morrem no Senhor descansam das suas fadigas (Ap 14.13).

* **4.12,13** O argumento que precedeu (3.7-4.11) tem ilustrado como o poder da Palavra de Deus revelou a infidelidade da geração que ficou no deserto e como as Escrituras (p.ex., Sl 95) penetra e julga aqueles que ela convida hoje, ao advertir sobre o engano do pecado (3.13) e sobre o perigo de falhar (v. 1).

* **4.12 dividir alma e espírito, juntas e medulas.** Embora alguns descubram aqui base para apoiar a teoria de que o ser humano é basicamente uma tricotomia, composto de corpo, alma e espírito, o contexto não a permite. Ela enfatiza o poder da Palavra de Deus para entrar nos recônditos mais profundos do íntimo humano, e não um tipo de divisão entre as partes constituintes. Além disso, se a idéia de divisão tivesse sido pretendida, iríamos esperar que o autor dissesse "ossos e medula" em vez de "juntas e medulas".

* **4.14-16** O pensamento esclarecedor de que estamos totalmente

desmascarados diante de Deus leva-nos ao misericordioso sumo sacerdote que, tendo sido tentado, pode nos auxiliar em nossas fraquezas (temas introduzidos em 2.17,18). Uma exortação para "conservarmos firmes a nossa confissão" (v. 14) encerra a seção anterior; e um convite para nos aproximarmos do trono de Deus, introduz as considerações sobre Cristo como o misericordioso sumo sacerdote.

* **4.14 O Filho de Deus**. Ver nota em 1.5 (cf. 5.5).

penetrou os céus. Cristo ressuscitou, subiu e assentou-se à destra

de Deus (8.1), de onde ele ministra como o nosso grande e eterno sumo sacerdote (7.26; 9.11,24).

* **4.15 tentado em todas as coisas.** Esta é a uma reafirmação vívida de 2.17,18. Pelo fato de ser mencionado mais uma vez, o autor é cuidadoso de acrescentar que, apesar de seu conhecimento das nossas fraquezas, Cristo ficou "sem pecado". Ver nota teológica "A Impecabilidade de Jesus".

* **4.16 Acheguemo-nos, portanto, confiadamente.** O acesso confiante a Deus é um privilégio sacerdotal, reservado para aqueles que têm sido purificados da contaminação do pecado pelo sacrifício de Jesus (7.19; 10.19,22), e por isso podem oferecer sacrifícios de louvor, agradáveis a Deus (12.28; 13.15,16). Sobre o privilégio sacerdotal dos crentes em Cristo, ver Rm 5.1,2; Ef 2.13-22; 1Pe 2.4-10.

misericórdia e... graça para socorro. A misericórdia fala da nossa necessidade de perdão quando caímos na tentação, e a graça nos traz auxílio oportuno para nos fortalecer no meio da tentação (2.18).

* **5.1-10.** Como os sacerdotes do Antigo Testamento foram identificados com as pessoas fracas e errantes que eles representaram (vs. 1-3) e cumpriram o chamado de Deus (v. 4), assim também Cristo tornou-se sumo sacerdote por nomeação do Pai (vs. 5,6) e foi identificado com seu povo por meio de sofrimentos (vs. 7-10).

* **5.1 oferecer tanto dons como sacrifícios pelos pecados.** A frase "dons como sacrifícios" abrange tipos diferentes de ofertas que constituíram o trabalho dos sacerdotes do Antigo Testamento (8.3; Lv 1-7). Porém, o interesse principal aqui recai sobre as ofertas pelo pecado.

* **5.2 capaz de condoer-se.** Por causa de suas próprias tentações e fraquezas, o sumo sacerdote do Antigo Testamento ficou constrangido a

moderar a sua indignação contra os pecados de outros e, condoer-se deles. A compreensão de Jesus é também fortemente motivada, porque ele identifica-se inteiramente com as lutas de seu povo. Contudo, Jesus nunca se entregou à tentação (4.15).

ignorantes... que erram. A lei (Nm 15.27-31) faz distinção entre os pecados praticados por causa da fraqueza ou da ignorância, e os pecados praticados por rebelião contra a autoridade do Senhor (10.26,27).

* **5.3** O próprio sumo sacerdote do Antigo Testamento necessitava da

expiação e do perdão (7.27; 9.7; Lv 16.11); porém, o nosso imaculado sumo sacerdote não tem tais necessidades (4.15; 7.26).

* **5.4 chamado por Deus, como aconteceu com Arão. A chamada inicial**

de Arão (Êx 28.1) foi confirmada como resposta à rebelião de Coré, Datã e Abirão (Nm 16), através do florescimento da sua vara (9.4; Nm 17.1-10). O privilégio sacerdotal de aproximar-se a Deus, é somente por convite — pela mediação de um descendente físico dos sacerdotes levíticos do Antigo Testamento, mas estabelecida definitivamente através do juramento divino feito a Jesus, o Filho (7.11-28).

* **5.5 Tu és meu Filho**. Sl 2.7 é citado duas vezes em Hebreus (1.5),

ambas as vezes em posição de destaque. Aqui, é a primeira parte de uma longa e detalhada consideração sobre Melquisedeque.

* **5.6 Melquisedeque.** Esta pessoa misteriosa é mencionada apenas duas

vezes no Antigo Testamento (Gn 14.18; Sl 110.4). Mas aqui, a associação do título, "sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" com as palavras, "meu Filho" (v. 5) revela o caráter exaltado deste sacerdócio, e justifica a explanação maior oferecida pelo autor no Cap. 7.

* **5.7 forte clamor e lágrimas.** A angústia que Jesus sentiu quando

contemplou a cruz (Mc 14.33-36; Jo 12.27) mostra que ele não está alheio às fraquezas e terrores que nos ameaçam.

tendo sido ouvido. Os salmistas louvaram a Deus, porque ele ouvia seus gritos por socorro (Sl 22.24; 30.23; 116.1). Os clamores de Jesus, pedindo livramento da morte, foram respondidos, não através de um livramento do horror da cruz, antes, através de sua ressurreição dentre os mortos.

* **5.8 aprendeu a obediência.** Embora fosse totalmente livre do pecado (4.15) a luta de Jesus contra a tentação foi verdadeira (2.18). Como aquele que veio para o mundo a fim de fazer a vontade do Pai (10.7), os desafios à integridade de Jesus, que ficaram cada vez mais difíceis, foram todos quebrados vitoriosamente, culminando na sua vergonhosa e penosa morte sobre a cruz (Fl 2.8). Esta vida de obediência que ele aprendeu, desfaz a desobediência de Adão (Rm 5.19) e qualifica Jesus para servir como o nosso eterno sumo sacerdote (2.17,18; 4.5).

* **5.9 tendo sido aperfeiçoado.** Isto não significa que Jesus finalmente tornou-se sem pecados, porque ele já não os tinha (4.15). Significa que ele cumpriu a carreira de sofrimento que lhe foi confiada, inclusive a morte sacrificial. Tendo feito tudo isso, ele foi "aperfeiçoado" ou perfeitamente qualificado para servir como sumo sacerdote, singularmente eficaz. A linguagem aqui pode ser uma alusão ao conceito da consagração sacerdotal.

salvação eterna. Jesus vive para sempre a fim de interceder como o

nosso sumo sacerdote (7.24,25).

* **5.10 Melquisedeque.** Ver cap. 7.

* **5.11—6.12** O ministério sacerdotal de Cristo, segundo a ordem de Melquisedeque, é "difícil de explicar" (5.11), por causa da imaturidade dos leitores. A exortação nesta seção focaliza-se sobre os perigos que surgem quando a pessoa não prossegue "para o que é perfeito" (6.1, referência lateral).

* **5.11 tardios em ouvir.** A palavra grega traduzida "tardio" reaparece em 6.12 ("indolentes", referência lateral), sugerindo que o perigo de preguiça espiritual se destaca nesta seção toda.

* **5.12 princípios elementares dos oráculos de Deus. Tais verdades são**

enumeradas em 6.1,2.

* **5.13 leite.** Embora leite seja nutriente para crianças (1Pe 2.2), o autor

deseja que seus leitores se tornem cristãos maduros, capazes de receber alimento sólido (1Co 3.1,2).

* **5.14** A maturidade necessária para compreender o ministério sacerdotal

de Cristo não é uma sofisticação intelectual, antes, é um discernimento espiritual que surge de uma prática consistente da vontade de Deus (Fp 1.911).

* **6.1 princípios elementares... de Cristo.** Estes são o ABC da doutrina

cristã, agora enumerado resumidamente (vs. 1,2). Todas estas doutrinas podem ser achadas no livro de Atos.

arrependimento... fé. Ver Mc 1.15; At 20.21.

* **6.2 batismos.** O uso do plural é inesperado; há um único batismo cristão

(Ef 4.5). Contudo, mesmo hoje, quando o batismo cristão é ventilado, outros batismos, pelo menos o de João Batista, devem ser mencionados. Certamente isso foi verdade nos tempos do Novo Testamento (9.10; Mt 3.11; 28.19; Mc 1.4; Jo 4.1; At 1.5). Uma outra possibilidade é que a palavra se refira especificamente às purificações cerimoniais do Antigo Testamento (Ver 9.10) como parte essencial do contexto da obra de Cristo.

imposição de mãos. Esta ação acompanhava a bênção, a cura dos enfermos, a ordenação de oficiais para a Igreja, e especialmente o dom do Espírito, que foi também associado com o batismo (Mt 19.13-15; Lc 4.40; At 6.6; 8.17; 9.17; 28.8; 1 Tm 4.14). Por outro lado, como é possível com "batismos", o autor pode estar se referindo aos fundamentos vetero-testamentários da obra de Cristo.

* **6.3 se Deus permitir.** Esta frase convencional reconhece a necessidade

do auxílio de Deus para aprender e ensinar a doutrina cristã. Ela sugere que o ensino que se segue é difícil, como de fato o é.

* **6.4-12** Esta advertência solene tem sido interpretada de diferentes

maneiras. Alguns entendem que o autor se refere aos cristãos genuínos que perdem a sua salvação, porém, tal interpretação entra em conflito com textos que ensinam que os verdadeiramente salvos por Deus hão de perseverar na fé até o fim (Jo 10.28,29; Rm 8.28-30; "Perseverança dos Santos" em Rm 8.30). Outros interpretam a advertência como um argumento dirigido contra uma seita herética dos judaizantes, uma heresia tão perigosa para seus seguidores, que eles perdem toda a esperança da salvação. Uma outra

interpretação afirma que o autor esta descrevendo os apóstatas de vs. 4-8, de acordo com a declaração deles e as bênçãos que pareciam ter recebido juntamente com os crentes genuínos, até o momento de seu abandono da fé. Embora Jesus salve totalmente (7.25), e tem aperfeiçoado para sempre (10.13) aqueles que ouvem a sua Palavra com fé, o autor exorta os seus leitores a comprovar com a perseverança a fé que professavam. Não há nenhuma bênção em estar perto de Deus e em comunhão com o povo da aliança, sem a devida fé; ao contrário, tais apóstatas são sujeitos a um juízo mais severo.

* **6.4 uma vez foram iluminados.** Isto é, o conhecimento de Deus já foi revelado na mensagem do evangelho (10.26; Jo 1.9; 2Co 4.4-6) e professado publicamente no batismo. Nos primeiros escritos cristãos, a conversão e o batismo eram, às vezes, designados como "iluminação". A palavra grega "uma vez" é proeminente em Hebreus. É usada em conecção com o sacrifício de Cristo, "uma vez por todas" (10.2,10).

provaram o dom celestial. Alguns vêem aqui uma referência ao ato de participar no sacramento da Ceia do Senhor. Também, a frase pode ser ligada com "iluminados", dando uma descrição maior da aparente conversão.

participantes do Espírito Santo. Eles tiveram alguma experiência com os dons do Espírito Santo, porém, não é necessário concluir que a frase se referia à conversão.

*
6.5 os poderes do mundo vindouro. Certamente, são os sinais e

maravilhas que acompanharam as primeiras pregações do evangelho (2.4, nota).

* **6.6 renová-**
los para arrependimento. Existe um tipo de apostasia

que

é irreversível (1Jo 5.16). A salvação cristã é definitiva (10.4), e a decisão de rejeitá-la, tomada em certo nível, não pode ser revogada. De acordo com 1Jo 2.19, qualquer pessoa que toma tal decisão, demonstra que nunca foi de fato um membro da família da fé, embora tivesse uma ligação aparente. Judas Iscariotes é o exemplo mais claro de alguém que participou dos valores do reino vindouro, porém, não entrou nele (Mt 26.47-49; cf. Mt 7.21-23). Esta advertência não permite especulação sobre o estado eterno de ninguém, ao contrário, exorta a nós mesmos para ficarmos mais firmes no Salvador. Ver "O Pecado Imperdoável" em Mc 3.29.

de novo, estão crucificando... o Filho de Deus. Pela renúncia de sua fé em

Cristo, eles declaram que a sua cruz não foi um sacrifício santo pelos pecados de outrem, antes, que foi a morte merecida de um criminoso culpado (10.29). Tais apóstatas já se afastaram até ao ponto onde a cruz não faz nada senão condená-los como cúmplices no assassínio (At 18.5,6).

Há uma analogia entre o caráter "uma vez por todas" do sacrifício de Cristo pelo pecado, e a participação simbólica do crente naquela crucificação através do batismo (v. 4 nota). A morte sacrificial de Cristo não pode ser repetida. No mesmo sentido, a participação do crente na morte de Cristo, selada pelo batismo (Rm 6.3,4; Cl 2.12), não pode ser retirada e depois repetida.

expondo-o à ignomínia. A apostasia apresentada no cap. 6 não é uma questão de dúvidas pessoais e interiores. É a propositada, total e pública rejeição da fé que foi uma vez confessada. Como tal, produz efeitos nocivos para outros e não apenas para o apóstata (12.15).

*** 6.7,8** De acordo com as figuras proféticas do Antigo Testamento, a

"terra" é o povo de Deus (Is 5.1-7), e a "chuva" que cai sobre ela é a Palavra (Is

55.10,11), ou o Espírito de Deus (Is 44.3,4). O campo infrutífero é destruído (Is 5.4-6). Ver também Mt 13.7,8,22,23.

* **6.9-12** Ao produzirem as primícias de uma colheita útil, os leitores estão

dando motivos para acreditar que eles são a "terra" que recebe as bênçãos da salvação. Todavia, eles têm de livrar-se da atual indolência, a fim de receber a herança prometida aos crentes perseverantes. A severidade da advertência anterior não precisa de ser motivo de desespero.

* **6.10 servistes e ainda servis.** Por exemplo, apoiando aqueles que são

ridicularizados ou presos por causa de sua fé (10.32-34).

* **6.11 esperança.** Por ser o alvo da fé algo no futuro, os fiéis devem

continuar "até o fim" (cf. 3.14; 6.18,19; 11.1).

* **6.12 indolentes.** Este termo (traduzido "tardios" em 5.11) caracteriza o

princípio e o término da exortação.

pela fé e pela longanimidade, herdam as promessas. Abraão é o exemplo preeminente (vs. 15,17; 11.8-19), porém, a história bíblica está repleta de testemunhas que têm percorrido o caminho da fé com paciência antes de nós (11.4-38), e que agora estão desfrutando da prometida esperança através da obra de Cristo que os aperfeiçoa (11.13,39,40).

* **6.13-20** A fé suporta com paciência, porque o juramento de Deus

garante o cumprimento da promessa em nosso favor, tal como aconteceu com Abraão. A nossa confiança descansa sobre o eterno sumo sacerdócio de Cristo, segundo a ordem de Melquisedeque, um sacerdócio determinado por promessas e juramentos divinos (7.20-22,28).

* **6.13 jurou por si mesmo.** O fato de Deus, cuja "palavra é a verdade"

(Jo 17.17; cf. Tt 1.2) procurar confirmar a garantia daquela promessa infalível por meio de juramento, sublinha a permanência e a seriedade da promessa divina (Gn 15.8-21; 22.17). Embora os pecaminosos e falíveis seres humanos

"juram pelo que lhes é superior" a eles mesmos (v. 16), Deus, a autoridade máxima, "jurou por si mesmo" (v. 13).

*** 6.15 depois de esperar com paciência, obteve. A divina promessa**

com juramento (Gn 22.17) foi a resposta que Deus deu a Abraão quando, em obediência à direção divina (Gn 22.2) ele se dispôs a oferecer em sacrifício Isaque, o filho da promessa divina (Gn 12.2; 15.4-6). No nascimento de Isaque, e depois, no seu livramento (Gn 21.1-3; 22.11,12), Abraão recebeu a bênção prometida de um descendente. Contudo, ele não viu o pleno cumprimento daquelas promessas pactuais (11.39,40; cf. Rm 4.13,16,17).

*

6.17 herdeiros da promessa. A promessa de Deus,

juramento, não se limitou a Abraão, mas inclui todos os que seguem o seu exemplo de fé (1.14; 6.12; 10.36; Rm 4.23,24).

seu propósito. O propósito imutável de Deus foi abençoar o mundo através do descendente de Abraão (Gn 12.3); o sentido disso foi revelado no evangelho (Gl 3.6-9).

*

6.18 duas coisas imutáveis. A imutável promessa de

Abraão, mais o juramento que a confirmou, foi elevada além de qualquer incerteza ou dúvida (vs. 13,14 nota). O juramento confirma que a promessa foi de fato o propósito de Deus.

da esperança proposta. Ver nota teológica "Esperança", índice.

* **6.19 que penetra além do véu.** A âncora da nossa vida é firmada sobre

a parte central do tabernáculo celestial, e sobre este original o santuário terrestre foi modelado (8.2; 9.11,12,24,25; 10.19,20).

*

6.20 precursor, entrou. A entrada no interior do sant

possível sem Jesus. Ele entrou primeiro, para que seu povo o pudesse seguir. Porém, a sua entrada e o modo de seu povo participar dela, requerem uma longa explanação. Este versículo dá início à consideração sobre o sacerdócio

de Cristo, "segundo a ordem de Melquisedeque", anunciado em 5.6, mas reservada até agora.

* **7.1-28** A lição central neste capítulo é que a promessa solene de Sl 110:

4 se cumpriu exclusivamente em Jesus Cristo. O eterno sacerdócio de Jesus é explicado de acordo com os dois textos do Antigo Testamento que falam sobre Melquisedeque: Gn 14.17-20 e Sl 110.4.

* **7.1 rei de Salém.** A apresentação de Melquisedeque enfatiza que ele foi rei e sacerdote. E como tal, ele é uma figura de Cristo, que é o nosso profeta, sacerdote e rei. "Salém" possivelmente foi o antigo nome de Jerusalém (Sl 76.2).

* **7.2 rei de justiça.** O nome "Melquisedeque" é composto das palavras

hebraicas, melek, "rei", e zedek, "justiça".

* **7.3** Alguns acreditam que Melquisedeque é uma aparição pré-encarnada

de Cristo, mas isto é improvável por causa dos termos de comparação e analogia que são usados: (a) ele é "semelhante ao Filho de Deus" (uma comparação do Filho consigo mesmo seria estranha); (b) o Filho tornou-se sumo sacerdote "segundo a ordem de Melquisedeque" (6.20) mais tarde, através de sua encarnação, morte expiatória, e exaltação. Além do mais, em Gênesis 14 Melquisedeque é apresentado como alguém que tem uma conhecida posição política (rei de Salém), ao passo que as teofanias do Antigo Testamento são momentâneas e excepcionais.

sem pai, sem mãe... que não teve princípio de dias, nem fim de existência.

Embora a maioria das pessoas em Gênesis esteja dentro de uma linha genealógica, Melquisedeque aparece sem ancestrais nem descendência, e sem registro de seu nascimento ou morte. O Espírito Santo o descreveu de tal forma para que fosse profético de Cristo.

sem genealogia. A nomeação de sacerdotes segundo a ordem de Melquisedeque não se prende à ancestralidade, porque não há registro de genealogia para esta ordem.

* **7.4-10** Dois atos revelam a superioridade sacerdotal de

Melquisedeque sobre os descendentes levíticos de Abraão: Abraão entregou seu dízimo a Melquisedeque (vs. 4-6,8-10) e Melquisedeque abençoou Abraão (vs. 6,7).

* **7.5 os filhos de Levi.** Os sacerdotes levíticos herdaram o direito de

cobrar impostos, inclusive da descendência de Abraão (Nm 18.21-29).

* **7.7 pelo superior.** Impetrar a bênção e receber o dízimo, neste caso,

demonstra claramente a superioridade de Melquisedeque sobre Abraão.

* **7.8 homens mortais... se testifica que vive.** Os "homens mortais" são

os levitas, cujo ofício e autoridade são transferidos por descendência e herança, de acordo com as disposições da lei (v. 5). Melquisedeque, porém, "vive". A declaração de que ele vive se encontra no Sl 110.4 (citado em 5.6) e volta a ser destacada com as alusões em 6.20 e 7.3. Na seção que se segue (vs. 11-28), a importância desta declaração ou "juramento" é explicada (vs. 2022).

* **7.9 pagou-os na pessoa de Abraão.** O argumento é baseado sobre o

status representativo de Abraão como o progenitor do sistema sacerdotal, apoiado na descendência física; aqueles sacerdotes não podem ser elevados acima de Abraão. O argumento não significa que cada pessoa que descendeu de Abraão, pela simples razão de ser seu descendente físico, participava de tudo que Abraão fazia. O texto não subentende qualquer pré-existência de Levi.

*

7.11 Se, portanto, a perfeição houvera sido mediant

levítico. Isto é, se os sacerdotes levíticos tivessem poder para conferir ao povo um permanente e livre acesso a Deus. Como em 4.8 e 8.7, o autor argumenta que certas promessas no próprio Antigo Testamento indicam que a lei foi imperfeita e que seria substituída nos "últimos dias" (1.2). A pergunta retórica

anuncia que a eficácia do sistema levítico será comparada com aquele de "outro sacerdote".

pois nele baseado o povo recebeu a lei. Por causa do pecado e a necessidade do ministério de reconciliação, o sacerdócio levítico foi instituído, juntamente com a lei mosaica que o estipulou. A lei e o sacerdócio estão sendo examinados juntos, como sistema único para uma vida religiosa. Se forem imperfeitos, ambos serão substituídos (v. 12).

* **7.13-28** Agora, as diferenças entre Jesus e os levitas são ligeiramente

avaliadas. A sua descendência é de Judá, e não de Levi (v. 14). Ele vive eternamente, e o seu sacerdócio é fundamentado sobre o juramento divino (v. 20).

* **7.16 o poder de vida indissolúvel.** O eterno sacerdócio de Cristo (Sl 110.4) é fundamentado sobre o poder invencível de sua ressurreição (Rm 6.9,10).

* **7.19** Ver nota no v.11.

esperança superior. Esta esperança, juntamente com a promessa e o juramento de Deus foi mencionada em 6.17,18. Os vs. 20-28 continuam com a ênfase sobre a ligação entre a nossa esperança e a certeza da promessa e do juramento de Deus.

* **7.21 juramento.** O juramento divino, registrado em Sl 110.4 ("O SENHOR jurou"), demonstra a permanência imutável do novo sacerdócio de Jesus (6.17,18).

* **7.22 fiador**. Esta é uma palavra grega que se encontra somente aqui no Novo Testamento. O próprio Jesus, como a substância daquilo que foi prometido, e como possuidor de uma indestrutível vida ressurreta (v. 16), é a garantia de uma nova e melhor aliança (ver referência lateral).

aliança. Esta é a primeira de dezessete usos desta palavra importante (Grego *diatheke)* em Hebreus. É a tradução normal da palavra "aliança" (Hebraico *berith)* do Antigo Testamento em grego. Uma "nova aliança" foi prometida em Jr 31.31-34, e será citada em 8.8-12 e 10.16,17.

* **7.23 sacerdotes em maior número.** A frase se refere aos muitos sumos

sacerdotes que se sucederam no ofício. A lei da sucessão sacerdotal (Êx 29.29,30) pressupôs que cada sacerdote finalmente morreria. Esta falta de permanência, juntamente com a repetição dos sacrifícios do Antigo Testamento mostra a insuficiência do velho sistema.

* **7.25** A perpetuidade da vida e do sacerdócio de Jesus tornam possível a

sua eterna intercessão em favor dos "que por ele se chegam a Deus", culminando na total e eterna salvação deles. "Totalmente" pode referir-se à abrangência da salvação (satisfazendo cada uma das nossas necessidades), ou à eternidade da salvação (por ser baseada sobre o fato de Jesus estar "vivendo sempre para interceder por eles").

* **7.26 santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores. Em**

2.18 e 4.15-5.3, o autor mostrou a importância da identificação de Jesus conosco ao sujeitar à tentação. Mas, é igualmente necessário que ele esteja "sem pecado” (4.15), a fim de ser qualificado para entrar no santuário celestial em nosso favor (8.1,2; 9.11,12,24,25). Ver "A Impecabilidade de Jesus" em 4.15.

* **7.27** O contraste entre os sacerdotes levíticos, que repetiram diariamente (e anualmente) os sacrifícios, e a oferta que Jesus fez de si mesmo, uma vez por todas, é desenvolvido em 9.25-10.18.

* **7.28** Este versículo resume o contraste entre o sacerdócio pactual do AntigoTestamento e o do Novo Testamento. Primeiro, o antigo sacerdócio pactual foi instituído por lei, mas sem o juramento divino (v. 20), enquanto o eterno sacerdócio de Cristo foi instituído com juramento divino (v. 21).

Segundo, a nomeação de fracos e pecaminosos (v. 27) homens é contrastada com a eterna nomeação do imaculado "Filho, perfeito para sempre”.

* **8.1-**
6 A discussão sobre as qualificações e nomeação de

sumo sacerdote final conduz agora para uma descrição de seu ministério no santuário celestial.

* **8.1 o essencial das coisas.** O autor faz uma pausa para resumir o que foi dito até aqui. Ele explicou como Jesus é o novo sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque — aquele que "nos convinha" (7.26). Agora, ele explicará o que Jesus faz neste ofício. A pausa nos faz lembrar que o autor está ciente da dificuldade de seu assunto mas tem um propósito definido em tudo o que fala.

* **8.2 verdadeiro tabernáculo.** O templo celestial de Deus é o original; o tabernáculo e o templo terrestres foram modelados de acordo com o original (v. 5).

não o homem. Ver 9.11,24. Deus instituiu um santuário terrestre como sinal da sua presença no meio de seu povo, contudo, "não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas" (At 7.48,49; cf. 1 Rs 8.27).

* **8.3 tivesse o que oferecer.** Jesus ofereceu a si mesmo (7.27), o seu próprio sangue (9.12) e corpo (10.10).

* **8.4 nem mesmo sacerdote seria.** De acordo com a lei mosaica, Jesus

não podia ser sacerdote (7.13). O serviço sacerdotal de Jesus é de uma ordem diferente; e não é uma mera suplementação ao antigo sistema.

* **8.5 figura e sombra.** O tabernáculo feito por Moisés providenciou um culto modelado de acordo com o lugar espiritual onde Cristo ministra. Aquele tabernáculo e a sua forma de culto apontavam para o plano de salvação instituído por Deus, o qual seria revelado em Cristo.

* **8.6** A nova aliança é superior porque foi instituída com juramento (7.22), e agora ela é vista como baseada sobre "superiores promessas" também. Em ambos os casos, o ministério que cuida da nova aliança é "tanto mais excelente".

Mediador. Um intermediário forense que representa dois litigantes, cujo trabalho consiste em estabelecer um novo relacionamento entre os dois. Moisés é apresentado como o mediador da lei (Gl 3.19,20). Fundamental à obra medianeira de Cristo foi o oferecimento de si mesmo em sacrifício para expiar o pecado (9.14,15; 12.24; 1Tm 2.5,6).

* **8.7-13** A promessa da nova aliança em Jr 31.31 -34 é um tema unificador em 8.7-10.18, onde a palavra traduzida "aliança" aparece quatro vezes. E mais, ela aparece em três outros lugares em Hebreus (7.22; 12.24; 13.20) e dezesseis em outras partes do Novo

Testamento.

* **8.7** Quando Deus prometeu uma nova aliança através de Jeremias, estava dizendo que a primeira aliança com Israel no Sinai seria substituída. Como em 4.8 e 7.11, uma promessa do Antigo Testamento revela implicitamente a insuficiência do antigo sistema pactual.

* **8.8 repreendendo-os, diz.** Embora o mandamento fosse "santo e justo e bom (Rm 7.12), ele não podia por si mesmo capacitar uma obediência (7.18,19) como a citação de Jr 31.31-34 torna evidente. O resultado foi que o povo não continuou naquela aliança.

* **8.10 Na sua mente imprimirei as minhas leis.** Diferente dos sacrifícios da lei, a morte de Cristo purifica a consciência (9.9-14), para que façamos a vontade de Deus (10.36; 13.21).

* **8.11 todos me conhecerão.** Debaixo da lei, o acesso à presença de Deus foi limitado (9.7,8). Mas agora, todos que se chegam a Deus por intermédio de Jesus Cristo podem entrar no verdadeiro santuário (10.19-22).

* **8.12 seus pecados jamais me lembrarei.** Diferente dos repetidos sacrifícios da lei, que foram uma lembrança anual dos pecados (10.3). Mas quando Jesus ofereceu a si mesmo, ele trouxe perdão, santidade e perfeição, uma vez por todas (10.10,13,18).

* **8.13 torna antiquada... prestes a desaparecer.** O autor acrescenta uma definição de "antiquada" a fim de confessar que a primeira aliança foi praticamente morta a partir do momento em que Jeremias prenunciou uma nova aliança.

* **9.1 serviço... santuário.** Este versículo é o início de uma minuciosa comparação entre o sacrifício do Antigo Testamento e o sacrifício de Cristo, que continua até o cap. 10. A primeira parte é um resumo do santuário do Antigo Testamento e de suas atividades.

* **9.3 véu.** Este véu, ou, cortina, separava o Santo dos Santos, onde a presença de Deus no meio de seu povo foi revelada mais intensamente (6.19). Com a morte de Jesus, esta cortina foi rasgada em duas partes (10.20; Mt 27.51).

* **9.4 altar de ouro para o incenso.** Embora este "altar de ouro" ou altar

para o incenso estivesse diante do véu (Êx 40.26), sua função era tão intimamente associada com o interior do Santo dos Santos e a arca ali contida (Êx 30.6), que ele foi considerado parte dele (1Rs 6.22). Quando o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, ele queimava incenso, produzindo uma fumaça para cobrir o propiciatório que ficava sobre o Testemunho protegendo-se assim da pureza consumidora do Senhor (Lv 16.12,13).

a vara de Arão. A vara ou cajado que floresceu para mostrar que o privilégio sacerdotal vem somente pela designação de Deus (Nm 17.10) como ensinado em 5.4,5.

* **9.5 querubins de glória.** O "propiciatório" era a tampa da arca, e sobre

ela as duas figuras de querubins com rostos voltados um para o outro,

representando os cortesãos celestiais que servem constantemente na presença de Deus.

Dessas coisas... não falaremos... pormenorizadamente. Os escritores judaicos do primeiro século, tais como Filo, deram muito espaço para o simbolismo dos utensílios no santuário. Mas o autor de Hebreus preocupa-se em explicar o que acontecia no tabernáculo, e por isso não fala mais sobre os utensílios, seja qual for o seu valor simbólico.

* **9.6 continuamente entram no primeiro tabernáculo os**

sacerdotes.

Seu serviço foi substituir os pães da proposição (Êx 25.30; Lv 24.5-9), manter aceso o candelabro (Êx 27.20,21; Lv 24.1-4) e queimar o incenso aromático duas vezes por dia, simbolizando as orações do povo (Êx 30.7-9; Lc 1.8-10; Ap 8.3).

*** 9.7,8** O fato que uma só pessoa, uma vez por ano, e somente após

preparos especiais podia entrar no Santo dos Santos, revela a mensagem do Espírito Santo através da lei, de que o santuário terreno não podia ser o meio de uma livre e confiante aproximação a Deus. A promessa da nova aliança: "todos me conhecerão" (8.11) não podia se cumprir no tabernáculo terreno.

*** 9.7 oferece, por si.** Os próprios sacerdotes levíticos necessitavam da

expiação, algo de que o nosso sumo sacerdote, Jesus, não precisou (5.3; 7.26,27).

pecados de ignorância. Ver nota em 5.2.

*** 9.9 uma parábola para a época presente**. O escritor interpreta as

cerimônias do tabernáculo como uma profecia dos tempos do evangelho (8.5, nota). Neste caso, os requerimentos ritualísticos revelam uma insuficiência que seria corrigida pelo evangelho.

*** 9.11 dos bens já realizados.** Ver referência lateral. A purificação na

consciência e a confiança para aproximar-se a Deus não eram plenamente acessíveis enquanto o santuário e os sacrifícios da aliança vigoravam (10.1),

porém, em Cristo, já chegaram. O autor de Hebreus vê os benefícios do tempo vindouro já experimentados (em parte) pela Igreja (6.5; 12.22-24).

o maior e mais perfeito tabernáculo. A realidade celestial que se esconde na cópia terrena da lei (8.5; 9.24).

*** 9.12 sangue de bodes e de bezerros.** Este foi usado pelo sumo

sacerdote no Dia da Expiação para purificar anualmente o Santo dos Santos (Lv 16.11-16).

uma vez por todas. Em contraste com a repetição dos sacrifícios pelos sacerdotes levíticos (10.2,3,10-14). Esta palavra enfática antecipa a proclamação culminante nos vs. 26-28.

eterna redenção. A redenção é uma aquisição através do pagamento de um preço ou resgate. O efeito da redenção por Cristo é permanente, porque ela foi feita por seu próprio sangue.

*** 9.13 cinza de uma novilha.** Esse resíduo era usado com água para

purificar as pessoas que haviam tocado num morto. Essa impureza era apenas cerimonial e não moral.

purificação da carne. Eles se tornaram elegíveis mais uma vez para seus deveres no culto.

*** 9.14 muito mais.** Como em 2.2,3, o escritor usa um argumento do

menor para o maior. O menor é o sangue de animais oferecido pelo sumo sacerdote na terra; o maior é o sangue derramado por Cristo. O menor tinha poder cerimonial; o maior remove a culpa da consciência.

sem mácula. O sacrifício tem de ser sem qualquer defeito a fim de servir como substituto expiatório para pecadores (Nm 6.14; 1Pe 1.19).

obras mortas. Não as obras da lei que são inúteis para a justificação (Gl 3.114), antes, os atos pecaminosos que merecem a maldição pactual da morte (6.1). Ver "A Consciência e a Lei" em 1 Sm 24.5.

servimos ao Deus vivo! Em última análise, o alvo do perdão é teocêntrico — não apenas nos livrar do medo do juízo, mas também qualificar-nos para adorar a Deus de modo agradável (12.28; 13.15,16,21).

*

9.15 A morte de Cristo inaugurou a nova aliança e da

anátema que estava sobre os transgressores da primeira aliança. Ver "Cristo — o Mediador" em 1Tm 2.5.

para remissão. Neste caso, uma morte foi necessária para efetuar esta remissão dos pecados (cf. v. 12). A violação da aliança de Deus envolve uma condenação judicial que se cumpre somente através da morte do violador, ou da remissão através da morte de um substituto aceitável.

* **9.16 onde há testamento.** A palavra grega para "testamento" *(diatheke)*

é a mesma palavra traduzida como "aliança" neste capítulo e em outros lugares. O objetivo em vista é enfatizar a necessidade de uma morte a fim de se tomar posse daquilo que Deus tem prometido. Se o escritor não estiver falando de uma última vontade, então, provavelmente está se referindo à ratificação da aliança através de um sacrifício representativo, como se encontra em Gênesis 15.

* **9.19 Moisés... tomou o sangue.** A referência é de Êx 24.4-8. Nesta

cerimônia, Deus, o autor do livro e o povo da congregação comprometeram-se com a aliança, juntamente com as suas penalidades.

* **9.20 Este é o sangue.** A aliança foi escrita no livro, porém, tinha de ser

ratificada com uma oferta de sangue. O sangue não era derramado por aqueles que poderiam ter transgredido a aliança, mas por animais que os substituíram (cf. Gn 15.9-18; Jr 34.18-20). Tudo isso era uma demonstração vívida de que a derradeira sanção, ou penalidade da aliança foi a morte.

* **9.21-24** O próprio santuário, o lugar onde o Deus santo e um povo

pecador se encontravam, deve ser purificado através de sangue sacrificial, o único meio para alcançar o perdão. Este é o caso, não somente do tabernáculo terreno da antiga aliança (vs. 21,22), mas também da realidade celestial (vs. 23,24), que foi purificada através do sacrifício de Cristo na cruz (v. 23, nota).

* **9.22 quase todas as coisas.** O tabernáculo e os seus utensílios eram

tão intimamente identificados com os adoradores que se encontraram com Deus naquele lugar, que o sangue sacrificial necessário para o perdão dos adoradores (10.18), foi igualmente necessário para purificar os utensílios e o ambiente de seu culto (Lv 16.16).

sem derramamento de sangue, não há remissão. Este é o princípio fundamental (Lv 17.11), agora reafirmado depois de ser introduzido nos vs. 1618, e, tendo sido estabelecido, o escritor transfere a sua atenção do santuário terreno para o celestial.

* **9.23 as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores.**

O santuário celestial em si mesmo não precisa ser purificado da impureza causada pelo pecado humano. Contudo, no mesmo sentido em que o santuário terreno foi purificado por sangue sacrificial e separado para ser o lugar onde pecadores pudessem aproximar-se a Deus, assim também, o verdadeiro santuário nos céus tem sido separado pelo sacrifício de Cristo, para ser o lugar onde pecadores podem entrar e aproximar-se de Deus através do sangue de Jesus (10.19-22; 12.24).

*** 9.24 comparecer, agora, por nós, diante de Deus. No mesmo sentido**

em que o sumo sacerdote comparecia em favor de Israel no Dia da Expiação (Lv 16.32,33).

*** 9.25 muitas vezes.** A mesma palavra grega se encontra no v. 26 e em

10.11. A repetição dos sacrifícios evidenciou a sua incapacidade para remover a culpa (10.2), antes, eles eram uma recordação constante de seus pecados (10.3). O autor já enfatizou que as cerimônias do Dia da Expiação aconteciam

somente uma vez por ano (v. 7); aqui, a ênfase recai sobre a sua repetição, ano após ano (10.1).

com sangue alheio. A oferta do sumo sacerdote é contrastada com a oferta que Cristo fez de si mesmo. Como pessoa que precisava da expiação (v. 7), nenhum sumo sacerdote levítico podia oferecer a si mesmo como um substituto imaculado a fim de substituir os outros (v. 14).

*** 9.26 fundação do mundo... ao se cumprirem os tempos. Estas frases**

se referem a um longo intervalo de tempo, durante o qual Cristo tinha

de oferecer a si mesmo apenas uma única vez. "Ao se cumprirem os tempos" é igual a "nestes últimos dias" (1.2), um período inaugurado pela morte, ressurreição e ascensão de Cristo.

*** 9.27 morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo. Assim, tanto**

a reencarnação, bem como o conceito de que a morte física é o fim de uma existência pessoal são desmentidos. Cristo experimentou o destino comum a todos os seres humanos: a morte e o juízo (v. 28), mas, para ele, o juízo consistiu em ressurreição e vindicação (1Tm 3.16). Esta vindicação será plenamente manifestada quando ele voltar outra vez (1Ts 1.10). Ver "Morte e Estado Intermediário" em Fp 1.23.

*** 9.28 tirar os pecados de muitos.** Uma referência específica ao Servo

Sofredor em Is 53.12.

*** 10.1 sombra dos bens vindouros.** Os "bens" eram reservados para o

futuro nos tempos da lei mas agora, com o advento de Cristo, estão presentes (9.11, nota).

tornar perfeitos. Os adoradores não podiam ser "purificados uma vez por todas" (v. 2). A lei não podia remover a sua culpa e nem lhes dar acesso a Deus (7.11,19; 9.9).

*** 10.2** Os sacrifícios eram repetidos dia após dia, demonstrando que eles

não providenciariam nenhuma solução duradoura para o problema do pecado.

*** 10.3 recordação de pecados.** Os sacrifícios do Antigo

Testamento foram um testemunho público diante de Deus e da humanidade, que o povo era ainda pecador (Nm 5.15). Na nova aliança, os pecados jamais serão lembrados (8.12; 10.17).

* **10.4** A ineficácia dos sacrifícios do Antigo Testamento é nitidamente revelada em textos tais como 1Sm 15.22; Is 1.10-17; Am 5.21-24; Mq 6.6-8. A lei ficou frustrada pelo pecado do povo (8.8-12; Rm 8.3,4).

* **10.5-10** Sl 40.6-8 é interpretado para indicar a substituição do sistema vetero-testamentário do sacrifício de animais pela obediência e morte expiatória de Cristo.

* **10.5 corpo me formaste.** O texto hebraico de Sl 40.6 diz: "abriste os meus ouvidos" (cf. Is 50.5). Neste versículo, Hebreus segue a Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento), que fala da prontidão da pessoa inteira (corpo) e não apenas de uma parte representativa (ouvidos). O "corpo" preparado é a humanidade que Cristo assumiu a fim de prestar uma plena obediência ao Pai (2.14; 5.8).

* **10.7 rolo do livro.** Em última análise, todo o Antigo Testamento, cuja mensagem é Cristo (Lc 24.27,45-47).

* **10.8 Sacrifícios e ofertas... holocaustos e oblações pelo pecado.**

Estes termos resumem todo o sistema de sacrifícios levíticos. Em contraposição a tudo isso (chamado, "o primeiro" no v. 9), Cristo tem um outro sacrifício ("o segundo"). Embora instituído na lei por Deus (2.2; 8.9; 12.1821,25) o sistema levítico não foi o meio ordenado por Deus para remover definitivamente o pecado do povo.

* **10.9 fazer... a tua vontade.** Ele seria obediente através do sofrimento (2.10; 5.8), expiando o pecado através do sacrifício de seu próprio corpo (v. 10).

Remove o primeiro. Isto é, o sistema levítico dos sacrifícios do Antigo Testamento (8.13).

* **10.10 Nessa vontade.** O propósito imutável de Deus, que Cristo

voluntariamente cumpriu, trouxe salvação para nós (vs. 7,9 e notas).

temos sido santificados. Aqui, como também no v. 14, o assunto não é o processo da santificação (como em 12.14), antes, é a mudança definitiva em nosso status quando estamos unidos com Cristo pela fé e, desta maneira, somos separados da contaminação pecaminosa e qualificados para adorar a Deus. Em Hebreus, os termos: "purificação", "santificação" e "aperfeiçoado" são praticamente sinônimos.

* **10.11 todo sacerdote se apresenta, dia após dia.** Os sacrifícios diários, de manhã e de tarde, à semelhança das ofertas anuais no Dia da Expiação, também advertem, através da sua repetição, que não podem tirar a culpa do pecado. Mais um contraste é introduzido (entre estar em pé e assentado), que simboliza a diferença entre o sacerdócio levítico e o sacerdócio de Cristo.

* **10.12 assentou-se.** Em contraste com os sacerdotes levíticos, que

ficaram de pé e cujo serviço não tem fim, Jesus "assentou-se à destra de Deus", como anunciado no Salmo 110.1 (1.3; cf. 1.13; 8.1).

* **10.15 dá testemunho também o Espírito Santo. Em harmonia com**

outros livros do Novo Testamento, Hebreus afirma que o Espírito é o autor primário das Escrituras (3.7; 9.8; At 4.25). As duas citações de Jeremias 31 que seguem estabelecem o início (8.8) e o término do importante argumento desenvolvido deste texto.

* **10.16,17** As duas citações de Jeremias 31 demonstram que o

sacrifício

de Cristo, uma vez por todas, resulta, não apenas na transformação interior, ou santificação do crente (v. 16) mas também no perdão dos pecados, ou justificação (v. 17).

* **10.19 Tendo, pois, irmãos.** O escritor coloca a sua própria pessoa no

meio de seus leitores num renovado apelo para exercerem confiança ou ousadia quando se aproximam de Deus. Esta confiança não é fundamentada em qualquer mérito que talvez tenhamos, antes, na pessoa e obra do nosso grande sumo sacerdote que sabe "compadecer-se das nossas fraquezas" (4.15).

pelo sangue de Jesus. Não apenas Jesus, em nosso favor (9.24), mas nós mesmos também entramos no santuário celestial de Deus em plena dependência do sacrifício de Jesus.

* **10.20 pelo véu, isto é, pela sua carne.** Numa surpreendente figura de

linguagem, o autor identifica o véu do templo com o corpo de Jesus. No mesmo sentido em que o véu do templo foi rasgado a fim de dar entrada no Santo dos Santos (6.19; 9.3; Mt 27.51), assim também, o corpo de Cristo foi rasgado para que o seu sangue pudesse ser derramado a fim de abrir o caminho para o santuário celestial (v. 19). O paralelo é apenas figurativo e não deve ser forçado.

* **10.21 sobre a casa de Deus.** Ver nota em 3.6.

* **10.22 aproximemo-nos.** Ver nota em 4.16.

plena certeza de fé. O apelo para ter fé sugere o assunto do cap. 11.

tendo o coração purificado... e lavado o corpo. A purificação do interior da consciência que demonstra a superioridade da morte de

Jesus sobre os sacrifícios da lei (9.13,14), é visivelmente simbolizado pelo batismo (Ef 5.26). No mesmo sentido em que o sumo sacerdote lavava o corpo a fim de se preparar para entrar no Santo dos Santos (Lv 16.4; Êx 29.4), assim também nós podemos agora entrar na presença de Deus como sacerdotes.

*** 10.23 Guardemos firme a confissão da esperança. Noutro texto em**

Hebreus que menciona "a casa de Deus" (v. 21; cf. 3.1-14), há uma exortação idêntica para "guardarmos firme" (3.14), e uma confiança semelhante de que

Cristo "é fiel" (cf. 3.5,6). Provavelmente "conservemos firmes a nossa confissão" (4.14) e, semelhantemente, "a confissão da esperança" (v. 23), se refere à ocasião do batismo (observe o termo "água" no v. 22) e a entrada na Igreja (v. 32).

*** 10.24 Consideremo-nos... uns aos outros... estimularmos. O dever**

de encorajar uns aos outros pode ter a sua expressão nas reuniões da Igreja (v. 25). O "amor" completa uma tríade conhecida, com "fé" (v. 22) e "esperança" (v. 23). Parece que essa tríade tinha um papel importante no ensino da Igreja primitiva (1Co 13.13; Cl 1.4,5; 1Ts 1.3).

*** 10.25 Não deixemos de congregar-nos.** Os crentes tinham sido perseguidos duramente (vs. 32,34). O ato de congregar-se com outros fiéis é uma parte importante na vida cristã. Ver "A Igreja Local" em Ap 2.1.

o Dia se aproxima. O dia da Segunda Vinda de Jesus quando ele retornará trazendo salvação para aqueles que nele esperam (9.28; 12.26,27).

* **10.26 deliberadamente em pecado.** Os cristãos que dizem não ter pecado estão iludindo a si mesmos (1Jo 1.8), e aqueles que reconhecem os seus pecados não devem desesperar da graça (4.16; 1Jo 2.1,2). Aqui, o pecado deliberado é o total abandono da fé em Cristo, calcando o Filho de Deus, desprezando o sangue sacrificial como algo imundo e zombando do gracioso Espírito de Deus (6.6, nota; 10.29). A seriedade desta acusação formal é indicada pelo caráter deliberado do pecado (cf. Lv 15.30) e pela medida de conhecimento ou esclarecimento que é recusada (cf. 6.4; 10.32).

não resta sacrifício pelos pecados. Deus já revogou o sistema levítico do sacrifício de animais (v. 9), e aqueles que abandonam a confissão de sua fé em Cristo não têm nenhum outro recurso para alcançar o perdão.

* **10.28 rejeitado a lei de Moisés.** Isto é, apostatou de Deus a fim de servir aos ídolos (Dt 17.2-7).

* **10.29** Este argumento, a partir da lei como a premissa menor, para o

evangelho, como a maior, também se encontra em 2.2,3. Se violar com desprezo a lei que foi dada por intermédio de Moisés, um servo (3.5), justificava a pena da morte, então o desprezo do Filho de Deus (1.2,3; 3.6; 6.6; 2Pe 2.1), de seu sangue sacrificial (9.20; cf. Êx 24.8; Mc 14.24), e do Espírito da graça, pelo qual Cristo ofereceu a si mesmo (9.14), merece a plenitude do "fogo vingador prestes a consumir os adversários" (v. 27).

* **10.30 O Senhor julgará o seu povo.** As duas citações do cântico de

Moisés (Dt 32.35,36) mostram que Deus está pronto para julgar de acordo com a sua aliança, discriminando entre aqueles que são verdadeiramente dele e os apóstatas (cf. 1Pe 4.17).

* **10.31** Uma conclusão cabível à grave advertência neste trecho.

* **10.32-39** Como em 6.9-12, o escritor equilibra a sua severa advertência

com uma lembrança encorajadora de que os seus leitores já manifestaram os frutos da graça, especialmente através de seu apoio mútuo quando chegaram os primeiros sofrimentos.

* **10.32 sustentastes grande luta**. Mesmo quando eram novos na fé,

estes cristãos suportaram a perseguição.

* **10.33** Ultrajes públicos, imprisionamento, confiscação de bens (mas não

o martírio, 12.4) foram algumas das formas de perseguição que os leitores padeceram no início. Estas podem refletir as condições quando o edito de Cláudio (49 d.C.) expulsou os judeus de Roma (Introdução: Data e Ocasião).

* **10.34 compadecestes... aceitastes com alegria. Os leitores ficariam**

encorajados ao lembrar-se da solidariedade e alegria que compartilharam, apesar da perseguição.

patrimônio superior e durável. A cidade celestial e a pátria de Deus (11.10,16; 12.22), que não podem ser abaladas pelo cataclismo que destruirá o

atual sistema de criação (12.27,28). Em comparação com esta eterna herança (9.15), os bens perdidos por amor a Cristo não têm nenhum valor.

* **10.35 grande galardão.** Semelhante a Moisés, devemos fixar os nossos olhos no galardão vindouro (11.26).

* **10.36 feito a vontade de Deus.** As suas leis estão gravadas em seus corações (8.10; 10.16), assim, eles seguem nos passos de Jesus, que veio para fazer a vontade de Deus (vs. 9,10; 13.21).

alcanceis a promessa. Ver nota em 6.12.

* **10.37,38** Três elementos de Hc 2.4 serão exemplificados na base das vidas de pessoas de fé no Antigo Testamento: (a) A fé fixa a sua esperança naquele que está para vir, aguardando a sua manifestação no futuro (11.1,7,10,13,20,22,27); (b) A fé aceita o veredito de Deus quanto à justiça (11.4,7; 12.23) (c) A fé não retrocede diante do sofrimento (11.24-26, 35-38).

* **10.39** A substância deste argumento é semelhante àquele de 6.9,10. Aqui, o escritor inclui a si mesmo, dizendo "nós" em vez de "vós".

* **11.1-40** Esta famosa exposição sobre os homens e mulheres fiéis do Antigo Testamento começa e termina com um comentário que alerta o leitor para observar o aspecto específico da fé vétero-testamentária sendo projetada — a certeza de receber o que Deus tem prometido, porém, ainda não concedido (vs. 1,2,39,40).

* **11.1 coisas que se esperam... fatos que se não vêem.** Para o presente, somente a fé pode enxergar o futuro, na medida em que ela se alimenta das promessas de Deus.

* **11.2 obtiveram bom testemunho.** Deus declarou que eles foram justificados pela fé (v. 4, nota) conforme é afirmado especificamente pelo exemplo de Abel e Enoque (vs. 4,5; cf. v. 39).

* **11.3** Embora nenhum ser humano tenha testemunhado a obra da

criação, sabemos pelas Escrituras, que Deus criou o mundo através da sua palavra (Sl 33.6,9). Percebemos que o "visível" não é a única e auto-existente realidade.

* **11.4 mais excelente sacrifício.** O princípio de que os sacrifícios feitos

sem fé foram inúteis tem sido aplicável desde o início (cf. 10.4, nota). Pertencia exclusivamente a Cristo fazer não apenas um melhor, mas um perfeito sacrifício.

obteve testemunho... aprovação. A palavra grega, usada duas vezes neste versículo se encontra também nos vs. 2.5,39. Abel é o primeiro exemplo de alguém que recebeu esta aprovação divina como justo que vivia pela fé (cf. 10.38; Rm 1.17). O capítulo todo oferece exemplos semelhantes.

ainda fala. Como participante daquela "grande nuvem de testemunhas" (12.1).

* **11.5** Como alguém que não viu "a morte" (cf. Gn 5.18-24), Enoque

prefigurou a libertação da morte à qual Jesus conduz os fiéis.

agradado a Deus. Agradar a Deus é o critério de um culto apropriado (12.28; 13.16,21; Rm 12.1; Fp 4.18).

* **11.6** A fé é uma necessidade absoluta, tanto para perceber as coisas pelas quais devemos esperar (v. 1), quanto para entender que Deus é o Criador de tudo (v. 3), ou para oferecer um culto aceitável (v. 4). Ver "Agradando a Deus" em 1Ts 2.4.

* **11.7 acontecimentos que ainda não se viam. Embora a fé perceba**

coisas que são invisíveis, porque elas transcendem o universo físico (11.3,27), nesta seção a ênfase recai sobre a fé referente às coisas que são do futuro, mas certas porque Deus as tem prometido. O iminente dilúvio de juízo ainda não era visível quando a palavra de Deus veio para advertir a Noé. Ele construiu a arca em resposta

reverente à advertência divina e, através de sua fé obediente, a sua família recebeu a salvação. O mundo incrédulo foi

condenado por causa da sua preocupação com o presente e Noé herdou a justiça que vem pela fé (10.38; Rm 4.13).

* **11.8-10** A fé do patriarca Abraão a respeito de uma pátria foi

demonstrada: (a) quando ele obedeceu a voz de Deus, deixou Ur para uma herança ainda no futuro, "sem saber aonde ia" (v. 8); (b) quando ele habitou na terra prometida como estrangeiro (vs. 9,13); (c) e quando ele olhou para além de Canaã, para uma pátria celestial, uma cidade que o próprio Deus preparou e edificou (vs. 10,14-16; 13.14).

* **11.11,12** A fé do patriarca Abraão a respeito da promessa de um

descendente foi recompensada pela concepção de Isaque, a qual foi milagrosa, pois Sara era estéril e Abraão estava (quanto à possibilidade da reprodução) já "amortecido" (Rm 4.19). Apesar da alternativa infeliz (Gn 16.1-4) e as dúvidas com questionamento (Gn 17.17,18), em última análise, Abraão e Sara julgaram "fiel aquele que lhe havia feito a promessa (v. 11).

* **11.13-16** A herança sobre a qual o patriarca baseou a sua fé foi invisível

por duas razões: era celestial e não terrena; e, ainda no futuro, não no presente. Ver notas em vs. 8-10,20,21,22.

* **11.13 vendo-as, porém, de longe.** Abraão viu de longe o dia quando

Jesus o Messias viria, e regozijou-se (Jo 8.56).

estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Todos os herdeiros da salvação são refugiados e sem lar na terra (v. 38) porque, até a vinda

de Cristo, estamos exilados do lar que esperamos herdar (1Pe 1.1,4,5,17; 2.11).

* **11.16 uma pátria superior.** Os próprios crentes do Antigo Testamento

compreendiam que as esperanças e as promessas que aguardavam pela fé eram celestiais e não meramente físicas.

* **11.17-19** A prova máxima para a fé do patriarca foi a ordem de sacrificar

Isaque. Quanto às promessas de Deus (v. 19), Isaque foi o "filho unigênito" (cf. Jo 3.16) — nem Eliézer, o servo de Abraão, e nem Ismael, o seu outro filho,

serviriam. Se Isaque tivesse de morrer sem uma descendência, as promessas de Deus falhariam. A prontidão de Abraão em sacrificar o filho da promessa, de acordo com a ordem de Deus, surgiu de uma convicção inabalável de "que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos" (v. 19). A "ressurreição" de Isaque foi apenas figurativa, ao passo que os crentes que têm morrido por causa de sua fé, aguardam uma ressurreição literal (cf. v. 35), da qual Jesus é o precursor (13.20).

* **11.20 coisas... para vir.** Que Jacó possuiria uma terra frutífera, e teria

domínio sobre outras nações, inclusive os descendentes de Esaú (Gn 27.2729).

* **11.21** Em sua bênção, Jacó previu que os descendentes do filho mais jovem de José ultrapassariam aqueles do filho mais velho, tanto em número como também em influência (Gn 48.13-20). O próprio Jacó foi o irmão mais novo que foi elevado acima do mais velho.

* **11.22** José lembrou-se da promessa do êxodo que foi ouvida

pela

primeira vez por Abraão, muito antes do nascimento de Isaque (Gn 15.13,14), e que o seu cumprimento aconteceria depois de quatrocentos anos de opressão. As instruções que José deu para que seus ossos fossem levados para a Terra Prometida expressam a sua fé nas coisas que não se vêem (Êx 13.19).

* **11.23-28** Em Moisés, os aspectos proeminentes associados à sua fé são coragem (vs. 23,27), e disposição para ser maltratado em vez de usufruir prazeres transitórios do pecado (vs. 24-26).

* **11.23 a criança era formosa.** A descrição é citada de Êx 2.2 (cf. At 7.20). Ao ver o seu filho, os pais de Moisés entenderam que a criança teria uma parte especial no plano redentor de Deus.

* **11.25,26** A decisão de Moisés de abdicar "os tesouros do Egito" e sofrer "o opróbrio de Cristo" deve encorajar aqueles que perderam bens e sofreram opróbrio por causa de sua fé (10.33,34). Em suas presentes tribulações,

quando identificação com Cristo significa exclusão do campo de Israel, eles devem estar prontos para suportar este "vitupério" (13.13). A escolha de Moisés exemplifica certeza quanto à sua esperança (v. 1), "porque contemplava o galardão" (10.35; 11.6,13).

* **11.27 abandonou o Egito, não ficando amedrontado. Muitas vezes, é**

entendido que essa frase se refere à primeira vez quando Moisés saiu do Egito. Quando ele escolheu identificar-se com o seu próprio povo contra os egípcios (vs. 24,25), Moisés matou um egípcio e tinha de fugir. A respeito desta saída, Êx 2.14 diz que ele "temeu". Se este versículo se refere à sua fuga para Midiã, a frase "nem ficou amedrontado" provavelmente se refere à sua fé inabalável no plano redentor de Deus. Embora Moisés experimentasse uma

apreensão perfeitamente natural, em que Faraó lhe faria um mal pessoal se tivesse ficado no Egito, ele não pensou que a sua comissão divina para salvar o povo de Deus estivesse em perigo. Com esta esperança nos propósitos de Deus, ele saiu e "se deteve na terra de Midiã".

Contudo, é possível que este versículo se refira ao êxodo; e nisto, Moisés claramente não tinha medo. Nesse caso, o v. 27 menciona o êxodo em termos gerais, com detalhes tais como a Páscoa e a travessia do mar Vermelho que se seguem nos vs. 28,29.

* **11.28 derramamento do sangue.** Moisés ordenou que o sangue fosse

derramado sobre as ombreiras das portas de cada casa israelita na expectativa da destruição vindoura dos primogênitos do Egito e da libertação das famílias israelitas deste evento terrível (Ex 12.7,12,13). Este foi mais um ato de confiança nas coisas que não se vêem.

*** 11.30** Os Israelitas rodearam Jericó sete vezes em obediência à ordem

do Senhor. A cidade seria destruída por este ato, e o único conhecimento que motivou esta obediência foi baseado na promessa de Deus: "Entreguei na tua mão a Jericó" (Js 6.2).

*** 11.31** Raabe demonstrou a sua lealdade a Deus quando protegeu os espias israelitas. Ela foi justificada (Tg 2.25) e tornou-se uma das ancestrais de Jesus Cristo (Mt 1.5), embora tivesse sido uma meretriz.

*** 11.32 que mais direi?** A pergunta é retórica. O autor passa a mencionar de passagem muitos outros nomes e atos de heroísmo que revelam o poder da fé (vs. 32-38).

*** 11.32-38** A lista de realizações através da fé passa daqueles em quem a vitória da fé foi manifestada na história (vs. 33-35) para

aqueles cuja fé envolveu sofrimento e uma aparente derrota (vs. 35-38). Para recapitular os eventos específicos, veja as referências no fim de cada versículo.

* **11.33 obtiveram promessas.** Isto é, eles experimentaram o cumprimento de promessas específicas no decorrer do tempo. Quanto à promessa da vinda de Cristo, eles ainda a aguardavam pela fé (v. 39). As promessas feitas a Abraão foram parcialmente cumpridas neste mundo, na medida em que seus descendentes se multiplicaram (v. 12) e habitaram na terra prometida (vs. 9,33). Mas, quanto às promessas que indicaram a realidade celestial, o "descanso de Deus" (4.10), elas não podiam se cumprir até o advento de Cristo.

* **11.35 Mulheres receberam... os seus mortos.** Uma referência aos eventos registrados em 1Rs 17.22,23; 2Rs 4.36,37.

Alguns foram torturados. Aparentemente, uma referência aos eventos durante a rebelião dos Macabeus (c.167-157 a.C.), que aconteceram depois do encerramento do Antigo Testamento, porém, registrados no livro apócrifo de 2 Macabeus 6.7.

* **11.37 serrados pelo meio.** Segundo a tradição, Isaías morreu desta maneira.

* **11.39 obtiveram bom testemunho.** Ver nota no v. 4.

não obtiveram... promessa. Embora algumas das promessas do Antigo Testamento se cumpriram, a sua suprema esperança (a promessa da vinda do Messias) ainda demoraria (v. 33 e nota). Este versículo resume a mensagem de vs. 13-16 e a aplica à segunda metade do capítulo.

* **11.40 coisa superior... sem nós.** Este versículo afirma, tanto a

diferença histórica-redentora entre os períodos do Antigo Testamento

e do Novo Testamento, como também a unidade do povo de Deus em ambas as eras. Embora os crentes do Antigo Testamento vivessem pela fé (10.38), eles não foram privilegiados para testemunhar em suas vidas o cumprimento da grande promessa de Deus. Todavia, eles participam dos benefícios do ministério sumo-sacerdotal de Cristo e, juntamente com os santos da nova aliança, são "aperfeiçoados". Todos juntos, da velha era e da nova, aguardam o aperfeiçoamento que acontecerá somente com a segunda vinda de Cristo (12.26; 13.14; Rm 8.18; Ef 1.9,10).

* **12.1 nuvem de testemunhas.** Em certo sentido, os leitores estão numa

corrida, assistida por uma grande multidão que já a terminou com honras ao mérito. O exemplo deles encoraja os leitores e os admoesta, se porventura tropeçarem.

todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia. Entre os pesos que devem ser lançados fora estão o medo que faz a pessoa recuar diante do sofrimento (10.38,39), o desânimo amargurado que contamina os demais através de dúvidas (v. 15) e a sensualidade que procura uma gratificação imediata (v. 16).

corramos... a carreira. As competições atléticas dos gregos forneciam uma analogia freqüente para a vida cristã no Novo Testamento (1Co 9.24-27; Fp 2.16; 2Tm 2.5; 4.7,8). À semelhança do corredor, o cristão deve estar numa atividade constante que o leva para o final, apesar da oposição. Isso exige perseverança e esforço incansáveis, os quais são adquiridos através de uma disciplina constante.

* **12.2 olhando... Jesus.** A nuvem de testemunhas do Antigo Testamento

nos inspira, porém, o nosso encorajamento principal se encontra na pessoa e obra de Cristo, que nos precedeu como "o Autor e Consumador da nossa fé" e é o exemplo supremo de fé na carreira (v.

3).

Autor. Ver nota em 2.10.

Consumador da fé. Como "Consumador", Jesus tem trazido ao alvo final a fé dos que se aproximam a Deus por seu intermédio: um culto agradecido e aceitável na sua presença (10.14; 11.40; 12.28).

da alegria que lhe estava proposta. Jesus suportou a cruz no antegozo da alegria de ser o Salvador de seu povo, depois do necessário sofrimento. No mesmo sentido em que Moisés contemplava o galardão (11.26), Jesus também foi ciente do galardão que receberia.

Embora possível, uma outra interpretação menos provável é traduzir assim: "no lugar da alegria que lhe estava proposta". De acordo com esta tradução, Jesus escolheu o sofrimento em vez da alegria que teria sido a sua porção, se tivesse recusado a morte e ficado no céu (Fp 2.6), ou, pelo menos, evitado a cruz aqui na terra (Jo 10.17,18; 12.27).

não fazendo caso da ignomínia. A crucificação foi uma forma de morte tão repleta de ignomínia, que era proibido infligi-la ao cidadão romano; ainda mais, os judeus acreditaram que "todo aquele que for pendurado em madeiro" foi amaldiçoado por Deus (Gl 3.13; cf. Dt 21.23).

* **12.3 oposição.** À semelhança de Jesus, os leitores também tinham

experimentado a oposição de pecadores (10.33).

desmaiando. Uma advertência tirada de Pv 3.11,12 e citada nos vs. 5,6.

* **12.4 até ao sangue.** Os leitores já conheceram a perseguição, contudo,

nada tão difícil quanto ao sofrimento de Jesus e nem como os registros em 11.35-38. Não está na hora de contemplar uma desistência.

* **12.5 filhos.** O plano de Deus para conduzir muitos filhos para a glória

necessitou que o Autor da salvação deles fosse aperfeiçoado através do sofrimento (2.10), embora fosse o Filho que não merecia nenhum sofrimento (5.8). Portanto, não é surpresa que os filhos adotados, que o seguem, devam ser preparados para a sua herança através de uma disciplina penosa.

* **12.8** Muitos romanos nobres geraram filhos ilegítimos, que foram

sustentados financeiramente, porém, desprovidos de qualquer orientação. Mas por outro lado, o filho da esposa oficial do nobre, que receberia o nome do pai e a herança, seria sujeito a um regime de treinamento comparável com a escravidão (Gl 4.1,2).

* **12.9 pais segundo a carne.** Esta tradução é literal, num contraste direto

com o "Pai espiritual". O argumento é do menor para o maior — do relacionamento humano-paternal para o maior, a paternidade divina — é contemplado no v. 10.

* **12.10** A correção por nossos pais terrenos é limitada pelo tempo e por

sua sabedoria falível. A correção pelo Pai celestial é administrada por sua sabedoria infinita para "aproveitamento", porque ela nos faz santos como ele mesmo é santo (v. 14; 1Pe 15,16).

* **12.11 fruto pacífico... de justiça.** Temos aqui uma idéia das implicações

da santificação (vs. 10,14).

exercitados. O escritor volta a usar uma analogia do atletismo do v. 1.

* **12.12,13** A carreira será completada vitoriosamente na medida em que

as ações são usadas para sarar as feridas espirituais do passado (v. 12) e evitar as armadilhas no futuro (v. 13). O contexto de Is 35.3,4 (do qual Hebreus adotou "restabelecei as mãos... joelho trôpegos") é citado para encorajar os medrosos. Compare as exortações em Hebreus para praticar um encorajamento mútuo (p.ex., 3.13), inclusive o que se segue em 12.15, e a advertência para não perder ânimo (vs. 3,5). O contexto de Provérbios 4.25-27

(citando-se "fazei caminhos retos para os vossos pés") é uma exortação para permanecer com toda diligência no caminho da justiça. A metáfora de fortalecer e sarar os membros feridos e cumprir a carreira se explica com exortações específicas (vs. 14-17).

* **12.14 Segui a paz com todos.** Apesar de se sentirem tentados na perseguição a retribuir o mal com o mal, os crentes têm de viver em paz com todos, "quanto depende de vós" (Rm 12.18), tal como o nosso Senhor Jesus que "não revidava com ultraje, quando maltratado" (1Pe 2.23).

santificação. Hebreus tem declarado como o sacrifício de Jesus nos faz santos de uma vez por todas, em status (10.10), dando-nos acesso confiante a Deus. Neste versículo, "santificação" é pureza de vida. Ela vem de Deus (13.21) e é orientada através de sua correção (v. 10), contudo, nós devemos "segui-la".

verá o Senhor. Isto é, estar com Deus, que é o alvo da salvação (Ap 22.4). Agora, aqueles que pela graça e por intermédio da fé seguem e recebem a santificação de Cristo, certamente verão a Deus e tornar-se-ão semelhantes a ele (2Co 3.18; 1Jo 3.2).

* **12.15** Os leitores são responsáveis uns pelos outros e devem cuidar uns dos outros para que "ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus" (cf. 4.1).

raiz de amargura. Em Dt 29.18, "erva venenosa e amarga" é uma pessoa que espalha dúvidas e infidelidade diante do Senhor e entre o povo do pacto. Também aqui, esta "raiz de amargura" é uma pessoa que perturba e contamina as demais. Para fortalecer a fé dos outros, devemos encorajar os fracos e enfrentar os apóstatas que podem influenciar os outros.

* **12.16** Esaú é apresentado como exemplo de alguém que tem desprezado as promessas de Deus (em contraste com as pessoas de fé no cap.11) e cuja perda foi irrevogável (v. 17). Moisés trocou os tesouros do Egito

com o opróbrio de Cristo, porque contemplava o galardão (11.26); Esaú trocou a sua primogenitura por um repasto, porque conseguiu enxergar somente o cozido vermelho (Gn 25.29-34).

vendeu... primogenitura. Como filho primogênito, Esaú tinha o direito da primogenitura (Gn 25.31-34; 27.36). Mais tarde, sob a lei de Moisés, o direito foi uma parte dobrada da propriedade (Dt 21.17). Na realidade, Esaú desprezou o seu lugar na linhagem das promessas pactuais, e não apenas a propriedade.

* **12.17 sabeis... posteriormente.** Os leitores certamente lembrarão a

segunda fase da perda de Esaú, quando seu irmão Jacó se interpôs e recebeu de seu pai Isaque a solenidade da bênção (Gn 27). Esta bênção incluiu a substância da promessa dada a Abraão (Gn 12.2,3; 27.29).

não achou lugar de arrependimento. Embora Esaú lamentasse a sua perda com lágrimas (Gn 27.38; cf. 2Co 7.10), ele não exatamente arrependeu-se do pecado de ter desprezado as promessas de Deus.

Uma outra interpretação do arrependimento que ele buscou foi uma mudança na decisão tomada por seu pai.

* **12.18-24** A velha e a nova aliança são comparadas em termos da

associação entre os dois montes (Sinai e Sião). O medo foi o tema dominante no Sinai, um monte intocável (e por isso, terreno e mutável, sobre o qual a lei foi dada) (vs. 18-21). A alegria e a confiança caracterizam o Sião celestial (e por isso, eterno), porque lá está o Salvador com o sangue do perdão (vs. 2224).

* **12.18 ao fogo palpável**. À semelhança do santuário levantado pela

primeira aliança (9.1,11,24), o monte sobre o qual a lei foi dada, foi parte das coisas que têm "sido feitas", que são destinadas para serem "abaladas" e removidas pela voz de Deus vindo dos céus (v. 27). Como algo que pode ser palpado, Sinai testifica da transitoriedade da primeira aliança (8.3).

* **12.19 suplicaram que não se lhes falasse mais. Com medo que o**

contato direto com a temível santidade de Deus os destruísse (Êx 20.19), os israelitas suplicaram a Moisés que ele mediasse as palavras de Deus para eles.

* **12.21** A outorga da lei aconteceu com uma demonstração temível do

poder de Deus e o medo foi uma reação apropriada (cf. Is 6.4,5; Mt 17.6; Ap 1.17).

* **12.22 tendes chegado.** Continuamos ainda na peregrinação terrena e, à semelhança dos patriarcas (11.13), ainda buscamos uma "cidade permanente" (13.14). Todavia, pelos méritos de Jesus, o

nosso precursor, temos chegado à Jerusalém celestial, pela fé, onde podemos entrar no Santo dos Santos e cultuar a Deus (10.19-22). Ver "Céu" em Ap 21.1.

incontáveis hostes de anjos. Eles sempre servem a majestade de Deus (Dt 33.2; Sl 68.17; Dn 7.10). Aqui, eles se ajuntaram como se fosse para uma festa ou uma celebração de um feriado.

* **12.23 igreja dos primogênitos.** Todos os primogênitos em Israel foram santificados por ocasião da Páscoa e consagrados ao serviço na presença de Deus, porém, foram os levitas que serviram o santuário no lugar dos primogênitos (Nm 3.11-13). Na assembléia celestial, todos os crentes, redimidos da destruição, são "primogênitos", consagrados a Deus e arrolados como os seus sacerdotes. Diferente de Esaú, que desprezou o direito da primogenitura (v. 16), os crentes participam agradecidamente na herança de Jesus, o Primogênito (1.6,14; 2.11,12). Na assembléia celestial, todos os crentes podem cultuar, tanto na terra como nos céus (10.22,25). Ver "A Igreja" em Ef 2.19.

justos aperfeiçoados. Estes são os espíritos daqueles que já morreram no Senhor (2Co 5.8; Ap 14.13). Estão especialmente em vista os santos do Antigo Testamento e do tempo intertestamental, àqueles cuja justiça pela fé foi

testificado pelo próprio Deus (11.2,4,5,39) e que agora são aperfeiçoados (11.40) através do sacrifício de Jesus.

* **12.24** A presença de Jesus no Sião celestial explica o seu ambiente de alegria e confiança. Da própria terra, o sangue de Abel clamou por vingança (Gn 4.10), mas o sangue de Jesus, usando a mesma figura, "fala coisas superiores" (isto é, clama pelo perdão dos filhos de Deus, 9.12-15; 10.19-22).

* **12.25-27** A voz de Deus anunciando o evangelho deve ser ouvida com maior atenção e fé que a lei anunciada no Sinai (2.1-4; 3.1-5; 10.28,29).

* **12.25** O contraste entre a mensagem do Antigo Testamento e a mensagem do céu através do Filho, faz-nos lembrar de 1.1-4. Fechando o círculo, o escritor está levando o seu argumento para uma conclusão.

* **12.27 a remoção... abaladas.** Cristo enrolará os céus e a terra "qual manto", porém, ele permanecerá (1.12). O encerramento da primeira aliança, "que se torna aniquilada e envelhecida" (8.13), juntamente com seu santuário (9.8) e sacrifícios (10.9) é a previsão do abalamento final.

* **12.28 sirvamos a Deus de modo agradável.** A gratidão é derivada do conhecimento de que os nossos nomes estão escritos nos céus (Lc 10.20) e da nossa experiência do "dom inefável" de Deus — Jesus Cristo (2Co 9.15). Reverência e temor provêm de uma correta apreciação da pessoa de Deus (v. 29). Um culto agradável inclui estes motivos.

* **12.29 fogo consumidor.** Esta solene citação de Dt 4.24 nos oferece uma conclusão apropriada à exortação que enfatiza a santidade de Deus e o caráter definitivo de seu juízo dos apóstatas (10.27).

* **13.1-3** Aqui, a responsabilidade dos leitores para cuidar e encorajar uns aos outros na perseverança na fé assume formas tangíveis: amor fraternal para com todos os crentes (Rm 12.10; 1Pe 1.22), hospitalidade para aqueles que precisam de abrigo e alimento (11.38), identificação com os presos (10.34) e

apoio compassivo para aqueles que estão sendo maltratados por causa de sua confissão (10.33; 11.25; cf. Mt 25.35-37).

* **13.2 Não negligencieis**. A pressão do sofrimento pode afastar das nossas mentes as responsabilidades fundamentais do amor (vs. 3,7,16).

sem o saber acolheram anjos. O próprio Abraão, que foi um estrangeiro (11.13), deu hospitalidade para "três homens" (Gn 18.2), na realidade, o próprio Senhor com dois de seus mensageiros sobrenaturais (Gn 18.1-19-22).

* **13.3 Lembrai-vos dos encarcerados**. A recomendação de Paulo a respeito de Onesíforo, que "nunca se envergonhou das minhas algemas" mostra a importância deste encorajamento, mesmo para um apóstolo (2Tm 1.16-18).

* **13.4** Uma segunda indicação de que a imoralidade sexual pode atingir

os leitores (12.16). O remédio para resolver o problema da imoralidade não é uma abnegação ascética, antes, uma apreciação correta da honra que Deus outorgou ao relacionamento matrimonial (Ef 5.22-33; 1Co 7.3-5).

*
13.5,6 Aqueles que são tentados pelo amor do dinhei

descontentamento são identificados como aqueles que procuram a sua segurança nos recursos financeiros (Mt 6.19-21,24-34). Mas a promessa que Josué recebeu, oferece maior segurança: "Não te deixarei nem te desampararei" (Js 1.5). A nossa resposta confiante reafirma que o Senhor é o nosso auxílio (2.18; 4.16) e nos liberta de todas as formas de medo (2.15; 11.23,27).

*
13.7 dos vossos guias. O ministério da primeira gera

congregação (2.3) encerrou-se e, mais adiante, o autor exortará a seus leitores a submeterem-se à nova liderança, de acordo com os deveres pastorais dos guias (v. 17).

imitai a fé. Devemos imitar aqueles que herdam as promessas através de uma fé perseverante (6.12).

* **13.8** Embora a liderança humana deixe a congregação, Jesus Cristo é "o

mesmo" (1.12) "ontem" (no qual Deus falou através dos profetas, 1.1), "hoje" (pois Deus nos convoca para entrar em seu descanso pela fé 3.7,13; 4.7), e "para sempre" (1.8; 7.17,21,24,28). Ele é a forte âncora no meio dos sofrimentos e incertezas desta vida (6.19).

* **13.9 doutrinas várias e estranhas.** Estas doutrinas ou ensinos,

segundo parece, afirmaram que os leitores, por não mais participarem da vida ritual do templo (v. 13), inclusive das festas sacrificiais, não tinham acesso a Deus. O autor responde afirmando que a graça, e não o alimento cerimonial, fortalece os nossos corações, porque pela graça participamos no culto do altar celestial onde Cristo ministra.

nunca tiveram proveito. Tal como a oferta pelo pecado não podia efetuar uma purificação da consciência (9.9), assim também a oferta pacífica não podia garantir que o adorador tivesse paz e comunhão com Deus (Lv 7.11-18; 1Co 10.18).

* **13.10** Os sacerdotes levíticos tinham o direito de reter uma porção de

cada animal sacrificado como oferta pacífica no tabernáculo do Antigo Testamento (Lv 6.18,29; 7.6,28-36). Enquanto os sacerdotes e o povo dependerem do antigo sistema do sacrifício de animais para receber expiação e paz com Deus, eles não podem desfrutar do ministério sumo sacerdotal de Cristo nos céus.

* **13.11,12** O simbolismo do Dia da Expiação prefigurou dois aspectos

importantes da obra expiatória de Cristo. Primeiro, o sangue trazido para dentro do Santo dos Santos declarou que aproximação ao Deus santo é possível somente através da morte de um substituto imaculado. Segundo, os corpos dos animais queimados fora do

arraial indicaram que o substituto tornou-se impuro por causa dos pecados do povo que lhe foram imputados.

* **13.13 Saiamos, pois, a ele, fora do arraial.** O sofrimento de Jesus fora

da porta da cidade simbolizou não apenas a maldição que ele levou sobre si

como o nosso substituto, mas, também, a sua rejeição pelo estabelecimento religioso dos judeus e de seus líderes. Os leitores são convocados agora a assumir com coragem sua própria exclusão das instituições judaicas (sinagoga e templo e talvez até da própria família) na expectativa confiante da cidade que há de vir (v. 14).

levando o seu vitupério. Ver 11.25,26 e nota; Sl 69.7-9; Rm 15.3.

* **13.15 ofereçamos... sempre.** O tempo do sacrifício de animais já

passou, porém, os servos de Deus, à semelhança de todos os sacerdotes, ainda têm dons e ofertas para ele. Estes sacrifícios espirituais (1Pe 2.5) incluem louvor a Deus (v. 15) e atos de amor ao próximo (v. 16).

sacrifício de louvor. Na tradução grega de Lv 7.11-21, esta frase se refere a um tipo de "oferta pacífica" que foi um sacrifício de animal. Mas o sentido aqui é mais perto de Sl 50.14,23 onde o Senhor pede "ações de graça" no lugar de sacrifícios de animais.

o fruto de lábios que confessam o seu nome. Em Os 14.2 esta atraente figura de linguagem é usada para descrever as palavras que oferecemos a Deus quando os pecados são perdoados. Este é o "sacrifício de louvor".

*
13.16 Não negligencieis. Sacrifícios de palavras devem

ser

acompanhados por atos de amor fraternal (Tg 1.27). Em Fp 4.18, Paulo identifica estes atos materiais "como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível". Ver nota no v. 2.

* **13.17 Obedecei... sede submissos**. Evidentemente, a nova geração de

líderes não estava recebendo a submissão respeitosa que o ofício merece.

pois velam. Líderes fiéis na Igreja são semelhantes a pastores fiéis (Jr 23.4; At 20.28; 1Pe 5.2-4) ou atalaias que dão o aviso de perigo à cidade (Ez 33.6). O cuidado dos líderes é profundo e genuíno porque eles foram designados por Deus, a quem devem prestar contas (cf. 4.13). Todos sofrerão se resistirem o seu ministério.

* **13.18 Orai por nós.** Os crentes têm o privilégio de agir como

sacerdotes, e em plena dependência de seu livre acesso ao trono da graça (4.16), oram uns pelos outros.

de termos boa consciência. Talvez o autor esteja comunicando a seus leitores que ele mesmo está exercendo o seu ministério de modo cuidadoso, de acordo com as diretrizes que acabou de traçar (v. 17; 2Co 1.12).

* **13.19 restituído mais depressa.** As circunstâncias exatas do autor são

desconhecidas. Ele já esteve anteriormente com o grupo a que se dirige, e está ansioso para revê-lo.

* **13.20,21** Esta bênção engloba os temas proeminentes da carta, e

introduz novos.

* **13.20 o grande Pastor das ovelhas.** O bom pastor guia e protege as

suas ovelhas (Sl 23; Ez 34.11-16,31), e ele deu a sua vida por elas (Jo 10.11; 1 Pe 2.24,25).

pelo sangue da eterna aliança. O sacrifício de Cristo derrotou a morte (2.14) e inaugurou a nova e eterna aliança (9.12-15). Depois de ter ressuscitado, Cristo "já não morre" (Rm 6.9); os efeitos de seu sacrifício são eternos.

* **13.21 cumprirdes a sua vontade.** Deus tem providenciado tudo para o nosso crescimento na santidade (2Pe 1.3) e ele está sempre pronto para auxiliar na hora de necessidade ou de tentação (2.18; 4.16).

operando em vós o que é agradável diante dele. Deus mesmo nos dá forças para amá-lo e também amar o próximo, sacrifícios estes que o agradam (vs. 15,16; Fp 2.13).

por Jesus Cristo. A totalidade da salvação, o perdão dos pecados e a novidade de vida, vêm por Jesus Cristo.

* **13.22 palavra de exortação.** Este sermão, em forma de carta, levaria

mais de uma hora para ler em voz alta. O escritor poderia ter expandido certas partes, se tivesse assim desejado (9.5).

* **13.24 Saudai todos os vossos guias**. O escritor faz todo o esforço

para garantir que os novos líderes da congregação recebam o devido reconhecimento (cf. v. 17).

Os da Itália. Ver Introdução: Data e Ocasião.

TIAGO

*** 1.1 Tiago, servo.** Tiago apresenta-se como um escravo de Deus e de

Cristo. Um escravo (traduzido aqui como servo) é alguém que foi adquirido e que pertence a um mestre ou "senhor". Isto indica não apenas humildade da parte do escritor, mas também um profundo testemunho de sua conversão, aceitando o seu irmão terreno (por parte da mãe) como o seu Redentor (1Co 15.3). Tiago é um escravo, tanto de Deus como também de Jesus, uma equiparação teologicamente crucial.

*****
1.2 irmãos. Todos aqueles que crêem, tem o mesmo Deus como Pai e

são reconhecidos em termos familiares como irmãos.

motivo de toda alegria. Esta é uma exortação para apreciar o sofrimento da perspectiva de confiança na soberania de Deus. O que se segue exige uma cuidadosa análise de uma perspectiva teológico.

provações. Vários tipos de circunstâncias de provação, muitas vezes relacionadas com a perseguição que a Igreja primitiva experimentou.

*** 1.3 provação.** Provações podem ser recebidas com uma alegria singular

quando existe o conhecimento de que elas são permitidas por Deus que tem um propósito nelas. São provações na fé, dadas para que a perseverança seja desenvolvida. E, por recompensa, a perseverança produz maturidade no caráter cristão (Rm 5.3).

*** 1.5 sabedoria.** Sábio, segundo a Bíblia, é aquele que pratica a

piedade

e faz o que é agradável a Deus (Hb 5.14). O cap. 3 desenvolve este tema.

peça-a a Deus. Deus é a fonte de toda a sabedoria. Ele a concede aos que lhe pedem com sinceridade.

* **1.8 ânimo dobre.** Esta incomum expressão possivelmente originou-se

com o próprio Tiago. A idéia apresentada é de um homem com duas almas; ele é tão imprevisível quanto à pessoa cuja personalidade é dividida.

* **1.9,10 glorie-se.** Tanto o pobre como o rico são exortados para gloriar-

se em suas circunstâncias. O irmão pobre é rico em tesouros espirituais. Ele tem um status privilegiado no reino de Deus. Se o termo "rico" se refere aos cristãos abastecidos, Tiago entende que eles também podem alegrar-se no fato de terem discernido onde o verdadeiro tesouro se encontra. Se "rico" se refere aos ímpios, a referência à sua glória é irônica.

* **1.11** Ver Jó 14.2; Sl 103; Is 40.6,7.

* **1.12 Bem-aventurado.** Esta palavra reproduz os oráculos proféticos da

salvação, usados pelos profetas do Antigo Testamento e por Jesus (Mt 5.3-11).

* **1.13 tentado.** Existe uma importante diferença entre os conceitos de

"provar" e "tentar". Deus prova a seu povo, porém, nunca o tenta, no

sentido de estimular neles o pecado. No deserto, Jesus foi provado por Deus e tentado por Satanás. Também, há uma diferença entre tentações que surgem das nossas próprias inclinações pecaminosas (interiores) e aquelas que vêm de fora (exteriores). Jesus, sendo livre do pecado original, foi tentado exteriormente, mas não interiormente. As provações para a nossa fé podem ser a ocasião para virem as tentações, tanto do interior como do exterior, todavia, as tentações não têm Deus como o seu autor.

* **1.17 Pai das luzes.** Os luzeiros do firmamento variam em magnitude e

são sujeitos a fases, eclipses e sombras. Em última análise, Deus é o autor da luz. Nele não há variações de brilho ou claridade. Não existem flutuações em seu caráter.

* **1.18 ele nos gerou.** Lit. "deu à luz", e se refere à graça da regeneração

pela qual fomos adotados na família de Deus (1 Pe 1.23).

* **1.19 pronto para ouvir, tardio para falar.** Embora a comunidade cristã dê muito valor ao talento da eloqüência, Tiago coloca a ênfase sobre o ouvir. É aquele que ouve atentamente a palavra da verdade e que progride na piedade.

* **1.22 praticantes.** O verdadeiro ouvir da palavra leva forçosamente à ação piedosa.

* **1.23 espelho.** Os espelhos do mundo antigo eram feitos de um metal polido, e não de vidro. A Escritura é um espelho que reflete a carência de graça que a alma tem. Ela nos revela o nosso verdadeiro caráter.

* **1.25 lei perfeita**. Tiago usa esta frase como sinônimo das Escrituras sagradas (Sl 19).

liberdade. A lei de Deus nos liberta (Jo 8.36; Rm 8.2,15; Gl 5.13).

* **1.26 língua.** Ver cap. 3.

* **1.27 religião pura e sem mácula.** Tiago enfatiza que a solicitude compassiva pelas viúvas e órfãos é um padrão verídico da obediência que é agradável a Deus. Ela reflete a solicitude do próprio Deus (Dt 10.18; Sl 9.18, nota; 68.5; 146.9). Israel recebeu esta incumbência no Antigo Testamento (Dt 14.29; Ez 22.7).

* **2.1 Jesus Cristo, Senhor da glória.** Esta frase pode ser traduzida, "nosso Senhor Jesus Cristo, a glória". Aqui, Jesus pode ser identificado com a glória de Deus. Ele é Emanuel, "Deus conosco", Deus habitando com o homem.

acepção. A palavra é semelhante a "aparência" que se encontra em Gl 2.6 (ver nota ali). Tiago proíbe que as pessoas se respeitem apenas com base em exterioridades. É contrário ao procedimento de Deus porque nele não há acepção de pessoas (Rm 2.11; Ef 6.9; Cl 3.25). À luz da divina glória de Cristo,

é uma imprudência manifestar um favoritismo baseado sobre os níveis inferiores da glória humana.

* **2.4 fizestes distinção.** Embora Deus nos chame para discernir e discriminar entre o bem e o mal, uma distinção baseada sobre meras exterioridades, tais como status econômico, diferenças étnicas e coisas semelhantes, é visto como uma forma pervertida de juízo.

* **2.5 Não escolheu Deus.** A herança no reino de Deus é baseada na soberana eleição de Deus. Ele não escolhe de acordo com os méritos ou status deste mundo. Os padrões deste mundo não têm nenhuma influência sobre a graciosa eleição de Deus (1Co 1.28,29; Ef 1.4). O texto não permite nenhuma forma de "misticismo do pobre", pelo qual a própria pobreza faz a pessoa aceitável (Sl 9.18 nota).

* **2.6 ricos que vos oprimem.** O verbo é uma palavra enfática e é

usada para descrever a obra opressiva de Satanás (At 10.38). Os ricos usaram o poder político e judicial para explorar os pobres e necessitados da nação. Como classe, os ricos têm uma forte tendência para depender da riqueza e do poder, em vez de descobrir a sua redenção em Cristo.

* **2.8 lei régia.** A lei suprema de Deus.

Amarás a teu próximo. Tiago interpreta o pecado do favoritismo como a transgressão do grande mandamento (Lv 19.18; Dt 6.5; Mt 22.36-39), fazendo do perpetrador um transgressor da lei.

* **2.10 toda a lei... um só ponto**. Este texto não nega o conceito bíblico da gradação do mal. Alguns pecados são mais nocivos do que outros. Contudo, mesmo no pecado menor, um delito grave é cometido contra Deus. Pecar em um só ponto, é pecar contra a lei, e, portanto, contra o Legislador. Tiago, à semelhança de Jesus, adverte contra uma interpretação superficial da lei de Deus (Mt 5.17-20).

* **2.13** Ver Zc 7.9; Mt 5.7; 18.21-35. Embora Deus nunca seja obrigado a

usar a misericórdia, ele opta livremente por usá-la com abundância. Ele retém a prerrogativa divina de ser misericordioso com quem quiser (Rm 9). Por sua lei, porém, somos exortados a moderar a justiça com a misericórdia. Ele adverte, que se recusarmos a usar a misericórdia, não receberemos dele a misericórdia.

* **2.14 Pode... fé salvá-lo?** Esta frase introduz o ponto crucial da relação

entre fé e obras. A pergunta em pauta é: Que tipo de fé é salvadora? A pergunta de Tiago é retórica; a resposta óbvia é que a fé sem obras não pode salvar. A fé que não produz nenhuma ação não é uma fé salvadora. O Novo Testamento não fala de uma justificação através de uma profissão de fé ou de uma afirmação de fé; ele ensina justificação através da possessão de uma fé verdadeira.

* **2.15,16** Descreve uma "fé” que consiste em meras palavras, sem qualquer ação.

* **2.17 fé... por si só está morta.** Quando Lutero e os Reformadores

insistiram na fórmula "Justificação somente pela fé”, eles queriam insistir que a justificação baseia-se somente sobre uma dependência dos méritos de Cristo. O "somente” não significa que a fé existe solitariamente sem qualquer subseqüente fruto da obediência. Lutero insistiu que a fé salvadora é uma fé viva. A fé "morta” não indica uma fé que veio a morrer. Antes, a idéia sugere uma fé que nunca possuiu qualquer vida verdadeira. Uma fé morta não pode vivificar a ninguém, não pode "salvar as vossas almas” (1.21) e, portanto, é falsa e inútil.

* **2.18 mostra-me essa tua fé.** Tiago desafia qualquer pessoa que tem fé,

a demonstrá-la, a fazê-la visível. A única evidência visível aos olhos humanos são os atos de obediência. Embora Deus possa ler o coração, a nossa única visão do coração vem através da presença de fruto exterior.

* **2.19 Crês, tu, que Deus é um só?** Acreditar que Deus é um só pode ser uma mera asserção intelectual. Acreditar "em” Deus exige uma confiança pessoal. Acreditar que ele é, é concordar com a proposição que os próprios demônios admitem. A fé salvadora inclui um conhecimento cognitivo, porém, vai além para uma confiança e submissão pessoal.

* **2.20 ó homem insensato.** Esta é uma repreensão forte.
É decididamente um pronunciamento moral, e não intelectual, relembrando o juízo que recai sobre "o insensato” nos escritos de Sabedoria no Antigo Testamento.

inoperante. Que não produz nenhum fruto.

* **2.21 justificado.** Tiago cita Abraão como exemplo clássico de quem foi justificado por suas obras. Esta afirmação não envolve nenhum conflito com Paulo que também usa Abraão como exemplo clássico de quem foi justificado pela fé. Observe os textos. Tiago cita Gn 22, enquanto Paulo cita Gn 15. Aos olhos de Deus, Abraão é justificado em Gn 15, muito antes de oferecer Isaque sobre o altar. Deus soube que a fé do patriarca era genuína. Em Gn 22, Abraão é justificado diante de nós, diante de olhos humanos, quando ele demonstra a sua fé através de sua obediência. Jesus usou o mesmo verbo em Lc 7.35 quando declarou que "a sabedoria é justificada por todos os seus filhos" (Isto é, demonstrada como uma sabedoria genuína através dos resultados). Aqui, "justificar" não significa ser reconciliado com Deus, antes, demonstra a veracidade de uma afirmação anterior. Da mesma maneira em que a verdadeira sabedoria é demonstrada através de seu fruto, a fé que Abraão confessava foi vindicada por sua obediência visível. Contudo, as suas obras não foram a causa merecedora de sua salvação; elas não acrescentaram nenhum mérito aos méritos perfeitos e suficientes de Cristo.

* **2.22 a fé se consumou.** O pleno desenvolvimento da fé é observado através das obras. A fé verdadeira sempre produz frutos. A fé e as obras podem ser distinguidas entre si, porém, nunca separadas ou divorciadas.

* **2.24 não por fé somente.** A justificação de alguém não é demonstrada através de uma mera profissão de fé, ou, uma fé solitária. Uma pessoa mostra que é justa pelas coisas que faz. Nenhuma das nossas obras merece uma justificação absoluta diante de Deus. Somente os méritos de Cristo garantem essa justificação. Só confiando exclusivamente em Cristo podemos ser feitos justos diante de Deus. Aqui, Tiago repreende todas as formas de antinomianismo que procuram ter Jesus como Salvador, sem aceitá-lo como Senhor. No mesmo sentido em que Paulo demonstrou que confiança em nossas próprias obras é fatal, Tiago ensina que confiança numa fé vazia ou morta, é igualmente mortífera. Ver nota

teológica "Fé e Obras", índice.

* **3.1-12** Tiago ecoa a ênfase que Jesus dava à importância crucial do emprego de palavras na vida diária (Mt 12.36; Mc 7.20-23).

* **3.1 receber maior juízo.** Tiago dá uma advertência solene quanto às responsabilidades daqueles que ensinam. Mestres exercem uma influência sobre os alunos confiantes, um relacionamento que faz os estudantes vulneráveis a erros sérios. O mestre tem de prestar contas por tudo o que ele ensina, e este juízo estreito deve constrangê-lo a não ousar palavras frívolas. A língua do mestre pode ser um perigo devastador. A igreja primitiva dava muito valor ao ofício do ensino (Mt 5.19; 18.6; cf. Rm 14.10-12).

* **3.3-5** Tiago usa metáforas da experiência comum para ilustrar seu ensino essencial, que grandes resultados podem ser alcançados por pequenos meios. A língua é uma parte pequena do corpo, porém, é capaz de desencadear grandes estragos.

* **3.6 a língua é fogo.** Uma língua irrefreada é semelhante ao incêndio que consome descontroladamente (Sl 120.3,4; Pv 16.27).

contamina. A má conversa (inclusive, blasfêmia, mexerico, malícia, mentira, juramentos insinceros e coisas semelhantes) tem o poder de arruinar, manchar e corromper todo o caráter moral de uma pessoa.

*** 3.8 a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar. É mais**

difícil domar a língua do que os animais selvagens. É cheia de um veneno mais mortífero do que qualquer víbora (Sl 58.4; 140.3; Rm 3.13,14).

*** 3.9 bendizemos... amaldiçoamos.** A língua é capaz de ser usada tanto

na área da virtude como na área do vício. A mesma boca usa a língua para esses fins contraditórios.

feitos à semelhança de Deus. Ver "A Imagem de Deus" em Gn 1.27.

*** 3.11,12** Observe a semelhança entre as metáforas de Tiago e as de

Jesus em Mt 7.16.

*** 3.13 sábio... Mostre.** Assim como Tiago exorta os crentes a

demonstrarem sua fé através das obras, ele também pede uma demonstração de sabedoria através de uma vida piedosa.

mansidão. O sinal da sabedoria é um espírito manso e humilde. Como a arrogância e a insensatez andam juntos, assim também a humildade e a sabedoria.

*** 3.14 inveja amargurada e sentimento faccioso. A inveja e a cobiça**

envenenam o espírito. Elas são unidas por uma ambição interesseira e egocêntrica. Estes vícios cegam a verdadeira compreensão e são contrários ao amor fraternal.

*** 3.15 terrena, animal e demoníaca.** A sabedoria divina é projetada para

contrastar com a sabedoria deste mundo. A sabedoria da carne reflete as artimanhas de Satanás, e é uma loucura aos olhos de Deus.

*** 3.16 toda espécie de coisas ruins.** Como Tiago mostrou há pouco que

a língua é capaz de criar um mal devastador, assim aqui ele enfatiza o poder destruidor da inveja e da ambição interesseira. Destes procedem todos os tipos

de males, inclusive vandalismo, assassínio, adultério, guerra, furto, malícia e outros pecados que violam as pessoas e provocam caos na comunidade.

*** 3.17 sabedoria... do alto.** A sabedoria que é um dom de Deus (1.5)

reflete a pureza do próprio Deus. Mais uma vez, a sabedoria é ligada à piedade, porque o próprio Deus é a origem e fonte da verdadeira sabedoria.

pacífica. É uma paz autêntica, livre de atitudes contenciosas.

indulgente. Atencioso e respeitador dos sentimentos de outras pessoas.

tratável. Disposto a ouvir e obedecer a outros.

plena de misericórdia. A pessoa sábia não é mesquinha no uso da misericórdia, antes, ela demonstra a sua liberalidade por medidas generosas.

imparcial, sem fingimento. A pessoa sábia é imparcial e sem

fingimento, engano ou fraude.

* **3.18 fruto da justiça.** O fruto ceifado depois de semear a sabedoria é

uma colheita generosa de justiça.

* **4.1 contendas.** Tiago cava até achar as raízes que causam as divisões

entre os santos. São causadas por desejos corruptos. A inveja continua sendo reconhecida como um mau desejo que destrói.

* **4.2 porque não pedis.** Isto é, "não pedis" a "Deus, que a todos dá

liberalmente" (1.5). A inveja é um pecado contra Deus. Ela é a conseqüência de uma falta de gratidão a Deus, que derrama dádivas sobre o seu povo. Também, é o resultado de procurar no mundo seus dons, em vez de buscá-los de Deus.

* **4.3** Deus rejeita as nossas petições quando elas procedem de desejos

repreensíveis. Orar por motivos errados, é orar sem fé (Rm 14.23; Hb 11.6).

* **4.4 Infiéis.** Refere-se à infidelidade espiritual.

* **4.5 afirma a Escritura.** Provavelmente, Tiago não se refere a um texto específico; é uma generalização semelhante àquela que se encontra em Mt 2.23. A idéia pode ser derivada parcialmente de Êx 20.5; Dt 4.24. Se o versículo se refere ao espírito humano, Tiago está pensando em textos tais como Gn 6.3; 8.21, que falam sobre as conseqüências do pecado original.

* **4.6** Ver Pv 3.34.

* **4.7 Sujeitai-vos.** Isso exige um ato voluntário de aceitação da autoridade de Deus. Estamos debaixo da sua autoridade, quer nos submetamos a ela ou não. Aqui, "sujeitai-vos" significa obediência.

resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Satanás não é igual a Deus em poder ou autoridade. Embora Satanás seja poderoso, ele não é invencível. Ele foge do santo que o resiste com a armadura de Deus.

* **4.9 Afligi-vos, lamentai e chorai.** Esta é uma convocação para um arrependimento sincero, pelo qual lamentamos nossos pecados.

* **4.11 fala mal.** Um pecado da fala. A calúnia procede da inveja e reflete a obra de Satanás. A palavra grega para "diabo" significa "caluniador". A calúnia contra outros cristãos destrói a comunhão e transgride a lei régia. Quando falamos falsamente contra um irmão na fé, falamos não apenas contra a pessoa, mas também contra a lei de Deus. O caluniador se coloca acima da lei.

* **4.14 não sabeis o que sucederá.** Tiago repreende a pessoa que vive a

sua vida e faz planos sem qualquer consideração da vontade de Deus. Tal pessoa vive sem respeitar a soberania divina.

* **4.15 Se o Senhor quiser**. A palavra "Se" se refere aos eventos do futuro que são condicionais. Aqui, a primeira consideração em todos os planos para o futuro, deve ser a soberana vontade de Deus.

* **4.16 vos jactais.** Jactar-nos do nosso próprio poder e realizações é

pecado. O cristão pode gloriar-se somente no Senhor (2Co 11.30; 12.5,9).

* **4.17 está pecando.** Os pecados da negligência e da omissão estão em

vista.

* **5.1 ricos.** A Bíblia, em nenhuma parte, condena a riqueza em si. Muitas

vezes, ela é vista como a bênção de Deus (Pv 10.22). Contudo, os ricos como uma classe social, são freqüentemente culpados de explorar e oprimir o pobre. Deus preparou um juízo severo para tais ricos (Lc 6.24).

* **5.2,3 corruptas... comidas de traça... ferrugens. Tesouros da terra são**

sujeitos à decomposição e acabam desaparecendo. Tiago ecoa o ensino de Jesus (Mt 6.20).

* **5.4 salário... retido.** É uma violação da lei de Deus. O salário não

apenas deve ser pago, mas pago pontualmente (Lv 19.13; Dt 24.14,15).

* **5.5 engordado o vosso coração.** Semelhante aos animais engordados

para o abate, os ricos são ignorantes da desgraça que os aguarda.

* **5.6 condenado e matado.** O abuso de poder tem causado a morte de

pessoas inocentes. O versículo pode ser entendido figuradamente também, porque a reter o salário e os meios de sobrevivência do necessitado é praticar uma forma de assassínio contra ele.

* **5.7 pacientes.** Os santos precisam da paciência enquanto aguardam a

prometida vindicação que Deus tem para o seu povo. Deus promete justiça para corrigir as formas prevalecentes da injustiça neste mundo (Lc 18.1-8).

* **5.9 o juiz está às portas.** O versículo repete o sentido urgente da

aproximação da vinda de Cristo. Tiago está ecoando a esperança neo-testamentária da volta de Cristo que acontecerá na consumação dos séculos.

Também, Tiago pode estar pensando na aproximação do juízo que é reservado para cada pessoa, cuja vida será logo encerrada e terá de comparecer perante o tribunal de Deus. Ver o v. 3 onde Tiago menciona os "últimos dias".

* **5.12** Esta exortação enfática indica a prioridade urgente da piedade.

Exaltar à posição de prioridade a proibição do uso de falsos votos e juramentos, pode parecer estranho para alguns, porém, está em harmonia com a ênfase da Bíblia que ensina a obediência à aliança e a santidade da fé.

não jureis. A proibição aqui se refere à invocação de objetos inanimados como testemunhas (que em termos bíblicos é uma forma de idolatria). Somente o Deus vivo tem o poder para ser uma onipresente e onisciente testemunha de votos e juramentos. Votos que são justos e piedosos não são proibidos porque eles são parte vital de todas as alianças.

o vosso sim sim. É esperado que a palavra do cristão seja de total confiança. O ensino de Tiago aqui ecoa aquele de Jesus no Sermão do Monte (Mt 5.3437).

* **5.13 Cante louvores.** Ver "A Música na Igreja" em Cl 3.16.

* **5.14 presbíteros.** Ver At 14.23; Tt 1.5.

ungindo-o com óleo. O azeite de oliveira era usado com freqüência na medicina do mundo antigo (Mc 6.13; Lc 10.34). Também, o óleo pode ter uma referência simbólica do poder curador de Deus.

* **5.15 oração da fé.** Não existe uma milagrosa "oração da fé" que tem o

poder para curar. O poder de uma oração confiante e fiel está em destaque aqui; a comunidade cristã deve ocupar-se piedosamente na oração intercessória em favor dos enfermos. Este versículo é o texto de prova usado para justificar a instituição do sacramento da extrema-unção usada pela Igreja Católica Romana. A extrema-unção era um ritual de cura; porém, atualmente é vista como o "último sacramento" em preparação para a morte.

cometido pecados. O pecado e a doença têm afinidade. O perdão é terapêutico, tanto para o corpo como também para a alma.

* **5.16 Confessai... pecados.** Embora a confissão do pecado para um

sacerdote não seja biblicamente necessária, a confissão a Deus e às pessoas por nós lesadas é obrigatória. Uma reação exagerada contra o sacramento Católico Romano da penitência pode resultar na negligência de uma autêntica e piedosa confissão.

do justo. Uma pessoa piedosa que ora pela fé, é uma pessoa justa e reta.

* **5.17 Elias.** Embora Elias tivesse um ministério especial no Antigo

Testamento, ele participou da humanidade em comum com todos os crentes. A sua vida de oração eficaz é um modelo para todos os santos.

* **5.19 se desviar da verdade.** Para perder-se em costumes

pecaminosos.

* **5.20 alguém o converter.** O cuidado das almas na comunidade é a

responsabilidade de todos os membros, e não apenas dos oficiais e pastores da Igreja. Auxílio e encorajamento mútuos são necessários.

cobrirá. Refere-se ao ato de Deus quando ele cobre o pecado com o perdão. (Sl 32.1; 85.2).

1 Pedro

* **1.1 Pedro.** Esse nome, que significa "pedra", foi dado por Jesus (Mt

16.18; Jo 1.42), antecipando o papel do discípulo na igreja primitiva. O nome hebraico que havia recebido provavelmente foi "Simeão" ou, no grego, "Simão". "Cefas" (Jo 1.42; 1Co 1.12) é a transliteração da palavra aramaica para "pedra".

apóstolo. Ver nota em 2Co 1.1.

forasteiros. Ver referência lateral. Essa palavra (ela reaparece em 2.11) enfatiza a natureza temporária da estada de um viajante num lugar. Na qualidade de forasteiros, os cristãos vivem no mundo, mas sua verdadeira pátria está no céu (Fp 3.20; Hb 11.13-16) e sua esperança está alicerçada lá.

da Dispersão. Essa palavra (grego *diáspora)* era um termo técnico entre judeus de fala grega aplicada a judeus que viviam fora da Palestina (Jo 7.35). Possivelmente ela é usada aqui figuradamente para descrever cristãos como povo que está longe de sua verdadeira terra natal.

Ponto. Embora 1 Pedro tenha o caráter duma carta geral (como Tiago, 2 Pedro, 1 João, Judas), ela difere das outras cartas gerais pois especifica as regiões onde os leitores viviam.

*** 1.2 eleitos.** Pedro lembra os leitores da sua posição privilegiada e

segura como alvos da escolha soberana, graciosa e eterna de Deus para serem o seu povo em e através de Jesus Cristo (2.9,10).

presciência. Inclui a escolha soberana, amorosa, eficaz de Deus bem como seu propósito (Rm 8.29, nota). O verbo correspondente ("conhecido... antes") é aplicado a Cristo no v. 20.

em santificação do Espírito. Observe a ligação íntima entre o amor eletivo do Pai e a obra do Espírito de aplicar a redenção aos eleitos (2Ts 2.13). Essa

"santificação" inclui todas as operações do Espírito de retirar pecadores do pecado (incluindo a regeneração e a fé) e purificá-los para o serviço de Deus (santificação no seu sentido progressivo).

obediência. O ato inicial de obediência é a fé em Cristo (Jo 6.28,29), e o elemento fundamental de toda obediência é a fé contínua. Sugerir que a eleição está na base da presciência de Deus (isto é, mera previsão) da fé, introduziria uma contradição neste versículo, pois a eleição é "para" a fé ou objetivando fé (obediência), e não por causa dela (Ef 1.3,4; 2Tm 1.9).

do sangue de Jesus Cristo. A aspersão de sangue fazia parte do culto ritual do Antigo Testamento. Em geral, o aparecimento de sangue anuncia a morte de uma vítima. O sangue de Abel clamou por vingança (Gn 4.10) e o sangue de Cristo clama por perdão (Lc 23.34; Hb 12.24). No culto do Antigo Testamento, a morte da vítima estabelece uma aliança, e a aspersão dá participação aos adoradores, tornando-os publicamente sujeitos aos benefícios e responsabilidades da aliança (Êx 24.8).

graça e paz. Essa saudação também é uma bênção e teria relevância especial para cristãos sofredores. Graça é o favor amoroso de Deus em Cristo aos pecadores enquanto que paz é a condição objetiva de estar bem com Deus através de Cristo (Rm 5.1,2), juntamente com tudo quanto provém desse relacionamento. Este versículo proclama as três pessoas do único Deus que abençoa. Ver "Um e Três: a Trindade" em Is 44.6.

* **1.3 segundo a sua muita misericórdia.** Isso enfatiza que a salvação

está inteiramente alicerçada sobre a iniciativa amorosa de Deus.

nos regenerou. Embora o verbo usado aqui e em 1.23 não ocorra em nenhuma outra parte do Novo Testamento, o pensamento é freqüentemente encontrado (Jo 1.12,13; 3.3-8; Tt 3.5; Tg 1.18).

viva esperança. Uma palavra chave nesta carta é "esperança" (1.13,21; 3.15). Na Bíblia, esperança não é incerteza ou expressão de desejo, mas uma

expectativa confiante de futura bênção, baseada em fatos e promessas. "Viva" indica o caráter imortal e permanente dessa esperança.

* **1.4 herança.** Como filhos de Deus através do novo nascimento,

cristãos são herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo (Rm 8.16,17). Sua herança é chamada "salvação" (v. 5; Hb 1.14).

* **1.5 que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé. Este**

versículo enfatiza tanto a prioridade da graça divina quanto a importância da ação humana que resulta da graça. Fé é dom de Deus, mas crentes são responsáveis pelo exercício dessa fé, ou firme confiança, na batalha espiritual (5.8,9; Ef 6.16; Fp 2.12,13). A força da

proteção de Deus é expressa através dum termo militar, aqui traduzido por "guardados", com o significado de defesa vigilante de uma fortaleza.

salvação. Aqui a palavra significa futura libertação completa e final do pecado, e pleno usufruto de glória eterna (v. 9; 4.13,14; 5.1,4).

no último tempo. O retorno de Cristo e a manifestação final de seu poder e glória.

*

1.6 se necessário. Embora Deus nunca tente ninguém

1.13), ele permite ou envia provações quando necessário e na correta medida para fortalecimento da fé (v. 7).

*

1.7 Isso explica porque é "necessáro" que venham pr

Rm 5.3,4; Tg 1.2-4).

apurado por fogo. Da maneira que os homens usam fogo para purificar metais preciosos, assim Deus usa provações para diferenciar fé genuína de profissão superficial e, ao mesmo tempo, fortalecer a fé (Jó 23.10).

redunde em louvor, glória e honra. O propósito final das provações é a recompensa da glorificação (5.1,4).

na revelação de Jesus Cristo. A segunda vinda de Cristo (v. 5; 4.13; 5,1; 1Co 4.3-5).

* **1.9 obtendo.** Os crentes já desfrutam de certos elementos essenciais

da salvação (p.ex., a paz e a comunhão com Deus), mas a plena posse espera o retorno de Cristo (v. 5).

alma. Aqui significa "a si mesmo" ou "pessoa"; compare o mesmo uso em 3.20.

*** 1.11 qual a ocasião.** Os profetas sabiam que o Messias viria (Is 7.14;

9.6; 11.1), mas não sabiam quando ou como (cf. Dn 12.6,9).

pelo Espírito de Cristo. Essa frase específica aparece somente aqui e em Rm 8.9 (cf. At 16.6,7; Gl 4.6; Fp 1.19). O Espírito Santo é chamado assim porque ele é enviado por Cristo (Jo 15.26) e porque, após a ressurreição, Cristo e o Espírito agem como um só, aplicando redenção ao crente. Ver notas em Rm 8.10; 1Co 15.45.

*** 1.12 A eles foi revelado.** Pedro não diz como ou quando os profetas

aprenderam que estariam, na verdade, servindo gerações futuras.

coisas... anunciadas. Os sofrimentos e as glórias de Cristo (v. 11) são o conteúdo do evangelho (Lc 24.25-27,45-47). Os eventos preditos pelos profetas são os que se cumpriram em Cristo e foram transmitidos à igreja pelos mensageiros do evangelho.

Espírito Santo enviado do céu. A origem da mensagem do evangelho é Deus. O mesmo Espírito que inspirou os profetas orientou os mensageiros do evangelho. O Antigo e o Novo Testamentos formam uma unidade centrada em Cristo e sua salvação.

anjos anelam perscrutar. Seres celestiais estão muitíssimo interessados na redenção, mas seus conhecimentos e suas experiências da mesma são limitados. O plano de Deus lhes é revelado através da Igreja (Ef 3.10).

*** 1.13 cingindo o vosso entendimento.** Como diríamos "aperte o cinto”

ou "arregasse suas mangas". Pedro pede que nos preparemos para um exercício espiritual vigoroso e firme.

* **1.15 aquele que vos chamou.** A graciosa iniciativa de Deus

efetivamente nos chama à nova vida em Cristo.

santos. Assim como Israel no Antigo Testamento foi separado por Deus dentre as nações vizinhas para ser santo, assim também a igreja deve ser separarada do pecado para servir a Deus (2.9; Lv 19.2). O modelo cristão e a motivação para santificação é a absoluta perfeição moral do próprio Deus (v. 16; Mt 5.48; Ef 5.1).

* **1.17 Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga. Embora os**

cristãos não serão condenados pelos seus pecados (2.24; Is 53.4,5), eles serão julgados como cristãos por suas ações e recompensados de acordo (Rm 14.10-12; 1Co 3.12-15). Porém, a recompensa prometida não está baseada exatamente sobre mérito; embora é concedida de acordo com as obras, ainda assim a recompensa é graciosa. Agostinho chamou isso de Deus coroando os seus próprios dons.

portai-vos. Ver referência lateral. A palavra grega sugere aqueles que vivem num lugar como estrangeiros não-naturalizados e enfatiza a peregrinação temporária do cristão no mundo.

com temor. Deus é tanto Pai como juiz, e os crentes devem aproximar-se dele com humilde reverência e respeito (Sl 34.11).

* **1.18 resgatados.** Libertos da escravidão do pecado mediante o pagamento de um preço (Rm 8.2; Gl 3.13; Ef 1.7). O preço da redenção é o sangue de Cristo (v. 19).

fútil procedimento que vossos pais vos legaram. O vazio e a futilidade do culto pagão é tema frequente nos escritores bíblicos (Jr

2.5; At 14.15). Embora o Novo Testamento condene certas tradições judaicas que faziam acréscimos às exigências da lei do Antigo Testamento (Mc 7.8-13), aqui Pedro parece ter em mente o paganismo gentílico (1.14; 4.3).

* **1.19 cordeiro.** O cordeiro é do sistema sacrificial do Antigo Testamento, especialmente a Páscoa (Êx 12.3; Is 53.7; Jo 1.29).

sem defeito e sem mácula. Para ser aceitável, um sacrifício tinha que ser isento de qualquer defeito (Lv 22.20-25). A vida santa de Cristo qualificou-o para morrer pelos pecados de outrem (Hb 4.15; 7.26,27).

* **1.20 conhecido... antes**. Lit., "pré-conhecido" (v.2 nota).

antes da fundação do mundo. Cristo foi escolhido como o Redentor dos eleitos na eternidade passada (Jo 17.24; Ef 1.4).

fim dos tempos. Inclui todo o período entre a primeira e a segunda vinda de Jesus (At 2.17; Hb 1.2).

* **1.21 por meio dele, tendes fé em Deus.** Na qualidade de mediador entre Deus e a humanidade, Cristo provê o único acesso a Deus (Jo 14.6). O Pai é revelado em Cristo (Jo 1.18), e a morte redentora de Cristo abriu o caminho que dá acesso a Deus (3.18).

* **1.23** Amor genuíno e perseverante por outros (v. 22) somente é possível por causa do amor que Deus nos mostrou primeiro ao efetuar em nós o novo nascimento em Cristo (Jo 13.35; 1Jo 4.7-11).

regenerados. Ver nota em 1.3; "Regeneração: O Novo Nascimento" em Jo 3.3.

corruptível... incorruptível. Pedro compara e contrasta a procriação humana com o poder vivificante da palavra de Deus (Lc 8.11).

mediante a palavra de Deus. A palavra de Deus é usada pelo Espírito Santo como um instrumento que leva pecadores ao conhecimento da graça de Deus em Jesus Cristo (Hb 4.12; Tg 1.18).

* **2.2 crianças recém-nascidas.** Pedro prossegue com a figura do novo

nascimento (1.23). Os crentes deviam ter o mesmo desejo ardente por alimento espiritual que um bebê saudável tem pelo leite de sua mãe.

genuíno leite. Embora as igrejas às quais Pedro escreve indubitavelmente contavam com muitos recém convertidos, a ênfase aqui não é que o ensino devesse ser elementar, como o "leite" de 1Co 3.1-3, mas que deveria ser puro. Se o ensino está fundamentado sobre a palavra de Deus, ele será puro e nutritivo (1.22-25).

* **2.4 Chegando-vos para ele.** "Chegar-se" a Cristo inclui primeiramente

arrependimento e fé, mas o tempo verbal no grego inclui igualmente um achegar-se contínuo.

pedra que vive. Cristo é esse pedra (1Co 10.4). A imagem da "rocha" e da "pedra" é comum no Antigo Testamento (Sl 118.22; Is 8.14; 28.16) e é aplicada por Jesus a si mesmo (Mt 21.42). "Que vive" indica que Cristo é a fonte e o doador da vida (Jo 1.4; 1Co 15.45). Jesus muitas vezes usa figuras extraídas da profissão de pedreiro, um negócio com o qual ele estava intimamente familiarizado. Na antiguidade, carpinteiros trabalhavam tanto com pedras como com madeira.

* **2.5 pedras que vivem.** Uma frase que enfatiza tanto a união dos

cristãos com Cristo como a semelhança a ele, a "pedra que vive" (v. 4).

casa espiritual. O pano de fundo do simbolismo é o templo do Antigo Testamento como casa ou residência de Deus. A Igreja, habitada pelo Santo Espírito, é o verdadeiro templo de Deus (2Co 6.16; Ef 2.19-22; Hb 3.6).

sacerdócio santo. Todo crente verdadeiro é um sacerdote (v. 9) no sentido de ter acesso igual e imediato a Deus e de servi-lo pessoalmente.

sacrifícios espirituais. Enquanto que o sacrifício propiciatório de Cristo oferecido na cruz uma vez por todas cumpriu o sistema sacrificial do Antigo Testamento e o tornou obsoleto (Hb 8.13; 10.9,10,18), a conveniência do "sacrifício" (entendido como resposta de gratidão de um povo remido) permanece. Esses sacrifícios são "espirituais" em contraste com todos os sacrifícios materiais prescritos no sistema sacrificial do Antigo Testamento. Tal sacrifício está presente tanto no culto do cristão quanto no padrão de vida (Rm 12.1; Fp 4.18; Hb 13.5; Ap 8.3,4; cf. Sl 51.16,17).

agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. O sacerdócio de todos os crentes depende do eterno sumo-sacerdócio de Cristo. Por meio de seu sacrifício oferecido uma vez por todas e de sua intercessão contínua, cristãos são pessoalmente aceitáveis a Deus bem como seus sacrifícios (Hb 13.15,16).

*** 2.6 pedra angular.** A grande pedra colocada por alicerce no lugar onde

duas paredes se juntam. Ela desempenha especial importância na estabilidade de todo o edifício. A Igreja está construída sobre os profetas e apóstolos, os quais são coservados unidos pela principal pedra angular — Cristo (Ef 2.20).

*** 2.7 principal pedra, angular.** Lit., "a cabeça do canto".

*** 2.8 também foram postos.** Este versículo ensina tanto a soberania

divina quanto a responsabilidade humana. Pessoas são condenadas ("tropeçam") porque são "desobedientes". Mas essa desobediência não ocorre à parte da vontade soberana de Deus (Rm 9.14-24).

* **2.9,10** A linguagem de Pedro nestes versículos, aplicando à Igreja os termos do Antigo Testamento referentes a Israel, afirma a continuidade entre o Israel do Antigo Testamento e a Igreja do Novo Testamento. Israel e a Igreja são representados como o único povo de Deus.

* **2.9 Vós, porém.** Isso assinala um nítido contraste entre o destino dos incrédulos (v. 8) e a posição dos eleitos. O tema da escolha soberana de Deus tanto de Cristo como da Igreja aparece claramente nesta passagem (vs. 6 e 9).

a fim de proclamardes. A eleição e o chamado do povo de Deus não é somente para a salvação mas também para o serviço. Todos os crentes são chamados a dar alegre testemunho dos atos salvíficos de Deus.

* **2.10 antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus. A**

palavra grega traduzida por "povo" *(laos)* é usada na Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento, primariamente a Israel. Continuando a aplicar à Igreja textos do Antigo Testamento referentes a Israel, Pedro recorre à Septuaginta em Os 1.6,9,10; e 2.23. No seu contexto original, essa é uma profecia sobre Deus aceitando Israel depois de havê-lo rejeitado. Semelhante a Paulo (Rm 9.25,26), Pedro interpreta as passagens de Oséias para incluir os gentios no povo de Deus. A misericórdia de Deus estende-se indistintamente, e de uma forma não meritória, a judeus e gentios. Há, portanto, continuidade essencial entre o Israel do Antigo Testamento e a Igreja do Novo Testamento.

* **2.11 paixões carnais.** Desejos físicos não são errados em si mesmos, mas são pervertidos pela natureza humana pecaminosa. A

expressão inclui não apenas pecados do corpo mas outros desejos de nossa natureza caída (Gl 5.19-21).

* **2.12 falam contra vós outros como de malfeitores.** Entre as acusações feitas contra os cristãos na época de Pedro, estavam a deslealdade ao imperador (Jo 19.12), propagação de costumes ilegais (At 16.20,21), difamação dos deuses (At 19.23-27) e transtornos em geral (At 17.6,7).

glorifiquem a Deus no dia da visitação. A "visitação" de Deus é a sua aproximação para julgar ou para dar misericórdia.

* **2.13 Sujeitai-vos a toda instituição.** Isso introduz o tema da

submissão e obediência voluntária aos que detêm a autoridade, desenvolvido em 2.13 - 3.6.

por causa do Senhor. A pessoa deve submeter-se a ordens porque isso recomendará Cristo a outros e evitará censura ao seu nome. A submissão a outras pessoas é em si mesma um serviço a Cristo (Cl 3.23,24).

ao rei, como soberano. Principalmente ao imperador romano, naquela época Nero (54 - 68 d.C.). O rei é supremo em relação a governadores e outras autoridades. Embora Pedro não discuta a origem da autoridade real (cf. Rm 13.1-7), a Escritura ensina em outros lugares que submissão é requerida enquanto não envolve transgressão da lei de Deus (Mt 22.21; At 4.19 e 5.29).

* **2.16 como livres.** Submissão não significa negar a liberdade cristã,

mas é o ato do povo de Deus verdadeiramente livre.

não... por pretexto da malícia. A liberdade cristã não deve ser usada como pretexto para rebelião (1Co 7.20-24) ou como permissão para pecar (Gl 5.13; 2Pe 2.19,20).

como servos de Deus. A liberdade cristã não se baseia sobre o escape do serviço mas sobre uma mudança de senhores (Rm 6.22).

* **2.17 Tratai todos com honra.** A exortação é ou para reconhecer o

valor de cada pessoa como portadora da imagem de Deus, ou o que é mais provável neste contexto, para respeitar todos aqueles em posição de autoridade.

temei a Deus. Ver nota em 1.17.

* **2.18 Servos.** A vasta maioria de tais servos eram escravos e foram tratados como propriedade. A economia do mundo antigo dependia da escravidão em larga escala. Tal como outros escritores do Novo Testamento, Pedro não condena a escravidão, e ordena aos escravos a obedecerem seus senhores. No entanto, o Novo Testamento requer que os escravos sejam tratados com respeito, e que os senhores não maltratem seus escravos (Ef 6.9; Cl 4.1). Além disso, é muito enfatizada na comunidade da igreja a igualdade espiritual de escravos e livres (Gl 3.28; cf. 1Co 12.13; Cl 3.11). Escravos são encorajados a buscar sua liberdade por meios legais (1Co 7.2124). No final do séc. XVIII, quando a escravidão foi atacada nos Estados Unidos, esses ensinos ajudaram a minar a instituição da escravatura.

* **2.21 para isto mesmos fostes chamados... deixando-vos exemplo.**

O sofrimento faz parte da vocação cristã (2Tm 3.12) porque fazia da vocação de Cristo, primeiramente (Jo 15.18-20). Cristãos estão unidos com Cristo nos seus sofrimentos bem como na sua ressurreição (2Co 1.5; 4.10; Fp 3.10,11). O exemplo de Cristo fornece o padrão pelo qual cristãos devem entender suas próprias vidas.

* **2.22** Ver "A Impecabilidade de Jesus" em Hb 4.15.

* **2.24 carregando... os nossos pecados.** Ver Is 53.12. Cristo é mais do que um exemplo. Ele é o portador de pecados. Na qualidade de sacrifício perfeito (1.19; 2.24), Cristo sofreu a maldição do pecado, aceitando a punição que os nossos pecados mereceram e provendo perdão e liberdade.

madeiro. A cruz (At 10.39). Essa expressão do Antigo Testamento enfatiza que Cristo morreu carregando uma maldição (Dt 21.22,23; Gl 3.13).

* **2.25 porém, vos convertestes.** Isso se refere à conversão inicial a Cristo dos leitores e sugere um redirecionamento da vida e uma nova vinculação pessoal.

Pastor. Figura familiar do Antigo Testamento para o cuidado de Deus pelo povo da sua aliança (Sl 23.1; Eze. 34; 37.24) aplicada a Cristo (5.4; Jo 10.11; Hb 13.20 e Ap 7.17).

* **3.1 Mulheres, sede vós, igualmente, submissas. A palavra**

"igualmente" refere-se, remetendo-nos de volta, ao princípio geral de submissão em 2.13, e não pretende equiparar a submissão da esposa ao marido com a submissão de um escravo a um senhor. A palavra "igualmente" reaparece no v. 7, estabelecendo que, assim como a esposa submete-se ao marido, assim também o marido deve compreensão e honra à sua esposa (cf. Ef 5.25). O relacionamento entre homens e mulheres envolve igualdade espiritual ("juntamente herdeiros", v. 7; cf. Gl 3.28) e algumas funções diferenciadas no lar e na igreja (Ef 5.22-33; 1Tm 2.8-15).

sem palavra alguma. Na antiga cultura romana, esperava-se que a esposa adotasse a religião do seu marido. Algumas das mulheres cristãs das igrejas da Ásia tinham maridos incrédulos. Pedro exorta essas esposas cristãs a não se apoiarem num argumento, que poderiam ser vistas como insubordinadas pelos já desconfiados maridos. Antes, a atitude gentil da esposa recomendará o evangelho

a seus maridos incrédulos. O paciente sofredor envolvido nessa afirmação não é o silêncio (v.15), mas sensibilidade para com as preocupações do marido incrédulo para que o evangelho esteja presente na sua forma mais clara.

* **3.3 cabelos... ouro... aparato.** Não uma proibição geral de um adorno

modesto, mas uma advertência contra a preocupação com aparências externas (1Tm 2.9,10). O excesso nesta área está bem exemplificado na literatura e arte pagãs do primeiro século. O princípio expresso é a modéstia.

* **3.6 chamando-lhe senhor.** Uma expressão comum do Oriente de

respeito e submissão (Gn 18.12).

filhas. Isto é, aquelas que se assemelham a Sara em sua atitude submissa.

o bem. Aqui é visada principalmente a submissão aos maridos (cf. 2.15), mas isso provavelmente também inclui a submissão contínuua a Cristo.

não temendo. Ao tratarem com maridos incrédulos (v. 1, nota), esposas

cristãs deviam preservar seu compromentimento a Cristo e, ao mesmo tempo, mostrando o devido acatamento a seus maridos. As dificuldades conseqüentes podiam levar o marido ao desagrado e à intimidação e a mulher à "perturbação".

* **3.7 parte mais frágil.** "Mais frágil" refere-se à força física, e não à habilidade moral, espiritual ou mental da esposa. A discrepância na força física é um motivo para especial consideração que o marido deve demonstrar à sua esposa.

juntamente, herdeiros da mesma graça de vida. Comunhão na fé acrescenta outro motivo para demonstração de respeito. Aqui nesta situação, Pedro admite que tanto marido como esposa estão na situação de cristãos (cf. v. 1). As mulheres desfrutam de plena igualdade espiritual com os homens (Gl 3.28).

não se interrompam as vossas orações. Afastamento de outras pessoas afeta muitas vezes nosso relacionamento com Deus (Mt 5.23,24). Especialmente a falha da observação da vontade de Deus referente ao relacionamento conjugal pode interromper nosso relacionamento espiritual com Deus. A importância de relações familiares saudáveis é evidente a partir da comparação tipológica de Cristo e sua Igreja com marido e esposa (Ef 5.23,24) e pela insistente caracterização da Igreja no Novo Testamento como a família de Deus (1.14-17; Rm 8.14-17; 1Tm 3.14,15; 5.1,2).

* **3.8,9** Observe o ensino paralelo em Rm 12.9-21.

* **3.9 não pagando... bendizendo.** Cristãos não devem retaliar em resposta à perseguição; em vez disso, devem "bendizer" seus inimigos (1Co 4.12; cf. 1Ts 5.15). Esse bendizer pode assumir a forma de oração (Mt 5.44).

* **3.13 quem é que vos há de maltratar.** Pedro não está negando que os

cristãos da Ásia (Introdução: Data e Ocasião) possam sofrer por causa da fé que abraçaram (4.12). Essa afirmação pode ser interpretada ou como um ensino óbvio que mau trato é menos provável se o comportamento de alguém é exemplar; ou, mais provavelmente, como uma afirmação que, seja o que quer que aconteça ao cristão, nenhuma força externa pode causar dano espiritual (Sl 56.4; Lc 12.4,5).

* **3.14 bem-aventurados.** Lembra Mt 5.10-12. Cristãos que sofrem por

causa da verdade são abençoados por Deus, mesmo que sua recompensa demore.

* **3.15 sempre preparados.** Prontidão para confessar Cristo é um

importante aspecto em colocar Cristo como Senhor.

responder. Essa palavra pode sugerir resposta a questionamentos abusivos ou zombeteiros de pessoas hostis. Tal resposta inclui uma explanação dos pontos principais do cristianismo.

* **3.16 difamam o vosso bom procedimento.** Por sua conduta, cristãos

mostram que acusações contra eles são infundadas (2.12,15).

* **3.17 se for da vontade de Deus.** Sofrimento injusto está incluso na

providência de Deus e visa o bem de seus filhos e a própria glória de Deus (1.6,7; 4.19).

* **3.18 uma única vez.** A morte vicária (substitutiva) de Cristo é

suficiente. Sacrifícios adicionais não são necessários (Hb 9.12,26-28).

vivificado no espírito. Ver Rm 1.4; 8.11.

* **3.19 pregou aos espíritos em prisão.** Poderíamos mencionar quatro

interpretações principais dos vs. 19 e 20: (a) Cristo pré-encarnado e pregando

através de Noé (2Pe 2.5) a pessoas que viveram antes do dilúvio (Gn 6—8). Noé chamou-as ao arrependimento, mas elas desobedeceram e agora estão aprisionadas. O argumento de Pedro seria então que, assim como Deus vindicou Noé naquela vez, assim ele vindica os

cristãos hoje. (b) A pregação de Cristo no breve espaço de tempo entre sua morte e ressurreição, durante a "descida ao inferno". Diz-se que Cristo anunciou sua vitória aos espíritos dos perversos contemporâneos de Noé confinados no reino dos mortos. (c) Uma idéia semelhante é que Cristo proclamou sua vitória aos anjos caídos, muitas vezes identificados com os "filhos de Deus" de Gn 6.2,4 (cf. Jó 1.6; 2.1), no seu lugar de confinamento. (d) Cristo proclamando sua vitória a anjos caídos após a ressurreição, no tempo de sua ascensão ao céu. O ponto das três últimas interpretações é: precisamente como Jesus foi vindicado, assim também cristãos serão vindicados.

*** 3.21 figurando o batismo, agora também vos salva. O batismo é um**

sinal e selo da graça de Deus em Jesus Cristo. A surpreendente afirmação que o batismo "vos salva" mostra quão íntima é a relação entre o sinal e a realidade que ele significa. A salvação física de Noé através das águas do dilúvio prefigurou as águas do batismo e a salvação que elas significam. O batismo simboliza juízo sobre o pecado na morte de Cristo e também renovação de vida (Rm 6.4). As águas do dilúvio foram juízo para os ímpios e, ao mesmo tempo, salvação física para os justos: Noé e sua família.

não sendo a remoção da imundícia da carne. Para que seus leitores não atribuíssem, equivocadamente, algum poder mágico ou mecânico ao sacramento, Pedro afirma que o meio de salvação não é a realização do rito externo, mas o que ele simboliza: união com Cristo na sua morte e ressurreição.

*** 3.22 à destra de Deus.** O lugar de supremo privilégio e soberania no

universo (Ef 1.20-23; Hb 1.3).

*** 4.1 deixou o pecado.** Alguns interpretam isso como

referente aos

efeitos da formação do caráter pelo sofrimento. Mas a referência anterior ao

batismo (3.21; cf. Rm 6.1-10) indica que Pedro está pensando na união dos crentes com Cristo no seu sofrimento e morte, uma união especialmente simbolizada pelo batismo (Rm 6.4). Embora Cristo sempre foi sem pecado (2.22; 2Co 5.21; Hb 4.15), ele, porém, se identificou plenamente com a humanidade pecadora pela vinda "em semelhança de carne pecaminosa" (Rm 8.3) e sujeitando-se à tentação, ao sofrimento e à morte (Mc 1.12,13; Hb 2.10; 4.15). Cristo "morreu para o pecado" (Rm 6.10) no sentido que, após sua morte e ressurreição, não estava mais sujeito ao poder do pecado e da morte.

* **4.3** Este catálogo de pecados assemelha-se bastante a Rm 13.13 e Gl 5.19-21). Há forte evidência do pano-de-fundo pagão da maior parte da audiência de Pedro (1.14,18; Introdução: Data e Ocasião).

dissoluções. Irrestrista tolerância dos próprios desejos, especialmente de prazer sensual (Rm 13.13; 2Co 12.21 e Ef 4.19).

concupiscências. Palavra comum para desejo maligno, muitas vezes relacionado à imoralidade sexual.

orgias. Festejos excessivos, freqüentemente em honra de um deus pagão.

bebedices. O uso excessivo do álcool é com frequência condenado na Escritura (ver Rm 13.13; Gl 5.21).

* **4.6 para este fim.** Este versículo segue a afirmação da idéia de um juízo universal divino. Mas a razão ou propósito da pregação não é dado senão no fim do versículo.

foi o evangelho pregado também a mortos. Embora alguns associem essa pregação com 3.19,20, essa associação é pouco

provável. Essas pessoas que ouviram Pedro pregar podem ter sido cristãos, mas que já haviam morrido no tempo em que a carta foi escrita.

julgados na carne. Provavelmente uma referência à morte física dos ouvintes. Embora Cristo tenha triunfado sobre a morte física na sua morte e ressurreição (Rm 6.9), a plena extensão dessa vitória ainda não se tem manifestado nas vidas do povo de Deus, e a morte física é uma realidade que o cristão ainda enfrenta. No entanto, desfrutamos agora da ressurreição espiritual através da união com Cristo, e temos plena certeza que a vitória de Cristo será estendida aos nossos corpos físicos (1Co 15.25,26; cf. Rm 8.11).

* **4.7 está próximo.** O "fim de todas as coisas" pode referir-se à

destruição de Jerusalém em 70 d.C. ou, de forma mais abrangente, à consumação final do reino de Cristo, por ocasião de sua volta. O chamado à vigilância é frequente no Novo Testamento. Todo o período entre a ressurreição de Cristo e sua segunda vinda é entendido como os "últimos dias" (1.20, nota: At 2.17 e 1Tm 4.1, nota).

* **4.8 o amor cobre... pecados.** O amor não guarda registro de erros,

mas perdoa em resposta ao perdão de Deus (Pv 10.12; Mt 18.21,22; 1Co 13.4-7; Tg 5.20). Ver "Amor" em 1Co 13.13.

* **4.9 hospitaleiros.** Um dos frutos do amor (v. 8). Situações que

requerem hospitalidade podiam incluir a falta de onde morar por causa de perseguição, a viagem de negócios de um cristão e os missionários itinerantes (Rm 12.13; 3Jo 5-8).

* **4.10 Servi uns aos outros.** Ver Rm 12.3-8.

* **4.13 alegrai-vos.** O mesmo paradoxo de exultação nos

sofrimentos é

encontrado em 1.6,7.

co-participantes dos sofrimentos de Cristo. Cristãos compartilham dos sofrimentos de Cristo, não pela contribuição para a obra expiatória de Cristo pelo pecado que foi concluida, mas experimentando maus tratos semelhantes porque eles estão identificados e unidos com Cristo (vs. 14,16; Rm 8.17; 2Co 1.5, nota; Fp 1.29; Cl 1.24, nota).

* **4.17 juízo pela casa de Deus.** Pedro retorna ao tema da soberania divina sobre o sofrimento do povo de Deus. Esse juízo pode ter o propósito de purificação (Ml 3.2-4; Hb 12.9-11) ou de fortalecimento da fé (1.6,7).

* **4.18 é com dificuldade que o justo é salvo.** Não que a salvação final seja incerta, mas que o caminho para a mesma é através da disciplina rigorosa (Mt 7.14; At 14.22).

* **5.1 presbítero como eles.** Embora Pedro já tenha mencionado seu ofício como um apóstolo (1.1), aqui ele enfatiza sua solidariedade e presbiterato compartilhado com os líderes das igrejas da Ásia a fim de encorajá-los.

* **5.2 pastoreai o rebanho de Deus.** Essa frase descreve amplamente as funções dos presbíteros. A figura do pastor sugere cuidado, proteção, disciplina e orientação (2.25, nota). Jesus retratou seu próprio cuidado pela Igreja (Jo 10.1-18) e o gracioso interesse de Deus pelos pecadores (Lc 15.3-7) como ações de pastoreio. O uso que Pedro faz da palavra relembra seu próprio recomissionamento (Jo 21.15-17). Ver nota teológica "Pastores e Cuidado Pastoral", índice.

nem por sórdida ganância. Pedro não condena a compensação justa, mas o amor ao lucro e o abuso de confiança (1Co 9.14; 1Tm 5.17,18).

* **5.3 nem como dominadores... tornando-vos modelos.** Pedro adverte contra o abuso altivo de poder e exorta seus ouvintes a serem como Jesus (Mc 10.42-45; Jo 13.1 -17; Fp 2.5-11).

* **5.4 Supremo Pastor.** Cristo (2.25). O título expressa o relacionamento da obra e do cuidado pastoral de Cristo com os líderes da igreja, que servem como subpastores que devem responsabilidade ao Supremo Pastor.

* **5.5 mais velhos.** No versículo 1, a palavra grega é usada no sentido

técnico de uma pessoa que detém um ofício eclesiástico. Mas aqui provavelmente há uma referência mais geral a pessoas idosas (cf. 1Tm 5.1).

* **5.8 O diabo, vosso adversário.** O termo grego traduzido por

"adversário" era comumente aplicado a um oponente numa ação judicial, e "diabo" (grego *diábolos)* é a tradução comum do hebraico *Satan,* que significa "caluniador" ou "acusador" e serve também como nome próprio para o diabo (Jó 1.6; Zc 3.1,2; cf. Ap 12.9,10). A frase revela a fonte última por detrás de toda perseguição.

leão. A figura talvez é emprestada do livro de Salmos onde os inimigos do salmista e os ímpios são comparados a leões (Sl 7.2; 10.9,10). A metáfora expressa a força e o caráter destrutivo do diabo e acentua a necessidade de vigilância por parte dos crentes.

* **5.10 Deus de toda a graça.** Deus concede ajuda e força suficiente para

toda ocasião e necessidade.

vos chamou à sua eterna glória. O eterno plano de Deus para os crentes irá trazê-los à glória (Jo 17.22-24; Rm 8.28-30; 2Co 4.17; 2Tm 2.10).

em Cristo. Todas as bênçãos da graça de Deus nesta vida e na vindoura vêm através da união do crente com Cristo. Ver nota em 2Co 5.17.

*** 5.12 Por meio de Silvano.** Provavelmente esse é Silas, companheiro

de Paulo na segunda viagem missionária (At 15.40). Silvano pode simplesmente ter levado a carta ou pode ter atuado como um secretário, talvez até tenha ajudado Pedro no esboço da carta.

*** 5.13 Aquela... em Babilônia.** Provavelmente uma referência à igreja

em Roma (Introdução: Data e Ocasião).

meu filho Marcos. João Marcos (At 12.12,25; 13.5,13; 15.37-39). De acordo com Papias (c. 60-130 d.C.), Marcos trabalhou intimamente com Pedro e obteve do apóstolo grande parte das informações do evangelho de Marcos.

*** 5.14 ósculo de amor.** O beijo era e é uma forma comum de saudação

no Oriente Próximo (ver Mt 26.48,49; Lc 15.20), correspondendo ao aperto de mão atual. A forma cultural tornou-se para os cristãos um sinal externo do seu amor e unidade (um "ósculo santo", Rm 16.16 e 1Ts 5.26).

2 Pedro

*** 1.1 Simão Pedro.** Grego *Symeon,* que está mais próximo da forma hebraica do nome. Ver nota em 1Pe 1.1.

apóstolo. Ver nota em 2Co 1.1.

fé igualmente preciosa. Embora alguns interpretam isso para referir-

se "a fé" como um corpo de crenças (Jd 3), refere-se mais provavelmente à experiência subjetiva do crente. Como um apóstolo escrevendo àqueles que viverão posteriormente à sua morte (vs. 13-15), Pedro garante a seus leitores que eles não têm um cristianimso de segunda categoria, inferior ao de Pedro e dos outros apóstolos (cf. Jo 20.29).

na justiça. Provavelmente isso refere-se à retidão e imparcialidade de Deus em conceder o dom da fé a todos os tipos de pessoas, e não à justiça vicária de Cristo pela qual cristãos são justificados (Rm 3.22; 4.6). A palavra "justiça" geralmente é usada num sentido ético nas cartas de Pedro (2.5,21; 3.13; 1Pe 2.24 e 4.18).

nosso Deus e Salvador Jesus Cristo. Visto que um artigo definido lidera ambos substantivos no grego (lit. "o Deus de nós e Salvador"), esta frase atribui divindade a Jesus.

* **1.2 conhecimento de Deus e de Jesus.** "Conhecimento" é um tema importante em 2 Pedro (palavras relacionadas ocorrem onze vezes); aqui provavelmente se trata dum ataque sutil a falsos mestres e sua preocupação com conhecimento esotérico. Pedro parece reservar o vocábulo grego particular usado aqui *(epignosis)* para o fundamental conhecimento salvífico de Deus, obtido na conversão (1.2,3,8; 2.20). O conhecimento de Deus e de Jesus estão vinculados porque Deus é conhecido salvificamente somente em e através de Jesus Cristo (Mt 11.27).

* **1.4 co-participantes da natureza divina.** Crentes não são absorvidos

na divindade, nem se tornam divinos. Antes, eles receberam o Espírito Santo e são filhos de Deus (Jo 1.12; Rm 8.9-21). Como tais, eles são moldados à semelhança de Cristo (Rm 8.29), e a imagem de Deus neles é renovada em verdadeira justiça.

* **1.5-7** Aqui a ordem das virtudes ("fé... amor") não está em seqüência de

tempo, como se fossem descritos estágios da vida cristã (vs. 8 e 9). Pedro está usando uma figura retórica que constrói uma série de elementos, objetivando um clímax. Porém, o começo e a conclusão da série são significativos. Listas de virtudes cristãs primitivas muitas vezes começam com "fé", o ponto inicial da vida cristã, e terminam com "amor" (Rm 5.1-5; 1Co 13), o fruto proeminente da vida cristã.

* **1.7 fraternidade.** Grego *Philadelphia,* o afeto familiar entre os crentes

como irmãos e irmãs na família de Deus (Rm 12.10; Hb 13.1; 1Pe 1.22).

* **1.9 cego, vendo só o que está perto.** Lit. "cego, sendo míope". A

combinação dos termos aqui é estranha, visto que as duas condições físicas se excluem mutuamente. Alguns sugerem à base da etimologia do termo grego para "miopia" que Pedro está aludindo ao estrabismo ou ao fechar levemente dos olhos, e que está em jogo uma deliberada rejeição da verdade. Entretanto, já que a pessoa míope envieza os ollhos para enxergar melhor, é possível que Pedro simplesmente está multiplicando termos relacionados para fins de efeito.

* **1.10 confirmar a vossa vocação e eleição.** Enquanto a escolha dos eleitos é firme e certa em Deus (2Tm 2.19), ela nem sempre é tão óbvia para o cristão individual. A certeza do chamado de Deus vem através da evidência da obra do Espírito Santo em nossa vida (1Jo 3.10,14) bem como através do testemunho interno do Espírito em nossos corações (Gl 4.6).

procedendo assim. A promessa da salvação de Deus é para aqueles que têm fé genuína e perseverante (Mt 10.22; 24.12,13; Hb 3.6). A verdadeira fé persevera até o fim e inevitavelmente produzirá fruto (Gl 5.6,22,23).

* **1.13 neste tabernáculo.** Esta frase enfatiza a natureza transitória da

vida humana neste mundo antes da volta de Cristo (2Co 5.1,4).

* **1.15 diligentemente.** Novamente, o propósito de Pedro ao escrever

esta carta é estabelecer firmemente seus leitores na verdade do evangelho (v. 12).

partida. Lit. "êxodo". A morte é um “sair” ou "partir" desta vida (Lc 9.31, nota).

* **1.16 demos.** Pedro vincula sua mensagem com a dos outros

apóstolos para afirmar que todos eles pregam a mesma mensagem.

fábulas. Essa palavra sempre é usada no Novo Testamento num sentido negativo e em contraste com a verdade do evangelho (1Tm 1.4; 2Tm 4.4).

o poder e a vinda de... Cristo. A palavra grega traduzida por "vinda" é *parousia,* termo comum no Novo Testamento para a segunda vinda de Cristo em glória (3.4,12; Mt 24.27; 1Ts 3.13). "Poder" é associado em outros lugares com a vinda de Cristo (Mt 24.30).

testemunhas oculares da sua majestade. Pedro estava presente na transfiguração de Cristo (Mt 17.1-8 e paralelos). O testemunho ocular da transfiguração por parte dos apóstolos estabelece a verdade da mensagem de Pedro em geral e fornece especificamente a base histórica da expectativa apostólica pela segunda vinda. Os apóstolos entenderam que a transfiguração tinha sido uma breve antecipação da glória divina com a qual Cristo retornará à terra (Mt 16.27— 17.8).

* **1.17 Glória Excelsa.** Uma maneira indireta, típica da linguagem

judaica, de referir-se ao próprio Deus. A razão de se falar indiretamente servia para evitar qualquer possível uso errado do nome sagrado de Deus.

*** 1.19 Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética.**

Conforme traduzido, significa que a transfiguração confirma a verdade da profecia, dando certeza que a futura segunda vinda acontecerá. Outra interpretação mais natural do grego é que a palavra profética da Escritura é uma prova mais sólida do que a própria experiência espetacular de testemunhar a transfiguração (ver referência lateral).

a estrela da alva. Provavelmente isso refere-se a Nm 24.17, uma passagem que é interpretada messianicamente (Ap 2.28; 22.16). Nesse caso, o símbolo refere-se a Cristo na sua segunda vinda.

nasça em vosso coração. Uma frase difícil, visto que "o dia clareie" e "a estrela da alva" aparentemente referem-se à segunda vinda de Cristo, um evento externo. Provavelmente Pedro refere-se ao efeito sobre os crentes da plena revelação que acompanhará o retorno de Cristo. Seus leitores precisavam dar atenção à firme "palavra profética" até o dia quando aquela palavra será sucedida pela revelação plena porvir.

*** 1.20 de particular elucidação.** Alguns tomam este versículo como

referindo-se à interpretação de profecia, ao ponto que a ninguém é permitido interpretar a Escritura por si mesmo, particularmente. Mas a preocupação de Pedro aqui é a confiabilidade da própria Escritura, e não a autoridade daqueles que a interpretam. Esse ponto aparece mais adiante (3.16). No presente contexto, Pedro está argumentando que o testemunho profético da Escritura provém inteiramente de Deus, incluindo não somente visões mas também palavras usadas para descreve-las e interpretá-las (Dn 8.15-19; Zc 1.9).

* **1.21 movidos pelo Espírito Santo.** O Espírito Santo é a fonte da

profecia, capacitando os profetas a falar e escrever como representantes de Deus (2Tm 3.16; 1Pe 1.10-12).

* **2.1 heresias.** O termo grego referia-se, em certa época, a grupos ou

seitas num sentido neutro (cf. "seita", At 24.5). Foi usado por Paulo para referir-se a grupos que provocam divisões (1Co 11.19; Gl 5.20), e veio a

denotar ensinos específicos de tais grupos. Aqui provavelmente se tem em mente ensinos acerca da conduta cristã — conduta que colocava os mestres sob julgamento (v. 3; 3.7).

renegarem o Soberano Senhor que os resgatou. Pedro não está dizendo que cristãos podem perder a salvação (Jo 10.28,29; Rm 8.28-30), mas está descrevendo os falsos mestres em termos da própria profissão de fé específica destes (vs. 20 e 21). Ao ensinarem e praticarem imoralidade, eles desprezam o senhorio de Cristo e provam que sua profissão de fé é falsa (1 Jo 2.3,4,19).

Embora a frase "o Soberano Senhor que os resgatou" é tomada por alguns no sentido que a morte vicária (substitutiva) de Cristo aplica-se a todos, e não somente aos eleitos (ver "Redenção Definida" em Jo 10.15), a preocupação de Pedro aqui é destacar a responsabilidade dos falsos mestres, e não desenvolver uma teoria da expiação. Com a sua argumentação de serem redimidos por Cristo, "suas práticas libertinas" (v. 2) provocam desonra especial a Cristo e seu sacrifício pelo pecado.

* **2.2 práticas libertinas.** Indulgência sensual incorrigível e afoita,

especialmente na imoralidade sexual ("dissoluções", 1Pe 4.3).

infamado. Comportamento imoral daqueles que dizem ser cristãos dá ao cristianismo má fama entre descrentes. Cristãos são muitas vezes exortados ao comportamento exemplar, a fim de que a causa do evangelho não seja prejudicada (1Tm 6.1; Tt 2.5,9,10).

* **2.3 por avareza.** Ver 2Co 9.14,15; 12.17,18; 1Tm 6.5; 1Pe 5.2 e nota.

* **2.4 anjos quando pecaram.** O significado dessa frase é discutido.

Muitos vêem aqui uma alusão ao pecado dos "filhos de Deus" de Gn 6.1-4 (cf. Jd 6). No texto em questão, Pedro pode estar se valendo, para fins ilustrativos, do texto da narrativa de Gn 6 no livro apócrifo de 1 Enoque (Jd 14, nota). Enquanto "filhos de Deus" pode referir-se a anjos (p.ex., Jó 1.6; 2.1), esta interpretação não está livre de dificuldades (Gn 6.2, nota). Outros especulam que "anjos quando pecaram" são os anjos malignos que pecaram antes da

queda da humanidade como está em Gn 3. Seja como for, o ponto é que se Deus julgou anjos malignos, então certamente também julgará pessoas ímpias.

precipitando-os no inferno. O verbo significa "lançar no Tártaro". Na mitologia grega, Tártaro era o lugar de punição dos espíritos de pessoas falecidas. Assim como Paulo pôde citar para seus propósitos particulares um versículo apropriado de um escritor pagão (cf. At 17.28; Tt 1.12), assim também Pedro usa aqui uma figura homérica para afirmar a idéia dum lugar especial de aprisionamento até o juízo final.

* **2.5 pregador da justiça.** Essa descrição de Noé é única na Escritura,

mas é bem conhecida na tradição judaica. Refere-se ou a exortações que não foram registradas no Antigo Testamento ou ao estilo de vida de Noé que condenava o pecado e recomendava vida justa aos seus

contemporâneos.

* **2.7 justo Ló.** Uma descrição surpreendente, considerando-se o retrato

de Ló em Gênesis (Gn 19). A justiça de Ló pode ter sido deduzida (por Pedro ou tradição extra-bíblica) da intercessão de Abraão pelos justos de Sodoma e a subseqüente libertação de Ló.

* **2.9 o Senhor.** A implicação dos três exemplos nos vs. 4-8 é clara: Deus

certamente julgará os maus e libertará os justos.

reservar, sob castigo. Alguns comentaristas e a maioria das traduções inglesas encontram aqui uma referência à punição preliminar que antecede ao juízo final. Esta é a leitura mais natural do grego, embora alguns comentaristas, inclusive Calvino, entendem que se trata duma referência à punição futura no dia do juízo ("reservar, sob castigo, os injustos para o dia de juízo"). Por causa da preocupação de Pedro nesta passagem de apontar para a certeza do juízo final, a última interpretação parece ser mais apropriada do que a primeira.

* **2.10 difamar autoridades superiores.** Lit. "blasfemando glórias",

provavelmente uma referência a anjos. A afirmação no v. 11 "ao passo que

anjos... não proferem contra elas juízo infamante" (cf. Jd 10,11), indica que se tem em mente anjos malignos. Quando advertidos do perigo de cair no poder de forças espirituais do mal (cf. 1Co 5.5; 1Tm 1.20), os falsos mestres aparentemente zombaram do poder do diabo e seus demônios. Inclusive hoje, uma atitude petulante em realção a satanás e seu poder pode representar perigo espiritual.

* **2.13 suas próprias mistificações, enquanto banqueteiam junto convosco.** Os falsos mestres não estavam promovendo amor nas suas festas (Jd 12), mas mentiras nocivas. Pedro usa a palavra grega para "decepções" que tem um som semelhante para "amor", no grego.

* **2.14 olhos cheios de adultério.** Lit. "olhos cheios duma mulher adúltera", um retrato vivo de sua sensualidade insaciável (v. 2, nota).

engodando almas inconstantes. O termo traduzido por "engodando" reaparece no v. 18 com a mesma tradução ("seduz" em Tg 1.14). Em contraste com os crentes "confirmados" de 1.12, falta aos "inconstantes" um firme fundamento na fé cristã. Portanto, são presa fácil para as seduções (engodo) dos falsos mestres.

exercitado na avareza. Uma metáfora atlética, lit. "tendo um coração exercitado (ou treinado) em avareza". Seu propósito, pelo menos em parte, de fazer discípulos era obter deles lucros financeiros (vs. 3,15).

* **2.15 caminho de Balaão.** A tradição exegética judaica tornou Balaão proverbial por causa de sua avareza. Por isso, os falsos mestres com seu desejo de lucro são comparados a ele (Jd 11). De acordo com Nm 31.16, Balaão também era culpado por levar outros a pecar.

* **2.16 mudo animal.** Pedro possivelmente pretende fazer um contraste

irônico com o v. 12. Enquanto os falsos mestres se assemelhavam a "brutos

irracionais" como escravos da avareza, seu protótipo Balaão foi repreendido por uma besta.

* **2.17 fonte sem água.** Assim como água sustenta vida física assim verdadeiro ensino espiritual nutre a vida espiritual (Pv 13.14; Jo

4.13-15) — uma imagem viva numa cultura onde água era um recurso muito valorizado. Semelhante à fonte seca que somente decepciona o sedento (Jr 14.3), os falsos mestres apenas enganam e desapontam.

névoas impelidas por temporal. Semelhante à nuvens de neblina que não trazem chuva refrescante (Jd 12), o falso ensino é incapaz de fornecer sustento espiritual.

* **2.18 engodam... aqueles que estavam prestes a fugir.** Recém convertidos ou pessoas que ainda não estão bem fundamentas na fé caem como presas dos falsos mestres (v. 14 e nota).

* **2.19 prometendo-lhes liberdade.** Os falsos mestres podem ter usado a declaração de Paulo, que o cristão não está debaixo da lei, como base de seu ensino errado que o cristão está livre da restrição da lei moral de Deus (cf. Rm 6.15; 1Co 9.21; Gl 5.18).

escravos da corrupção. Aqui fica evidente uma profunda ironia do pecado: a busca de liberdade de Deus conduz somente à escravidão do pecado e de si mesmo. Verdadeira liberdade do pecado envolve feliz "escravidão” a Deus (cf. Rm 6.18).

* **2.20-22** Provavelmente são visados os falsos mestres e não "aqueles que estavam prestes a fugir” (v. 18). Aparentemente estes falsos mestres confessavam ser cristãos, mas seu retorno à sua antiga maneira pecaminosa de viver mostrou que seu conhecimento de Cristo e seu caminho da justiça era apenas superficial (v. 1, nota).

* **2.21 melhor... nunca tivessem conhecido o caminho da justiça.**

Rejeição deliberada da verdade aumenta a responsabilidade da pessoa perante Deus (Lc 12.47,48). A frase "conhecido o caminho da justiça" refere-se a um conhecimento intelectual do ensino ético e modo de vida, característicos dos cristãos (note a frase "santo mandamento"). Sua conversão foi ilusória. Em outros lugares, a Escritura ensina que aqueles que de fato são regenerados perseverarão na fé (Jo 10.26-30; cf. 1Jo 2.19).

* **2.22 O cão... A porca.** Em contraste à visão moderna de cães como "os melhores amigos do homem", os antigos judeus os desprezavam (Êx 22.31; Pv 26.11; Ap 22.15). Evitavam-se porcos porque eram considerados impuros (Lv 11.7; Is 65.4). O argumento de Pedro consiste que a simples profissão religiosa ou mesmo a mudança externa não transforma o coração de uma pessoa. A apostasia dos falsos mestres revela sua verdadeira natureza.

* **3.1 segunda epístola.** A primeira carta pode muito bem ser 1 Pedro. Se isso é assim, então os destinatários de ambas as cartas são os mesmos.

despertar com lembranças. Se 1 Pedro está em foco, a lembrança provavelmente consiste na preocupação geral de Pedro — bastante evidente em ambas as cartas — que seus leitores deviam levar vida santa, digna do evangelho.

* **3.3 últimos dias.** Ver nota em 1 Pe 1.20.

* **3.4 a promessa da sua vinda.** Os falsos mestres concluiram erroneamente à base da demora da volta de Cristo que ele nunca retornaria para julgá-los. Pedro retrata a zombaria deles como evidência irônica que os últimos dias são de fato o presente.

desde que os pais dormiram. Talvez uma referência aos antepassados do Antigo Testamento (Jo 6.31; At 3.13), embora muitos interpretam isso como uma referência à pessoas falecidas pertencentes à primeira geração cristã, especialmente líderes cristãos tais como Estêvão (Hb 13.7).

*** 3.5,6.** Contra a negação dos falsos mestres que Deus iria intervir na

história, Pedro cita a criação e o dilúvio como primeiros exemplos do íntimo envolvimento e da intervenção de Deus no processo da história.

*** 3.5 da água e através da água.** Deus criou a terra pela separação e

ajuntamento das águas (Gn 1.2,6-10).

palavra de Deus. Sua ordem criadora (Gn 1.3-30; Sl 33.6; Hb 11.3). Deus precedeu a história. Céus e terra vieram à existência somente pela ordem de Deus. Ele criou todas as coisas do nada, pela palavra de Deus.

*** 3.6 perecer o mundo... afogado em água.** Deus também interveio em

juízo com o dilúvio (2.5; Gn 6-8).

*** 3.7 pela mesma palavra.** A mesma palavra que criou o mundo e trouxe

juízo no dilúvio. Manifestada pela água ou pelo fogo, a função da palavra todo-poderosa de Deus na criação, no dilúvio e no juízo final é enfatizada.

entesourados para fogo. Sodoma e Gomorra servem a Pedro como paradigma do juízo final de fogo (2.6). Embora este quadro de um

inferno universal no juízo final seja exclusivo de Pedro, a idéia de juizo divino por fogo é comum no Antigo Testamento (p.ex., Dt 32.22: Is 66.15,16; Ml 4.1) e se encontra também no Novo Testamento (p.ex., Mt 3.12; 1Co 3.13; 2Ts 1.7,8).

*** 3.8 um dia... mil anos.** Embora esta passagem — e Sl 90.4 sobre a

qual ela está baseada — é citada equivocadamente algumas vezes para sustentar a teoria que, quando um "dia" é mencionado na profecia bíblica significa literalmente mil anos, o argumento de Pedro afirma que Deus é soberano sobre o tempo e sua perspectiva de tempo difere radicalmente da nossa.

3.9 como alguns a julgam demorada. Ver v. 4.

longânimo... todos cheguem ao arrependimento. Os leitores cristãos de Pedro devem dar-se conta que a aparente demora do juízo divino é um sinal da paciência e misericórdia de Deus para com eles, especialmente para com os crentes do seu meio que foram confundidos e desviados pelos falsos mestres. Observe que o alcance de "todos" é qualificado pela palavra "convosco".
O arrependimento que está em vista, por causa do qual Deus adia o juízo, é do povo de Deus, e não do mundo todo. Deus deseja que nenhum dos seus eleitos pereça (Jo 6.39).

*** 3.10 como ladrão.** Jesus usou esta metáfora para indicar como será

inesperado o evento (Lc 12.39,40).

Dia do Senhor. O tempo de intervenção e juízo divinos (Is 13.9-13; Jl 1.15; 3.14; 1Ts 5.2), sinônimo da segunda vinda de Cristo (v. 12).

os céus... com estrepitoso estrondo. A linguagem provém do Antigo Testamento e do próprio Jesus (Is 34.4; 64.1-4; Mt 24.29-31).

elementos. Grego *stoicheia,* um termo usado para: (a) os elementos de que se constitui o mundo (de acordo com os filósofos, eram: terra, ar, fogo e água); (b) corpos celestes, tais como: o sol, a lua e as estrelas; (c) seres angelicais com poder sobre a natureza (Introdução a Colossenses: Dificuldades de

Intepretação). A maioria dos intérpretes prefere (b) ou uma combinação de (b) e (c).

se desfarão abrasados. O texto grego desta frase é discutido (referência lateral). Alguns manuscritos apresentam "serão achados" em vez de "serão queimados", significando possivelmente que a terra e a história humana serão "descobertas" ou "despidas" diante dos olhos do juízo de Deus.

*** 3.12 apressando a vinda.** Embora algumas vezes traduzido como

"esperando ansiosamente", a palavra grega geralmente significa "apressar". O tempo da vinda de Cristo é determinado pelo conselho soberano de Deus, mas ele não acontece sem referência a outros eventos (estes também são

ordenados por Deus). O fato da demora de Deus ser misericordiosa (v. 9 e nota), indica que a evangelização dos eleitos é um fator importante (Mc 13.10). Outros fatores incluem oração (Lc 11.2) e obediência (v. 11). Tal ensino deveria encorajar profundamente os cristãos. Nossas ações efetivamente contam.

Dia de Deus. Expressão incomum (Ap 16.14), equivalente a "Dia do Senhor" (v. 10). O uso das frases "Dia do Senhor" e "Dia de Deus" para a segunda vinda de Cristo indica a elevada cristologia de Pedro: aquele que virá não é outro senão o próprio Deus.

*** 3.13 novos céus e nova terra.** Ver "Céu" e nota em Ap 21.1.

*** 3.15 tende por salvação a longanimidade.** Ver notas nos vs. 9

e 12.

sabedoria que lhe foi dada. Equivalente a uma reivindicação de inspiração divina para as cartas de Paulo (v. 16, nota; cf. Ef 3.2-7).

*** 3.16 demais Escrituras.** Paulo considera as cartas de Paulo da

mesma categoria dos escritos inspirados e autoritativos do Antigo Testamento (v. 15; 1.20,21) e em harmonia com as próprias reivindicações de Paulo quanto à singular autoridade apostólica (Rm 1.1; 1Co 2.13; Gl 1.1).

*** 3.17 insubordinados.** Os falsos mestres, caracterizados como

pessoas que ignoram todas as restrições morais.

descaiais da vossa própria firmeza. Não que verdadeiros crentes possam perder sua salvação (2.21, nota), mas uma advertência a eles da sua própria fraqueza e dos perigos que os cercam, para motivá-los à vigilância e ao crescimento na vida piedosa.

*****
3.18 crescei... conhecimento. Esse conhecimento é a

sempre profunda com Cristo e a compreensão da sua verdade que deveria caracterizar todo o curso da vida do crente, em contrapartida ao conhecimento pretencioso e esotérico dos falsos mestres.

A ele seja a glória. Esta afirmação pressupõe a divindade de Cristo (v. 12; 1.1, notas). Ela atribui glória diretamente a ele (Ap 1.5,6).

dia eterno. Lit. "no dia da eternidade". A Cristo pertence a glória agora e no decurso do dia sem fim que começará quando ele voltar novamente (1.19; Is 60.19,20).

*** 1.1-4** O evento central da história é o aparecimento da vida eterna em

Jesus Cristo. João é uma das testemunhas escolhidas que viram, ouviram e tocaram naquele que existira deste o princípio — o Filho de Deus, cuja eterna comunhão com o Pai é estendida agora a outros. Tal estender acontece por meio da proclamação apostólica, na forma escrita de 1 João inclusive.

*** 1.1 O que era desde o princípio.** Esse versículo baseia-se em Jo 1.1,

que, por sua vez, baseia-se em Gn 1.1. Os dois versículos do Novo Testamento destacam a encarnação como um evento tão importante quanto a própria criação.

ouvido... visto... contemplamos... apalparam. Esses verbos impressivos defendem a realidade da natureza humana de Cristo contra a especulação docética, que é explicitamente rejeitada mais adiante (2.22; 4.2,3; Introdução: Data e Ocasião).

ao Verbo da vida. O tema da proclamação de João é Jesus, a palavra encarnada (Jo 1.1-14).

*** 1.5-10** Tal como o evangelho de João, 1 João começa com a

contraposição de luz e trevas. No evangelho, o Cristo encarnado é a luz que continua a brilhar nas trevas de um mundo que procura excluí-lo. Os crentes deparam-se com uma escolha: ou "andar na luz", vindo a ele e abrindo lhe seus corações em confissão de pecado ou "andar nas trevas", negando que são pecadores. A oposição entre luz e trevas está inseparavelmente ligada àquela entre os que "praticam a verdade" e concordam com Deus e os que fazem de Deus "um mentiroso". É uma verdade inegável que cristãos pecam; o remédio para o pecado — confissão de pecado e purificação pelo sangue de Jesus — é a dádiva permanente e irrevogável de Deus aos que crêem. Visto que a morte de Jesus pagou completamente a

punição pelo pecado e que Deus confirmou Jesus como seu verdadeiro Filho, ressuscitando-o dentre os

mortos, Deus concede perdão e purificação por uma questão de fidelidade e justiça. Ele não se recusará, nem mesmo pode recusar-se a fazê-lo.

* **1.5 Deus é luz.** Essa descrição de Deus enfatiza os seus atributos de

pureza moral e de onisciência, reforçando o enfoque de João quanto à necessidade que temos de confessar o pecado.

* **1.7 o sangue de Jesus.** Como Hb 9.22 afirma, "sem derramamento de

sangue não há remissão." O derramamento do sangue de Cristo foi um sacrifício vicário voluntário de valor infinito para os eleitos; pagou completamente a punição de Deus pelo pecado (Hb 9.27,28).

*
1.9 Se confessarmos os nossos pecados. O perdão

dado tão logo admitimos que temos necessidade do mesmo, não com base em quaisquer atos que tenhamos feito para alcançá-lo mas, exclusivamente, por causa de sua graça. O dom gratuito do perdão traz consigo a purificação de toda injustiça. Deus nos aceita como justos porque ele imputa-nos a justiça de Cristo. Em outras palavras, a própria justiça de Cristo, aquele que leva os pecados por nós, é creditada a nosso favor.

* **1.10 Se dissermos que não temos cometido pecado. Talvez o**

"pecado para morte" mencionado em 5.16 seja a recusa obstinada em aceitar o diagnóstico de Deus quanto à nossa necessidade bem como à sua oferta de perdão.

* **2.1-6** O perdão não remove a obrigação moral de se obedecer aos

mandamentos de Deus. Alguns leitores podem entender a promessa em 1.9 como uma licença para pecar, mas João deixa claro que isso seria um abuso e uma aplicação errônea da promessa (v. 1). "Jesus Cristo, o justo" é apresentado como sacrifício, advogado e exemplo. Sua expiação é eficaz em prol dos eleitos de Israel e do mundo inteiro.

Na Bíblia, "conhecer" a alguém envolve íntima comunhão e amor. Conhecer a Cristo significa "guardar seus mandamentos". Esse conhecimento de Cristo é chamado um "aperfeiçoado" amor de Deus (v. 5), não porque nos

torne pessoalmente sem pecado, mas porque é irrevogavelmente implantado naqueles que vivem em conformidade com ele. Qualquer um que presuma ter recebido perdão de Deus mas despreze o dom do amor obediente, considerando-o desnecessário, é um "mentiroso". Em vez de receber a "Jesus Cristo, o justo" como Salvador, tal pessoa fabrica um falso cristo, um salvador que se mostra indiferente para com a prática da justiça.

* **2.1 para que não pequeis.** João quer que seus leitores respondam à misericórdia de Deus com uma vida de obediência. Essa é uma atitude que demonstra preocupação com aqueles entre os quais havia servido (2Jo 4-6; 3Jo 3, 4). 1 João não traz detalhes sobre os pecados dos leitores ou os de seus oponentes heréticos (no que difere, por exemplo, de 1 Coríntios).

temos Advogado. A palavra grega é *parakletos,* "ajudador", tal como um advogado em questão judicial. No evangelho de João, essa palavra é usada para o Espírito Santo (Jo 14.16, 26; 15.26; 16.7). Não se encontra em qualquer outra parte do Novo Testamento, embora seja comum em outra literatura.

* **2.2 propiciação.** Propiciação é um sacrifício oferecido a Deus

com o propósito de remover a inimizade introduzida pelo pecado entre Deus e aquele que o adora. Somente Cristo pode ser uma propiciação eficaz.

pelos do mundo inteiro. O sacrifício de Cristo é suficiente não apenas para João e sua comunidade imediata, mas é válido em qualquer lugar no mundo. É um sacrifício que não precisa de qualquer adição ou suplemento.

* **2.6 andar assim como ele andou.** João pressupõe que seus leitores têm a forma de conhecimento acerca da vida e dos propósitos de Jesus que o evangelho (Jo) confere.

* **2.7-11** O mandamento de Deus em Cristo é, ao mesmo tempo, "antigo" e "novo". É antigo porquanto data do alvorecer da era cristã; os crentes contavam com esse mandamento "desde o começo", quando Jesus Cristo começou a ensinar. E é novo porque é continuamente reaplicado em novos

atos de amor, os quais têm em Cristo a sua fonte e "em vós", a sua exteriorização. O amor pertence ao reino da luz, em oposicão às trevas, onde o ódio ainda domina. João fala do amor pelos "irmãos", que Jesus deu como mandamento a seus discípulos pouco antes de sua morte. João traça nitidamente o contraste entre uma comunidade cristã governada pelo amor e o ódio que, fora, impera (Jo 15.18,19).

* **2.7 desde o princípio.** Embora João, algumas vezes, refira-se, com essa palavra, ao princípio de todas as coisas (vs.13,14; 1.1), ele refere-se aqui ao começo do movimento cristão com a vida e o ensino de Jesus (v. 24; 3.11). Conforme demonstra o versículo seguinte, a vinda de Jesus foi um ponto de reorientação decisivo para o surgimento de uma nova época, o raiar de um novo dia.

* **2.12-14** Os três grupos mencionados nestes versículos são, na realidade, o mesmo grupo, o dos destinatários da carta, caracterizados de diferentes maneiras. São "filhinhos" porque com o perdão de seus pecados foram acolhidos na família de Deus, seu Pai.

São "pais" porque o conhecimento de Deus que têm em Jesus Cristo os qualifica a transmitirem esse conhecimento às gerações futuras. São chamados de "jovens" porque sua rejeição decisiva do maligno é uma vitória semelhante à de Jesus, o qual lutou contra Satanás no deserto e foi vitorioso (Mt 4.1-11).

* **2.12 por causa do seu nome.** O poder do nome de Jesus está no centro da proclamação dos primeiros cristãos (ver At 2.38; 3.6; 4.12). Jo 17.11,12 indica que Deus deu seu próprio nome a Jesus para proteger os discípulos do Senhor e guardá-los em segurança. O nome de Deus cairia em opróbrio se seu perdão viesse a falhar.

* **2.13 porque tendes vencido o Maligno.** O tema da vitória é repetido novamente em 5.4,5; ali, a vitória é sobre "o mundo", que se opõe a Deus. A vitória que João descreve consiste em resistir à tentação e manter-se fiel à palavra de Deus. Ela contrasta com a derrota da raça humana por ocasião da

Queda (Gn 3). Para João, a vitória na luta contra a tentação já foi efetivamente obtida, visto que nossa união com Deus não pode ser desfeita (Jo 10.27-30).

* **2.15-17** A admoestação moral para não amar o mundo também é

orientação prática; pois já está claro que o mundo está passando (v. 17). Como no evangelho de João, "o mundo" é o sistema de rebelião e orgulho que busca destituir a Deus e seu governo. É esse sistema, não a ordem da criação como tal, que "não" é do Pai e que já foi marcada para o julgamento e a destruição (Jo 12.31). Aqueles que não pertencem ao mundo recebem a palavra do Pai da parte de Jesus (Jo 17.14) e, por sua resposta a ela, demonstram que foram escolhidos para a salvação e a vida eterna.

* **2.16 concupiscência... soberba.** Os que amam a esse mundo (v. 15) são míopes; buscam satisfação e honra agora (Lc 6.24-26). Em contraste, aqueles que amam o Pai têm uma perspectiva de longo

termo e aguardam a recompensa de Deus (Lc 6.20-23).

* **2.17 aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.** João não está ensinando que a nossa obediência merece a vida eterna. Somente a obediência de Jesus pôde satisfazer às exigências de Deus. Os crentes recebem a vida eterna como um dom (5.11) e o dom do amor transforma-os de tal modo que eles fazem a vontade de Deus com gratidão (3.16).

* **2.18-28** Desde o momento em que Jesus proferiu julgamento contra

esse mundo, permanece sobre o mesmo a "última hora", uma intensificação final da oposição a Deus que termina com o julgamento final. A predição sobre o "anticristo" não é do Antigo Testamento mas de Jesus (Mt 24.5,24). Essa predição começou a cumprir-se na era do Novo Testamento com aqueles que negavam o Pai e o Filho (v. 22) e deixaram a igreja a fim de propagarem seus falsos ensinamentos (v. 19). Sua negação do Filho foi uma rejeição do Pai, que o enviou (2.23; Jo 15.23). Em oposição aos anticristos, os crentes têm uma unção da parte do Espírito Santo (vs. 20, 27) que abre seus corações e suas mentes para que conheçam a verdade salvadora. O Espírito é nosso melhor mestre; ele permanecerá conosco para sempre e nos protegerá das mentiras que poderiam nos afastar de Cristo. O Espírito permanece onde quer que a mensagem do evangelho é recebida, e, ali onde o Espírito permanece, o Filho e o Pai também estão presentes (v. 24).

* **2.18 já é a última hora.** João não satisfará o desejo de se "conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade" (At 1.7); antes, ele define todo o tempo compreendido entre a primeira e a segunda vinda de Cristo como "a última hora" (cf. At 2.17; 1Co 10.11). Não importa a duração dessa "hora" em termos do tempo registrado em calendário. Permanecerá verdadeiro que "o tempo está próximo" (Ap 1.3; cf. Ap 1.1; 22.20) para o cumprimento de todas as promessas de Deus.

vem o anticristo... muitos anticristos têm surgido. Essa declaração é comumente compreendida como uma evidente predição de vários anticristos no decurso da história seguidos por um último anticristo no fim (2Ts 2.3-10; Ap 13.11-18). João, contudo, pode estar referindo-se somente a falsos mestres do tipo que já perturbam a igreja (v. 22; 4.3).

* **2.19 saíram de nosso meio.** Paulo também adverte quanto aos falsos mestres que hão de surgir dentre os crentes (At 20.29-31). Como no caso de Simão, o mago (At 8.9-24), filiação exterior à igreja não garante a salvação. Apatia interior ou hostilidade ao evangelho podem ser dissimuladas mediante conformidade exterior. Os falsos mestres revelavam sua hostilidade não somente abandonando a igreja, mas também pela maneira como a abandonavam. Visto que saíam para opor-se à palavra do evangelho, o afastamento deles representava uma renúncia à igreja e à sua mensagem como o foi o abandono de Judas da última Ceia (Jo 13.30).

* **2.20 unção que vem do Santo.** "Cristo" significa "Ungido", em referência ao ofício ímpar de Jesus como Salvador vindo de Deus. Deus ungiu a Jesus diretamente com o Espírito Santo para ser o perfeito Profeta, Sacerdote e Rei (At 10.38; Hb 1.1-9). Os crentes também têm

responsabilidades proféticas, sacerdotais e reais, sendo ungidos com o Espírito Santo (2Co 1.21,22) para esses deveres (1Co 12).

* **2.22 nega que Jesus é o Cristo?** Separar Cristo, o Salvador, do

homem Jesus era a marca distintiva do docetismo, a heresia segundo a qual Cristo só aparentava ser um ser humano (Introdução: Data e Ocasião).

* **2.25 vida eterna.** Esse é o dom supremo de Deus, mediado por Jesus

Cristo (Jo 5.24-27), e concedido gratuitamente aos remidos mediante a fé em Cristo (5.11,13; Jo 3.16).

*** 2.27 não tendes necessidade de que alguém vos ensine. Os crentes**

recebem de Deus uma iluminação através do ministério do Espírito Santo, o qual acompanha a palavra e guarda-nos na verdade do evangelho. Não há contradição alguma em ouvirmos receptivamente a outros crentes, especialmente quando eles estão nos admoestando e instruindo. Eles também possuem o Espírito, e a confusão gerada pelo falso ensino constitui-se em um perigo real (Mt 24.24).

*** 2.28 na sua vinda.** João refere-se ao retorno visível e final de Cristo no

fim da presente era. Então Cristo virá como Juiz; aqueles, porém, que "permanecem" nele, mantendo a confiança na mensagem do evangelho (v. 24), não precisam temer a condenação (Jo 3.17, 18). Ver "A Segunda Vinda de Jesus", em 1Ts 4.16.

*** 2.29—3.3** Os crentes, ensinados pelo Espírito, conhecem todo um sistema de verdade e de vida que permanece oculto para aqueles que estão no mundo. É fundamental, contudo, saber que, mesmo sem o reconhecimento, por enquanto, por parte de outros, podemos ter a certeza de que somos "filhos de Deus" e que "nascemos dele". A revelação pública dessa verdade aguarda a revelação pública do próprio Deus, quando ele "se manifestar", por ocasião do segundo advento. Os filhos de Deus apresentarão os traços de família; já agora, à medida em que nossa esperança outorga às nossas vidas uma pureza que se assemelha, por conformidade, à dele, como no fim, quando "seremos

semelhantes a ele". Somente então será completo o conhecimento que temos dele, mas mesmo agora nosso conhecimento de que "ele é justo" trará crescente justiça às nossas próprias vidas.

*** 3.3 tem esta esperança.** A promessa de seu aparecimento enche os

crentes, não de apreensão, mas de confiança (1Ts 5.4).

*** 3.4-10** A diferença radical entre luz e trevas, entre os filhos de Deus e o

mundo, é agora explicada como diferença entre aqueles que vivem no pecado e aqueles que não vivem pecando. Jesus não teve pecado, e, além disso, veio para tirar o pecado (v. 5; Jo 1.29). O novo nascimento dispõe a pessoa irrevogavelmente contra o pecado e, uma vez que a semente da nova vida "permanece" naquela pessoa (v. 9; cf. Jo 10.28,29), para ela, a derrota da corrupção e da morte é inevitável. Nesse sentido, será impossível viver no pecado (Rm 6.8,9). João usa termos, para se expressar, que estão em conformidade com o aspecto absoluto desse nascer de novo que comenta. Ele não nega que pecado e morte exerçam influência até o último instante (1Co 15.26; Ap 20.14). Ele diz claramente que, nesta vida, ninguém pode estar sem pecado (1.8).

*** 3.4 transgressão da lei.** Embora o Antigo Testamento não seja citado

diretamente em 1 João, sua autoridade é pressuposta. Em particular, a lei moral, resumida na lei do amor, permanece como norma para o povo de Deus (Rm 13.8-10). A "transgressão da lei" é desobediência àquela lei.

*** 3.6 não vive pecando; todo aquele que vive pecando. O tempo**

presente dos verbos no grego sugere comportamento característico ou costumeiro. Dessa maneira, João reconhece, mas não justifica, a possibilidade de pecado ocasional. Outra possibilidade é que João tenha em mente o pecado específico da apostasia, mencionado em

2.19 (cf. também 5.16-18). Nesse caso, João quer dizer que crentes verdadeiros não abandonarão totalmente a sua fé.

* **3.7 pratica a justiça.** Ver nota teológica "Antinomismo", índice.

* **3.8 destruir as obras do diabo.** A oposição entre Cristo e Satanás foi

predita já em Gn 3.15. Satanás usou a lei justa de Deus como um instrumento para manter os pecadores cativos ao temor da morte e da condenação. Ao receber em si mesmo o castigo reservado aos pecadores sob a lei, Cristo retirou o sustentáculo do plano de Satanás (Hb 2.14,15).

* **3.11-15** A história do mundo é a história do ódio, que começa no conflito

arquétipo entre Caim e Abel. João encontra a origem do ódio de Caim na diferença radical de suas motivações comparadas às de Abel (Jo 3.19; 8.37), diferença que sempre existirá entre o mundo e o povo de Deus (v. 13). Quando a comunhão dos crentes está livre de animosidade, conforme João espera que há de ser, sabemos que "já passamos da morte para a vida" (v. 14). Mas se tal animosidade invade a comunhão é unicamente porque há rejeição da mensagem que "ouvistes desde o princípio" (v. 11).

* **3.11 que nos amemos uns aos outros.** O mandamento de Cristo,

fundado sobre sua própria dádiva de amor (v. 16; Jo 13.34,35).

* **3.12 Caim.** Gn 4.5 explica que Caim nutria inveja de Abel porque a

oferta de Abel fora aceita por Deus.

* **3.16-24** O amor mútuo na comunhão é evidência da nova

vida. Esse

amor está alicerçado no amor de Jesus Cristo, o qual "deu a sua vida" em nosso lugar. Avaliando-nos por tal exemplo, nosso coração pode "nos acusar" (v. 20) e nossa confiança pode ser restaurada somente por alguém maior do que os nossos corações — Deus mesmo. Deus, "que conhece todas as coisas," provou seu amor pelos pecadores mediante a dádiva de seu Filho (4.10; Rm 5.8). Confiança baseada nessa verdade traz consigo a certeza de que nossas ações também são aceitas por Deus (v. 22). Oração confiante é uma marca distintiva dos filhos de Deus (Jo 15.7; Rm 8.15, 16).

* **3.16 deu a sua vida.** Cristo aceitou a dolorosa morte da cruz para que

pudessemos ser salvos do castigo eterno (Jo 10.11). Nosso amor uns pelos

outros talvez não requeira uma decisão tão penosa quanto essa, mas deve haver alguma decisão e alguma ação. João menciona a assistência material como um exemplo concreto (v. 17; Tg 1.27).

* **3.20 Deus é maior do que o nosso coração.** A palavra de Deus que

nos absolve deve prevalecer sobre a palavra de nossos corações, que nos condena.

* **3.22 aquilo que pedimos dele.** Jesus demonstrou confiança assim no Pai (Jo 11.41, 42) e encorajou os seus discípulos a terem a mesma confiança (Jo 14.13, 14). Essa confiança não existe sem que estejamos cientes de que nossos desejos estão em sintonia com os de Deus (5.14, 15).

* **3.23 o seu mandamento é este.** As duas partes deste mandamento correspondem às duas partes dos Dez Mandamentos, lembrando-nos de que o nosso relacionamento com Deus toma

precedência sobre o nosso relacionamento com o próximo. A fé em Cristo traz-nos à relação correta com Deus e sua graça renovadora capacita-nos a amar uns aos outros.

* **4.1-6** O dom de Deus do seu Santo, e um só, Espírito contrapõe-se aos muitos espíritos mentirosos que impulsionam os falsos profetas ao mundo para propagarem oposição a Cristo (2.18). Assim como Paulo faz em 1Co 12.3, João mostra como distinguir o Espírito da verdade dos espíritos do erro: aqueles que confessam a Jesus como o Messias são de Deus, enquanto que os que não confessarem a Jesus não o são. Essa confissão é a grande linha divisória entre aqueles que são "de Deus" e aqueles que são "do mundo".

* **4.1 têm saído pelo mundo fora.** Ver nota em 2.19.

* **4.2 Jesus Cristo veio em carne.** João distingue o evangelho do erro dos docéticos, os quais diziam que Jesus Cristo não era verdadeiramente humano (Introdução: Data e Ocasião). A natureza humana de Cristo era essencial para que ele pudesse morrer por nossos pecados.

* **4.3 anticristo.** Ver nota em 2.18.

* **4.4 aquele que está no mundo.** Em sua hostilidade a Deus, o mundo está impregnado dos propósitos do diabo, que aprisionou a raça humana pela tentação (5.19).

* **4.6 de Deus.** O Espírito Santo une os crentes. Ver "A Igreja Local" em Ap 2.1.

* **4.7-12** O amor de Deus Pai por "seu Filho unigênito" (v. 9) é a fonte do amor que une a congregação dos crentes como uma família. Ao dar-nos o seu Filho, o Pai fez-nos conhecer o amor perfeito e a vida eterna que o Pai e o Filho sempre tiveram.

* **4.9 Filho unigênito.** Com "unigênito", afirma-se que Jesus é Filho de Deus em eternidade, como a segunda pessoa da Trindade. O

termo grego também pode ser traduzido por "um e único Filho", referindo-se antes à singularidade de Cristo do que à sua eterna geração.

* **4.10 propiciação pelos nossos pecados.** Ver nota em 2.2. Cristo afastou a justa ira de Deus e satisfez as exigências da justiça divina em nosso favor. Fez isto a fim de cumprir o amor de Deus.

* **4.14 Salvador do mundo.** Ver nota em 2.2.

* **4.16 Deus é amor.** O amor de Deus é demonstrado em sua fidelidade à aliança e na sua busca incansável pelos pecadores, a despeito da rebeldia ou indiferença destes (v. 8; Êx 34.5-7).

* **4.17 também nós somos.** Embora não sejamos semelhantes a Cristo quanto a uma obediência perfeita de nossa parte, somos semelhantes a ele em nossa orientação básica e nos distinguimos como ele o fez em relação ao mundo em geral (Jo 17.16).

* **4.18 não é aperfeiçoado no amor.** O amor de Deus é perfeito em si mesmo e traz para nós a firme promessa da perfeição tão logo o recebemos (vs. 12,17; 2.5). Mas visto estarmos sendo aperfeiçoados em seu amor ao longo do tempo (3.2), os remanescentes do temor podem coexistir temporariamente com o amor. O "perfeito amor" da parte de Deus "lança fora o medo" de forma progressiva, não instantânea.

* **5.4 vence o mundo.** Ver nota em 2.13.

* **5.6 por meio de água e sangue.** Alguns sugerem que a água refere-se ao batismo de Jesus e o sangue, à crucificação. Isso é improvável, visto que João, em seu evangelho, não narra diretamente o batismo de Jesus. Outros propõem que "água e sangue" seja uma referência aos dois sacramentos, batismo e a ceia do Senhor. Isso também é improvável, visto que João não relata a instituição dos sacramentos em seu evangelho. A difícil afirmação deste versículo reflete provavelmente Jo 19.34. No evangelho de João, o testemunho

que Deus dá de Jesus, seu Filho, é um tema-chave. O sangue e a água que verteram do corpo de Jesus após a sua morte confirmaram a realidade de sua morte; o ferimento no lado de Jesus confirmou, posteriormente, a realidade de sua ressurreição corporal (Jo 20.20, 25-27). Tanto a morte como a ressurreição de Cristo eram negadas pelos docéticos, os quais negavam a natureza humana de Cristo (4.2).

* **5.7 três que dão testemunho.** Ver "Um e Três: A Trindade" em Is 44.6.

* **5.9 o testemunho de Deus é maior.** Apelando diretamente a Deus como testemunha, João, a exemplo de Jesus, afasta toda contestação humana (Jo 5.31-39).

* **5.11 a vida eterna... está no seu Filho.** Essa é a verdade cardeal da mensagem cristã.

* **5.13** O evangelho de João foi escrito para conduzir os leitores à fé em Jesus para que pudessem receber a vida eterna (Jo 20.31). Esta carta foi

escrita para assegurar àqueles que têm crido de que eles realmente possuem o dom que não tem preço.

* **5.16 pecado para morte.** Alguns associam este pecado com o pecado

imperdoável mencionado em Mt 12.31,32; Mc 3.28-30 e Lc 12.8-10. É mais provável, no entanto, que João esteja referindo-se à recusa obstinada em aceitar a mensagem do evangelho (1.10, nota; Jo 8.24). Ver "O Pecado Imperdoável" em Mc 3.29.

* **5.18 não vive em pecado.** Ver nota em 3.6.

* **5.19 jaz no Maligno.** Ninguém pode escapar à rede de tentação,

pecado e condenação do maligno sem o socorro divino. Mas as pessoas também não podem fugir de sua responsabilidade tentando culpar outro agente, a saber, o diabo, por sua própria situação (Gn 3.12,13). Paradoxalmente, a escravização ao pecado é voluntária (Tg 1.13-15). Somente o Filho de Deus pode destruir a servidão e substituí-la por uma vida de perdão, gratidão e obediência (3.8).

* **5.20 estamos no verdadeiro.** É impossível dissociar o estar em Deus,

o qual é verdadeiro, do estar em seu Filho, Jesus Cristo. A sintaxe deste versículo é difícil mas é mais razoável entendermos que "o verdadeiro Deus e a vida eterna" seja Jesus Cristo. Se o aposto refere-se ao Pai, o versículo torna-se desnecessariamente repetitivo. Além do mais, a locução "vida eterna" é aplicada a Cristo também em 1.2.

* **1-3** O autor identifica-se apenas como "o presbítero", a pessoa a quem envia a carta somente como a "senhora eleita". Esses termos são apropriados para uma relação de amor e respeito mútuos, na qual o autor tivera responsabilidade pastoral para com a destinatária da carta. O cuidado de João para com ela baseia-se na verdade comum a todos os crentes e é um exemplo do amor que une todos os cristãos.

* **1 O presbítero.** Não há qualquer objeção a que um apóstolo identifique-se como um presbítero, visto que as responsabilidades de um apóstolo para com cada congregação individual eram as mesmas de um presbítero (1Pe 5.1-4).

à senhora eleita. Alguns consideram essa expressão e a expressão similar no v. 13 como uma metáfora para uma igreja, mas, exceto aqui, esse emprego é desconhecido.

* **3 a graça, a misericórdia e a paz.** A exemplo do apóstolo Paulo, João começa sua saudação mencionando as ricas bênçãos cristãs da graça e da paz (Gl 1.3, nota), acrescentando, porém, a palavra

"misericórdia". A fonte dessa "graça, misericórdia e paz" não é outra senão o próprio Deus, o qual é verdade (Jo 14.6; 1Jo 5.6) e amor (1Jo 4.8).

* **4-6** O presbítero e a senhora compartilham da alegria em ver que os membros da família dela permanecem fiéis à verdade. A marca da fidelidade cristã é o amor uns pelos outros, o mandamento central dado aos cristãos pelo próprio Jesus (Jo 13.34). Esse amor é explicado por todos os mandamentos dados por Cristo aos seus seguidores.

* **5 não como se escrevesse mandamento novo.** Ver nota em 1Jo 2.711.

* **7-11** Falsos mestres estiveram perturbando algumas das comunidades cristãs atacando a verdade central do evangelho — que Jesus é o Ungido, o eterno Filho de Deus que assumiu a natureza humana para realizar a salvação dos eleitos (1Jo 2.22; 4.2,3). Rejeitar essa verdade é rejeitar toda esperança de reconciliação com Deus, enquanto que aceitá-la é aceitar o próprio Deus. João adverte à senhora e à sua casa que a obra dos falsos mestres ameaça o progresso espiritual deles e até a sua esperança de recompensa eterna. Em face de tais perigos, o único procedimento seguro a observar é evitar todo envolvimento com os falsos mestres.

* **7 têm saído.** Ver nota em 1Jo 2.19.

não confessam Jesus Cristo vindo em carne. Os enganadores eram docéticos, os quais negavam a realidade da natureza humana de Cristo (1Jo 4.2, nota). Ver nota teológica "A Humanidade de Jesus", índice.

e o anticristo. Ver nota em 1Jo 2.18.

* **10 não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas.** Essa medida severa contrasta agudamente com a exortação dada em 3Jo 5-8 para que sejam acolhidos os crentes que proclamam a

verdade.

* **12,13** Uma carta não substitui a comunhão pessoal. João espera participar com seus leitores do encorajamento mútuo proporcionado pelo encontro pessoal. Ele conclui enviando saudações de uma comunidade cristã para outra, uma prática comum nas epístolas apostólicas e um lembrete da unidade cristã.

* 1,2 O autor identifica-se como "o presbítero", como em 2 João. Ele

escreve a seu amado amigo Gaio para elogiar a hospitalidade deste e para tratar com ele a respeito da situação envolvendo a congregação em que Gaio era membro. João começa com uma oração pedindo bem-estar, uma forma comum de se iniciar uma carta pessoal.

* 3,4 Ver a expressão similar de alegria em 2Jo 4.

* 5-8 João elogia Gaio pela hospitalidade com que recebia os mestres

cristãos itinerantes. À obrigação de acolher e de animar aqueles que proclamam o verdadeiro evangelho de lugar em lugar e à alegria por fazê-lo, acrescenta-se, opostamente, a necessidade de evitar aqueles que proclamam um falso evangelho (1Jo 4.1-3; 2Jo 10,11). Os que proclamam a mensagem e aqueles que os encorajam e apoiam trabalham juntos, servindo à verdade.

* 7 dos gentios. Aqueles que não são povo de Deus. O termo assim

empregado indica que a comunidade cristã (composta de judeus étnicos e gentios) havia passado a ver a si mesma como o novo Israel.

* 9, 10 A cooperação e o amor que devem ser normais entre os crentes

haviam sido violados pelo comportamento de Diótrefes, que abusava do cargo de liderança que tinha na congregação para atacar outros obreiros cristãos. Evidentemente, Diótrefes considerava outros mestres cristãos como ameaças e não como cooperadores. Orgulhoso e egoísta, ele não acolhia os evangelistas itinerantes e punia com exclusão aqueles que os hospedavam.

* 9 Escrevi alguma coisa à igreja. Uma carta anterior, que não

sobreviveu.

* 10 se eu for aí, far-lhe-ei lembradas as obras que ele pratica. A

reposta do autor à grave provocação de Diótrefes demonstra sensibilidade

pastoral de sua parte mas nem por isso deixa qualquer dúvida de que sua visita colocará um ponto final à conduta de Diótrefes (2Co 13.1-3,10).

* **11** Tirania como a exercida por Diótrefes reflete o oposto do amor de Deus; deve-se resistir à tentação de reagir nos mesmos termos.

* **12** A parte principal da carta termina com uma recomendação de Demétrio, o portador da carta, apresentando-o como um cristão fiel. Essa recomendação, além da menção do nome do destinatário da carta, foi necessária para garantir que a carta não fosse deixada de lado nem fosse usada indevidamente por pessoas que, a exemplo de Diótrefes, pertubariam a unidade da congregação. Por outro lado, é possível que o próprio Demétrio fosse um mestre itinerante; nesse caso, a carta teria o objetivo de encorajar Gaio à hospitalidade.

* **13,14** Esta carta termina de modo semelhante a 2Jo 12,13, com pequena diferença nas palavras mas com o mesmo tom pessoal.

Judas

* **1 Judas... irmão de Tiago.** Ver Introdução: Autor.

chamados. A expressão da iniciativa soberana e graciosa de Deus em convocar eficazmente à salvação aqueles a quem escolheu.

guardados em Jesus Cristo. O grego pode ser traduzido também por "guardados para Jesus Cristo". Os eleitos perseverarão na fé porque Deus os preserva (v. 24; Jo 10.27-30; 1Pe 1.5).

* **2 a misericórdia, a paz e o amor.** Judas confere um significado

profundamente cristão a uma tradicional saudação judaica ("misericórdia e paz") pelo acréscimo de "amor". A misericórdia de Deus para com pecadores indignos e a conseqüente paz estão baseadas em seu amor manifestado em Jesus Cristo (Jo 3.16).

* **3 foi que me senti obrigado.** Em lugar do tratado doutrinário que havia

planejado escrever, Judas sente-se obrigado a lidar com problema dos falsos mestres (v. 4). Não temos conhecimento se o seu objetivo original foi posteriormente alcançado.

a batalhardes, diligentemente, pela fé. Aqui, "fé" designa o conteúdo da mensagem ensinada pelos apóstolos e professada por todos cristãos, não o exercício pessoal da confiança por parte de um crente. O cristianismo possui um corpo autorizado de fé dado por Deus à Igreja através dos apóstolos (1Co 15.3-8). Juntamente com o Antigo Testamento (Ef 2.20), esse testemunho apostólico, como se encontra no Novo Testamento, é o padrão para a Igreja (2Jo 9, 10).

* **4 certos indivíduos se introduziram com dissimulação. Os**

perturbadores aparentemente tinham vindo de fora da igreja à qual Judas estava escrevendo, apresentando-se talvez como profetas ou mestres itinerantes (2Jo 10, 11).

pronunciados para esta condenação. Esta frase difícil refere-se provavelmente a várias profecias sobre a vinda e a condenação de homens ímpios, como os falsos mestres, incluindo, talvez, a profecia de Enoque nos vs. 14,15 e as profecias apostólicas nos vs. 17,18. Ou, menos provavelmente, pode referir-se à sorte dos ímpios como estando escrita nos livros celestiais (Jr 22.30; Ap 17.8).

transformam em libertinagem a graça de nosso Deus. Os oponentes de Judas eram culpados de antinomismo — a convicção de que os cristãos não têm obrigação alguma de seguir a lei moral como regra de vida. Tal ensino foi um problema permanente na igreja primitiva (Rm 3.8; 6.15; 1Co 6.12-15; Gl 5.13), especialmente onde a ênfase de Paulo sobre a justificação pela graça mediante a fé era mal entendida e pervertida.

negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo. Por sua conduta ímpia e imoral, os falsos mestres negam a Cristo. A designação de Cristo como "Senhor" reconhece a divindade de Cristo.

* **5 destruiu, depois, os que não creram.** Deus puniu a Israel com quarenta anos de peregrinação no deserto por incredulidade quando eles recusaram-se a entrar em Canaã após o relato dos espias (Nm 14.27-34; Hb 3.16-19). Assim como o juízo sobreveio aos israelitas apóstatas, também sobrevirá aos membros apostatados da Igreja (Hb 4.1,2).

* **6 anjos.** Ver nota em 2Pe 2.4.

não guardaram o seu estado original... abandonaram o seu próprio domicílio. Tais anjos rebelaram-se contra as responsabilidades que lhes haviam sido conferidas por Deus e abandonaram suas áreas de ministério ou residência. Alguns interpretam isto como dizendo que eles deixaram o céu e desceram à terra.

o juízo do grande Dia. O dia do julgamento por ocasião da segunda vinda de Cristo.

*

7 como aqueles. Sodoma, Gomorra e as outras cida

assemelhavam-se a esses anjos do v. 6 na imoralidade e perversidade da sua transgressão sexual. A comparação também poderia referir-se à impudência e ao orgulho com que abandonaram seu próprio lugar.

prostituição... seguindo após outra carne. A "outra carne" refere-se, no caso, ao homossexualismo descrito em Gn 19.4,5.

exemplo do fogo eterno, sofrendo punição. A destruição, pelo fogo, de Sodoma, Gomorra e as cidades vizinhas em Gn 19 presta-se, em toda a Escritura, como um modelo do julgamento de Deus contra o pecado (Dt 29.23; Is 1.9; Jr 49.17,18; Rm 9.29).

*** 8 sonhadores.** Provavelmente, uma referência às alegações dos falsos

mestres de receberem revelações divinas por meio de experiências visionárias, alegações que eles podiam usar como justificativa para as três ações mencionadas em seguida.

contaminam a carne. Imoralidade sexual (v. 4 e nota), talvez até homossexualismo (v. 7; Rm 1.26,27).

rejeitam governo. Embora alguns o associem com autoridades humanas ou angelicais, é mais provável que seja uma referência ao senhorio e à autoridade de Jesus Cristo

difamam autoridades superiores. Ver nota em 2Pe 2.10.

*** 9** Há evidências de que este incidente esteja baseado em *A Assunção*

de Moisés, uma obra judaica apócrifa (da qual restaram apenas

fragmentos) que expande a narrativa do sepultamento de Moisés em Dt 34.5, 6 (Introdução: Dificuldades de Interpretação). O episódio diz respeito ao confronto entre o

arcanjo Miguel e o diabo pela posse do corpo de Moisés. Conforme geralmente se interpreta, o argumento de Judas é que a linguagem áspera dos falsos mestres contrasta com a linguagem temperada de Miguel (2Pe 2.10 e nota). Outros entendem que Judas apresenta o apelo de Miguel à autoridade de Deus em oposição à reivindicação dos falsos mestres de possuirem autoridade espiritual própria.

o arcanjo Miguel. Conforme Dn 10.13,21 e 12.1, Miguel é um dos principais anjos e o guardião especial de Israel. Em Ap 12.7, Miguel lidera a hoste de anjos na guerra contra o diabo e seus anjos. Ver "Anjos" em Zc 1.9.

*** 11 caminho de Caim.** Ver Gn 4.1-15; Hb 11.4; 1Jo 3.12. De acordo

com a tradição judaica, à qual Judas pode estar se referindo, Caim foi o pecador arquetípico e o instrutor de outros no pecado.

erro de Balaão. Ver nota em 2Pe 2.15.

revolta de Coré. Coré, juntamente com Datã e Abirão, liderou 250 homens na rebelião contra a autoridade de Moisés e de Arão (Nm 16). A revolta de Coré e o castigo divino resultante permitem uma comparação apropriada com o desprezo dos falsos mestres à autoridade eclesiástica e a capacidade perigosa dos falsos mestres de fazer outras pessoas se desviarem, bem como fornecem um exemplo do julgamento divino reservado aos falsos mestres (ver Nm 16.3133).

*** 12 rochas submersas.** Esses "recifes submersos", conforme a palavra

grega pode ser traduzida, constituem-se num perigo para a

navegação. Se Judas está fazendo um jogo de palavras, o que ele quer dizer é que aqueles falsos mestres eram "recifes submersos perigosos" em águas supostamente tranqüilas.

festas de fraternidade. Ver nota em 2Pe 2.13; cf. 1Co 11.20-34.

banqueteando-se juntos sem qualquer recato. Os falsos mestres podem ter feito das festas de fraternidade ocasiões de gritante imoralidade. Mesmo não sendo esse o caso, sua presença nas refeições fraternais teria sido motivo de preocupação para Judas. Visto que dava-se instrução nas festas de fraternidade (At 20.7,11), havia oportunidade para que os falsos mestres apresentassem suas idéias.

nuvens sem água. Uma metáfora para uma forma de hipocrisia que deixa de produzir aquilo que está prometido (2Pe 2.17, nota).

dos frutos... desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas. Como árvores que não davam frutos chegado o tempo da colheita, as vidas daquelas pessoas eram estéreis e estavam sujeitas ao juízo de Deus (Mt 7.16-20; Lc 13.6-9).

*** 13 estrelas errantes.** Estrelas cadentes, cometas ou, mais

provavelmente, planetas. O ensino dos oponentes tem vida breve (como a luz emitida por uma estrela cadente) ou é indigno de atenção e inútil (como quando um corpo celestial de movimento imprevisível é usado como guia na navegação).

*** 14 Enoque, o sétimo depois de Adão.** O Enoque de Gn 5.24 é o

sétimo depois de Adão se Adão for contado como o primeiro. Nos vs. 14 e 15, Judas faz uma citação quase literal de uma obra apócrifa popular chamada *Livro de Enoque ou 1 Enoque.* Com isso, Judas não subentende que 1 Enoque seja obra divinamente inspirada ou que foi escrita pelo próprio Enoque (ver Gn 5.24). A fonte que ele usa era

familiar a seus leitores e seria útil para confirmar seu tema do vindouro julgamento divino contra os ímpios (Introdução: Dificuldades de Interpretação).

profetizou. Ao afirmar que Enoque "profetizou sobre esses homens", Judas não confirma tampouco nega a atribuição popular desse texto apócrifo ao Enoque bíblico. A citação extraída de 1 Enoque, em concordância com uma hoste de profecias do Antigo Testamento (p.ex., Dn 7.9,10; Zc 14.3-5), ensina

que Deus virá com seus exércitos celestiais para julgar os ímpios, estando Judas, dessa forma, justificado por aplicar essa idéia bíblica à sua situação específica.

santas miríades. Provavelmente, uma referência à hoste de anjos que acompanhará o Senhor Jesus por ocasião de seu segundo advento (Zc 14.5; Mt 25.31).

*** 15 ímpios... ímpias.** A repetição desse vocábulo é importante; a

mesma palavra grega aparece também nos vs. 4 e 18. Rebelião de falsos mestres é, primeiro e antes de tudo, contra Deus e a sua autoridade e enfrentará o indubitável julgamento de Deus (v. 4, nota).

*****
16 são murmuradores, são descontentes. A exemplo

deserto (v. 5; 1Co 10.10), os falsos mestres resistem à vontade de Deus, queixando-se, talvez, das restrições da lei sobre o comportamento deles.

grandes arrogâncias. Ou, "palavras arrogantes". Podem ter sido alegações quanto a terem experiências visionárias (v. 8), liberdade da lei (vs. 4 e 8) ou possessão do Espírito Santo (vs. 18 e 19).

aduladores dos outros, por motivos interesseiros. Eles demonstram predileção para com os membros ricos da igreja (Tg 2.1-

4) ao ponto de, talvez, mesmo adaptarem seu ensino para agradar os de maior influênica entre seus ouvintes.

* **18 No último tempo.** Ver nota em 1Pe 1.20.

escarnecedores. Eles zombam especialmente da lei moral de Deus e da certeza do castigo divino aos desobedientes (Sl 1.1; 35.16; Pv 14.9; 2Pe 3.3, 4).

*
19 promovem divisões. A divisão na igreja era o re

da arrogância dos falsos mestres (v. 16) e de sua alegação, contra os líderes

da igreja e cristãos comuns, de possuírem o Espírito. Os falsos mestres podem ter classificado as pessoas, como os gnósticos mais tarde fizeram, entre "espirituais" (eles mesmos) e "naturais" (cristãos comuns).

sensuais, que não têm o Espírito. Contra as alegações de seus oponentes, Judas argumenta que eles mesmos, os falsos mestres, são os que vivem inteiramente no nível da vida natural, terrena (v. 10).

* **20-23** Judas passa agora da denúncia aos falsos mestres a uma

exortação positiva aos seus leitores. Lutar pela fé quando se está sob ataque significa mais do que opor-se aos falsos mestres por meio de palavras. Implica em uma vida de fato fiel ao evangelho. A forma trinitariana da exortação de Judas deve ser observada ("Espírito Santo... Deus... nosso Senhor Jesus Cristo").

* **20 edificando-vos... fé santíssima.** Judas, da mesma forma que Pedro (1Pe 2.5) e Paulo (1Co 3.16, 17), compara a Igreja a um edifício. Assim como no v. 3, "fé" refere-se à mensagem

fundamentadora dos apóstolos e profetas (Ef 2.20-22).

orando no Espírito Santo. Ao contrário dos falsos mestres, as orações dos leitores de Judas são dirigidas pelo Espírito de Deus, como de fato suas vidas devem ser por completo (Gl 5.16-18; Ef 6.18).

*** 22,23** O texto grego exato destes versículos é objeto de debate, sendo

difícil afirmar se tratam-se de dois ou três os grupos de pecadores (v. 23, referência lateral). Qualquer que seja a solução para o texto, Judas claramente reconhece que deve-se empregar estratégias pastorais diferentes com pessoas diferentes. Algumas pessoas podem beneficiar-se com um aconselhamento gentil (Gl 6.1). Com outras, será preciso haver confrontação ou ação de alguma forma para que sejam puxadas para "fora do fogo".

*** 23 salvai-os... em temor. Ver Gl 6.1.**

roupa contaminada pela carne. Uma metáfora vívida para a influência contaminadora dos falsos mestres, essa locução ressalta a precaução que os leitores de Judas precisam exercer em seu contato com os mestres falsos e aqueles sob sua influência (1Co 5.11; 2Jo 10, 11). Sobre a metáfora, ver Is 64.6; Zc 3.1-5; Mt 22.12; Ap 3.4,5,18 e 19.8.

*** 24,25** À semelhança de Rm 16.25-27, a conclusão de Judas é uma

doxologia que expressa confiança no poder de Deus para preservar o seu povo até o fim e que reconhece a eterna grandeza de Deus em sua "glória e majestade, domínio e poder".

Apocalipse

*** 1.1-3** A maior parte de Apocalipse (1.4-22.21) apresenta a forma

duma

carta com saudações, desenvolvimento e despedida. Este prólogo ajuda a orientar os leitores quanto ao conteúdo que eles esperam encontrar no livro. É dada ênfase à autoridade divina da mensagem (de Deus e Jesus Cristo), sua infalibilidade (observe a palavra "devem" no v. 1) e sua relevância crucial (v. 3).

Deus investe profundamente no processo de comunicação: a mensagem se origina em Deus o Pai, é entregue a Jesus Cristo e revelada a João através de um anjo (v. 1). João testemunha escrevendo a mensagem (v. 2), e todos são

encorajados a ler e ouvir (v. 3).

Apocalipse enfatiza que a mensagem é inteligível, apesar de vir em forma

simbólica. É "revelação", desvendar e não ocultar a verdade (v. 1). Destina-se aos "seus servos", não a uma elite especial (v.1). Deus espera que os cristãos "guardem as coisas nela escritas" para proveito espiritual (v. 3). Uma bênção encoraja as pessoas a ler e ouvir (v. 3).

* **1.1 em breve.** Ver referência lateral e 22.6,7,10,12,20. A batalha

espiritual tem lugar através de toda era da igreja. Sete igrejas experimentarão em breve todas as dimensões do conflito. Além disso, os "últimos dias" de que fala a profecia do Antigo Testamento foram inaugurados pela ressurreição de Cristo (At 2.16,17). O tempo de espera acabou e Deus está executando a fase final de sua batalha vitoriosa contra o mal. Reconhecido isso, hoje é "a última

hora" (1Jo 2.18).

* **1.2 testemunho de Jesus Cristo.** Por causa da iminente

perseguição que ameaça sufocar o testemunho cristão (17.6), Apocalipse está repleto do tema testemunho. Jesus Cristo é a testemunha principal (v. 5; 3.14; 19.11). Seguir o seu exemplo pode resultar em martírio (12.11). O próprio Apocalipse

é um testemunho que tem por finalidade fortalecer o testemunho dos seus leitores. Sua mensagem é repleta de autoridade e autenticidade divinas

(19.10; 22.6,16,20).

* **1.3 Bem-aventurados.** Apocalipse não apenas pronuncia juízo sobre os incrédulos mas também bênção sobre os crentes (14.13; 16.15; 19.9;

20.6; 22.7,14).

profecia. Ver 22.7-10,18,19. Semelhante à profecia do Antigo Testamento, Apocalipse combina visões do futuro dados por Deus com exortação à fidelidade. Esta profecia é uma forma distinta e inspirada do testemunho que todos os cristãos devem dar (v. 2 nota).

guardam as coisas. Apocalipse não se destina a encantar nossa fantasia mas

fortalecer nossos corações (Introdução: Características e Temas: Conteúdo).

* **1.4 às sete igrejas.** Ver v. 11; 2.1-3.22. Apocalipse é organizado em

setes, o número bíblico que simboliza totalidade (Gn 2.2,3). A escolha de sete igrejas expressa este tema e aponta para a relevância maior que a mensagem possui para todas as igrejas (vs. 1,3; 2.7,11,17,29; 3.6,13,22; 22.7,1114,16,18-21).

Ásia. A província romana da Ásia situa-se no oeste da Turquia atual.

daquele que é, que era e que há de vir. Semelhante ao nome divino de Êx 3.14,15. Ver nota no v. 8.

sete Espíritos. O Espírito Santo é descrito em plenitude sétupla (4.5; Zc 4.2,6). Observe a procedência da graça e paz da Trindade: Deus o Pai

("daquele que é"), o Filho (1.5) e o Espírito (cf. 2Co 13.14; 1Pe 1.1,2).

* **1.5-8** João louva a Deus de maneira semelhante como no início da

maioria das cartas paulinas. Os temas da soberania de Deus, redenção e segunda vinda de Cristo aparecem ao longo de Apocalipse.

* **1.5** A função principal de Jesus Cristo em todo o Apocalipse já é

antecipada nesta descrição.

Fiel Testemunha. Ver nota no v. 2.

o Primogênito. Ver nota no v. 18.

Soberano. Ver nota nos cap. 4 e 5.

nos libertou. Ver nota no cap. 5.

* **1.6.** O tema da adoração e do louvor a Deus se estendem ao longo de

Apocalipse. Observe os louvores em 4.8,11; 5.9,13; 7.12; 11.15; 12.10-12; 15.3,4; 19.1-8. Expressões de louvor são uma parte integral da batalha

espiritual.

reino, sacerdotes. Santos desfrutam do governo de Deus e, como sacerdotes, possuem íntimo acesso a ele (Hb 10.19-22; 1Pe 2.5-9). No futuro, eles reinarão com ele (2.26,27; 3.21; 5.10; 20.4,6). Agora todas as nações

compartilham dos privilégios sacerdotais conferidos a Israel em Êx 19.6. Os propósitos da redenção presentes no êxodo do Egito e os propósitos do domínio dado à humanidade na criação, são ambos cumpridos através de Cristo (5.9,10). O tema da adoração sacerdotal e do acesso a Deus é complementar ao tema do templo em Apocalipse (caps. 4 e 5, nota).

* **1.8 o Alfa e o Ômega.** A primeira e a última letra do alfabeto grego.

Deus é Alfa (Criador) e Ômega (aquele que introduz no novo céu e na nova terra). Ele é Senhor de todos — no passado, presente e futuro — como sugerido por "que é... há de vir" (caps. 4 e 5, nota). Sua soberania na criação garante o cumprimento dos seus propósitos na restauração da criação (Rm

8.18-25).

que há de vir. No futuro, Deus virá para cumprir todos os seus propósitos

(21.1-22.5).

* **1.9-11** Uma identificação de João e suas circunstâncias (nas quais

representa toda a igreja) prepara o caminho para a primeira visão principal em 1.12-3.22.

* **1.9 perseverança.** A exortação de persistir e permanecer fiel se

estende ao longo de Apocalipse (2.2,3,13,19;

3.10; 6.11; 13.10; 14.12;

16.15; 18.4; 20.4; 22.7,11,14). Aqui se encontra uma exortação prática em meio à perseguição e tentação (Introdução: Data e Ocasião).

Patmos. Uma pequena ilha na costa oeste da Ásia Menor. Patmos possuia

uma colônia penal romana destinada a pessoas consideradas perigosas à boa ordem.

*

1.10 em espírito. Uma referência ao Espírito Santo, p

com visões especiais e o transportando a lugares privilegiados para vê-las (4.2; 17.3; 21.10). Ou então, uma referência ao teor das visões recebidas pelo apóstolo, em um transe espiritual.

dia do Senhor. Domingo, o dia cristão de culto quando é celebrada a ressurreição de Cristo. A celebração dominical antecipa a celebração da vitória final de Deus (19.1-10).

grande voz. A voz de Cristo. Sons e vozes fortes indicam o poder e relevância universal das mensagens e eventos (1.15; 4.1,5; 5.2,12; 6.1; 7.2,10; 8.5,13; 10.3; 11.12,15,19; 12.10; 14.7,9,15,18; 19.1,3,6,17).

1.11 sete igrejas. Ver nota no v. 4.

* **1.12-20** Cristo aparece em extraordinária glória (cf. 21.22-24).

"Semelhante a filho de homem" reporta-se a Dn 7.13. As figuras dos vs. 12-16 lembram Dn 7.9,10; 10.5,6 e Ez 1.25-28, mas incluem semelhanças mais remotas à muitas aparições de Deus no Antigo Testamento. A visão mostra Cristo como juiz e governante — primeiramente sobre todas as igrejas (1.203.22), como também sobre

todo o Universo (2.27; 3.21). Sua divindade,

autoridade e conquista da morte garantem vitória final (vs. 17,18; 17.14;

19.11-16). Essa visão da soberania de Deus exercida através de Cristo é o ponto fundamental da mensagem de Apocalipse (Introdução: Dificuldades de Interpretação). A aparição de Cristo como que em batalha (v. 16) antecipa sua função na batalha final (19.11-21) e aponta retrospectivamente às batalhas de Deus no Antigo Testamento (Êx 15.3; Dt 32.41,42; Is 59.17,18; Zc 14.3). Cristo apresenta o modelo no qual o destino de todo o Universo é resumido (Ef

1.10; Cl 1.16,17). Pelo fato de todas as coisas se manterem unidas em Cristo (Cl 1.17), a imagem trinitária dos vs. 12-20 e caps. 4 e 5 formam o alicerce para todo Apocalipse. Por causa que a Trindade está envolvida em profundo mistério, a simbologia de Apocalipse contém profundidade inesgotável.

* **1.12 sete candeeiros de ouro.** Os candeeiros simbolizam as igrejas

na sua função de trazer luz ou testemunho (1.20; Mt 5.14-16). Cristo anda entre as igrejas como Senhor e Pastor (v. 13) exatamente como a nuvem da glória de Deus descia para habitar no tabernáculo e no templo, que tinham seus candeeiros (Êx 25.31-40; 1Rs 7.49). O caráter de Deus como luz (1Jo 1.5) é supremamente manifesto em Cristo (Jo 1.4,5; 8.12; 9.5; At 26.13), mas também se reflete de várias maneiras na sua criação: em anjos abrasadores (10.1; Ez 1.13), na luz natural (21.23; Gn 1.3), em candeeiros do templo, em igrejas e em cada pessoa individualmente (Mt 5.14-16).

1.15 voz de muitas águas. Ver nota no v. 10.

1.16 espada. Ver 19.15; Is 11.4; Hb 4.12.

o sol. Ver 21.22-25; Is 60.1-3,19,20.

* **1.17 o primeiro e o último.** Essencialmente o mesmo como o Alfa e o

Ômega (v. 8, nota; 2.8; 22.13; Is 41.4; 44.6; 48.12).

* **1.18 aquele que vive.** A ressurreição e a nova vida de Cristo suprem

as necessidades da nova vida do seu povo (2.8; 5.9,10; 20.4,5) e a renovação do próprio mundo (22.1).

chaves da morte. Esta frase antecipa 20.14.

* **1.19** Este versículo provavelmente sugere uma tríplice divisão de

Apocalipse em passado (vs. 12-16), presente (caps. 2 e 3) e futuro (4.1-22.5). Mas a divisão não é perfeita pois cada parte contém algumas referências a cada um dos três períodos.

* **1.20 os anjos.** A palavra grega significa "mensageiros". Talvez se refira

a mensageiros humanos, especificamente a pastores das igrejas ou a anjos. A relevância de anjos em Apocalipse é capaz de sustentar aqui a última interpretação (22.6; Dn 10.10-21).

* **2.1-3.22** Ver nota teológica "A Igreja Local", índice. Cristo demonstra

cuidado pelas igrejas por dirigir-se a cada uma de acordo com suas necessidades, com encorajamento, repreensão, exortação e promessa. Ele mostra conhecimento detalhado das mesmas ("conheço"). Em todas as cartas há referências a circunstâncias ou tradições da própria cidade, provavelmente incluindo algumas que não são mais reconhecidas. Ao mesmo tempo, todas as igrejas são

incluídas num chamado universal à fidelidade e perseverança até que as promessas alcancem seu cumprimento na Jerusalém celestial. Suas lutas contrastam com a paz e satisfação retratadas em 21.1-22.5. As exortações são reforçadas por uma alusão introdutória a alguns elementos da majestosa visão de 1.12-20 e, portanto, contém significado universal (1.4 nota).

Cada mensagem apresenta a mesma forma básica:

1. Destinatário: "Ao anjo da igreja... escreve”.

2. Identificação de Cristo, com retrospectiva à sua majestade

demonstrada em 1.12-20: "Estas coisas diz aquele”.

3. Reivindicação de conhecimento: "conheço”.

4. Avaliação: repreensões ou elogios.

5. Promessa ou ameaça: geralmente na forma verbal do futuro.

6. Promessa "ao vencedor”.

7. Exortação para ouvir: "Quem tem ouvidos”.

Observe que (6) e (7) podem ocorrer na ordem inversa e (5) pode ser incluído

em (4).

* **2.5 moverei... o teu candeeiro.** A cidade de Éfeso foi relocalizada por

causa da progressiva obstrução com lodo do rio Caister, e foi "removida” de lugares antigos. De maneira analógica, Cristo ameaça remover a igreja a menos que seu povo se arrependa.

* **2.6 nicolaítas.** Um grupo herético, provavelmente sustentando

pontos

de vista semelhantes ao ensino de Balaão e Jezabel (vs. 14,20 notas).

* **2.7 Ao vencedor**. A participação em todos os aspectos da nova

Jerusalém é prometida aos santos fiéis, neste e nos versos paralelos referentes às outras igrejas (2.11, 17, 26; 3.5, 12, 21; 21.1—22.5).

árvore da vida. Ver nota em 22.2.

* **2.9 sinagoga de Satanás.** A sinagoga judaica de Esmirna era composta

de judeus que haviam rejeitado a mensagem referente à vinda do Messias. Embora confessassem adorar Deus, sua oposição aos cristãos mostrava que na verdade estavam sob o poder das trevas satânicas (2Co 4.4).

* **2.10 Sê fiel.** A cidade de Esmirna gabava-se de fidelidade a Roma.

coroa da vida. A deusa Cibele de Esmirna é retratada em moedas com uma coroa, seguindo o modelo das muralhas da cidade. Dizia-se que as construções no Monte Pagos de Esmirna se pareciam com uma coroa. Em oposição a esses conceitos, Jesus promete dar a verdadeira coroa.

* **2.13 onde está o trono de Satanás.** Pérgamo possuía o mais antigo

templo na Ásia Menor dedicado à adoração do imperador.

* **2.14 Balaão.** Balaão (Nm 22.5) deu conselho a Balaque, levando Israel

a "prostituição” em Moabe (Nm 25.1-4). Outros cristãos professos das sete igrejas, o exemplo de Jezebel (v.20), entregaram-se a prazeres propostos por seu ambiente pagão (17.1-19.10, nota).

2.15 nicolaítas. Ver nota no v. 6.

* **2.17 maná escondido.** Talvez uma alusão ao maná conservado no

Santo dos Santos do tabernáculo (Êx 16.33-35; Hb 9.4). Cristo promete nutrir o fiel com suprimento celestial infalível, alimento espiritual (Jo 6.32-58).

* **2.18 bronze polido.** Ou "metal”. Tiatira possuía uma famosa

associação de trabalhadores de bronze.

* **2.20 Jezabel.** Ver 1Rs 16.31; 19.1,2; 21.5-26; 2Rs 9.30-37. A mulher

de Tiatira é chamada Jezabel porque, como a personagem do Antigo Testamento, seduziu pessoas à imoralidade sexual e idolatria, duas formas principais de indulgência na Ásia Menor pagã. Ver notas em 14.8 e 17.1-19.10.

*
3.3 virei como ladrão. A aparentemente inatingível fort de Sardes

foi capturada de surpresa duas vezes em tempo de guerra, provavelmente à noite. Cristo adverte que experiência semelhante atingirá a igreja, a menos que seu povo desperte.

*
3.5 livro da vida. O rol celeste dos que são destir

(13.8, nota).

3.9 sinagoga de Satanás. Ver nota em 2.9.

*** 3.12 coluna no santuário.** Filadélfia tinha sido atingida por terremotos.

Isso tornava a promessa de segurança e estabilidade especialmente apropriada.

*** 3.15 nem és frio nem quente.** O suprimento de água de Laodicéia

vinha duma fonte distante através de tubos. Em conseqüência, quando a água chegava à cidade era morna e pouco potável. Por outro lado, a cidade vizinha de Hierápolis possuía fontes térmicas medicinais, e a vizinha Colossos era abastecida por uma fonte de água fria vinda de montanha. Cristo pede à igreja para ser refrescante (fria) ou medicinalmente curativa (quente), e não como o abastecimento de água de Laodicéia.

*** 4.1-5.14** Deus aparece numa bela cena de adoração como o Rei do céu

e da terra. Está rodeado por côrtes angelicais (1Rs 22.19; Jó 1.6; 2.1; Sl 89.6,7; Ez 1; Dn 7.9,10). Seu governo foi estabelecido na criação (4.11), é exercido no panorama da história (6.1-22.5), é cumprido através do Cordeiro (cap. 5; 22.1) e é celebrado com cânticos de louvor (1.6 nota). Apocalipse é basicamente um livro sobre Deus e sua grandeza. Os segredos da história e da batalha espiritual centram-se no próprio Deus. Todo o Universo destina-se a ser preenchido com a glória (21.22,23), a bondade de Deus (22.1-5) e com seu louvor (5.13). Portanto, o modelo do desfecho da história é revelado aqui em resumo (Mt 6.10).

Quando o povo de Deus é cercado por tentação ou perseguição, uma revelação do caráter e da glória de Deus é o melhor remédio. Seu poder garante a vitória final, sua justiça garante a defesa do direito, sua bondade e magnificência garantem bênção e conforto. O sangue

do Cordeiro demonstra que a redenção já foi efetivamente realizada.

*** 4.1 Sobe para aqui.** Moisés subiu ao monte Sinai (Êx 19.3,20) e Paulo

foi elevado ao céu (2Co 12.2) para receberem revelações especiais.

que deve acontecer depois destas coisas. Ver nota em 1.19.

4.2 em espírito. Ver nota em 1.10.

*

no céu um trono. O governo real de Deus é um tema fundamental do livro. No Antigo Testamento, o tabernáculo (Êx 25-40) e o templo (1Rs 5-7; 2Cr 2-4) eram como um pálido reflexo (sombras) do lugar do trono de Deus no céu (Êx 25.40; Hb 8.5,6; 9.1-14). João vê o original celeste e não uma cópia terrena. Apocalipse contém apropriadamente muitas alusões ao templo (3.12; 7.15; 11.19; 14.15,17; 15.5—16.1; 16.17; 21.22) e aos componentes dentro dele. Por exemplo, há lâmpadas (1.12; 4.5), seres viventes como querubins (4.6-9), incenso e oração (5.8), cânticos de louvor como aqueles oferecidos pelos cantores levitas no Antigo Testamento (4.8,11; 5.9-13; 1Cr 16), um sacrifício (5.6,9), a arca da Aliança (11.19), o altar (11.1) e a côrte externa (11.2).

no trono, alguém sentado. Os detalhes da aparição de Deus não são descritos, lembrando-nos que sua grandeza e glória sempre excedem a compreensão humana. Ver nota em 1.12-20.

* **4.4 vinte e quatro anciãos.** Estes ministros angelicais (7.13) são

chamados aqui "anciãos" (grego "*presbyteros")* por causa de sua sabedoria. Como oficiais do gabinete de Deus, eles devem refletir a sabedoria divina que é simbolizada pela idade (Dn 7.9). O termo "ancião" ou "presbítero" também sugere uma analogia com os anciãos da igreja que servem na terra; por isso, alguns sugeriram que os anciãos aqui são simplesmente uma representação da igreja.

* **4.5 relâmpagos.** Deus exibe seu poder de maneira semelhante à sua

auto-revelação no monte Sinai (Êx 19.16-19) e outras aparições

divinas (8.5; 11.19; 16.18; Sl 18.11-15; Ez 1.4). Ele lembra a igreja do poder de sua voz (1.10,15 e notas) e do abalo final da criação ainda por acontecer (11.19; 21.1; Hb 12.25-27).

sete tochas de fogo. Ver nota em 1.12; cf. Zc 4.2,6. A luz sétupla do Espírito Santo é a luz original da qual o sétuplo candeeiro de Êx 25.31-40 era uma figura. As semelhanças com 1.12 sugerem que as sete igrejas, como um verdadeiro templo de Deus, devem emitir luz, refletindo a própria presença de Deus através do seu Espírito.

sete espíritos de Deus. O Espírito Santo (1.4 nota).

*** 4.6 mar de vidro.** Ver 15.2; Êx 24.10. Este quadro pode sugerir uma

variedade de associações. O versículo paralelo de 15.2 lembra as águas do mar Vermelho. A derrota de Faraó e o retorno das águas ao seu lugar prefiguraram a vitória final de Deus sobre o mal (Is 51.9-11). Sendo assim, o mar de vidro figura águas sujeitas ao poder de Deus. Além disso, a extensão e beleza do mar semelhante a cristal, quando unido às pedras preciosas do v. 3 e 21.18-21, sugerem a magnificência e preciosidade do trono de Deus. Os números paralelos com o templo noutro lugar (4.2) podem sugerir que este mar é o correlativo celeste ao mar do templo de Salomão (1Rs 7.23-25). Por último, o quadro da água celeste pode sugerir que Deus fornece fielmente água do céu (Dt 11.11). É coerente com o estilo de Apocalipse interligar uma série de imagens do Antigo Testamento.

quatro seres viventes. Estes ministros angelicais de Deus lembram os seres viventes ou querubim de Ez 1 e 10 e o serafim de Is 6. Eles são guardiões e carregadores do trono de Deus, como em Gn 3.24; Êx 25.17-22; Sl 18.10; 1Cr 28.18.

*****

4.11 Os servos de Deus apresentam, como resposta

cânticos de louvor à glória e aos feitos divinos (1.6 nota; Êx 15.11; Is

6.3).

tu criaste. O louvor e as imagens do cap. 4 centram-se na criação, afirmando

a soberania de Deus sobre o Universo (1.8 nota).

* **5.1-14** João reconta no caps. 4 e 5 (caps. 4; 5, nota) duas partes duma

única magnífica visão da glória de Deus. Um segundo ato dramático da visão é introduzido em 5.1. A ação transfere o foco da criação em 4.11 para a redenção e restauração. Os propósitos da redenção e governo de Deus somente podem ser realizados através daquele que é imcomparavelmente digno — Jesus Cristo. Ele é simultaneamente o Leão feroz da tribo de Judá, lutando contra os inimigos de Deus (17.14; 19.11-21), e o manso Cordeiro que foi morto, aquele que comprou seu povo com o sangue de seu sacrifício de expiação (vs. 9,10). Somente Deus na plenitude de sua trindade pode cumprir estes grandes propósitos. Observe a presença do Pai ("daquele que estava sentado no trono", vs. 1,7), do Filho ("Cordeiro", vs. 6,7) e do Espírito de Deus (v. 6; 1.4, nota), que é os chifres e olhos do Cordeiro.

Este capítulo constitui a cena introdutória do primeiro ciclo de juízos que conduzem à segunda vinda de Cristo (Introdução: Esboço). O Cordeiro e o livro selado são apresentados. A abertura dos selos em 6.1-8.1 aciona uma série de juízos que se originam no trono e propósito de Deus e acabam na sua manifestação final como Juiz. Ver notas em 6.12-17 e 8.1.

* **5.1 livro.** O livro pode representar várias coisas: a aliança de Deus, sua

lei, suas promessas, seus planos ou talvez uma vontade legal. O estreito paralelismo com Dn 12.4 torna possível que o livro seja celeste, contendo o plano de Deus e o destino do mundo. A abertura do livro significa a realização das coisas pertencentes aos propósitos

de Deus. João chora (v. 4) porque anseia pela realização dos propósitos de Deus (Mt 6.10) e porque percebe a dificuldade de como eles se realizarão. No entanto, através do sacrifício decisivo de Cristo, uma multidão é redimida (v. 9) e os propósitos do êxodo e do domínio original do homem finalmente são cumpridos (v. 10).

* **5.6 como tendo sido morto.** "Como" é usado porque o Cordeiro foi

morto, mas agora está vivo "pelos séculos dos séculos" (1.18). Os propósitos

de Deus para a história podem se concretizar somente com base na morte e ressurreição de Cristo.

sete chifres. Chifres freqüentemente representam poder (Sl 89.17; 92.10; Dn 7.8; 8.3). Neste caso, representam o poder do Espírito de Cristo pleno de vida eterna (Jo 3.34; Rm 8.11; 1Co 15.45).

sete espíritos de Deus. Ver nota em 1.4.

* **5.9 toda tribo, língua, povo e nação.** Na batalha espiritual, tanto Deus como Satanás reivindicam fidelidade em escala universal (7.9; 10.11; 11.9; 12.5; 13.7; 14.6,8; 15.4; 17.15; 18.3; 19.15; 20.3). Através do mérito e poder do sacrifício de Cristo, os propósitos de Deus serão realizados, cumprindo a promessa feita a Abraão de abençoar todas as nações (7.9-17; 21.24-27; Gn 12.3; 22.18; Is 60.1-5).

* **5.10 reino e sacerdotes.** Ver nota em 1.6.

* **5.11-14** Louvores que começaram nos círculos internos da adoração ao

redor do trono agora se expandem até encherem o Universo.

* **6.1-8.1** Juízos de Deus se desdobram na medida que um por um

dos

sete selos são abertos. A participação do Cordeiro nos lembra que tais juízos são baseados nas suas incomparáveis qualificações e realizações (cap. 5). Em uma estrutura solene, 5.1-8.1 corre em paralelo a 8.2-11.19. Cada um possui uma cena de abertura, introduzindo a origem dos juízos (cap. 5; 8.2-6).

Seguem-se seis juízos (cap. 6; 8.7-9.21). Um dramático interlúdio promete cuidado ao povo de Deus (cap. 7; 10.1-11.14). O sétimo e culminante juízo segue o interlúdio (8.1; 11.15-19; Introdução: Esboço). Os sete juízos

avançam em direção à segunda vinda, que acontece em 6.12-17 e 11.15-19. Os primeiros quatro dos sete juízos contêm uma unidade interna. Os quatro

seres viventes de 4.6 e os quatro cavaleiros de Zc 1.8 são refletidos em 6.1-8. As quatro partes principais do mundo (terra seca, mar, água doce e céu) são abordadas em 8.7-12.

* **6.1-8.** Os quatro cavaleiros representam conquista, guerra, fome e

morte. Estas calamidades caracterizam um período indefinido antes da segunda vinda (Mc 13.6-8). Tais coisas aconteceram nos tumultos do império romano, e podem ser esperadas agora e antes da segunda vinda. As imagens dão margem a múltiplas aplicações no decorrer da história da igreja (Introdução: Dificuldades de Interpretação). As sete igrejas foram exortadas a colocar sua confiança, não na paz e prosperidade supostamente alcançadas pelo governo romano, mas em Deus e suas promessas de um novo mundo (2.17; 3.12; 21.4). Quando aconteceram tumultos, elas foram certificadas que o Cordeiro ainda estava no controle — na verdade, os tumultos provinham de sua dignidade de quebrar os selos e da voz das criaturas viventes. Tais juízos representavam a mão disciplinadora de Deus sobre um mundo rebelde (9.20,21). Os santos

serão guardados em meio a essas tribulações (cap. 7). Eles foram selados como uma marca de propriedade e proteção (7.1-10; 9.4) e lhes será dado descanso perfeito no final (7.15-17). Tais promessas se aplicam tanto aos santos no decurso do tempo da igreja quanto às sete igrejas.

* **6.2 cavalo branco.** Baseados nas semelhanças com 19.11, alguns

pensam que aqui aparece Cristo, conquistando através do evangelho. É mais provável que o cavalo branco simboliza conquista em forma de calamidade terrena. Assim a calamidade dos vs. 1 e 2 é paralela às calamidades dos vs. 38 (6.1-8.1, nota).

* **6.6 Uma medida de trigo.** Haverá fome tão severa que o salário de

um trabalhador se destinará somente à alimentação. Famílias terão que comprar cevada, cereal de qualidade inferior. Azeite e vinho são poupados, talvez uma indicação que os ricos ainda serão capazes de usufrui-los.

* **6.9-11** Santos martirizados clamam por justiça, não por causa de

desejos egoístas, mas em harmonia com a justiça do trono de Deus (v. 10). Eles desejam ver a justiça de Deus plenamente manifesta.

* **6.10 dos que habitam sobre a terra?** Apocalipse mostra que a humanidade consiste de dois grupos: o povo de Deus cuja cidadania está no céu (Fp 3.20) e, em oposição a estes, os habitantes rebeldes da terra (v. 15; 8.13; 11.10; 13.3,8,12,14; 17.2,8).

* **6.12-17** Todos os habitantes da terra e o próprio Universo criado

provarão o juízo de Deus. Estes versículos apresentam a primeira das

sete descrições de Apocalipse de eventos associados à segunda vinda (Introdução: Características e Temas: Forma Literária). Em Lc 21.25-27 e Mc 13.24-26, a vinda do Filho do homem acontece imediatamente depois de fenômenos incomuns envolvendo sol, lua e estrelas. A menção de sete tipos de pessoas (v. 15) sugere juízo total, como também faz a caracterização do "Grande Dia da ira" (vs. 16 e 17). Assim este mundo será tão profundamente abalado, os santos devem colocar sua esperança em Deus (Lc 12.32-34; 1Co 7.29-31; Hb 12.25-29).

* **7.1-17** O anúncio do sétimo selo é dramaticamente adiado enquanto os

santos recebem certeza que Deus os conhece e protege em meio às calamidades retratadas no cap. 6.

* **7.3 selarmos.** Os fiéis são selados como sinal de proteção e

propriedade (9.4; 14.1; Ez 9.4).

* **7.4-8** A equilibrada numeração sugere que "doze" é número simbólico

da totalidade do povo de Deus. A antiga associação da tribo de Dã com idolatria (Jz 18) pode explicar sua omissão desta lista (21.8; 22.15). Alguns acreditam que os 144.000 aqui incluem somente crentes judeus. Mas "os servos do nosso Deus" no v. 3 devem incluir igualmente santos gentios. O

status igual de gentios e judeus nas sete igrejas (Ef 2.11-22) e as promessas associadas aos 144.000 (9.4; 14.1-5) confirmam isso. De acordo com os vs. 1-8, os santos são individualmente conhecidos por Deus e nenhum deles escapa do seu cuidado (Mt 10.30); de acordo com os vs. 9-17, nenhum ser humano pode contar a totalidade deles.

* **7.14 grande tribulação.** Muitos identificam a "grande tribulação" com

um período final de perseguição, pouco antes da segunda vinda. Mas tribulações acontecem para cristãos em toda era da igreja, assim que todo o tempo também pode ser caracterizado como um tempo de tribulação (2Ts

I. 5,6; 2Tm 3.1,12). O propósito da passagem era confortar os cristãos do primeiro século bem como aqueles que enfrentarão a crise final. Ver nota em

II. 2.

*** 8.1 silêncio no céu.** O próximo evento após 6.12-17 parece muito

naturalmente ser o aparecimento do próprio Cristo como último guerreiro e juiz (Mc 13.24-26). O silêncio pode indicar que o céu está em reverência perante sua presença (Hc 2.20; Zc 1.7). Neste momento, João não recebe um quadro mais pleno que desvende os eventos do juízo final e da restauração. Essa reserva mantém o interesse do leitor para ciclos de juízo posteriores.

*** 8.2-11.19** Sete anjos tocam sete trombetas. As trombetas acionam sete

juízos conduzindo à segunda vinda. As trombetas formam o segundo de vários ciclos que retratam de vários ângulos o governo de Deus sobre a história. Quanto à estrutura destes juízos, ver nota de 6.1-8.1. Semelhante às trombetas usadas na batalha de Jericó (Js 6), essas trombetas conduzem à queda da cidade mundana (11.8, nota; 11.13). Com a sétima trombeta chega a vitória total de Deus. As pragas da trombeta lembram as pragas do Egito, significando os juízos de Deus sobre poderes idólatras.

Os sete selos começam com anúncios de cavaleiros encarregados de trazer calamidades (6.1-8, nota). Em contraste, as sete trombetas contêm descrições

das calamidades em si. A intensidade do juízo cresceu. Porém, ainda outras coisas estão guardadas: a maioria das pragas das trombetas cai sobre um terço do povo ou da terra, e não sobre todos; a praga de gafanhotos de 9.1-12 termina depois de cinco meses; algumas pessoas sobrevivem ao colapso da cidade em 11.13. Em contraste, os últimos juízos com as taças (15.1-16.21) são profundamente devastadores.

* **8.2-6** Os juízos das trombetas provêm dos anjos de Deus que estão

perante o seu trono (v. 2). A visão dos caps. 4 e 5 persiste como ponto de apoio para este novo ciclo de visões. Semelhante aos juízos dos selos de 6.1-8.1, esses juízos são executados de acordo com o plano de Deus e suas ordens. As orações dos santos desempenham parte importante na origem dos juízos (vs. 3 e 4).

* **8.7-12** As pragas das primeiras quatro trombetas atingem as quatro

partes maiores da criação: terra, mar, água doce e céu. As primeiras quatro taças afetam as mesmas quatro partes (16.1-9). No período da igreja primitiva, estas visões se cumpriram tanto através de calamidades naturais como através de calamidades espirituais análogas, afligindo as almas dos perversos. Nessa espécie de imagens apocalípticas, um tipo de calamidade pode representar o outro. Os princípios gerais podem ser aplicados de maneira mais ampla. Tanto seres humanos como o mundo natural sofrem pressão até o tempo da renovação final (Rm 8.18-25). A segunda vinda é acompanhada pela destruição (purificação) final do Universo natural e pelo juízo dos seres humanos (2Pe 3.10,12).

8.7 saraiva e fogo. Paralelo a Êx 9.23,24.

8.8 sangue. Paralelo a Êx 7.14-24.

8.12 escurecesse. Paralelo a Êx 10.21-23.

* **8.13** **Ai!** Começo típico de um oráculo profético (p.ex., Am 5.18; 6.1).

As últimas três trombetas estão agrupadas como três ais (9.12; 11.14). Essas três pragas diferenciam claramente os justos dos perversos, como se verificou nas antigas pragas egípcias.

* **9.1-12** O toque da trombeta aciona um terrível exército de gafanhotos,

energizados por forças demoníacas (vs. 1 e 2). A imagem provém de Êx 10.1315 e Jl 2.1-11, onde uma praga literal de gafanhotos prefigura um juízo ainda mais devastador, procedente dum exército divinamente enviado (Jl 2.11). Seus poderes aterrorizantes somente se comparam aos das bestas (13.1-10). Esses monstros infernais atacam apenas os perversos, não os santos (v. 4).

Os perversos sofrem as vezes até mesmo nesta vida como uma amostragem da sua punição final (20.11-15). De acordo com intérpretes idealistas (Introdução: Dificuldades de Interpretação), a visão retrata a auto derrota e a natureza sofredora da perversidade na alma humana. Poderes do abismo não atacam os santos mas somente os perversos. Historicistas geralmente entenderam a visão como um retrato da conquista islâmica da Europa Ocidental degenerada (612-762 d.C.), mas tal aplicação seria apenas uma personifição do princípio, e imperfeita, por sinal. Futuristas entendem a visão como uma praga sobrenatural de espíritos demoníacos a ser solta sobre a terra pouco antes da segunda vinda. O princípio fundamental é o mesmo em todas as interpretações, e são possíveis múltiplas aplicações do princípio.

*
9.5 cinco meses. Um enxame normal de gafanhotos

de alguns dias. Este enxame demoníaco fica parado todo tempo durante o qual gafanhotos possam ser vistos.

*

9.11 Apoliom. Hebraico *Abanddon* e grego *Apollyon* ar

"destruidor". Talvez se trate de uma alusão irônica a Nero ou Domiciano. Ambos se consideravam semelhantes ao deus grego Apolo.

* **9.13-21** O império romano temia um ataque dos partos dalém do

Eufrates (v. 14), a fronteira leste do império. Mas todos esses temores são minimizados pelo que Apocalipse retrata. Ameaças externas experimentadas pelo império romano prenunciam o dia final da batalha cósmica (16.14). Os acontecimentos destes versículos são semelhantes àqueles de 16.14, mas as conseqüências são menos severas, deixando tempo para arrependimento (vs. 18-21).

* **10.1-11.14** Há um interlúdio com duas cenas entre a sexta e a sétima

trombeta (cap. 10 e 11.1-14). Ambas as cenas dizem respeito à função do povo de Deus e seu testemunho profético durante o tempo de provação. Na primeira visão, João recebe mensagens proféticas e é comissionado a proclamá-las. A segunda retrata a história das duas testemunhas e seu ambiente mais amplo.

* **10.1-11** Dn 10.5,6 e o chamado de Ezequiel (Ez 2.1-3.11) são paralelos

neste capítulo. João recebe as mensagens proféticas de um “livrinho”. Alguns pensavam que o livro (na verdade, um rolo, a mesma palavra grega como em 5.1) traz os conteúdos de 12.1-22.5, e que 12.1 começa uma nova divisão maior na estrutura de Apocalipse. Mais provavelmente, a visão deste capítulo fala, de modo geral, de João recebendo poder para continuar profetizando. Embora a função de João seja única, ainda assim é de várias maneiras um exemplo e padrão para o testemunho da igreja (1.2 nota). A igreja deve levar

a sério a mensagem do livro (1.3), viver por ela e estar pronta a comunicar suas implicações a “povos, nações, línguas e reis” (v. 11).

* **10.1,2** Um forte anjo aparece, refletindo a própria glória de Deus e o

lugar do seu trono (cf. 1.14-16; Ez 1.27,28; Dn 10.5, 6). A majestade do anjo reforça a autoridade e origem divina da mensagem.

*

10.9 será amargo ao teu estômago. O conteúdo do

de sofrimento.

doce como mel. Ver Sl 19.10; 119.103; Ez 2.3. A palavra de Deus fornece comunhão com Deus e sua bondade; portanto, até mesmo a mensagem de desgraça é acompanhada de doçura.

10.11 muitos povos. Ver nota em 5.9.

* **11.1-14** Esta segunda parte do interlúdio se concentra na história de

duas testemunhas. Semelhante a Moisés e Elias, estas testemunhas realizam milagres mortíferos (vs. 5 e 6). Outros panos de fundo do Antigo Testamento estão entrelaçados na visão. A menção de duas oliveiras e dois candeeiros (v. 4) se parece com as testemunhas da visão de Zc 4, na qual provavelmente as árvores simbolizam os ofícios real e sacerdotal de Zorobabel e Josué. Portanto, as testemunhas são representantes importantes de Deus. A resistência das testemunhas contra "a besta” (vs. 7-10) lembra-nos dos conflitos contra reinos bestiais em Daniel. Há uma referência a cidades e poderes perversos e opressivos no v. 8: Sodoma, Egito e a Jerusalém que crucificou Jesus. A ressurreição nos vs. 11 e 12 recorda a ressurreição de Cristo, mas também a linguagem de Ez 37 e o arrebatamento de Elias. As duas testemunhas junto com João (cap. 10) são modelos para os santos. Todos devem ser fiéis ao

testemunho de Jesus, mesmo em face à violenta perseguição da besta, devem estar dispostos a enfrentar martírio, sendo que Deus garante-lhes a vindicação (vs. 11 e 12).

* **11.1,2** A descrição lembra a queda de Jerusalém em 70 d.C. Supondo

que Apocalipse foi escrito antes de 70 d.C., alguns intérpretes consideram os cap. 6-11 ou mesmo partes maiores de Apocalipse como profecia referente à queda de Jerusalém. Mas estes versículos podem ser simplesmente, apenas uma figura da preservação do povo de Deus em meio a ataques. O templo representa a presença de Deus na terra, especialmente através do seu povo (cap. 4 e 5, nota). A medição significa o conhecimento e o cuidado de Deus (Ez 40 e 41). O altar e aqueles que adoram ali representam os verdadeiros adoradores de Deus, que estão selados e protegidos (cap. 7). A destruição do

átrio exterior representa ataque ao povo de Deus por pessoas de fora.

* **11.2 quarenta e dois meses.** Um tempo de aflição e intenso conflito entre o povo de Deus e seus inimigos (13.5). Também é descrito como 1.260 dias (v. 3; 12.6) ou "um tempo, tempos e metade de um tempo" (isto é, três anos e meio, 12.14). É metade de sete anos que, dum ponto de vista simbólico, sugere um período completo de sofrimento, abreviado pela metade. O pano de fundo principal se encontra em Dn 7.25 que, por sua vez, está relacionado a outras passagens (Dn 9.27; 12.7,11,12). Alguns intérpretes futuristas esperam por um período de tempo com essa duração pouco antes da segunda vinda. Mas semelhante a outros números em Apocalipse, este pode ser simbólico no caráter, referindo-se aos três dias e meio dos vs. 9 e 11. Neste caso, designaria uma perseguição de duração limitada.

* **11.3 duas testemunhas.** Possivelmente dois seres humanos literais: ou dois profetas cristãos que sofreram martírio pouco antes

da queda de Jerusalém, ou dois profetas que aparecerão pouco antes da segunda vinda. Mas identificá-los com dois candeeiros (v. 4) sugere que sejam personagens simbólicos para as testemunhas dos candeeiros igrejas de 1.20. Se este é o caso, simbolizariam as igrejas e não indivíduos específicos. Dois candeeiros em vez de sete, são mencionados para imitar o padrão de Zc 4 e de Moisés e Elias (11.1-14, nota; cf. Dt 17.6; Mt 17.3,4; Lc 10.1).

* **11.7 a besta.** Ver nota em 13.2 e Introdução: Características e Temas:

Outros Aspectos.

* **11.8 da grande cidade.** Para muitos, este versículo sugere que se tem

em mente ao longo deste capítulo a antiga Jerusalém (11.1,2 nota). Mas o simbolismo apresenta em potencial muitas aplicações. A cidade é a cidade mundana, representando a humanidade e a civilização humana na sua rebelião contra Deus. Babel, Sodoma, Egito, Jerusalém, a antiga Roma, cidades modernas e uma apostasia final antes da segunda vinda, todos são exemplos.

Ver Introdução: Dificuldades de Interpretação e nota em 17.1-19.10.

11.9 povos, tribos, línguas e nações. Ver nota em 5.9.

três dias e meio. Ver nota no v. 2.

11.10 Os que habitam sobre a terra. Ver nota em 6.10.

* **11.11,12** Se as duas testemunhas são indivíduos, sua ressurreição

presumivelmente deveria ser interpretada literalmente. Se as testemunhas são símbolos para as igrejas, sua ressurreição simboliza a vitória do testemunho cristão depois dum tempo de intensa

perseguição (6.9,10; 20.1-6). Ver nota no v. 3.

* **11.15-19** O segundo ciclo de juízos (8.2-11.19) termina com uma

segunda descrição da segunda vinda, enfocando o juízo final (v. 18) e o triunfo do governo de Deus como Rei (vs. 15,17).

* 11.19 o santuário de Deus. Ver nota em 4.2.

arca. A arca da Aliança era o objeto mais santo do tabernáculo (Êx 25.10-22). Geralmente era escondido da visão atrás das cortinas do tabernáculo. A revelação deste objeto mais oculto significa que Deus tem revelado sua glória, tanto a glória de sua lei (as palavras da aliança) como de sua misericórdia (como simbolizada pela cobertura expiatória, chamada de propiciatório).

* **12.1-14.20** Este terceiro ciclo de visões consiste basicamente de

histórias de personagens simbólicos chaves: o dragão, a mulher, a besta, o falso profeta, os 144.000, mensageiros angelicais e o Filho do homem (Introdução: Esboço). Diferentemente dos ciclos dos sete selos (5.1-8.1) e sete trombetas (8.2-11.19), estas visões não apresentam numeração explícita. Mas, semelhantemente aos ciclos anteriores, elas conduzem à uma visão da segunda vinda (14.14-20). Os dois ciclos anteriores centraram-se nos juízos

vindos do trono de Deus. Este ciclo retrata em profundidade a natureza do conflito espiritual. Aparecem personagens em forma simbólica para representar as forças dos dois lados de uma batalha cósmica espiritual.

Deus mesmo já foi revelado nos caps. 4 e 5. Em oposição a Deus, estão Satanás (o dragão) e seus agentes, a besta (13.1-10) e o falso profeta (13.1118; 16.13). No lado de Deus, está seu povo, retratado como uma mulher portadora de luz (12.1-6,13-17) e como uma multidão casta, contada e protegida (14.1-5). Estes dois quadros

complementares mostram os santos na sua capacidade de testemunhas da luz de Deus e como separados das corrupções do mundo. Assim os santos são exortados a permanecerem fiéis a Cristo em resposta à perseguição da besta, e a permanecerem puros em resistência à sedução da meretriz
(Introdução: Características e Temas:

Conteúdo). Os quadros simbólicos mostram os dois lados destituídos de toda inconsistência e confusão para expressar claramente a natureza da batalha espiritual (Ef 6.10-20). O conflito presente será seguido pela paz de 21.1-22.5, quando acontece o cumprimento dos planos de Deus.

* **12.1 uma mulher.** A imagem traz à memória o sonho de José (Gn

37.9,10) e o quadro de Jerusalém dando à luz ao Messias e seus remanescentes (Is 54.1-4; 66.7-13; Mq 5.3). Estão em foco os santos do Antigo Testamento coletivamente. Maria, mãe de Jesus, está inclusa no grupo, mas somente como um importante membro do todo. A última história mostra que os santos do Novo Testamento também estão incluídos (vs. 13.17). O caráter resplandecente da mulher prefigura a glória da nova Jerusalém (21.11,22-27). Nos seus privilégios, a igreja participa agora já das bênçãos futuras. Mas ela ainda é fustigada por Satanás (caps. 12-14, nota).

* **12.3 um dragão, grande, vermelho.** Este personagem é identificado

como Satanás, o diabo, no v. 9. A imagem do dragão retrata Satanás no seu monstruoso poder e grande inimizade contra Deus. Satanás se opôs constantemente aos planos de Deus e foi repetidamente derrotado nos grandes atos do poder salvífico de Deus (Gn 3.1,15; Sl 74.13,14; Is 27.1;

51.9,10; Ez 29.3; Lc 10.18; 11.14-23; Jo 12.31; Cl 2.15). Ele se levanta contra o Messias (vs. 4 e 5) e seus servos (v. 17), mas finalmente será entregue à punição eterna (20.10).

* **12.5 um filho varão.** Em cumprimento a Mq 5.3, Cristo nasceu e seu

governo triunfante será estabelecido sobre as nações, como foi afirmado por sua ressurreição e ascensão.

*
12.6 Deus promete proteção à igreja perseguida. Ver

sobre os 1.260 dias.

* **12.7-12** A vitória de Cristo (v. 5) resulta em conseqüências assoladoras,

começando pela expulsão de Satanás por Miguel, que está funcionando como agente de Cristo. A passagem não fala da queda de Satanás na época da criação mas da sua derrota na crucificação e ressurreição de Cristo (v. 12; Jo 12.31; Cl 2.15).

* **12.13-**
17 Tendo falhado em destruir Cristo (vs. 4 e 5), o

destruir o povo de Cristo. Usa sua boca, representando engano (vs. 15, 9; 2Ts 2.9,10). Quando o engano falha, ele empreende com poder perseguidor (12.17-13.10).

12.14 um tempo, tempos e metade de um tempo. Ver nota em 11.2.

* **13.1-10** Uma besta emergindo do mar representa poder perseguidor,

especialmente o poder de um estado demonizado. Ver Introdução: Características e Temas: Outros Aspectos.

* **13.2 leopardo... urso... leão.** Esta besta combina aspectos das

quatro

bestas de Dn 7.1-8,17-27, que representa reinos idólatras. Esta besta em

Apocalipse deve ser um reino mundano, englobando todos eles. Desta maneira, as perseguições estatais de Daniel e seus amigos sugerem a natureza da perseguição por parte do estado romano que as sete igrejas devem enfrentar — e, possivelmente, perseguições de épocas posteriores. Intérpretes discordam quanto à perseguição específica que a besta representa mais diretamente (Introdução: Dificuldades de Interpretação). Na Ásia Menor, governantes locais ameaçavam matar os cristãos se eles se recusassem adorar o imperador romano. Oposição semelhante à adoração divina surgirá imediatamente antes da segunda vinda (2Ts 2.4). Perseguições surgem esporadicamente no período entre essas duas épocas (Mt 24.9; 2Tm 3.12,13; 1Pe 4.12-19). Em 2Ts 2.7,8 aparentemente são sugeridos um modelo repetido de oposição satânica e uma erupção final e culminante. Os cristãos não devem ser surpreendidos por essas pressões. Se necessário, devem enfrentar martírio, sabendo que Deus está no controle e que seu triunfo é certo.

13.5 quarenta e dois meses. Ver nota em 11.2.

*** 13.7 pelejasse contra os santos.** A besta exige adoração (v. 8), e

quando os santos recusam submeter-se, são mortos. Mas, apesar de sua aparente derrota, mártires usufruem de vitória com Cristo imediatamente (6.911) e também quando suas orações pela derrota final da besta são respondidas (19.11-21).

tribo... língua e nação. Ver nota em 5.9.

*** 13.8 livro da vida.** O grego também possibilita a tradução "escritos no

livro da vida do Cordeiro morto desde a fundação do mundo” (cf. 17.8). O livro é o registro celeste dos que são destinados à nova vida através da compra pelo sangue de Cristo (3.5; 5.9). Em meio à perseguição e ao grande poder da besta, os santos podem encontrar segurança na garantia de Deus quanto à sua cidadania celeste (17.8; 20.12,15; 21.27). Garantia semelhante é encontrada no cap. 7.

13.10 perseverança. Ver nota em 1.9.

*

*** 13.11-18** A besta que emerge da terra, também chamado de falso

profeta (16.13; 19.20; 20.10), atua como uma propagandista da besta. Suas ações falsificam o testemunho do Espírito Santo (ver Introdução: Características e Temas: Outros Aspectos). Na Ásia Menor do primeiro século, os principais propagandistas teriam sido sacerdotes do culto ao imperador e a "Comuna da Ásia” , um concílio de distintos representantes da cidade que promoviam lealdade ao imperador. Também nos tempos modernos, o totaliterismo alista propagandistas. Imediatamente antes da segunda vinda, falsos milagres acompanharão o aparecimento do "homem da iniqüidade” (2Ts 2.3,9). O falso profeta incorpora um modelo repetitivo (Introdução: Dificuldades de Interpretação).

*** 13.16 certa marca.** A marca da besta é uma falsificação do selo do

nome de Deus nos santos (7.2-8; 14.1; Ez 9). A besta se apropria daqueles que estão marcados, e eles são seus escravos (14.9; 19.20; 20.4).

Especulações em torno de uma marca visível erram o alvo principal da distinção espiritual entre os dois grupos.

*** 13.18 seiscentos e sessenta e seis.** No tempo de

Domiciano, o antigo

imperador Nero havia se tornado uma figura tradicional do anticristo, e "seiscentos e sessenta e seis" provavelmente já era conhecido como o valor numérico associado ao nome Nero César em hebraico. O número, portanto, designa ou o próprio Nero (que devia ressuscitar dos mortos e liderar uma invasão contra Roma, segundo uma crença muito difundida durante o reinado de Domiciano) ou um personagem posterior, imitando a impiedade de Nero. Muitos tem tentado identificar o anticristo final com base no número, mas suas associações com Nero podem muito bem ser seu único significado. Sempre precisamos estar sempre vigilantes para a vinda de Cristo, sem aventurar-se na fixação de datas (Mt 24.36-51).

* **14.1-5** Os "cento e quarenta e quatro mil" representam os santos no seu

número total (7.4-8, nota). Eles formam uma congregação sacerdotal (5.10) consagrada para oferecer louvor a Deus no monte santo.

* **14.4 castos.** Usam-se figuras sexuais para expressar pureza espiritual. Seguidores fiéis de Cristo mantêm distância da Babilônia, a prostituta (v. 8; 17.1-6), e são leais exclusivamente a ele, como sua pura noiva (19.7,8; Ef 5.26,27). Pureza na conduta sexual é incluída como um elemento dessa pureza ampla (1Co 6.15-20).

* **14.6 cada nação, e tribo, e língua, e povo. Ver nota em 5.9.**

* **14.8 a grande Babilônia.** Ver nota em 17.1-19.10.

vinho... da sua prostituição. Imoralidade sexual bem como idolatria (que é adultério espiritual) eram as maiores tentações para as sete igrejas (2.20, nota). Mas o resultado, semelhante àquele da embriaguês, é vergonha, tolice e desgraça (17.2,4; 18.3; 19.2; Pv 9.13-18; Jr 51.7).

* **14.9 a besta.** Ver nota em 13.2 e Introdução: Características e Temas: Outros Aspectos.

sua marca. Ver nota em 13.16.

* **14.12 perseverança dos santos.** Ver nota em 1.9.

* **14.14-20** Uma descrição da segunda vinda como a colheita que Cristo

preside (Mt 13.36-43; cf. Jl 3.12-16) — o "um semelhante a filho de homem" (1.13; Dn 7.13,14). São descritas duas colheitas: cereais (vs. 14-16) e uvas (vs. 17-20). Esses talvez sejam dois aspectos dos mesmos eventos do juízo. Porém, a colheita de cereais pode simbolizar a colheita dos justos (Lc 3.17), seguida pela colheita dos ímpios (uvas).

* **15.1-16.21** O ciclo das sete taças da ira de Deus compõe o quarto ciclo

de visões que conduzem à segunda vinda (Introdução: Características e Temas: Forma Literária). A cena inicial da adoração (15.1-16.1) lembra a

adoração ao redor do trono de Deus nos caps. 4 e 5. Os vencedores alegram-se na presença de Deus (15.3,4). Sete anjos resplandecentes recebem taças da presença de Deus no templo. As taças simbolizam o cálice da ira de Deus que embriaga as nações (14.10; 16.19; Is 51.17,20,22; Jr 25.15-29; Lm 4.21; Ez 23.31 -34; Hc 2.16). Ao comando de Deus, as taças são derramadas (16.1), resultando em sete flagelos finais. Os flagelos conduzem à segunda vinda, "pois com estes se consumou a cólera de Deus" (15.1).

As sete taças apresentam semelhanças notáveis com as sete trombetas. As primeiras quatro taças, semelhante às primeiras quatro trombetas, resultam em devastação nas quatro partes maiores da

criação: terra, mar, água doce e céu. Semelhante às trombetas, as taças lembram as pragas contra o Egito. Mas as taças provocam juízos mais severos do que provocaram as trombetas. Os juízos das trombetas afetaram tipicamente uma terça parte do total, mas as taças afetam o todo.

Essas taças simbolizam os juízos de Deus contra malfeitores. O padrão geral pode incluir tanto os juízos contra o império romano descrente como a crise final que conduz à segunda vinda (Introdução: Dificuldades de

Interpretação).

* **15.2 mar de vidro.** Ver nota em 4.6.

os vencedores. Os santos através de suas orações, têm uma função a desempenhar nos juízos de Deus (6.9-11). Como no cap. 7, eles são protegidos dos juízos que caem sobre a terra.

* **15.3 cântico de Moisés.** Uma alusão a Êx 15. Semelhante aos

israelitas, os santos são libertos da opressão idólatra através de flagelos enviados por Deus.

Justos. Os atos de juízo de Deus nunca são arbitrários ou movidos por ódio, mas pagamento justo por más ações (v. 4; 16.5,7; 19.2,11).

* **15.5 santuário.** A área interna da habitação celeste de Deus já foi

descrita nos caps. 4 e 5 (nota).

* **15.6 linho puro e resplandecente.** No Antigo Testamento, o linho era

vestimenta sacerdotal (Êx 28.42; Lv 16.4). Com isso enfatiza-se a santidade dos juízos de Deus (v. 3, nota).

* **15.7 quatro seres viventes.** Ver nota em 4.6.

* **15.8 fumaça.** Fumaça ou nuvem espessa acompanha freqüentemente a

presença de Deus, especialmente quando ele está irado. As associações incluem o monte Sinai (Êx 19,9,16,18; 20.18) e as visões de Isaías e Ezequiel (Is 6.4; Ez 1.4; cf. Nm 12.5; Sl 18.8,11; 74.1).

* **16.2 úlceras.** Semelhante à praga das úlceras no Egito (Êx 9.8-12).

* **16.3,4 sangue.** Semelhante à praga do sangue no Egito (Êx 7.14-24).

* **16.5 justo.** Ver nota em 15.3.

* **16.10 trevas.** Semelhante à praga de trevas no Egito (Êx 10.21-23).

* **16.14 ajuntá-los para a peleja.** Na batalha culminante, todas as forças

do mal são reunidas para lutar contra o guerreiro Cordeiro (17.14). A imagem lembra a batalha de Deus contra Faraó em Êx 15.2, mas o panorama é universal quanto à sua extensão. Várias passagens de Apocalipse descrevem a batalha com detalhes e precisão crescentes (17.13,14; 19.11-21; 20.7-10; cf. 6.12-17), todas baseadas na batalha escatológica de Gogue e Magogue de Ez 38 e 39. No decurso do tempo da igreja, há épocas de intenso confronto entre

Deus e as forças de Satanás (2.10,13), mas o mais intenso acontece na segunda vinda (19.11-21).

* **16.16 Armagedom.** Uma transliteração do hebraico correspondente a "monte de Megido". No Israel antigo, Megido era uma cidade de grande importância pela qual atravessava uma

estrada principal, ligando grandes reinos da Mesopotâmia e Egito. Enormes exércitos podiam reunir-se na vizinha planície de Esdraelom. Portanto, é um nome apropriado para a localização da batalha culminante.

* **16.17-21** A sétima taça encerra o ciclo de juízos. Semelhante aos outros ciclos, este termina com a segunda vinda (Introdução: Características e Temas: Forma Literária), embora os símbolos da segunda vinda não sejam tão óbvios quanto em alguns outros casos. Observe as seguintes figuras: foi dito aos leitores que o fim da ira de Deus viria com a sétima taça (15.1); a remoção de todas as ilhas e montanhas no v. 20 corresponde ao último tremor de terra em

6.14 e 20.11 (Hb 12.26,27); noutro lugar, a queda da Babilônia é seguida imediatamente pela ceia nupcial do Cordeiro (19.1-10); em 17.14-17, a queda da Babilônia é associada com a última batalha, a qual acontece por ocasião da segunda vinda (19.11-21). Além disso, aquela batalha final era iminente no v. 16. O juízo da sétima taça continua a prática de extrair a imagem da batalha final do conflito com Gogue e Magogue (v. 14, nota), agrupando um terremoto, a derrubada das montanhas e saraiva, como em Ez 38.19-23. Portanto, descreve os juízos divinos em forma de flagelos que acompanham a batalha; uma descrição de outros aspectos da batalha é prorrogada até 19.11-21, mantendo-se o plano dramático de Apocalipse.

* **17.1-19.10** Aparece a Babilônia meretriz, representando as seduções do mundo (17.4; 18.3; ver Introdução: Características e Temas: Outros Aspectos). "Babilônia" provavelmente é um símbolo para a cidade de Roma (17. 9 nota, 17.18) com sua imoralidade. O paganismo transformou cada uma das cidades da Ásia Menor numa pequena manifestação desta Babilônia. Participação econômica e social plenas (13.17) envolvia assistir a festas e celebrações religiosas pagãs. Esperava-se adoração ao imperador como expressão de

lealdade política. Pagãos chamavam cristãos de ateus porque eles não adoravam os muitos deuses; chamavam-nos de detestadores da humanidade porque se retraíam de formas comprometedoras de vida social (1Pe 2.12; 4.3,4). Como reação a esta pressão, alguns cristãos professos argumentavam que a participação de festas idólatras e imoralidade sexual era aceitável (2.12,20; 1Co 6.12-20). A mulher Jezabel de 2.20-23 era sedudora principal. Sua atividade é generalizada e mais profundamente simbolizada na meretriz Babilônia (2.21,22; cf. 17.2).

Poucos intérpretes preferem identificar Babilônia, "a grande meretriz", com Jerusalém. Recusando-se aceitar o Messias, Jerusalém tornou-se prostituta na simbologia do Antigo Testamento (Is 1.21; Ez 16; 23; Os 2; cf. Lc 11.47-51; 21.9-18). Mas Jerusalém era apenas um exemplo de uma sociedade que afastava pessoas do verdadeiro culto. A antiga Babilônia era outro exemplo. Apocalipse utiliza a linguagem das condenações proféticas de Babilônia e Tiro (Jr 50 e 51; Ez 27). Cidades modernas com suas falsas religiões e exploração sexual também são tipos de Babilônia. Portanto, o simbolismo de Babilônia representa várias situações históricas, inclusive a manifestação final e culminante desta "Babilônia" imediatamente anterior à segunda vinda.

Quando a destruição do falso culto é completa (17.1-18.24), os verdadeiros adoradores, a noiva do Cordeiro, se sobressaem no seu esplendor e alegria (19.1-10).

* **17.3 em espírito.** Ver nota em 1.10.

besta escarlate. Esta meretriz monta em uma horrível besta, evidentemente a mesma de 13.1-10. A besta, representando o império romano, sustenta a cidade de Roma na idolatria luxuosa. Ela também espalha as práticas de Roma por todo o império. Ocasionalmente, porém, a besta volta contra a meretriz e a destrói (vs. 16,17). Os poderes vorazes do governo e das legiões romanas destroem a prosperidade, e eventualmente as forças militares

das tribos circunvizinhas destroem completamente a cidade de Roma. Pode-se generalizar a lição dos tempos romanos: estados idólatras acabam destruindo

os próprios poderes, riquezas, privilégios e o povo que inicialmente sustentavam. Falsa adoração é auto-destrutiva.

* **17.4 prostituição.** Ver nota em 2.20.

* **17.7-18.24** Sete mensagens de juízo sobre a Babilônia são arranjadas

em grupos maiores: três mensagens angélicas de condenação (17.7-18; 18.13; 18.4-8), três lamentos de pessoas comprometidas com a Babilônia (18.9-10,11-17a, 17b-19) e um pronunciamento final da sua queda permanente (18.21-24). Observe também as muitas referências a Jr 50 e 51 e Ez 27.

*
17.8 era e não é, está para emergir. A descrição uma falsificação da

soberania de Deus que é proclamada em 1.4,8; 4.8. "E não é" indica que a perseguição está diminuindo mas ressurgirá com intensidade renovada no futuro. A besta representa o modelo repetitivo de perseguição, como o representaram as quatro bestas sucessivas de Dn 7 (13.2 nota).

livro da vida. Ver nota em 13.8.

* **17.9 sete montes.** Roma foi construída sobre sete montes ou colinas.

* **17.10 caíram cinco.** Se Apocalipse foi escrito por volta de 67 d.C.,

esses cinco podem ser os primeiros cinco imperadores romanos,

começando com Júlio César. O sexto é Nero, o imperador que estava no poder no tempo em que foi escrito Apocalipse. Mas também pode ser o caso que cinco simplesmente representa um número indefinido de estados perseguidores do passado (tais como as bestas de Dn 7). A presença do sexto indica de forma simbólica que os cristãos estão próximos do fim, mas não totalmente lá.

*

17.12 dez chifres. O número "dez" apareceu anteriorm no v. 7 e

13.1 bem como em Dn 7.7,24. Mas a besta de Apocalipse não pode simplesmente ser identificada com a quarta besta de Daniel. Pelo contrário, ela é uma combinação de características de todas as quatro bestas de Daniel. Em Apocalipse, os dez chifres são aliados reais da besta. Considerando

16.12,14,16; 19.19; 20.8, pensa-se nos poderes políticos além das fronteiras do império romano. Roma foi ocasionalmente devastada por tribos bárbaras. Mas a cena se configura além dos limites de Roma e abre um quadro da batalha final na qual a besta recrutará ajuda em larga escala.

*** 17.15 povos, multidões, nações e línguas. Ver nota em 5.9.**

*** 17.16 odiarão a meretriz.** Ver nota em 17.1-19.10.

*** 17.17 em seu coração incutiu Deus.** Em meio a aflições, os santos

são certificados que Deus está no controle até mesmo deste conflito aterrador.

*** 18.1 sua glória.** Por causa de sua exaltada função, o esplendor dos

anjos reflete o esplendor do próprio Deus (10.1,2 nota).

* **18.2 morada.** Ver Jr 50.39.

* **18.3 vinho... sua prostituição.** Ver nota em 2.20.

* **18.4 Retirai-vos.** Ver Is 48.20; 52.11; Jr 50.8; 51.6,45; 2Co 6.17.

* **18.5 acumularam até ao céu.** Lembrança irônica de Gn 11.4; Jr 51.9.

* **18.6 Dai-lhe em retribuição.** O juízo é de acordo com a natureza da

ofensa (Êx 21.23-25).

* **18.8 consumida no fogo.** Ver Jr 50.32.

* **18.11 compra a sua mercadoria.** Reis, comerciantes e marinheiros

foram seduzidos ao culto da luxúria.

* **18.21** O propósito da queda da Babilônia é retratado pelo ato

irreversível de lançar-se uma grande pedra no mar (Jr 51.63,64).

* **19.1-10** A vitória da noiva em sua pureza é contrastada com a

destruição da igreja falsa e corrupta (Babilônia). Observe o repetido "Aleluia!" (vs. 1,3-6).

* **19.2 justos.** Ver nota em 15.3.

* **19.4 vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes.** Ver notas em 4.4,6. A celebração final da vitória de Deus acontece apropriadamente perante sua presença na companhia das hostes celestes (Hb 12.22-24).

* **19.7 bodas do Cordeiro.** O quadro de casamento expressa a intimidade, o amor e a alegria entre Cristo e seu povo. Cumprem-se as promessas anteriormente expressas na Escritura (Is 54.5-8; Os 2.19,20; Ef 5.26,27).

* **19.9 ceia das bodas.** Observe os contrastes entre esta festa abençoada e a horrível festa dos vs. 17,18.

* **19.10 o testemunho de Jesus é o espírito da profecia.** O anjo é um servo companheiro dos profetas (22.9). João possui o espírito da profecia (22.6); ele recebe o testemunho que Jesus dá, e o apresenta à igreja (1.2; 6.9). O ministério de João compara-se ao dos anjos.

* **19.11-21** O sexto ciclo de juízos que conduz à segunda vinda (Introdução: Características e Temas: Forma Literária) é apresentado nestes versículos. Nos ciclos anteriores, o simbolismo centra-se com mais e mais intensidade na segunda vinda e os eventos imediatamente precedentes. Neste ciclo, todos os eventos, na verdade, são parte da segunda vinda. Porém, como é típico de Apocalipse, eles revelam princípios de batalha espiritual que tem acontecido no decurso do tempo da igreja (Ef 6.10-20; 1Jo 5.4,5). No final, Jesus Cristo é revelado (22.13; Hb 13.8).

Cristo aparece para promover a batalha final contra todos os inimigos de Deus, liderados pela besta e o falso profeta. Os atributos divinos de Cristo contrastam visivelmente com os atributos ímpios falsificados da besta (13.1-

10, nota). Esta batalha final conduz a um clímax todas as batalhas que Deus travou em benefício do seu povo (Êx 15.2; Dt 20; Is 59.16-18; Ez 38; 39; Hc 3.8-15; Zc 12.1-9; 14.3-5) e consuma o triunfo obtido por Cristo na cruz

(5.9,10; 12.10,11; Jo 12.31; Cl 2.15). Alguns interpretaram a simbologia

como uma referência à propagação do governo de Cristo através de

submissão ao evangelho, mas os paralelos de outras visões mostram que está em foco primariamente a batalha final (16.14,16-21 e notas; 17.14; 20.7-10).

* **19.11 céu aberto.** Em contraste a 4.1, a presença celeste de Deus agora é revelada não apenas a João, mas a toda a humanidade. A aparição de Cristo em sua majestade deve significar o fim da batalha e a destruição de todos os inimigos perante ele.

* **19.17 ceia.** Ver Ez 39.4,17-20.

* **19.19 besta.** Ver nota em 13.1-10. **exércitos, congregados.** Ver nota em 16.14.

* **19.20 lago do fogo.** Inferno, o lugar de tormento eterno para os ímpios (14.9,10; 20.10,14,15; 21.8; Is 66.24). Fogo é freqüentemente associado a juízo que consume totalmente (Is 66.15,16; Jl 2.3). Ver "Inferno" em Mc 9.43.

* **20.1-10** Um anjo descendo do céu aprisiona Satanás por mil anos (ver Introdução: Dificuldades de Interpretação: O Milênio). Os mártires fiéis (v. 4) revivem e reinam com Cristo. Depois dos mil anos, Satanás é solto, reúne as nações para batalha e, finalmente, lhe é tomado todo o poder (v. 10).

* **20.2 o prendeu.** O poder de Satanás de influenciar as nações é suprimido. Pré-milenistas e alguns pós-milenistas associam este evento com o início de uma extraordinária era futura de paz e prosperidade, em contraste com o presente (1Ts 2.18; 1Pe 5.8). Amilenistas pensam que a prisão de Satanás já aconteceu através da morte e ressurreição de Cristo (12.9; Mt 12.29; Jo 12.31; Cl 2.15). A atual propagação do evangelho às nações,

conforme iniciada em Atos, é o resultado de uma restrição do poder enganador de Satanás. Possivelmente esta restrição do poder de Satanás está intimamente associada com a presente temporária destruição da besta (17.8).

mil anos. Ver nota nos vs. 1-10.

* **20.3 enganasse as nações.** Ver vs. 8,10; 13.14; 16.14; 19.20.

* **20.4 almas.** Ver 6.9,10. Mártires são destacados como o grupo mais

notável de fiéis testemunhas. Mas outros santos não são excluídos dos privilégios mencionados.

a besta. Ver nota de 13.1 -10.

reinaram. Ver 2.26,27; 3.21.

* **20.5,6 a primeira ressurreição.** Se esta ressurreição significa ressurreição do corpo, então ela coincide com a segunda vinda (1Co 15.51-57; 1Ts 4.13-18) e os pré-milenistas estão corretos (vs. 1-10, nota). Por outro lado, a linguagem referente à segunda morte nos vs. 6, 14 e 21.8 sugere um contraste entre a primeira e a segunda morte. A primeira morte é morte física, mas apenas é preliminar e não final. A segunda morte é de caráter final e espiritual. De maneira semelhante, a primeira e a segunda ressurreição podem ser preliminares e finais, respectivamente. A primeira é espiritual, a segunda é do corpo. A primeira ressurreição então deve ser entendida como coincidente ou com o nascimento espiritual (Jo 5.24,25) ou com a partida para estar com Cristo por ocasião da morte física (6.9,10; 2Co 5.8; Fp 1.23). Em vista da preocupação de Apocalipse de vindicar os mártires, a última alternativa parece preferível.

* **20.6 sacerdotes.** Ver nota em 1.6.

* **20.8 Gogue e Magogue.** Estes nomes, tomados de Ez 38 e 39,

representam os últimos inimigos de Deus.

a fim de reuni-las para a peleja. Ver 16.14.

* **20.11-15** Deus aparece em cena no juízo final. A autoridade de Deus de

julgar já foi antecipada no cap. 4 e 5. Agora ele executa o juízo que exalta seu caráter e poder sobre o Universo criado. A visão apresenta figuras semelhantes às de Sl 7.6-8; 47.8,9; Dn 7.9,10 e outras cenas de juízo do Antigo Testamento (cf. Mt 25.31-46).

Injustiças e sofrimentos na história nunca fogem aos olhos de Deus. Aqueles que perseguem e praticam injustiça não podem vencer no fim. Deus julgará toda obra, todos os males serão endireitados e todas as tentativas de destronar Deus e entronar qualquer outra coisa ou pessoa serão transtornadas para frustrar completamente os inimigos de Deus. A expectativa do juízo final devia ser um terror para os inimigos de Deus; para os santos, porém, um alicerce de segurança.

O juízo final acontece depois dos mil anos dos vs. 2 e 7. Pré-milenistas acreditam que a segunda vinda antecede os mil anos e, portanto, deve incluir um juízo distinto próprio. Na segunda vinda, os cristãos recebem sua recompensa, e este juízo posterior destina-se aos ímpios e àqueles que habitam em corpos não transformados durante os mil anos. Amilenistas e pós-milenistas, por outro lado, geralmente compreenderam essa passagem como uma dentre as muitas referências a um juízo final universal por ocasião da segunda vinda (vs. 1-10, nota).

* **20.11 trono.** Ver 4.2, nota.

fugiram a terra e o céu. Ver 6.14.

* **20.12 livro da vida.** Ver nota em 13.8.

* **20.14 lago de fogo... segunda morte.** O estado final de tormento

eterno para o qual serão entregues todos que se rebelaram contra o governo soberano de Deus e permaneceram impenitentes. Ver nota em 19.20; "Inferno" em Mc 9.43.

* **21.1-8** A voz de Deus anuncia a descida da nova Jerusalém sob o pano de fundo de total renovação: um novo céu e uma nova terra. Deus é o Alfa (1.8, nota), o Criador. Seus propósitos foram expressos desde o princípio. Ele é o Ômega, o consumador que leva os seus propósitos à concretização final. A glória, o poder e a beleza de Deus presentes na esfera do céu (cap. 4), agora são estendidos a todo o seu povo (v. 3). Mal e dor são abolidos na nova criação, em contraste com a dor, o sofrimento e as lutas que acompanham os capítulos anteriores de Apocalipse. As promessas feitas aos vencedores agora se cumprem (2.7 nota).

As visões finais de Apocalipse se entrelaçam em uma bela unidade de inúmeros temas bíblicos. Observe os temas da criação (v. 1), a cidade santa de Jerusalém, a comunhão com Deus expressa na figura do casamento (v. 2), a habitação de Deus, inclusive o tabernáculo e o templo (caps. 4 e 5 nota), os santos como povo exclusivo de Deus (v. 3), o fim do sofrimento e da morte (v. 4), novos atos de salvação, confiabilidade da palavra de Deus (v. 5), água da vida (v. 6), tornado-se filho de Deus (v. 7), advertências a incrédulos e juízo (v. 8).

Geralmente esses versículos são geralmente agrupados com 21.9-22.5. As duas passagens apresentam dois aspectos da visão final da nova Jerusalém. Muitas verdades são introduzidas nos vs. 1-8 que apareceram bem mais elaboradas e em descrição mais visionária em 21.9-22.5. Mas os vs. 1-8 também apresentam estreitas relações com 20.11-15. O juízo final de Deus, na verdade, possui dois lados: o lado negativo (o juízo dos ímpios) é expresso em 20.11-15, enquanto que o lado positivo (a recompensa para os justos) é expressa aqui. Na mensagem negativa de 20.11-15, há uma nota positiva, o livro da vida (20.15). Semelhantemente, na mensagem positiva dos vs. 1-8, há uma nota negativa, o lago de fogo (v. 8). Esses versículos e 20.11-

15 são cenas simétricas retratando juízo tanto negativa como positivamente.

* **21.1 novo céu e nova terra.** Alguns tem argumentado que o novo universo será um mundo totalmente novo sem nenhuma relação com o antigo. Mas Is 65.17-25 e Rm 8.21-23 indicam que se tem em mente a transfiguração do mundo atual, semelhante à maneira como nossos novos corpos serão

transfigurados dos antigos (1Co 15.35-57). Todas as coisas são novas (v. 5). Isso mostra a profundidade da transfiguração. O resultado, porém, é redenção e não simplesmente abolição das coisas antigas. Ver nota teológica "O Céu", índice.

* **21.6 água da vida.** Ver nota em 22.1.

* **21.8 segunda morte.** Ver nota em 20.14.

* **21.9-22.5** Agora o quadro da nova Jerusalém se abre em detalhes. O lugar da habitação definitiva dos santos é simultaneamente o cumprimento de revelações anteriores da aparição de Deus em glória e o reinado na sua côrte celeste (21.22,23; 22.1,3; cf. cap. 4), a cidade santa de Jerusalém (21.10), o jardim do Éden (22.1-3), a noiva, companheira de casamento do Senhor (21.9) e o templo como lugar de habitação de Deus (21.22,23). O personagem central e a bênção principal da cidade são o próprio Deus e o Cordeiro (21.22,23; 22.1-5). A última revelação de Deus conduz a um clímax todas as revelações anteriores. Ela completa o propósito de Deus de reunir todas as coisas sob uma cabeça: Cristo (11.15; Ef 1.10). Ela está em harmonia com a criação de todas as coisas por Cristo no princípio (1.17; 4.11; Cl 1.15-17) e a redenção de todas as coisas através e por meio de Cristo (5.9-14; Rm 11.36; Cl 1.1820). Por causa da fluência do caráter da figura, é prudente não fazer distinção rígida entre os habitantes da cidade (os santos) e a cidade em si (santos unidos à criação glorificada).

* **21.9 noiva.** Ver nota em 19.1-10.

* **21.10 em espírito.** Ver nota em 1.10.

montanha. A montanha no sentido do lugar especial de Deus encontrar-se com seres humanos, alude a 14.1; Êx 15.17; 19.1-25; Sl 48.1,2; 68.15,16; Ez 28.14; Mq 4.1,2; e outras passagens.

* **21.11 glória de Deus.** Intimamente associada à figura da luz, glória

representa majestade, admiração e beleza de Deus. Glória, tema relevante em 21.9-22.5, é associada ao templo e à aparição de Deus no Antigo Testamento (vs. 22,23; 15.8; 22.5; Êx 16.10; 24.16,17; 40.34,35; Is 6.3; 40.3;

60.1,2,19,20; Hc 2.14; Zc 2.5; Jo 1.14). O esplendor celeste de Deus como visto no cap. 4 agora enche o novo mundo.

* **21.16 comprimento, largura e altura.** A cidade é um cubo perfeito, o

mesmo formato do Santo dos Santos do tabernáculo e do templo. Toda a cidade é perfeita na arquitetura e tornou-se o lugar de habitação mais íntimo de Deus (vs. 22,23; 22.4).

* **21.17 cento e quarenta e quatro côvados.** Isto é, doze vezes doze

côvados. Todas as medidas da cidade mostram suas associações com as doze tribos de Israel e os doze apóstolos (vs. 12,14). "Doze" designa simbolicamente o povo de Deus.

* **21.19 toda espécie de pedras preciosas.** A lista de pedras preciosas

mostra a beleza e o esplendor da cidade e a maneira como ela reflete a beleza de Deus que enche a cidade com sua glória (4.3). A lista

também corresponde de certa maneira às doze pedras preciosas do peitoral de Arão (Êx 28.15-21). As prerrogativas anteriormente reservadas para o sumo sacerdote pertencem à toda a cidade.

* **21.22 santuário.** Ver nota nos caps. 4 e 5.

* **21.23 do sol, nem da lua.** Cumprimento de Is 60.19,20.

* **21.24 As nações.** A humanidade redimida em toda sua diversidade

cultural (5.9, nota; Is 60.3-12).

glória. Ver Is 60.3-5; Ag 2.7-9.

* **21.25 portas nunca jamais se fecharão.** As portas de antigas cidades precisavam ser fechadas no caso de ataque. Aqui se encontra o cumprimento de Is 60.11.

* **21.27 livro da vida.** Ver nota em 13.8.

* **22.1-5** A descrição final do paraíso contém elementos que aludem ao jardim do Éden. A intimidade de Deus com seu povo (vs. 3,4) e a abundância de sua bênção (vs. 1,2,5) são ainda mais enfatizadas do que nos versículos anteriores. O estado final restaura a comunhão inquebrável e idílica entre Deus e seres humanos. Mas o ponto culminante da história é mais esplendoroso do que o início. O jardim agora também é uma cidade, e a luz eliminou toda noite.

Apocalipse destina-se não somente a informar e assegurar os cristãos sobre os propósitos finais de Deus, mas para aumentar seu anelo de Deus e da realização do seu propósito. A certeza desta consumação conforta os santos durante tempos de tentação e perseguição.

* **22.1 rio da água da vida.** O fornecimento abundante de água vivificante vem de Deus. Apocalipse entrelaça referências a Gn

2.10-14; Sl 46.4; Ez 47.1-12; Jl 3.18; Jo 4.10-14; 7.37-39.

* **22.2 árvore da vida.** O acesso às bênçãos de Deus doadoras de vida, obstruído após a queda, é renovado aqui (vs. 14,19; 2.7; Gn 2.9; 3.22-24; Ez 47.12).

* **22.6-21** A parte visionária central de Apocalipse encerra-se com o v. 5. O livro conclui agora com promessa, exortação e confirmação a fim de ratificar a mensagem das visões e fortalecer a esperança da vinda do Senhor Jesus (v. 20). Os temas maiores continuam inseridos nesta parte de conclusão. Há muitas referências ao cap. 1.

* **22.6 fiéis e verdadeiras.** Ver nota em 1.2.

* **22.7 sem demora.** Ver nota em 1.1.

* **22.8 adorá-lo.** Ver 19.10.

* **22.10 Não seles.** O rolo de Daniel foi selado porque o tempo do cumprimento estava distante (Dn 12.4).

o tempo está próximo. Ver nota em 1.1.

* **22.11** Ver Ez 3.27; Dn 12.10; 2Co 2.15,16. Se as pessoas não se arrependem quando ouvem a palavra de Deus, sua dureza se intensifica. Se o ouvir de Apocalipse não muda o curso da vida das pessoas, então elas se firmam ainda mais no curso atual, seja qual for o lado da batalha que possa estar.

* **22.12 segundo as suas obras. Ver 20.12.**

* **22.13 o Alfa e o Ômega.** Ver nota em 1.8.

* **22.14 Bem-aventurados.** Ver nota em 1.3. **árvore da vida.** Ver nota no v. 2.

* **22.15 Fora.** Ver 20.15; 21.8,27. Todos os malfeitores são banidos da cidade santa não somente para serem punidos pelo seu mal, mas para proteger a cidade de contaminação. A firmeza de propósito de Deus de excluir o mal do reino definitivo é uma bênção e um encorajamento para os santos.

* **22.17 água da vida.** Ver nota no v. 1.

* **22.18,19** Esta advertência contra acréscimos ou subtrações coloca o

livro de Apocalipse no mesmo nível das palavras de Deus do Antigo Testamento (Dt 4.2; 12.32). A palavra de Deus deve ser protegida de

corrupção e diferenciada de palavras meramente humanas.

22.20 sem demora. Ver nota em 1.1.

*

Vem, Senhor Jesus! Todo Apocalipse destina-se a estimular o anelo e as orações dos cristãos pela consumação dos propósitos de Deus que acompanham a segunda vinda. Apocalipse termina com essa nota (1Co 16.22).